



*UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA - UEFS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - MESTRADO*

Henrique Sena dos Santos

*“Pugnas Renhidas”:
Futebol, Cultura e Sociedade em Salvador, 1901 - 1924*

*Feira de Santana
2012*

Henrique Sena dos Santos

*“Pugnas Renhidas”:
Futebol, Cultura e Sociedade em Salvador, 1901 - 1924*

Dissertação apresentado à Banca Examinadora da Universidade Estadual Feira de Santana, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em História, sob a orientação do Prof. Dr. Rinaldo Cesar Nascimento Leite.

Orientador: Prof. Dr. Rinaldo Cesar Nascimento Leite

Universidade Estadual de Feira de Santana

Feira de Santana

2012

A banca examinadora considera esta dissertação adequada como requisito para a conclusão do Curso de Mestrado em História da Universidade Estadual de Feira de Santana.

Feira de Santana, 27 de fevereiro de 2012.

Prof. Dr. Rinaldo Cesar Nascimento Leite (Orientador)
Universidade Estadual de Feira de Santana

Prof. Dr. Victor Andrade de Melo
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof^a. Dr.^a Wlamyra Ribeiro de Albuquerque
Universidade Federal da Bahia

Prof^a. Dr.^a Ione Celeste Jesus de Sousa (Suplente)
Universidade Estadual de Feira de Santana

Prof. Dr. Wilson Roberto de Mattos (Suplente)
Universidade do Estado da Bahia

AUTORIZAÇÃO

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação/tese por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

Assinatura: _____ **Local e Data:** _____

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a três pessoas, as maiores referências da minha vida: Daniel, Antonia e Dona Helena.

Aos meus pais, Daniel e Antonia por toda a fé que diariamente depositam em mim. Por, a sua maneira, me nutrirem com o seu amor à vida e ao mundo. Obrigado por me ensinarem os valores básicos infelizmente tão esquecidos hoje em dia.

No meio deste empreendimento, minha querida avó, Dona Helena, nos deixou. Quando conversávamos sobre o mestrado ela sempre me perguntava quando eu ia acabar sem saber muito o que eu estava fazendo. Por mais que explicasse, ela não compreendia muito o fato de eu ainda estar estudando se já havia me formado. Finalmente eu terminei este trabalho, mas infelizmente ela já não está entre nós. Passados os momentos de profunda dor e sentimento de perda, hoje sei que mais do que ter ido ou nos deixado, Dona Helena também ficou, deixou muita saudade, mas também fé, sabedoria, esperança, força, serenidade, determinação, inteligência e tantas outras virtudes que, mesmo sem ela saber, me inspiraram em todos os momentos, de alegria e entusiasmo e de cansaço, angústia e incerteza quanto redação deste texto.

Espero que a coragem, compreensão, vontade de conhecimento e de viver que ela deixou em mim se espalhem por este trabalho o qual eu deixo na esperança de que as pessoas possam compreender um pouco mais do nosso presente ao ler histórias sobre o futebol em um passado não muito distante.

AGRADECIMENTOS

Para que este trabalho tomasse a forma atual, uma longa trajetória foi percorrida. Não existia uma estrada pronta, embora soubéssemos o nosso destino. Assim tivemos que construir o nosso próprio caminho e se não fosse a ajuda de tantas pessoas não seria possível dar/fazer os primeiros passos.

Assim primeiramente gostaria de agradecer a Deus por ter me iluminado com o seu amor e ter apontado os caminhos e as pessoas que me ajudaram a construí-lo.

A Universidade Estadual de Feira de Santana por ter, desde os tempos da graduação, me oportunizado um espaço de discussão e produção acadêmica de qualidade. Ao Programa de Pós-Graduação em História da UEFS e ao seu corpo docente, especialmente Ione Celeste, Elizete da Silva, Andrea da Rocha e Marcia Barreiros sou grato pelas discussões e por ter compartilhado comigo o seu conhecimento histórico.

Ainda na UEFS tive a oportunidade de cursar uma disciplina no Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural com a professora Rosana Patrício a qual eu agradeço por ter ampliado o meu conhecimento para além do campo historiográfico.

No mestrado tive a felicidade de fazer e refazer amizades fundamentais para que o cansaço, o abatimento, entre outras dificuldades não me consumissem. Especialmente Adriana, Mariana e Aline sempre se mostraram disponíveis, discutindo os meus problemas, todos eles, com um sorriso, um incentivo ou palavras de apoio e carinho.

A convivência com meu amigo e orientador, Rinaldo Leite, a, mais ou menos, seis anos tem sido um aprendizado constante não só em relação à forma de pensar e, principalmente, escrever sobre história, mas sobre caráter e profissionalismo. A ele devo os incentivos e, sobretudo, as cobranças. Espero que este trabalho esteja à altura dos seus ensinamentos sobre a nossa profissão e sobre a vida.

Embora o contato já não seja cotidiano, as presenças das professoras Lucilene Reginaldo e Wlamyra Albuquerque na minha vida acadêmica foram fundamentais. A influência delas no meu fazer historiográfico não se encontra em uma teoria, ou uma abordagem propriamente dita, mas na própria forma de conceber a História respeitando-a e aprendendo com ela. A Lucilene sou eternamente agradecido por ter me oportunizado maravilhosos cinco anos enquanto voluntário e bolsista no Centro de Documentação e

Pesquisa da UEFS onde apreendi muito sobre as fontes históricas e fiz muitos amigos como Kleber, Francemberg, Fernanda e outros. A Wlamyra, agradeço pelos incentivos quando ainda na graduação eu dizia a ela que queria estudar alguma coisa do futebol. Sua participação banca da qualificação foi decisiva. Lendo e corrigindo o meu texto sempre de forma irônica e divertida, Wlamyra acabou me contagiando para que eu visse aquele com outros olhos, abandonando algumas certezas e convicções quase sempre perigosas na História.

Devo lembrar também dos meus velhos amigos que longe ou perto acompanharam a minha trajetória definitivamente construindo-a comigo. Kelman, Ricardo, Juan, Rodrigo Ornelas, Lucas Adriel, Janílson, Anderson Di Rietti, Ronaldo, Osnilson foram e são referências fundamentais de força e incentivo. O exemplo de superação de todos eles tem sido uma inspiração constante em minha vida.

Esse trabalho não seria possível se não contasse com a ajuda imprescindível de inúmeras pessoas cujo trabalho, entre outras funções, é permitir que papeis velhos, muitas vezes menosprezados, sejam bem guardados e disponibilizados para que as pessoas deem visibilidade a eles. Assim sou imensamente devedor do trabalho do seu Elizeu e Luciano da Biblioteca Pública do Estado da Bahia que entre conversas sobre o futebol prontamente me forneciam jornais e revista antigas. Estendo estes agradecimentos ao Seu Crisi da Biblioteca da Superintendência dos Desportos do Estado Bahia e a Graça e Lúcia do Centro de Documentação e Informação Cultural sobre a Bahia que sempre se mostraram solícitos, inclusive se entusiasmando com as minhas descobertas.

Faço uma menção ao Sport: Laboratório de História do Esporte da Universidade Federal do Rio de Janeiro que na pessoa de Rafael Fortes e Victor Andrade de Melo, desde 2008, acompanham e contribuem com meu desenvolvimento intelectual nos encontros e congressos de História cooperando fundamentalmente para que este trabalho se materializasse. Agradeço especialmente ao professor Victor Melo por ter respondido um email de um graduando ávido por encontrar um interlocutor no campo da História do Esporte. O fato de ele ter acreditado neste graduando o ajudando a conhecer o universo da História do Esporte naqueles tempos e ainda hoje pouco conhecido na Bahia foi essencial para que eu chegasse aqui.

Falar de Edicarla, minha companheira, colega de profissão, amor e amiga é sempre difícil. Não dá pra resumir ou precisar em palavras o seu interesse, dedicação, preocupação, admiração e amor por mim. A sua presença neste texto não se fez somente em ideias discutidas, vírgulas acrescentadas ou parágrafos relocados, mas principalmente, em amor,

afeto, carinho e conforto fundamentais para que eu não desanimasse completamente. Obrigado ter me ajudado a encontrar um título para este trabalho. Obrigado por nestes últimos seis anos dividir comigo todas as alegrias e tristezas da nossa profissão e da minha vida. Obrigado ter orgulho de mim e me ensinar a ter de mim mesmo.

Os meus familiares mais uma vez compreenderam os momentos de solidão e distanciamento que a escrita requer me apoiando com carinho, respeitando as minhas decisões e ansiando para que este trabalho fosse finalizado e eu pudesse voltar para os braços deles. Aos meus pais Daniel e Antonia, por todo amor, carinho e principalmente confiança, admiração e apoio as minhas escolhas.

A família Sena novamente provou para mim e para si mesma sua força me fazendo sentir orgulho de fazer parte dela cada vez mais. Nela eu encontrei muitas forças para terminar este trabalho. Agradeço pelas acolhidas em Salvador para que pudesse pesquisar tranquilamente. Por fim, o interesse e paixão de Darino e Rafael Sena pelo futebol continuam a me inspirar e o sucesso deles, enquanto jornalistas esportivos, é mais um motivo para que este trabalho seja sobre o futebol. Espero que um dia eles possam ler estes agradecimentos e se sintam orgulhosos e inspirados a continuar brilhando em suas profissões. Agradeço a minha avó, Dona Helena (*in memoriam*) por tudo que ela foi, é e sempre será na minha vida. Por ter me ensinado os seus princípios e a ter orgulho deles.

Apesar de estar há pouco tempo, a presença de Viviane Assis no meu cotidiano parece ser longínqua. Mesmo assim, não consigo deixar de me surpreender com a sua paciência, parcimônia e compreensão, virtudes que tento, nem sempre com sucesso, aprender com ela.

Ao Fundo de Amparo à Pesquisa da Bahia sou agradecido pela concessão de uma bolsa fundamental para que eu tivesse a tranquilidade necessária para a redação deste trabalho.

Enfim, à banca examinadora, que além do meu orientador, Rinaldo Leite, foi composta por Wlamyra Ribeiro de Albuquerque e Victor Andrade de Melo, agradeço pela disposição em me ensinar a apreender com eles e comigo mesmo.

Peço perdão aqueles que eventualmente não citei, mas não me esqueci do seu valor em minha caminhada.

Feira de Santana, setembro de 2011.

A vida é uma grande estrada, com várias placas.
Então, quando estiver seguindo pelas rotas.
Não complique a sua mente.
Fuja do ódio, injúria e desconfiança!
Não enterre seus pensamentos.

Robert Nesta Marley
Wake Up And Live! 1979

RESUMO

O presente trabalho aborda a presença e desenvolvimento do futebol em Salvador entre 1901 e 1924. O texto analisa como os diferentes sujeitos que viviam naquela cidade se relacionaram com a prática, quais expectativas tinham sobre ela e como as especificidades daquele contexto recém-republicano e pós-abolicionista influíram na relação dos homens e mulheres com o jogo. A partir de fontes impressas diversas foi analisado o surgimento dos clubes e das ligas de futebol das elites, camadas médias e populares, bem como as representações, práticas e apropriações que os sujeitos tinham para com aqueles elementos. Finalmente o futebol neste trabalho foi pensado enquanto prática de construção, confrontação e assimilação de identidades sociais, culturais e raciais.

Palavras-chave: Futebol; Salvador; Cultura; Sociedade; Identidades.

ABSTRACT

This present work deals the presence and developing of the football at Salvador between 1901 – 1924. This text analyzes how the different subjects who lived in that city were related with the practice, which expectations had about it and how the specifics of the pos-abolition and republican context influenced in the relationship of men and women with the game. From various printed sources it was analyzed the emergence of clubs and foot-ball leagues by the elites, middle and popular layers as well as the representations, practices and appropriations that were subject to those elements. Finally football in this work was conceived as a practice of building, confrontation and assimilation of social, cultural and racial identities.

Keywords: Foot-ball; Salvador; Culture; Society; Identities.

CRÉDITO DE IMAGENS

As imagens que constam no corpo do trabalho foram fotografadas e manipuladas digitalmente pelo próprio autor. Todas as figuras que compõem o trabalho foram obtidas do Jornal *Diário de Notícias*, (Salvador, 1901 – 1924), a *Revista Renascença* (1916 – 1924), a *Revista Semana Esportiva* (Salvador, 1921 – 1924) e do Acervo Aroldo Maia da SUDESB. As exceções são as figuras 1, 2, 17 e 29 reproduzidas do livro *Eu sou um nome na história: a história do Esporte Clube Vitória* de autoria de Ricardo Azevedo; a figura 5 reproduzida do Acervo do CPDOC da fundação Getúlio Vargas; as figuras 27, 28 e 32 reproduzidas do livro *50 anos de urbanização: Salvador da Bahia no Século XIX* de autoria de Consuelo Novais Sampaio; figuras 6 e 50 reproduzidas do livro *Clube Bahiano de Tênis: Memória* de autoria desconhecida; figura 18 reproduzida do endereço eletrônico www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=37493 acessado em 15/09/2011; figura 30 reproduzida do endereço eletrônico pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Victoria_x_Santos_Dumont_-_1907.jpg, acessado em 15/09/2011.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Juvenal e Luiz Tarquínio filho, jogadores do Vitória.	44
Figura 2: Enseada dos Tainheiros, onde ocorriam as regatas de remo.....	49
Figura 3: Um chá na segunda sede do Bahiano de Tênis.....	66
Figura 4: Aspecto da Construção do <i>Bungalow</i>	67
Figura 5: Almoço no Bahiano de Tênis em 1924.....	69
Figura 6: Aspecto do <i>Bungalow</i> do Bahiano de Tênis.	70
Figura 7: <i>Micareme</i> do Vitória na Barra.	79
Figura 8: Aspecto do Piquenique promovido pelo Itapagipe.	81
Figura 9: Matéria da <i>Semana Esportiva</i> sobre a inauguração da sede da Associação Atlética em 1923.	83
Figura 10: Um chá na Associação Atlética.	84
Figura 11: <i>Sportmen</i> do Yankee em pose na Barra..	85
Figura 12: Provavelmente aspecto da chegada de uma maratona..	86
Figura 13: O salto com vara. Uma das modalidades esportivas praticadas pelo Yankee.....	88
Figura 14: O salto em distância outra modalidade praticada pelo Yankee.	88
Figura 15: Campo da Pólvora em dia de jogo.	94
Figura 16: Outro aspecto do Campo da Pólvora.....	95
Figura 17: Jogadores do Vitória campeões do torneio de 1908..	99
Figura 18: O Hotel Sul Americano.....	103
Figura 19: Campo da Graça em dia de jogo concorrido.....	110
Figura 20: Aspecto da Torcida no Campo da Graça.	110
Figura 21: Uma forma de ostentação: assistir aos jogos no seu carro.	112
Figura 22: Aspecto do estacionamento dos carros para a assistência de uma partida.....	113
Figura 23: Senhorinhas no Campo da Graça.....	114
Figura 24: Senhorinha saindo do Campo da Graça.....	116
Figura 25: Duas senhorinhas acompanhando o desenrolar de um <i>match</i> nas arquibancadas	120
Figura 26: Mademoiselles saindo do Campo da graça acompanhada de alguns homens	120
Figura 27: Os rapazes e as pernas das senhorinhas..	123
Figura 28: Torcida interagindo no intervalo de uma partida no Campo da Graça	124
Figura 29: Gesilda da Silva, vencedora do concurso.....	136
Figura 30: Senhorinhas estampando uma das capas da <i>Semana Esportiva</i>	137

Figura 31: Largo da Vitória	154
Figura 32: Largo do Terreiro de Jesus.....	161
Figura 33: Ingresso da partida entre Vitória e Santos Dumont pelo certame de 1907.....	168
Figura 34: Aspecto de uma partida entre Vitória e Santos Dumont em 1907 no <i>Ground</i> do Rio Vermelho	169
Figura 35: <i>Team</i> do Ypiranga que derrotou o Benjamin Constant.....	187
Figura 36: Largo da Soledade.....	191
Figura 37: Alfredo Dias, o idealizador do Ypiranga.	193
Figura 38: Hermínio Rios, Teodoro Costa e Francisco Xavier, dirigentes do Ypiranga	193
Figura 39: Um dos jogos da Liga Brasileira na década de 1910..	202
Figura 40: Aspecto de um jogo bem concorrido da Liga Brasileira em 1918.....	202
Figura 41: Inauguração do Campo da Graça.	211
Figura 42: <i>Team</i> do Internacional acompanhado do seu presidente Benjamin Bompert	224
Figura 43: <i>Team</i> do Sul América.....	224
Figura 44: Formação do Fluminense em 1919.	226
Figura 45: Luiz, o goleiro do São Bento.	240
Figura 46: <i>Team</i> do São Bento.	240
Figura 47: <i>Team</i> do Fluminense	245
Figura 48: Dois Lados	260
Figura 49: Apolinário Sant’Anna com a camisa do São Bento.....	264
Figura 50: Uma manchete da <i>Semana Esportiva</i> sobre o caso Dr. Maia/Popó.....	267
Figura 51: População aguardando a chegada do América em 1921	275
Figura 52: Aspecto das arquibancadas em um dos jogos do América	277
Figura 53: Registro das gerais em um dos jogos do América	278
Figura 54: O <i>Team</i> Henrique Dias.....	292
Figura 55: O <i>Team</i> Henrique Dias estampando uma das capas da <i>Semana Esportiva</i>	293
Figura 56: Joaquim Espinheira da Costa Pinto recepcionando Coelho Netto.....	296
Figura 57: Jogadores do Fluminense no gramado do Campo da Graça.	298
Figura 58: J. E. Costa Pinto, J. J. Seabra e Coelho Netto acompanhando uma das partidas do Fluminense	298
Figura 59: População aguardando o resultado do jogo contra os fluminenses no placar montado pelo <i>Diário de Notícias</i> no relógio de São Pedro..	321
Figura 60: Pôster da seleção baiana.....	325
Figura 61: Outro pôster da seleção baiana envolta nos braços de uma provável Athenas.....	327

Figura 62: Aspecto da recepção à seleção baiana no porto da cidade.....	329
Figura 63: População aguardando o desembarque dos jogadores no cais.....	329
Figura 64: Momento em que o Paquete Iris acostava no porto de Salvador trazendo a seleção baiana.....	330
Figura 65: Aspecto da saída do cortejo em direção ao Campo da Graça	330

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABCD	Associação Bahiana de Cronistas Desportivos
AMEA	Associação Metropolitana de Esportes Atléticos
APEB	Arquivo Público do Estado da Bahia
BPEB	Biblioteca Pública do Estado da Bahia
CBD	Confederação de Brasileira de Desportos
CEDIC	Centro de Documentação e Informação Cultural sobre a Bahia
LBST	Liga Bahiana de Sports Terrestres
LBDT	Liga Bahiana de Desportos Terrestres
LMDT	Liga Metropolitana de Desportos Terrestres
SUDESB	Superintência dos Desportos do Estado da Bahia

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA.....	4
AGRADECIMENTOS	5
RESUMO	9
ABSTRACT.....	10
INTRODUÇÃO – LEITURAS EM JOGO.....	18
CAPÍTULO 1 – DOS PRIMEIROS JOGOS À FORMAÇÃO DOS CLUBES ESPORTIVOS DA ELITE DE SALVADOR.....	28
Não fosse o gosto pelo <i>sport</i> : as elites os primeiros jogos em Salvador	29
As elites e os clubes esportivos em Salvador	42
O Bahiano de Tênis e um novo ideal de clube para Salvador	61
De piqueniques a réveillons ou as sociabilidades nos clubes das elites	75
CAPÍTULO 2 – AS ELITES E O UNIVERSO DO FUTEBOL EM SALVADOR.....	91
A Liga Bahiana de Sports Terrestres	92
Um ponto de encontro: o Campo da Graça e a constituição de um novo sentido para o futebol	103
O futebol no circuito do comércio em Salvador.....	123
Entre senhorinhas e mademoiselles: a presença feminina no futebol soteropolitano.....	129
CAPÍTULO 3 – DO FUTEBOL POPULAR AO FUTEBOL POPULARIZADO OU VICE E VERSA.....	142
“Desastres materiais, desordens morais”: o <i>foot-ball de vagabundos</i> nas ruas.....	146
Jogos anulados, bondes quebrados: limites e peculiaridades da civilidade no futebol soteropolitano	161
Novos clubes, outras ligas.....	181
CAPÍTULO 4 – NEGOCIAÇÃO E CONFLITO: DO RETORNO DAS ELITES A NOVA FASE DO FUTEBOL SOTEROPOLITANO.	207
Renascença?.....	207
1919: um ano decisivo.....	214
No Campo da Graça: novas tensões	237
No Campo da Graça: outras contradições	247
CAPÍTULO 5 - IDENTIDADES EM JOGO(S): O FUTEBOL BAIANO NO CENÁRIO NACIONAL.....	270
Os jogos Interestaduais.....	271
Nos gramados do Sul: a Bahia e o Torneio de Seleções	308

CONSIDERAÇÕES POSSÍVEIS DE UM JOGO INACABADO.....	340
FONTES	346
BIBLIOGRAFIA	348

INTRODUÇÃO – LEITURAS EM JOGO

Em um desses dias que estava para terminar esta dissertação dei um tempo para assistir uma partida de futebol válida pela Liga dos Campeões da Europa. Para quem não sabe, é considerado o maior torneio de clubes do mundo. Naquela tarde de setembro, numa terça-feira, iam se enfrentar na primeira rodada da competição Barcelona e Milan, duas potências do futebol mundial. Incontestavelmente o time da Catalunha era o franco favorito, ainda mais por ter um dos melhores jogadores como, Lionel Messi, Xavi, Daniel Alves, entre outros. Além disso, tinha um estilo de jogo muito eficiente que o tornou vencedor dos principais campeonatos que disputou na temporada anterior.

Apesar de teoricamente superior, o Barcelona empatou o jogo por 2 a 2. Curiosamente tomou os gols no primeiro e último lance do jogo. Não cheguei a ver toda a partida, tive outros compromissos que constantemente me tiravam da frente da televisão.

Por conta disso, à noite entrei no site esportivo da ESPN para ver os lances da partida e as análises dos comentaristas sobre o jogo. Acessei o blog de Paulo Vinícius Coelho, o PVC, para ver o que ele dissera do confronto. No seu *post* intitulado *O melhor time do mundo quis administrar e sofreu castigo no final*, PVC inicia seu texto dizendo aos leitores para esquecer o primeiro e o último lances do clássico. Para o jornalista, tirando os gols do Milan, o jogo foi um massacre do Barcelona.

Ao terminar de ler o *post*, me surpreendi com a quantidade de comentários feitos por leitores a respeito da análise do jornalista sobre a partida. Dos 96 comentários realizados até a quinta-feira, pude notar uma variedade incalculável de opiniões sobre o jogo e sobre a própria análise do PVC. Alguns perguntavam se era possível analisar uma partida sem considerar os gols do Milan, afinal o futebol também era marcado pela objetividade e pelo resultado.

Outros ironicamente afirmavam que não viram o mesmo jogo que o jornalista, uma vez que não verificaram nenhum massacre do Barcelona. Alguns optaram por ressaltar as qualidades do Milan. Por outro lado, certos leitores concordavam que o time catalão foi superior, porém isso não configurava um massacre do mesmo. Uma minoria de leitores optou por dizer que o jogo foi equilibrado e que ambos os times não fizeram uma grande partida.

Finalmente, alguns leitores preferiram fazer uma análise que transcendia o jogo ao lembrar que os jornalistas da ESPN eram parciais e sempre exaltavam cegamente o time do Barcelona subestimando os seus adversários. Sobre o primeiro gol do Milan marcado por Alexandre Pato aos 24 segundos do início do jogo, alguns leitores criticaram o fato do PVC

em nenhum momento comentar o tento. Além disso, se perguntavam se fosse Lionel Messi, o craque argentino, que tivesse marcado um gol tão rápido a cobertura do jogo não teria sido diferente.

Enfim, ao ler todos os comentários fiquei me perguntando como era possível um jogo suscitar tantas leituras. O mais é incrível é que elas não se encerravam em dicotomias ou maniqueísmos. De fato, algumas delas se apresentavam radicalmente distintas e antagônicas. Entretanto, a maioria das leituras situava-se em um entre lugar, afastando-se e aproximando-se uma das outras ou mesmo se inter cruzando.

É bem verdade que no futebol a existência de diversas leituras de um mesmo jogo não é novidade. Quantas vezes eu mesmo já me vi em intermináveis contendas discutindo com amigos sobre uma partida ou um lance? Quantas mesas redondas de futebol existem em canais esportivos que ficam discutindo horas a fio o resultado de um jogo ou uma rodada?

Embora as múltiplas e ambivalentes leituras de uma mesma partida de futebol sejam recorrentes, elas nunca deixaram de me surpreender. Isso porque para que possam se materializar dependem de uma série de contextos e circunstâncias e que são responsáveis por dotá-las não só de polissemias, mas, sobretudo, de originalidades e reinvenções.

A esta altura desta introdução o leitor deve estar se perguntando. E daí? O que isso tem a ver com a História?

Tentei responder essa pergunta nos capítulos que seguem. Mas posso ensaiar uma explicação aqui.

Ao começar a pensar uma História do futebol em Salvador nas duas primeiras décadas do século XX, notei uma infinidade de homens, mulheres, crianças, brancos, negros, ricos, pobres que em estádios, praças, largos, ruas, campos e arquibancadas, jogavam, torciam, comentavam, enfim vivam o futebol. Como o *post* de PVC e os comentários sobre aquele, também me surpreendi como em uma Salvador foi possível encontrar tantos sujeitos pensando o futebol e se envolvendo com ele de várias maneiras possíveis.

Imagino que ao jogar em estádios ou em largos, com chuteiras ou descalços, com bolas de couro ou bexigas de bois, os homens e mulheres da cidade da Bahia, individual ou coletivamente, buscaram construir projetos e leituras para o seu mundo social. Por sua vez a forma como estes eram pensados e elaborados não se davam de forma monolítica, tampouco cristalizada. Projetos e leituras de um mundo social no e pelo futebol foram constantemente negociadas, disputadas, confrontadas e mesmo assimiladas.

O jogo de bola foi lido de muitas maneiras em Salvador. Mesmo os sujeitos de um grupo social o pensavam maneiras diferentes. Entre as elites existiam aqueles que acreditavam

na prática enquanto uma possibilidade de civilização da velha Bahia. Outros, em tempos de ideologia eugênica, viam como uma possibilidade de fortalecimento e regeneração da raça baiana. Alguns pensavam no futebol apenas como um divertimento ou mesmo uma forma de lucratividade.

Entre outros grupos sociais também foi possível encontrar leituras diversas sobre o futebol. Grupos de meninos de rua o viam como um divertimento desprezioso. Homens pobres viam no jogo uma possibilidade ascensão financeira ou social. Por outro lado existiam aqueles que viam o futebol enquanto um recurso de valorização dos negros ou mesmo relembavam no jogo conquistas dos escravos em um passado não muito distante.

Tal como os 96 comentários sobre o *post* do PVC, as leituras do futebol na Salvador de início de século XX conviviam confrontando-se, ou se aproximando ou se afastando uma das outras. Por vezes foi possível encontrar várias leituras de um jogo em um mesmo sujeito ou grupo.

Em Salvador daquele tempo, vários modos de ler o futebol estavam permanentemente em disputa, como em uma “pugna renhida”, expressão que dá título à dissertação e que era muito utilizada pelos jornais da época quando queriam dizer que um jogo seria uma batalha encarniçada. Enfim, acredito que o futebol na velha cidade da Bahia era uma “pugna renhida” onde não só a bola era disputada, mas principalmente formas de ser e estar no mundo, construídas no e pelo jogo.

Enfim, por ver no passado e no presente a capacidade do futebol ser surpreendente, imprevisível e subjetivo me iniciei na pesquisa histórica sobre o tema. Felizmente, outros que já não são uma minoria me antecederam e contribuiriam significativamente para que hoje eu não precise mais defender a importância da história do esporte ou do futebol. Historiadores, sociólogos e antropólogos desde a década de 1980 iniciaram um debate no qual através de pesquisas consistentes demonstraram a importância do futebol para a compreensão das esferas políticas, sociais, culturais, econômicas que constituem o mundo social.¹

Nos últimos vinte anos, o futebol já não é tão preconceitualmente pensado enquanto elemento que serve ou para a alienação da população ou para manipulação visando algum fim.² Os estudos históricos sobre o futebol e os grupos de pesquisa relacionados ao

¹ Conferir por exemplo: DAMATTA, Roberto. (org) *O universo do futebol*. Rio de Janeiro: Pinakhotheke, 1982; MEIHY, José Carlos & WITTER, José Sebastião. (Orgs) *Futebol e cultura – coletânea de estudos*. São Paulo: Imesp/Daesp, 1982. Sobre alguns sentidos do futebol na sociedade brasileira ver também: DA MATTA, Roberto da. Antropologia do óbvio. In: *Revista Usp*, nº 22, São Paulo, 1994.

² Para uma análise do futebol enquanto atividade alienadora: RAMOS, Roberto. *Futebol. Ideologia do poder*. Rio de Janeiro: Vozes, 1984; SANTOS, Joel Rufino dos. *História política do futebol brasileiro*. São Paulo: Brasiliense, 1981; JONES, Gareth Stedman. Expression de classe o control social? Critica de las ultimas

esporte têm crescido vertiginosamente, demonstrando de maneira irrefutável como o futebol ao ter sua configuração articulada com outras dimensões sociais, econômicas e políticas, tornou-se importante ferramenta na construção de representações de processos identitários regionais, de classe, de gênero, de raça, de nação no passado e no presente.³

No esforço de compreender o historicamente futebol em Salvador, tendo em mente a sua imprevisibilidade e subjetividade recorri então a um tipo de abordagem historiográfica interessada em perceber como os sujeitos e grupos sociais diversos, na sua relação com a cultura, empreendem um modo de se constituir na sociedade. Deste modo, este trabalho pode ser pensado dentro da lógica da chamada História Social da Cultura que tem, entre outras preocupações, interpretar determinada sociedade levando em conta a “experiência dos grupos sociais – experiência esta que se constitui como resultado das relações entre grupos e no interior dos próprios grupos – ou por outro o entendimento das (supostas) estruturas sociais; valendo-se de uma “interpretação” dos costumes, hábitos, crenças, artes, etc., ou seja, da cultura.”⁴

Obviamente que a noção de cultura foi imprescindível para este trabalho. Optamos por pensá-la segundo historiadores como Peter Burke, que a entende como uma série de práticas e saberes.⁵ Além disso, podemos acrescentar à noção daquele autor a ideia de cultura enquanto práticas e saberes que circulam conflituosamente em uma sociedade tal como E. P. Thompson a pensou no seu estudo sobre a sociedade inglesa do século XVIII.⁶

Recorrendo a estas noções de cultura que se complementam foi possível ensaiar uma explicação para as distintas formas que os sujeitos apreenderam o jogo de bola em Salvador

tendencias de la historia social del "ocio". In: *Lenguajes de clase. Estudios sobre la historia de la clase obrera inglesa (1832-1982)*. Madrid: Siglo Veintiuno, 1989.

³ Para um panorama a respeito da produção acadêmica acerca do futebol nos últimos vinte anos sugiro: GIGLIO, Sérgio Settani e SPAGGIARI, Enrico. A produção das ciências humanas sobre o futebol no Brasil: um panorama. In: *Revista de História*, nº 163, São Paulo, 2010.

⁴ SILVA, Ribamar Nogueira da. A História Social da Cultura e a História Cultural do Social: aproximações e possibilidades na pesquisa histórica em educação. In: *Cadernos de História da Educação*, vol. 9, nº 2. Uberlândia, 2010.

⁵ Para este autor, usa-se a noção de cultura “muito mais amplamente, para referir-se a quase tudo que se pode ser aprendido em uma dada sociedade – como comer, beber, andar, falar, silenciar e assim por diante. Em outras palavras, a história da cultura inclui agora a história das ações ou noções subjacentes à vida cotidiana. O que se costumava considerar garantido, óbvio, normal ou “senso comum” agora é visto como algo que varia de sociedade a sociedade e muda de um século a outro, que é “construído” socialmente e, portanto requer explicação e interpretação social e histórica.” BURKE, Peter. *Cultura popular na idade moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 21.

⁶ Para Thompson, “uma cultura é também uma fonte de diferentes recursos, em que há sempre uma troca entre o escrito e o oral, o dominante e o subordinado, a aldeia e a metrópole; é uma arena de elementos conflitivos, que somente sob uma pressão imperiosa – por exemplo, o nacionalismo, a consciência de classe ou a ortodoxia religiosa predominante – assume a forma de um “sistema”. E na verdade o próprio termo “cultura”, com sua invocação confortável de um consenso, pode distrair nossa atenção das contradições sociais e culturais, das fraturas e oposições dentro de um conjunto. THOMPSON, Edward. Palmer. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 17.

de início de século XX. A cultura do futebol na cidade naquele momento não foi sentida homogeneamente. As diferenças de raça, classe e gênero que os sujeitos carregavam, atuaram no jogo contribuindo para que este esporte tivesse não só sentidos diferentes, como ambivalentes e polissêmicos.

Vale destacar que no campo da História Social da Cultura também recorreremos às contribuições de Roger Chartier enquanto uma tentativa de operacionalizar a noção de cultura nos termos explicados acima. O autor aponta uma possibilidade de investigação de determinada experiência histórica considerando as noções de representações que seria “o trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos”; as práticas que “visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição” e finalmente as apropriações que são as formas como os sujeitos individuais e coletivos lidam com os discursos, que pode ser pela via da, negociação, confrontação, re-elaboração, negação, assimilação, entre outras.⁷

A escolha pelas concepções de Chartier nos pareceu útil uma vez que estas coadunam com nosso argumento de que no futebol a “construção das identidades sociais, culturais e raciais se deu como resultado sempre de uma relação de força entre as representações impostas pelos que detêm o poder de classificar e de nomear e a definição, de aceitação, re-elaboração ou de resistência, que cada comunidade produz de si mesma.”⁸ Em suma, ao conceber a ideia de cultura, representações, práticas e apropriações por estes prismas, adotamos uma abordagem historiográfica que nas palavras de Homi Bhabha:

(...) á além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e focalize os momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças sociais e culturais. São esses “entrelugares” que fornecem o terreno para elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade.⁹

Quanto ao texto propriamente dito, começamos explicando o seu recorte temporal. Vale a pena lembrar que comumente os memorialistas afirmam que 1901 foi o ano em que o futebol “chegou” na cidade, pela iniciativa de Zuza Ferreira. No entanto, este fato não foi decisivo para a escolha do ano enquanto marco inicial desta dissertação, embora sua influência deva ser reconhecida. Embora encontremos dificuldade de comprovação, há

⁷ CHARTIER, Roger. O Mundo Como representação. *Estudos Avançados*, 11 (5), São Paulo, 1991, p. 183

⁸ Idem, *ibidem*, p. 183. (grifo nosso) Além deste trabalho, nos inspiramos em outras duas obras do autor: CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990; CHARITER, Roger. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo: Unesp, 2004.

⁹ BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005, p. 20.

indícios que, antes de Zuza Ferreira, Salvador já tinha algum envolvimento com o futebol na então Faculdade de Medicina da cidade.

Deste modo, observe que a escolha do ano de 1901 não privilegiou uma narrativa pautada na ideia de “origem” ou “início” do futebol em Salvador. A sua opção deveu-se ao fato de que nele foi possível localizar as primeiras informações em jornais ou em memorialistas sobre a presença do esporte na cidade. Neste sentido, 1901 e Zuza Ferreira para nós não representam a origem do futebol na capital baiana, mas o envolvimento de um determinado grupo social com o esporte.

Buscamos encerrar a abordagem em 1924, uma vez que neste momento o futebol já havia passado por um vertiginoso processo de difusão pela cidade, não mais se resumindo à experiência de um grupo social específico. Nesse momento, o jogo possibilitava a expressão de uma identidade soteropolitana e, em alguma medida, baiana ampla que de modo ambivalente conformava os mais diversos sujeitos da sociedade soteropolitana. Um fato significativo deste processo e que nos ajudou a definir o recorte final do texto foi o envolvimento do futebol baiano com os outros estados. Além disso, podemos destacar a participação do estado no torneio do centenário em 1922, onde o seu desempenho fomentou a construção de uma identidade baiana multifacetada e contraditoriamente construída por diversos sujeitos.

Finalmente, consideramos que a baliza 1901 – 1924 foi definida pelas próprias fontes, tentando escapar, deste modo, de recortes temporais definidos a priori baseados em perspectivas históricas consensuais que invariavelmente acabam homogeneizando no tempo os diversos fenômenos e processos históricos.¹⁰

Diferente da definição das balizas temporais desta dissertação, a tarefa de dividir os capítulos e estruturá-los se revelou um pouco difícil. A organização daqueles foi pensada de um modo que privilegiasse a construção de uma narrativa cronológica em que possibilitasse o leitor acompanhar a trajetória do futebol ao longo do tempo. Como qualquer opção, esta não foi isenta de riscos e possíveis equívocos. No nosso caso, adotar este tipo de narrativa é sempre complicado, pois os processos históricos são marcados por rupturas e continuidades. De modo que não é possível determinar na história a hora e o local onde os fenômenos começam e terminam. Tendo noção destes problemas, na medida do possível a narrativa deste texto foi elaborada contemplando tanto a uma abordagem cronológica, quanto temática.

Nos dois primeiros capítulos a proposta foi pensar como o futebol foi concebido pelas elites soteropolitanas. Em outras palavras, a ideia era perceber de que forma os intelectuais, empresários, industriais, funcionários públicos, profissionais liberais se envolveram com o jogo e quais expectativas tinham sobre ele.

¹⁰ Um exemplo é o tradicional recorte 1890 – 1930 que muitas vezes é utilizado acriticamente.

O capítulo inicial revelou-se um empreendimento muito peculiar. A intenção foi compreender os primeiros indícios do futebol através de amistosos em Salvador e como a sua presença naquele momento esteve associada à tentativa das elites buscarem novas formas de sociabilidade, que para uma parcela significativa dos intelectuais compostos por jornalistas e educadores era apreendida como uma possibilidade de civilizar a cidade. Além disso, analisamos mais detidamente a fundação e estruturação dos principais clubes abastados, as primeiras instituições onde o futebol se desenvolveu, naquele grupo, bem como as dinâmicas esportivas e sociais que, engendradas nas agremiações, tais como festas e festivais, torneios internos, espetáculos, carnavais e réveillons.

A princípio o leitor apressado se perguntará o que este capítulo tem a ver com o futebol se em sua maioria ele versa sobre a história dos clubes esportivos de elite? Este questionamento tem procedência. De fato, no primeiro capítulo o jogo de bola propriamente dito não foi o centro da questão. Todavia acreditamos que a análise do surgimento dos clubes esportivos elitizados foi necessária uma vez que a partir dele pudemos esboçar o perfil social dos segmentos envolvidos com aquelas associações, que inegavelmente forneceram as bases para o envolvimento dos grupos sociais abastados com o futebol.

Para corroborar o nosso argumento é preciso lembrar que em Salvador convivemos com um cenário irrisório no que tange a existência de fontes históricas sobre o futebol. Relatórios, estatutos, atas de reuniões e assembleias entre outros documentos de clubes e ligas são praticamente inexistentes. Com isso a tarefa de identificar quem eram as elites que participavam do futebol na cidade, fundando clubes e ligas não foi nada fácil. Além disso, trabalhos historiográficos sobre o tema na Bahia e que eventualmente poderiam ser úteis são raros.¹¹

Em suma, acreditamos que tais dificuldades acabaram viabilizando a escrita de um primeiro capítulo daquela natureza. As próprias fontes utilizadas são relativamente constituídas de notas memorialísticas dificultando ainda mais a tarefa. Ao recorrer a este tipo de fonte, na medida do possível, tentamos problematizá-las confrontando-as com outras informações e fontes quando existiam.

¹¹ Até a finalização desta dissertação não encontrei uma monografia, dissertação ou tese sobre o futebol em Salvador do ponto de vista historiográfico. A maioria dos trabalhos que localizei foram produzidos por antropólogos ou jornalistas, destacando-se: LEANDRO, Paulo Roberto. *O jornalista e o cartola: O jornalismo esportivo impresso na Bahia e sua resistência ao campo da política*. Salvador, 2003. Dissertação (Mestrado em Comunicação) UFBA, 2003; BACELAR, Jeferson *Gingas e nós: O jogo do lazer na Bahia*. Fundação casa de Jorge. Salvador, 1991. Neste meio merece destaque o trabalho produzido por um historiador, embora aquele não necessariamente se encontrar numa perspectiva historiográfica nem relacionado a Salvador: ANDRADE, Homero Gomes de. *Futebol e Identidades Culturais: Fluminense de Feira de Santana Futebol Clube e outros contextos*. Dissertação (Mestrado em Desenho, Cultura e Interatividade Cultural), UEFS, 2008.

Esperamos que o leitor, ao debruçar-se sobre o primeiro capítulo, encare-o como uma possibilidade de ver quem eram as elites que se envolveram com o futebol em Salvador e como aquelas organizando e pensando os seus clubes estruturavam um campo esportivo fundamental para o desenvolvimento do futebol naquele grupo social.

No segundo capítulo as nossas atenções se voltam para o futebol propriamente dito quando analisamos na perspectiva das elites o universo que gravitava no jogo. Tal universo foi identificado, principalmente, na presença de um torneio de futebol. Este ofereceu uma dinâmica ainda inexistente na cidade: um calendário esportivo. Através deste, o lazer através do futebol adquiria uma temporalidade relativamente autônoma das esferas religiosas e cívicas. Ou seja, a prática do futebol independia de datas religiosas ou cívicas como ocorriam com muitas das manifestações lúdicas da cidade. Na capital baiana entre 1901 - 1924 existiram dois momentos em que as elites participaram de um campeonato. Entre 1904 -1912, quando fundaram a Liga Bahiana de Sports Terrestres, a primeira liga de futebol na Bahia. E a partir de 1920 quando em conjunto com as camadas populares e de setores médios formaram uma nova liga. Neste capítulo restringimos a nossa análise para algumas sociabilidades e sensibilidades que os campeonatos oportunizaram para as elites, bem como os sentidos atribuídos por uma imprensa ávida por práticas culturais ditas modernas a estas competições.

Já no terceiro capítulo, analisamos outras dimensões do futebol na cidade, sobretudo aquelas ligadas ao processo de popularização da prática. Tentamos compreender este movimento não apenas como envolvimento das camadas populares, mas pelo surgimento de novos sentidos não ligados especificamente a uma classe ou um grupo. A intenção foi captar de que modo o futebol, quantitativa e qualitativamente, expandia-se pela cidade através de jogo de bola nas ruas e a formação de clubes e ligas mais modestas. O capítulo ainda analisou alguns episódios como a anulação de jogos e brigas entre torcedores e jogadores ocorridos no seio da Liga Bahiana de Sports Terrestres, bem como a própria dificuldade estrutural em manter os campeonatos buscando demonstrar o movimento de popularização e ampliação de sentidos do futebol entre as próprias elites. O capítulo subdivide-se em três tópicos: a difusão do futebol através a prática do esporte nas ruas por menores e adultos considerados vadios e vagabundos; a ampliação de sentidos em torno do esporte entre as elites e as dificuldades de manter o primeiro campeonato de futebol por aquele grupo e conseqüentemente o seu fim em 1912; o processo de formação de clubes e ligas populares.

Por sua vez, o quarto capítulo gira em torno da volta das elites nas competições futebolísticas em Salvador e como estas em conjunto com as camadas populares nos anos 1920 conflituosamente formaram uma nova Liga de futebol na cidade. Neste capítulo houve um esforço em pensar como os diversos grupos sociais soteropolitanos estavam disputando

uma centralidade no futebol e formas de conceber esta prática. Defendemos que o modo como os diversos setores das elites, camadas médias e populares disputavam os sentidos do esporte em Salvador foram marcados por uma complexidade em que não era possível resumi-la em uma análise binária. Em outras palavras, os sujeitos, individual e coletivamente, apreendiam a prática de uma maneira que não excluía outras formas de pensar a atividade, embora estas fossem constantemente confrontadas e assimiladas.

Finalmente, o quinto e último capítulo buscou discutir como o futebol da cidade na década de 1920, na sua relação com outras realidades, possibilitou a construção de uma ambivalente identidade baiana, bem como a reivindicação do reconhecimento do estado no desenvolvimento esportivo nacional e uma participação mais ativa na formação de uma nacionalidade. Na investigação dos jogos amistosos entre times baianos e de outros estados foi possível apreender como aqueles buscavam representar a si mesmos e a Bahia. Além disso, o capítulo ensaia uma análise sobre como o primeiro Campeonato Nacional de seleções, no qual a conquista do segundo lugar no certame foi entendida pelos baianos como uma demonstração do progresso do estado e da necessidade de reconhecer o seu valor no cenário nacional.

Uma questão que consideramos importante e que está diluída no capítulo foi a tentativa de compreender como o envolvimento da Bahia no cenário futebolístico nacional significou para os populares e principalmente os negros uma contraditória participação na construção de uma identidade baiana. Embora os negros e populares participassem da seleção baiana e até, em alguma medida, fossem responsáveis pelas conquistas do estado no cenário nacional, as tensões raciais de uma sociedade pós-abolicionista permeavam toda a construção de uma identidade baiana no futebol. Portanto, uma das reflexões do capítulo foi pensar como os negros e populares se viam e eram vistos neste intrincado jogo sociorracial que ora negava, ora incorporava a participação destes grupos no futebol baiano.

No tocante as fontes utilizadas por este trabalho, utilizamos uma variedade significativa delas. Estatutos, relatórios de clubes e ligas de futebol entre outros documentos oficiais tiveram uma importância para compreender as lógicas das próprias instituições esportivas na dinâmica do futebol.

Apesar da diversidade de fontes, a maioria delas se constituiu em jornais e as revistas ilustradas. Estas se mostraram valiosas pela regularidade de informações. Nas revistas foi possível encontrar não só notícias, colunas e editoriais sobre o futebol, mas também entrevistas e textos produzidos pelos próprios jogadores e dirigentes esportivos, o que possibilitou

acompanhar mais de perto o pensamento dos próprios sujeitos envolvidos no universo do futebol.

Quanto às imagens presentes no texto, devo advertir que a grande maioria delas não foi utilizada enquanto uma fonte no sentido de fazer uma análise minuciosamente. Tampouco foram utilizadas apenas para ilustrar o texto. Tentamos pensar as fotografias como uma evidência ou um indício das problematizações por nós elaboradas. De modo que as imagens não se subordinaram ou se sobrepujaram às outras fontes, apenas atuam juntamente com estas complexificando as nossas argumentações.

Este trabalho também se utilizou de fontes memorialísticas. Tentamos percebê-las não como uma verdade sobre o futebol, mas como um discurso mergulhado em intencionalidades que desejava elaborar uma história do futebol de Salvador centralizada em personagens e acontecimentos privilegiados pelos memorialistas. Na medida do possível tentamos problematizar estas memórias. Nem sempre isso possível diante da falta de fontes que confrontassem ou dialogassem com elas. Apesar disso, a sua utilização revelou-se oportuna. Sobretudo os escritos de Aroldo Maia, o principal memorialista do futebol soteropolitano, foram fundamentais. Este homem foi um dos fundadores de um dos principais clubes elitizados de Salvador, em 1914, além de ter sido redator esportivo de uma importante revista ilustrada da cidade na década de 1920. Seus escritos, especialmente o *Almanaque Esportivo da Bahia*, muito utilizado nesta pesquisa, datam da década de 1940. Enfim, as memórias de Aroldo Maia além de serem fontes também foram pensadas enquanto um registro de um sujeito que vivenciou intensamente o futebol no recorte temporal desta pesquisa. Por fim, cabe uma explicação quanto à transcrição das fontes utilizadas. Optamos por atualizá-las conforme a norma vigente, mantendo, entretanto, os termos estrangeiros.

CAPÍTULO 1 – DOS PRIMEIROS JOGOS À FORMAÇÃO DOS CLUBES ESPORTIVOS DA ELITE DE SALVADOR

Se fizermos um levantamento sobre como o futebol chegou às principais cidades brasileiras, teremos um roteiro muito parecido. Jovens que estudando ou trabalhando em países europeus apreendiam o jogo de bola e quando retornavam para o Brasil difundiam o divertimento. Destes, as histórias mais conhecidas são a de Charles Miller em São Paulo e Oscar Cox no Rio de Janeiro.¹ Porém, outros centros urbanos também tiveram os seus introdutores do futebol. Belo Horizonte, Fortaleza e São Luís, contavam respectivamente com Victor Serpa, José Silveira e Nhozinho Santos, adolescentes que viajavam ao velho continente retornando com bolas e manuais.² Em Salvador também existiu um mito de origem do jogo, e o jovem responsável por trazê-lo foi José Ferreira Júnior, o Zuza Ferreira. Os memorialistas e os jornais costumam dizer que a chegada do futebol na capital se deu através desse jovem, que ao retornar dos estudos na Inglaterra trouxe consigo bolas e manuais e assim introduziu a atividade na cidade.

Devido à grande dificuldade de encontrar fontes sobre este momento do futebol soteropolitano não é possível contestar com muita segurança a versão de Zuza. No entanto, para além de pensarmos em uma história das origens, lembramos que antes da chegada daquele jovem já existia algum envolvimento da cidade com o futebol e com outros esportes. A bola corria entre os universitários que estudavam na Faculdade de Medicina da Bahia onde provavelmente era utilizado enquanto exercício físico. Além disso, em Salvador, de forma tímida algumas atividades esportivas existiam desde o segundo quartel do século XIX a exemplo do turfe e do críquete praticado por ingleses residentes na capital baiana.

Todavia, a História que sempre é contada quando se fala dos primeiros anos do futebol em Salvador prevaleceu, pois se tornou comum afirmar que a sua chegada e,

¹ Sobre a chegada do futebol no Rio de Janeiro e em São Paulo ver respectivamente: PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. Para São Paulo, conferir FRANZINI, Fábio. *Esporte cidade e modernidade: São Paulo*. In: MELO, Victor Andrade de. (org.) *Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

² RIBEIRO. Raphael Rajão. *A bola em meio a rua alinhadas e a uma poeira infernal: os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921)*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Minas Gerais, 2007; PINTO, Rodrigo Márcio Souza. *Do passeio público à ferrovia: O futebol proletário em fortaleza (1904 – 1945)*. Fortaleza, 2007. Dissertação (Mestrado em História) UFC, 2007; CARVALHO, Cláudio Amorim. *Terra, grama, paralelepípedos: os primeiros tempos do futebol em São Luís (1906 – 1930)*. São Luís: Café e Lápis Editora, 2009. Para uma análise da introdução do futebol e mesmo dos esportes em outras cidades como Recife, Natal ou Curitiba ver: MELO, Victor Andrade de. (org.) *Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

principalmente, seu desenvolvimento no país se deu exclusivamente pela vontade cosmopolita em vivenciar novas sociabilidades advindas da Europa. De certo modo esta associação não está totalmente equivocada. Contudo, vamos investir em outra proposta de análise dos primeiros anos do futebol, ao menos em Salvador, de modo que considere que o envolvimento das elites juntamente com as suas representações sobre o esporte foi apenas uma das formas de introdução do jogo na cidade. Com isso, pretendemos nos afastar da perspectiva que segue a usual lógica na qual a prática primeiro surge entre as elites para depois irradiar-se para outros grupos sociais. Nossa intenção é pensar que os primeiros anos do seu desenvolvimento em Salvador ocorreram de múltiplas formas e as elites não foram necessariamente o centro deste processo.³

Veremos que na então cidade da Bahia, a partir de 1906, encontramos indícios de uma rápida apropriação de populares pelo futebol, através da prática nas ruas. Deste modo, entre os primeiros contatos das elites com o esporte por volta de 1901 há um espaço temporal de cinco anos o que nos permite considerar que o desenvolvimento do futebol em Salvador ocorreu de formas distintas e paralelas.

Para uma melhor organização do texto, entretanto, optamos por discutir nos dois primeiros capítulos a relação das elites e o futebol, analisando o universo que gravitava neste esporte sem nenhum compromisso de afirmar um pioneirismo daquele grupo social em relação à prática do esporte, tampouco a sua centralidade quanto ao desenvolvimento do jogo. Dito de outro modo, na medida do possível, nos apoiaremos em uma perspectiva problematizadora no estudo da relação do futebol com as elites.

Não fosse o gosto pelo *sport*: as elites e os primeiros jogos em Salvador

Os memorialistas que se debruçam sobre os primeiros momentos do jogo de bola em Salvador afirmam que este paulatinamente começou a ser praticado entre um reduzido número de jovens abastados. Advogados, médicos, comerciantes, ingleses residentes na cidade e estudantes da então Faculdade de Medicina aos poucos se aproximavam do novo divertimento e assim trocaram os primeiros passes. Para Aroldo Maia, o principal

³ Seguimos uma perspectiva adotada por Gilmar Mascarenhas de Jesus que em seus estudos sobre o futebol em São Paulo e em outras cidades brasileiras considerando que a sua difusão ocorreu não só entre as elites, mas também entre os operários e nas várzeas. Conferir: MASCARENHAS, Gilmar. *Futebol y Modernidad en Brasil: la geografía histórica de una novedad. LECTURAS: Educación Física y Deporte* (revista eletrônica., meio digital), num 10, año III, mayo/1998, Buenos Aires; MASCARENHAS DE JESUS, G..Várzeas, Operários e

memorialista do futebol baiano, juntando-se a estes “da Inglaterra e Suíça, chegavam vários rapazes do nosso escol, que ali se achavam estudando línguas.”⁴ Os primeiros envolvimento com a bola se davam na Quinta da Barra e na Graça através dos “*matches* treinos, principalmente pelos *teams* Azul e Vermelho.”⁵

A presença de outros jovens que tiveram contato com o futebol em terras estrangeiras é um indício de que Zuza Ferreira estava envolvido em um processo de introdução de uma nova forma de lazer na cidade. Possivelmente, o seu retorno a Salvador tenha ocorrido um ou dois anos antes dos outros jovens lembrados por Aroldo Maia, o que fez o memorialista atribuir o pioneirismo a Zuza.

Ainda nas palavras de Aroldo Maia, é possível perceber a tentativa de uma associação direta entre o futebol e as elites quando procuram demonstrar que o pioneirismo da prática coube aquele grupo social. Esta estratégia também é perceptível em outros memorialistas como Mário Filho e Thomas Mazzoni.⁶ Embora tenham contribuído significativamente para a História do futebol em algumas regiões do país, conferiram às elites certo monopólio quanto a fase inicial, deixando escapar outras formas de desenvolvimento da atividade não exclusivamente ligadas àquele grupo social.

Além disso, como veremos adiante, o próprio Aroldo Maia era um jovem abastado que fundou com seu irmão Alexandre, em 1914, o Yankee, uma das associações esportivas da elite soteropolitana. Na década de 1920 ele ainda foi redator esportivo do mensário *A Renascença* uma das principais revistas ilustradas da cidade. Sendo um membro da imprensa e das elites da cidade, Aroldo optou por criar uma memória do futebol em Salvador que conferisse às elites não só a introdução como o desenvolvimento do esporte na cidade.

Supostamente os mesmo sujeitos lembrados pelo memorialista protagonizaram algumas partidas que parecem ter ocorrido nos anos de 1902, 1903 e 1904, graças a grupos que estavam de passagem em Salvador como tripulantes de navios. Em 7 e 28 de junho de 1903, dois jogos envolvendo os jovens baianos e um combinado inglês foram realizadas. Com um empate e uma vitória de três a zero, o time baiano contava com os irmãos Luizinho, Álvaro e Juvenal, filhos do grande empresário Luiz Tarquínio, Alberto Martins Catharino, da

Futebol: Uma outra Geografia. In: *GEOgraphia*, América do Norte, 4, set. 2009. Disponível em: <http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/90/88>. Acesso em: 30 Mai. 2011.

⁴ MAIA, Aroldo. *Almanaque Esportivo da Bahia*. Salvador: Hellenicus, 1944, p. 5.

⁵ Idem, *ibidem*.

⁶ RODRIGUES FILHO, Mario *O Negro no Futebol Brasileiro*, Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1947; MAZZONI, Thomaz. *Almanach Esportivo 1939*. S/e. São Paulo, 1939; MAZZONI, Thomaz. *História do futebol brasileiro*. São Paulo: Olimpicus, 1950.

família do ramo têxtil, os irmãos Zacarias e José da Nova Monteiro Jr., filhos de José da Nova Monteiro, que fora presidente da Associação Comercial e do Banco Comercial da Bahia, Agenor Gordilho, além, obviamente, do Zuza Ferreira. Segundo Ricardo Azevedo, a segunda partida seria realizada no dia 5 de julho. Porém, foi antecipada e “por conta da mudança da data, foi preparado um convite para o público e para os jogadores.”⁷ Elaborado por Álvaro e Juvenal Tarquínio, jogadores do Vitória o convite informava:

Ilustríssimo Senhor:

Temos a honra de convidar-vos para uma partida de *foot-ball* que se realizará no próximo domingo, 28 do corrente.

Caso não possais comparecer à referida partida, pedimos o obséquio de avisar-nos até o dia 25 do corrente.⁸

Numa manhã de domingo, em 30 de agosto de 1903, ocorreu outra partida entre americanos e ingleses, tripulantes de um navio contra um combinado de jogadores residentes na Bahia.⁹ Além do Campo da Pólvora, algumas partidas realizavam-se na Quinta da Barra (distrito da Vitória), na Fonte do Boi, (bairro do Rio Vermelho), no Largo do Papagaio (distrito da Penha) e no Largo do Barbalho.¹⁰

Provavelmente, as primeiras “pugnas” influenciaram a fundação de um clube futebolístico pelos universitários paulistas da Faculdade de Medicina que já praticavam o futebol. Aproveitando o ensejo, José Talbodi, Oscar Penteado, Vampré Alceu Peixoto, Celestino Brussanil, Sebastião Toledo de Barros, entre outros universitários paulistas fundaram o primeiro clube propriamente futebolístico da cidade, passando a praticar o futebol com mais regularidade na Praça Almeida Couto, nas imediações do Hospital Santa Izabel, no distrito de Nazaré:

Um grupo de moços acadêmicos de Medicina que formam a Colônia Paulista nesta Capital, desde junho organizado com o título de Sport Club S. Paulo-Bahia realizou domingo último pela manhã uma partida deste simpático divertimento, à Praça Almeida Couto entre os seus associados.¹¹

Fundado em 24 de junho de 1903, o clube chamou a atenção de algumas agremiações na cidade que até então praticavam outras modalidades esportivas. O Esporte Clube Vitória, dos irmãos Tarquínio, o São Salvador, de Zuza Ferreira, e os irmãos José de Aguiar e Carlos

⁷ AZEVEDO, Ricardo. *Eu sou um nome na história: a história do Esporte Clube Vitória. Tradição – 1899 – 1939. Da fundação ao fim do amadorismo*. Salvador: ALPHA CO, 2008, p. 34. (grifo nosso).

⁸ Além do livro de Ricardo Azevedo o convite e o cartaz podem ser encontrados em: PROTAZIO, Fernando. *Um menino de 84 anos – Revista Comemorativa aos 84 anos de fundação do Esporte Clube Vitória*. Salvador, 1983.

⁹ MAIA, Aroldo. *Almanaque Esportivo da Bahia...*, p. 5.

¹⁰ Idem, *ibidem*, p. 4.

Costa Pinto, o Itapagipe e o Internacional, os principais clubes esportivos da cidade naquele momento, praticavam apenas o remo e o críquete. A experiência do São Paulo pode ter influenciado aqueles que passaram a criar suas secções de futebol. Entusiasmado com os treinos do São Paulo aos domingos na Praça Almeida Couto, o “*sportman* Álvaro Tarquínio, dirigente do Vitória convoca a sua diretoria e consegue com aplausos gerais criar a secção de futebol rubro-negra.”¹² Na esteira da iniciativa dos paulistas, os amigos de Zuza, os irmãos Petersen e outros comerciantes da cidade também fundaram um clube de futebol, intitulado Sport Club Bahiano 1903:

Rapazes do Comércio, animados, fundam o primeiro clube de futebol da Bahia. Foi ele o Sport Club Bahiano, fundado em 7 de setembro de 1903 e a quem a Bahia esportiva ficou a dever reais serviços. Os seus sócios realizavam todos os domingos partidas de futebol entre os times Branco e Verde e uma banda de música alegrava o público. No dia 15 de novembro um grande jogo foi realizado entre os já afamados times Verde e Branco.¹³

Além disso, em dezembro de 1903, o futebol já empolgava os jovens do Rio Vermelho que criaram vários times que não eram clubes, “destacando-se os Azul e Vermelho formados pelos Srs. G. Viana e A. Carvalho.”¹⁴

Com o surgimento do São Paulo e do Bahiano, além das secções de futebol nos outros clubes, já em 1903 ocorreram algumas partidas entre agremiações em Salvador. O *Jornal do Brasil* anunciou que no domingo, 6 de setembro, “realizar-se às 4 horas em ponto uma interessante partida de *foot-ball* entre baianos e paulistas.”¹⁵ A vitória coube aos da terra. Observando o sucesso da partida, o time vitorioso marcou com os adversários um novo encontro no domingo seguinte, no Campo da Pólvora, local onde ocorreriam as principais partidas nos primeiros anos do futebol baiano. Novamente os baianos venceram pelo mesmo placar da partida anterior: 2 x 0. No dia posterior, o *Correio do Brasil* informava que “correu brilhante e animadamente a correta diversão deste tão benquisto divertimento que entre nós tanto acolhimento tem adquirido.”¹⁶

Já em 1904, em conjunto com o Itapagipe, clube da região homônima, o Bahiano protagonizou um duelo em uma tarde de domingo, em 17 de janeiro. Segundo Aroldo Maia, “o memorável encontro teve lugar no Largo do Papagaio sob as ordens do *referee* Pedro Barbosa que atuou a contento, sendo cumprimentado após o jogo pelos dirigentes dos dois

¹¹ *Jornal Correio do Brasil*, Salvador, 01 de setembro de 1903.

¹² MAIA, Aroldo. *História do São Paulo-Bahia*, sp. sd.

¹³ MAIA, Aroldo. *Almanaque Esportivo da Bahia...* 1944, p. 5.

¹⁴ *Idem, ibidem*, p. 6.

¹⁵ *Jornal do Brasil*, Salvador, 04 de setembro de 1903.

clubes.”¹⁷ Com dois tempos de trinta minutos, o Bahiano aplicou uma goleada de sete gols a zero no time itapagipano. Já em 10 de julho, no Campo da Pólvora, “com duas centenas de cadeiras colocadas em torno do local do jogo e assistido por mais de dez mil pessoas,”¹⁸ foi a vez do Vitória e Internacional se enfrentarem, partida em que o time inglês venceu.¹⁹ Segundo o memorialista Fernando Protazio, o jornal *Correio do Brasil* informou que “foi um jogo emocionante. Os brasileiros do Vitória fizeram muito esforço, mas acabaram derrotados pelos ingleses do Internacional.”²⁰

É muito provável que os primeiros passes e jogadas tenham sido desajeitadas e sem muita técnica. Relativizando o ímpeto de alguns memorialistas que afirmavam a presença de até dez mil pessoas, algo muito difícil naquele momento, podemos supor que a assistência dos embates não passava de alguns curiosos e entusiastas da novidade, geralmente familiares e amigos dos jogadores.²¹ A própria imprensa não divulgava muitos jogos até porque não existia uma cultura esportiva na cidade a ponto de ser noticiada regularmente.²² Apenas dois anos antes da chegada de Zuza, o primeiro clube esportivo fora fundado. O público geralmente assistia à partida em pé ou em cadeiras emprestadas. Em 1905, ano do primeiro campeonato baiano, o circo Lusitano, de passagem pela cidade, emprestou suas cadeiras para que as famílias pudessem assistir às partidas.²³

Esta situação perdurou até 1920 quando foi construído o Campo da Graça, a principal praça esportiva da Bahia. Até este período, a maioria dos campos de futebol da cidade se constituía em praças e largos adaptados com traves e bandeiras, além do *Ground* do Rio Vermelho, que utilizado para o turfe no século XIX, também foi adaptado, tornando-se a um dos principais campos de Salvador entre 1907 e 1919. A exceção do *Ground*, todos estes campos improvisados sequer tinham um gramado. A falta de uma praça propriamente esportiva gerava críticas por parte da imprensa:

¹⁶ Jornal *Correio do Brasil*, Salvador, 14 de setembro de 1903.

¹⁷ Segundo Aroldo Maia, está que foi a primeira partida entre clubes em Salvador. Sua argumentação leva em consideração o fato dos jogos entre São Paulo-Bahia e Vitória terem participantes paulistas e baianos não necessariamente integrantes dos clubes. Ver: MAIA, Aroldo, *Almanaque Esportivo da Bahia...*, p. 6.

¹⁸ PROTAZIO, Fernando. *Um menino de 84 anos – Revista Comemorativa aos 84 anos de fundação do Esporte Clube Vitória*. Salvador, 1983.

¹⁹ MAIA, Aroldo. *Almanaque Esportivo da Bahia...*, p. 8.

²⁰ PROTAZIO, Fernando, *op.cit.*

²¹ Fernando Protazio é um dos memorialistas que afirmam a existência de partidas com até 10 mil pessoas naquele período.

²² De modo mais ou menos sistemático a imprensa começou a informar regularmente eventos esportivos a partir de 1905 quando são iniciados os torneios de futebol e remo. Antes deste período as notícias sobre alguma atividade esportiva na cidade são raras. No entanto, vale destacar a existência de uma revista especializada que informava os acontecimentos do mundo do turfe que existia na Bahia de modo interrompido desde a segunda metade do século XIX.

A nossa velha capital é o que pode se chamar uma cidade insípida, apesar das belezas que a dotou a natureza. Sem teatros, e os dois arremedos que possui sempre fechados, a cidade do Salvador não tem um estabelecimento de diversões para esse 267 mil habitantes que lhe povoam o solo.

No entanto, nada mais fácil do que se dotar a velha cidade com um centro de divertimentos, à semelhança de outras capitais, onde o povo acha, para serenas a fadiga dos seus labores, lugares aprazíveis, onde ora se escute boa música, ora assista às partidas de *sports*, enfim, às múltiplas diversões de que nos falam as historia de povos civilizados.

Quão fácil não será a organização numa cidade habitada por 267 mil pessoas, de um parque destinado às diversões públicas? A Bahia é uma cidade morta, porque lhe faltam diversões, porque nela se não encontram as alegrias desses centros próprios para o descanso do espírito sempre tão atribuído pelas dificuldades da vida.

Em todas as cidades civilizadas, no país, ou no estrangeiro, os poderes públicos, quando não a iniciativa particular, se preocupam com estas coisas.

[...] Na Bahia, porem, ainda se morre de tédio, de aborrecimento... Não fosse o gosto pelo *sport*, atualmente tão acentuada, e aquela partidas em que se apagavam os dignos moços em belos combates – ainda assim num campo impróprio – e não sabemos o que seria da Bahia, cada dia mais decaída!

Os nossos divertimentos resumem-se nos dias de festas religiosas em frente aos templos, num fogo de artifício e num carrossel, onde a menina corre ao trinar de um realejo estúpido e infernal...²⁴

A crítica por falta de espaços adequados para o futebol está situada dentro de um contexto maior de insatisfação em decorrência da falta de um tipo de lazer em Salvador. As primeiras partidas identificadas pelos memorialistas aliadas às recorrentes queixas como a transcrita acima nos serve como um ponto de partida para apontar que existia entre uma parcela das elites urbanas uma carência de divertimentos que permitisse novas formas de sociabilidades. Isso não quer dizer que Salvador desconhecida algum tipo de lazer ou entretenimento. As próprias festas religiosas citadas pelo *Diário de Notícias* eram exemplos disso. No entanto, estas não bastavam para suprir a urgência de alguns setores das elites por novas formas de diversão.

Independente de quem trouxe a primeira bola ou quem realizou o primeiro jogo, partimos da hipótese de que o envolvimento das elites urbanas compostas por universitários, industriais, profissionais liberais, jornalistas, médicos, comerciantes, empresários, negociantes e funcionários públicos parece estar situado dentro de um contexto de busca por novas formas de entretenimento que oportunizassem uma nova forma de interação social. As tentativas de Zuza e seus amigos em promover as “partidas de *sports*” eram um esforço por vivenciar uma nova cultura urbana, em que a cidade se constituiria em enquanto um espaço de lazer.²⁵

²³ MAIA, Aroldo, *Almanaque Esportivo da Bahia...*, p. 9.

²⁴ *Jornal Diário de Notícias*, Salvador, 10 de outubro de 1906.

²⁵ Entre outras contribuições, Sandra Pesavento discute como as cidades eram pensadas por determinados grupos sociais enquanto um espaço de sociabilidade. PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. In *Revista Brasileira de História*, Vol. 27, n. 53, 2007; PESAVENTO, Sandra Jathay. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro. Vol. 8, n. 16,

É possível que o gosto pelo futebol pelos dignos moços, como lembrava o *Diário de Notícias*, não tivesse tamanha pretensão de alterar significativamente o cotidiano do lazer na cidade. Talvez a preocupação daqueles jovens estivesse voltada para uma diversão cotidiana em que pudesse interagir mais frequentemente com os amigos e com o espaço público.

Porém, o fato é que, para imprensa, o empreendimento dos jogadores era visto com bons olhos, pois contribuíam para a tentativa de inserção de Salvador em uma dinâmica sociocultural influenciada pelos ideais de civilidade e modernidade. Baseado em um modelo de sociedade como a França do século XIX²⁶ ou o Rio de Janeiro de Pereira Passos²⁷, uma parcela das elites, sobretudo ligada aos intelectuais diversos, jornalistas, médicos, sanitaristas, engenheiros, começaram a difundir, principalmente nos jornais, a necessidade da Bahia acompanhar a mudanças culturais que ocorriam em outros países e cidades.

Vale lembrar que os termos civilidade, modernidade e modernização são por demais amplos e imprecisos para serem utilizados sem considerarmos a sua aplicação ao contexto soteropolitano, enfim a sua historicidade. Apesar da frequente utilização destas noções pela imprensa como uma tentativa de aproximar Salvador de um modelo de sociedade idealizado, destacamos que a modernidade ou civilidade que existiu na França ou no Rio de Janeiro não foi a mesma de Salvador, embora muitas vezes os historiadores e as elites soteropolitanas naquele período se utilizassem dessas cidades como modelos/referenciais.

Nos jornais é possível constatar que, desde o final do século XIX, de modo heterogêneo e descontínuo, existia uma vontade, muitas vezes mais refletida em discursos do que em práticas, de inserir a capital em um novo modelo de sociedade, que no Brasil também era gestado, sobretudo, através da instituição de novos processos políticos e sociais como a abolição da escravatura, a proclamação da República e uma maior articulação com a economia capitalista internacional.²⁸ Em Salvador, em alguma medida, os discursos dos

1995. Para uma análise da presença do esporte na construção das sociabilidades urbanas conferir: JESUS, Gilmar Mascarenhas de. Construindo a Cidade Moderna: a Introdução dos Esportes na Vida Urbana do Rio de Janeiro. In: Estudos Históricos. Vol. 13, n. 23, 1999.

²⁶ Sobre a Paris de Haussmann: WEBER, Eugene. *França fin-de-siècle*. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.

²⁷ Sobre a administração de Pereira Passos e o cotidiano carioca naquele período ver respectivamente: BENCHIMOL, Jaime. *Pereira Passos: um Haussmann tropical: a renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX*. Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1992 e NEDELL, J. *Belle Époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1993. Para uma análise da modernização em outras cidades conferir: SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo: sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992; LANNA, Ana Lúcia Duarte. *Uma cidade na transição, Santos: 1870-1913*. São Paulo: HUCITEC; Santos: Prefeitura Municipal de Santos, 1996.

²⁸ Para um apanhado dos novos processos políticos sociais em formação no Brasil a partir do final do século XIX conferir: NEVES, Margarida de Souza. Os cenários da República. O Brasil na virada do século XIX para o

intelectuais se materializaram através de reformas urbanas ainda no século XIX.²⁹ Todavia no início do século XX, sobretudo nas administrações de José Joaquim Seabra 1912 – 1916 e Francisco Góes Calmon 1924 - 1928, que essas reformas tiveram um maior destaque.

No entanto, essas duas gestões não podem ser tomadas como parâmetro para afirmar que Salvador passou por um processo de modernização. Isto porque, durante as duas primeiras décadas do século XX, ocorreram mais reformas e remodelações do que uma modernização propriamente dita, muitas vezes condicionadas ao fluxo e refluxo da economia baiana. No contexto que compreende esta pesquisa alguns autores concordam que a economia do estado alternou fases de estagnação e desenvolvimento. Destaque para os períodos de 1897 a 1905, marcado por uma crise em decorrência de secas, restrições a créditos e outros entraves e 1906 a 1928, período de relativa recuperação da economia resultado do reabastecimento dos preços dos produtos agrícolas e de uma relativa expansão do comércio interno. Para Mario Augusto dos Santos:

Paralelamente à expansão do comércio interno, dava-se o avanço do capitalismo internacional sob formas variadas. Em virtude da descentralização republicana, foi possível a governos estaduais, como o da Bahia e municipais, como o de Salvador, negociar em suas esferas com grupos internacionais. Disto resultaram investimentos estrangeiros que foram utilizados pelos poderes públicos para a realização de obras e serviços, enquanto também se adotava a forma mais direta de entregar a grupos externos a implantação e exploração de outros encargos urbanísticos.³⁰

Seguramente as variações da economia baiana, a relativa condição de estado periférico no jogo político aliada às predisposições dos governantes em implantar um projeto modernizador para a cidade influíram no seu caráter descontínuo.³¹

O período de relativo crescimento econômico do estado também foi marcado pela administração de J. J. Seabra entre, 1912 e 1916, quando foi criada a Avenida Sete, principal obra do seu governo. Algumas ruas foram alargadas na busca por espaços mais arejados e

século XX. In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (org.). *O Brasil Republicano, Vol. 1: o tempo do liberalismo excludente: da Proclamação a República à Revolução de 1930*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

²⁹ PINHEIRO, Eloísa Petti. *Intervenções públicas na freguesia da Sé em Salvador de 1850 a 1920: um estudo de modernização urbana*. Dissertação de Mestrado, Salvador, Mestrado em Arquitetura e Urbanismo/UFBA, 1993.

³⁰ SANTOS, Mario Augusto da Silva. Crescimento urbano e habitação em Salvador (1890 – 1940). In: *Revista de Urbanismo e Arquitetura*. Salvador, v. 3, nº 4/5, 1990.

³¹ Para maiores informações sobre a economia baiana no período consultar: MATTOSO, Kátia M. de Queirós. *Bahia, a cidade do Salvador e seu mercado no século XIX*. São Paulo: HUCITEC; Salvador: Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 1978; TAVARES, Luís Henrique Dias. *O problema da involução industrial da Bahia*. Salvador, UFBA, 1966; LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento. *A Rainha Destronada: discursos das elites sobre as grandezas e os infortúnios da Bahia nas primeiras décadas republicanas*. São Paulo, 2005. Tese (Doutorado em História) - PUC-SP, 2005, p. 248 – 253.

limpos, praças foram construídas e reformadas, a exemplo do Campo Grande. Seabra também implantou uma série de reformas visando à melhoria das condições de higiene e salubridade como a construção de rede de esgotos.³² Suas reformas em grande parte foram inspiradas na experiência da modernização do Rio de Janeiro empreendida pelo Governo de Rodrigues Alves (1902 – 1906) que contava com o próprio Seabra como Ministro da Justiça e Negócios Interiores.

Apesar das reformas não significarem mudanças profundas na estrutura urbana de Salvador, e até mesmo algumas vezes contribuindo paradoxalmente para o agravamento de problemas urbanos como a habitação,³³ foram suficientes para que os discursos da imprensa ganhassem mais amplitude. O *Diário de Notícias* e principalmente a revista ilustrada *A Renascença*, fundada em 1916, elogiavam as intervenções na cidade.

Quando não eram os discursos dos jornais que ganhavam maiores proporções em decorrência das poucas e pontuais reformas, aqueles adquiriam alguma concretude, uma vez que as aspirações das elites intelectuais não passavam apenas pela transformação física da cidade. De igual importância exista um desejo de importar determinados hábitos e costumes que teoricamente aproximaria Salvador dos modelos de sociedade idealizados nos discursos. Deste modo, é possível concordar que se tornar civilizado ou moderno era emergir em um estado de espírito resultante da busca por novas sensibilidades e sociabilidades necessárias para a mudança dos padrões comportamentais e das relações sociais.³⁴

As próprias tentativas nem sempre bem sucedidas de remodelação do espaço físico tinham um propósito de torná-lo compatível com os novos hábitos. As ruas e praças reformadas eram pensadas enquanto um lugar privilegiado de manifestação de uma nova cultura expressa no *footing*, nos piqueniques, nos chás, cafés e nos esportes.

Dito isto, é no contexto de reformas urbanas e as aspirações de civilidade, progresso e modernidade dos jornais que ocorre, entre as elites, o desenvolvimento e estruturação dos esportes nas duas primeiras décadas do século XX. Ainda que de forma incipiente, na

³² Sobre as principais reformas urbanas em Salvador naquele período sugiro: FERNANDES, Ana & GOMES, Marco Aurélio de A. Filgueiras. "Idealizações Urbanas e a Construção da Salvador Moderna". In FERNANDES, Ana e GOMES, Marco Aurélio de A. Filgueiras. *Cidade & História*. Salvador, UFBA/Fac. de Arquitetura, Mestrado em Arquitetura e Urbanismo; ANPUR, 1992, pp. 53-68. Para um panorama das reformas de J. J. Seabra: LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento. *E a Bahia Civiliza-se...: ideais de civilização e cenas de anti-civilidade em um contexto de modernização urbana: Salvador, 1912-1916*. Salvador, 1996. Dissertação (Mestrado em História) — FFCH, UFBA, 1996, p. 52 – 78.

³³ SANTOS, Mario Augusto da Silva. Crescimento urbano e habitação em Salvador (1890 – 1940). In: *Revista de Urbanismo e Arquitetura*. Salvador, v. 3, nº 4/5, 1990.

³⁴ Sobre essa possibilidade de interpretação destes termos, sugiro: BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo, Companhia das Letras, 1986.

transição do século XIX e XX o surgimento do críquete, remo e o futebol apontam para uma tentativa dos seus idealizadores por uma nova configuração em torno do lazer e divertimento em Salvador. Não necessariamente os sujeitos que remavam ou chutavam bolas nos campos a fora se enxergavam como os responsáveis por trazer para a cidade os novos costumes que a sua imprensa tanto desejava. Parecia existir entre estes jovens uma preocupação maior em ter para si mesmo um lazer não importando tanto se este teria uma configuração desejada pela imprensa.

O papel qualificador do entretenimento de certos jovens, como Zuza, coube à imprensa, pois esta acreditava que a cidade tinha nos entrudos, nas festas religiosas e cívicas, entre outras diversões, formas de lazer que de algum modo não coadunavam com suas aspirações. Quando o *Diário de Notícias* afirma que a Bahia morre de tédio por falta de divertimentos, parecia existir a necessidade de cultivar um lazer necessariamente ligado aos costumes de uma Europa imaginada. Afinal ser civilizado era “ficar em pé de igualdade com a Europa no que se refere a cotidiano, instituições, economia, ideias liberais, etc.”³⁵ A cultura do velho mundo deste modo assumiria um papel de escala: qualquer prática ou fenômeno cultural poderia ser mais ou menos civilizado dependendo da proximidade com o seu referencial europeu.³⁶

Neste sentido, formas de entretenimento consideradas ultrapassadas/desatualizadas deveriam ser substituídas pelas diversões da moda, como o cinema, os bailes noturnos, os chás dançantes, as soirées e o *footing*. Assim sendo, a ida à península da Itapagipe para remar ou mesmo assistir nos camarotes flutuantes os jovens desportistas, os banhos de mar, um passeio dominical pelo Campo Grande para acompanhar os jogos de críquete seriam formas de entretenimento que o esporte oferecia tanto para os praticantes quanto para os espectadores.

Quando não substituídas, as diversões vigentes deveriam adquirir uma roupagem moderna. O carnaval, uma festa ligada ao calendário religioso, foi umas das práticas onde a mudança dos costumes se revelou bastante explícita. Os entrudos que vigoraram desde século XIX foram condenados por serem considerados bárbaros e selvagens, uma vez que tinham forte participação da população negra. Já no final do século XIX, nos festejos de momo, os

³⁵ HERSCHMANN, Micael & PEREIRA, Carlos A. M.. "O imaginário moderno no Brasil". In _____. *A invenção do Brasil moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20-30*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 12.

³⁶ Sobre a noção de civilização ver: ELIAS, Norbert. *O processo civilizador* vols. 1 e 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

entrudos foram paulatinamente substituídos por carnavais de bailes de máscaras inspirados em Veneza. O que passaria a predominar seriam os bailes nos Teatros Polytheama e São João, além de préstitos e carros de ideia e crítica, os carros alegóricos da época, onde figuravam arlequins, pierrôs com muito luxo e pompa.³⁷

A redefinição das formas de entretenimento também aponta os anseios das elites em demarcar o seu lugar e distinguir-se dos populares no novo cenário do lazer na Bahia. Para consolidar as novas formas lúdicas, elas, além de repensarem seus próprios modos de entretenimento, partiram para um processo sistemático de repressão às formas de lazer populares que encontravam nos espaços públicos o principal lugar de manifestação.³⁸

Até então, praças, largos, vielas e outros logradouros públicos eram lugares sociais privilegiados da população subalternizada. Utilizada por capoeiras, vendedores e vendedoras ambulantes, peraltas, mendigos, lavadoras, as ruas, becos, e praças, ao longo da colônia e do Império, se constituíram enquanto espaços de solidariedade de negros, escravos e libertos, brancos pobres, mulheres entre outros sujeitos. Consideradas perigosas e prejudiciais, as diversões desta população eram perseguidas pela imprensa e órgãos autoritários por contrastar os ideais de divertimento propagandeados pelos jornalistas, educadores e médicos.

Além disso, o lazer dos populares ocorria nos espaços públicos, lugares agora reivindicados pelas elites para o seu *footing* e suas partidas de futebol. Afinal, um dos objetivos da remodelação física da cidade era “estimular as elites a gradativamente se inserir e interagir com o espaço público”.³⁹

Cultivando os novos costumes, as elites legitimadas pelos discursos de educadores, urbanistas e higienistas, almejavam substituir, portanto, os grupos subalternizados e os seus usos das ruas, largos e praças. A vendedora de quitutes ou o mendigo na calçada deveriam dar

³⁷ Sobre a tentativa de civilização do carnaval em Salvador conferir: FRY, Peter et alli. Negros e brancos no Carnaval da República Velha. In REIS, João J. (org.). *Escravidão e invenção da liberdade: estudos sobre o negro no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1988. Mais informações sobre a História do Carnaval e as suas relações com as dinâmicas civilizatórias no início do século XX conferir: CUNHA, Maria Clementina Pereira da. *Ecos da folia: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

³⁸ Na literatura acadêmica baiana, o processo de repressão práticas populares e negras ficou conhecido pelo termo de “desafricanização” da cultura baiana. Expressão cunhada por Alberto Heráclito Ferreira Filho diz respeito a uma série de práticas repressoras e perseguidoras à cultura negra e popular. Neste contexto a ordem policial passou a reprimir os candomblés, a capoeira, o jogo do bicho devido ao fato destas práticas serem contraditórias ao projeto de civilidade. Sobre o termo ver: FERREIRA FILHO, Alberto Heráclito. “Desafricanizar as Ruas: Elites Letradas, Mulheres Pobres e Cultura Popular em Salvador, 1890-1937”. *Afro-Ásia*, nº - 21, pp. 239-256, 1998 -1999. Para mais informações sobre as principais práticas populares no início do século XX ver: LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento. *E a Bahia civiliza-se...*, especialmente os dois últimos capítulos.

³⁹ ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. *A vocação do prazer: a cidade e a família no Rio de Janeiro republicano*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993, p. 322.

lugar ao *footing* e os passeios das senhorinhas no fim de tarde. Além disso, novas formas de interação passariam a ser valorizadas. Este foi o caso do cinema, dos carnavais de máscara estilo veneziano e as festas e bailes dançantes.⁴⁰ Enfim, a cidade era pensada para se “tornar um lugar prazeroso para o gozo dos cidadãos e, portanto, aparentar uma extensão da casa, ou seja, um lugar limpo, higiênico, agradável e moralmente saudável.”⁴¹ Se para a imprensa a valorização dos novos costumes seria fundamental para a inserção baiana em um novo modelo de sociedade, o cultivo do futebol e outros esportes e a conseqüente mudança da noção de lazer e divertimento seria uma das principais formas para alcançar um novo ideal de sociedade.

Enfim, enquanto as práticas de lazer oriundas das classes populares eram sistematicamente perseguidas por governantes, jornalistas e intelectuais, por serem consideradas perigosas e prejudiciais,⁴² as novas práticas eram revestidas de um caráter civilizatório. Tal política pode ser entendida no rastro das mudanças políticas e sociais, como a abolição e as ações que visavam preservar as hierarquias sociorraciais então vigentes no Brasil.⁴³ “Com as modernas práticas esportivas, buscava-se, para além de uma atividade física, moderna e civilizada, uma distinção social e racial.”⁴⁴ Esta era perceptível na tentativa das elites em se diferenciar de uma cultura popular por meio do consumo de bens culturais importados e não acessíveis para todas as camadas.

No futebol o processo de diferenciação começava antes mesmo de sua chegada propriamente dita. No momento em que aportou em Salvador, este fenômeno na Inglaterra já havia passado por longo processo de popularização. Existindo desde a metade do século XIX entre os britânicos, o jogo de bola surgiu nas escolas como exercícios praticados de diversas maneiras.⁴⁵ A partir de sua normatização e uniformização pela criação do *Foot-ball Association* em 1863, rapidamente difundiu-se por toda Inglaterra. No limiar do século XIX,

⁴⁰ Alguns dos novos costumes soteropolitanos são discutidos em: ALBUQUERQUE, Wlamyra Ribeiro de. *Algazarra nas ruas: comemorações da Independência na Bahia*. Campinas, Editora da Unicamp/Centro de Pesquisa em História Social da Cultura, 1999, BARREIROS, Márcia da Silva. *Educação, Cultura e Lazer das Mulheres de Elite em Salvador, 1890-1930*, Salvador, 1997. Dissertação (Mestrado em História) — FFCH, UFBA, 1997.

⁴¹ FONSECA, Raimundo Nonato da Silva. “Fazendo fita”: *cinematógrafo, cotidiano e imaginário em Salvador, 1897-1930*. Salvador: EDUFBA, 2002, p. 30. Para mais informações sobre a o uso civilizado da cidade ver: ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. *op.cit.*, 1993.

⁴² LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento. *E a Bahia civiliza-se...* p. 112.

⁴³ Encontramos uma contribuição para o entendimento deste processo em: ALBUQUERQUE, Wlamyra Ribeiro de. *O jogo da dissimulação: abolição e cidadania negra no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009; BACELAR, Jeferson. *A hierarquia das raças: negros e brancos em Salvador*. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

⁴⁴ FONSECA, Raimundo Nonato da Silva *op.cit.*, p. 59.

⁴⁵ RUSSELL, D. *Football and the English: A social history of association football in England, 1863-1995*. London: Carnegie Publishing Ltd, 1997.

o futebol já contava com milhares de clubes, não só das elites como das classes médias e trabalhadoras. Estas últimas, já na década de 1880, eram tão atraídas pelo futebol que o jogo chegou a ser definido como sua religião leiga.⁴⁶

Além disso, naquele período, o futebol passou a ser uma garantia de vultosas rendas para dirigentes, se tornando um negócio lucrativo também para os jogadores.⁴⁷ Todo este processo parece ser desconsiderado quando o divertimento chegou por aqui. Mais preocupados em apresentar o futebol como uma prática distinta, moderna e importada, há uma tentativa de ver somente seu lado elitista, que há um bom tempo deixara de ser predominante na Inglaterra.⁴⁸

No caso de Salvador, apesar da existência das remodelações socioespaciais, desconhecemos obras que visassem à criação de praças ou parques esportivos o que é mais um indício da dificuldade da cidade em se inserir de modo mais incisivo nos modelos de sociedade.⁴⁹ De fato, reivindicações foram realizadas. O jornal que se queixava da falta de divertimentos na cidade sugeria um espaço organizado e explorado pela iniciativa particular por um prazo determinado, o qual se chamaria Coliseu Baiano. A proposta era que o parque disponibilizasse os seguintes espaços específicos:

Uma vasta área gramada para o *foot-ball*;
 Uma pista cimentada, circular ou oval, nas condições técnicas, para o ciclismo;
 Uma pista apropriada para a *lawn-tennis*, para senhoras e cavalheiros;
 Uma concha coberta para jogo da péla;
 Uma pista circular para patinação;
 Uma grande piscina para natação;
 Um palco coberto e recintos apropriados ao ar livre para conferências, música instrumental e vocal, exibições teatrais, cinematógrafos, etc.;
 Uma linha de tiro ao alvo; e promoverão quaisquer outras diversões ou exibições, que forem consentidas pelo Conselho Municipal.⁵⁰

Entretanto, não encontramos nada sobre a efetivação deste projeto, tampouco de outros semelhantes que vez ou outra apareciam nos jornais. Até mesmo espaços privados que de algum modo tivessem o apoio do estado não foram encontrados. Assim, sem a presença de incentivos que ajudassem na estruturação de ambientes esportivos em Salvador, coube aos

⁴⁶ HOBSBAWM, Eric. *Mundos do trabalho*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 262.

⁴⁷ VAMPLEW, Wray. *Pay up and play the game: professional sport in Britain, 1875 – 1914*. London: Paperback, 2004.

⁴⁸ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania...*, p. 26.

⁴⁹ Em suas remodelações, outras cidades brasileiras contavam com a construção de parques esportivos em seus projetos. Destaque para Belo Horizonte que no seu projeto de construção contava com uma praça de esportes. Sobre: RODRIGUES, Marilita Aparecida Arantes. *Constituição e enraizamento do esporte na cidade: uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894 – 1920)*. Teste (Doutorado em História). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2006, p. 98 – 148.

jovens forjarem suas próprias estratégias de divertimento moderno e a principal delas seria a formação dos clubes esportivos.

As elites e os clubes esportivos em Salvador

Em Salvador, segundo alguns memorialistas, o primeiro clube esportivo foi o Clube Bahiano de Remo. Fundado por ingleses em 1837, parece ter tido apenas quatro anos de atividade.⁵¹ Não encontramos outras referências sobre a sua existência. É provável que não fosse de uma agremiação propriamente dita, mas um grupo de rapazes de praticavam o remo esporadicamente.

Apesar de nenhuma evidência que confirme a existência daquele clube, foram os ingleses que influenciaram consideravelmente a fundação das associações esportivas por parte dos baianos. O então Clube de Cricket Vitória foi um deles. Ainda na década de 1860, os ingleses comerciantes ou representantes de organizações britânicas praticavam o críquete com alguma frequência na Fonte do Boi no Rio Vermelho, na Quinta da Barra no distrito da Vitória e principalmente no Campo Grande, que ainda não era ajardinado. Muitos jovens baianos costumavam assistir às partidas e os ingleses “gentis como sempre se propunham a ensinar alguns fundamentos do esporte a eles, e até contar com a presença de algum em um dos times, quando não havia número suficiente de ingleses.”⁵² O memorialista ao caracterizar os ingleses de gentis, busca mostrar um lado nobre do esporte que possibilitava um convívio harmônico entre brasileiros e ingleses.

Por parte dos baianos, o entusiasmo por estes jogos os levaram a fundar um clube onde poderiam praticar o críquete com mais regularidade e assim rivalizar com os ingleses. Entre os fundadores do Vitória, em 13 de maio de 1899 ,estavam Artur e Artêmio Valente, Fernando Kock, Juvenal Teixeira, Joaquim Espinheira da Costa Pinto, Álvaro Tarquínio, Augusto Maia Bittencourt e muitos outros jovens endinheirados que buscavam no clube novas diversões.

A razão do nome Vitória foi o fato de Artêmio Valente, primeiro presidente do clube, ser morador do bairro da cidade de mesmo nome. O distrito, desde o século XIX, se caracterizava por ser o principal local de residência das elites. Segundo Anna Nascimento, “o panorama habitacional da freguesia da Vitória apresentava, sem sombra de dúvida uma

⁵⁰ *Jornal Diário de Notícias*, Salvador, 10 de outubro de 1906.

⁵¹ AZEVEDO, Ricardo. *op.cit.* p. 13.

⁵² *Idem*, *ibidem*, p. 15

aparência de freguesia de elite, principalmente porque nela, desde a primeira metade do século XIX, residiam os cônsules e os negociantes prósperos, tanto nacionais como estrangeiros.”⁵³ Após a fundação, “foi levantado como doação inicial 382\$000 para despesas com o material esportivo e papelaria.”⁵⁴, ficando estipulado “a mensalidade de 1\$000 como manutenção, podendo, cada qual, aumentar conforme suas possibilidades.”

Os idealizadores do Vitória, também conhecido como rubro-negro, se constituíam em uma elite relativamente diversa. Joaquim Espinheira e Álvaro pertenciam, respectivamente, às famílias Costa Pinto e Tarquínio, que possuíam riquezas de origens variadas. A primeira se tratava de uma tradicional família possuidora de engenhos no Recôncavo baiano.⁵⁵ Muitos descendentes se envolveram em outras atividades ligadas ao comércio ou a intelectualidade. Entre os parentes de Joaquim Espinheira que tempos depois ajudaria a fundar o Club Bahiano de Tênis, encontramos José de Aguiar Costa Pinto renomado médico assistente de Nina Rodrigues e que, em 1900, defenderia sua tese sobre grafologia em Medicina Legal, e Carlos Costa Pinto, um próspero comerciante diretor presidente em uma importante empresa importadora, a Magalhães e Cia.

Por sua vez, os Tarquínio tinham relação com o setor industrial. O fundador da família foi o empresário Luís Tarquínio, que viveu entre 1844 e 1903. Segundo Marilécia Santos, “fundou a Companhia Empório Industrial do Norte no ano de 1891, um complexo considerado grandioso (...) pelas inovações no maquinário adotado e pelo propósito de produzir tecidos com qualidade até então não fabricados no Brasil.”⁵⁶ Ainda de acordo com a autora, Luiz Tarquínio:

(...) representou um segmento urbano que buscava a diversificação nas oportunidades de investimentos e acreditou na industrialização como meio mais eficiente para o País avançar material e socialmente. Talvez suas crenças estivessem pautadas pela própria experiência. Ele foi astuto tanto no investimento das suas relações pessoais, como na sua formação intelectual, revelando habilidade em estabelecer alianças sociais fundamentais numa política de integração.⁵⁷

⁵³ NASCIMENTO, Anna Amélia. *Dez freguesias da cidade do Salvador: aspectos sociais e urbanos do século XIX*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1986, p. 120.

⁵⁴ AZEVEDO, Ricardo. *op.cit.*, p. 19

⁵⁵ MATTOSO, Kátia Maria de Queirós, *Bahia, século XIX: uma província do Império*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1992.

⁵⁶ SAMPAIO, J. L. P. *Evolução de Uma Empresa no Contexto da Industrialização Brasileira: a Companhia Empório Industrial do Norte – 1891/1973*. Dissertação (Mestrado de Ciências Humanas) – Universidade Federal da Bahia, 1975; SANTOS, Marilécia Oliveira. *Empório da utopia – o projeto industrial de Luiz Tarquínio*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2000.

⁵⁷ SANTOS, Marilécia Oliveira. *Construção e desdobramentos das memórias das ações de Luiz Tarquínio*. In: IV Encontro Estadual de História. Vitória da Conquista: Anpuh- BA, 2008, p. 2.

É muito provável que os seus descendentes tenham seguido alguns dos princípios do patriarca. Ao se aliar com os membros dos Costa Pinto para fundar o Vitória, os Tarquínio não só buscavam novas formas de lazer, mas também estabelecer e manter alianças sociais que permitissem um tipo de prestígio social necessário para a prosperidade dos negócios.

Além destas famílias, o Vitória também era composto de membros dos Martins Catharino, que possuía a Companhia Progresso União Fabril, que incorporava sete fábricas de tecidos. Um membro de destaque desta família que fundou o Vitória era o Alberto Moraes Martins Catharino, que chegou a ser um importante membro da Associação Comercial da Bahia.

Não foi possível identificar a condição social de Juvenal Teixeira e Artêmio Valente. Contudo, os memorialistas não raramente lembram que aquele último também estudou na Inglaterra.

Veremos que esta elite presente no Vitória não diferia muito da dos outros clubes abastados da cidade. Os Costa Pinto e os Tarquínio inclusive foram os responsáveis pela fundação das principais agremiações elitizadas da cidade, como o Bahiano de Tênis e o São Salvador. Como estas famílias possuíam ramificações extensas, os seus membros se espalhavam pelos clubes da cidade, fundando-os ou organizando-os.



Figura 1: Juvenal e Luiz Tarquínio filho, jogadores do Vitória.

A fundação do Vitória parece ter empolgado os ingleses para a fundação de um clube próprio. Embora praticassem o críquete há um bom tempo, ainda não tinham uma associação esportiva institucionalizada.⁵⁸ Não há consenso sobre a data da sua fundação. Alguns afirmam ser 15 de novembro de 1899, ao passo que outros entendem que os ingleses só conseguiram organizar um clube por volta de meados de 1902.⁵⁹ Independente da data, um dos motivos para o surgimento do Internacional estava ligado aos “insistentes pedidos do clube de Cricket Vitória.”⁶⁰ Para os baianos, um clube de ingleses conhecedores do críquete intensificaria a prática deste esporte. Segundo Aroldo Maia, no documento de fundação do clube constava:

Os abaixo assinados, desejando fundar neste estado entre os membros da colônia inglesa uma sociedade esportiva para a prática em geral dos esportes terrestre e principalmente do críquete, declaram estar de acordo pleno com a iniciativa e prometem comparecer à reunião que se realizará no dia 10 de setembro, às 10 horas da manhã na residência do Sr. Frank Gordon May quando será definitivamente fundada a dita sociedade.⁶¹

Além do críquete, o Internacional também participaria do futebol, do remo, adquirindo os barcos do suposto Clube Bahiano de Remo, além de ser um dos introdutores do tênis na Bahia. Mais especialmente, nos anos iniciais, os ingleses protagonizaram com o Vitória as primeiras partidas de críquete entre clubes na cidade.

Quando não eram os ingleses com o seu críquete que ensejavam a fundação de clubes esportivos, era o remo e as experiências desta atividade no Rio de Janeiro que assumiam um papel catalisador. Alguns comerciantes cariocas que negociavam em Salvador acabaram se fixando na capital baiana e ajudaram na difusão desta modalidade pela cidade. Este foi o caso de Torquato Correia, que chegou à Bahia em agosto de 1902. Praticante do remo e filiado ao Clube de Regatas Flamengo, Torquato “pensou em fundar um clube para dar maior animação ao esporte que tanto amava.”⁶²

Logo reuniu alguns amigos e em homenagem a capital baiana nomeou a sua agremiação de Clube de Natação e Regatas São Salvador. Após fundá-lo, Torquato retornou ao Rio de Janeiro, prometendo regressar com dois barcos para a sua organização. O São Salvador rapidamente tornou-se o clube dos principais membros das classes abastadas

⁵⁸ De acordo com Mário Gama a prática do críquete pelos ingleses em Salvador ocorria desde 1860. Conferir: GAMA, M. Como os “sports” se iniciaram e progrediram na Bahia. In: *Diário oficial do Estado da Bahia, Edição Especial do Centenário*. Salvador: s.e, 1923, p. 319.

⁵⁹ Para Ricardo Azevedo o ano de fundação do clube foi o mesmo do Vitória. Já para Aroldo Maia em seus manuscritos consta 1902 o surgimento da agremiação.

⁶⁰ MAIA, Aroldo. *Historia do Club Internacional de Cricket*. sp. sd.

⁶¹ Idem, *ibidem*

soteropolitanas. Zuza Ferreira foi um dos seus primeiros sócios, além de membros da família Costa Pinto que teve o José de Aguiar Costa Pinto, o Dr. Cazuza, como presidente do clube em 1905.

Carlos Costa Pinto também se filiou ao São Salvador. Neste caso a sua associação foi por meios inesperados. Então integrante do Vitória, Carlos teve um desentendimento com Artêmio Valente, um dos fundadores do rubro-negro. O contratempo fez com que Carlos e mais trinta sócios se filiassem ao São Salvador.

Em Salvador, o remo já era praticado pelo Vitória em 1901 por iniciativa de César Spínola. O motivo da presença desta atividade no rubro-negro também teve relação com o Rio de Janeiro. Chegando a Salvador para estudar na Faculdade de Medicina, César “praticava remo e era ligado ao Flamengo [do Rio de Janeiro].” A convite de um sócio do Vitória, Antônio Cypriano Gomes, ingressou no rubro-negro e propôs a criação de um departamento náutico. Um dos supostos motivos da sua iniciativa foi que, no Rio de Janeiro, “os remadores chamavam bastante atenção das mulheres da cidade.”⁶³ Com a criação do departamento náutico, “uma garagem no Porto da Barra foi prospectada e escolhida como a nova sede do clube, se transformando em ponto de encontro dos associados, recebendo festas comemorativas.”⁶⁴ Com a criação de um departamento para o remo, mudou-se o nome do clube para Sport Club Vitória, uma vez que não havia sentido ter um nome ligado exclusivamente ao críquete.

No mesmo ano da fundação do São Salvador, porém um mês depois deste, em sete de setembro de 1902, outra organização de regatas foi fundada, o Club de Regatas Itapagipe localizado em península homônima. A sua origem foi influenciada pela existência do São Salvador que ofereceu a residência da família Costa Pinto para as primeiras reuniões de fundação. Segundo Aroldo Maia, “a animação na península pela fundação do seu clube para a prática do remo, chega ao auge e todos querem pertencer ao clube.”⁶⁵ Com a rápida inscrição de vários adeptos foi possível comprar uma canoa a dois remos com a arrecadação das joias. A sua aquisição foi festejada com um batizado simbólico.

A presença do Vitória, São Salvador e Itapagipe intensificou a prática do remo na cidade. As regatas eram realizadas na enseada dos Tainheiros, na península de Itapagipe, geralmente nos fins semana. Nestes eventos, os familiares e interessados acompanhavam os

⁶² MAIA, Aroldo. *História do Club de Natação e Regatas São Salvador*. sp. sd.

⁶³ AZEVEDO, Ricardo. *op.cit*, p. 27.

⁶⁴ Idem, *ibidem*, p. 27.

duelos em barcos que serviam de camarotes flutuantes. Juntamente com o futebol, entre 1901 e 1905, a quantidade de espectadores e praticantes aumentava gradativamente e assim estes esportes assumiam a centralidade nas incipientes práticas esportivas na cidade. O críquete que, de certa forma, predominava na cultura esportiva desde a segunda metade do século XIX perdia a sua força.

Também foram os clubes de remo que idealizaram a primeira Liga em Salvador. Sob a liderança do Vitória, fundaram em 1904 a Federação de Clubes de Regatas da Bahia. Na primeira regata oficial, em 2 de abril de 1905, a Revista *Semana Esportiva* lembrava-se:

O aspecto do Porto dos Tainheiros era lindíssimo. As arquibancadas que fizera construir a Federação estiveram repletas, de gente da melhor sociedade baiana. A beira do cais apinhava-se o povo. E no mar, coalhado de pequenas embarcações garridas, avultavam abarrotados e festivos, os vapores da “Navegação Baiana” “Nazareth”, “Gonçalves Martins” e “Itaparica.”⁶⁶

A revista informava que entre as mais de 20 mil pessoas, estavam “o Governador do estado, o Secretário do Interior, o Comandante do Distrito Militar, o Capitão do Porto, os cônsules de vários países e outras pessoas de representação social.”⁶⁷ Já o jornal *Diário de Notícias*, na própria época do evento, parabenizava os seus idealizadores pela brilhante festa. Para o jornal, a competição tão bem organizada perduraria “na história das diversões baianas como um belo destaque de alegria, de elegância e de civilização.”⁶⁸ A recorrência ao termo indica que a imprensa via no remo uma possibilidade de difusão dos seus ideais. Não raramente a noção de civilidade surgia para qualificar uma regata. Possivelmente o discurso da imprensa sobre atividade estimulou uma parcela das elites que ainda não conhecia muito este esporte a frequentar as festas náuticas.

Pelo menos durante cinco anos após o surgimento da Federação de Clubes de Regatas é possível observar na imprensa o forte impacto desta prática na cidade. Não só pela propaganda do brilhantismo das festas, mas pela capacidade das regatas moverem uma quantidade significativa de pessoas para a sua organização e efetivação. Para que um evento deste fosse possível era preciso organizar desde as arquibancadas no cais, passando pela ornamentação dos vapores que serviam de camarotes flutuantes e finalmente a organização e transporte dos barcos e canoas utilizados pelos atletas.

⁶⁵ MAIA, Aroldo. *Clube de Natação e Regatas Itapagipe*, sp. sd.

⁶⁶ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 117, 21 de julho de 1923.

⁶⁷ Idem.

⁶⁸ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 03 de abril de 1905.

Talvez pela capacidade de reunir tantas pessoas na organização, assistência e prática é que os jornais denominavam os eventos de “As Grandes Regatas.” Em um desses eventos, em 28 de abril de 1907, o *Diário de Notícias* salientou o quanto foi bela a grande festa náutica. Na notícia, o periódico deu especial atenção aos camarotes flutuantes que transportavam os torcedores para o mar. Estes camarotes eram embarcações ornamentadas, onde eram oferecidos não apenas uma vista melhor dos remadores, mas também serviços de bufê e filarmônicas que animavam os torcedores e a tripulação. Cada clube organizava um vapor específico para os seus torcedores e poderíamos até supor que existia uma disputa para saber qual o barco era o mais suntuoso. Sobre o vapor Jaguaripe que levava os sócios do Vitória, o *Diário de Notícias* destacava:

Boa música e reunião seleta de exímias famílias, o Jaguaripe apresentava um aspecto delicioso com bandeirolas, onde as cores do simpático clube sobre saíam, admiravelmente num belo conjunto. O entusiasmo dava nota no belo vapor, onde vivas incessantes, extraordinários por vezes abafavam a seleta música que se tocava.⁶⁹

Por sua vez, o Vapor Sergy, que transportava os adeptos do São Salvador, não ficou atrás do Jaguaripe ao ter presente a “estudiosa banda do 1º corpo de polícia”, que executou brilhantes trechos do seu vasto repertório.”⁷⁰ Por fim, o jornal destacava que “é de justiça salientar o serviço de bufê, que esteve a cargo do pessoal do Café Cabral, conhecida casa do Sr. Irenio Paes Coelho, sendo a abundante e metodicamente servido a modo de satisfazer a quantidade de pessoas.”⁷¹

Por toda essa capacidade, para os cronistas da época e até as memórias de colonistas nos anos 1920, o remo nos primeiros anos superava o futebol no que diz respeito à magnificência do evento. Alguns colonistas da *Semana Esportiva* lembravam que no seu começo as “regatas na Bahia eram um dos fatos mais ansiosamente esperados pela nossa população. Era então, a melhor festa do ano, comparável, em delírio, ao carnaval quando ainda existiam os Fantoches e Cruz Vermelha.”⁷² No quesito do brilhantismo, a supremacia sobre o futebol pode ser justificada pelo fato das regatas disporem de uma grande estrutura para a sua realização, permitindo aos *sportmen* e torcedores abastados desfrutar de todo o luxo e comodidade oferecidos nas arquibancadas e camarotes flutuantes.

⁶⁹ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 29 de abril de 1907.

⁷⁰ Idem.

⁷¹ Idem.

⁷² Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 39, 31 de dezembro de 1921.

Talvez, para uma cidade em que uma parcela das suas elites ansiava por formas de distinção social através da autoexibição, um esporte que oferecia maiores possibilidades de expressão do luxo e requinte tinha um maior prestígio. Entre barcos e vapores bem ornamentados e campos de futebol sem gramados e arquibancadas, não parecia existir dúvidas entre os atletas e torcedores sobre qual era a atividade mais elegante e útil às suas pretensões.

Os populares nestes eventos raramente ultrapassavam a condição de expectadores à beira do porto dos Tainheiros. Dificilmente seria possível encontrá-los nos barcos, servindo-se de licores, champanhes, bombons ou salgadinhos nos bufês do Café Cabral. Ou melhor, poderíamos até encontrá-los, mas servindo a comida e bebida, ou cuidando e guiando o Vapor enquanto tripulantes.

Por outro lado, o futebol no seu princípio não dispunha de arquibancadas e até mesmo gramados. Finalmente era realizado em espaços públicos que permitiam um contato muito próximo entre os jogadores e torcedores, o que não acontecia no remo.



Figura 2: Enseada dos Tainheiros, onde ocorriam as regatas de remo.

Apesar de uma ligeira efervescência esportiva em torno do críquete e principalmente do remo, notamos que a quantidade de agremiações esportivas na cidade ainda eram poucas. Do final do século XIX até 1904, os clubes baianos se resumiam a Vitória, Internacional, São Salvador, Itapagipe, além do São Paulo e Bahiano, sobre os quais já falamos. Para a incipiência soteropolitana na experiência esportiva, podemos imaginar alguns motivos. Excetuando-se os dois clubes futebolísticos, os outros praticavam modalidades que

encontravam dificuldade de afirmação no campo esportivo da cidade. No remo, até os jovens da elite tinham alguma dificuldade em comprar barcos e pás. Alguns equipamentos eram importados e comprados através de doações e campanhas de arrecadação de dinheiro. Além disso, muito provavelmente Salvador não tinha casas comerciais que vendiam aparelhagem específica. Por fim, manter toda aquela pompa e luxo das festas náuticas não era nada barato. A Federação de Regatas não teve muitos clubes participantes e durante quase toda a década de 1910 teve a suas atividades temporariamente encerradas.

Segundo os jornais, o fator determinante para a interrupção das regatas foi a eclosão da primeira guerra, mas podemos imaginar que a própria dificuldade de manter o mundo esportivo náutico como um motivo. Além disso, na década de 1900 as oscilações econômicas podem ter dificultado o gerenciamento das regatas que era caro. Durante toda a década de 1910 desconhecemos notícias nos jornais e em outras fontes sobre as regatas, o que nos levou a deduzir que os clubes praticavam a atividade apenas esporadicamente. Somente em 1921 o remo voltaria a ser praticado com mais regularidade, com o ressurgimento da Federação.

O críquete, além de exigir equipamentos também importados, era um jogo bastante complexo e com muitas regras. A sua atividade se dava quase que exclusivamente entre os ingleses e um ou outro clube interessado, como o Vitória. Enfim, a prática destas duas atividades era muito custosa em momentos de crise econômica.

De certo modo, a chegada do futebol alteraria significativamente o pequeno cenário clubístico da cidade. A iniciativa dos paulistas da Faculdade de Medicina e de alguns comerciantes em fundar associações daquele tipo trouxe consequências positivas com a criação dos departamentos futebolísticos pelo Vitória, Internacional e São Salvador. Todavia, foi com a criação de uma Liga de futebol, a ser tratada no segundo capítulo por estes mesmo clubes, em 1904, que a cidade sofreria um surto de agremiações. O torneio iniciado em 1905 alterou o cotidiano do lazer em Salvador. Praticamente todos os domingos, geralmente entre os meses de março e setembro, havia jogo no Campo da Pólvora. Estas partidas atraíam um bom público interessado na novidade, o lugar não era privado e ficava no distrito de Nazaré, centro da cidade e com acesso relativamente facilitado. Por estes fatos, a presença do jogo de bola em Salvador já diferia do remo, uma vez que este tinha o seu espaço em Itapagipe, relativamente longe do centro urbano. Certamente a Liga de futebol fundada pelo Vitória e seus coligados teve influência direta na fundação de novos grêmios.

Apenas um ano após a primeira edição do torneio facilmente encontramos o surgimento de mais de três dezenas de associações esportivas. Uma parte considerável delas

tinha em seus nomes a palavra *Foot-ball* o que indicava que a principal prática esportiva era aquela atividade. Sobre o Ceará *Foot-ball Club* o *Diário de Notícias* informou que “mais uma sociedade de *foot-ball* acaba de ser fundada nesta capital, o que demonstra o gosto que entre nós se vai tomando pelos sports, tão úteis ao desenvolvimento físico.”⁷³ Sobre as associações que vinham com o termo Sport Club podemos supor que o futebol poderia ser uma prática, embora não fosse a principal.

Dentre as modalidades comumente encontradas nos periódicos destacavam-se o ciclismo, as corridas pedestres, a esgrima e a ginástica. Executando-se as principais agremiações, infelizmente foi muito difícil encontrar maiores informações sobre o cotidiano esportivo da grande maioria dos clubes. Eles costumavam aparecer apenas em notícias que informavam muito sucintamente a ocorrência dos seus eventos, geralmente partidas de futebol. Também não existia na imprensa da cidade nenhum periódico especializado em esporte, coisa que no Rio de Janeiro era presente desde o século XIX. Só na década de 1920 é que o esporte na Bahia passaria a ter uma cobertura mais ampla e detalhada por parte da imprensa.

Outra forma de aparecer, e a que mais ocorria, partia da iniciativa dos próprios dirigentes que, ao fundarem seus *teams*, recorriam à imprensa para anunciar a novidade. Sobre o Sport Club Olinda, o *Diário de Notícias* em 1906 divulgou:

A digna diretoria desse *club* esportivo, cujo nome pomos no alto desta notícia e que recentemente se instalou em Itapagipe, com sede à Praça Conselheiro Freire de Carvalho, no intuito elogiável de desenvolver física moralmente os seus associados por meio e diversões efetuadas naquele apreciado arrabalde nos enviou no sábado último a lista dos seus diretores no dia 16 do fluente, para que aqui transcrevemos.⁷⁴

Naquele mesmo ano e nos seguintes os jornais divulgaram muitas notícias de fundação de clubes no interior do estado, evidenciando a expansão do movimento clubístico para além da capital. Não raramente os jovens da ilha de Itaparica, Nazaré das Farinhas, Mar Grande, Santo Antônio de Jesus, Feira de Santana e Ilhéus utilizavam-se dos periódicos soteropolitanos para informar o surgimento das suas agremiações. Em junho de 1906, Mario Vicente Viana, o primeiro secretário do Sport Club Guarany, anunciava que, em maio daquele

⁷³ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 20 de julho de 1906. Entre os clubes noticiados pelo *Diário de Notícias*, encontramos: Ceará *Foot-ball Club*, Caymbé *Foot-ball Club*, Sport Club Santa Cruz, Fluminense *Foot-ball Club*, Sport Club Java, Ideal *Foot-ball Club*, Sport Club Patria, Sport Club Olinda, Sport Club Phebo, Sport Club Paraíso, Grupo *Foot-ball Chile*, Sport Club Republicano, Sport Club Liberdade, Sport Club Primavera, Athletico *Foot-ball Club*, Derby *Foot-ball Club*, Ceci *Foot-ball Club*, *Foot-ball Club Transwall*, Sport Club União e Sport Club Athenas.

ano, “reunido diversos jovens da sociedade santamarense, formaram o club já nomeado e destinado ao exercício de jogos *sportivos* tão necessário à recreação ao desenvolvimento da sociedade.”⁷⁵

Embora a imprensa louvasse a fundação de clubes esportivos por acreditar neles enquanto um espaço de efetivação de novos ideais difundidos nas suas colunas e editorais, podemos supor que alguns sujeitos que participavam destas agremiações poderiam não ter tanta preocupação em seguir os preceitos dos jornais e intelectuais. Talvez estivessem em busca de novas sociabilidades sem que estas necessariamente fossem revestidas de ideais propagandeados por jornalistas, médicos e educadores. Estes clubes de condição social variada funcionavam como espaço de lazer que poderiam expressar desejos próprios. Além disso, clubes como Ceará e Olinda sugerem que existia uma questão de identidade regional que passavam pela sua fundação.⁷⁶

Por outro lado, a presença de uma elite intelectual em contato com as ideais de civilidade, principalmente nos clubes abastados, pode indicar que estes também não deixavam de acompanhar as transformações vigentes na Europa e a sua maneira tentavam vivenciá-las.

Ainda que houvesse uma proliferação de clubes, era bem claro para os sócios do Vitória, Internacional, São Salvador e outros clubes posteriores, o ideal de distinção sociorracial nas suas agremiações, uma tentativa de se manterem longe dos populares e setores médios. O perfil social daqueles, até então os mais elitizados da cidade, indica que, ao menos nos primeiros anos, os seus sócios pertenciam aos segmentos mais abastados da sociedade soteropolitana. Como vimos, Zuza Ferreira e os Costa Pinto, jogadores do São Salvador eram respectivamente filho de um grande banqueiro do *Bristh Bank* e proprietários de engenhos no Recôncavo baiano. Por sua vez, o Vitória tinha como principais incentivadores, Juvenal e Álvaro Tarquínio,⁷⁷ membros da família Tarquínio, além de alguns filhos da família Martins Catharino. Ambas as famílias possuíam as principais indústrias do ramo têxtil da cidade. Por fim, a própria origem dos ingleses do Internacional revela a sua

⁷⁴ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 25 de maio de 1906.

⁷⁵ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 07 de junho de 1906.

⁷⁶ Voltaremos a este assunto com mais profundidade no terceiro capítulo.

⁷⁷ Para se ter uma noção da condição social dos irmãos Álvaro e Juvenal, encontramos o inventário dos dois que morreram de forma desconhecida em 1908. No documento as posses dos irmãos somavam 35:588\$060.

distinção social: eram negociantes, donos e representantes de grandes casas comerciais e empreendimentos ou empregados em bancos.⁷⁸

Neste momento, o caráter elitista destes clubes pode ser observado principalmente pela sua estrutura organizativa através de estatutos que regulavam a admissão dos seus adeptos. Uma análise um pouco minuciosa de alguns documentos oferece pistas sobre o processo de distinção sociorracial.

Em estatutos de alguns clubes identificamos quais os critérios de seletividade que regulavam a participação dos indivíduos nas agremiações, bem como as funções e obrigações pertinentes a cada associado. Além disso, nestes documentos eram definidos os pagamentos e outras atribuições. Ricardo Azevedo, em livro sobre a história do Esporte Clube Vitória, conseguiu localizar o seu primeiro estatuto de 1903. Entre outras informações, o documento definia em seu artigo nº 5:

São Membros do Club todos os cidadãos maiores de 18 anos, de qualquer estado e nacionalidade, de bom comportamento, que não pertençam a outro Club Sportivo desta Capital e que sendo propostos por um ou mais sócios forem aceitos pela Diretoria.⁷⁹

É válido ressaltar que a admissão de sócios por parte do clube era caracterizada pelo rigor e seletividade. O sentido da distinção e diferenciação dos integrantes de um clube é visível na medida em que este estabelece critérios que permitia e negava a participação de determinados sujeitos. No caso do Vitória, para ser admitido, o interessado deveria ter um “bom comportamento” e, principalmente, ser recomendado por outros sócios. Este segundo critério criava uma rede de sociabilidade, impossibilitando a entrada de pessoas desconhecidas. Ao final, o Vitória, para o seu sócio, seria como uma extensão da sua família e dos seus amigos. No acervo Aroldo Maia, localizado na Sudesb, encontramos outros estatutos em que transparecem de modo mais explícito a ideia de distinção. No estatuto do *Yankee Foot-ball Club*, fundado em 3 de outubro de 1914 pelo próprio Aroldo Maia e seu irmão Alexandre Maia Filho (falaremos sobre este clube mais adiante), são presentes as seguintes determinações no que diz respeito aos indivíduos que não poderiam se filiar ao clube:

Capítulo III
Da Admissão, Eliminação, Readmissão e Punição dos sócios.

⁷⁸ Embora analisando os aspectos religiosos, Elizete da Silva elabora um perfil social acerca dos ingleses residentes na Bahia naquele período. Para mais informações: SILVA, Elizete da. *Cidadãos de outra pátria: anglicanos e batistas na Bahia*. Tese (Doutorado em História). São Paulo. FFLCH-USP. 1998.

⁷⁹ Estatuto do Esporte Clube Vitória, 1903 apud: AZEVEDO, Ricardo. *op.cit*, p. 44.

Art. 15 Não poderão ser admitidos como sócio deste club.

- a) aqueles que exerçam profissões humilhantes que lhes permitam recebimento de gorjetas;
- b) os que tirem proveito da pratica de *sport* direta ou indiretamente;
- c) os guardas civis e praças de pret. (sic) excetuando-se, porém, aqueles que forem obrigados ao serviço militar em virtude de sorteio e os alunos das escolas militares;
- d) os que se entreguem a exploração de jogos proibidos; os analfabetos e os que embora tendo posição, profissão ou emprego estejam a juízo da Diretoria abaixo do nível moral exigido pelo amadorismo;
- e) os pronunciados enquanto durarem os efeitos da pronuncia e todos aqueles que forem condenados por crimes capitulados no Código Penal ou provadamente culpados de atos desonrosos.⁸⁰

Observem que as categorias proibidas de associação, como analfabetos, guardas civis, soldados de baixa patente, os praças de pret⁸¹, e trabalhadores de profissões consideradas humilhantes, são justamente aquelas que envolvem os grupos subalternizados e negros da sociedade naquele momento. Podemos supor que mesmo uma pessoa que tivesse condições econômicas suficientes para pagar as mensalidades do clube, não tinha a sua adesão garantida. No caso do *Yankee*, além do dinheiro era necessária uma condição moral respeitável. Mesmo que um candidato a sócio não se encaixassem em nenhuma das restrições acima, para ser admitido em sua proposta deveria constar o seu nome “nacionalidade, residência, idade, estado civil e profissão.”⁸²

Já o documento de 1911 que rege o Sport Club Bahia⁸³, fundado em 1906, determina em parágrafo único que “em hipótese alguma poderá fazer parte do Club pessoas de cor.”⁸⁴ Para a admissão de novos sócios pelo clube, algo parecido com uma investigação da vida do interessado era realizada. Os artigos seis e sete oito e nove, por exemplo, esclarecem:

Art. 6º. Para a admissão do Club é necessário:

- a) Ser proposto por um sócio em gozo dos seus direitos;
- b) Na proposta deverá constar o nome, a residência e a profissão honrosa do proposto;
- c) Que a proposta tenha parecer favorável da comissão de sindicância;

Art. 7º.

O sócio proponente será responsável pelo compromisso de entrada do sócio proposto, se, dentro de trinta dias da data da comunicação de sua admissão, não satisfazer as exigências insertas nos presentes Estatutos.

Art. 8º

⁸⁰ *Estatuto do Yankee Foot-ball Club*, 1914, p. 9.

⁸¹ O praça de pret era um soldado contratado por dia de trabalho. Esta categoria era a mais inferior dentro da hierarquia militar. Acima dela existiam os oficiais inferiores e superiores cujo regime de trabalho era baseado em um contrato de três anos. O praça de pret era uma categoria socioprofissional subalternizada na sociedade. Juntamente com os analfabetos, não podiam votar.

⁸² *Estatuto do Yankee Foot-ball Club*, 1914, p. 8.

⁸³ Não confundir com o atual Esporte Clube Bahia, fundado em 1931.

⁸⁴ *Estatuto do Sport Club Bahia*, 1911, p. 4.

As propostas serão enviadas ao Presidente do *Club*, o qual as remeterá ao 1º secretário, a fim de serem enviadas à Comissão de Sindicância que dará parecer no prazo máximo de oito dias.

Art. 9º

Para a proposta de admissão seja aceita, será necessário que obtenha aprovação de dois terços da Comissão de Sindicância.⁸⁵

Existia uma preocupação em saber toda a vida do interessado a ingressar no clube, para assim atestar a sua boa índole. Assim como no Vitória, a entrada de um novo sócio no Bahia estava condicionada a indicação de um sócio mais antigo, o que também contribuiu para a criação de uma rede de solidariedade que excluía pretensos sócios indesejáveis e que não tivessem relação com os antigos.

Enfim, pelo estatuto é possível observar a constituição dos processos de distinções e diferenciações sociorraciais utilizados pelos clubes esportivos. Enquanto instituições por vezes idealizadas, visando uma renovação dos costumes soteropolitanos, os clubes de elite seguiam uma lógica sociorracial na qual os negros e subalternizados, não raramente taxados de incivilizados, não deveriam ou não poderiam participar dos clubes, pois não teriam condições de compartilhar determinados códigos. Pelo contrário, no contexto de racialização das relações sociais, no pós-abolição buscou-se uma hierarquia na qual principalmente os negros se encontravam em uma posição desprivilegiada em que suas práticas, comportamentos, códigos, tradições e sociabilidades eram consideradas inferiores, quando não biologicamente degeneradas.⁸⁶

Neste sentido, a presença de negros e populares, ao menos nos clubes de elites carregados por uma ideologia racial excludente, traria efeitos negativos visto que o objetivo era uma renovação cultural segundo os padrões de uma Europa idealizada. A preocupação do Yankee em não ter em seus quadros trabalhadores de profissões humilhantes era um indicativo de que o aceitável era a presença de sócios ligados às profissões intelectuais ou de setores que legitimassem a condição de clube distinto.

Além dos artigos que regiam as admissões nos clubes, existiam outros mecanismos de distinção. Para ser membro de uma agremiação esportiva era necessário contribuir com certas quantias. Para ser sócio do Bahia era preciso 10\$000 de joia e 3\$000 de mensalidade.⁸⁷ No caso do Vitória, em 1903, a joia de entrada era de 10\$000, sendo que a mensalidade estava

⁸⁵ *Estatuto do Yankee Foot-ball Club*, 1914, p. 9.

⁸⁶ Este processo encontrou legitimidade, sobretudo, nas teorias raciais muito em voga no início do século XX. Para mais informações, consultar: SKIDMORE, T. *Preto no branco. Raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

⁸⁷ *Estatuto do Sport Club Bahia*, 1911, p. 3.

no valor de 5\$000. Por sua vez o Yankee estipulava a joia de 10\$000 e 2\$000 de mensalidade, “podendo a diretoria aumentá-la até 5\$000 quando achar conveniente.”⁸⁸

Nestes e praticamente em todos os outros clubes ainda existiam outras categorias de sócios que conferiam aos associados certa distinção dentro do próprio grêmio. Fora os efetivos, os quais já falamos, geralmente existiam outros três tipos de associação. Com algumas variações, estes eram os fundadores, “aqueles cujos nomes entraram para a lista dos sócios até o dia da instalação solene.”⁸⁹ Os beneméritos e os honorários, os que, de alguma forma, prestaram serviços relevantes ao clube. Particularmente, estas duas últimas categorias chamam mais a atenção, pois um bom serviço prestado à agremiação poderia ser a indicação de novos sócios ou a doação de quantias vultosas para o clube. Para ser benemérito do Bahia, o adepto propunha 20 sócios ou desembolsava 200\$000. No Yankee, para alcançar este status, os valores subiam para 50 sócios ou 1:000\$000.

Por estes valores podemos inferir que a existência de categorias de sócio que poderiam ser adquiridas por altas somas de dinheiro revelam a tentativa de oferecer para os sócios mais uma possibilidade de distinção social em um ambiente já restrito. Alguns destes princípios permaneceram durante um bom período nos clubes baianos. No estatuto do Itapagipe de 1928, por exemplo, o primeiro parágrafo do Art. 9º institui a “honraria de sócio Grande Benemérito, distinção que excede todos os outros, por isso mesmo, só sendo conferida a juízo da diretoria, que poderá perpetuar na sede o nome desse inestimável colaborador.”⁹⁰ Para conseguir a tal honraria ou indicava 100 sócios ou contribuía com 1:000\$000. Se para entrar nestas organizações já era uma distinção, ser um sócio benemérito era a marca da honraria.

No caso do Yankee, do Sport Club Bahia e outros que surgiram após a chegada do futebol e, portanto, tiveram que conviver com o surto de associações, a criação de estatutos rigorosos era uma política de diferenciação em relação aos grêmios mais populares. A relativa facilidade em fundar clubes oportunizados pelo futebol fez com que os que quisessem se destacar no cenário esportivo criassem códigos e condutas comportamentais cada vez mais excludentes.

Embora extrapole o recorte temporal deste texto, o estatuto da Associação Atlética de 1937 é um exemplo do limite em que o processo de exclusão e diferenciação poderia

⁸⁸ *Estatuto do Yankee Foot-ball Club*, 1914, p. 7.

⁸⁹ *Estatuto do Sport Club Bahia*, 1911, p. 3.

⁹⁰ *Estatuto Club de Regatas Itapagipe*, 1928, p. 7.

chegar e durar. Neste estatuto, além de gozar de bom conceito e ter boa conduta, exercer e ter exercido profissão lícita, exigia-se dos seus candidatos a associado “não sofrer de doença infectocontagiosa e não apresentar defeitos físicos irreparáveis que possam fazer constrangimento ao convívio social.”⁹¹ A exigência do clube aponta para a necessidade de um perfil de sócio que contribuísse para que a organização mantivesse as suas dependências higiênica e esteticamente saudável. Se para a Associação um espaço saudável era sinônimo de ausência de deficientes físicos, podemos deduzir que, dentro de uma lógica racial, um ambiente saudável, limpo e higiênico também poderia significar um espaço sem negros.

O caráter seletivo dos clubes pode ser traduzido em uma palavra que até meados da década de 1930 definiu a condição do futebol e dos clubes em Salvador: o amadorismo. Esta condição, nem sempre cumprida à risca, foi experimentada heterogeneamente em todo o Brasil, constituindo-se em uma tentativa de regular e limitar a participação de grupos subalternizados nos principais clubes e campeonatos esportivos.⁹² O considerado amador era a pessoa que tinha uma profissão bem aceita pela sociedade e não dependeria do esporte para garantir seu sustento. Assim acontecia nos principais clubes baianos até aquele momento: Internacional e São Paulo eram formados, respectivamente, por colonos ingleses e paulistas que se estabeleceram em Salvador, ao passo que o Vitória e o São Salvador tinham sua base formada na burguesia soteropolitana. Além destes, o Yankee *Foot-ball* Club, a Associação Atlética, ambos de 1914, e o Bahiano de Tênis de 1916 formavam o grupo dos clubes mais elitizados da cidade.

Até meados da década de 1930, o esporte não era aceito como uma profissão. Outro dado notável é que naquele momento, pelo menos nos dez primeiros anos do futebol, ainda não existia o interesse pelo desempenho dos jogadores. Mesmo um indivíduo sendo um grande esportista não necessariamente pertenceria a um clube de elite.⁹³ Um exemplo de como pobres e negros não eram aceitos nos clubes de elite mesmo sendo bons jogadores pode ser encontrado no São Salvador. Em suas memórias sobre o futebol, Dr. Wilobaldo de Campos tesoureiro do Bahiano de Tênis, escrevendo em 1923 lembra:

⁹¹ *Estatuto da Associação Atlética da Bahia*, 1937, p. 10.

⁹² Leonardo Affonso Miranda indica semelhantes casos no Rio de Janeiro. PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania...*, p. 23 – 102.

⁹³ Este foi o caso de Popó. Considerado o principal jogador negro nas décadas de 1920 e 1930 nunca pode jogar no Bahia, clube o qual tinha desejo de atuar. Segundo Rubem Bahia jogador do primeiro time do Bahia embora Popó desejasse jogar naquele time, não podia, pois era negro. Ver: FERNANDES, Bob. *Bora, Bahêeeel!: a história do Bahia contada por quem a viveu*. São Paulo: DBA Artes Gráficas, 2003.

(...) a estranheza que causou e atingiu até proporção de um verdadeiro e ruidoso escândalo quando o São Salvador escalou no seu elenco em segundo ou terceiro ano de campeonato um folguista inglês do “Orita”, desembarcado temporariamente neste porto e mais tarde, a admissão para sócio de um moço de cor parda, digno embora, com boas qualidades de caráter e ótimo comportamento.⁹⁴

Oficialmente, o amadorismo deixou de existir em 1934. Contudo, antes deste período, gradativamente o futebol carregava uma dimensão profissional. Isso porque em determinado momento o talento dos jogadores se tornou um elemento a ser valorizado por conta do ideal de competitividade que começava a fazer parte do futebol. Ademais, ter um time competitivo poderia significar algum retorno financeiro, daí a necessidade de formar boas equipes, oferecendo vantagens financeiras para os jogadores. Em Salvador, este processo parece adquirir força no final da década de 1910.⁹⁵

Após o surto de associações nos primeiros anos de futebol, Salvador, nas duas décadas do século XX, experimenta um fluxo quase que ininterrupto de surgimento de clubes que, embora fossem diversos quanto a sua composição social, tinham uma preocupação em oferecer para os seus sócios novas formas de lazer relacionadas com o exercício do corpo.

Isso não quer dizer que em Salvador não existiam divertimentos que envolvesse alguma atividade corporal. Todavia, estas não podiam ser definidas enquanto práticas esportivas. Mário Gama, um *sportman*, secretário do Club Bahiano de Tênis em 1921, nas horas vagas memorialista dos esportes baianos, afirmava que:

Entre nós devem ter sempre existido desde os primeiros dias de sua independência, exercícios que visavam, não o desenvolvimento metódico e racional do corpo humano, mas a demonstração da capacidade física de cada indivíduo. Não havia o intento, jogos de então, de um desenvolvimento físico a par do aperfeiçoamento de certas qualidades do espírito, qualidades essas, segundo a opinião de todos os autores modernos, indispensáveis à prática do Sport na sua própria significação.⁹⁶

O comentário do autor indica o argumento que define historicamente o surgimento do esporte. Em seu sentido moderno, esporte se referia a uma prática de exercício do corpo sistematizada e acompanhada de métodos racionais. Outro objetivo tão importante quanto exercitar o corpo metodicamente era que a atividade deveria estimular qualidades do espírito

⁹⁴ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 117, 21 de julho de 1923.

⁹⁵ Este assunto será discutido no quarto capítulo.

⁹⁶ GAMA, Mario. Como os “sports” se iniciaram e progrediram na Bahia. In: *Diário oficial do Estado da Bahia, Edição Especial do Centenário*. Salvador: s.e, 1923, p. 319.

como o controle das emoções, a lealdade e o cavalheirismo.⁹⁷ Deste modo, historicamente o esporte estava inserido nos novos parâmetros culturais auferidos pela cultura ocidental, como a busca pelo corpo física e mentalmente saudável. Nas sociedades contemporâneas este deveria ser exercitado metodicamente, para acompanhar o novo ritmo das cidades. Para Mônica Schpun, a “urbanização exige assim uma nova cultura física masculina e feminina, novas atividades e novas formas de apresentação corporal próprias à cidadania que se institui nas cidades grandes.”⁹⁸ Correspondendo a objetivos morais, sociais e ideológicos, o esporte tinha como meta permitir que homens e mulheres “se recreassem, distendessem e remediassem pela pressão suscitada pelas exigências das cidades, aumentando ao mesmo tempo a capacidade daquelas para o aforismo da competitividade que permeava algumas esferas da vida social como o trabalho.”⁹⁹

Enfim, as práticas esportivas buscavam mesclar contraditoriamente elementos advindos de uma aristocracia, como o respeito e a lealdade, com as demandas do mundo capitalista como o trabalho em equipe, e por funções, a competição, a disputa e a superação. Portanto, atividades corporais, como a cavallhada, existentes na Bahia na década de 1820, para os próprios contemporâneos não se encaixariam na modalidade de esporte. Embora estas atividades fossem formas de lazer envolvendo o exercício do corpo, não estavam preocupadas em desenvolvê-lo racionalmente, tampouco estavam pensando em aprimorar as qualidades do espírito.¹⁰⁰

Para Mario Gama e os seus contemporâneos nem mesmo as corridas de cavalo poderiam ser consideradas totalmente como práticas esportivas.¹⁰¹ Estas, desde o final do século XIX, eram realizadas no *ground* da Boa Viagem e do Rio Vermelho, que em 1907 foi adaptado para o futebol. Nas duas primeiras décadas do século XX, foi muito difícil encontrar notícias sobre o turfe, o que dificultava a sua precisa localização. Supomos que esta atividade

⁹⁷ Sobre o conceito moderno de esporte dois referenciais são importantes: BOURDIEU, Pierre. "Como é possível ser esportivo?". In: BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983 e ELIAS, Norbert & DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

⁹⁸ SCHPUN, Mônica Raisa. *Beleza em jogo: cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20*. S. Paulo: SENAC, 1997, p. 107. Para uma análise mais detida sobre o caráter civilizatório do futebol no Brasil conferir: LUCENA, Ricardo de Figueiredo. *O esporte na cidade: Aspectos do esforço civilizador brasileiro*. Campinas, 2000. Tese (Doutorado em Educação Física) Unicamp, 2000; MELO, Victor Andrade de. *Cidade "Sportiva"*. Rio de Janeiro: Relume Dumará/Faperj, 2001.

⁹⁹ VIGARELLO, Georges, HOLT, Richard. Ginastas e esportistas no século XIX. In: CORBIN, Alain (org.). *História do Corpo, volume 2*. Petrópolis: Editora Vozes, 2008. p. 420.

¹⁰⁰ Uma análise sobre as práticas corporais que não eram esportes pode ser encontrada em: DEL PRIORE, Mary. "Jogos de cavalheiros": as atividades físicas antes da chegada do esporte. In: _____ & MELO, Victor Andrade. (org.) *História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais*. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

¹⁰¹ Nos próprios textos do autor e de outros que sintetizavam a história do esporte na Bahia não encontramos nada ou quase nada sobre o turfe.

teve dois momentos de prática regular: nas duas últimas décadas do século XIX e a partir de 1920, quando voltou a ser realizado no Rio Vermelho e passou a ser periodicamente noticiado na imprensa.¹⁰²

O turfe era uma prática emblemática, pois, embora possuísse elementos da cultura esportiva, como a competição, a disputa e, em alguns momentos, um esboço de calendário próprio, não tinha, ao menos para os contemporâneos, as características mais elementares para ser definida como um esporte.¹⁰³ Segundo Mario Gama, os autores eram unânimes em concordar que “só há *sport* propriamente dito, quando tais exercícios físicos são praticados com método, não somente com o fito de aperfeiçoar o corpo humano, mas também, e muito principalmente, com o de educar o espírito.”¹⁰⁴ Por esta condição ficava difícil para os autores chamar de esporte uma atividade em que os cavalos se exercitavam. Além disso, a corrida de cavalos favorecia as apostas, prática que ia de encontro ao aperfeiçoamento das qualidades do espírito.¹⁰⁵ No final, conceitualmente falando, o turfe se estabelecia em um espaço intermediário, inclinando-se mais para a cavalhada do que para o remo ou o futebol.

De acordo com Mario Gama, na Bahia, por volta nas décadas de 1860-70, “é que se começou a praticar alguma coisa que, embora de longe, se assemelhava a *sport*.”¹⁰⁶ Ele se referia ao críquete, que naquele período, timidamente praticado pelos ingleses, progressivamente se desenvolveu, e entre 1899 e 1902 já contava com alguma estrutura clubística, com a fundação do Vitória e do Internacional.

Em um primeiro momento, as empreitadas dos clubes baianos buscavam responder às demandas impostas pelo adágio “mente sã, corpo sã”. Eram nestas agremiações que os jovens ricos buscavam aliar lazer e saúde através das atividades esportivas. Além de oferecer para os sócios um lugar apropriado para o fomento das práticas esportivas, as agremiações paulatinamente se tornavam espaços para encontros e eventos sociais, os quais eram frequentados não só pelos *sportmen*, mas pela alta sociedade de um modo geral. Se nos

¹⁰² Com a construção do Campo da Graça em 1920 a maioria das partidas de futebol passou a ocorrer naquela praça diminuindo a utilização do *ground* do Rio Vermelho. Isso favoreceu a prática do turfe com mais regularidade.

¹⁰³ Sobre os problemas de definir o turfe como esporte conferir: MELO, Victor Andrade. Das touradas Às corridas de cavalo e regatas: primeiros momentos da configuração do campo esportivo no Brasil. In: _____ & DEL PRIORE, Mary. (org.) *História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais*. São Paulo: Editora Unesp, 2009, p. 62 – 70.

¹⁰⁴ GAMA, Mario. Como os “sports” se iniciaram e progrediram na Bahia. In: *Diário oficial do Estado da Bahia, Edição Especial do Centenário*. Salvador: s.e, 1923, p. 319.

¹⁰⁵ Sobre as apostas no turfe, conferir: MELO, Victor Andrade de. *Cidade "Sportiva"*. Rio de Janeiro: Relume Dumará/Faperj, 2001, p. 163 – 172.

¹⁰⁶ GAMA, Mario. Como os “sports” se iniciaram e progrediram na Bahia. In: *Diário oficial do Estado da Bahia, Edição Especial do Centenário*. Salvador: s.e, 1923, p. 319.

primeiros anos os clubes ainda estavam se estruturando, é a partir da década de 1910 que a fundação de grandes agremiações como Bahiano de Tênis e Associação Atlética, definitivamente, se levaria a noção do que deveria ser um clube esportivo para outro patamar.

O Bahiano de Tênis e um novo ideal de clube para Salvador

Embora a maioria dos clubes esportivos de elite reunisse os sujeitos mais ricos da cidade, até meados da década de 1910 uma parte significativa deles ainda não possuíam grandes estruturas ou tinham sedes modestas. Estas, quando existiam se resumiam a espaços destinados a parte administrativa e burocrática. Para uma noção mais precisa, no final dos anos 1910 é que as agremiações passariam a ter sedes próprias e maiores. Um exemplo disso foi o Vitória, que em 12 de agosto de 1923, na quinta da Barra ampliou o seu espaço com a inauguração de um campo particular.¹⁰⁷ Boa parte das sedes das agremiações se constituía em salas alugadas ou emprestadas no centro da cidade. As instalações dos clubes sociais Caxeiral e Euterpe, as dependências do Montepio dos Artistas ou escritórios de empresas muitas vezes foram utilizadas para reuniões e assembleias. As sedes sociais eram no máximo uma pequena construção com alguns cômodos e uma recepção.

O surgimento do Bahiano de Tênis, em 1916, mudou significativamente a ideia de estrutura que os clubes esportivos elitizados deveriam ter. Também denominado de alvinegro ou o aristocrático foi fundado por não mais de trinta sócios, dentre os quais constavam os engenheiros Mário Tarquínio e Edgar Luz, além de outras personalidades como Francisco Pinto de Aguiar e Joaquim Espinheira Costa Pinto. Assim como no Vitória e no São Salvador, alguns idealizadores do Bahiano pertenciam às famílias Tarquínio e Costa Pinto. Joaquim Espinheira ajudou a fundar tanto o Vitória, quanto o alvinegro.

Essa constatação ratifica a nossa hipótese que estas famílias, embora pertencessem a setores diferentes da sociedade, estabeleciam vínculos de solidariedade através do esporte. A liderança do São Salvador, Vitória, Itapagipe, Bahiano de Tênis nas mãos de duas ou três famílias é um indício que estas, assim como nos casamentos arranjados e nos conchavos políticos, procuravam reproduzir na direção dos clubes esportivos a manutenção de certo prestígio social. Apesar de em determinados momentos estes clubes possuírem sócios diversos, a direção que decidia seu destino era concentrada nos mesmos sujeitos.

No que tange à presença constante dos Costa Pinto nos clubes abastados podemos, interpretar que os membros desta família ao se envolverem com um tipo de atividade

tipicamente urbana contribuía família expandisse a sua área de influência. Segundo Kátia Mattoso, os Costa Pinto na figura do seu fundador Antônio da Costa Pinto se estabeleceu na Bahia enquanto proprietário rural e no início do século XIX possuía diversas propriedades no Recôncavo. Acumulando riquezas, “em 1880, os Costa Pinto, fundaram a usina de Bom Jardim, primeira usina central de açúcar da Bahia e a segunda do Brasil, e foram pioneiros na introdução de técnicas agrícolas modernas.”¹⁰⁸ A trajetória dos seus descendentes expressa na fundação e organização de clubes e no ingresso em áreas como a medicina e o comércio apontam para a tentativa dos Costa Pinto em acompanhar as mudanças sociais que levava a uma reconfiguração das elites.¹⁰⁹ A própria adoção de técnicas modernas na agricultura demonstra uma mudança de mentalidade mesmo em um setor econômico tradicional.

Em um dos primeiros documentos do clube consta que os jovens se comprometeriam a “pagar a joia de 50\$000 e uma mensalidade de 5\$000 para a fundação de um club de ténis com limite máximo de trinta sócios.”¹¹⁰ Pelo valor da joia, cinco vezes maior do que a do Vitória, é possível imaginar as pretensões do Bahiano. Com o propósito inicial da prática do ténis, esporte pouco cultivado naquele momento, o alvinegro também começou com relativas dificuldades. A primeira sede do clube não passava de “uma simples barraca de lona adquirida por 30\$000 angariados em subscrição.”¹¹¹ Ficava em um terreno na Ladeira da Graça que, pertencendo à senhora Adelaide Tarquínio, foi cedido por um período de três anos. Neste mesmo local foram iniciadas as construções das quadras de ténis, os chamados *courts*, “onde foram gastos aproximadamente 4:000\$000.”¹¹² Um depoimento de Mário Gama, um dos primeiros sócios, revelava detalhes do entusiasmo em construir as estruturas do clube. A animação era tamanha que até os associados ajudavam na construção do *court*:

A construção do primeiro *court* começava. Nós, os que havíamos aderido à ideia da fundação de um grêmio para cultivar tão lindo esporte íamos aos domingos e nos dias úteis em que o tempo nos sobrava ao terreno cedido pela Exma. Viúva Tarquínio, a fim de ajudar ao Edgar Luz que estava superintendendo os primeiros trabalhos de nivelamento.

E todos nós metíamos mãos à obra, carregando pedras e fazendo outros serviços pesados. O primeiro *court* ia surgindo, o leito de concreto e, em seguida, as camadas de saibro.¹¹³

¹⁰⁷ AZEVEDO, Ricardo. *op.cit.*, p. 188.

¹⁰⁸ MATTOSO, Kátia Maria de Queirós, *Bahia, século XIX: uma província do Império*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1992. p. 184.

¹⁰⁹ Como vimos, Carlos Cota Pinto e José de Aguiar Costa Pinto, por exemplo, se destacaram na cidade ao serem respectivamente um grande comerciante e um médico formando na Faculdade de Medicina.

¹¹⁰ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 117, 21 de julho de 1923.

¹¹¹ Idem.

¹¹² Idem.

¹¹³ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 159, 02 de julho de 1924.

A empolgação parecer ter contagiado outros jovens da cidade e ao final da construção do *court*, a “natural afluência de pedidos para associados obrigou o clube a aumentar o limite de trinta para cem sócios.”¹¹⁴ Com a construção das quadras já não era possível o clube ter como sede uma pequena barraca. Desta forma, a construção de um prédio no mesmo terreno já havia sido planejada em concomitância com o *court*. Para isso os diretores do Bahiano “em assembleia geral de 23 de janeiro de 1916 resolveram aumentar as mensalidades de 5\$000 para 10\$000.” Além disso, contraíram um empréstimo de 8:000\$000 para construção da nova sede, que seria “um pequeno pavilhão, que com o máximo de simplicidade, satisfizesse aos requisitos de conforto e higiene.” Segundo Adlherbal Menezes sócio do clube nos anos 1920, o pavilhão:

Era uma sede de madeira onde havia duas salas e no meio era aberto, tinha cobertura, mas não tinha paredes. Era uma espécie de uma varanda, aberta para os dois lados. A turma ficava sentada lá para bater papo, conversar.¹¹⁵

Apesar de ser uma sede modesta, o então presidente, Mário Tarquínio não poupou esforços para oferecer uma grande confraternização no momento da inauguração da edificação. O jornal *A Tarde* foi um dos órgãos que cobriram a festa transcrevendo o discurso do presidente:

O Club Bahiano de Tênis, fundado, a 25 de agosto de 1916, teve o seu berço no pensamento de alguns jovens, nos quais não tinha de todo sucumbido o instinto esportivo.

Modesto em seu nascimento, o Club Bahiano de Tênis foi naturalmente progredindo, até que presentemente, devido ao esforço mútuo de seus sócios, é uma sociedade, se não perfeita, contudo em condições de satisfazer às necessidades que lhe são impostas.

A criação de uma sociedade, na qual o belo sexo pudesse cultivar os esportes, era uma necessidade que a Bahia de há muito carecia.

Vejo felizmente essa lacuna desaparecer pouco a pouco pelo interesse que vão tomando as nossas gentis patrícias na prática do jogo de tênis.

E quando me recordo que a força da Grécia, no tempo do seu apogeu, foi em grande parte devida ao elevado grau de cultura física de seu povo, prevejo também para o nosso querido Brasil uma época, em que seja respeitado pela força dos seus filhos, o que será um fato, quando cada brasileiro compreender que para ser grande é preciso ser forte e para isto é necessário ter uma alma no corpo são, podendo esse ideal ser obtido com uma regular educação esportiva.

Assim, agradecendo, ainda uma vez, a todos os presentes, peço que comigo brindem o futuro do Brasil, o progresso da Bahia e o engrandecimento do Club Bahiano de tênis.¹¹⁶

Não restam dúvidas o quanto a relação entre lazer e cultura física foi absorvida pelo presidente engenheiro. No seu discurso é perceptível um desejo de inscrever o clube em uma

¹¹⁴ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 117, 21 de julho de 1923.

¹¹⁵ Depoimento de Adherbal Menezes, com 88 anos em 1994. In: *Clube Bahiano de Tênis – Memória – 1916 – 1994*. Salvador, 1994, p. 18.

¹¹⁶ Jornal *A Tarde*, Salvador, 27 de agosto d 1917.

cultura de valorização da estética corporal através de uma atividade física. Há, portanto, nas ações do Bahiano a tentativa de corresponder às demandas de um contexto em que, baseada em uma ideologia eugênica, o corpo assumia uma centralidade na sociedade, de modo que o seu desenvolvimento e aperfeiçoamento refletiam uma regeneração física da sociedade.¹¹⁷ De acordo com Leonardo Miranda, embora as discussões sobre a eugenia vigorassem na Europa desde o século XIX, apenas na década 1910 é que a ideia de “melhoria da raça teriam chegado de modo mais claro ao Brasil”¹¹⁸ Finalmente, os dirigentes dos clubes queriam ser um exemplo para a cidade na medida em que os seus feitos inspirassem as pessoas para a prática de alguma atividade esportiva.

Recorrendo até mesmo ao ideal da corporeidade grega, Mário Tarquínio entendia que o avanço do Brasil e conseqüentemente da Bahia necessariamente passava pelo desenvolvimento de uma cultura física. Neste sentido, nada parecia melhor do que um clube para intermediar o progresso do estado através do esporte. Para completar, o diferencial de um clube era que esse progresso estava aliando o lazer ao prazer. Dito de outro modo, Mário Tarquínio e o seu clube buscavam assumir um papel central do progresso baiano pelo esporte que tinha um grande atrativo: poderia ser alcançado através do esporte.

Uma questão importante no discurso do engenheiro era que começava a surgir entre os dirigentes clubísticos baianos uma ideia de que as agremiações esportivas eram entidades que representavam o estado. Assim como a evolução de instituições públicas e privadas, como escolas, faculdades e institutos demonstravam a pujança de um estado, o desenvolvimento de uma cultura esportiva, através da reforma ou construção de sedes modernas e da organização de campeonatos era mais um reflexo do progresso da Bahia. Os esportes, por contribuir para aperfeiçoamento do corpo, gradativamente conquistavam um espaço na pauta de desenvolvimento de países, estados e cidades.¹¹⁹

Com isso, podemos inferir que os ideais, ao menos dos dirigentes dos clubes esportivos elitizados naquele momento se aproximavam mais com os preceitos da imprensa. Esta sempre insistiu na importância dos clubes para a cidade. Porém, no início do século XX, o Vitória, São Salvador e Itapagipe parecem surgir mais preocupados em oferecer formas de

¹¹⁷ Sobre a eugenia: MARQUES, Vera Beltrão. *A medicalização da raça: médicos, educadores e discurso eugênico*. Campinas: Editora da Unicamp, 1994. Sobre o tema na Bahia conferir: COSTA, Iraneidson Santos. *A Bahia já deu régua e compasso: o saber médico e legal e a questão racial na Bahia, 1890 – 1940*. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal da Bahia, 1997.

¹¹⁸ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania...*, p. 283.

¹¹⁹ Sobre este processo: SEVCENKO, Nicolau. Futebol, metrópole e desastinos. In: *Revista USP*, n.22, jun/agos. 1994.

sociabilidade do que ter uma função pedagógica. Ao que parece o Bahiano de Tênis foi um dos primeiros clubes a se perceber mais claramente enquanto uma entidade responsável para o progresso da cidade.

Não demorou muito para que a fórmula do Bahiano conquistasse seguidores. Após a construção da sede, o clube teve um aumento significativo de novos sócios. Industriais, profissionais liberais, comerciantes e personalidades como Miguel e Stela Calmon passaram a frequentar as dependências do clube, seja para a prática do tênis ou para os seus eventos sociais. Nos esportes, o Bahiano passou a praticar o futebol em 1919, através da sua inscrição na Liga Bahiana de Desportos Terrestres, participando do campeonato em 1920. A nova sede do Bahiano também protagonizou algumas festas importantes. Uma delas, em 1918, chamou muita atenção da imprensa na época. Tratou-se de um “*garden party* em benefício das viúvas e órfãos dos marinheiros brasileiros que fizeram parte da esquadra enviada aos mares europeus na grande guerra.” Realizada em 15 de setembro, a festa beneficente foi “encantadora, arrecadando 5:000\$000 que foi entregue ao Dr. Miguel Calmon, então presidente da Liga de Defesa Nacional.”¹²⁰

Outro evento notável foi a recepção e visita de Rui Barbosa, que estava em propaganda da sua candidatura à Presidência da República. Segundo os contemporâneos, “foi uma das festas sociais de maior realce, entre as do ‘Bahiano de Tênis’, o elegante chá dançante oferecido pelo clube em 15 de abril 1919 à senhorinha Mariasinha Ruy Barbosa Ayrósa, graciosa neta do eminente Cons. Rui Barbosa e a sociedade esteve presente a essa festa pela sua mais legítima representação.”¹²¹

¹²⁰ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 159, 02 de julho de 1924.

¹²¹ Idem.



Figura 3: Um chá na segunda sede do Bahiano de Tênis. (Revista *Renascença*, 1917)

Nos seus seis primeiros anos de atividades, o Bahiano teve um desenvolvimento sem igual na história dos clubes esportivos baianos até pelo menos a década de 1930. Um dos motivos do seu sucesso era que o alvinegro aliava a prática do esporte com a realização de grandes festas que reuniam, nas palavras da época, o escol da sociedade soteropolitana. Com tanto sucesso, o Bahiano não demorou a alçar novos voos. A intensidade dos seus eventos e a grande afluência de mais adeptos se tornou incompatível com a sede inaugurada em 1917. Deste modo, o aristocrático mais uma vez se planejou para a construção de um novo espaço, o *Bungalow*, que naquele momento colocaria o Bahiano como maior clube da Bahia e um dos maiores do Brasil.

Os planos do alvinegro eram bem ambiciosos. O primeiro passo para a “concretização de um sonho” foi adquirir definitivamente o terreno de Adelaide Tarquínio. Segundo consta, “honrando o seu título de Sócia Honorária, vendeu ao clube o terreno por um preço muito aquém do seu valor real.”¹²² Foram gastos impressionantes 60:000\$000 para aquisição do terreno.¹²³ Não sabemos como esse dinheiro foi reunido, talvez fosse a receita das mensalidades, joias, provavelmente as maiores entre todos os clubes baianos, e festas que buscavam arrecadar esta soma. Antes da construção, o então presidente do clube Joaquim Espinheira Costa Pinto, em entrevista, falava o que seria o *Bungalow* do Bahiano:

¹²² Idem.

¹²³ Conferir as escrituras de compra e venda do terreno em: *Clube Bahiano de Tênis – Memória – 1916 – 1994*. Salvador, 1994, p. 22 - 23.

Repórter: É bastante amplo e capaz de acomodar a grande frequência que se verifica em todas as festas do Bahiano?

J. E. Costa Pinto: Para se avaliar da extensão do edifício, basta dizer que ocupa uma área de mais de 650 metros quadrados, sem incluir dependências, nem a ampla pérgula, circulando o vasto tablado para danças ao ar livre e o parque de diversão para crianças. – Somos forçados a fazer uma sede de tão grandes proporções, porque atualmente o nosso clube, já dispõe de mais de 610 sócios, o que não tenho dúvida em afirmar, porque na última sessão de diretoria assinei a carteira do 611.

Repórter: E como será a nova sede?

J. E. Costa Pinto: É difícil dizê-lo em todas as suas minúcias sem o projeto à mão. (...) Tenha paciência e aguarde a inauguração que será muito mais breve do que o público pode esperar. E considere-se, desde já, convidado para as festas dançantes que o clube dará todos os sábados.

Repórter: Todos os sábados?

J. E. Costa Pinto: Sim. Essas festas que classifico de comum, naturalmente serão quase sempre iniciadas, segundo projetamos realizar: por um *diner concert*, servido no restaurante do clube até às oito horas da noite. (...) Faremos também as festas das crianças, que já este ano assumiram proporções dignas de registro, fazendo-se distribuição de presentes a mais de mil crianças pobres¹²⁴.



Figura 4: Aspecto da Construção do Bungalow. (Revista Semana Esportiva, 1923)

Iniciadas as obras de construção em meados de 1922, o *Bungalow* ficou pronto em menos de um ano, confirmando as expectativas do seu presidente. A inauguração, propositadamente na data do centenário da independência da Bahia, 2 de julho de 1923, não seria diferente, foi marcada por muita pompa, e no mundo esportivo foi considerado como um dos maiores eventos sociais até então. Presente no primeiro baile da sede reformada, o *A Tarde* noticiou:

¹²⁴ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 112, 26 de maio de 1923.

Noticiamos ontem mesmo as primeiras festas inaugurais do aristocrático grêmio da Barra Avenida.
 O acontecimento social que foi essa inauguração culminou, à noite, no grande baile oficial.
 Uma multidão elegante, legítimo expoente mudano, ocorreu aos deslumbrantes salões do alvinegro.
 Decotes e casacas irrepreensíveis moviam-se, apertavam-se naquele ambiente de luzes, flores e perfumes.
 Faziam-se danças ao som do jazz-band
 Lá fora, a rua estava intransitável. Não há exemplo de tão compacto sereno. E valia a pena.
 Feericamente iluminado, com os seus vidros coloridos resplandecentes, a sede do Bahiano, vista de longe, era linda de ver-se.
 O baile continuou até alta madrugada.¹²⁵

Pelos salões pomposos e pelo *jazz-band* fica evidente que a inauguração do *Bungalow* representou a elevação do conceito de clube esportivo para Salvador. Até então as agremiações esportivas da cidade tinham como principal característica o cultivo dos esportes propriamente dito. Isso não quer dizer que não fizessem festas ou eventos. Porém estes eram secundários, as sedes da maioria daqueles clubes eram mais utilizadas como reuniões e treinamentos.

Além disso, em Salvador também já existiam clubes sociais como o Caixeiral e Euterpe que, além de serem parceiros das agremiações esportivas, promoviam bailes, festas e outros eventos frequentados pelos sócios do Vitória, São Salvador e sociedades congêneres. De acordo com Dain Borges, no início do século XX, o Euterpe, “se tornou o principal clube social da gente fina.”¹²⁶

Finalmente, não se podia esperar muito de algumas agremiações quando começavam sua vida esportiva, uma vez que as suas sedes existentes não eram muito estruturadas ao ponto de oferecer uma diversidade de atividades ou festas para um maior número de pessoas. Até mesmo o antigo pavilhão do Bahiano só podia ser utilizado para algumas festas, reuniões e a prática do tênis no *court*.

O diferencial do *Bungalow* era que várias atividades poderiam ser realizadas simultaneamente no clube correspondendo uma expectativa esportiva e social. Dito de outra forma, o novo edifício do Bahiano pretendia ser uma extensão da casa dos seus sócios com a possibilidade do cultivo do corpo. O prédio tinha dois pavimentos, contava com vários cômodos, salões, salas de leitura, um cinema, um restaurante, loja de souvenirs e vestiários. Oferecia ainda um serviço de Bar, de telefonia e até mesmo uma barbearia, em que homens e

¹²⁵ Jornal *A Tarde*, Salvador, 3 de julho de 1924.

¹²⁶ BORGES, Dain. *The Family in Bahia, Brazil, 1870-1945*. Stanford: Stanford University Press, 1992, p. 65.

mulheres tinham a sua disposição “serviços que variavam de 500 a 1\$500.” Finalmente, as crianças, como havia dito o presidente, não foram esquecidas, pois possuía um parque que funcionava “das oito horas manhã até seis da tarde.”¹²⁷

Todos estes serviços e cômodos poderiam ser utilizados seguindo um regulamento do clube que fora minuciosamente elaborado e divulgado logo após a inauguração da sede.¹²⁸ Os empregados efetivos do bar, por exemplo, “só se apresentarão em serviço, trajados convenientemente, na forma determinada pela diretoria.” Além disso, “qualquer empregado do clube em circunstância alguma discutirá com os sócios, que, por seu lado, têm o dever de os tratar com urbanidade.” Por sua vez, os sócios “no salão principal, na secretária ou na sala de leitura do Bungalow não poderão permanecer sem o paletó.”

Enfim, com tantos serviços, opções de lazer e, principalmente, espaços para festas e confraternizações que eram cada vez mais valorizadas, o Bahiano do Tênis se tornava um referencial de luxo e distinção social para o mundo esportivo e social baiano. Para alguns cronistas, “oferecendo à Bahia um centro irrepreensível de distinção social, de fino e apurado gosto estético, onde todos podemos conviver entre a graça e o encanto das formosas baianas, o clube alvinegro realizou uma obra de alcance positivo, longínquo e duradouro.”¹²⁹



Figura 5: Almoço no Bahiano de Tênis em 1924.

¹²⁷ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 159, 02 de julho de 1924.

¹²⁸ Idem.

¹²⁹ Idem.



Figura 6: Aspecto do *Bungalow* do Bahiano de Tênis.

Um dos motivos prováveis para o sucesso do Bahiano foi que os seus organizadores idealizaram um clube esportivo que correspondendo ao ideal de valorização do corpo também tiveram uma preocupação com uma estrutura que permitisse uma interação social, para além da atividade física propriamente dita. Embora, como já foi dito, Salvador vivenciasse uma cultura clubística esportiva e social desde o início do século XX existia algumas diferenças. O Euterpe e o Caixeiral eram clubes sociais que promoviam bailes, festas, encontros literários, saraus, eventos beneficentes e outras reuniões. Por sua vez, o Vitória e o São Salvador oportunizavam partidas de futebol, regatas e outras atividades esportivas. Social ou esportivo eram parceiros e muitas vezes algumas pessoas eram sócias dos dois tipos de clubes. Porém, a partir de meados dos anos 1910, houve uma necessidade que os clubes esportivos cumprissem uma função social.

Apesar dos grêmios esportivos existirem na cidade desde o final do século XIX o envolvimento das elites com eles não era maciço uma vez que, possivelmente em Salvador ainda não existia uma demasiada preocupação com uma estética corporal. Se existisse, estaria mais restrita aos círculos intelectuais como a Faculdade de Medicina. Talvez as próprias agremiações não se vissem enquanto fundamentais para a regeneração física da cidade como a imprensa desejava. Assim, podemos imaginar que, ao menos no início do século XX, os clubes sociais pareciam ter mais associados em relação aos esportivos. Inclusive, pareciam ter uma maior estruturação e condições financeiras, possuindo sedes bem equipadas que tinham salas alugadas para os clubes esportivos.

Porém, quando na segunda metade da década de 1910 o desenvolvimento do corpo passa a ser valorizado, os clubes esportivos ganham uma centralidade. Mas suntuosas as festas, bailes e outras formas de sociabilidades oportunizadas pelas associações sociais não poderiam ser esquecidas. Deste modo, o alvinegro se destacou na junção destas duas funções que até então pareciam ser desenvolvidas separadamente nos clubes sociais e esportivos.

A qualidade era corroborada, sobretudo, pela imprensa que, além do noticiar o cotidiano festivo e esportivo do clube, não raramente ressaltava os seus feitos históricos. Na semana da inauguração da nova sede, a revista *Semana Esportiva*, um dos principais órgãos esportivos da cidade, publicou uma edição especial sobre o clube, com mais de cinquenta páginas, nas quais eram descritas a história do clube, seus principais feitos e realizações. A *Semana Esportiva* entendia que “o fato grandioso que representa a inauguração do palácio-sede do Club Bahiano de Tênis, monumento que honra a Bahia e, particularmente, o esporte baiano, não podia deixar de preocupar a imprensa de programa traçado pelo bem e progresso da nossa terra.”¹³⁰

Na absoluta maioria das crônicas, colunas e matérias, encontramos referências sobre o clube, ressaltando a grandiosidade da agremiação e o seu papel como baluarte do progresso esportivo baiano:

Um número especial da *Semana Esportiva* dedicado ao Bahiano de Tênis...
 Nada mais justo, nada mais digno no momento em que o poderoso grêmio esportivo baiano leva de vencida uma de suas mais brilhantes vitórias, conquista uma das mais gratas satisfações para os seus inúmeros associados – a inauguração de sua suntuosa sede.
 E que sede! Um palácio esportivo...
 Mas o regozijo não é da sociedade só que representa o Bahiano de Tênis, não é somente da sociedade esportiva da Bahia, mas da Bahia em todas as suas representações, é de todos os baianos que aspiram um Bahia progressista, de futuro digno de sua brilhantíssima tradição.
 (...) Agora o Bahiano inaugurará as suas reuniões de luxo, de elegância, de esporte.
 É a evolução, é o progresso.
 Bem hajam, pois aos seus dirigentes desta brilhante diretriz que se traçaram; bem hajam, pois a todos aqueles que sabem compreender este esforço gigantesco dos que dirigem o aplaudido grêmio.
 E ao Bahiano de Tênis, à sua brilhante gente, ao seu grande e abnegado presidente parabéns.
 Amado Coutinho¹³¹

O articulista busca inscrever os feitos do Bahiano de Tênis enquanto um progresso não só para a cidade, mas para a Bahia. Para a imprensa, o a sucesso meteórico do clube, que em

¹³⁰ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 159, 02 de julho de 1924.

¹³¹ Idem.

apenas oito anos saiu de uma barraca de lona para um “palácio”, colocava o estado em uma posição de destaque através do esporte. Não foi difícil encontrar referências que igualam o progresso do Bahiano aos dos principais clubes do Brasil:

O Club Bahiano de Tênis é, hoje, o maior grêmio esportivo do Norte da República, e um dos maiores do país.

Não há exagero no enunciado desta verdade, porquanto poucos clubes no Brasil terão podido atingir em oito anos apenas o grau admirável de prosperidade e de grandeza do Bahiano. A inauguração agora da sua sede definitiva, num edifício grandioso que está entre as construções de nossa terra é a prova melhor do que afirmamos.

A vitória de agora, a maior que se poderia desejar é em realidade, a concretização de um formoso sonho, desde os primeiros anos acalentado e finalmente realizado, marcando a fase de apogeu do clube.¹³²

A experiência bem sucedida do Bahiano é sintomática para o acréscimo de percepções em torno do esporte. Enquanto a fundação dos primeiros clubes esportivos buscava responder a demanda por novas sensibilidades e sociabilidades, os feitos do Bahiano pareciam traduzir a necessidade das elites baianas em mostrar o progresso da Bahia que era conquistado através do esporte. As atividades daqueles clubes deveriam ser o reflexo do avanço da cidade. No momento em que o desenvolvimento dos esportes e conseqüentemente do corpo indicava o adiantamento das sociedades, ter um clube com um desenvolvimento surpreendente como o Bahiano indicava o quanto Salvador estava a par do progresso do Brasil.

Com efeito, o sucesso alvinegro inspirou muitos clubes esportivos das elites soteropolitanas, o que não quer dizer que antes do Bahiano aqueles não tinham sedes consideráveis ou não pensavam em reformar as suas. Associações mais antigas como Vitória, São Salvador e Itapagipe gradativamente promoviam melhorias nas suas estruturas. Em maio de 1908, por exemplo, o Vitória adquiriu “um prédio, bastante confortável, ao porto da Barra, n. 73 a fim de ter ali a sua garage.” Esse prédio continha “salas destinadas ao serviço de secretária, arquivos e jogos.”¹³³ O espaço reformado foi inaugurado em maio. “apresentando belíssima ornamentação com a instalação de uma linha de tiro.”¹³⁴

Nos esportes, o Bahiano de Tênis também não deixava a desejar. Embora a prática do tênis já ocorresse timidamente em outros clubes, como o Germânia e até em quadras particulares, foi o alvinegro que desenvolveu esta atividade de modo mais regular e sistemático. Já no início da sua vida esportiva, preocupou-se primordialmente em construir as

¹³² Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 159, 02 de julho de 1924.

¹³³ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 17 de março de 1908.

¹³⁴ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 14 de maio de 1908.

quadras. Tanto foi que no primeiro ano de existência, através do engenheiro Edgar Luz, tinha construído antes uma quadra de saibro do que uma sede propriamente dita, que consistia em uma barraca de lona. Até 1924, o clube já contava com quatro quadras o que, para os contemporâneos, fazia do clube a principal força do gênero esportivo na Bahia.

Com tantos sócios, sócias e espaços apropriados para o tênis, o Bahiano de Tênis, desde 1921, realizava periodicamente torneios internos de duplas e simples nos quais existia a participação de homens e mulheres. De acordo com Mario Gama, inclusive foi com o Bahiano que o “jogo tomou incremento admirável e ali se formaram e aperfeiçoaram muitos jogadores.”¹³⁵ Para Gama, o ativismo na modalidade encontrava motivos sobretudo no fato de F. Mc Even, um dos diretores do Bahiano ter dedicado-se “extremamente ao preparo e afinamento dos seus consócios.” Além do tênis, o Bahiano participaria dos campeonatos de futebol a partir de 1919, mas foi a primeira prática e a sua preocupação com grandes sedes e eventos sociais que fez do clube ser considerado o maior e um dos que mais contribuíam para o progresso baiano. Para os entendidos da época, a prática do tênis era fundamental para a Bahia porque a atividade, juntamente com a ginástica e natação, era a que mais favorecia a adesão feminina no movimento esportivo.

O tênis era considerado uma modalidade graciosa, elegante e fundamental para o desenvolvimento harmônico e delicado do corpo das mulheres. A imprensa baiana, observando o desenvolvimento feminino do tênis em outros países muito se queixava o porquê do tênis ser tão pouco praticado na Bahia entre os homens e, sobretudo, entre as mulheres. A sugestão da *Semana Esportiva* para a fundação de um clube de tênis exclusivamente para o chamado “sexo frágil” parecia uma solução ideal:

As formosas e promissoras jovens brasileiras, devem, pois, ao nosso modo de ver, lutar, com a mais absoluta das precisões, para que, dentro em breve, rivalizem, em simpatias, com o cultivo do tênis, os demais esportes que já são comuns no Brasil. Os nossos votos e os nossos esforços não se farão recusar, cuja eficácia consiste nos atrativos que o jogo de tênis oferece, assim como, nos encantos que vulgarmente residem no belo sexo, tudo, portanto lhe sendo útil. Estamos certo que, futuramente as baianas fundarão um clube de tênis e a sua prioridade nesse particular servirá de exemplo as suas rivais dos outros estados do país, continuando a Bahia com a grande ventura de ser mãe, mais uma vez, das coisas auspiciosas e fecundas para a nossa raça....¹³⁶

¹³⁵ GAMA, Mario. Como os “sports” se iniciaram e progrediram na Bahia. In: *Diário oficial do Estado da Bahia, Edição Especial do Centenário*. Salvador: s.e, 1923, p. 320.

¹³⁶ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 110, 12 de maio de 1923.

Desde o seu surgimento, os propósitos do Bahiano de Tênis diferiam um pouco do ideal presente nos primeiros clubes esportivos em Salvador. Acreditamos que as atividades deles, até a década de 1910, eram mais restritas aos seus sócios. Isso porque estavam mais preocupados com a própria instituição e os seus associados do que com outras pessoas da cidade. Talvez os clubes esportivos não necessariamente se enxergassem enquanto instituições que representavam a cidade. Neste sentido, é possível imaginar que, por mais que a imprensa lembrasse naquele momento que os clubes civilizavam a cidade, afinal este era o seu desejo, talvez os clubes não se vissem assim.

Já no Bahiano de Tênis, os ideais dos seus idealizadores pareciam ter uma maior congruência com o que a imprensa proclamava, uma vez que nos discursos dos dirigentes daqueles é possível averiguar uma consciência de se perceber enquanto instituição que contribuía para o progresso a cidade e, por isso, buscava ano após ano reformar suas instalações e se tornar a principal associação esportiva da Bahia. Já no próprio discurso de inauguração da segunda sede sentia-se isso. Não só na imprensa como os próprios diretores clube enxergavam nos feitos alvinegros o desenvolvimento do estado. A preocupação em comparar as suas realizações com o Fluminense Football Club do Rio de Janeiro, considerado o maior do Brasil, quiçá da América do Sul era um indício. Os seus próprios eventos sociais procuravam abranger não só os adeptos, mas na medida do possível, a nata da sociedade que em oportunidades como os carnavais ou réveillons participava efusivamente.

Poderíamos até fazer uma ressalva ao considerar que quando surgem, os primeiros clubes elitizados ainda não estavam preparados ou até preocupados em atingir um grau de grandiosidade semelhante ao Bahiano. Como já foi dito, quando este clube surgiu apenas a sua joia, valor pago para ingressar no clube, era de 50\$000, maior em cinco vezes do que a do Vitória quando foi fundado. Pode ser que a experiência do Bahiano de Tênis tenha sido um catalisador na mudança de perspectiva dos clubes.

Ao que tudo indica, para os dirigentes do Vitória, São Salvador e Itapagipe, a chegada do Bahiano e das novas ideias do que deveria ser um clube esportivo coincidiram com o momento em que já estavam estruturados e poderiam seguir os caminhos do alvinegro.

Além disso, há de se considerar que entre a sua fundação e a construção do Bungalow, o Bahiano de Tênis situava-se dentro de um contexto de relativo desenvolvimento econômico da Bahia e de intensificação dos novos ideais. Embora seja comum atribuir o período 1890 a 1930 como a fase em que Salvador viu a chegada dos ideais civilizadores e passou por algumas reformas urbanas, entre 1912 e 1924 podemos averiguar na imprensa uma

intensificação da propaganda de alguns valores, sobretudo em decorrência da gestão de Seabra entre 1912-16 que era exaltado como um dos principais responsáveis pela suposta modernização de Salvador. Em 1916, por exemplo, surgia na cidade a Revista *A Renascença* que muito louvava as intervenções urbanas de Seabra, tendo uma coluna de título a “Bahia Moderna” onde fotos da Avenida Sete, Avenida Oceânica entre outras ruas reformadas eram publicadas. É possível que as transformações da cidade e principalmente o que a imprensa dizia delas tenha influenciado os dirigentes do Bahiano e dos outros clubes em seguir os passos da cidade.

De piqueniques a réveillons ou as sociabilidades nos clubes das elites

De modo geral, os clubes esportivos das elites que surgiram a partir de 1910, e até os mais antigos, passaram ou tiveram que gravitar em uma conjuntura em que havia uma preocupação tanto esportiva quanto social. Se antes daquela data muitos clubes de elite ainda estavam se estruturando no campo esportivo, através da reforma das sedes, aparelhagem esportiva e organização da parte institucional e burocrática, após 1910, sobretudo na década de 1920, há uma preocupação com uma estrutura que contemplasse uma demanda não unicamente esportiva, algo de acordo com as inovações do Bahiano.

A partir deste momento, a prática do futebol pelas elites necessariamente deveria estar acompanhada de uma estrutura clubística que conformasse festas e eventos sociais cada vez mais suntuosos. Além disso, a partir da década de 1910 a afluência de sócios aumentava consideravelmente, uma vez que os esportes também eram entendidos enquanto um estilo de vida. Deste modo, o clube não só comportaria os *sportmen*, mas pais, namoradas, esposas, filhos, entre outros parentes e familiares que viam nele uma oportunidade de um novo tipo de interação social e esportiva. Incluí-se nesse rol pessoas não ligadas aos clubes que também queriam participar deste cotidiano, como ocorria no Bahiano.

Para as pessoas não diretamente ligadas à prática do futebol ou de outro esporte, o clube esportivo se revelou em um espaço de inserção em uma nova ordem do entretenimento. Nestes, “sob o epíteto genérico de ‘diversões’, toda uma nova série de hábitos físicos, sensoriais e mentais, são arduamente exercitadas, concentradamente nos fins de semana, mas a rigor incorporados em doses metódicas como práticas indispensáveis da rotina cotidiana.”¹³⁷ Deste modo, a efetiva participação de novos membros nem sempre ligados às práticas

¹³⁷ SEVCENKO, Nicolau. *op.cit*, p. 33.

esportivas muito contribuiu para que a cultura clubística deixasse de ser um modismo ligado unicamente aos *sportmen* para se tornar um estilo de vida. Para Nicolau Sevcenko, e podemos constatar isso, nas festas, chás, danças e tantos outros hábitos e práticas vivenciados antes mesmo dos clubes:

(...) já existiam e estavam em vigência desde o começo do século, pelo menos. Mas é nessa conjuntura que eles adquirem um feito sinérgico, que os compõem como uma rede interativa de experiências centrais no contexto social e cultural: como a fonte de uma nova identidade e de um novo estilo de vida. Seu público é composto maciçamente dos que então passam a ser chamados, exatamente por serem adeptos dessas práticas e dessa mentalidade, os “jovens”, expressão que adquire um conotação toda especial e uma carga prodigiosa de prestígio.¹³⁸

Enfim, os clubes esportivos para as famílias das elites ofereciam um convívio social fora de casa, seduzindo-as. Falando sobre a experiência do Rio de Janeiro, é possível concordar com Rosa Araújo, quando diz que “o lazer em comum era entendido como uma extensão natural da vida doméstica e não uma atividade supérflua, fazendo parte integrante do cotidiano familiar.”¹³⁹

Além disso, no contexto soteropolitano, como veremos no terceiro capítulo, entre 1912 e 1920 as competições em espaço público, as regatas e o futebol deixaram de ser praticadas pelos principais clubes das elites. A principal competição esportiva da cidade, o campeonato de futebol da Liga Bahiana de Sports existiu apenas entre 1905 e 1912. Supomos que a falta de iniciativa do estado em construir praças esportivas, a dificuldade dos clubes em terem campos particulares, bem como a forte e rápida popularização do futebol fez com que Vitória, Itapagipe, São Salvador, entre outros, abandonassem os torneios e restringissem sua vida às festas, confraternizações e às jogos internos. A partir de 1912 há um forte predomínio de populares no futebol, sobretudo, com fundação da Liga Brasileira de Desportos Terrestres, que reunia muitos clubes modestos e “constituídos na sua maioria de gente modesta e de cor.”¹⁴⁰ Esta Liga também acabou afastando as elites dos encontros futebolísticos.

Eram poucos os clubes das elites que participavam de alguma competição envolvendo clubes populares. A maioria preferiu se afastar, concentrando-se em suas atividades internas. O Bahiano de Tênis, por exemplo, só participaria de uma competição futebolística pública em 1920, quando o Campo da Graça foi construído e algumas agremiações do perfil social do Vitória voltaram a praticar o futebol. Enfim, é neste bojo que

¹³⁸ Idem, *ibidem*, p. 33. – 34.

¹³⁹ ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. *op.cit*, p. 339.

¹⁴⁰ MAIA, Aroldo. *Almanaque Esportivo da Bahia...*, p. 30.

os eventos sociais e práticas esportivas internas dos clubes se tornavam tão ou mais importante que a prática do futebol ou outra atividade em ambientes públicos.

Seguramente, o Bahiano representou melhor este processo. Ainda na segunda sede, o alvinegro destacava-se, principalmente, pelas festas de fim de ano. Na edição especial em homenagem ao clube, a *Semana Esportiva* revela detalhes do natal e ano novo:

As festas de Natal e Ano Bom foram realizadas ao ar livre, efetuando-se as danças em um valso tablado, colocando no lado do pavilhão-sede.

A 24 de dezembro, foi rezada, interrompendo as animadas danças, a tradicional Missa do Galo, sendo o altar belíssimo, armado ao lar livre, no primeiro *court*, de frente para a sede. Era uma simples cruz muito alta e muito elegante, perdida em luzes. Durante o ofício religioso, fizeram-se ouvir, com afinada orquestra, maviosíssimas vozes, de distintas sócias do clube.

Na noite de 31 para 1 realizou-se ainda no Bahiano um elegantíssimo réveillon, a que a nata da sociedade baiana emprestou o fulgor e o prestígio da sua presença.¹⁴¹

Mesmo em uma área aberta e sem muita estrutura, podemos ver certo esforço em apresentar a festa do Bahiano enquanto distinta. Contudo, foi no *Bungalow*, em um ambiente fechado e com salões apropriados, que as festas do aristocrático clube ganharam mais notoriedade. No dia anterior à véspera do réveillon de 1924-25, o jornal *A Tarde* já anunciava o brilhantismo da festa:

As festas com que, amanhã o vitorioso clube Bahiano de Tênis festejará a entrada do ano novo, despedindo-se do velho ano, em que sobressairá um brilhante réveillon, constituirão um verdadeiro acontecimento mundano, já pelo esforço e cuidado com que as está organizando a digna diretoria do alvinegro, já pela ansiedade prazenteira com que o set da nossa sociedade as espera.

Melhor certeza de êxito, aliás, não pode haver do que a circunstância especial de organizá-las um clube do valor e do prestígio da sociedade da Barra Avenida.

Dando uma pequena ideia aos nossos leitores do que será o réveillon do Bahiano, basta dizer que para as vinte e cinco mesas reservadas, já se inscreveram cerca de 204 pessoas. A iluminação, a cargo de casa especializada, será positivamente inédita, deslumbrante, feérica, distribuída com arte pela pérgola, varanda, árvores e todos os lugares onde seja possível colocar uma lâmpada. A noite de realce, porém constará da iluminação das salas a cores.¹⁴²

A preocupação com os mínimos detalhes, como a iluminação inédita e especializada, aponta para como os eventos sociais do Bahiano se constituíam em uma manifestação pomposa não só para os seus sócios, mas para a sociedade soteropolitana em geral. Afinal, nestas festas não eram frequentadas apenas pelos membros do clube, mas pela toda alta sociedade. Basta observar que todas vinte e cinco mesas já estavam reservadas. Sendo uma

¹⁴¹ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 159, 02 de julho de 1924.

¹⁴² Jornal *A Tarde*, Salvador, 30 de dezembro 1924.

festa que transcendia o caráter interno do clube, os esforços em apresentar um evento suntuoso não deveriam ser poupados.

Em especial o réveillon do Bahiano era frequentado pelas classes abastadas de Salvador e a apresentação destes sujeitos na festa buscava ser rigorosamente glamourosa. Este requinte parece ter existido nas festas do clube durante um bom tempo. Um dos seus sócios revela detalhes do ritual do réveillon na década de 1930:

O réveillon era uma festa com traje absolutamente a rigor e era de norma a sequência de um ritual. Até pouco antes da meia noite, as músicas eram em geral lentas e nostálgicas, se diria hoje, estilo tradicional. Pouco antes da meia-noite se fazia acender as velas, que existiam em todas as mesas reservadas, e nesse momento havia uma valsa que renunciava que se estava próximo da meia-noite. À meia noite, exata era o apagar das luzes, com as velas acesas ou se acendendo, havia um toque do Hino Nacional com todas as pessoas de pé, e em seguida a isso, o repertório mudava inteiramente para músicas de Carnaval. Marchas e sambas de carnaval. E frequentemente nessa hora havia champanhe em todas as mesas. Havia a tradição de que o governador do estado comparecia ao baile do Bahiano no réveillon. O Réveillon do Bahiano era considerado, mesmo depois que os outros clubes começaram a fazer, o réveillon elegante.¹⁴³

Embora a imprensa considerasse os eventos do Bahiano como sinônimos de distinção, os outros clubes também promoviam suas festas e confraternizações. Mesmo não rivalizando com o alvinegro em seus acontecimentos sociais, o Vitória, o Itapagipe e o São Salvador organizavam aniversários, piqueniques, festas beneficentes e uma série de eventos que oportunizavam para os seus adeptos e familiares manter sociabilidades diferenciadas. No começo de suas atividades, os clubes mais antigos sempre promoveram seus eventos, mesmo sendo modestos.

Outra característica é que esses ainda se limitavam aos seus sócios e não tinham maiores intenções de abranger a sociedade de um modo mais amplo, não correspondendo de alguma forma com as expectativas da imprensa que já naquele período viam naqueles clubes a civilização da cidade.

Durante todo o mês de julho de 1908, por exemplo, o Vitória “promovia piqueniques para os seus sócios.”¹⁴⁴ Porém, as festas do rubro-negro que mais chamavam a atenção da sociedade eram os aniversários do clube. A comemoração do sétimo aniversário, em 13 de maio de 1906, foi digna de nota pela imprensa:

¹⁴³S Depoimento do Álvaro Rubim de Pinho com 72 anos em 1994. In: *Clube Bahiano de Tênis – Memória – 1916 – 1994*. Salvador, 1994, p. 41.

¹⁴⁴ *Jornal Diário de Notícias*, Salvador, 04 de julho de 1908.

Por ser anteontem a data que assinalava o sétimo aniversário da instalação dessa florescente agremiação esportiva, reunidos os seus associados a festejarem condignamente, empossando a sua nova diretoria, que consta de jovens estimáveis do nosso meio social, cujos nomes já publicamos em uma das nossas passadas edições.

Dando largas a sua sincera satisfação, distintas adeptas do festejado clube fizeram celebrar-se uma missa na singela capela de Santo Antônio da Barra, em ação de graça pelo fato que se comemorava.

Alvo de carinhosa solicitude, Sport Club Vitória, recebeu muitas visitas, sendo digna de nota a que lhe fez uma comissão de dignos sócios do Club de Regatas Itapagipe, em nome do qual falou, oferecendo-lhe um belíssimo relógio como prova de confraternização e lembrança daquele dia, o Sr. Alberto de Sá.¹⁴⁵

Os aniversários do Esporte Clube Vitória ganharam gradativamente contornos mais amplos ao longo dos anos. De pequenas festas exclusivas para os adeptos e, no máximo, para os clubes amigos, estas confraternizações se tornaram grandes eventos e, na década de 1920, reuniam, como no ditame da época, a melhor sociedade soteropolitana. Comemorações cada vez maiores do decano dos esportes na Bahia eram elaboradas na tentativa do clube acompanhar uma conjuntura na qual o seu progresso refletiria o desenvolvimento de Salvador.

A imprensa também reforçava esta associação. A Revista *Semana Esportiva* no vigésimo terceiro aniversário do clube lembrava, por exemplo, que mais um ano de vida dos rubros negros significava “uma grande vitória para o esporte baiano” uma vez que aquele fato era “de grande contentamento para todos os que se interessam pelo progresso esportivo em nossa terra.”¹⁴⁶



Figura 7: Micareme do Vitória na Barra. (Revista *Renascença*, 1917).

¹⁴⁵ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 15 de maio de 1906.

¹⁴⁶ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 58, 13 de maio de 1922.

Já os eventos do São Salvador e Itapagipe apareciam na imprensa sobre a forma de festivais e bailes. Na década de 1900, momento de estruturação daqueles, muitos eventos eram realizados em benefícios dos clubes para angariar fundos destinados a compra de materiais e organização das sedes. Em junho de 1906, destacamos um festival do Salvador para captar recursos para uma regata:

Para ocorrer às despesas com a segunda regata da atual estação, regata que se realizará em Outubro próximo sob os auspícios do brilhante Club de Natação e Regatas São Salvador, resolveu este promover um festival em seu benefício, o qual se realizará na próxima sexta-feira, 8 do corrente, no Polytheama Bahiano, com a representação do importante drama, Memórias do Diabo, um dos melhores do repertório da companhia dramática, atualmente entre nós. Para este festival que promete ser brilhantíssimo, sabemos já ser enorme a procura e encomenda de bilhetes, que se acham à venda no Café América.¹⁴⁷

Para os não sócios dos clubes estas festas se tornavam uma oportunidade para conhecer o seu cotidiano e se sociabilizar com os adeptos. Muito provavelmente contribuía para a entrada de novos membros.

Situado em uma península homônima, o Itapagipe ficava em um bairro tradicionalmente frequentado por veranistas. Deste modo, algumas pessoas não membros do clube participavam das festas da agremiação. Alguns dos eventos eram promovidos pelos não sócios que entendiam que o surgimento do clube fomentou uma nova dinâmica para o bairro. Em meados do mês de maio de 1906 encontramos referências sobre diversas “excelentíssimas famílias” que “residentes no arrabalde de Itapagipe, pretendem dar um baile, em honra ao Clube de Regatas Itapagipe, e oferece-lhe uma medalha de ouro no dia 26 do corrente mês.”¹⁴⁸

¹⁴⁷ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 12 de junho de 1906.

¹⁴⁸ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 16 de maio 1906.



Figura 8: Aspecto do Piquenique promovido pelo Itapagipe. (Revista *Renascença*, 1921).

De todos os eventos promovidos pelos clubes das elites soteropolitanas, talvez aqueles que mais se igualavam aos do Bahiano de Tênis eram também de dois clubes aristocráticos: a Associação Atlética e o Yankee Foot-ball Club.

Conhecido como azulino, a Associação teve um início não muito diferente dos principais clubes soteropolitanos. Fundado em outubro de 1914 por “um grupo de rapazes amadores do *sport* bretão,”¹⁴⁹ a Associação começou de forma modesta. Entretanto, nos primeiros anos de atividade, já alcançava um progresso considerável. Um relatório da gestão entre 1920-1 revela a rapidez com que se desenvolveu. No final de 1920, contava com apenas setenta sócios, “em maioria atrasados.”¹⁵⁰ Buscando resolver o atraso das mensalidades, a diretoria realizou um “árido trabalho” e em já em 1921, segundo os diretores, “tivemos o prazer de ver o nosso esforço coroado em êxito; entraram para ao nossa Associação, durante este curto prazo, 240 sócios novos, cuidadosamente escolhidos pela comissão de sindicância.” Entre os sócios estavam diversas personalidades políticas e muitos profissionais liberais. O sócio benemérito do clube era um grande negociante inglês chamado George Harvey Duder, residente na Vitória e que possuía um espólio líquido de 2.354:296\$845 de réis.¹⁵¹ Ainda no relatório foi possível encontrar mais de quarenta doutores no quadro de sócios, provavelmente médicos, engenheiros e advogados.

Além disso, os sócios que estavam atrasados foram excluídos, “tendo de antemão comunicado aos mesmos, a fim de saber se desejavam de reabilitar.”¹⁵² “Sem nenhuma dívida, nem compromisso de qualquer natureza,” ao final da gestão o saldo deixado pela

¹⁴⁹ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 117, 21 de julho de 1923.

¹⁵⁰ *Relatório da Diretoria da Associação Atlética da Bahia, Exercício de 1920 – 1921*. 1921, p. 8.

¹⁵¹ BACELAR, Jeferson. *op.cit.*, p. 71.

¹⁵² *Relatório da Diretoria da Associação Atlética da Bahia, Exercício de 1920 – 1921*. 1921, p. 8.

diretoria era de 2:860\$700. O sucesso do clube só não era completo, por ainda não ter uma sede considerada à altura do “progresso” da agremiação. Como a maioria dos clubes, a sede da Associação estava “provisoriamente instalada numa boa sala do Club Caxeiral,” embora para os diretores esta não estivesse “à altura da nossa Associação.” O desejo era “organizar uma sede onde possa dar festas dançantes, alcançando este *desideratum*, o nosso triunfo será completo.”¹⁵³

Não demorou muito para a construção de uma sede pomposa. Já em 1920 a Associação havia alugado uma casa junto ao seu campo de treinamento, onde os jogadores podiam “mudar de roupa, tendo armários especiais para guardá-las.” Inclusive, “os sócios que moram longe do nosso campo têm ali casa para passar a noite e poder frequentar os treinos matutinos.”¹⁵⁴ Entretanto, apenas uma casa alugada não era suficiente. Assim o clube se organizou para a construção de uma sede que ficou pronta em julho de 1923. Pelo que deduzimos, a Associação comprou a casa alugada localizada à Rua Barão de Itapuã na Barra e promoveu naquele espaço uma série de modificações e ampliações. Em entrevista a *Semana Esportiva*, em janeiro daquele ano, o presidente do clube, o Dr. Péricles Madureira de Pinho, anunciava que “além das grandes modificações internas do prédio, da decoração dos seus salões, (...) estamos construindo três *courts* de tênis e um *rink* de patinação, além de adaptação outras para diferentes jogos.”¹⁵⁵

Como os próprios adeptos do clube, a imprensa defendia a existência de uma sede que correspondesse à grandeza do clube. Para a revista *Semana Esportiva*, a “Associação Atlética estava devendo ao seu incalculável número de sócios e adeptos, que este clube os tem fervorosíssimo, a construção de uma sede com adaptações perfeitas que correspondessem aos seus créditos de clube *chic*.”¹⁵⁶ A inauguração um dia após o comentário da revista foi um grande acontecimento social onde estiveram presentes personalidades como o advogado e jornalista do *Diário da Bahia* Clemente Mariani e principalmente o literato Coelho Netto e a equipe do Fluminense do Rio de Janeiro, o referencial de clube para as equipes baianas, que estava em Salvador para uma temporada de jogos a convite do Bahiano de Tênis.¹⁵⁷ Ambas as personalidades citadas proclamaram discursos ressaltando o feito da Associação. Clemente Mariani lembrou que, com a nova sede, a Associação Atlética “de agora em diante, mais

¹⁵³ Idem, *ibidem*, p. 9.

¹⁵⁴ Idem, *ibidem*, p. 9.

¹⁵⁵ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 95, 27 de janeiro de 1923.

¹⁵⁶ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 106, 14 de abril de 1923.

¹⁵⁷ Sobre a visita do Fluminense a Salvador ver o quinto capítulo.

refulgente ainda será a sua trajetória no seio da sociedade baiana e mais eficiente a sua atuação para o progresso nacional.”¹⁵⁸



Figura 9: Matéria da *Semana Esportiva* sobre a inauguração da sede da Associação Atlética em 1923.

A festa da inauguração durou todo o dia, sendo que na manhã ocorreram as cerimônias mais formais, e à noite “foi o baile suntuoso, em que as inúmeras pessoas presentes, em sua maioria, o que a Bahia tem de mais encantador no “belo sexo”, estiveram alheias ao tempo, como se nos transportes de uma aventura perene.”¹⁵⁹ No momento da sua inauguração, a sede da Associação foi considerada a maior e mais elegante entre os clubes baianos. Muito provavelmente o feito do clube azulino influenciou a construção de um edifício ainda maior pelo Bahiano de Tênis um ano depois

¹⁵⁸ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 107, 21 de abril de 1923.

¹⁵⁹ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 107, 21 de abril de 1923.

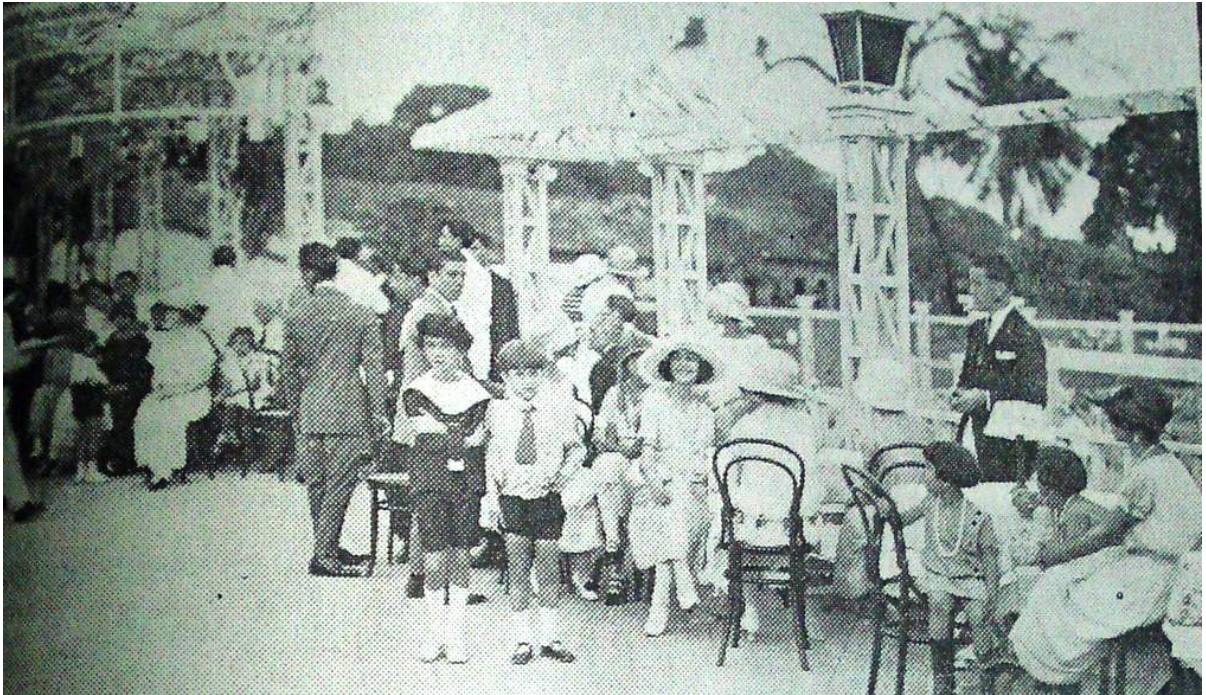


Figura 10: Um chá na Associação Atlética. (Revista *Renascença*, 1923).

Se a Associação Atlética e o Bahiano se regozijavam pelas suas sedes, o Yankee Foot-ball Club se sobressaía por outras qualidades. O clube foi criado pelos irmãos Aroldo Maia Bittencourt e Alexandre Maia Bittencourt Filho. Eram filhos de Alexandre Maia Bittencourt, um importante engenheiro, e fundador de uma importante escola de engenharia da cidade, Escola Politécnica, em 1897, além de serem sobrinhos de Augusto Maia Bittencourt, benemérito do clube, que fora um dos fundadores do Vitória e seu presidente em 1908. Finalmente, faziam parte da família Maia Bittencourt que no século XIX tinham membros médicos e coronéis.¹⁶⁰

¹⁶⁰ Ver detalhes da família Maia no quarto capítulo.



Figura 11: *Sportmen* do Yankee em pose na Barra. (Acervo Aroldo Maia, s.d.).

Há relatos informando que o Yankee tinha um propósito inicial de ser ambientado por garotos de 15 e 16 anos. Aroldo, o seu principal idealizador, tinha 16 anos quando fundou o clube. O Yankee Foot-ball Club era considerado pela imprensa como um dos primeiros clubes da cidade que mais contribuía para uma regeneração física. Isso porque era um dos poucos a praticar exercícios atléticos, os mais adequados para o aperfeiçoamento corporal. E este era uma dos seus diferenciais. A prática dos exercícios atléticos difundida pelo clube atraía adeptos que realizavam entre si diversos torneios internos. O mais famoso destes foi a “Corrida de Maratona”, organizada em 9 de outubro de 1921, na qual vários atletas de outros clubes participaram.



Figura 12: Provavelmente aspecto da chegada de uma maratona. (Acervo Aroldo Maia, s.d.).

Se o Bahiano engrandecia a Bahia esportiva pelo tênis, o Yankee não fazia por menos no atletismo, principalmente porque esta atividade estava para os homens assim como o tênis, natação e ginástica estavam para as mulheres. Em outras palavras, os contemporâneos acreditavam que era o atletismo a atividade que mais favorecia o desenvolvimento do corpo masculino, dotando-o de força, destreza e harmonia. Através do aperfeiçoamento físico dos homens, as sociedades estariam mais preparadas para enaltecer o futuro da nação.

Esse sentimento, muito em voga na década de 1920, era explícito nos editoriais e crônicas de jornais e revistas especializadas, como a *Semana Esportiva*. Este periódico dedicou muitas páginas para discutir a importância do atletismo para o desenvolvimento físico dos baianos. Em um dos seus textos, a revista elencava os valores do atletismo:

Dentre todas as manifestações da atividade desportiva, a atletismo é a mais bela, a mais emocionante, a mais útil e a mais expressiva.
 O atletismo é que melhor revela o grau de adiantamento esportivo de um povo.
 O atletismo é que concorre mais eficientemente para o desenvolvimento físico de uma raça.
 O atletismo é que contribui mais facilmente para a propaganda de um país.
 O atletismo é que proporciona maiores glórias desportivas a uma nação.
 O atletismo é o desporto que mais diretamente atinge os fins visados pela cultura física. Aparelhar o organismo para a luta pela vida; dar-lhe a velocidade que

vence o tempo, agilidade que evita os tropeços, a força que remove os obstáculos, a resistência que transpõe as distâncias.¹⁶¹

Até mesmo transcrevendo notícias de jornais de outros estados, a *Semana Esportiva* buscava reforçar o valor do atletismo. Do *Esporte* do Rio de Janeiro, por exemplo, a revista baiana transcrevia uma notícia na qual, falando da necessidade de escolas de atletismo no Brasil, o jornal carioca elogiava a iniciativa de José Floriano Peixoto, um atleta carioca que “adotou um modelo de corpo forte e musculoso”¹⁶², que reunia esforços para fundar uma escola de Atletismo:

Todos os países, quando atingem um determinado grau de civilização, levados pela sua cultura tratam da difusão dos esportes, como o meio imediato de fortalecer o seu povo. Todos os povos reconhecem ainda aqueles cuja civilização permanece num estado rudimentar, à necessidade da prática dos exercícios físicos, da cooperação dos esportes para o seu engrandecimento.

Na atualidade, em todas as nações, se desenvolve um intenso trabalho de preparação atlética, todos tratam com igual interesse a questão magna de grande importância do fortalecimento do homem pelos exercícios. Em todos os países civilizados abundam os estabelecimentos onde a mocidade, sob direção de professores competentes, pode cogitar do desenvolvimento e aperfeiçoamento do seu físico.

Entre nós, infelizmente, podemos dizer que não temos nenhuma escola de atletismo, digna desse nome sob a direção de pessoas competentes.

Não é pessimismo, é a realidade. Felizmente, essa lacuna vai ser preenchida pelo nosso valente patricio José Floriano Peixoto, de cujos conhecimentos atléticos a ninguém é lícito duvidar.

Floriano resolveu dedicar-se, de hora avante, exclusivamente, ao preparo da nossa mocidade, fundando uma Escola de Atletismo, modelada sob as suas melhores congêneres da França, Alemanha e Estados Unidos.¹⁶³

Os benefícios do atletismo propagandeados a granel pelos jornais do país levaram conseqüentemente o Yankee a ter uma importância no cenário esportivo baiano. O clube era uma dos poucos que ofereciam para os seus sócios um programa esportivo atlético completo e, segundos os dirigentes, metodicamente elaborado. Entre as atividades estavam as corridas a pé, salto em distância, salto com vara, levantamento de peso e outras que eram praticadas principalmente nos torneios internos, regularmente organizados. Aliás, foi o Yankee que fundaria, em 1932, a Associação Baiana de Atletismo.

A existência destes torneios no Yankee era muito facilitada pelo fato do clube possuir, em aluguel conjunto com o Ypiranga, um campo de esportes localizado, à Rua do Prado, no Rio Vermelho. Corroborando para o avanço do atletismo, o Yankee foi o primeiro a

¹⁶¹ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, nº 43, 28 de janeiro de 1922.

¹⁶² A respeito de Floriano Peixoto conferir: Sobre a Capa. In: *Recorde: Revista de História do Esporte*. Rio de Janeiro, vol.3 n. 1, 2010.

¹⁶³ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, nº 43 28 de janeiro de 1922.

construir na Bahia uma pista de atletismo para os seus sócios. Enfim, além do futebol, os 204 sócios, em 1923, tinham nos torneios internos de atividades atléticas outras opções de lazer e sociabilidade.



Figura 13: O salto com vara. Uma das modalidades esportivas praticadas pelo Yankee. (Acervo Aroldo Maia, s.d.).



Figura 14: O salto em distância outra modalidade praticada pelo Yankee. (Acervo Aroldo Maia, s.d.).

Fora do campo esportivo, o Yankee se destacou ao ser o único clube no período a ter um teatro. Fundado dois anos após a constituição do clube, o teatro tinha como corpo cênico os adeptos e adeptas do clube. Apenas um ano após seu funcionamento, em 1916 o teatro já havia realizado cerca de 18 espetáculos, dos quais “6 foram recitais ordinários e 12 extraordinários.”¹⁶⁴ Naquele ano, o clube ainda elaborou 14 peças diferentes as quais pelo menos uma foi executada. Ainda ocorreram “19 canções, 25 cançonetas, 24 monólogos, 2 duetos, 3 tercetos e 3 cenas cômicas.”¹⁶⁵ Enfim, pela qualidade e variedade de atrações, pode-se perceber que em apenas um ano de funcionamento o Teatro do Yankee teve uma atividade intensa, nos levando a imaginar uma afluência considerável de espectadores.

Observando a quantidade de clubes e a variedade de eventos sociais protagonizados por estes ao longo das duas primeiras décadas do século XX, percebemos que a emergência destas agremiações expressava para as elites soteropolitanas o desejo de vivenciar uma cultura urbana em uma cidade que, do ponto de vista estrutural, ainda oferecia pouquíssimas opções e equipamentos de lazer. Neste sentido, é compressível a atitude das associações em ter uma vida social ativa, seja esta na forma de pequenos bailes e piqueniques, seja em natais e réveillons luxuosos. Juntamente com os cinemas, o *footing*, os carnavais europeizados, os clubes das elites se tornavam um espaço legítimo de novas sensibilidades e sociabilidades. Entidades como o Bahiano, a Associação, o Yankee e o Vitória se tornavam um ambiente onde era possível reunir as principais práticas culturais almejadas pelas elites, uma vez que alguns deles tinham cinemas e até mesmo um teatro.

O recorte temporal que compreende o surgimento do Vitória em 1899 e a construção do *Bungalow* pelo o Bahiano de Tênis em 1924 foi o período que os clubes esportivos elitizados baianos tiveram para surgir, se organizar, se modernizar e se tornarem, no início dos anos 1920, em um dos principais lugares de lazer da cidade.

Enfim, no campo esportivo soteropolitano, o surgimento e desenvolvimento dos clubes elitizados ocorrem de maneira descontínua muito circunstanciado pelas dinâmicas sociais, econômicas e culturais da. Entre 1899 e 1915, o São Salvador, Vitória, Itapagipe, Internacional despontavam privilegiando um programa mais esportivo e apenas para os sócios. Talvez pelas próprias alterações na economia baiana não tinham condições de terem uma grande estrutura, diferente do Fluminense, que, no Rio de Janeiro, em 1905, já possuía um campo próprio com arquibancadas.

¹⁶⁴ Relatório de Atividades do Teatro do Yankee, 1917.

¹⁶⁵ Idem.

A partir de 1916, ocorre uma mudança, com acréscimo de novo sentidos, quando a Associação Atlética, o Yankee e principalmente o Bahiano de Tênis surgem na cidade, se reconhecendo não só como responsáveis pelas diversões dos seus membros, mas também como protagonistas do progresso soteropolitano, acompanhando as mudanças da cidade. E foi nesse contexto que o futebol encontrou um terreno bastante diverso e heterogêneo para se desenvolver entre as elites soteropolitanas.

CAPÍTULO 2 – AS ELITES E O UNIVERSO DO FUTEBOL EM SALVADOR

Não era apenas a vida social que fazia dos clubes esportivos elitizados um espaço de sociabilidades mundanas. O futebol, o remo e as outras atividades atléticas e náuticas também possibilitavam uma nova interação social e os grêmios esportivos, mesmo que em determinados momentos se preocupassem mais com o lado social, foram fundados com um propósito esportivo. E para as elites e a imprensa um dos melhores modos de potencializar as consequências do esporte foi através da criação dos campeonatos, principalmente um torneio de futebol.

Em Salvador as elites promoveram interruptamente mais de um campeonato de futebol entre 1901 e 1924. O primeiro deles ocorreu de 1905 a 1912, no Campo da Pólvora, até 1906, e depois no Rio Vermelho. Após 1912, deixaram de realizar campeonatos ou participar sistematicamente dos existentes. Em 1920, construíram o Campo da Graça e elaboraram um novo torneio em conjunto com os clubes populares, que desde 1913, promoviam o principal certame da cidade. Neste capítulo, restringiremos a nossa análise aos campeonatos de 1904 -12 e a partir de 1920 pensando-os uma prática que oportunizou para as elites a expansão das sociabilidades para além dos clubes. Outras esferas destes torneios serão compreendidas nos outros capítulos.

A criação de campeonatos de remo e, principalmente, futebol em Salvador trouxe um fenômeno inexistente na cidade: um calendário esportivo. Este é fundamental para entendermos uma das lógicas do jogo e dos seus elementos derivados. Um calendário esportivo significava que a atividade se constituiria em uma esfera autônoma na cidade. Embora a prática e os clubes tivessem uma relação com as esferas políticas, cívicas e religiosas, visível quando os grêmios promoviam jogos e eventos no natal, carnaval, independência, datas religiosas e cívicas, aqueles não dependiam destes para o seu funcionamento e efetivação. Para alguns autores:

Manifesta-se aqui uma das maiores originalidades do desporto: clubes agrupados numa associação mais vasta para elaborar um quadro dos encontros hierarquizados, campeonatos locais e nacionais ou mesmo internacional. Pela primeira vez, um lazer profano impõe um programa e uma temporalidade autônoma.¹

¹ VIGARELLO, Georges. O tempo do desporto. In: CORBIN, Alain. (org.). *História dos Tempos Livres*. Lisboa: Teorema, 2001, p. 245.

Em Salvador, um calendário esportivo na forma de um campeonato de futebol, mais do que uma imposição de uma temporalidade própria e autônoma, representou principalmente um distanciamento das formas de lazer necessariamente atreladas às temporalidades cívicas e religiosas o que, para as elites letradas, contribuiria largamente para a renovação cultural da cidade. Afinal, como observamos, uma das principais bandeiras daquele grupo era a renovação das formas de lazer soteropolitano que precisavam ser urgentemente substituídas ou remodeladas. Finalmente, um calendário esportivo contribuiu para o gradativo envolvimento feminino na cena pública, bem como fomentou o comércio, na medida em que algumas empresas começaram a associar os seus produtos e serviços ao futebol.

A Liga Bahiana de Sports Terrestres

Após os primeiros amistosos e a conseqüente fundação de alguns clubes em 1903 e 1904, coube aos jovens endinheirados organizar um campeonato. A criação de uma disputa parecia fundamental para os praticantes, pois mais jogos seriam realizados, oferecendo a oportunidade de espectadores, jogadores, imprensa e outros envolvidos no universo futebolístico ampliarem o espaço das novas sociabilidades. Ou seja, a organização de um certame seria uma tentativa de levar para os espaços públicos um tipo de interação social que, no início dos 1900, de forma incipiente, estava sendo gestada nos clubes. O torneio, para além do jogo propriamente dito, seria um momento de colocar o papo em dia, do *flirt*, da paquera, das conversas sobre a moda e as novidades da cidade. A ideia de criá-lo fora dos jovens do São Paulo, que, em conjunto com o Bahiano, o Vitória e o Internacional, fundaram, no dia 15 de novembro de 1904, a Liga Bahiana de Sports Terrestres, ou LBST, a primeira liga de futebol da Bahia. Sua ocorrência foi bem vista pelos jornalistas baianos. Dois dias após a criação da Liga de futebol, o *Jornal de Notícias* informava aos seus leitores:

Anteontem, 15 às 11 horas do dia, reunidos alguns sócios dos clubes Vitória, Internacional, Bahiano e São Paulo, na sede deste, instalaram a LIGA BAHIANA DE SPORTS TERRESTRES que tem por fim dar maior desenvolvimento aos *sports* terrestres na Bahia. Procedida a eleição a sua diretoria ficou assim composta: - Presidente - F. G. May, - Vice- Artêmio Valente – Secretário Astolfo Margarido e Tesoureiro Aníbal Pertesen.²

Formada a entidade, apenas do início de 1905 foram abertas as inscrições para o campeonato que ocorreria naquele ano. Como a Liga foi fundada no final de 1904, não havia mais tempo

² *Jornal de Notícias*, Salvador, 17 de novembro de 1904.

para a organização de um certame. Além dos quatro clubes filiados, o São Salvador também ingressou em fevereiro.

Pela falta de uma praça esportiva adequada, o local onde ocorreriam os embates seria o Campo da Pólvora. Localizado no centro, no distrito de Nazaré, o campo foi ligeiramente reformado, cercado e nivelado. A sua escolha se deveu também pela boa localização, em decorrência de uma relativa facilidade de se chegar àquele lugar em comparação aos outros campos da cidade que ficavam em regiões periféricas ou distantes. Finalmente, era próximo do distrito da Vitória, local das residências da maioria absoluta dos idealizadores da Liga.

Sem a existência de arquibancadas, que nunca existiram no Campo da Pólvora, o campeonato no seu primeiro ano contou com o empréstimo de cadeiras por um circo que estava na cidade para a acomodação das famílias dos jogadores e demais autoridades. Nas edições seguintes as cadeiras seriam cedidas por familiares e amigos que moravam nos arredores do campo. Escrevendo em 1924, em suas memórias, Aloysio de Carvalho Filho, frequentador das primeiras partidas durante a infância lembrava como as pessoas assistiam aos jogos:

O foot-ball é, em mim, uma das mais nítidas impressões da infância. Lembro-me bem, como se ainda fora agora, da primeira vez em que o assisti, jogado no Campo da Pólvora dentro de um vasto círculo de gente.

*(...) Fossem jogar hoje *foot-ball* sem o conforto e o luxo de um campo aplainado, e gramado e gradeado! Naquele tempo, porém, nem os assistentes mais aristocratas gozariam do privilégio dos lugares numerados. Porque, para ir ao Campo de Pólvora, o caminho era um só e o veículo unicamente um. Todos iam a pé desde São Pedro. Iam e voltavam. E lá, se não tivessem amigos nas vizinhanças, que lhes emprestassem cadeiras, teriam que ficar a tarde toda de pé, e muitas vezes, mesmo levantando-se nas pontas dos pés para verem melhor. Verdadeiros ídólatras do *sport*, os que assim o praticavam e assim o assistiam.*³

Ainda que muito utilizada pelos memorialistas do futebol baiano, existe uma imagem que reforça as palavras de Aloysio de Carvalho Filho. Sem uma data precisa, a fotografia oferece pistas sobre situação do público espectador no Campo da Pólvora:

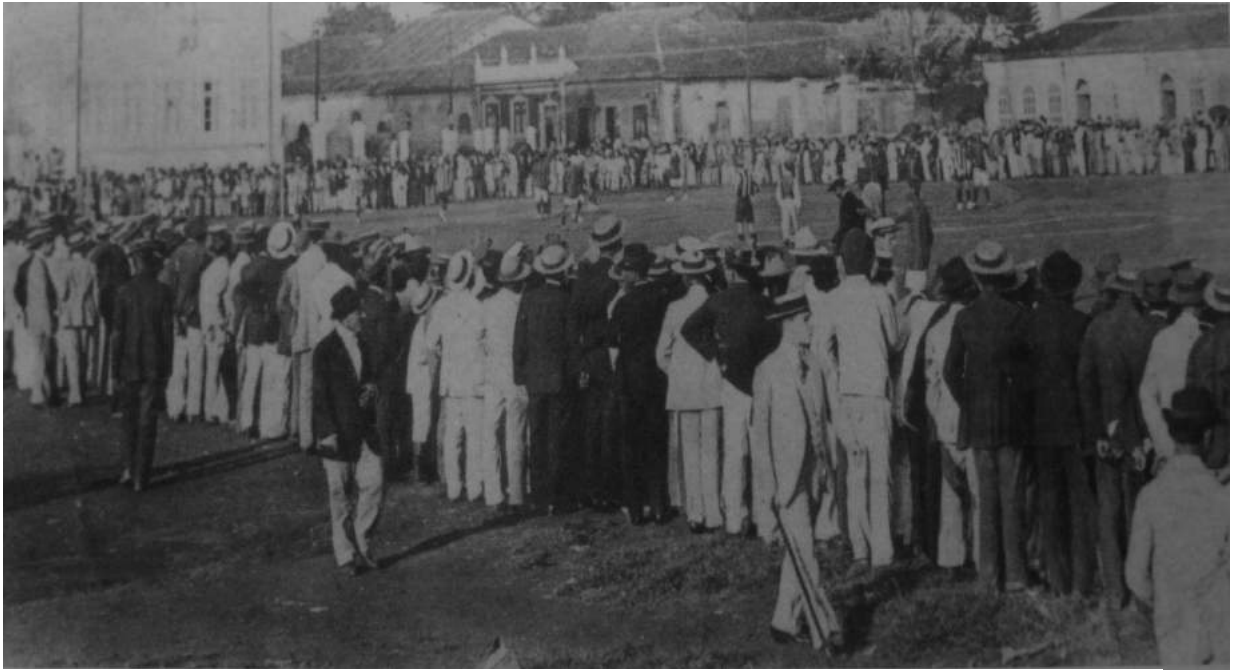


Figura 15: Campo da Pólvora em dia de jogo (Acervo Aroldo Maia, s.d.).

As memórias de Aroldo Maia juntamente com a fotografia apontam para como a vontade civilizadora idealizada nos jornais e refletida no futebol muitas vezes adquiria uma maior força nos discursos da imprensa do que na própria prática dos envolvidos. Ao carregar cadeiras nas costas ou espremer-se naquele pequeno aglomerado, ficando nas pontas do pé para assistir vinte e dois homens e alguns juízes correrem em um campo de terra batida, é provável que aqueles homens de terno e bengala estivessem buscando apenas uma nova diversão.

Talvez, se importassem mais em ter um lazer para seus amigos e familiares, como ficou demonstrado nos seus estatutos excludentes. É provável que fosse difícil para eles se pensarem enquanto responsáveis pela renovação das diversões baianas, uma vez que praticavam um futebol que não tinha nenhuma estrutura, comparando com outras realidades daquele período.⁴ Vale lembrar que alguns daqueles jovens tiveram contato com o futebol na Inglaterra onde já era bem desenvolvido do ponto de vista da estrutura.⁵

Ao qualificar a prática do futebol em lugares sem gramado e arquibancadas, de civilizatória, o discurso da imprensa revestia-se de uma capacidade inventiva que, na medida

³ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 159, 02 de julho de 1924.

⁴ Em 1905 o Fluminense já contava com arquibancadas de madeira em seu estádio.

⁵ Na Inglaterra já existiam no segundo quartel do século XIX estádios com capacidade de público significativa. Destaque para o *Stamford Bridge*, inaugurado em 1877, em Londres, e o *Anfield Road*, inaugurado em 1884, em Liverpool.

do possível, buscava superar as dificuldades da cidade de se inserir de modo mais contundente na modernização do seu espaço físico.

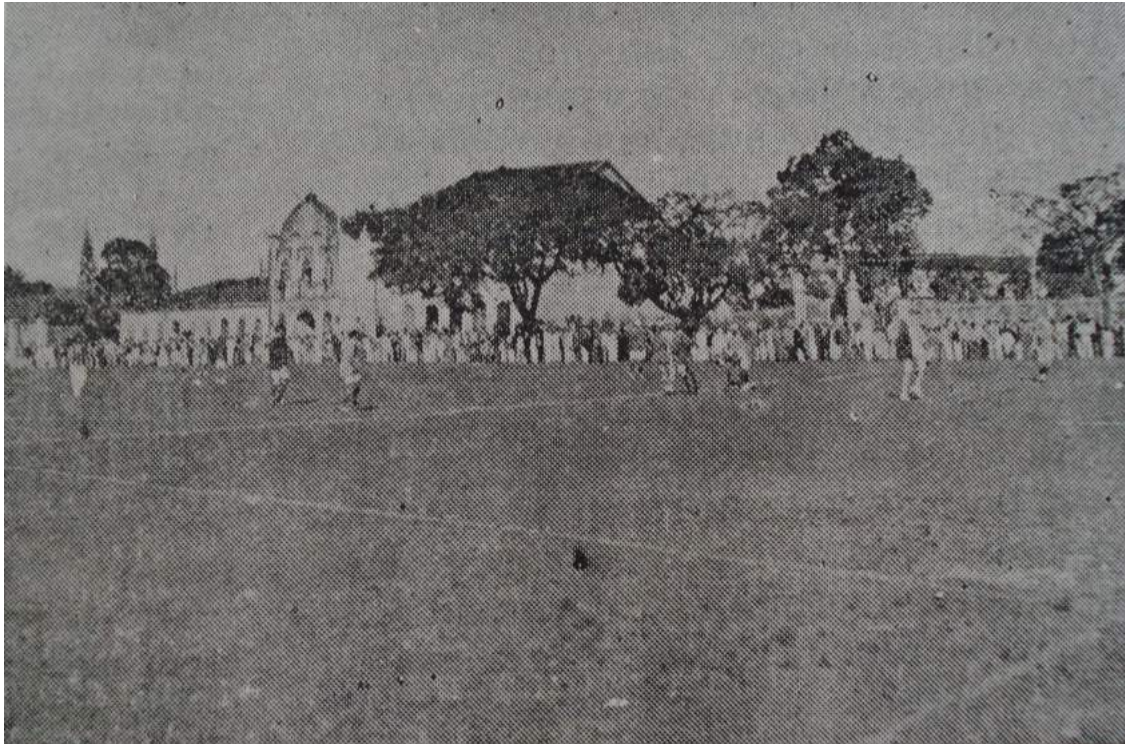


Figura 16: Outro aspecto do Campo da Pólvora. (Revista *Renascença*, 1921.).

A partir de 1907, o torneio foi transferido para o Rio Vermelho, uma vez que a intendência desejava ajardinar a praça e em razão de incidentes envolvendo alguns espectadores.⁶ Mesmo com a mudança, o campeonato continuou até o seu fim, em 1912, sem arquibancadas. A segunda partida da edição de 1907, por exemplo, foi realizada “com grande concorrência de cavalheiros e senhoritas, muitas das quais foram obrigadas a assistir, de pé, a toda a partida, por estar preenchido o pequeno número de cadeiras.”⁷

O jogo inaugural da primeira edição do certame ocorreu no segundo domingo de abril de 1905 e foi bem noticiada pelos jornais. De acordo com o memorialista Aroldo Maia, “O campo está embandeirado. Uma banda de música delicia os espectadores enquanto não se inicia o campeonato.”⁸ O São Paulo, que um ano antes tinha idealizado o torneio, não participou, pois seus jogadores se filiaram a outros clubes. O campeonato contou com a presença do Internacional, Vitória, São Salvador e Bahiano. No jogo, o clube de ingleses venceu o Vitória por 3 a 1.

⁶ Sobre os motivos da transferência do campeonato para o *Ground* do Rio Vermelho consultar o terceiro capítulo.

⁷ Jornal *Diário de Notícias*, 03 de julho de 1907.

⁸ MAIA, Aroldo. *Almanaque Esportivo da Bahia...*, p. 10.

Até 1912, quando foram realizados oito torneios, salvo algumas exceções, todas as partidas eram realizadas aos domingos. Fora este dia, os treinos, quando existiam, ocorriam nas quintas-feiras pela manhã. O fato dos jogos serem nos finais de semana possibilitou o surgimento de uma considerável assistência. Para as pessoas que ainda não estavam envolvidos em algum clube, o futebol se tornava uma forma de diversão que não dependia de outros fatores. O calendário contribuiu para que o lazer adquirisse um caráter rotineiro, devido sua regularidade.

Em algumas partidas, nos anos iniciais, a imprensa informava a presença de cinco mil pessoas, “dentre as quais destacavam-se distintíssimas famílias, cavalheiros de posição social, jogadores de sociedades congêneres, enfim, todas as nossas representações sociais.”⁹ Em outros jogos sentados nas cadeiras se destacavam algumas autoridades. A partida ocorrida em um domingo, 11 de agosto de 1907, contou com o “Contra Almirante Alves Camara e a oficialidade da divisão brasileira presentemente ancorada no porto desta cidade e o Sr. Dr. Governador do estado.”¹⁰ Obviamente misturado ao escol da sociedade soteropolitana, estavam populares, pobres, negros. Possivelmente, a experiência do campeonato da LBST inclusive fomentou a fundação de muitos dos clubes que havíamos falado.

Mesmo ocorrendo naquelas circunstâncias, os jornais faziam entender as tardes futebolísticas de domingo enquanto uma prática que, juntamente com o surgimento dos clubes, estava civilizando os costumes e as diversões dos soteropolitanos. Já nas primeiras partidas da competição, os periódicos louvavam a iniciativa da criação de um certame que seria benéfico para evolução da cidade. Principalmente o jornal *Gazeta do Povo*, não só no primeiro torneio, como nos subsequentes, tecia muitos elogios aos jogadores. Nos antecedentes de uma partida do segundo torneio, em 1906, relatou que “uma salva de palmas ouviu-se, numa saudação aos bravos rapazes que, com o desenvolvimento do *sport* entre nós, concorrem também para a civilização dos nossos costumes.”¹¹ O jornal ainda finalizava a crônica enviando congratulações aos clubes uma vez que entendia que o “movimento de *sport* é a mais salutar, útil e civilizadora das diversões.”¹² Já na partida do dia 11 de agosto de 1907, a mesma em que o Governador esteve presente, o *Gazeta do Povo* lembrava que “foi sem dúvida, *match* de honra do campeonato de *foot-ball*, e uma das mais encantadoras festas esportivas que à Bahia ofereceram estes rapazes robustos e perseverantes que, lutando contra

⁹ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 28 de maio de 1906.

¹⁰ Jornal *Gazeta do Povo*, Salvador, 10 de agosto de 1907.

¹¹ Jornal *Gazeta do Povo*, Salvador, 23 de julho de 1906.

¹² Idem.

a indiferença dos nossos costumes patriarcais triunfaram afinal, amados da cidade que já se afez a festejá-los.”¹³

A Liga também era marcada pelas distinções sociorraciais. Afinal, muitas das associações coligadas proibiam a participação de negros e populares. Alguns clubes não raramente solicitavam o ingresso na Liga, mas não eram aceitos.¹⁴ Apenas após 1910 é que jogadores modestos conquistaram algum espaço nesta Liga, não com clubes próprios, mas no ingresso em equipes médias. É possível afirmar que, até 1910, em Salvador quando a imprensa louvava o suposto caráter civilizador do futebol, este adquiria uma conotação racial e classista. A exclusão, principalmente de negros foi algo tão marcante na cidade que entre os contemporâneos e, mais tarde, os memorialistas, a Liga Bahiana de Sports Terrestres ficou conhecida pelo nome Liga dos Brancos. Segundo Aroldo Maia:

Com menos de cem anos de abolição de escravatura era natural que o negro ainda fosse olhado com certo rancor e reservas, pois a Liga Bahiana de Sports Terrestres, para ser atual, não aceitava que seus clubes filiados tivessem jogadores de cor. Ser negro era macula indelével naqueles tempos de muito saudosismo dos baronatos e sinhasinhas. Além disso, a presença de elementos femininos que provinha das altas rodas era uma espécie de *one pas* para a raça negra no futebol. Jogo de inglês era jogo de branco. E sem qualquer seiva de preconceito, temos de reconhecer que a discriminação racial foi, até certo ponto, benéfica ao nosso futebol. Porque o amparo material e moral que esse esporte precisou receber para se firmar teria que vir dos brancos, da alta sociedade de então, toda ela composta de homens descendentes de portugueses, teria de vir dos ingleses aqui residentes, que foram os grandes incentivadores. E todos sabem que os ingleses são racistas, que a grande segregação racial dos Estados Unidos está no sul onde o elemento britânico copiou inteiramente os modelos de suas origens. (...) Apesar deste nefário preconceito, os homens de cor não deixaram de ter suas preferências pelos clubes dos brancos. Bendita docilidade e compreensão do nosso irmão negro, que mesmo renegado e relegado ainda encontrou alento para admirar seu algoz. (...) Os homens de cor compareciam aos campos de futebol torciam por seus clubes prediletos, mas chamavam a LIGA BAHIANA DE DESPORTOS TERRESTRES de LIGA DOS BRANCOS, e os clubes a elas filiados de CLUBES DOS BRANCOS, porque lhe era negado o direito de praticarem o futebol oficialmente.¹⁵

Com o seu “sem qualquer seiva de preconceito”, o autor parece concordar com a exclusão dos negros, uma vez que o futebol sendo um fenômeno moderno não teria como vir deles. Afinal, para Aroldo Maia e os contemporâneos do futebol, naqueles anos tudo o que era moderno necessariamente teria que vir da Europa, dos ingleses e franceses, e não de alguns negros e suas práticas culturais de matriz africana. Com isso, o memorialista entende que,

¹³ Jornal *Gazeta do Povo*, Salvador, 12 de agosto de 1907.

¹⁴ Há relatos que o Fluminense fundado por populares em Salvador, em 1904, solicitou algumas vezes seu ingresso na entidade que foi rejeitado. Por conta disso acabou fundando uma Liga alternativa para clubes menores. Sobre o Fluminense esta Liga ver o terceiro capítulo.

mesmo querendo, os negros não teriam condições de serem modernos, pois não teriam como formar ligas e clubes, as duas principais instituições que constituíam o futebol naquele momento. Neste sentido, o moderno assumia um sentido civilizatório com uma forte conotação racial.

A presença na cidade de uma competição e de clubes que adotaram critérios raciais na sua organização e desenvolvimento pode ser entendida dentro de um processo de reinvenção das desigualdades e hierarquias sociorraciais. A proclamação da República e extinção da escravidão foram fenômenos que ao proporcionar, ao menos, uma condição jurídica de igualdade entre os sujeitos sociais também contribuíram para o esfacelamento da ideologia de dominação senhorial que sustentava e legitimava a desigualdade. Deste modo, ainda que buscando no futebol um simples divertimento, a forma como se desenvolveu entre as elites indica que, em alguma medida, o jogo de bola se tornava uma ferramenta útil à permanência das hierarquias sociais e raciais.¹⁶

Instituir o futebol na cidade a partir de critérios raciais só era parte de um processo que parecia ter início no momento em que jovens como Zuza Ferreira, ao fazer do jogo uma prática distinta e elegante, se apropriavam de uma atividade que há um bom tempo era popular na Inglaterra.

Por outro lado, os próprios relatos de Aroldo Maia apontam que a exclusão do negro não era absoluta e não tinha como ser. Ora, os clubes de elite tinham como proibir a participação dos negros em suas instituições privadas, mas não tinham como excluí-los da condição de espectadores em um campeonato realizado em praça pública e praticamente sem nenhum controle da assistência. Até mesmo a privatização do campo em 1907, com a cobrança de entradas, não oferecia tanta resistência à presença da população subalternizada que poderia comprar um ingresso por 1\$000. O que o autor chama de docilidade dos negros em torcer e assistir partidas de brancos é possível entender como uma forma desses sujeitos conhecerem um esporte que ainda era novidade e assim forjarem formas próprias de participação.

¹⁵ Maia, Aroldo. *O preconceito de raças*, sd. sp.

¹⁶ Como vimos, o próprio Aroldo Maia que escreveu estas memórias sobre o futebol baiano foi, com seu irmão Alexandre Maia, um dos fundadores do Yankee que em seus estatutos impunha uma série de restrições que acabavam por impedir o ingresso de negros e populares no seu clube.



Figura 17: Jogadores do Vitória campeões do torneio de 1908. Entre eles Bernardo Martins Catharino e os irmãos Tarquínio.

Voltando à Liga, o que a imprensa chamava de luta contra a indiferença dos costumes patriarcais pode ser observada nos códigos de comportamento que envolviam um jogo. Na absoluta maioria, uma banda musical antecedia os embates, animando os torcedores e jogadores. No penúltimo jogo do campeonato de 1905, entre Internacional e São Salvador, o *Diário de Notícias* informou que “no intervalo, que foi de 18 minutos precisamente, a Banda do 2º Corpo Policial deliciou os presentes com variados números de seu repertório vastíssimo.”¹⁷ A presença de uma banda se fazia necessária na medida em que, durante a sua performance, as famílias e jogadores poderiam conversar, flertar e se sociabilizar.

Em uma das partidas entre Internacional e Bahiano, o “ilustre Sr. Dr. José Maria Tourinho, ordenou a uma das músicas (sic) da polícia que abrilhante a festa com a sua presença, correspondendo assim aos pedidos dos dignos *sportmen* e aos desejos de todos os que vão ao apreciado divertimento.”¹⁸ Como não existiam vestiários e as cadeiras eram próximas do campo, no intervalo, os jogadores aproveitavam para um possível *flirt* com torcedoras interessadas e conversar com seus familiares.

Em suas memórias sobre este período, Wilobaldo Campos, que foi jogador na época, afirmava que “durante os intervalos, após lavarem os rostos e as mãos, pentearem e

¹⁷ Jornal *Diário de notícias*, Salvador, 28 de agosto de 1905.

¹⁸ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 12 de maio de 1906.

cosmesticarem os cabelos, recebiam (...) o limão descascado ou a laranja cravo e iam conversar nas rodas com as belas e fervorosas crentes.”¹⁹ Segundo Wilobaldo:

Quantas vezes, em meio à peleja vimos *players* fingirem câimbras, dores, tombos ou pancadas que não levaram nem sofreram, caírem aos pés ou perto da eleita para dela obterem, aflita e assustada, um olhar de piedade e compaixão, uma palavra doce que seria ainda a confirmação sempre renovada do amor existente entre eles... senão um estímulo para aguentar o fôlego ou um leve descanso à bola que o torturara e lhe ressecava a língua.²⁰

Já em relação às vestimentas, além de o público feminino ir trajado de roupas finas, os homens vestiam os seus melhores trajes, frequentando aos jogos de termo, gravata e chapéu. As roupas também chamavam a atenção porque já naquela época através delas o público buscava indicar a qual clube pertencia ou torcia. Mais uma vez Aloysio de Carvalho relembrava:

Como eu ia alegre, cheio de mim, preocupado, principalmente, em investigar, através da minha curiosidade infantil, se aquelas pessoas todas eram do mesmo club que eu, e traziam, assim, no chapéu, na gravata, na combinação rubro-negra, de que eu era, por tradição de família, incondicional adepto. Sim!, porque naqueles tempos, em que os costumes seriam mais discretos e mais recatados que hoje, o partidarismo no sport se ostentava de formas berrantes e vistosas, anunciando-se de muitos metros de distância. De modo que a multidão numa praça de *foot-ball* era, quase sempre, um conjunto poli-crômico de admirável efeito. Os homens escondiam os chapéus sob largas fitas coloridas; as senhoras possuíam toilettes inteiras e apropriadas, com as cores do seu *club*. Não haveria, por exemplo, torcedora fervorosa do São Salvador que não tivesse o seu vestido alvo, sobre uma sombrinha verde, e sob uma faixa de verde mais carregado a cintura.²¹

Pela banda musical, pelas vestimentas e pelos *flirts*, temos a impressão que o futebol promovia uma interatividade social para além do jogo propriamente dito. Ir ao jogo, ouvir música, conversar com amigos, conhecer possíveis pretendentes eram ações que transcendiam o fato de assistir uma partida. Por estas possibilidades é que a imprensa acreditava que o futebol de algum modo materializava os seus ideais. Por exemplo, na partida entre Vitória e Internacional, em 1906, o *Gazeta do Povo* parece resumir toda a pompa que envolvia um evento futebolístico:

Preuncio da animação e brilhantismo notáveis do interessante torneio *sportivo* de ontem, desde cedo, o vasto Campo do Martyres, excetuada a área limitada à ação dos *foot-ballers* começou a regurgitar de espectadores, numa concorrência de escol, em cujo seio enxameavam em formosíssimo destaque, mercê de trajes

¹⁹ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 117, 21 de julho de 1923.

²⁰ Idem.

²¹ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 159, 02 de julho de 1924.

leves e multicores Exma senhoras e garrulhas crianças, engalanadas todas com os respectivos distintivos dos *clubs* de que são adeptas. Ainda como uma nota de elegante e sumptuosa, posta em relevo em meio ás rutilancias da festa, via-se, a um lado do campo, á guisa de arquibancadas, uma fileira de carruagens, de onde bizarramente se ostentavam distintíssimas famílias, no torneio certamente interessadas, ardendo em desejos de vê-lo logo travado e quiçá prontamente decidido.²²

Não obstante, no desenrolar da crônica, o jornal narre os aspectos propriamente ditos do jogo, as faltas, escanteios e gols, a preocupação maior do artigo parece estar voltada para os aspectos estéticos. Pelo menos nas duas primeiras edições do campeonato, em algumas crônicas, sobretudo do *Diário de Notícias*, os elementos como a beleza da torcida, as cores dos vestidos das mulheres, o repertório musical da banda adquirem uma centralidade, a despeito da partida propriamente dita e os seus lances técnicos. Na principal partida do campeonato de 1905, entre Vitória e São Salvador, é possível ver uma prioridade da narrativa em relação aos aspectos estéticos do jogo:

Das festas esportivas que se tem realizado nesta capital aonde um punhado de moços vai fazendo renascer o gosto por essas diversões, tão útil ao desenvolvimento físico quanto agradável aos centros civilizados, nenhuma tão anunciada e entusiástica como a quarta partida de *football* do campeonato de 1905, ontem realizada no Campo dos Martyres destinado atualmente par isso. O dia amanheceu sob um céu sem nuvens e a tarde igualmente bela convidada aquela festa *chic* que teve para seu maior realce a presença numerosa e escolhida de mais de 300 Senhoras trajando quase todas toilettes leves, e das cores mais variadas. As extensas filas de cadeiras postas à sombra foram logo cedo ocupadas e que imprimiu a nota destacando o Campo dos Martyres. Os bondes do ramal de Nazareth se bem que em número insuficiente conduziram inúmeras pessoas e pode-se dizer que todos os lados da grande praça estavam repletos de espectadores e entusiastas dos dois *clubs* que iam medir forças no anunciado campeonato. Além disso, os cavalheiros e famílias a carro aumentavam o aspecto festivo do campo, onde a hora inicial compareceram os dois adversários.²³

Nesta crônica podemos averiguar, a princípio, o detalhismo do cronista em relatar minuciosamente a condição do tempo no dia, a quantidade e a forma como as senhoras e senhoritas estavam vestidas e, finalmente, até o modo como as pessoas se deslocaram para a praça esportiva. O relato minucioso das crônicas das partidas torna-se um elemento fundamental uma vez que coadunam com as idealizações da imprensa sobre o futebol. Quanto mais detalhes sobre os vestidos, o céu irradiado ou a quantidade de carruagens ao redor do campo eram narrados, mais pomposo o jogo se apresentava.

²² Jornal *Gazeta do povo*, Salvador, 11 de junho de 1906.

²³ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 22 de maio de 1906.

O que parecia estar em primeiro plano para os jornais e em alguma medida para os jogadores era o cultivo do jogo levando em conta sensibilidades como o respeito e confraternização. O fato mais comum após o término da partida era a ida ao famoso salão-restaurante do Hotel Sul Americano onde os jogadores, vencedores e vencidos, além dos seus familiares e amigos, confraternizavam-se regados a champanhe. O Hotel foi inaugurado em 1895 e seis anos depois os “seus proprietários resolveram abrir o salão-restaurante, oferecendo um jantar completo a 3\$000.”²⁴ O Hotel situava-se na ladeira de São Bento, próximo à praça Castro Alves, e pelo luxo se tornou um dos principais lugares de confraternização após os embates. Na partida acima que, segundo Aroldo Maia, teve a assistência de 10.000 pessoas²⁵, um jornal descreveu os seus desdobramentos:

Assim terminou a partida que foi a mais disputada e concorrida da primeira estação com a vitória do Club São Salvador que colheu novas manifestações explodidas numa alegria comunicativa e demorada tão grande foi o entusiasmo reinante que de momento se organizou numeroso préstito.

Às seis e meia desfilava este caminhado até o Sul Americano tendo à frente a Música da Polícia, o *team* do S. Salvador, famílias, adeptos do club vencedor, sócios de outros *clubs* congêneres, grande massa popular em entusiástica passeata.

No Sul Americano foi servido champanhe e oferecido pelo capitão do *team* São Salvador, Sr. Arthur Morais, sendo erguidas saudações ao S. Salvador, ao Vitória, ao clube de regatas Itapagipe e a Liga Bahiana de Sports Terrestres e a Federação dos Clubs de Regatas.

Pela festa de ontem felicitamos a mocidade esportiva da Bahia e damos parabéns aos vencedores do esplêndido *match*.²⁶

No final da última partida do certame de 1906, entre o já campeão São Salvador e o Bahiano, “penetrou uma interessante criancinha com uma linda capela de louros, tendo uma fita verde e branca, oferecendo ao Sr. Aloysio Costa Santos, distinto capitão do São Salvador, sendo por essa ocasião saudado o *team* respectivo com 21 tiros.”²⁷ Nesta mesma partida:

Muitos foram os ramalhetes de flores naturais e artificiais entregues aos sócios do clube São Salvador, cujo hino foi tocado nessa ocasião pela banda de música o 9º batalhão de infantaria.

Do Campo dos Mártires dirigiu-se o préstito, organizado depois da partida e precedido da banda do 2º corpo e polícia, para o Polytheama, sendo, no trajeto, muito aclamados, não só o vencedor do Campeonato, mas também todos os clubes que fazem parte da Liga Bahiana de Sports Terrestres.²⁸

²⁴ FONSECA, Raimundo Nonato da Silva. *op.cit*, p. 70.

²⁵ MAIA, Aroldo. *Almanaque Esportivo da Bahia...*, p. 10.

²⁶ *Jornal Diário de Notícias*, Salvador, 22 de maio de 1906.

²⁷ *Jornal Gazeta do Povo*, Salvador 17 de setembro de 1906.

²⁸ *Idem*.

Observem que uma das preocupações de ambas as crônicas foi a de narrar principalmente a confraternização tanto dos vencedores quanto dos perdedores, o que parece revelar a inexistência de rivalidades acirradas na competição. Daí que podemos considerar que os jogos faziam parte de um processo maior que era a festa esportiva e a interação social.



Figura 18: Ladeira de São Bento. Ao lado direito, de cor marrom, se encontra o Hotel Sul Americano.

Um ponto de encontro: o Campo da Graça e a constituição de um novo sentido para o futebol

Até 1912, embora para alguns setores da sociedade o campeonato obtivesse um relativo sucesso, veremos que os certames encontravam dificuldades para a sua continuidade. Pela falta de um estádio ou arquibancadas nos campos existentes, as pessoas assistiam aos jogos em pé ou em cadeiras emprestadas, não existindo um conforto para os espectadores. Não existiam coberturas e outro tipo de equipamento que protegessem o público que se furtava de ir ao jogo em dias chuvosos. A falta de uma praça apropriada facilitou a presença de populares, uma vez que o público ali não era tão controlado. O surgimento de vários clubes também expandiu o futebol para além de uma experiência estritamente elitizada. Finalmente veremos, no terceiro capítulo, que a transferência dos jogos LBST para o Rio Vermelho, em 1907, piorou a situação, uma vez que o bairro ficava muito longe do centro, local de moradia

da maioria dos ricos da cidade e sem transporte suficiente. Até existiram algumas tentativas de construir arquibancadas no Rio Vermelho, mas sem sucesso. Talvez seja possível que estes fatos também servissem para justificar o fim do torneio da Liga em 1912.²⁹

Apesar disso, alguns clubes das elites ainda realizavam partidas, não em campeonatos, mas em jogo amistosos ou comemorativos. As realizadas em 1913 e 1914, logo após o fim do campeonato, mantinham o ânimo pelo esporte dos *sportmen* endinheirados. O cronista K, famoso pelas suas colunas mundanas e sociais no jornal *A Tarde*, em 1913, lembrava a importância do futebol e a sua necessidade em Salvador, um pensamento que arrebataria as elites soteropolitanas com mais força após a Primeira Guerra Mundial:

De todos os esportes, o que mais se aclimatou na Bahia foi incontestavelmente o *foot-ball*.

Domingo, assistimos a uma partida no Campo dos Mártires e a nossa impressão, diante dos músculos que se retesavam, dos artelhos de aço, leves e expeditos na defesa e ataque das bolas, foi a melhor, porque nos trouxe a certeza de que se prepara nesses torneios uma sociedade forte e sadia.

Nós éramos um povo de anêmicos e tristes. Os poetas faziam até timbre de celebrar requinte de beleza a palidez e as olheiras, que são de fato manifestações mórbidas de anemia, de clorose.

Hoje, com a transformação que passou o Brasil, após o patriotismo glorioso de Rodrigues Alves, um sangue novo tumultua nas veias da geração nova.

E já se ri alto, porque a alegria é o sintoma da higiene da saúde.

O remo, o jogo britânico da bola vão desenvolvendo músculos e tórax e preparando par o futuro uma raça corajosa pela consciência da própria força, das próprias energias e triunfadora na vida.³⁰

Pela leitura do *Diário de Notícias*, *Gazeta do Povo* e *A Tarde*, alguns dos principais jornais que cobriam o cotidiano esportivo da cidade, este tipo de discussão entre 1913 e 1919 não era muito comum, uma vez que eram os clubes médios e populares que predominavam nos certames futebolísticos. Neste sentido, para a imprensa o futebol só traria benefícios quando praticado pelas elites que conheciam o “verdadeiro” espírito do esporte. No próximo capítulo veremos que os torneios envolvendo clubes mais populares não despertaram tanto interesse para a imprensa, uma vez que praticado por populares não traria benefícios para cidade. Houve até uma tentativa de novamente montar uma competição para as elites em 1915. A Liga Sportiva da Bahia teve uma edição realizada, porém não deu prosseguimento à iniciativa.³¹

²⁹ Os problemas que contribuíram para o fim da primeira liga de futebol em Salvador serão analisados no terceiro capítulo.

³⁰ Jornal *A Tarde*, Salvador, 13 de agosto de 1913.

³¹ Sobre esta Liga ver o terceiro capítulo.

Com o fim do torneiro de 1912 seria apenas em 1920, com a construção do Campo da Graça, que as elites de um modo geral voltariam a participar de um campeonato. Aqui nos ateremos somente às sociabilidades e sensibilidades que o estádio engendrou, não só para as elites, como para outros grupos da sociedade. Existiram diversos fatores que marcaram o retorno das elites e que serão trabalhos no quarto capítulo.

A principal praça esportiva da Bahia até 1950 era situada na Graça, um dos centros da cidade e lugar de moradia de boa parte das elites. O estádio era uma construção moderna, com arquibancadas cobertas, gramado e vestiários para os jogadores. Ou seja, um espaço, enfim, à altura dos vestidos e ternos de homens e mulheres que, do ponto de vista estrutural, oferecia atrativos nunca vistos antes em Salvador.³² Estes fatos foram suficientes para aumentar consideravelmente a afluência de espectadores em época de campeonato que naquele momento que não se restringiam apenas às elites, mas a sociedade em geral.

Obra de iniciativa do Vitória, Bahiano de Tênis e Associação Atlética, que desejavam participar ou voltar a participar de um campeonato, o Campo da Graça também pode estar situado dentro do mesmo contexto do surgimento do Bahiano de Tênis. Ao passo que o alvinegro na construção do *Bungalow* demonstrava o progresso esportivo da cidade, oferecendo aos sócios um ambiente diferenciado de confraternização social, os idealizadores do estádio o imaginavam enquanto um local público de interação social/esportiva e de manifestação do adiantamento da cidade. Em outras palavras, as elites desejavam tornar o campeonato em um grande evento social, não só para si, mas para a cidade como ocorria nas suntuosas festas ao som das bandas de jazz oferecidas pelos clubes.

É possível que a construção do Campo da Graça também tenha sido influenciada pelas reformas urbanas da gestão de José Seabra, que na construção da Avenida Sete, da Avenida Oceânica ou na reforma da Rua Chile, desejava fazer com que alguns espaços da cidade se tornassem lugares de convergência social. Ou seja, os logradouros públicos não eram locais de passagem, mas de permanência. Daí a necessidade de uma reconfiguração dos espaços públicos para que comportassem lojas, sorveterias, cafês, praças ajardinadas entre outros elementos que distraíssem os transeuntes. Na esteira das intervenções urbanas, o estádio era uma construção pensada para ser um marco, uma referência na cidade que estimulasse as pessoas a interagir com o espaço urbano. A sua localização, no centro da

³² De modo mais detalhado a construção do Campo da Graça e formação de uma nova liga de futebol pelas elites será analisada no quarto capítulo.

cidade, na esquina das atuais Rua Catharina Paraguassú e Avenida Euclides da Cunha buscava favorecer a reunião de pessoas.

Podemos imaginar também que, em um primeiro momento, os clubes e a LBST tinham uma preocupação em oferecer um lazer para os seus sócios e filiados, embora a imprensa utilizasse essas ações enquanto um exemplo de renovação cultural da cidade. Já o estádio parece surgir em um contexto em que as elites não só desejavam acompanhar o desenvolvimento urbano da cidade, mas visavam inseri-la na associação com o esporte em uma nova conjuntura decorrente dos efeitos da Primeira Guerra Mundial. Para Nicolau Sevcenko, uma das consequências daquele conflito mundial foi requerer das pessoas:

(...) o seu engajamento físico, em condições que rompam com a rotina do cotidiano e o consenso dos hábitos e ideias. Só desse modo elas podem vir a desempenhar um papel ativo, integrando uma força coletiva que adquire assim uma corporeidade extra-humana. Nesse desempenho físico em que o corpo é a peça central, os agentes da “ideia nova” se expõem a um intenso bombardeio sensorial e emocional, que se torna a substância enérgica em si mesma da ação, não devendo, pela lógica da sua própria economia, se desdobrar em considerações reflexivas ulteriores. Neste sentido, não é que a ação preceda o pensamento, mas mais do que isso, ela se nutre exatamente da abstinência dele.³³

Para além de oferecer novas formas de sociabilidade e de convergência, os clubes esportivos e o futebol passaram a ser vistos não só pela imprensa como pelos próprios dirigentes, principalmente os intelectuais, como necessários a inserção da cidade em uma dinâmica de engajamento físico de desenvolvimento do corpo, de regeneração da raça, assumindo, portanto, um caráter eugênico e pedagógico. A guerra contribuiu para esta dimensão dos esportes, uma vez que, para Sevcenko, “também nesse contexto é que as atividades atléticas tiveram o seu *boom*, compreendidas como um segredo militar para a adequada preparação das tropas”³⁴

Apesar de na cidade o futebol e os clubes existirem desde o início do século XX, entre as elites letradas estes fenômenos eram mais pensados enquanto formas de lazer não necessariamente revestido de caráter pedagógico. Isso não quer dizer que naquele momento inexistiam discursos que pensavam o esporte enquanto uma atividade capaz do fortalecimento e regeneração física. Nos jornais, a ideia de que o futebol civilizava a cidade também estava relacionada com o fato de que o esporte proporcionava o desenvolvimento do corpo. Entre alguns médicos, escritores e literatos também era presente este ideal. Em 1904, por exemplo,

³³ SEVCENKO, Nicolau. *op.cit.*, p. 32. O autor discute com profundidade as consequências da primeira guerra na mudança das percepções culturais especialmente no terceiro capítulo.

na Faculdade de Medicina da Bahia o médico Álvaro Reis em sua tese, defendia a importância da Educação Física através da prática do esporte:

Todo exercício físico deve ser acompanhado, para não ser monótono e enfadonho e ser satisfatoriamente realizado, de uma nota de prazer e interesse como caráter recreativo. Por isso jogo e os *sports* são de grande vantagem no aperfeiçoamento orgânico, na educação física, principalmente da mocidade.³⁵

No entanto, em Salvador, até 1912, estes discursos quando associados com o esporte não eram comuns, diferente de outras cidades, como o Rio de Janeiro, onde nos anos 1900 já existia um pensamento que considerava o futebol e os esportes importantes para o fortalecimento e higienização do corpo.³⁶ Provavelmente na capital baiana esse discurso quando relacionado com os esportes não tinha tanta receptividade pela falta de uma cultura esportiva ou de uma estrutura que oferecesse um tipo de suporte. O próprio Álvaro Reis em sua tese chegou a afirmar que os benefícios do futebol de nada valiam quando praticado sem as condições materiais necessárias. Jogado em um campo de terra batida no Campo da Pólvora em 1904, “a cultura física não podia ‘chamar-se cultura da saúde do corpo, mas sim da ruína do corpo’”³⁷

Já na década de 1920, em Salvador, há de se considerar uma recorrência maior de discursos que retratam um pensamento que via no esporte uma prática fundamental para o progresso da cidade, pois esta tinha condições de corresponder.

Portanto, é possível que na capital baiana, com o Campo da Graça, o campeonato de futebol ressurgiu para as elites em um contexto em que os sentidos do jogo foram ampliados. Como observado em algumas páginas atrás e no capítulo anterior, na primeira Liga de futebol era comum encontrar um discurso nos jornais de que aquele esporte civilizava a cidade.

Nos anos 1920, o discurso civilizatório ainda existia, porém acompanhado, sobretudo, da noção de progresso. Naquela década, o futebol enquanto uma atividade considerada favorável ao engajamento e fortalecimento físico, surgiu no discurso da imprensa e no pensamento de setores das elites praticantes, como um fenômeno responsável pelo progresso da cidade. Muito pelo contexto já salientado por Sevcenko e também pela chegada

³⁴ SEVCENKO, Nicolau. Futebol, metrópole e desatinos. In: *Revista USP*, n.22, jun/agos. 1994, p. 33.

³⁵ REIS, Álvaro Borges dos. Educação física. Bahia: Litografia Reis e Companhia, 1904, p 57, *apud* PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania...*, p. 44.

³⁶ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania...*, p. 42 – 55.

³⁷ REIS, Álvaro Borges dos. Educação física. Bahia: Litografia Reis e Companhia, 1904, p. 91, *apud* PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania...*, p. 60.

das ideias eugênicas, o futebol dentro de uma cultura do engajamento físico assume juntamente com outras práticas esportivas uma centralidade quanto ao desenvolvimento da cidade. Ou seja, para os contemporâneos era possível pensar a cidade a partir do jogo de bola, o seu progresso e evolução poderiam ser medidos na quantidade de clubes e praticantes de futebol. Afinal esta atividade era uma das responsáveis pela regeneração e fortalecimento da raça, entendida enquanto nação.

Um texto de João Sapeca, colunista da Revista *Semana Esportiva* ilustra bem a mudança de pensamento:

Pediram-me escrevesse uma crônica esportiva, a mim que de *foot-ball* só sei torcer e gritar. Mas a boa vontade tudo neste velho mundo de Deus e do Diabo e por isso meti ombros à empresa, que aqui tem os baianos amigos do esporte, acabada, seja como for.

Jogar bem o *foot-ball*, ser um bom arqueiro, um bom *back*, um bom médio, um bom *foward* é presentemente aspiração de muita gente boa. Quase diria a única aspiração de muita gente limpa. Civiliza-se a Bahia, não resta dúvida. Outros progredem tendo bons governos, boas estradas, treinando exércitos e adestradas frotas.

Nós progredimos, avançando superiormente, nas regiões do almofadismo, do atirar bem o pé na bola, de maneira que, já não nos restam mais talentos de cabeças senão gênios de pernas.

Quem não joga bem o *foot-ball* hoje, se repurga de um grande inominável desgosto. Porque nas esquinas de quem se fala é de Popó ou de Dois Lados, nas reuniões o que se comenta são as tiradas de Arruda e os tiros de Liberato, de jeito que, sorrisos já não têm formosas meninas baianas senão para quem é, de verdade, inteirado *foot-baller*.

E isso, não há que ver, é progresso, é adiantamento, é claro como a luz do dia, um passo à frente no concerto da civilização universal.

Um campo é uma escola.

Inaugurem campos que vocês estão a semear escolas. Escolas de adestramento no salto e na carreira, de sorte que se nos surge por aí, num belo dia uma guerra a pátria não periga, que há *teams* de sobra para defendê-la³⁸

Pela construção da narrativa, talvez a fala de Sapeca esteja carregada de uma ironia, que revela certo conservadorismo e resistência às mudanças culturais. Todavia, ela é expressiva para contextualizar o momento do futebol em Salvador no início dos anos 1920. O pensamento de progresso a partir do esporte não era frequente entre 1904-12, até porque era uma novidade. Em parte, essa mudança ocorre porque ao menos em Salvador a atividade há muito tempo deixara de ser exclusiva das elites, experimentando um vigoroso processo de difusão pela cidade entre populares e as classes médias, o que nos leva a concluir que já não era possível associá-lo exclusivamente apenas a uma classe ou a um grupo.

Nesse bojo, no pensamento de uma elite intelectual, o Campo da Graça seria um demonstrativo do progresso da cidade. Não raramente encontramos referências positivas sobre

³⁸ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 2, 17 de abril de 1921.

o impacto da praça esportiva na cidade. Assis, um dos cronistas esportivos mais entusiasmados com o novo momento do futebol sempre destacava em suas colunas o valor do Campo e do jogo para os soteropolitanos:

O football venceu afinal.

Na hora que corre ele está em pleno *zenith* da glória. Os trabalhos, os sacrifícios incontáveis, tudo isso que custou fazê-lo vencer, eu vejo largamente compensado pelo interesse geral, pela animação vibrante que enche as semanas e delas transborda para as apoteoses magníficas, no estádio, aos domingos.

Festas públicas? Matinês, intoleráveis matinês? Não as vê a cidade ou finge ignorá-las, que o cuidado das suas atenções, no lazer dos domingos, tem ela melhor onde aplicá-lo. O sol abrasa? Então, é encantador passear-se o olhar pela arquibancada. Variedades de cores, em vestidos talhados a capricho, como os sabem usar as baianinhas, emolduram corpos elegantes.

Chove? Nem assim amortece aos torcedores a vontade de torcer.

Ainda, domingo era agradável ver-se a assistência que rompera uma grande tempestade para aplaudir os feitos das cores suas simpatias.

O foot-ball venceu e não morrerá mais!

Assim não lhe faltem o auxílio dos homens enérgicos e devotados, o concurso indispensável da mocidade que ama a educação física e, finalmente diria melhor e principalmente a assistência e os aplausos confortadores da mulher.³⁹

Por conta da nova praça esportiva, a moda, os trajes, as bandas e outros elementos que caracterizavam as sociabilidades do futebol intensificaram-se, justamente pelas novas demandas e existência de um espaço apropriado. Por outro lado, o estádio, para a imprensa, se constituía enquanto um lugar que incentivasse as pessoas à prática de alguma atividade física. A vitória do futebol na cidade, através do estádio se dava não só por este ser um lugar de interação, mas principalmente por ser um espaço de demonstração da capacidade física e corporal da cidade.

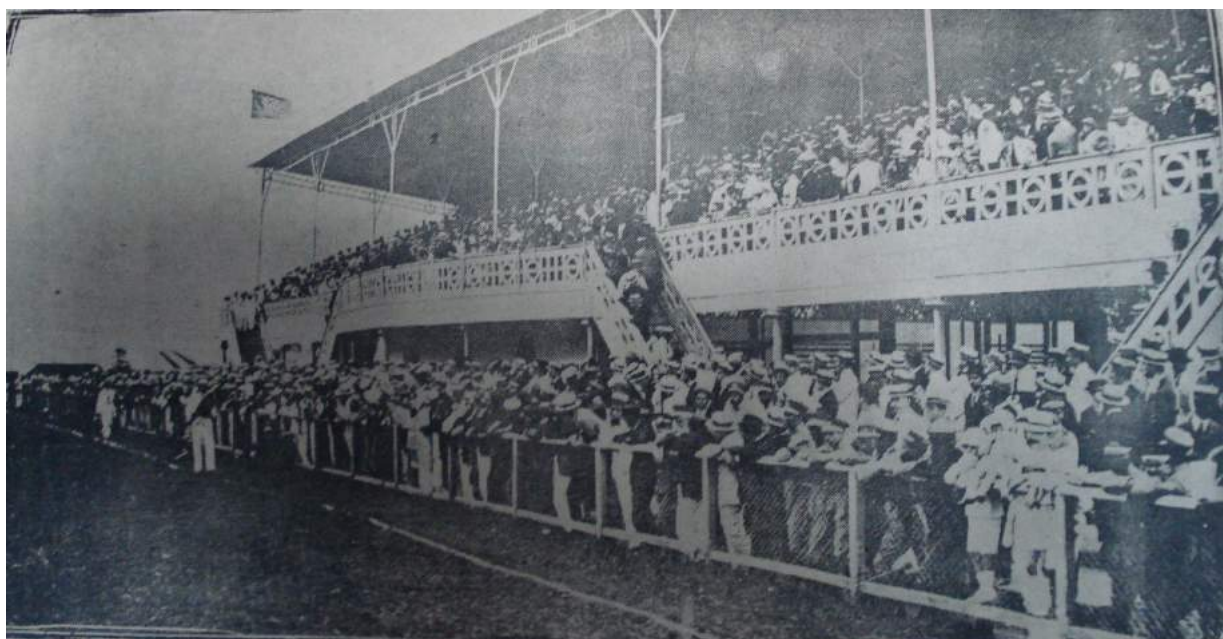


Figura 19: Campo da Graça em dia de jogo concorrido. (Revista *Semana Esportiva*, 1921).



Figura 20: Aspecto da Torcida no Campo da Graça, (Revista *Renascença*, 1922)

Em relação à moda, a preocupação das elites em “estar bem vestido” foi marcante em todo período de existência de um campeonato de futebol promovido por estas. Contudo, com o Campo da Graça, esta preocupação tornou-se bem mais exacerbada. Alguns colunistas se mostraram incomodados com os trajés com que, principalmente, as mulheres iam aos jogos:

³⁹ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 59, 20 de maio de 1922.

A moda e o *sport*

Em um dos últimos domingos, por uma tarde nublada de inverno, fui assistir a uma das mais interessantes partidas, onde iam medir forças duas das nossas mais fortes equipes. O formoso Campo da Graça estava repleto de gentis torcedoras e animados torcedores, o que me deixou convencido de que o *foot-ball* é em nosso meio, um fato, como nas grande capitais, onde se cultiva, máxime o *foot-ball*.

Tive então a impressão de que na Bahia, finalmente, alguma coisa conseguiu triunfar.

O lindo pavilhão da arquibancada como um enorme jardim aéreo mostrava no encanto das suas flores, a graça, a formosura, tocadas pelo entusiasmo da torcida, ativando com os seus perfumes a alma fremente dos combatentes.

E eu que via e ouvia aquele grande enxame a zumbir, contemplei-o e, confesso, senti-me vacilar, na incerteza de que estava em um campo de *Sport* ou em um salão de baile.

Metido em um terno de linho branco, olhei-me e ia quase retirar-me envergonhado, quando, felizmente deparei a rapaziada que, em geral, vestia como eu.

Mademoiselles, porém, assustaram-me com o rigor das custosas “toilettes” em sedas caras, notando-se até umas poucas, trazendo enluvadas as brancas mãozinhas, o que não deixava ouvir os aplausos de mademoiselles aos seus clubes prediletos.

Ora, mademoiselles, campo de *foot-ball* não é salão de baile! E demais, estamos na estação invernosa.

Eu que tenho visitado as mais adiantadas capitais do país, pensei onde estará a diferença das modas, no julgar das senhorinhas baianas?

Trajar bem, ser “*chic*” e elegante não é vestir seda, onde não se pede seda.

Para o campo, perdoem-me as adversárias, lindas torcedoras, vestimentas devem ser leves e simples.

Ficar-lhes-ia tão bem o alvo e tão próprio o lugar.

Um vestido bem modelado, um chapeuzinho simples, entrelaçado por uma fita, ou um véu de gaze e flutuar como uma nuvem leve naquele céu encantado daria a nota, mademoiselles, e eu seria o primeiro a dizer: como são belas na simplicidade elegante.

As flores do campo não têm o aparato das de estufa.

Lá avistei algumas conhecidas e camaradinhas em suas lindas “toilettes” da última soirée, em um dos nossos clubes de sociedade. Que disparate, mademoiselles e como eu as criticarei se amanhã as vir, enfiadas nesses custosos, mas, que importa? Desvalorizados vestidos comparecer a próxima soirée?

Aprendam a trajar para não prejudicar a formosura e o bom gosto como veem prejudicando, com esse péssimo hábito, o comparecimento de muitas gentis torcedoras que, não podendo acompanhar o luxo impróprio do lugar, como impróprio a estação, se esquivam de lá ir.

Ao contrário, também nós: marmanjos, seremos obrigados a nos apresentarmos de fraque ou smoking.

Então o que pensará de nós o estrangeiro?

Consultem os grandes magazines de modas e vejam, que para cada lugar para cada estação faz-se a diferença do trajar.

O saber vestir é mais do que o vestir bem.

Aqui fica o meu protesto, como um incentivo ao bom gosto das nossas formosas conterrâneas.

Magno⁴⁰

O descontentamento de Magno em relação às roupas que as senhorinhas trajavam em dias de jogo nos oferece pistas para traçar um perfil social de uma parcela das frequentadoras das praças esportivas soteropolitanas. Neste episódio, em particular, a necessidade de usar roupas custosas e delicadas para se distinguir das outras camadas sociais que também frequentavam as arquibancadas era tão latente que foi digna de censura por conta do articulista. A atitude das senhorinhas pode ser compreendida dentro de um contexto de pós-

abolição, em que as elites “já seguras de sua condição social e cultural, parecem ter se requintado em hábitos como que afirmativos de uma situação, além de social, cultural, difícil de ser atingida de repente por gente de outras origens.”⁴¹



Figura 21: Uma forma de ostentação: assistir aos jogos no seu carro. (Revista *Semana Esportiva*, 1921)

⁴⁰ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 65, 14 de julho de 1922.

⁴¹ FREYRE, Gilberto. *Ordem e progresso*. São Paulo: Global Editora, 2004, p. 143.



Figura 22: Aspecto do estacionamento dos carros para a assistência da partida (Revista *Renascença*, 1922)

No estádio, a visibilidade das jovens era maior do que no campeonato disputado no Campo da Pólvora e no Rio Vermelho, afinal a afluência de pessoas era consideravelmente maior. O uso de roupas como sedas finas, até mesmo em ambientes e climas considerados impróprios, tinha como um dos objetivos seguir os padrões de moda europeus, o que neste caso configurava uma busca pela civilidade. O uso de determinadas roupas para Magno parece ter surtido um efeito contrário, uma vez que segundo o articulista, o saber vestir é mais do que vestir bem.

Por outro lado, o colunista parece desconsiderar que os espaços esportivos, além de servirem enquanto locais de namoro e *flirts*, eram uma ótima oportunidade para exibição da própria moda e suas tendências. Entre o final do século XIX e início do século XX, a moda tornou-se uma das principais manifestações femininas.⁴²

Finalmente, se antes os torcedores estavam mais preocupados em demonstrar através das roupas a sua filiação clubística, o Campo da Graça oportunizou para estes um espaço de autoexibição e ostentação. Como nos teatros e nos cinemas, a nova arena esportiva se

⁴² Sobre mulheres e moda conferir: MELLO E SOUZA, Gilda de. *O Espírito das Roupas: a moda no século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987; BONADIO, Maria Claudia. *Moda: costurando mulher e espaço público – estudo sobre a sociabilidade feminina na cidade de São Paulo, 1913 – 1929*. Dissertação (Mestrado em História) – IFCH, Unicamp, 2000.

revelava um ambiente não só para a apreciação do espetáculo, mas também para o exibicionismo de alguns setores do público.



Figura 23: Senhorinhas ostentando seus belos chapéus no Campo da Graça. (Revista *Renascença*, 1921)

O Campo Graça contribuiu para que o futebol praticado entre as elites acompanhasse uma trajetória semelhante a dos clubes esportivos deste grupo social. Se naquele os eventos sociais passaram de pequenos piqueniques restritos aos sócios e familiares para grandes carnavais e réveillons, em que a nata da sociedade era reunida, com os dias de campeonato não poderia ser diferente. Assim de jogos que algumas vezes conseguiam reunir apenas os *sportmen* e familiares que carregavam cadeiras nas costas para assistir aos duelos em 1904-12, as partidas de futebol se tornaram em 1920 verdadeiros acontecimentos sociais frequentados não só pelas elites, mas também por toda a sociedade soteropolitana que naquele momento já estava ambientada como o futebol.

Após vinte anos da sua introdução, pela capacidade de arregimentar um grande público, alguns cronistas viam no futebol um agente modernizador da cidade:

O foot-ball renovou velhos aspectos da cidade.

Ele trouxe para a sua quietude tradicional, para a sua feição histórica uma dose forte de vibração social, de que os grandes jogos da temporada e as grandes festas, como a de hoje, se numeram como a melhor e mais autêntica expressão da força, em disciplina e da beleza em movimento.

A era nova da vida urbana da cidade começa com o triunfo soberano do desporto bretão.

Quem sentiu, mais de perto do que eu, a Bahia do passado, a Bahia das serenatas, dos recitativos e das valsas, não se arreceie de depor, neste ajuste de contas do nosso tempo com o tempo de antanho, a honrada palavra dos seus amores ao luar, dos seus queixumes às vagas do oceano.

As coisas já vão perdendo por aqui aquele ar de velhice prematura que as envolvia.⁴³

A renovação atribuída ao futebol pelo cronista situa-se justamente na possibilidade do esporte bretão oferecer para jogadores e torcedores não só das elites uma cultura da ação,

do movimento. Para o cronista, fazer da prática ou assistência do futebol uma rotina demonstrava uma mudança positiva na cultura da cidade. Para ele, esta tinha nas serenatas e recitais formas de entretenimento que, ao não valorizar o engajamento físico, tornavam-se incompatíveis com o contexto da época.

O progresso da cidade atribuído ao futebol e, conseqüentemente, ao novo ponto de encontro das elites soteropolitanas tem como uma de suas justificativas o fato de que no estádio as mulheres poderiam participar mais intensa e confortavelmente do cotidiano do futebol. Para certos cronistas, a presença das mulheres nas lidas esportivas era um parâmetro para constatar o suposto progresso da cidade:

O prestígio do *Foot-ball* – Onde ele reside e como é mister argumentá-lo

(...) O que quer que esteja e em qualquer companhia, não consentirei jamais que se fale na vitória do *Foot-ball* na Bahia, sem proclamar-se uma das suas causas, senão a sua causa fundamental: o prestígio feminino.

Sempre e em qualquer parte, quem quiser saber do grau de adiantamento desse ou de outro *sport*, compareça ao local onde se o pratica e, antes de reparar-nos que se defrontam, olhe bem a assistência, fixando em número e representação a presença feminina.

E quando notar que ela começa a escassear, não haja dúvida: está-se em decadência.

Que digam de verdade da influência da mulher no *sport*, os que frequentam as arquibancadas da Graça, notadamente nos dias de grandes jogos, e que se devem sentir felizes na companhia daquelas inúmeras e tentadoras figuras de beleza e graça.

O *foot-ball* na Bahia está em pleno apogeu, podemos concluir de cada um desses encontros.

Mas, como os nossos clubes vão progredindo cada vez mais, concorrendo com as suas sedes para o desenvolvimento social da cidade, eu penso que se pode e deve trabalhar por que esse movimento feminino aumente.

Agora mesmo 17 e meia de domingo, volto da Graça, de um jogo bem concorrido, e vejo passarem cheios e, principalmente, formosos, muitos automóveis e bondes e mais bondes.

Digam-me, por favor: O que será agradável: uma tarde excelente no Campo da Graça e, depois, o chá no Bahiano, um passeio à Atlética ou três horas de calor e mentira, portas adentro dos abafados e alguns até anti-higiênicos cinemas da cidade?

Positivamente, será comprar-se a luz com a treva, o desconforto, o tédio com a comodidade, a alegria de viver.

Patrícias minhas, que nada deveis às que mais se destaquem onde melhor possam aparecer, não deveis ignorar que no Rio, em São Paulo e nas principais capitais do mundo o cinema, aos domingos, é para a burguesia, que não o frequenta diariamente.

O momento é do *sport*. As provas se multiplicam e a frequência lhes corresponde admiravelmente.⁴⁴

Um maior envolvimento das mulheres no cotidiano esportivo estava consideravelmente ligado à existência de um espaço para o encontro daquelas. Parece que o

⁴³ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 159, 02 de julho de 1924.

⁴⁴ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 174, 1 de novembro de 1924.

texto estabelece uma relação de causa de efeito: sem um espaço moderno não existiram as mulheres nos esportes. Sem estas, os esporte estaria em decadência e conseqüentemente a cidade. Ainda há tempo para o autor fazer um comparativo entre o lazer proporcionado pelo Campo de Graça e os clubes com os cinemas. Imbuído em uma mentalidade higiênica, própria daquele contexto, o autor entende que o lazer mais agradável é aquele que é experimentado em espaços abertos, onde o ar circularia livremente.



Figura 24: Senhorinha saindo do Campo da Graça. (Revista *Semana Esportiva*, 1921).

Neste sentido, uma tarde agradável no estádio e depois um chá no Bahiano seriam as opções de lazer mais ideais, ao contrário dos cinemas: lugares sujos, mentirosos, cheios e apertados. Finalmente, outra possibilidade de interpretação da preferência do estádio ao cinema é que no primeiro existe uma interação muito mais dinâmica entre o espectador e o espetáculo. Em alguma medida, a atuação e comportamento dos jogadores também estavam condicionados às reações do público espectador. Já nos cinemas, o público assumia, guardadas as devidas proporções, uma postura um pouco passiva, pois o espetáculo e os astros deste ficavam restritos a uma tela. Enfim, estar no estádio envolvia uma gama de sensibilidades que potencializava a relação público/espetáculo, tornado-a interativa e bilateral.

Possivelmente, a preferência do cronista em relação aos cinemas pode estar ligada ao fato de que os cinematógrafos nem sempre eram vistos com bons olhos. De acordo com Raimundo Fonseca, alguns “juristas e educadores faziam severas críticas, não o vendo como

uma diversão moralmente saudável”, mas como a “casa dos vícios e das perdições, a nova escola do sensualismo.”⁴⁵

Talvez pelas possibilidades múltiplas de interação entre os jogadores e público, a existência de um estádio tornou-se tão marcante ao ponto de interferir no imaginário da cidade. Não raramente encontramos na imprensa, poemas e contos de situações fictícias em que o cenário dos acontecimentos era o Campo da Graça. Em “Torcendo”, poesia de Clara Luz, encontramos alguns indícios da expectativa por um lugar específico para o futebol.

Aos domingos de sol quente
Quando a Tarde a terra abraça
Vou sempre, apressadamente
Trazendo um riso nos lábios,
Torcer no Campo da Graça
Pra esquecer os resabios

Entro... e vejo a todo instante
Para alegria da vida
Do almofadinha galante
Em formas de Melindrosas
Na arquibancada florida
Surgirem flagrantes rosas

Em tudo palpita e canta
A mocidade e o Amor
A tristeza até se espanta
De ouvir tão francos sorrisos
Passa ao longe, sem rumor
Julgando o Campo um paraíso

Aos domingos de sol quente
Quando a Tarde a terra abraça
Vou sempre, apressadamente
Trazendo um riso nos lábios,
Torcer no Campo da Graça
Pra esquecer os resabios⁴⁶

No poema, a autora reservou ainda alguns versos para os principais clubes da cidade, destacando nos seus versos as virtudes das agremiações e a beleza de suas torcidas.

Quanto aos contos, encontramos alguns que versam sobre histórias de amor e romance que tinham como pano de fundo o Campo da Graça. Em “Uma Torcedora”, crônica de Aloísio de Carvalho Filho, professor e escritor baiano, filho do jornalista Lulu Parola, observamos como o estádio estava presente no imaginário. Narrada em primeira pessoa, o texto versa sobre um encontro de um homem, o narrador, com uma “morena, de olhos muito

⁴⁵ FONSECA, Raimundo Nonato da Silva. *op.cit*, p. 179.

⁴⁶ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 117, 21 de julho de 1923.

pretos e vivos, tagarela com uma graça irresistível.”⁴⁷ O narrador fora ao estádio interessado no jogo, “procurando acompanhar-lhe o desenrolar, sem a perda de um lance.” Porém foi impedido pela tagarelice da morena que não tolerava o futebol. Referindo-se à torcida, a morena achava um espetáculo ridículo “essa gente toda, a discutir, gritar, a acenar com os lenços e chapéus, de olhos postos naqueles homens ali na relva, de pernas e braços a mostra. Tão deselegante, tudo em contraste com as normas das reuniões sociais.” Apontando para as senhorinhas torcedoras, o narrador discorda da morena ao defender que a arquibancada “é um espetáculo magnífico. A apoteose da beleza, da força e da alegria. Formosas mulheres que adejam as mãos para os que lutam, estimulando-os, fortalecendo-os, com o seu aplauso e o seu sorriso.” Reforçando a sua defesa o narrador argumenta:

Rapazes esbeltos, músculos retesados, estaturas de atletas, empenhados na garbosa conquista de palmas e de flores. E coroando a beleza e a força, assim vitoriosas em originais esportes, a alegria, sadia franca impetuosa, explodindo, alastrando-se pela multidão imensa. A vista destes torneios esportivos, tenho, de súbito, a visão grandiosa de uma gente forjada da tempera das raças fortes e indomáveis. Creio, então, nos destino da pátria.

Observem que os argumentos do narrador procuraram apresentar o futebol como uma prática que contribuiria para a evolução da raça. As suas palavras se encontram dentro de um contexto de valorização da força física.⁴⁸ O corpo esteticamente belo é aquele em que os músculos são bem trabalhos. Além disso, o fortalecimento do corpo era necessário, pois demonstrava a regeneração da raça entendida enquanto nação. Para o narrador, o estádio era um lugar de manifestação da força física da cidade. Em outra passagem do conto, o narrador exemplifica os benéficos do esporte ao lembrar que a Inglaterra venceu a Grande Guerra, pois seus soldados praticavam as atividades esportivas:

Houve, na grande guerra, um milagre do esporte: o exercito britânico. Mobilizado e movimentado em rápidos dias, deu, nos campos de batalha, a lição admirável do “humour” e da serenidade com que os soldados enfrentavam o perigo. A mocidade inglesa, adestrada no esporte, transmitia à alma da tropa os sentimentos preciosos dessa tranquilidade e desse destemor em afrontar as refregas...⁴⁹

Nenhum dos argumentos sensibilizou a morena que, ao contrário do narrador, achava que tais espetáculos “estiolam, enfraquecem, deprimem a raça.” Naturalmente diante de tanta ojeriza ao futebol e o espetáculo das arquibancadas, o narrador não compreendia a

⁴⁷ Idem.

⁴⁸ SEVCENKO, Nicolau. Futebol, metrópole e desatinos. In: *Revista USP*, n.22, jun/agos. 1994.

presença no estádio da moça, “inimiga, impiedosa, implacável do esporte.” Prontamente a moça justificou que ia aos jogos “porque é a moda, porque é bonito.”

É possível interpretar que a resposta da moça seja semelhante ao pensamento de muitas pessoas que, mesmo dentro de um contexto do engajamento físico, continuavam, assim como nos primeiros anos, a ver no futebol apenas um lazer. A morena talvez estivesse mais interessada em um passeio, conversar com as suas amigas, flertar, do que se ver contribuindo para a regeneração física da cidade.

A resposta coincidiu com o fim da partida e assim ambos tomaram os seus destinos. No domingo seguinte, o narrador retorna ao estádio na esperança de assistir a partida, sossegado, sem a presença incomoda da morena. Porém, segundo o narrador “uma força violenta e misteriosa guiava-me os passos para o mesmo lugar das arquibancadas.” Para a sua surpresa reencontrou a morena, desta vez “de pé, transfigurada, olhos a pularem das órbitas, rosto em mutações constantes e repentinas, braços e mãos e se moverem, a gesticularem desordenadamente, inteiramente outra, vibrátil, nervosa, elétrica no auge do entusiasmo pelo *match*.”

O narrador se perguntava como era possível uma mudança tão radical de uma mulher “elegante, aparentando desinteresse, enfado e serenidade imperturbável em relação ao futebol”, para uma enérgica e entusiasmada pelo jogo. Obviamente mais interessada na partida do que na conversa do narrador, rapidamente a jovem responde que no domingo passado “o meu club não estava em causa” Restou ao homem concordar com a “sentença de Zaratustra que na mulher tudo é enigma.” Naquele domingo, o final da partida resultou na derrota do clube da morena, o que ironicamente fez com que ela voltasse à sua opinião do final de semana anterior: “o *foot-ball* era intolerável.” O final da crônica sugere ainda que o narrador e a morena estenderam a relação para além do estádio, pois quando a mulher disse que o futebol era intolerável o narrador havia a deixado no “luxuoso Overland”, provavelmente um hotel ou restaurante da cidade.

Apesar de ser fictícia, a situação aponta para um papel do Campo da Graça: um ponto de encontro, um lugar de intermediação de relações entre os seus frequentadores. No fim da crônica, o leitor é induzido a pensar na ocorrência de um flerte ou uma paquera entre o narrador e a morena. Neste sentido, a possibilidade de estender uma relação que tinha início nas arquibancadas era um bom atrativo oferecido pelo Campo da Graça. Mais do que um

⁴⁹ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 117, 21 de julho de 1923.

lugar onde as pessoas iam assistir às partidas, o estádio poderia se tornar um lugar de encontro das elites soteropolitanas, afinal, como entendia a morena, era bonito e era moda frequentar o estádio.



Figura 25: Duas senhorinhas acompanhando o desenrolar de um match nas arquibancadas (Revista *Renascença*, 1923)

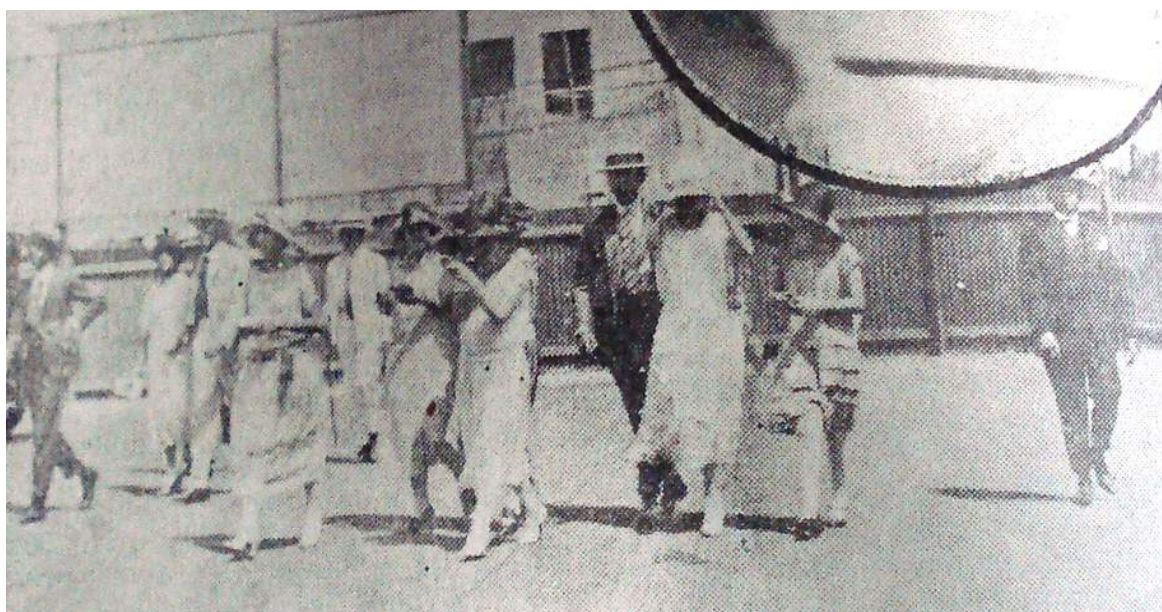


Figura 26: Mademoiselles saindo do Campo da graça acompanhadas de alguns homens. (Revista *Semana Esportiva*, 1921).

No entanto, frequentar o estádio somente pelas razões descritas pela morena, em alguma medida ia de encontro ao pensamento vigente na imprensa e no meio esportivo elitizado. Dentro de uma atmosfera de progresso físico, a imprensa não pensava o estádio somente enquanto um lugar de interações sociais, mas, sobretudo um espaço que estimularia os espectadores a praticar uma atividade física e assim contribuir com os seus ideais. O Campo da Graça assumiria uma função pedagógica na medida em que os torcedores ao presenciar, jogadores musculosos, esbeltos, com um corpo bem definido adotariam um estilo de vida esportivo. Portanto, é possível indagar se o conto de Aloysio Filho não seria um recado para algumas mulheres que viam no estádio apenas uma possibilidade de exibir seus belos vestidos inapropriados para o clima da cidade.

Em outro conto, de título “Amor e Esporte”, o tema foi um namoro que começou no estádio. A estória era sobre Eunice e Archimedes, jogador do clube admirado pela jovem. Frequentadora assídua do Campo da Graça, Eunice “não deixava de acompanhar e, com interesse, todos os lances dos jogos e de aplaudir constantemente Archimedes que dentre todos os jogadores era o que mais se destacava.”⁵⁰ No momento da caracterização do personagem Archimedes há um interesse em dotá-lo de qualidades físicas e morais que foram adquiridas através do seu envolvimento com o esporte:

Archimedes, que era um ágil e temível centroavante, um belo rapaz, alto, moreno, verdadeiro tipo do atleta perfeito, possuidor de esmerada educação e de delicadeza extrema, principalmente quando cercado por representantes do belo sexo. Praticava, com rara agilidade, seu esporte predileto, o tênis e era figura saliente nas arquibancadas dos estádios, a cujo lugar emprestava por momentos em conjunto com as demais adeptas a graça, o perfume e a beleza.

Em uma de suas idas ao estádio, Eunice permaneceu debaixo de chuva por muito tempo no campo só para apreciar o seu jogador favorito. Irritado com a atitude da sua filha, o antiquado cirurgião Dr. Oliveira resolveu internar a jovem Eunice em um convento. Este personagem parece surgir na estória para o autor fazer uma espécie de crítica à postura de determinados sujeitos de pensamento conservador. Sobre a atitude do pai de Eunice o narrador diz:

O Dr. Oliveira era um inimigo irreconciliável dos esportes. Não pensava como Coelho Netto, o fino escritor, o ourives soberbo da palavra, o condenado eterno a “transmudar diariamente luz de gênio em pão para a família”, o vigoroso varão espartano “que compusera para a mocidade o hino de louvor aos jogos da destreza e da força”, o “pai de varonis mancebos, que não contente de doar à Pátria o seu gênio lhe dera ainda soldados”, o que aplaude os esportes, não como

⁵⁰ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 117, 21 de julho de 1923.

aqui, em nosso meio, se praticam, mas como praticavam os filhos da gloriosa e heroica Grécia e poderosa e ativa Roma. Em São Paulo, no Rio de Janeiro, já se percebem, já se compreendem, o que é o verdadeiro esporte, o fim a que ele se destina – o desenvolvimento físico, o vigor da mocidade de hoje que será a defensora de nosso glorioso pendão, se, por ventura, um dia, ele for ultrajado. Aqui, infelizmente, em nossa querida terra, ainda não compreenderam; jaz em marasmo completo o verdadeiro, o são esporte, que vigora, que fortifica a mocidade.

Ao comparar o pai de Eunice com Coelho Neto, um dos principais intelectuais entusiastas do esporte no Brasil, o narrador parece querer alertar uma parcela das elites para com os perigos de não promover uma cultura física na cidade. Atitudes como isolar uma filha em um convento demonstram um afastamento das novas sensibilidades idealizadas pelos jornais. A recorrência à Grécia é utilizada como um referencial de desenvolvimento físico bem sucedido. É possível que o Dr. Oliveira seja reflexo de uma elite soteropolitana tradicional e resistente às novas mudanças sociais.

Tempo depois, D. Leonor, amiga íntima de Eunice, “a fim de visitá-la e, vendo a tristeza em que ela se achava, compadeceu-se e, após tremenda luta familiar, conseguiu convencer ao Dr. Oliveira, para retirar Eunice daquele isolamento.” Com o seu retorno, a jovem passou a jogar tênis com Archimedes, que era íntimo da família de D. Leonor. Esta foi uma oportunidade para a jovem conhecer melhor o homem que admirava. Ao final de uma dessas partidas, Eunice “prometera a Archimedes um custoso prêmio, caso seu clube fosse o vencedor.” Ela estava se referindo a uma partida decisiva, a qual, se sagrando vencedor, o clube de Archimedes seria o campeão. Tímido, o jovem respondeu a Eunice que “se fizesse jus ao teu prêmio, desejo que me facultes o direito de escolha.” No dia da partida, “Eunice, estava nas arquibancadas, ansiosa e com o coração a palpitar de modo estranho.” Muito tensa a partida estava, equilibrada, com ambos os times tendo boas chances de gol. No intervalo, “Archimedes vai à arquibancada para falar a Eunice que, muito meigamente com o seu lençinho perfumoso limpa-lhe o rosto e diz ‘lute, lute com ardor, para conquistar o prêmio prometido.’” Não é difícil adivinhar o desfecho da crônica. Quase no final do jogo, justamente ele, Archimedes, faz o gol da vitória, conquistando o prêmio tão desejado. Não precisamos chegar nem no fim da crônica para descobrir qual era o prêmio. Segue o trecho final:

À noite, Eunice, muito alegre, esperava, e com ansiedade, a chegada de Archimedes para cumprimentá-lo e entregar-lhe o prêmio conquistado. Enfim, ele chega; e muito tímido, após ter cumprimentado a todos os presentes, aproxima-se de Eunice, toma-lhe a mão e aperta-a, trêmulo, com o coração a palpitar descompassadamente. Então, ela trêmula também, lhe diz “Archimedes, foste um herói. Conquistastes um prêmio que outro jamais conquistará. Venha recebê-lo.”

Na varanda, sob as vistas de um luar de prata, Eunice repetiu, ainda “Archimedes, ofereço-te o meu coração. Foi o primeiro que conquistastes.” Archimedes só pôde pronunciar estas palavras: “Eunice, amo-te.” E aqueles dois jovens lábios uniram-se, pela primeira vez, num doce beijo de amor.⁵¹

Além dos contos e poemas é possível observar em outras fontes, sobretudo, as charges e as fotografias o papel do estádio na interação entre as pessoas. Uma das charges de Paraguassú, famoso cartunista da cidade, encontrada na revista *Semana Esportiva* ilustra bem a indecisão de alguns torcedores em assistir o jogo ou a olhar as pernas das torcedoras:

No intervalo



Figura 27: Os rapazes e as pernas das senhorinhas. (Revista *Semana Esportiva*, 1921).

Um espectador – O nosso estádio é um succo (sic): ou apreciamos o movimento dos jogos ou, então, as torcidas das arquibancadas.

Outro almofadinha – Olhas bem para cima. Viste? Que belo exemplar, hein?

O outro – Calado! Apreciamos isto sem barulho, senão a direção nos cessará essa “distração” grátis. Compreendes?⁵²

Na charge é possível observar a função do intervalo no processo de socialização dos torcedores. Era no *half-time*, o meio tempo, em que se podia flertar, conversar sobre as atualidades, arranjar negócios e casamentos ou mesmo olhar para as pernas das mulheres. Na

⁵¹ Idem.

fotografia abaixo, extraída da revista *Renascença*, em 1922, vê-se a torcida de costas para o campo, interagindo no intervalo.



Figura 28: Torcida interagindo no intervalo de uma partida no Campo da Graça (Revista *Renascença*, 1922)

Enfim, de campos precários sem gramados, com cadeiras emprestadas, até um estádio apropriado com arquibancadas confortáveis, o campeonato de futebol entre as elites – nas duas fases, 1905 -12 e depois em 1920 – representou a tentativa de criação de mais um espaço de novas sociabilidades. Neste sentido, os certames acompanharam a dinâmica da cidade que nas suas intervenções urbanas como o alargamento de ruas e construção de praças buscava criar novos espaços de interação social. Um exemplo disso foi o surgimento do Campo da Graça construído quatro anos antes da inauguração da Avenida Sete em 1916 considerada, juntamente com a Rua Chile, reinaugurada um ano antes, um dos principais lugares de encontro das elites soteropolitanas.⁵³

Por outro lado, vale considerar os certames seguiam uma lógica própria nem sempre condicionada pelo contexto da cidade. Compreendidos dentro do campo esportivo que tinha certa autonomia, os campeonatos não respondiam unicamente às demandas das elites por

⁵² Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 79, 07 de outubro de 1922.

espaços de lazer. Também correspondiam a expectativa de um lugar de expressão de uma cultura física. O Campo da Graça, por exemplo, pode ser pensando enquanto lugar de efetivação do engajamento físico, do aprimoramento do corpo, da busca pela saúde. Deste modo, a sua presença na cidade também foi uma resposta às demandas do campo esportivo.

O futebol no circuito do comércio em Salvador

A instituição de um calendário esportivo estruturou a prática do futebol em Salvador. O surto de clubes um ano após o primeiro campeonato foi uma das primeiras evidências. A outra foi o desenvolvimento de um mercado que gravitava em torno dos clubes e ligas de futebol.

Uma das primeiras evidências do gradativo surgimento de um comércio em torno do futebol eram as propagandas de casas comerciais e de alguns produtos. Os primeiros anúncios do comércio eram mais informativos. Entre 1905 e 1908, a maioria das propagandas era para informar que em determinada casa comercial havia chegado camisas, bolas, chuteiras e outros equipamentos. Em maio de 1907, a Casa Clark, famosa pelos seus artigos de luxo, anunciava que do Vapor Thespis chegaria a Salvador, “trazendo no dia 2 grande carregamento de artigos de *foot-ball*.”⁵⁴ Ainda sobre o futebol o mesmo, o estabelecimento “avisa aos seus fregueses que acaba de receber sortimento de artigo para este jogo.”⁵⁵ Paralelamente aos anúncios informativos, outras casas comerciais elaboravam propagandas e até campanhas mais chamativas. A Casa Ypiranga se destacava neste tipo de comercial. Em setembro de 1907, ela prepararia “uma surpresa ao jogador que fizer o primeiro *goal* no próximo domingo, quando se encontrarão em campo pela segunda vez, os festejados valentes club S. Salvador e Vitória.” Um mês depois a Casa Ypiranga ofereceu um busto de bronze “ao *club* que conquistar o segundo lugar nos primeiros *teams*, assim como oferece do dia 7 a 12 uma lembrança do campeonato de *foot-ball* a todo freguês que comprar 1\$500.”⁵⁶ Outras lojas, já naquela época, produziam artefatos personalizados para os consumidores. A loja de joias de Victor Soares Ribeiro produzia “distintivos, chapas para cintos de todos os *clubs* e regatas.”⁵⁷ O mesmo joalheiro, em outras oportunidades, costumava presentear clubes pela conquista de um

⁵³ Sobre a rua Chile conferir: OLIVEIRA, Neivalda Freitas de. *Rua Chile: caminho de sociabilidades, lugar de desejos, expressão de conflitos: 1900-1940*. Tese (Doutorado em História) – PUC-SP, 2008.

⁵⁴ *Jornal Diário de Notícias*, Salvador, 02 de maio de 1907.

⁵⁵ *Jornal Diário de Notícias*, Salvador, 04 de abril de 1906.

⁵⁶ *Jornal Diário de Notícias*, Salvador, 04 de outubro de 1907.

⁵⁷ *Jornal Diário de Notícias*, Salvador, 23 de junho de 1906.

campeonato ou uma partida. Na manhã de quatro de junho de 1906, o São Salvador foi um dos agraciados com um mimo de Victor Ribeiro:

Cerca de 9 ½ hora da manhã, dava entrada na garage do club de regatas S. Salvador, preguiça, estimáveis cavalheiros Srs. Joaquim Motta e Elysio Medeiros, representantes do distinto e laborioso negociante Sr. Victor Soares Ribeiro.

(...) Recebidos, com sinais evidentes de júbilo, os mencionados cavalheiros pela diretoria do S. Salvador, sócios e ardentes adeptos do mesmo, o Sr. Elysio Medeiros, depois de fazer uma bela e substanciosa alocação, enaltecendo a bravura, o gosto e a correção do *club* que, por delegação, vinha galardoar, fez ao mesmo a entrega do estojo que continha a bem trabalhada medalha, oferta da joalheira e relojoaria Victor Soares Ribeiro.

(...) Agradecendo a gentilíssima lembrança do conceituado proprietário da joalheria e relojoaria Victor Soares Ribeiro, falou então o Sr. Dr. José Aguiar da Costa Pinto, digno presidente do S. Salvador e recentemente eleito presidente da Liga Bahiana de Sports Terrestres, que em frases eivadas de sincera comoção agradeceu o mimo que tanto prestígio dava aquele núcleo de jovens entusiastas que de sobejo se sentiam honrados com a solicitude do antigo e estimado negociante baiano.

Sendo aberto o champanhe, foram erguidos muitos vivas ao clube de natação S. Salvador, à bem montada joalheria Victor Soares Ribeiro, ao seu digno proprietário e a outros *clubs* de sports.⁵⁸

Não só produtos eram associados ao futebol, mas também serviços. Por ser um esporte de muito contato, já na segunda edição do campeonato, “o farmacêutico e 5º annista de medicina, Fabio David, ofereceu os seus serviços e ambulância que tem à Liga, o que foi aceito, sendo inserido na ata, por unanimidade de votos.”⁵⁹ Além da estratégia de associar o nome do seu estabelecimento ao futebol, o comércio buscava lucro através de campanhas. Uma das formas mais lucrativas era oferecer um prêmio ao clube que reunisse mais cupons de embalagens de produtos. No final do ano de 1906, a empresa de cigarros Bastos & Maia, por exemplo, ofereceu ao S. Salvador uma canoa de nome Século XX, pois foi o clube que apresentou “maior número de cupons dos afamados cigarros fabricados pela firma.”⁶⁰ Para conquistar o prêmio, o São Salvador conseguiu 135.094 cupons. Quando não era o comércio que fazia esse tipo de associação, eram as próprias empresas que ligavam o nome dos seus produtos ao futebol. Os fumos eram os produtos preferidos. A *Dannemann* foi uma das pioneiras neste negócio.⁶¹ Fundada em 1873, em São Felix, na Bahia pelo alemão Gerhard Dannemann, a primeira fábrica de charutos do país em 1906 passou a fabricar os “charutos

⁵⁸ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 04 de junho de 1906.

⁵⁹ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 10 de maio de 1906.

⁶⁰ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 21 de dezembro 1906.

⁶¹ Sobre *Dannemann*: BARRETO, Maria Renilda Nery e ARAS, Lina Maria Brandão de. Salvador, cidade do mundo: da Alemanha para a Bahia. In: *História, ciências, saúde-manguinhos*. Rio de Janeiro, vol. 10, n. 1, 2003.

foot-ball.”⁶² Já uma empresa que fabricava os cigarrinhos japoneses tinha uma estratégia curiosa. Para aquela, no outono, quando tudo era desenvolvimento físico, e “para não enfraquecer os pulmões” era preciso fumar os cigarrinhos japoneses “fabricados com esmero e fumo escolhido.”⁶³

Curiosamente, foram as empresas de cigarros que passaram a fazer as propagandas mais criativas a partir de 1920. Uma das possibilidades de análise deste fenômeno é que nas primeiras décadas do século XX surgiram representações que associavam o cigarro e o ato de fumar à cultura moderna.⁶⁴ Logo, a ligação com o futebol era quase que direta, uma vez que este esporte também tinha essa representação. A principal empresa a difundir de modo mais criativo o seu produto no universo do futebol foi a *Leite & Alves*. Fundada no Rio de Janeiro, em 1856, a empresa estabeleceu uma fábrica na Bahia, em 1881, sendo uma das principais do ramo. Suas propagandas chamam atenção por difundir o ideal de homem moderno pela associação do futebol ao cigarro. Neste sentido, o homem sadio, que conquistava mulheres e fama, era aquele envolvido com os esportes e que fumasse um dos cigarros da *Leite & Alves*. Na revista *Semana Esportiva*, um dos principais veículos para a empresa anunciar os seus cigarros, encontramos diversas propagandas curiosas. Em uma delas, um *sportman* só conquistou o amor de uma mulher que desejava pelo cigarro que fumava, o Bom dia da *Leite & Alves* é claro:

Noivado de um conhecido *Sportman*

Dentre os fatos que mais tem revolucionado o nosso meio esportivo, nenhum houve que causasse maior admiração aos frequentadores do “*stadium*” da Graça, do que o noivado de um conhecidíssimo “*player*” com uma das mais belas “torcedoras” baianas.

Sabia-se que o amor louco que ele a dedicava, sabia-se que a sua transferência para o Club que atualmente defende as cores, abandonando o que emprestava o seu coração, havia sido um ato de amor por ela.

Tudo fazia para ter o amor da gentil *mlle* que, apesar de tudo isto, cada vez mais o odiava.

Desvanecido, domingo à tarde, em que não jogava, nas arquibancadas, sentado um pouco abaixo da sua idolatrada, assistindo ao embate do S. Bento x Democrata, puxou do bolso a sua cigarreira e deliciou um cigarro.

De logo, quando começou ela a sentir o esplendido cheiro da fumaça, aproximou-se dele e qual não foi a surpresa do conhecido “*sportman*” quando a viu dirigir-lhe a seguinte frase acompanhada de um sorriso encantador: “Suportei até agora o horrível capricho de não te querer, mas torna-se impossível continuar. Amote!”

E o excelente “*half*” em uma alegria indescritível, exclamou: “Só mesmo os cigarros ‘Bom Dia’ de Leite & Alves”⁶⁵

⁶² Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 17 de julho de 1906.

⁶³ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 22 de maio de 1906.

⁶⁴ Conferir: SANTOS, Edgar Souza: *Elegância e saúde: as representações da prática de fumar na propaganda - 1910 – 1940*. Dissertação (Mestrado História) PUC São Paulo, 2000.

⁶⁵ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 38, 24 de dezembro de 1921.

Em outras propagandas torna-se possível ver até mesmo uma associação, para nós contraditória, entre saúde e o cigarro. Em uma situação fictícia, um jogador chega a ter o seu desempenho melhorado no futebol por conta do “Bom Dia”:

Lacerdinha, o novo *player* que vem do segundo *team* botafoguense fazendo segundo as mais reputadas opiniões, os plenos (sic) e indiscutíveis sucessos, é elemento que deverá figurar em quadros oficiais que a Bahia se faça representar. O seu progresso, porém na prática do “*Association*”, tem despertado sobejamente, a atenção do nosso público.

A razão de ser ele atualmente o melhor extremo esquerdo da Bahia e um elemento que muita figura fará fora daqui, é o assunto do momento, que todos, anseiam conhecer.

Nós, porém, que até então temos primado em informar minuciosamente aos nossos leitores, fomos ao seu encontro e solicitamos que nos dissesse algo sobre o seu grande melhoramento.

E ele prontamente respondeu-nos

“Após o dia que experimentei um cigarro Bom Dia, senti-me mais disposto para o *foot-ball* e o meu jogo tomou tamanho desenvolvimento.”

E daí, mais um prodígio da nova marca de Leite & Alves.⁶⁶

Em ambas as propagandas, verificamos um enredo em que o cigarro é um divisor na vida do homem. O texto sobre o noivado apresenta uma estrutura que mostra em detalhes a angústia do homem em não ter a mulher amada. Na maior parte do texto há um esforço em revelar um homem sem sucesso. Só no final do texto, em um passe de mágica, ocorre uma reviravolta na vida do rapaz. Presumi-se que opção do texto em revelar o cigarro somente no final é para incutir no consumidor como o cigarro traz um sucesso imediato, sem delongas. No texto sobre Lacerdinha, a estratégia em apresentar de imediato todo o sucesso do jogador incuti no leitor a ansiedade em descobrir logo o motivo de tamanha fama, que é revelada no final.

Finalmente, os cigarros Bom Dia também inovaram imprimindo nas suas embalagens um pequeno retrato dos jogadores baianos, como nesta propaganda que anunciava a novidade:

Movimenta-se dia a dia a ansiedade pública esportiva baiana para o conhecimento prático do bom gosto, do bom paladar, fumando os deliciosos cigarros Bom Dia, nova marca de *Leite & Alves*.

E maior ainda a satisfação dos nossos *sportmen* para verem os seus retratinhos admiravelmente litho (sic) oferecem em cada carteirinha do Bom Dia.⁶⁷

⁶⁶ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 41, 14 de janeiro de 1922.

⁶⁷ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 36, 10 de dezembro de 1921.

Enfim, de simples anúncios para propagandas criativas e bem elaboradas o campeonato de futebol propiciou a criação de um mercado ao seu redor. Buscando associar os seus produtos diretamente ao futebol, as marcas, estabelecimentos comerciais e até autônomos tinham em mente uma associação mais indireta, no entanto muito profunda: ligavam o seu produto a modernidade.⁶⁸

Entre senhorinhas e mademoiselles: a presença feminina no futebol soteropolitano

Se a presença do futebol e dos clubes alterou as configurações socioespaciais da cidade, o mesmo pode ser dito no que tange às relações de gênero. O advento de uma cultura futebolística através de associações esportivas e campeonatos também contribuíram para a alteração da dinâmica entre homens e mulheres. Com os esportes, a presença feminina nos espaços públicos intensificou-se gradativamente. Não que estas estivessem ausentes da esfera pública. Principalmente as mulheres subalternizadas sempre ocuparam os espaços públicos, sobrevivendo e resistindo com formas de solidariedade e sociabilidades próprias.⁶⁹

Contudo, as mulheres de elite tinham no espaço público uma participação minimizada, sobretudo restrita. Deste modo, a tentativa do futebol e outros esportes em transformar os costumes favoreceram para que as mulheres abastadas vivenciassem novos espaços, antes relegados ao sexo masculino, reordenando, portanto, as relações de gênero engendradas nestes ambientes.⁷⁰ As mulheres dos setores sociais elevados e medianos “acompanhavam a transformação de cidade que aos poucos se modernizava, procurando seguir desenvolvimentos similares ocorridos em outras capitais do país.”⁷¹

Além disso, de um modo geral, os esportes para as mulheres estavam em um contexto que a presença e o papel feminino na sociedade eram muito mais perceptíveis. A escola tornava-se acessível às mulheres, o que representou um avanço, bem como a prática da

⁶⁸ Sobre a relação esporte propaganda conferir: MELO Victor Andrade de. Esporte propaganda e publicidade no Rio de Janeiro da transição dos séculos XIX e XX. In: *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, vol. 29, n. 3, p. 25 – 40, 2008.

⁶⁹ Para citar apenas dois exemplos da melhor cepa destaque: FERREIRA FILHO, Alberto Heráclito. *Salvador das Mulheres: condição feminina e cotidiano popular na belle époque imperfeita*. Salvador, 1994. Dissertação (Mestrado em História) — FFCH, UFBA, 1994; SOARES, Cecília Conceição Moreira. *A mulher negra na Bahia no século XIX*. Dissertação (Mestrado em História) — FFCH, UFBA, 1994.

⁷⁰ Sobre a presença da mulher no esporte sugiro: MELO, Víctor. Andrade. *Mulheres em movimento: a presença feminina nos primórdios do esporte na cidade do Rio de Janeiro (até 1910)*. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, n. 54, vol. 27, 2007; GOELLNER, Silvana, Vilodre. *Mulher e esporte no Brasil: fragmento de uma história genericada*. In: SIMÕES, Antônio Carlos; KNIJNIK, Jorge. *O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento gênero e desempenho*. São Paulo: Aleph, 2004.

⁷¹ BARREIROS, Márcia da Silva. *Educação, Cultura e Lazer das Mulheres de Elite em Salvador, 1890-1930*, Salvador, 1997. Dissertação (Mestrado em História) — FFCH, UFBA, 1997, p 135. (grifo nosso).

filantropia, que contribuiu significativamente para que os papéis femininos na sociedade não se limitassem ao lar.⁷² Por fim, a moda e os passeios representavam uma tentativa de rompimento com ideais patriarcais. Através dessas duas atividades, as mulheres de elite experimentavam novas relações de sociabilidade, além de entrarem em contato com novas dinâmicas e vivências, com outros grupos sociais que o ambiente do lar não podia proporcionar.⁷³

Obviamente, vale lembrar que esta mudança na condição feminina das classes altas não se deu de forma homogênea e facilitada. Em Salvador, sobretudo as elites conservadoras, buscavam manter certos valores e tradições apreendidas. Todavia, como a presença de mulheres no futebol favoreceu a constituição de novos territórios femininos, contribuindo para que estas assumissem novas posições sociais.

Até aqui, pela descrição do cotidiano dos clubes e da Liga, vimos como a presença da mulher no universo futebolístico era constante e representou um esforço do gênero em ter uma maior participação na vida pública. Vejamos este processo de forma mais detalhada.

Ainda nos primeiros anos do século XX foi possível identificar um incipiente envolvimento das mulheres no futebol. Nas primeiras crônicas de partidas de futebol, a sua presença já era considerável. Algumas notas jornalísticas afirmavam como o comparecimento de senhorinhas embelezava as partidas. Em muitas notas de jornais é possível verificar o entusiasmo da imprensa com a quantidade de jovens que abrilhantavam as partidas com seus vestidos. Notícias como aquelas publicadas no *Diário de Notícias*, admirados com o traje feminino de “toilettes leves e das cores mais variadas”⁷⁴, são comuns ao longo de toda a década de 1900, quando se refere ao envolvimento do chamado “sexo frágil” no futebol. A alta frequência destas informações nos jornais revela como as mulheres de elite buscavam se inserir no espaço público, acompanhando os novos modelos de comportamento. Era tão imperativo em 1906 que houve uma tentativa de criação de arquibancadas nas partidas de futebol para as mulheres:

⁷² Idem, *ibidem*, p. 135. (grifo nosso).

⁷³ Para uma análise mais aprofundada sobre a relação das mulheres e a conquista de novos espaços conferir: TRINDADE, Etelvina. Cidade moderna e espaços femininos. In: *Projeto História*. São Paulo, n. 13, 1996; PERROT, Michelle. *Mulheres Públicas*. São Paulo: Editora UNESP, 2004; CAULFIELD, Sueann. Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918 – 1940). Campinas: Editora da Unicamp, 1999. p. 138 – 145; MALUF, Mariana & MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: SEVCENKO, Nicolau. (org.). *História da vida privada no Brasil – República: da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. vol 3.

⁷⁴ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 22 de maio de 1906.

Na sessão do Conselho Municipal de 11 de maio de 1906, o edil Antonio Machado, apresentou um projeto concedendo a Liga Bahiana de Esportes Terrestres 5:000\$00 para a mesma construir no Campo dos Martyres uma ARQUIBANCADA pois não era possível que o belo sexo continuasse debaixo de sol e chuva assistindo a jogos de futebol.⁷⁵

Ainda sem o Campo da Graça, a exigência de arquibancadas, já em 1906, para as mulheres nos serve como um indício de como a presença destas no futebol era valorizada pelos homens, mesmo que para alguns destes o envolvimento do “sexo frágil” fosse apenas uma questão de embelezamento dos jogos.

Por outro lado, alguns julgavam que muitas senhorinhas pareciam frequentar os jogos porque gostavam do futebol e se interessavam em comentar jogadas e o andamento dos campeonatos. A ida às partidas não servia apenas para o *flirt* ou para conhecer melhor um pretendente, mas também para torcer pelo clube favorito e conhecer melhor a novidade que era o futebol. O gosto das mulheres pelo esporte em si é evidenciado em algumas crônicas de John, um colunista esportivo que escreveu, em 1906, para o jornal *Gazeta do Povo*. Em alguns dos seus textos, o cronista impressiona-se com o conhecimento feminino acerca das regras e táticas do futebol:

As tardes de *foot-ball* são um encanto.
 A cidade, encafuada durante uma semana, atopeja as ruas. Os bondes, que levam ao campo, transbordam.
 Ha uma agitação ruidosa e atrativa.
 (...) Todo o encanto das festas esportivas, está no aspecto variado da multidão que assiste aos *matches*.
 Às soirées da Tomba vão as damas elegantes e os cavalheiros educados. A noite burguesa é a de sábado, quando o proletário, tressuando das fadigas da semana, leva a prole a admirar as graças do Furlai.
 O *foot-ball*, não. Ha uma variedade cintilante na multidão que o admira.
 Ha anglomanos de roupas flanastes e comentadores de *croisée* e calças brancas.
 Vão senhoritas viajadas, tagarelando em inglês, comentando as recepções ao embaixador, os robes de *mme.* Fulana e as linhas da casaca do *gentleman* sicrano.
 Rodam carruagens floridas, ornadas das cores simbólicas do clube predileto. No domingo ultimo, ouviu-se o *fon-fon* de um automóvel.
 Foi a grande atração.
 Nesse meio de elegância e fausto, fazem também seu *rendez-vous* as nossas patricias modestas, dos bairros suburbanos.
 Ha senhoritas da Victoria, de São Pedro e Nazareth, como do Sangradouro e Pau Miúdo.
 Ah! as nossas patricias do Pau Miúdo, como enfeitiçam o campo. Elas também entendem a técnica do jogo. Ontem, quando uma bola ameaçava vazar o *goal* do Santos Dumont, uma delas, gritou “*no ball, it is off side*”
 Como são encantadoramente anglomanas as nossas patricias do Pau Miúdo.⁷⁶

⁷⁵ MAIA, Aroldo. *Almanaque Esportivo da Bahia...*, p. 115.

⁷⁶ Jornal *Gazeta do Povo*, 30 de julho de 1906.

Além das aparições nos eventos esportivos, as mulheres, desde o princípio, participavam do cotidiano dos clubes. Ao longo do desenvolvimento social dos mesmos, muitos dos eventos dos quais já falamos eram organizados por mulheres, esta era uma das principais formas de participação feminina nas agremiações. Geralmente, as esposas, namoradas e filhas dos sócios e dirigentes dos clubes também se responsabilizavam pela organização do natal, carnaval, réveillon e outras festas tradicionais. No terno de reis de 1906, por exemplo, alguns clubes, liderados pelas suas adeptas, organizaram o terno dos esportes:

Parece que vai dar a nota na próxima festa de Reis, o Terno dos Sports, organizado por gentilíssimas senhoritas da finda flor da sociedade baiana e pelos rapazes dos clubes Victoria, S. Salvador, Itapagipe e Santa Cruz.

Bastaria isto para se ter a prévia certeza do brilhantismo com que se há de apresentar esse terno, que se está preparando para dar às festas do principio do ano um cunho adorável de originalidade, gosto e alegria.

As jovens que fazem parte do terno se apresentarão de branco com enfeites das cores simbólicas, levando os distintivos dos clubes de que forem adeptas.

Além disso, como uma lanterna veneziana, cujo efeito é fácil é de prever.

Foi isso o que nos comunicou anteontem ao meio-dia uma comissão composta das estimáveis e simpáticas senhoritas Almerinda Magalhães, Lylia Revault, Maria da Gloria Revault e Isabel Marques, às quais agradecemos a fineza da comunicação.

Em 1907, novamente organizado pelas jovens adeptas dos clubes, o terno dos esportes que saiu no domingo, 6 de janeiro, foi para o *Diário de Notícias* “uma das nossas deliciosas festa de Reis deste ano.”⁷⁷ Participaram do terno o Vitória, São Salvador, Itapagipe e Santa Cruz, que tinham dez moças e dez moços cada. Segundo o jornal, “o Terno dos Sports percorreu várias ruas do distrito de São Pedro, iluminando o préstito a fogos de bengala e as lanternas de gelatina, muito delicadas, conduzidas pelas moças.” Já os rapazes “levavam lanternas muito expressivas em que a combinação das cores dos referidos *clubs* davam uma feição muito atraente e feérica.”⁷⁸ Ao final do préstito, os jovens ainda se acomodaram na casa de um negociante da cidade, onde “seguiram-se animadíssimas danças e outras diversões, nas quais se entretiveram até as 6 horas da manhã, reinando sempre o maior entusiasmo, a par de muita cordialidade.”⁷⁹

Enfim, verificamos por algumas notas que a presença feminina nos futebol em Salvador ocorre em paralelo ao surgimento das primeiras práticas esportivas, nos levando a concluir que desde o início do futebol na cidade o seu envolvimento era notável e valorizado.

Contudo, o envolvimento das mulheres de elite no futebol e nos clubes de Salvador até 1910 eram mais limitado. A presença feminina neste momento estava ligada mais aos

⁷⁷ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 07 de janeiro de 1907.

⁷⁸ Idem.

⁷⁹ Idem.

familiares dos *sportmen* que os acompanhavam tanto no cotidiano do futebol quanto do clube. Isso não quer dizer que inexistissem mulheres que vivenciavam a prática e que não pertenciam a nenhum clube. Todavia, acreditamos que a partir do período em que houve uma maior preocupação com a vida social do clube e, principalmente, com a construção do Campo da Graça, um espaço, segundo os contemporâneos, mais apropriado para o “belo sexo”, a participação feminina elitizada no cenário futebolístico cresceu uma vez que mulheres não diretamente ligadas aos clubes e jogadores começaram experimentar o universo do futebol.

Seguramente o público feminino aumentou enquanto consequência da própria popularização do futebol. No entanto, outro motivo plausível é que houve um incentivo para que o envolvimento das mulheres no futebol fosse intensificado. Isso porque existia um discurso sobre a necessidade das mulheres praticarem os esportes que favoreceriam o desenvolvimento do seu corpo.

A existência do estádio nos possibilitou identificar mais claramente o perfil social das mulheres de elite. Como vimos, o Campo da Graça teve um impacto ao ponto de influir no imaginário da cidade. Assim foi também com a imprensa. Se os periódicos já relatavam a beleza dos jogos, da torcida e da banda que animava espectadores e jogadores nos primeiros anos de campeonato, a praça esportiva, em 1920, contribuiu para que os jornais se preocupassem de modo mais particular com algumas frequentadoras do estádio. Principalmente a revista *Semana Esportiva*, em seus textos e colunas, costumava relatar qual torcedora foi ao jogo, como se comportou a filha de tal negociante no estádio ou para qual jogador determinada torcedora costumava mandar beijos e recadinhos durante uma partida. Ou seja, se a imprensa em um primeiro momento valorizava os aspectos gerais da torcida, com o estádio passou a se preocupar também com torcedores e torcedoras em particular, o que evidencia um embrionário desenvolvimento de estilo jornalístico interessado na vida privada da sociedade.

Condicionado por este contexto, pelo menos nos anos 1920, a identificação do perfil social das baianas abastadas que frequentavam as rodas esportivas de Salvador foi uma tarefa relativamente fácil. Isso porque a *Semana Esportiva* dispunha de uma coluna que versava especificamente sobre as moças e senhoras que iam aos jogos de futebol. Esta coluna era chamada de *Perfis Femininos*: trata-se de um texto em que o colunista discorre algumas características físicas e sociais de mulheres soteropolitanas e estrangeiras com a intenção dos leitores reconhecerem quem era a retratada. Além das dicas, o colunista sempre intitulava o seu texto com as iniciais da senhorinha retratada. Foram encontrados mais de 30 perfis, de

autoria variada: nos primeiros, o autor respondia pelo nome de Suzette, depois a autoria passou para Xenocrates e, por fim, os perfis encerram-se com a assinatura de Maximo.

Para ajudar o leitor a identificar a perfilada, os autores serviam-se de muitas características e qualidades das mulheres. Deste modo foi possível saber, por exemplo: quais profissões e atividades algumas das torcedoras exerciam; onde moravam; quem eram seus namorados, pretendentes e as suas profissões; quem eram os seus pais e suas atividades. Além disso, foi possível saber, inclusive, a cor, estatura, cor dos olhos e, é claro, para quais clubes e jogadores elas torciam.

Quase a totalidade das perfiladas eram brancas. Mademoiselle G. G. C., por exemplo, era “Loira como as atraentes filhas da grande Germânia, o alvo da sua cútis, exorada por duas contas pretas e luzidas, cujos reflexos só podem ser analisados pelo esportista quase militar.”⁸⁰ Já mademoiselle H. L., “é quase loira (natural), tem lindos olhos cor do céu em dias claros, esguia de perfil como as bem apresentáveis filhas de França e Itália, cuja pele alva como os mármore alvos.”⁸¹

Em relação às atividades exercidas, a maioria se dedicava a algum tipo de arte, como mademoiselle E. L. que, “admiradora de tudo quanto é belo e artístico, entrega-se devotamente ao estudo da música e da pintura, sendo este último o da sua predileção”.⁸² Já a senhorinha A. B., estudiosa da música, “costumava deliciar a plateia do Teatro Guarany com sua orquestra bem organizada”⁸³, ao passo que a “aplicada senhorinha Z. C. F., aluna da Casa da Rua Alvo é apaixonada pela arte decorativa, dedicando-se ardorosamente ao desenho e pintura.”⁸⁴ Sobre a jovem D. C., Suzette afirma que na “alta roda social é sempre possível vê-la em concertos, cinemas, teatros, soirées dançantes, etc., etc...”⁸⁵ Muitas das jovens baianas possuíam algum tipo de educação formal. R. B. B. era “diplomada pelo Educandário dos Pedrões e, justiça é dizer, se há quem sabia honrar o título de aluna-mestra não há que mais o faça do que mademoiselle, que teve a glória de chegar a uma láurea como poucas o têm podido conseguir”⁸⁶

No que diz respeito aos parentes das perfiladas, uma grande parte era filha, sobrinha ou irmã de algum jurista, médico, advogado, grande comerciante, enfim, pertencente como a

⁸⁰ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 21, 28 de agosto de 1921.

⁸¹ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 16, 24 de julho de 1921.

⁸² Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 44, 4 de fevereiro de 1922.

⁸³ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 31, 6 de novembro de 1921.

⁸⁴ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 28, 16 de outubro de 1921.

⁸⁵ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 38, 24 de dezembro de 1921.

⁸⁶ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 37, 17 de dezembro de 1921.

jovem G. G. C., “às mais brilhantes tradições da família baiana e de honrosas ramificações.”⁸⁷ Já os namorados, noivos e pretendentes eram industriais, donos de casas comerciais, personalidades políticas, além de estudantes de direito e de medicina como o noivo da senhorinha H. P., que residente em São Paulo, “tem que continuar a satisfazer todas as vontades da formosa senhorinha tal qual a mãe e o pai.”⁸⁸

Por fim, grande parte das senhorinhas baianas perfiladas morava em Distritos considerados nobres da cidade. Algumas residiam no Rio Vermelho e Vitória, outras moravam nos distritos de São Pedro e Nazareth.⁸⁹ Ao localizar os distritos da cidade a *Semana Esportiva* frequentemente caracterizava estes enquanto salubres e saudáveis. Para o colunista Maximo, mademoiselle M. R., “em virtude do local onde mora, no distrito sadio de Nazareth, deve gozar de muita saúde.”⁹⁰ A necessidade de apresentar esta qualidade nos bairros parece ser mais uma tentativa de reforçar a condição de mulheres ricas e higiênicas.

Através dos perfis, também foi possível inferir sobre as ações femininas nas praças esportivas. Um bom motivo para a presença de senhoras e mademoiselles no Campo da Graça era torcer por um determinado clube, agremiação ou um jogador em particular. Contudo, como vimos, existiam muitos outros motivos também, sendo que, com efeito, o principal deles estava ligado à questão dos *flirt*, paqueras e namoros.⁹¹ Em mais da metade dos perfis os seus autores, para identificar as perfiladas, falavam que tal senhorinha gostava de algum jogador ou que determinada jovem frequentava o Campo da Graça para apreciar o seu noivo, namorado ou mesmo conhecer melhor o seu pretendente. Muitas vezes eram os namorados, noivos ou maridos que estavam no campo.

Pela análise dos perfis, ficou evidente que a beleza das perfiladas era sempre enaltecida. Uma justificativa para isso liga-se ao fato de que a imprensa, neste caso, a *Semana Esportiva*, desejava incutir a ideia de que o ambiente do futebol era frequentado pelo que existia de mais bonito na sociedade soteropolitana.

Não foi à toa que a revista, logo no seu primeiro ano de circulação, promoveu um concurso que elegeria a torcedora mais linda do futebol, uma estratégia para vender também. Para votar, era preciso preencher um cupom que vinha na publicação e enviá-lo para a sua sede. A partir da edição seguinte, o leitor já podia saber a situação da sua escolhida, uma vez que era disponibilizado o número de votos de cada torcedora. O concurso começou na 17ª

⁸⁷ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 21, 28 de agosto de 1921.

⁸⁸ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 79, 7 de outubro de 1922.

⁸⁹ Sobre o perfil social de alguns distritos da cidade conferir: NASCIMENTO, Ana Amélia Vieira. *op.cit.*

⁹⁰ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 61, 3 de junho de 1922.

edição do periódico, em 31 de julho de 1921, com término em 3 de dezembro, após 18 edições serem publicadas.

Pelos dados fornecidos pela revista, 42 mulheres foram votadas e a soma dos seus votos corresponde a mais de 4000. Desse total, Gesilda da Silva, Olga Spinola e Avany Vidal, primeira, segunda e terceira colocadas, conseguiram respectivamente 1414, 1117 e 325 votos. Para a vencedora, a *Semana Esportiva* fez a entrega de um estojo para unhas e publicou o seu retrato na capa posterior à divulgação do resultado do concurso. Ao que tudo indica a foto de Gesilda na capa e o concurso fizeram tanto sucesso que em muitas edições, a revista adotou uma política de publicar em suas capas retratos de torcedoras, muitas das quais haviam participado do concurso.



Figura 29: Gesilda da Silva, vencedora do concurso. (Revista *Semana Esportiva*, 1921).

Ademais, o corpo editorial intensificou a veiculação de notícias que associavam a mulher ao esporte. A estratégia da revista levou em consideração que o seu público leitor era composto não só por homens, mas também por muitas mulheres. Desta forma, a revista contribuía de vez para a consolidação de um processo que desde as primeiras partidas de futebol estava ocorrendo: a definitiva integração do futebol ao cotidiano da mulher de elite.

⁹¹ Sobre o *flirt*: AZEVEDO, Thales de. *As Regras do Namoro à Antiga: aproximações sócio-culturais*. São Paulo: Ática, 1986.

Neste sentido, no que se refere à política editorial, encontramos notícias que buscavam apresentar as mulheres não só como espectadoras do futebol, mas como possíveis desportistas. Facilmente encontramos discursos preocupados com a prática de algum esporte pelas mulheres, em uma tentativa de ampliar os espaços destas para além das arquibancadas. O tênis e a natação eram as atividades mais recomendadas uma vez que, para os contemporâneos, contribuía para o aperfeiçoamento da graça e da beleza feminina. O tênis era muito jogado pelo Bahiano de Tênis. Inclusive, um dos propósitos de sua fundação era aproximar as mulheres do esporte.



Figura 30: Senhorinhas estampando uma das capas da *Semana Esportiva*.

Infelizmente não encontramos nenhuma evidência real sobre a prática do futebol por senhoras e senhorinhas. Entretanto, foram encontrados alguns discursos incentivadores. Afinal, o jogo de bola era o principal esporte na Bahia nos anos 1920 e, acreditavam alguns jornalistas, as mulheres deveriam participar da cultura futebolística não só como expectadoras. Novamente o texto de um certo João Sapeca ilustrava bem o momento:

O que eu quisera ver, porém, era um *team* de mulheres.
 Noutras eras, rançosas e estúpidas, em tal coisa se não consentiria porque os calções dos *foot-ballers* são curtos e as camisas apertadíssimas.
 Hoje, isso não é empecilho.
 Aí está o banho de mar com os seus *maillots* (e ora para que fui buscar o mar!) aí está a moda com os seus caprichos.

Que é, pois que anda a entrar este último e definitivo passo no progresso futebolístico?

Não há mulher hoje que se não queira nivelar aos homens, em direitos e capacidades. Consequentemente, não deve ser só para homens, jogar-se o *foot-ball*.

As mulheres deviam praticá-lo, que teríamos então o espetáculo de uma torcida mais humana, à faca e à pistola. Porque não ficaria impune a heresia de um torcedor, se gritasse para a juíza, como muita vez para os juizes se tem gritado masculinamente, ladroa!⁹²

Todavia, a opinião de João Sapeca não era unânime na cidade. Existiam outros discursos que buscavam negar a prática do futebol às mulheres. Um dos textos mais explícitos sobre essa restrição tratou-se de uma entrevista concedida por um jogador, Andy Ducat, que na época era meio-campo do Aston Villa, clube da cidade de Birmingham na Inglaterra.⁹³ Embora a entrevista não se refira ao contexto local, a sua publicação em um veículo midático baiano demonstra a importância da imprensa apresentar argumentos que reforçavam a negação da prática do futebol pelo “sexo frágil.” Na entrevista, o jogador defende que o futebol seria impróprio para as mulheres:

Porque a mulher não deve praticar o *foot-ball*?

Andy Ducat, afamado jogador internacional, pertencente ao Aston Villa, campeão da Inglaterra em 1920, interpelado por um cronista – Porque a mulher não deve praticar o *foot-ball*? – Disse:

“As proezas atléticas da mulher moderna produzem, em mim, a mais imensa admiração.

Sua destreza para o tênis, natação, golfe, hóquei e críquete, faz-me pensar que não está longa a época em que o chamado sexo forte terá que reunir esforços extraordinários para não se deixar vencer pela mais bela ‘metade’ do gênero humano.

Quanto ao *foot-ball*, sou de opinião que a mulher deva deixá-lo à margem.

A constituição física da mulher, o seu temperamento, não lhe permitem praticar esse *sport*, não estão de acordo com a natureza desse jogo, que não lhe beneficia o físico.

Penso que o *foot-ball* é demasiado rade (sic) para a mulher.

Em Inglaterra cogita-se da criação, em grande número, de clubes de *foot-ball* para senhoras.

Isso produzirá grande emulação entre as diversas sociedades, e dará lugar, certamente, a sérios incidentes. O estado de ânimo atual, assim como a idiosincrasia própria do sexo, são muito propícios à produção de lamentáveis colisões.

Acredito, com essas palavras, chamar sobre minha antipatia de muitas lindas aficionadas do varonil desporto, antes de tudo devo ser sincero nas minhas opiniões: ‘O *football* não se inventou para a mulher.’”⁹⁴

⁹² Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 2, 17 de abril de 1921.

⁹³ Andy Ducat nasceu em 1886 e fora um dos principais jogadores do Aston Villa, campeão do campeonato Inglês em 1920. Jogador de críquete e futebol, Ducat jogou pelos clubes Arsenal e Fulham. Faleceu 1942 de ataque cardíaco no intervalo de uma partida de críquete. Sobre o jogador ver: http://en.wikipedia.org/wiki/Andy_Ducat acessado: 15 de Janeiro de 2010.

⁹⁴ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 74, 2 de setembro de 1922.

Neste trecho da entrevista observamos que Ducat, ao afirmar que a inaptidão feminina para o futebol é por conta da constituição física e temperamento, naturaliza as qualidades físicas e morais das mulheres. Quando o meio-campo do Aston Villa diz que tal atividade não beneficia o físico das praticantes está inculcada a ideia de que o melhor esporte para as mulheres é aquele que desenvolve a reprodução.

Depois de desaconselhar o futebol para as moças, na parte final da entrevista o jogador argumenta porque elas não podem praticá-lo e responde o que aconteceria caso continuassem a jogar o esporte bretão:

(...) a mulher jamais poderá se empenhar em lutas fortes, que, de ordinário são as que entusiasmam o público, por muito que se entregue a um rigoroso e prolongado treinamento, porque sua natureza não se adapta ao grande esforço muscular que este jogo requer.

Muitos outros motivos posso alegar para corroborar a minha opinião, por exemplo: a mulher não pode deter a pelota com o peito, é sabido que o bom jogador deve deter e impulsionar a bola do mesmo modo por que o faz com os pés. Ademias, o pé da mulher, em geral, é demasiado pequeno e os músculos de suas pernas muito débeis para chutar uma pelota de tamanho ordinário, com resultado satisfatório.

Dir-se-á que com exercícios a mulher criará músculos e os pés se tornarão maiores.

Nestas condições, responderei que estamos fora do caso: uma mulher assim, transformada, deixará de ser mulher para ser... mulher-homem!”⁹⁵

Notem que o discurso de Ducat é profundamente marcado pelo pensamento evolucionista, uma vez que para o jogador a natureza do corpo feminino não foi feita para um tipo de esforço muscular que futebol requeria. Por fim, a naturalização do corpo feminino é mais uma vez discutida. Ora, a mulher era reconhecida enquanto tal por ter formas suaves e delicadas. Para Ducat, a moça que se exercita através do futebol seria mulher-homem, por não se encontrar em seu estado natural de suavidade e beleza.

Até mesmo alguns intelectuais baianos corroboravam com os argumentos de Ducat. Para alguns higienistas e eugenistas, as mulheres não deveriam praticar o futebol, mas outros esportes que tinham como objetivo aperfeiçoar o corpo para que este fosse apto para a procriação de filhos saudáveis e fortes, um pensamento muito em voga em tempos de ideias eugênicas.⁹⁶ Neste sentido, nem todos os esportes cumpririam esta função. Pelo contrário, atividades como o boxe, futebol, entre outras, poderiam até prejudicar a função nobre e primordial do chamado “sexo frágil”. Na *Semana Esportiva* um texto em especial, de autoria

⁹⁵ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 74, 2 de setembro de 1922.

⁹⁶ Uma contribuição sobre tema pode ser lida em: GOELLNER, Silvana Vilodre. “As mulheres fortes são aquelas que fazem uma raça forte”: esporte, eugenia e nacionalismo no Brasil no início do século XX. In: *Recorde: Revista de História do Esporte*. Vol. 1, nº1, junho de 2008.

desconhecia, chega a condenar veementemente alguns médicos e educadores que recomendavam de um modo geral qualquer modalidade esportiva para as mulheres:

Comprometerão os desportos a beleza e a graça feminina?

(...) Pergunto eu agora, onde e por quem, com autoridade, se disse propaganda desportiva em todos os desportos e exercícios ao ar livre contribuíam para desenvolver a beleza do corpo feminino?

Nunca. E a razão do que assim respondo com segurança, é simples: Já vai o tempo em que havia absolutismo nas prescrições, o que nem mesmo na medicina se adota.

Como se poderia prescrever como favorável ao desenvolvimento da beleza do corpo feminino o desporto em geral.

Isso seria a negação de tudo, seria a ciência mostrar-se ignorante no que venha a ser beleza.

Se para os homens, hoje entre nós, reconhecidamente atrasados ainda nesse assunto, eles já se submetem a exame médico, para que lhes sejam aconselhados os desportos adequados à sua constituição física, para as mulheres, para o fim de fazê-las de corpo belo e gracioso, só mesmo por absurdo aconselhar-se-iam os desportos em geral.

Sempre queria ver o tipo de beleza de uma jogadora de *foot-ball*, depois de uns anos de lutas e a cara dos cientistas que lhe tivesse aconselhado aquele excelente desporto para a obtenção das formas que imortalizaram Afrodite...

Não faltariam, depois, ao ver esse produto de tal propaganda “autorizada” passear às avenidas ou “*boulevards*”, vozes que gritassem estridentemente: o desporto está tirando a graça, o encanto e até a “*coquetterie*” da mulher...⁹⁷

Observem que, na nota, uma das principais preocupações do autor relaciona-se ao fato das mulheres, praticando qualquer esporte, poderiam perder o encanto e graça, qualidades admiráveis e que marcavam a condição feminina naquele momento. Após esta crítica, o articulista encerra indicando às senhorinhas os esportes mais adequados para o sexo:

(...) direi apenas, que apesar dos artificios, atavios, pseudo liberdade e entraves civilizadores, o homem, continua hoje, como em todos os tempos, a ser um mero instrumento de que usa a espécie humana para consecução de seus fins.

Nestas condições, o tipo de beleza feminina que nos convém é o que já brilhantemente defenderam os ilustres escritores que me precederam, o tipo mais apto a procriação, à função mais sublime da mulher, que tem feito a grandeza de povos os mais civilizados (...)

Se de fato nos recordamos que as mulheres fortes que fazem uma raça forte; com que a fraqueza das mães começa a dos homens; que não é possível nenhum progresso social durável se a mulher não intervém para beneficiar-se dele e ajuda-lo, mal podemos atinar com o desconhecer-se por momento o valor biológico dos geradores necessários e suficientes para obter um filho são, viável e suscetível de se beneficiar ao máximo dos efeitos da educação física.

Para a mulher, pois, para a sua beleza e para a conservação de sua graça muito contribuem a ginástica sueca, as danças clássicas e a natação.

Principalmente este último que é o mais adequado ao organismo feminino. É o exercício próprio para a mulher, naturalmente indicado para ela, pois além de ser um modificador do medo, emotividade peculiar ao sexo, da-lhe o domínio de si mesmo harmonizando-lhe as formas.

Ao mar, pois senhorinhas brasileiras! Nadais, lutais⁹⁸

⁹⁷ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 117, 21 de julho de 1923.

⁹⁸ Idem.

Neste trecho, a defesa por atividades que favoreçam o desenvolvimento do aparelho reprodutor feminino é tão gritante que o articulista parece querer subtrair o corpo das mulheres delas mesmas. Ou seja, a prática do esporte pelas jovens deve beneficiar primordialmente a sociedade, (leia-se os homens) pouco importando a preferência e o gosto delas por determinado esporte. Os corpos das moças devem se submeter aos interesses dos ideais masculinos.⁹⁹

Ainda analisando a fonte, se o corpo feminino devia estar a serviço da sociedade, não é estranho o articulista recomendar atividades que conservem a beleza e graça das jovens. Este é o caso da natação, principal atividade indicada, que favorece a mulher na superação do medo da água, qualidade natural do gênero, segundo os estudiosos do período.¹⁰⁰

A inserção das mulheres de elite no universo futebolístico soteropolitano revelou como estas não ficaram a margem da cultura moderna. Pelo contrário, participando da vida dos clubes de Salvador, frequentando partidas de futebol e até praticando algumas atividades, como o tênis e natação, as senhorinhas e mademoiselles foram participantes e entusiastas ativas da cultura esportiva, reordenando as relações de gênero na cidade. Neste sentido, percebemos como o esporte contribuiu para que as jovens endinheiradas tomassem a cena pública, derrubando algumas barreiras que as restringiam.

Por outro lado, embora o futebol tenha contribuído para a supressão de algumas limitações, este acabou sendo utilizado para a manutenção ou redefinição de hierarquias e assimetrias entre os sexos. As concepções evolucionistas e eugênicas na década de 1920 marcaram significativamente a cultura futebolística fomentando desigualdades de gênero. A recomendação das mulheres praticarem apenas os esportes que desenvolvessem seu aparelho reprodutor ou a ideia de que esportes como o futebol ou boxe poderiam macular ou masculinizar a natureza delicada e a graça ilustram bem a tentativa de manter a dominação sobre a mulher e principalmente sobre o seu corpo.

⁹⁹ Uma discussão aprofundada sobre os discursos sobre o corpo da mulher pode ser encontrada em: LUZ, Adriana de Carvalho. *Mulheres e doutores. Discurso sobre o corpo feminino. Salvador, 1890 a 1930*. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal da Bahia, 1996.

¹⁰⁰ DEVIDE, Fabiano Pries. A natação como elemento da cultura física feminina no início do século XX: construindo corpos saudáveis, belos e graciosos. In: *Movimento*. Porto Alegre, 10 (2), 2004.

CAPÍTULO 3 – DO FUTEBOL POPULAR AO FUTEBOL POPULARIZADO OU VICE

E VERSA

O torneio da LBST em 1905 fora um sucesso. Apesar do torneio ser uma novidade no futebol da cidade, as partidas em 1905 tiveram um bom público, que ao final das disputas costumava estender o expediente do lazer para os bares da cidade. Em jogos que envolviam Vitória ou São Salvador, os clubes mais chiques, a assistência crescia significativamente, prestigiando os rapazes, que para a imprensa civilizavam os costumes soteropolitanos. O estado de excitação que o futebol no seu primeiro ano de competição causou nos seus entusiastas os levaram a crer que aquela prática viera para ficar e o seu pleno desenvolvimento evidenciado na criação de um calendário próprio, era um indício de que Salvador acompanhava as novas tendências culturais.

Que o futebol chegava para ficar, era um fato. Porém, entre a sua introdução e a forma como se desenvolvia, existia uma variedade de práticas e representações que rapidamente surpreenderam as elites. Vejamos algumas delas.

As expectativas para o campeonato da LBST de 1906 eram as melhores possíveis. Com o sucesso do certame anterior, o interesse nas pelepas aumentou, principalmente porque naquele momento já existia um domínio básico das regras do esporte por parte dos jogadores e expectadores. O Vitória e São Salvador eram os favoritos do público, enquanto o Internacional, pela sua perícia em campo, novamente era o favorito ao título. Em uma tarde de domingo, 10 de junho de 1906, foi realizada a sexta pugna do campeonato, entre Vitória e Internacional. A princípio, esta deveria ser uma das mais animadas e disputadas. O rubro-negro era um dos clubes mais prestigiados naquele período, além de ter um time bem treinado. Já o Internacional fora o campeão do certame de 1905 sem perder um jogo. A partida tinha todos os elementos para ser um grande espetáculo.

Contudo, o que os jogadores e familiares de ambos os times viram naquele dia, segundo seus próprios relatos, foi uma sucessão de atos indecorosos e constrangedores. O motivo das indelicadezas foi o comportamento extremamente hostil de alguns expectadores para com os jogadores do Internacional. O *Diário de Notícias* relatou o incidente:

É de lamentar que uma malta de desocupados perturbem as belas partidas a que o público acorre tão cheio de curiosa satisfação, prejudicando os movimentos dos jogadores, fazendo-os escutar ofensas quando perdem e dando triste ideia dos nossos foros de civilização. Convém notar que o Internacional é composto de ingleses que devem ter de nossa parte, como hospedes que são, todas as

distinções. Achamos que a polícia bem podia sanar esta inconveniência que vai se tornando um péssimo costume¹

Outro jornal, segundo Aroldo Maia, ainda vai mais longe, revelando detalhes do comportamento lamentável de alguns espectadores naquele jogo.

No *match* de futebol ontem realizado houve diversos espectadores que estiveram dignos de censura.

Os referidos grupos desrespeitaram um dos clubes que jogavam chegando até ao abuso de atirarem para dentro do campo PEDRAS, CHINELOS, BENGALAS, etc., o que não é compatível com o crédito desta cidade. Demais jogaram ontem um apreciado clube de estrangeiros em sua maioria, portanto nossos hospedes, dignos de todo acatamento além do que o movimento esportivo que tão destacadamente vem se desenvolvendo entre nós muito precisa do concurso de todos para o estímulo dos seus adeptos.

Isso é de péssimo efeito e será para lamentar que entre nós o futebol não possa continuar ou que se realizem as partidas de campeonato em campo particular.²

Por estes trechos notamos que os articulistas dos principais diários de Salvador ficaram estarecidos com um elemento que lhes era desconhecido até aquele momento no campeonato. As ofensas dirigidas aos jogadores ingleses, além das pedras e chinelos apontam para uma possível rivalidade que alguns espectadores começaram instituir entre os times.

Embora os clubes pudessem, em alguma medida, controlar e regular a participação de indivíduos enquanto sócios, aqueles não tinham o poder de determinar quem seriam os seus expectadores. Mesmo que uma pessoa não fosse associada a um clube, esta poderia manifestar seu agrado por uma determinada agremiação da forma que bem entendesse.³ Neste caso, vimos que a forma de torcer de alguns indivíduos era fundamentalmente diferente da forma como as elites entendiam o comportamento adequado de uma assistência. Finalmente, o campo não era particular, o que permitia a presença de qualquer tipo de espectador.

O incidente também aponta para um acirramento de identidades nacionais entre brasileiros e bretões, o que possivelmente influenciou as pessoas, não exclusivamente populares. Pela impossibilidade de controle da assistência, os jornais, como o *Gazeta do Povo*, sugeriam um policiamento ostensivo nos dias de jogo para evitar novos imprevistos:

Não podemos concluir a notícia da bela partida de ontem, sem censurar uma malta de garotos que entenderam de fazer manifestações de desagrado aos distintos *sportmen* ingleses, que se bateram com o Vitória.

¹ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 11 de junho de 1906.

² MAIA, Aroldo. *Originais do Almanaque esportivo da Bahia*, [s.d], [s.p.].

³ Pretendemos retomar este assunto com mais profundidade no quarto capítulo.

É de bom aviso chamar a atenção da policia, desde quando aqueles indivíduos acham que numa festa de civilização, entre moços, todos dignos, é azada a ocasião para eles darem arrhas (sic) ao seu mal compreendido bairrismo.⁴

Talvez uma das principais lamentações dos periódicos relacione-se como o fato de que o clube hostilizado era composto por ingleses. Em todas as notas temos uma sensação de subserviência para com eles, uma vez que, pela sua origem europeia, eram considerados os referenciais de bom comportamento e distinção.

O que se seguiu após este inconveniente foi a desistência do Internacional no campeonato de 1906. Porém, os outros clubes fizeram o possível para que os ingleses não abandonassem a competição. Entre as tentativas, encontramos a ata de uma assembleia da LBST realizada em uma quarta-feira, quatro dias após a partida. Transcrita pelo *Diário de Notícias e Gazeta do Povo*, o documento revela os argumentos utilizados pelos outros clubes para que o Internacional desistisse de sua ideia. Alguns, inclusive, pensaram em abandonar a competição em solidariedade ao clube inglês. Segue um trecho do documento:

A Liga Bahiana dos Sports Terrestres profundamente penalizada com a resolução tomada por esse *club*, a qual lhe é comunicada pelo vosso officio de 12 do corrente, vos vem declarar que faz seus os sentimentos de que vos achais possuídos. Por terdes sido injustamente molestados por populares da mais baixa esfera social, no domingo ultimo no Campo dos Martyres, pedindo-vos, entretanto, a reconsideração desse ato pelos motivos que vai aludir: A falta de compreensão precisa dos mais simples deveres da educação nesses deserdados da sorte e da sociedade; a carência de um policiamento eficaz no Campo dos Martyres em dias de partida, inconveniente este, que vai ser sanado em vista das ordens terminantes dadas a este respeito pelo Sr. Dr. chefe de policia; a ignorância do nosso povo, pouco habituado ainda a esses jogos que ele aplaude ou censura, conforme a sua acanhada percepção e suas irrefreáveis simpatias.⁵

O que mais chama atenção na ata é a afirmação taxativa de que os populares da mais baixa esfera social, devido a sua falta de compreensão, nada entendiam sobre o verdadeiro significado do futebol. Com isso, há uma tentativa de minimizar a atitude dos populares, uma vez que os próprios, desconhecendo o sentido civilizatório do esporte, “aplaude ou censura, conforme a sua acanhada percepção”.

Apesar das argumentações, a decisão do Internacional não foi revogada. Uma última possibilidade para a continuidade dos ingleses era a privatização do campo na tentativa de evitar pessoas indesejáveis. No entanto, a cobrança de ingressos no torneio ocorreria apenas em 1907, quando os jogos foram transferidos para o campo do Rio Vermelho. Assim, os ingleses deixaram a competição, embora permanecessem filiados à LBST.

⁴ Jornal *Gazeta do Povo*, Salvador, 11 de junho de 1906.

O incidente ocorrido com o Internacional nos serve de ponto de partida para este capítulo, pois revela explicitamente que na diversão elegante das elites soteropolitanas o fato é que existia uma rápida apropriação popular do futebol, que se tornava um pesadelo para os que se consideravam introdutores deste esporte na cidade. A regularidade na prática do jogo de bola adquirida com os campeonatos não só possibilitou como favoreceu um contato de outros sujeitos com o futebol. Vimos nos capítulos anteriores que um sintoma disso foi a fundação de muitos clubes, entre eles os de origem modesta. Além disso, veremos adiante que logo após o surgimento do campeonato da LBST era muito recorrente na imprensa notas que criticavam o jogo de bola pelos ditos vadios e vagabundos.

Por outro lado, a relação entre o futebol e as culturas populares, que será discutida neste capítulo, não pode ser explicada apenas pelo desenvolvimento do campo esportivo. Seria uma análise muito simplista de causa de efeito na qual o resultado de um maior número de partidas na cidade resultou em um maior envolvimento das camadas populares com o jogo. O que tentamos entender é que o processo de popularização do futebol em Salvador também está relacionado com a necessidade dos populares manterem as ruas enquanto um espaço de manifestação de suas práticas culturais que, longe de serem cristalizadas, eram constantemente ressignificadas. Por sua vez, estas manifestações iam de encontro às tentativas de modernização e adoção de costumes civilizados em uma cidade que enfrentava uma série de dificuldades para se reformar e mesmo excluir certos sujeitos deste processo idealizado por setores das elites.

Enquanto no Rio de Janeiro existiam campos particulares ou áreas de lazer privadas que, nem sempre com sucesso, dificultavam a presença de sujeitos e práticas indesejadas, em Salvador, 15 anos após a chegada do futebol, ainda não existiam campos particulares ou qualquer outra área restrita.⁶ Nas décadas de 1900 e 1910 os principais campeonatos ocorriam em campos públicos, onde no máximo era cobrada uma determinada quantia para a entrada de um espectador. Os principais clubes da cidade só teriam um campo particular a partir de 1915. As reformas urbanas da cidade mais evidentes na década de 1910 não chegaram a efetivamente a construir um campo ou área de lazer com um acesso restrito ou mais controlado.

Podemos considerar que a própria modernização muito idealizada pelas elites e dentro de um contexto econômico instável, não conseguiu efetivamente excluir a população

⁵ *Jornal Diário de Notícias*, Salvador, 15 de junho de 1906.

pobre e suas práticas de praças, ruas, avenidas, entre outros logradouros públicos. Enfim, foi neste cenário amplamente favorável à aproximação dos populares que o futebol tomava corpo na cidade. Curiosamente, o jogo que para as elites letradas civilizaria a cidade também se constituiu para os populares enquanto um elemento de manutenção de práticas culturais dialógicas. No final a atividade como um bom jogo se tornava um espaço de disputa, de pugnas renhidas.

É muito comum encontramos na historiografia análises que entendem a relação das culturas populares sempre pela via da negação de práticas que a princípio eram, em alguma medida, utilizadas para excluir, reprimir ou no mínimo substituir diversas manifestações populares. A “resistência” se dava no campo da apropriação e mesmo os usos populares do futebol podem ser entendidos enquanto uma tentativa destes, ao seu modo, participarem ou reivindicarem um protagonismo nos processos sociais vigentes.

Por fim, o envolvimento dos chamados pobres, vadios e vagabundos com o futebol é apenas uma das formas de perceber uma relação do popular com o esporte. Buscaremos também captar uma ampliação de sentidos, práticas e representações que não necessariamente partiam das camadas populares, mas das próprias elites alargando, deste modo os sentidos do futebol dentro deste mesmo grupo.

“Desastres materiais, desordens morais”: o “*foot-ball de vagabundos*” nas ruas...

Um dos primeiros indícios de que o futebol em Salvador rapidamente ganhava novos sentidos e era, ao mesmo tempo, apropriado pelas camadas populares foram as diversas notas encontradas nos principais jornais soteropolitanos referindo a grupos de desordeiros que praticavam o esporte nas ruas.

De modo mais sistemático estas notas surgem logo após a criação da LBST. Principalmente nos jornais *Diário de Notícias*, *Gazeta do Povo*, *A Tarde* e *Diário da Bahia* com regularidade vinham acompanhadas com o título de *foot-ball de garotos*, *foot-ball de vadios*, *foot-ball de vagabundos*, *foot-ball nocivo* ou *foot-ball prejudicial*. Geralmente se referiam ao moleques de rua, vadios e peraltas que jogavam em diversos logradouros públicos onde a prática do futebol era proibida. Podemos supor que a regularidade do jogo de bola através de um torneio favoreceu a criação de um ambiente esportivo na cidade,

⁶ Uma situação é muito diferente do Rio de Janeiro, por exemplo, onde já existiam campos particulares do Fluminense em 1904 e do Botafogo em 1912.

consequentemente fazendo com que a imprensa noticiasse mais as partidas e, também, as notas exigindo que a polícia acabasse com a atividade nas ruas.

Por outro lado, essa suposição não nos permite afirmar que só após os campeonatos o futebol passou a ser jogado por estes sujeitos. Uma determinação da Intendência de 1903, muito conhecida entre os memorialistas do esporte baiano, limitava a prática do futebol aos seguintes locais:

FUTEBOL – Resolvendo o pedido feito pela Secretaria da Polícia sobre Pontos onde possa ser efetuado jogo de futebol sem prejuízo da propriedade particular, conforme reclamações levantadas, a Intendência Municipal designou-se os seguintes pontos para realizar-se aquela diversão: Campo dos Mártires, no distrito de Nazaré; Quinta da Barra, no distrito da Vitória; Fonte do Boi, no distrito de Brotas; Largo do Barbalho, no distrito de Santo Antônio; e Largo do Papagaio, no distrito da Penha.⁷

É possível inferir que a preocupação da Intendência era controlar a prática do futebol na cidade, visto que naquele momento este começava a ser jogado em vários locais, acarretando em prejuízo para as propriedades particulares. Devido à inexistência de áreas próprias para esta prática, a Intendência resolveu destinar alguns largos e campos abertos para o cultivo do futebol. Elaborada em 1903, imaginamos que a determinação era destinada muito mais as elites do que os populares, embora o documento também servisse para este grupo. A princípio, assim como as elites, aqueles sujeitos se interessaram pelo futebol por curiosidade. Em 1901 e 1902, o envolvimento popular no futebol parecia ser mais como espectador, acompanhando as partidas amistosas.

Porém, a partir de 1903, a população em geral já assimilava de forma mais intensificada a experiência do esporte. Enfim, dois anos antes do surgimento de um campeonato percebemos que o futebol já dava uma pequena dor de cabeça para as poderes públicos da cidade. Neste sentido, a determinação da Intendência visava uma limitação da atividade.

No que se refere ao conteúdo das notas, a insatisfação dos periódicos parece estar ligada ao fato de que o futebol praticado por pobres e vadios não seguia as limitações da Intendência, tampouco a forma como as elites jogavam. Além disso, não seguia horário e nem tinha um local específico, desrespeitando, segundo os jornais, as pessoas e propriedades. Em sete de novembro de 1906, o *Diário de Notícias* publicava uma nota dizendo:

⁷ MAIA, Aroldo. *Almanaque Esportivo da Bahia...*, p. 8-9.

Foot-ball de garotos

Continua desenfreado e insuportável o *foot-ball* dos garotos, que absolutamente não atendem a circunstâncias de ocasião nem de lugar, com o que prejudicam enormemente as vidraças das casas, as plantas dos jardins públicos e a tranquilidade dos transeuntes. É uma vergonha uma verdadeira miséria. As autoridades dos distritos e ao Sr. Chefe de polícia pedimos ainda uma vez providências sérias e enérgicas contra a vadiagem dos vagabundos.⁸

A data em que o jornal publicou a crítica foi uma quarta-feira, o que sugere a inexistência de um dia específico para o brinquedo. Enquanto as elites apenas jogavam nos domingos e treinavam nas quintas, o futebol nas ruas não tinha um dia e horário certo para ocorrer.

Nesta mesma nota encontramos a insatisfação de um cavalheiro que foi à redação do jornal se queixar do “prejuízo que lhe têm causado os terríveis vadios que um dia destes lhes deram forte pancada com uma lata e hoje o iam atirando ao chão com formidável trompaço.”⁹ O jornal finalizou a nota afirmando que os jovens “desordeiros” ao serem censurados pelo “cavalheiro” “se insurgiram, maltratando-o com palavras grosseiras, etc.”¹⁰

Uma característica das notas é que uma boa parte delas partia de pessoas que de alguma forma se sentiam prejudicadas pelo abusivo divertimento. Não era só a imprensa que fazia guerra ao futebol na rua, muitas vezes os periódicos serviam de porta-vozes de comerciantes queixando-se de janelas e produtos danificados ou de pedestres que não raramente eram atingidos por bolas o qualquer outro material. Algumas notas são bem sintomáticas e úteis para compreender outras particularidades do *foot-ball de vagabundos*.

Em uma nota, datada de 26 de abril de 1912, um cidadão de nome desconhecido residente no Largo da Lapinha, foi ao *Diário de Notícias* pedir que “por vosso intermédio chamem a atenção os poderes competentes para um grupo de desocupados, jogadores de *foot-ball*, ali onde constantemente arrebetam vidraças e atropelam os transeuntes.”¹¹ Junto aos redatores do jornal, o cidadão entendia que “é por demais estreito o local onde abusivamente se utilizam para este prejudicial divertimento.”¹² Por fim, lembrou da determinação da Intendência, ao dizer que existia “até uma postura municipal que proíbe tais jogos em lugares não determinados pela Intendência.”¹³

⁸ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 07 de novembro de 1906.

⁹ Idem.

¹⁰ Idem.

¹¹ Jornal *Diário de Notícias*. Salvador, 26 de abril de 1912.

¹² Idem.

¹³ Idem.

Observem que uma das insatisfações do cidadão foi o fato de que o lugar era por demais estreito para a prática do futebol. Isso nos faz afirmar que no futebol de rua existia uma constante reinvenção dos espaços para o jogo de bola, diferindo das elites que escolhiam campos delimitados pela Intendência para as suas pelepas. O campo poderia ser qualquer área e seus limites geralmente eram as calçadas, as linhas do bonde ou algum outro ponto de referência.

Em matéria de título, “a doença do esporte – futebol noturno”, o jornal *A Tarde*, em novembro de 1914, relatava a queixa dos moradores da Rua Bengala que se sentiam incomodados com a “com a persistência de alguns indivíduos, que para patentear seu amor ao esporte, ficam, todos os dias, a jogar desde as primeiras horas da noite, no ‘campo’ impróprio de uma rua estreita, que assim fica quase intransitável. As famílias ali residentes esquivam-se de sair à noite com medo do desordenado *team*”¹⁴ No final de outubro foi a vez do Monsenhor Francisco de Assis Castro ir a Secretaria de Polícia “pedir providências contra o abuso do jogo de *foot-ball* de indivíduos desocupados que se reúnem na frente da igreja do Desterro.” Segundo o Monsenhor “esses indivíduos por ocasião da missa, deitaram uma escada subindo pelo telhado da sacristia afim de apanharem uma bola.”¹⁵

Além disso, não só o campo era reinventado, mas também os próprios materiais utilizados enquanto traves e bolas. Na primeira nota em que o “cavalheiro” foi ofendido pelos “vadios”, deduzimos que uma lata estava substituindo a bola. Em muitas outras notícias aparecem relatos de garotos e vadios chutando um pano velho, uma bola de meias e até bexigas de bois. Nas ruas os apetrechos utilizados para uma partida eram visivelmente diferentes dos das elites. Ao passo que os jovens e adultos burgueses, em um esforço de distinção social, consumiam bolas, uniformes e traves importadas e vendidas nas principais casas comerciais da cidade, os populares faziam o jogo com os recursos disponíveis.

Em 29 de abril de 1918 novamente o *Diário de Notícias* lembrava que cabia a polícia “aos poucos moralizar certos costumes de parte do povo desta terra.”¹⁶ Segundo o jornal, “grupos de garotos sujos, seminus se entregam à prática do *foot-ball* em quase todos os lugares.”¹⁷ Daquela vez o jogo ocorrera no Engenho da Conceição onde “via-se uma partida

¹⁴ Jornal *A Tarde*, Salvador, 07 de novembro de 1914.

¹⁵ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 27 de outubro de 1907.

¹⁶ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 29 de abril de 1918.

¹⁷ Idem.

da espécie a que nos referimos e cujos jogadores não tinham a menor noção de respeito, tais os seus trajes e o seu vocabulário.”¹⁸

A falta de traje adequado para o jogo de futebol era algo considerado ultrajante pelos jornais. Entre as elites, o uniforme impecável era condição elementar para uma boa apresentação de um time. O clube inglês Internacional, por exemplo, tinha tanta preocupação com os seus uniformes que preferia importar de *Southampton* as suas camisas e calções com o seu emblema cuidadosamente bordado. Veremos que na década de 1920 até mesmo algumas punições foram impostas a alguns clubes que se apresentavam com um uniforme fora do padrão. Diante disto, o *foot-ball* nas ruas, praticamente com poucos trajes manchava o ideal esteticamente refinado do esporte.

Enfim, obviamente a facilidade de adaptar materiais favoreceu consideravelmente a difusão do futebol entre os populares. As apropriações do jogo por estes grupos se constituíam enquanto uma reinvenção dos materiais esportivos e dos usos e abusos dos espaços oficialmente negados pelas instituições.¹⁹

Outra nota bastante curiosa que revela a indignação de alguns setores da população foi uma queixa do Sr. Farmacêutico Mario Teixeira da Assis, residente à Rua Senador Costa Pinto. De acordo com o *Diário de Notícias*, Mario Teixeira foi à redação daquele jornal contar que “anteontem estando à janela seu filhinho foi ferido na testa por uma brutal pedrada, que um dos *foot-ballers* vadios daquela rua arremessara contra outro, em luta por causa do prejudicial divertimento.”²⁰ O jornal continuou lembrando que:

A autoridade não deu providência, porque não conhece o autor da pedrada e a família do farmacêutico foi quem passou pelos transe e contrariedades do desastre que podia ter ocasionado a morte à descuidada e interessante criança. Quanto a nós, havemos de falar contra esses *sports* condenáveis até que se deem providências nos sentido de acabar com elas²¹

Ao que parece, a pedrada recebida pelo filho do farmacêutico foi em decorrência de um conflito desconhecido entre dois considerados vadios. Este tipo de situação que envolvia xingamentos, ofensas e agressões era muito comum nas pelepas dos “jovens vagabundos” e se constituía em uma diferença marcante em relação à cultura esportiva das elites. No repertório

¹⁸ Idem.

¹⁹ A ideia de uso e abuso do espaço segue as reflexões de Michel de Certeau sobre o conceito de lugar praticado. Sobre: CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

²⁰ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 20 de julho de 1906.

²¹ Idem.

comportamental do futebol elegante, a princípio não existia espaços para confusões, brigas e desentendimentos, prevalecendo a disciplina e o cavalheirismo. Contudo, nas ruas, os jornais sempre destacavam ofensas, xingamentos e a linguagem vulgar entre os garotos e “vadios”.

O *Diário de Notícias*, em uma de suas costumeiras críticas ao *foot-ball de garotos*, relatou uma queixa da população de São Bento, Victoria, Sant’Anna e Aflitos de “capadócius que se reúnem aos magotes, formam grupos enormes e numa algazarra infernal, entre vozerias e indecências proferidas sem o mínimo respeito às famílias.”²² O jornal ainda salientou que tais práticas “sempre nocivas começavam por danos e terminavam em brigas e desordens.”²³ Ao que parece, as brigas estavam relacionadas à noção de competitividade que entre os populares começava a surgir. Como não existiam juízes para resolver os impasses do jogo, acredito que os próprios envolvidos tentavam resolver as querelas ao seu modo, chegando a consequências perigosas em algumas ocasiões.

Outra hipótese era que as brigas e ofensas que ocorriam nestes jogos eram tentativas de resoluções de conflitos de outras situações nos quais estavam envolvidos os jogadores. Para o historiador Sidney Chalhoub, eram nos botequins e em outros ambientes que permitiam a reunião de populares que as rixas e conflitos entre estes sujeitos eram resolvidos seguindo lógicas e códigos próprios que as autoridades preferiam resumir em atos bárbaros e incivilizados.²⁴ Neste sentido, o futebol de rua surgia como mais um espaço oportuno para os rivais resolverem suas querelas ao seu modo. Um episódio sintomático deste processo foi encontrado em 1920 quando o *Diário de Notícias* se queixou de partidas de futebol na Baixa da Quinta que terminavam sempre em desordens. Sobre o assunto o jornal disse:

Os moradores da Baixa da Quinta dos Lázaros e adjacências tinham, aos domingos, ali gratuitamente, algumas horas felizes de distração, que muito os divertia, apreciando os encontros das associações esportivas, que jogam pebol ali. Ultimamente, porém, as partidas tornaram-se um ponto de discórdia entre os jogadores e entre os adeptos, degenerando sempre em discórdia e pancadaria. Foi o que aconteceu anteontem, havendo luta corporal entre pebolistas adversos e adeptos exaltados.

Caboclo, um dos jogadores durante, toda a partida esteve armado de faca, o que foi presenciado por muitos dos assistentes.

Devido às desordens, já as famílias vivem aos domingos desassossegados, receando de momento um pugilato e quem sabe? Mortes.

Aos Sr. Antonio Seabra deixamos a leitura das linhas acima, na certeza de que s.s. fará comparecer a Baixa da Quinta, aos domingos, uma reforçada patrulha de

²² Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 07 de novembro 1906.

²³ Idem.

²⁴ Nos inspiramos livremente nas considerações sobre a rixa e conflito dos trabalhos em: CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

cavalaria que garanta aos moradores daquele local passarem o domingo de descanso em paz.²⁵

Sobre o *foot-ball de vadios* localizado na Rua do Moinho, no Tororó Grande, em 7 de outubro de 1907, o *Diário de Notícias* fazia as críticas de praxe e acrescentava que indivíduos desocupados “costumam ainda espancar crianças moradoras ali, pondo em prova a paciência dos pais e parentes, que, por nosso intermédio, pedem ao Sr. Dr. chefe de polícia tome em consideração o policiamento no Tororó Grande.²⁶ Já em outra habitual crítica o mesmo jornal relatava como o futebol desencadeava em brigas e xingamentos.

Parece, à primeira vista, um divertimento inocente. Não o é, entretanto.

A pequenos, trêfegos (sic) e descuidosos, que se reúnem para entreter, aos pontapés com uma bola, feita de qualquer coisa, vêm se reunir depois, marmanjos desocupados e viciados, e, agora, um empuxão num menor, depois um termo obsceno, mais tarde um gesto desavergonhado, e tudo se transforma num “*charivari*” medonho, em que muitas vezes a polícia faz-se preciso intervir.

É o que se pode dar, no Cruzeiro de São Francisco, onde um grupo de meninos vadios joga o tal *foot-ball*, de tal forma, que às vezes, até pedras têm penetrado no interior das casas.

Com vistas à polícia.²⁷

Vale ressaltar que, embora a maioria das críticas se referisse explicitamente as chamada crianças vadias e desocupadas, o futebol das ruas também era praticado por crianças e até adultos de outras condições sociais. Nas palavras de um jornal, “o *foot-ball* então vai se alastrando por toda a parte, nele tomando parte meninos de escola, moleques desocupados, vendedores de queimados, etc.”²⁸ A própria determinação da Intendência de 1903 já era uma tentativa de limitar a prática do futebol em determinados lugares da cidade. Acontece que as elites, em sua maioria, respeitavam a lei, enquanto boa parte dos populares, não. A prática do futebol nas ruas, não necessariamente por vadios e desocupados, é um indício de que paralelamente à introdução do jogo pelas elites e os seus códigos de comportamento, a atividade já adquiria novos sentidos até mesmo para alguns jovens de grupos sociais em tese mais próximos dos sentidos propagandeados pelos jornais. Na edição de 7 de novembro de 1907 na nota denominada “*foot-ball* dos garotos”, o *Diário de Notícias* informava que:

Infelizmente não são apenas garotos que por aí andam a jogar *foot-ball* a torto e direito nas ruas, nas praças, em toda parte.

²⁵ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 24 de agosto de 1920.

²⁶ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 07 de outubro de 1907.

²⁷ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 21 de agosto de 1913.

²⁸ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 23 de agosto de 1906.

Por aí andam eles aos bandos moleques desocupados, meninos de escola, filhos de família, jogando como entendem, sem arte e sem regra, a qualquer hora do dia.

Daí vidros quebrados de combustores da iluminação, de casas particulares, vidraças de igrejas, platibandas quebradas, etc.

Ainda hoje soubemos que o *foot-ball* que se joga livremente no Largo da Vitória tem causado sérios prejuízos aos proprietários de casas ali.²⁹

Pela insatisfação dos jornais, fica evidente que o sentido do futebol conferido pelos populares e outros grupos deturpava a função primordial da prática pensada pelas elites. Como um *sport*, o jogo deveria ser realizado metodicamente. Seus objetivos deveriam ser o desenvolvimento saudável do corpo. Em 26 de novembro de 1915 mais uma vez o *Diário de Notícias* trazia uma queixa de uma malta de vadios que distorciam os sentidos do futebol justamente no momento em que a prática chagava na cidade para “civilizá-la.” Segundo o jornal:

se reúnem diariamente no campo do Barbalho para jogar um desenfreado *foot-ball*, com bolas de pano velho, batendo-se as tais bolas, quando *shootadas*, contra as vidraças e telhados das casas ali situadas, danificando-os.

O pior, porém, é a falta de respeito de tais garotos que desenrolam durante o dia, um vocabulário indecente, ofendendo com tais palavras o pudor público.

Chamamos a atenção do comandante da Guarda Civil para tais fatos que deprimem da nossa civilização.

É preciso não esquecer a gíria muito em voga: - *A Bahia civiliza-se...*³⁰

As críticas dos jornais não raramente partiam da premissa de ao ser praticado pelos vadios e até por meninos de escola e filhos de família do modo que foram descritas aqui, o sentido pedagógico e civilizatório do futebol dava lugar a um caráter lúdico, pernicioso e irracional:

Crianças, que regulam de 7 a 12 anos, abandonam os livros nos degraus da igreja de São Pedro dos Clérigos ou no passeio do jardim daquela praça e metem-se no brinquedo, do qual não raro têm provindo desajuizadas lutas corporais, palavradas e às vezes ferimentos!

E quanto aos desastres materiais, não têm conta: vidros quebrados, transeuntes atropelados pelos *sportmen* vadios e outros muitos inconvenientes que várias pessoas nos têm vindo denunciar, as quais, como nós, protestam indignadas contra essa ampla liberdade que se dá a desocupados e peraltas.³¹

Nesta nota há uma clara lamentação em perceber que o futebol popular estava tirando as crianças das escolas, um espaço pedagógico por excelência. Por sua vez, os desastres

²⁹ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 07 de novembro de 1907.

³⁰ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 26 de novembro de 1915.

³¹ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 20 de junho de 1906.

morais e materiais eram tudo o que o jogo pelas elites não pregava: uma atividade que, ao invés de elevar o espírito humano, estava rebaixando-o.



Figura 31: Largo da Vitória um dos locais preferidos pelo *foot-ball de garotos*.

Devido à intensa incorporação do futebol na cultura popular e uma dita reapropriação de sentidos, é possível ler nos diários a repulsa à difusão do esporte e principalmente a tentativa de diferenciar e hierarquizar o modo como as elites e os populares o praticavam. As críticas dos jornais eram, portanto, um esforço em apresentar ao leitor desavisado que a prática popular e descontrolada daquele esporte não deveria ser confundida pelo modo como as elites, verdadeiras conhecedoras do espírito nobre do futebol, o praticavam. Expressiva neste sentido foi uma queixa do *O Diário de Notícias*, de 19 de julho de 1906, referindo-se a “capadócios que, sem a mínima noção do que seja o belo e útil jogo do *foot-ball* vivem por aí a quebrar vidraças das casas e das igrejas”.³² O diário concluiu que “o gosto pelo *sport* que, em boa hora, se vai firmando entre nós é o primeiro a perder com a investida da garotada, cujo maior prazer é dar com o pé em um pau, em um objeto qualquer de encontro a uma vidraça, a um lampião.”³³

Logo nos primeiros anos, o processo de hierarquização e distinção entre o futebol das elites e o dos populares era fundamental, visto que nem toda a população conhecia a fundo o

³² Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 19 de julho de 1906.

³³ Idem.

esporte. Com os ditos vadios e vagabundos paulatinamente se apropriando do jogo, os praticantes do futebol “correto” corriam o risco das pessoas que não faziam parte daquele cotidiano ter uma impressão negativa do esporte. Neste sentido, os jornais constantemente buscavam comparar e distinguir o futebol “saudável”, praticado regularmente e dentro das normas pelos grandes clubes e o seu campeonato do jogo nocivo e desordeiro dos vadios, garotos e capadócios. Mais uma vez o *Diário de Notícias* argumentava que:

Enquanto os *clubs* regulares de *foot-ball* escolhem lugares próprios para seus exercícios, os capadócios, os moleques e os vadios de toda espécie abusam desse *sport*, jogando onde querem e como entendem, em qualquer praça ou rua da capital sem que, por isso, a polícia os chame à ordem ou ao menos procure evitar as desordens e os desastres morais e materiais que resultam de tão condenável prática.³⁴

Diante da impossibilidade de extinguir a prática do futebol nas ruas, os jornais buscaram comparar os dois modos de vivenciar o jogo. Na nota acima há uma tentativa de esclarecer para a população em geral que existiam na cidade modos de praticar aquele: um associado à civilização, ao bom comportamento, regulamentado, organizado por clubes e jogado em lugares próprios para a sua realização; outro caracterizado pelas desordens, confusão e desrespeito às pessoas e propriedades. Enfim os jornais queriam deixar claro que existia um “bom futebol” e um “mau futebol.”

O “mal” futebol, além de ser estigmatizado pela imprensa, também era apresentado como aquele que trazia consequências negativas para os que o praticavam, em uma vã tentativa de diminuir a ocorrência do jogo nas ruas. Com uma ligeira frequência, encontramos nos jornais relatos de pessoas que de alguma forma se machucaram devido ao futebol. Geralmente as lesões e ferimentos eram causados por uma *charge* o que significava que a pessoa ferida fora atingida por outro jogador pelo recurso da falta que poderia ser um carrinho, um empurrão, etc. Em 16 de julho de 1907, por exemplo, o cigareiro Luiz Coelho em uma dessas partidas, “recebeu de um seu companheiro uma forte *charge* que o prostrou por terra, tendo fraturado por completo os ossos do antebraço esquerdo.”³⁵ Já em outubro do mesmo ano, foi a vez do aprendiz de alfaiate, Jacinto Marinho de Souza, fraturar o antebraço direito quando devido ao *foot-ball*, recebeu “uma forte *charge*, que o prostrou por terra.”³⁶ Finalmente, um mês antes, em 18 de setembro, o *Diário de Notícias* informava que “anteontem, à tarde, o menor Antonio Luiz dos Santos, que é desocupado, divertia-se no largo

³⁴ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 20 de junho de 1906.

³⁵ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 17 de julho de 1907.

³⁶ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 17 de outubro 1907.

da Vitória, com uns seus companheiros, quando recebeu de um destes uma forte charge que o prostrou por terra, fraturando a coxa direita, no terço inferior.”³⁷ Nestas, como na maioria das outras notícias, o jornal informava que o acidentado era levado geralmente para o Hospital Santa Isabel para fazer os curativos.

É possível inferir que estas notas indiretamente serviam de alerta para os desavisados que jogavam e desejavam jogar futebol nas ruas sem nenhuma condição para tal. Enquanto os clubes jogavam com equipamentos de segurança, como chuteiras e caneleiras, e eram geralmente assistidos por ambulâncias, já o *foot-ball dos garotos* não raramente era descalço e sem nenhuma segurança.

De um modo geral, foi possível localizar notícias referentes ao *foot-ball de vagabundos*, *foot-ball de vadios*, entre tantas outras denominações, ao longo das duas primeiras décadas do século XX. Mais adiante veremos que gradativamente os mesmos sujeitos que jogavam nas ruas formaram os seus clubes ou ingressaram em agremiações mais modestas, de modo que em 1920 o futebol entre os populares já estava bem mais institucionalizado. Todavia, isto não quer dizer que aquela forma de jogar extinguiu-se. Ainda em 1920 encontramos uma nota bem sintomática que praticamente resumia todas as queixas de pessoas insatisfeitas como o jogo nas ruas. Tratava-se de um grupo de moradores das imediações do Campo da Pólvora irritados como a prática do futebol naquela área que há algum tempo tinha deixado ser um espaço autorizado para o esporte:

Nesta redação esteve uma comissão, representante dos moradores e proprietários, desta praça que pede a nossa intervenção junto ao Sr. Intendente no sentido desta autoridade não consentir que tenha lugar ali o pernicioso jogo de pebola.

Dentre as ponderações, aliás, justas, que nos fazem aqueles cavalheiros ressaltam as seguintes:

- 1- As densas nuvens de poeira que, precedentes do jogo, invadem as suas casas, os bondes e banham os transeuntes.
 - 2- O esfacelamento dos canteiros da mesma por ocasião do jogo.
 - 3- O ataque dos transeuntes por parte das bolas, produzindo-lhes contusões o que não é raro.
 - 4- O esfacelamento das vidraças das propriedades que defrontam com a praça e dos vidros dos lampiões.
 - 5- As ofensas ao pudor das famílias que residem no local, por parte de muitos dos inescrupulosos e maltrapilhos jogadores.
 - 6- A má impressão que produziria uma arquibancada que pretendem construir na praça.
 - 7- Que existe no Conselho uma resolução em contrário:
- E nós achando justo este pedido, etc., etc.³⁸

³⁷ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 18 de setembro 1907.

³⁸ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 20 de dezembro de 1920.

Se levarmos em conta que o futebol em Salvador chegou por volta de 1901 e em 1906 já era possível encontrar uma quantidade significativa de críticas do futebol pelos populares, podemos afirmar com alguma segurança que na cidade o desenvolvimento do jogo entre as elites e populares ocorreu de maneira paralela. Daí que não é possível defender uma perspectiva da interpretação histórica do esporte na cidade tão rígida que embarque na ideia do etapismo. Ou seja, primeiro o futebol é praticado pelas elites para depois irradiar-se para as camadas populares. Isso porque a cidade de Salvador tinha uma configuração desfavorável à privatização e controle do futebol pelas elites.

A rápida incorporação pelos grupos populares de uma atividade entendida como civilizada pelos grupos populares demonstra como eles buscaram se relacionar de modo original e dialógico frente às tentativas de modernização socioespacial da cidade empreendidas pelas elites. Ao contrário do que pensavam os projetistas e higienistas, a capoeira, o candomblé, jogo do bicho, serestas e sambas, entre outras práticas, algumas africanizadas, não foram varridas com a chegada das intervenções e remodelações do espaço físico e das relações sociais.³⁹ Tampouco as camadas populares não estabeleceram uma relação de antagonismo para com as manifestações ditas modernas que chegavam para substituir determinadas tradições instituídas. As manifestações consideradas populares estabeleceram uma relação conflituosa e dialógica já nos finais do século XIX.⁴⁰

O período colonial/monárquico possibilitou o surgimento de grupos sociais subalternizados que contribuíram para a formação de uma cultura relativamente autônoma. Estes sujeitos, historicamente constituídos por negros (as), brancos (as), escravos, libertos, trabalhadores livres, pequenos comerciantes, entre outros, chegaram às primeiras décadas republicanas como representantes de práticas populares criativas.⁴¹ Contudo, a forma como se dava a relação de conflito não era marcada por uma dicotomia que antagonizava binariamente os ideais “civilizados” e as tradições “populares”. Pelo contrário, aquela encontra sentido quando entendemos que os populares, na manutenção de suas tradições e formas de

³⁹ Em alguns momentos a própria historiografia acreditou no poder da cultura higienista em transformar e moldar as práticas populares. É possível encontrar alguns exemplos em: COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro, Graal, 1983 e UZEDA, Jorge Almeida. *A morte vigiada: a cidade do Salvador e a prática da medicina urbana, 1890-1930*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), FFCH, UFBA, 1992.

⁴⁰ Entre as obras que retratam as resistências populares frente às tentativas de modernização no século XIX, destacamos: REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo, Cia das Letras, 1991; FRAGA FILHO, Walter. *Mendigos, moleques e vadios na Bahia do Século XIX*. São Paulo: HUCITEC; Salvador: EDUFBA, 1996.

⁴¹ Sobre a cultura popular neste período sugerimos tais leituras: CHALHOUB, Sidney. *op.cit*; VELLOSO, Mônica Pimenta. *Tradições populares na belle époque carioca*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1989; VELLOSO, Mônica Pimenta. *A cultura das ruas no Rio de Janeiro, (1900 – 1930): mediações, linguagens e espaços*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2004.

sociabilidades, constantemente reinventavam suas práticas, adequando, adaptando, e negociando-as com as formas sempre atualizadas de repressão, controle e dominação. Parece-nos equivocado pensar as culturas populares enquanto puras, imutáveis ou enraizadas em tradições cristalizadas. Neste sentido, é inevitável pensá-las permanentemente envolvidas em traduções, hibridismos e circularidades.⁴² Seguindo a conceituação de Stuart Hall, entendemos que, para além de uma concepção no qual poderíamos verificar e/ou inventariar práticas que, de acordo com o seu conteúdo, poderiam ser consideradas como populares é mais útil e empiricamente constatável pensar as culturas populares enquanto um terreno de luta.⁴³ O valor da concepção de Hall “reside em ser um terreno de luta pelo poder, de consentimento e resistências populares, abarcando assim, elementos da cultura de massa, da cultura tradicional e até das culturas hegemônicas.”⁴⁴ Enfim, é deste modo que podemos entender o futebol no terreno das culturas populares.

Embora, como vimos nos capítulos anteriores, a relação do futebol com as elites em Salvador esteja associada pela imprensa aos projetos modernos e civilizatórios, a sua rápida incorporação pelos moleques de rua, vadios, peraltas e pessoas modestas indica como estes buscaram se apropriar de práticas modernas, resignificando-as através da atribuição de novos sentidos.⁴⁵ O futebol nas ruas foi uma das formas dos populares manterem-nas como um espaço do lúdico e da algazarra, assim como ocorria com a capoeira, os sambas e batuques.

É preciso salientar que as culturas populares soteropolitanas eram formadas de diversos elementos, que de algum modo acabaram influenciando na constituição de novos sentidos para o jogo de bola.⁴⁶ Muitas vezes as críticas atribuídas ao futebol de rua eram acompanhadas de queixas de outras manifestações populares, o que sugere uma confluência de práticas em um mesmo local. Em 18 de setembro de 1912, por exemplo, o *Diário de Notícias* lembrava que:

⁴² Para uma maior compreensão dos fenômenos culturais híbridos ver: CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. Sobre as circularidades culturais ver: BAKHTIN, Mikhail. *Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: O contexto de François Rabelais*. 3ª ed. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1993.

⁴³ Mais informações sobre o conceito de cultura popular argumentado pelo autor em: HALL, Stuart. Notas sobre a desconstrução do “popular”. In: *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003, p. 247 – 264.

⁴⁴ HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003, p. 349 (grifo nosso).

⁴⁵ O cinema em Salvador é um exemplo de uma prática a princípio moderna que foi apropriada por grupos populares. Sobre: FONSECA, Raimundo Nonato da Silva. *op. cit.*

⁴⁶ Para um panorama geral da cultura popular nas ruas em Salvador ver: FERREIRA FILHO, Alberto Heráclito *op.cit.*

Na Rua Ferreira França ao Politeama, 1º distrito da Vitória, há uma caterva de menores vadios entregue aos prejudiciais divertimentos da jogatina do búzio e das bolas, está causando sérios prejuízos aos moradores locais, avariando as vidraças das janelas, conforme temos repetidas reclamações.⁴⁷

Outro exemplo bastante típico de associação do futebol com outros elementos populares era o ato de empinar arraias. Mais comumente emprendia por crianças e jovens, esta atividade era alvo de muitos editoriais queixando-se da falta de regulamentação para empinar arraias, pipas e papagaios. Não raramente as mesmas críticas ao brinquedo dos jovens eram estendidas ao futebol. Para alguns setores da imprensa, “as oficinas e as escolas estão desertas; mas, as praças e ruas vivem cheias de crianças consumindo o tempo no jogo de *foot-ball*, no empinamento de arraias e papagaios de papel, com grave dano e até risco da rede dos fios elétricos e dos telhados das propriedades.”⁴⁸

No editorial “Distrações Nocivas - Regulamentação necessária” de 01 de junho de 1915, o *Diário de Notícias* reclamava da total liberdade das crianças para empinar arraias prejudicando as propriedades e redes elétricas da cidade. O jornal ainda aproveitou, como sempre, para estender as suas queixas ao futebol de rua que, muitas vezes praticado pelas mesmas crianças, igualmente irritava os transeuntes e proprietários:

É uma diversão prejudicial, inquestionavelmente, a que se entregam crianças e mesmo moços desocupados dentro do perímetro da cidade e nas ruas mais centrais, o empinamento de *arrais e papagaios*.

Muitos são os inconvenientes decorrentes deste divertimento contra o qual quase todos os anos se reclamam providências, de maneira a fazerem cessar os abusos cometidos a dirimirem os males que dele resultam.

Essa distração da infância deve, com todas as outras, estar adstrita a regras e preceitos, cujo esquecimento ou falta de observância dá margem a consequências desagradáveis e até funestas.

Tudo deve ter tempo e lugar apropriado.

Em parte alguma, nas grandes cidades, vê-se, sem uma fiscalização e regulamentação especial, o exercício de jogos *sportivos* e outros, o que aqui se observa nas ruas, nos becos, em todos os pontos, mesmo os mais centrais e concorridos da cidade.

O Poder Público olha indiferente para isso, com se fora coisa que não devesse preocupar a sua preciosa atenção nem merecer da sua parte o cuidado de intervir para regularizar principalmente no que se refere à determinação dos lugares em que esses jogos e essas distrações devam se realizar.

De referência ao jogo *foot-ball* muitas reclamações temos publicado e repetidas queixas têm sido levadas à imprensa, de conflitos e incidentes desagradáveis que promanam do abuso de se o consentir em toda parte.

Desde a infância, se educa o homem no respeito aos direitos alheios, e nos deveres da sociedade a que irão servir amanhã, como seus membros constitutivos.

⁴⁷ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 18 de setembro de 1912.

⁴⁸ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 09 de agosto de 1915.

A liberdade conferida pela lei, nas sociedades bem organizadas, não é a ação desordenada de todos os atos e paixões do homem, em satisfação dos gostos próprios, mas dos que resultem ou passam advir prejuízos e danos a direitos alheios.

A missão de regular e fazer observar esse salutar preceito do dever que todos temos, crianças, moços ou velhos, do respeito ao bem geral, cabe aos representantes do poder Público.

Por isso é que, de referencia a esses jogos e distrações de crianças e rapazes, com o jogo de *foot-ball*, empinamento de arraias e outros, chamamos a atenção da polícia e do governo municipal.

Um duplo proveito colherá a sociedade, se acertadas providências forem tomadas; evitar-se-ao muitos desgostos, e sobre isso obter-se-a, de algum modo, repressão à vadiagem das crianças, que enchem as ruas, entregues e atraídas por essas distrações.

A liberdade não é licenciosa.⁴⁹

Além das arraias e dos jogos de búzios, ainda existiam os capoeiras que também constantemente se reuniam nos mesmos largos e praças para a vivência daquela atividade, resultando, segundo os jornais, quase sempre em brigas, confusões e perseguições policiais.⁵⁰ O mesmo pode ser dito das seresta e do candomblé⁵¹ e até dos fogos de artifício no São João.⁵² Facilmente encontramos inúmeras notícias repreendendo estas atitudes. Todas coexistiam antes mesmo do advento do futebol, sendo muitas vezes compartilhadas entre os sujeitos.⁵³ Seguramente contribuíram para oferecer novos valores para a prática futebolística. Podemos pensar, portanto, no jogo de bola não apenas como uma prática moderna/civilizatória, mas também como um esporte que contribuiu para as sociabilidades populares, bem como recebeu contribuições destas.

Além de serem compartilhadas e experimentadas paralelamente, o futebol, a capoeira, os sambas, as arraias e tantas outras manifestações populares geralmente ocorriam em um mesmo local, por vezes simultaneamente. A partir das notas do *foot-ball de vagabundos* foi possível identificar quais os lugares mais utilizados para a prática. Destacavam-se os Largos da Soledade na Lapinha, Largo de São Bento, Largo do Terreiro, Largo do Teatro na Praça Castro Alves, Largo da Vitória, Egenho da Conceição. Além disso, existiam as praças como a 15 de novembro, além das fachadas do convento de São Francisco

⁴⁹ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 15 de junho de 1915.

⁵⁰ Sobre os capoeiras em Salvador ver: OLIVEIRA, Josivaldo Pires de. *No tempo dos valentes: os capoeiras na cidade da Bahia*. Salvador: Quarteto, 2005.

⁵¹ BRAGA, Júlio Santana. *Na gamela do feitiço: repressão e resistência nos candomblés da Bahia*. Salvador, EDUFBA, 1996.

⁵² Rinaldo Leite cita estas e inúmeras outras manifestações populares, entendidas pelas elites da época enquanto incivilizadas. Ver: LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento. *E a Bahia civiliza-se...*, p. 110 – 141.

⁵³ Para uma análise sobre o lazer e manifestações populares no século XIX e que possivelmente conviveriam com o futebol no início do século XX, sugiro: SANTANA, Lígia Conceição. *Itinerários negros, negros itinerantes: trabalho, lazer e sociabilidade em Salvador, 1870 – 1887*. Dissertação (Mestrado em História) FFCH, Universidade Federal da Bahia, 2008. Para o século XX: JESUS, Gilson Souza de. *Ao som dos*

e das igrejas de São Pedro dos Clérigos e do Desterro. Estes lugares, para o futebol, pareciam privilegiados pelo amplo espaço aberto. Antes mesmo do jogo de bola chegar e durante a sua presença, é possível encontrar referências de rodas de capoeiras, serestas, arraias e batucadas nestes mesmos logradouros, sugerindo que estes espaços se constituíam enquanto lugares de sociabilidades para a reunião de adultos, mulheres e homens, além das crianças.⁵⁴ Em suma, entendemos que estes lugares onde, latas, bolas de meia e bexigas de bois rolavam como bolas de futebol, historicamente eram constituídos por subalternizados que ao experimentarem uma cultura lúdica em comum contribuíram para transformarem as praças, becos, ruas e largos da cidade em lugares de sociabilidade popular, onde práticas lúdicas eram constantemente ressignificadas.

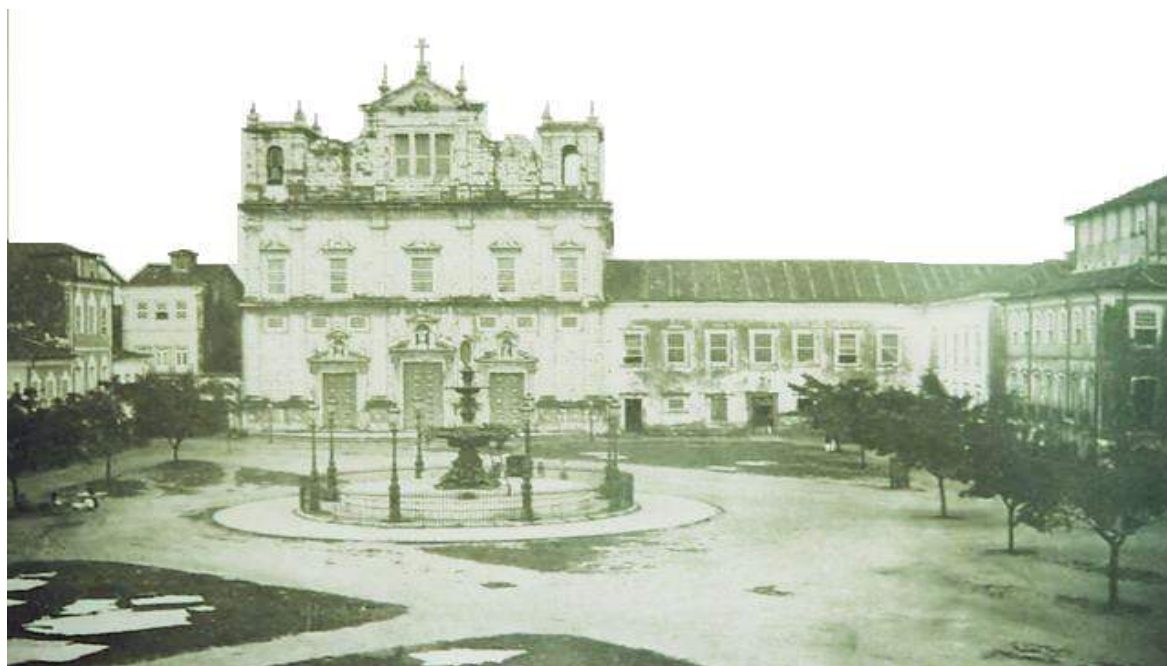


Figura 32: Largo do Terreiro de Jesus: Outro lugar preferido dos moleques e vadios para o *foot-ball* de garotos.

Jogos anulados, bondes quebrados: limites e peculiaridades da civilidade no futebol soteropolitano

Para além de pensarmos a difusão do futebol nas e pelas ruas também devemos voltar nossa atenção para um processo de ampliação dos sentidos do esporte entre as próprias elites. Neste capítulo existe um esforço de compreender o movimento de popularização da

Atabaques: Costumes negros e as leis republicanas em Salvador (1890-1939). Dissertação (Mestrado em História Regional e Local) Uneb, Santo Antonio de Jesus, 2010.

⁵⁴ Sobre a infância e mulheres populares ver respectivamente: RODRIGUES, Andréa da Rocha. *A infância esquecida: Salvador 1900 – 1940*. Salvador: EDUFBA, 2003 e FERREIRA FILHO, Alberto Heráclito. *op.cit.*

prática em duas vertentes: aquela que liga o jogo às camadas populares e outra que entende uma propagação do futebol entre as elites e outros grupos próximos, gerando novas sensibilidades e representações. A popularização do jogo de bola do ponto de vista das elites vem acompanhada de outras representações sobre o esporte. Estas não estiveram apenas ligadas ao futebol enquanto algo civilizado. Dito de outro modo outras, sensibilidades engendraram novas atitudes entre expectadores e jogadores abastados. Já vimos, por exemplo, que possivelmente muitas crianças de escola e de família deixavam os livros nos degraus da escola e se entregavam ao “pernicioso” *foot-ball de garotos*, pouco importando a falta de educação daquela conduta definida por alguns periódicos.

Finalmente, a própria civilidade pensada pelas elites através do futebol geralmente se encontrava no plano ideal, pois muitas vezes Salvador não oferecia boas condições estruturais para a experimentação do jogo. Se já não bastasse em alguns momentos a falta de campos apropriados para as pelepas, o simples desejo de jogar ou assistir um jogo em campos longínquos não raramente ficava só na vontade, pelo fato da cidade não oferecer transportes em qualidade e quantidade suficiente para a população. Vejamos algumas situações.

Na primeira edição do campeonato, por exemplo, um torcedor, insatisfeito com as decisões do juiz na partida entre Esporte Clube Vitória e Bahiano, escreveu uma carta a um jornal da cidade. Transcrita pelo memorialista Aroldo Maia, o documento continha tais dizeres:

Sr. Redator:

Valho-me de vossa generosidade para reclamar uma falta muitas vezes repetida na última partida. O Sr. Mac Nair, juiz, ao passo que deu mais de um *hands* contra o Vitória, deu apenas dois ou três contra o Bahiano. No entanto, o que assistiram a partida viram muito número de vezes distintos jogadores do Bahiano derem *fouls* com prejuízo do Vitória.

Certo de que o vosso independente órgão não se excusará (sic) a publicação destas linhas, sou de V. Exa. admirador muito obrigado.

Um leitor.⁵⁵

A inquietação do leitor pelo fato do juiz não marcar faltas (*fouls*) em favor do Vitória, além de ter marcado apenas dois ou três toques de mão (*hands*) pelos jogadores do Bahiano, aponta para o surgimento de novas representações em torno do futebol, ligadas ao surgimento da ideia de competitividade. A insatisfação do leitor em ter seu time lesado nos parece ser um indício revelador de que as preocupações dos expectadores, jogadores e cronistas estariam voltadas não só para o cavalheirismo como ideal pedagógico, mas também para o caráter competitivo.

⁵⁵ MAIA, Aroldo. *Originais do Almanaque esportivo da Bahia*, [s.d], [s.p.].

Talvez, um fato que tenha contribuído para uma gradativa intensificação da noção de competitividade foi o surgimento do campeonato da LBST. Antes dos certames, as partidas de futebol, sob a forma de amistosos, situavam-se mais na esfera da celebração. Os jogos muitas vezes faziam parte de uma programação maior que envolvia piqueniques e outros encontros sociais. Com a existência de uma competição, o interesse em vencê-la, de certa forma, atinou as rivalidades, com jogos mais disputados e acirrados, sem excluir, entretanto, o caráter cavalheiresco e festivo do esporte. As competições faziam surgir um maior interesse nas vitórias, crescendo a discussão sobre as questões polêmicas dos jogos. Gradativamente, os jornais passaram a comentar as atuações dos árbitros, questionando e criticando suas decisões, quando os próprios espectadores não o faziam, como na carta anteriormente citada.

Na segunda temporada do campeonato soteropolitano, em 1906, ocorreu um fato que possivelmente foi um dos primeiros debates acalorados até então. Tratou-se da décima segunda partida daquele certame entre os clubes de maior torcida de então, Vitória e São Salvador. Segundo o *Diário de Notícias*, a concorrência foi numerosa, podendo-se “calcular em 6 mil pessoas, dentre as quais destacavam-se, ostentando elegantes vestes das cores simbólicas dos clubes contendores, as gentis senhoritas do escol de nossa sociedade.”⁵⁶ Apesar da quantidade e da qualidade da assistência, os clubes frustraram os espectadores com uma exibição sem gols. Houve até investidas de ambos os lados, porém o que acabou se tornando na grande questão do jogo foi um gol favorável ao Vitória anulado pelo juiz Gordon May. Para algumas rodas esportivas, a bola já tinha ultrapassado a linha do gol, quando o Zeca, goleiro do São Salvador, a defendeu.

A princípio, este lance passou despercebido pela imprensa, que preferiu noticiar mais detalhadamente os vestidos e o belo aspecto da torcida, bem como dar os parabéns “aos distintos moços que, divertindo-se, trabalham pela regeneração física da nossa raça”. No entanto, o gol anulado gerou algumas discussões no seio da LBST durante as suas reuniões. Quatro dias após o jogo, em uma das salas da Sociedade Euterpe, a Liga Bahiana de Sports Terrestre se reunia para cumprir o seu expediente e principalmente discutir um ofício do Vitória “protestando contra a decisão do juiz do *match* de domingo.” De acordo com o *Diário de Notícias*, “não obstante os estatutos da Liga Bahiana não permitem protestos contra as decisões do juiz da partida, o Sr. Dr. presidente, por deferência ao Vitória, tomou

⁵⁶ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 23 de julho de 1906.

conhecimento do mesmo ofício e o declarou em discussão.”⁵⁷ Continuando a nota, o jornal informou que:

Sobre o assunto, falaram diversos representantes dos clubes coligados, cada qual com a sua opinião e por último, o Sr. Leonel Oliveira, representante do Bahiano, que dirigiu à mesa uma proposta para que fosse encerrada a discussão e arquivado o protesto.

Tal pediu por ter sido a escolha do juiz feita de acordo com os clubes contendores e mais ainda por que o Sr. Frank Gordon May foi escolhido com insistência do Vitória e aceito pelo São Salvador.

Interpelado por um dos interessados no protesto, o Sr. F. G. May, declarou verbalmente que não tinha sido gol.⁵⁸

Após essas discussões, foi realizada uma votação que saiu vencedora a proposta de arquivar o protesto do Vitória. Encerrada o debate nos círculos oficiais, a polêmica do gol anulado continuou, todavia, nas rodas esportivas da cidade. Um dia depois da reunião da LBST, o *Gazeta do Povo*, nas palavras de John, um colunista esportivo, apresentava alguns comentários sobre a questão:

O que se sabe é que, há seis dias, não se falava em outra coisa.

Velhos macambúzios e matronas austeras, até eles, porque toda a gente, hoje, fala em *sports*, comentavam a decisão do juiz.

- O Vitória fez um gol, eu vi, estava junto, vi mesmo quando o Zeca defendeu a bola que já havia passado a trave.

Não era certamente um adepto do Club São Salvador que assim dizia.

Mas, nesse *impeachment sportivo*, há um fato que ressalta ao juízo dos imparciais, como um documento, que devia valer para a decisão da Liga, ontem.

Sócios do São Salvador afirmaram também ter visto o gol do Vitória, que o juiz, pela distância, não pôde ver.

A decisão da Liga, ontem, não matou a questão. Essa rapaziada educada e alegre dos dois distintos *clubs* conformou-se. Os adeptos não.

O que a Liga devia fazer era nomear uma comissão para estudar a questão, ouvindo os interessados. Os seus estatutos não proíbem. Dizer que o juiz tem autonomia para julgar, não implica na exclusão de um julgamento do seu juízo.

O argumento na sessão de ontem não era lógico.

A Liga precipitou-se. O que se poderia temer era que a sua decisão promovesse um desligamento. Histórias! Todo esse conflito foi até o momento da decisão.

Os adeptos não se conformaram, em verdade. Mas os julgados, porque amam o *sport* e se orgulham de terem sido os seus próceres, na cidade, acharam que estava tudo em ordem.⁵⁹

Os comentários do colunista nos permitem fazer algumas considerações sobre como rapidamente novos sentidos eram incorporadas ao futebol entre as elites. Apesar da questão ter sido resolvida, houve um descontentamento de uma parcela da assistência, o que sugere que nem sempre os espectadores populares ou mesmo das elites compartilhavam de ideais

⁵⁷ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 26 de julho de 1906.

⁵⁸ *Idem*.

⁵⁹ Jornal *Gazeta do Povo*, Salvador, 27 de julho de 1906.

cavaliereiros pensados para o futebol. O respeito aos contendores e principalmente ao juiz, que, de acordo com os códigos do futebol, tinha soberania nas suas decisões, era uma das marcas do amadorismo, demonstrada no conformismo da rapaziada “alegre e educada” do Vitória e do São Salvador. O contentamento em relação às decisões do juiz era uma demonstração de respeito aos códigos e expressavam, para John, o amor que os jogadores tinham ao esporte e aos seus princípios.

A querela do gol anulado evidenciou uma pequena tensão de sentidos. De um lado os jogadores, os chamados próceres do futebol, que respeitando as decisões do juiz revelavam o seu espírito esportivo; e do outro a torcida, socialmente variada, que não necessariamente seguia estes ideais e vez ou outra ia à imprensa protestar contra gols anulados e arbitragens parciais. Portanto, esta situação demonstra como paulatinamente novos sentidos engendraram novas práticas e representações no futebol.

Após este fato, nos campeonatos subsequentes a 1907, os jornais já não se preocupavam somente em comentar a beleza da torcida, as senhorinhas e seus vestidos, mas, sobretudo, os lances ambíguos e as pequenas crises entre os clubes da liga, resultantes de arbitragens consideradas “parciais” e “desastrosas” que produziam resultados injustos e desleais. Enquanto a rapaziada “alegre e educada” se conformasse respeitando os códigos civilizados do futebol, não haveria tantos problemas. No entanto, as coisas não se deram deste modo.

Ainda sobre a questão do gol na partida Vitória/São Salvador, de acordo com John, o colunista do *Gazeta do Povo*, “um grupo de sócios do Sport Club Vitória não se submeteu à decisão da Liga. Alguns associados resolveram convocar uma sessão de assembleia geral extraordinária para propor a exclusão do Vitória da Liga. Os mais exaltados têm assinado o pedido.”⁶⁰ Diante da possibilidade de exclusão do rubro-negro, em tom profético, John argumentou que:

A exclusão do Vitória da Liga é a morte do *sport* terrestre.
São 5 mil pessoas que atópetam o *field* dos Martyres que são o encanto das tardes de *foot-ball*.
Desde que um dos popularísimos não tenha lugar entre os que disputam a taça, quanto diminuirão os atrativos do *match*?
Toda a gente que vai ao campo admira a multidão feminina que lhe empresta uma nota distinta, civilizadora. Cada uma das nossas patricias tem o seu *club* predileto.
Sei de um *gentleman* que conta os distintivos que enfeitam as adeptas gentis.

⁶⁰ Jornal *Gazeta do Povo*, Salvador, 28 de julho de 1906.

No domingo entre aquele mundo delicado de *sport-women*, o estatístico contou duzentas flâmulas verde e branca e duzentas e uma vermelha e preta. Pois, se os protestantes triunfasssem, duzentas e uma das nossas patrícias não iriam mais ao campo e *sport*. Rapazes não sejais crucis (sic). As adoradoras como vós do Vitória censuraram a vossa conduta. Não sejais desobedientes, quando quereis ser também egoístas.⁶¹

O colunista lembrou que, para o bem do futebol soteropolitano, os representantes do Vitória junto à Liga recuaram as assinaturas dos sócios exaltados. No entanto, o fato revela como os próprios “próceres” do futebol em alguns momentos pareciam esquecer os princípios do esporte, precisando de um apelo de um colunista para que se lembrassem.

Apesar de fracassada, a atitude dos sócios exaltados do Vitória revela que as reclamações começavam a partir não apenas da torcida, mas dos jogadores, dirigentes e clubes. E mais, não se resumiam apenas em protestos, mas também em tentativas de anular jogos, abandonar a Liga, entre outras ações que constantemente desrespeitavam os estatutos da entidade. A maioria das reclamações, protestos e tentativas de anulação de partidas ocorriam por arbitragens consideradas equivocadas. Em 1906, no dia 13 de agosto, com uma assistência em torno de 3 mil pessoas, jogaram São Salvador e Bahiano. De praxe, o jogo contou com “um grande número de gentis senhoritas e distintas senhoras, que tanto agradável tornaram com as suas presenças esta partida.” A vitória coube ao São Salvador que converteu um pênalti nos últimos minutos da partida. A questão é que no momento da penalidade o tempo regulamentar do jogo tinha, a mais de quatro minutos, expirado e naquele período não existiam acréscimos. Restou ao Bahiano o protesto junto a Liga. De acordo com o *Diário de Notícias*:

O Sport Club Bahiano, informam-nos pessoas habilitadas, protestará a Liga e de acordo com os estatutos da mesma, o excesso de tempo no 2º *half-time*, em virtude de ter sido esse excesso observado por alguns membros da Liga que assistiram o *match*.

Este excesso, ouvimos ainda, é de 5 minutos, tempo em que o juiz marcou o *penlaty-kick* do qual resultou 1 *goal* para o São Salvador.⁶²

Não sabemos no que deu o protesto; pela falta de informações, provavelmente foi arquivado.

Outras reclamações se seguiram a esta nos outros certames. Em 3 de junho de 1907, o *Diário de Notícias* avisava que o Santos Dumont, por motivo desconhecido, “vai protestar perante a Liga, contra dois *goals* marcados contra ele e consta que, caso não seja atendido, se

⁶¹ Idem.

⁶² Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 13 de agosto 1906.

retirá da Liga.”⁶³ Com isso, o jornal recomendava “aos Srs. *sportmen* a maior prudência para que se termine o campeonato sem o menor incidente a lamentarmos.”⁶⁴ No dia anterior, os segundos times de Santos Dumont e São Salvador haviam jogado, cabendo a vitória ao último por 4 gols a 2. Na temporada seguinte, novamente os dois clubes estavam envolvidos em uma pequena querela. Mais uma vez o Santos Dumont ia protestar junto a Liga pelo fato do São Salvador ter escalado um jogador não sócio. Segundo os jornais, foi “apresentado uma proposta a fim de ser anulada essa partida em virtude de nela ter tomado parte um jogador que não pertence ao *club* São Salvador, conforme alegaram os representantes do *club* Santos Dumont.”⁶⁵ Só pra constar, o São Salvador venceu a partida, é claro.

Estas e outras situações são exemplos de como na prática a civilidade do futebol, defendida e propagandeada, sobretudo pelos jornais, no que diz respeito ao cumprimento dos códigos e regras, muitas vezes era esquecida ou posta de lado diante de uma competitividade expressa no desejo dos clubes verem os seus times vencedores. Um dos elementos que caracterizavam o esporte enquanto tal e como uma prática elegante era a existência de princípios e regras que deveriam ser metódica e racionalmente seguidas pelos esportistas. Neste sentido, seguir os códigos era um demonstrativo de distinção e conduta. Afinal, uma das coisas que diferenciava e distinguia o futebol das elites de outras atividades corporais, ou mesmo do jogo de bola nas ruas, era a existência de códigos que ditavam o comportamento dos jogadores. Protestos, pedidos de anulação de gols e jogos iam de encontro a uma das leis primordiais do futebol que era a soberania das decisões dos juizes. Questionar as ações destes feria os estatutos e, por consequência, o espírito esportivo. Para imprensa, era normal e se tornava comum alguns torcedores protestarem contra decisões dos juizes, esse comportamento não deveria se estender aos jogadores e dirigentes.

Além das transformações quanto ao sentido do jogo, o futebol praticado pelas elites tinha que conviver com o problema da falta de uma estrutura esportiva em Salvador. No Campo da Pólvora, a bola literalmente já corria com alguma dificuldade devido à falta de um gramado naquela praça. Além disso, os torcedores tinham que assistir às partidas em pé ou através do empréstimo de cadeiras. A falta de uma infraestrutura básica para o futebol agravou-se quando o local dos jogos foi transferido para o *Ground* do Rio Vermelho. A princípio, a transferência se deu pelo incidente ocorrido com Internacional, descrito no início deste capítulo.

⁶³ Idem.

⁶⁴ Idem.

⁶⁵ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 07 de agosto 1908.

A Liga observou que a expectativa de populares nos jogos estava causando contratempos e então seria necessário deslocar os jogos para um espaço onde a cobrança de ingressos controlaria melhor a assistência. Ademais existia um projeto na Intendência que visava ajardinar o Campo da Pólvora, um desejo antigo dos moradores daquela região. A Liga optou pelo *Ground* do Rio Vermelho, por ser um espaço com uma possibilidade de controle do público e pelo gramado. Aquele lugar, no final do século XIX, tinha sido palco de corridas de cavalo, bastaria algumas adaptações para a prática do futebol.



Figura 33: Ingresso da partida entre Vitória e Santos Dumont pelo certame de 1907.

Os jogos no Rio Vermelho se iniciaram na temporada de 1907. Porém, o espaço que foi pensado enquanto um controle do público e melhoria da qualidade dos jogos pela existência de um gramado acabou afastando os espectadores e até mesmo alguns jogadores pelo fato do bairro ser muito longe do centro da cidade e da grande dificuldade de deslocamento para aquela região. Encontramos muitas notícias de jornais que apontavam como a mudança dos jogos para o Rio Vermelho prejudicou o desenvolvimento do futebol em Salvador entre as elites. Logo na segunda partida de 1907, em três de junho, o *Diário de Notícias* lembrava que houve “uma grande concorrência de cavalheiros e senhoritas, muitas das quais foram obrigadas a assistir de pé a toda a partida, por estar preenchido o pequeno número de cadeiras.”⁶⁶ A imprensa também reclamava dos lugares, inclusive fazendo um pedido à Liga para que sejam colocadas “em outro ponto melhor as cadeiras que são

⁶⁶ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 03 de junho de 1907.

reservadas aos representantes da imprensa, uma vez que, no lugar em que se acham elas colocadas não se podem apreciar perfeitamente as partidas.”⁶⁷

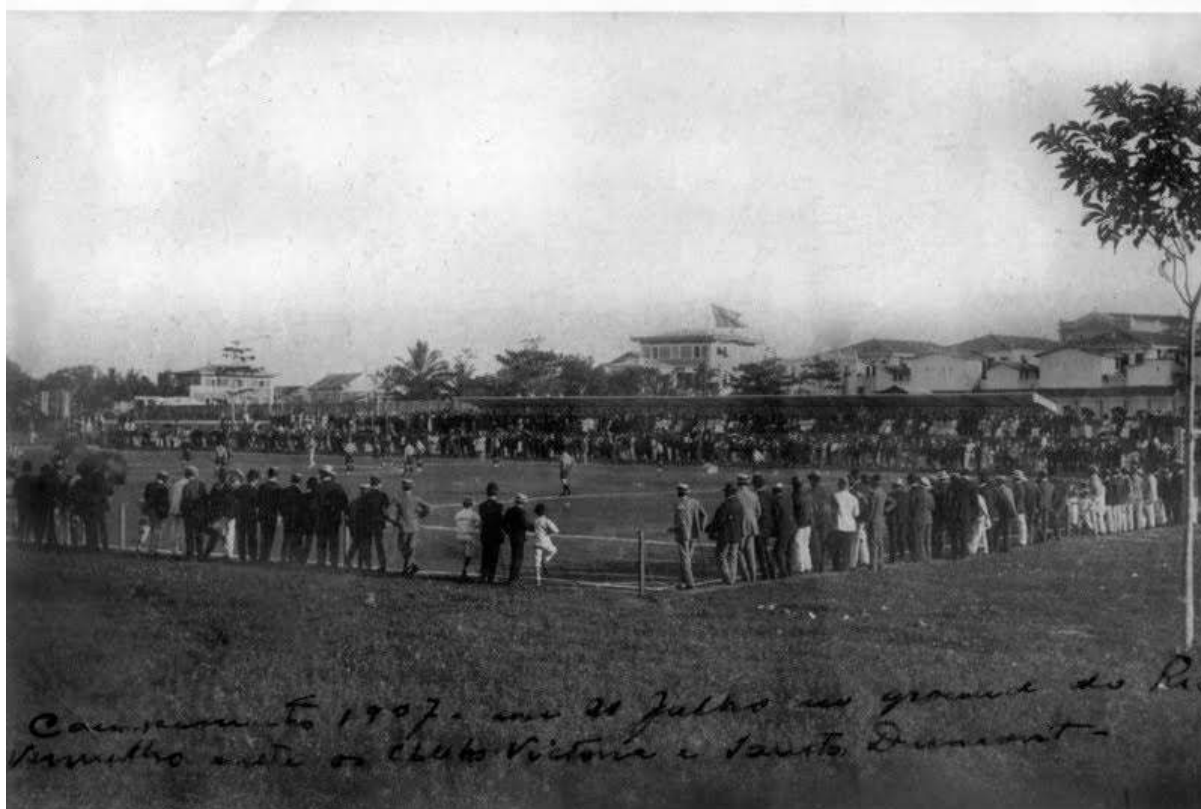


Figura 34: Aspecto de uma partida entre Vitória e Santos Dumont em 1907 no *Ground do Rio Vermelho* sem muita estrutura.

Fora o problema dos lugares e arquibancadas, a principal dificuldade, tanto para torcedores e jogadores era chegar ao Rio Vermelho. Em Salvador, a Linha Circular e a Trilhos Centrais eram as empresas de bondes que prestavam serviços para a Liga, aumentando, inclusive, o número de carros para o arrabalde em dia de jogos.⁶⁸ No entanto, essas atitudes não eram suficientes. Muitos veículos atrasavam ou descarrilavam, causando transtornos aos passageiros que pretendiam assistir aos embates ou mesmo jogá-los. Muitas reclamações surgiram sobre o serviço dos bondes. Após a partida dos segundos times do Vitória e São Salvador, em 10 de junho de 1907, o *Diário de Notícias* lembrava que “o serviço de bondes elétricos da Linha Circular foi mal, não só por falta de veículos como por falta de energia em

⁶⁷ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 14 de setembro de 1907.

⁶⁸ Para uma análise sobre os transportes urbanos neste período conferir: SAES, Alexandre Macchione. Modernização e concentração do transporte urbano em Salvador (1849 – 1930). In: *Revista Brasileira de História*, Vol. 27 Nº 54, 2007. Sobre a História da Linha Circular e a Trilhos Centrais ver: SAMPAIO, Consuelo Novais. *50 anos de Urbanização: Salvador da Bahia no Século XIX*. Rio de Janeiro: Versal, 2005.

algumas partidas, tendo havido descarrilamento, etc.”⁶⁹ No mesmo ano, em outra pugna, o *Gazeta do Povo* reclamava que:

O serviço de bondes na Linha Circular foi simplesmente péssimo. Após a partida, apenas três bondes! Dezenas de famílias voltaram a pé para a cidade, não só por falta de lugar, mas também pela demora da segunda partida que só chegou uma hora e meia após a terminação da brilhante festa esportiva.⁷⁰

O mesmo jornal, na temporada seguinte, ratificava as críticas, alegando que “o serviço de bondes para o Rio Vermelho da Linha Circular foi péssimo, tendo muitas pessoas feito a viagem de mais de uma hora e meia ao Campo Grande. Além disso, houve descarrilamento e falta de energia.”⁷¹

Algumas vezes, por conta de atrasos e problemas, a população danificava os bondes, como relatou o *Diário de Notícias* em 13 de julho de 1908:

Seja-nos aqui permitido verberar a forma por que foi feito o serviço dos bondes da Companhia Linha Circular, o qual, apesar de fastidioso e demorado, foi insignificante o número de bondes para a condução dos passageiros, resultando conflitos que teriam consequências graves, se não fosse a pronta intervenção do Sr. Silvestre de Farias, delegado de Polícia.
Em alguns pontos o povo chegou a danificar os respectivos bondes rasgando as cortinas.⁷²

Os constantes problemas com os bondes não dificultavam apenas o deslocamento para o Rio Vermelho, mas para a toda cidade de um modo geral. Desde o século XIX é possível localizar queixas quanto à qualidade deste tipo de transporte, quando ele ainda era feito por tração animal.⁷³ Até mesmo no período de intensificação das reformas urbanas na gestão de J. J. Seabra problemas quanto à morosidade dos bondes, à superlotação dos carros, aos preços das passagens com alguma frequência eram motivos de insatisfação da população e da imprensa.⁷⁴ Com efeito, a situação deste tipo de transporte impossibilitava ou afastava muita gente de ir ao jogo ou mesmo jogar uma partida. Inclusive, existia uma regra no regulamento da Liga que dizia que “os *teams* poderão jogar incompletos, tendo o direito e ser completados em qualquer tempo do jogo.”⁷⁵ Provavelmente essa permissão era uma tentativa

⁶⁹ *Jornal Diário de Notícias*, Salvador, 10 de junho de 1907.

⁷⁰ *Jornal Gazeta do Povo*, Salvador, 12 de agosto de 1907.

⁷¹ *Jornal Gazeta do Povo*, Salvador, 15 de junho de 1908.

⁷² *Jornal Diário de Notícias*, Salvador, 13 de julho de 1908.

⁷³ Sobre o transporte urbano no século XIX: SAMPAIO, Consuelo Novais. *op.cit.*

⁷⁴ Sobre a questão dos bondes no período J. J. Seabra ver: LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento *E a Bahia civiliza-se...*, p. 89 - 97.

⁷⁵ *Jornal Gazeta do Povo*, Salvador, 20 de junho de 1908.

de flexibilizar a ocorrência do jogo por conta de atrasos no traslado das residências para os campos de futebol. Enfim, a dificuldade de ir ao Rio Vermelho em dias de jogos é um indício de como os ideais de civilização da cidade através do futebol propagandeados pelos jornais encontravam empecilhos dos mais básicos.

Finalmente, ainda existiam os problemas do próprio campo. Por ser um espaço de corridas de cavalo adaptado para o futebol, o campo precisava de reparos constantes, de nivelamento, entre outros consertos. No início de 1908, por exemplo, os jornais informavam que:

O Dr. Carneiro da Rocha, Intendente municipal acaba de nomear uma comissão a fim de se incumbir dos melhoramentos que carecer o arrabalde ao Rio Vermelho, devendo a mesma comissão apresentar um projeto dos melhoramentos, assim como o respectivo orçamento.⁷⁶

Se já não bastassem os problemas estruturais que as elites enfrentavam para a prática do futebol, as brigas e desentendimentos por conta de gols anulados, impedimentos e pênaltis mal marcados não cessavam, pelo contrário, aumentavam. Esta situação parece alcançar um nível crítico no certame de 1910.

Naquele ano a competição chegava aos seus momentos finais com a seguinte situação: O São Paulo, clube organizado pelos estudantes de medicina, liderava com 13 pontos, seguido do Sport Club Santos Dumont com 12. A penúltima partida, em 21 de agosto, seria disputada entre o Vitória e o Santos Dumont. Caso o primeiro ganhasse, os estudantes de medicina seriam os campeões. Em caso de perda, o Santos Dumont levaria o título. O problema surgiu com a escolha do árbitro da partida. Naquele período, os juizes eram os próprios jogadores, sendo escolhido para aquela Fernando Salles, São Paulo. Segundo os jornais, a partida foi muito tensa com vários lances polêmicos. O juiz acabou marcando uma penalidade máxima em favor do Vitória, que, para alguns diários, não existiu. O pênalti foi convertido, resultando no gol da vitória rubro-negra, dando o título consequentemente ao São Paulo. Além disso, dizem os periódicos, existiu um pênalti em favor do Santos Dumont que não foi marcado. Segundo Aroldo Maia, “O juiz passou maus quartos de hora e segundo afirma-se teve de deixar o gramado escondido para evitar o sururu.”⁷⁷ Este incidente gerou muitas críticas por parte da imprensa, principalmente do *Gazeta do Povo*:

⁷⁶ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 23 de janeiro de 1908.

⁷⁷ MAIA, Aroldo. *Almanaque Esportivo da Bahia...*, p.18.

O referee desse disputadíssimo match foi o *foot-baller* Fernando Salles Gomes, do São Paulo, que foi incorreto.

Muito parcial, determinou um *penalty-kick* contra o Santos Dumont, no entanto, não marcou um dado pelo *half* Silvino, do Victoria que se achava na linha de penalidade.

Bem o vi (sic), porém, para confirmar a sua parcialidade, não cumpriu o seu dever de juiz.

Além disso, houve outros *hands* dados bem na porta do *goal* do Victoria por jogadores deste *club*.

É lamentável que adeptos exaltados do Santos Dumont vaiassem o *referee* pois, isso, podia se ter evitado.

Escolhessem para dirigir o jogo um sócio do Rio Vermelho ou do São Salvador, que nenhum interesse tinham no *match* que ante ontem se disputou e nada d'isto se teria dado; mas quem poderia pensar que o referee Salles deixaria de ser um *sportman*?

(...) Consta-nos, entretanto, que hoje, na Liga, talvez seja anulada a partida de domingo, devendo-se encontrar de novo os dois valentes *clubs*, que nada têm que ver com a incorreção do juiz.⁷⁸

E realmente a partida foi anulada. De acordo com o memorialista Aroldo Maia:

Em 29 de agosto reúne-se a Liga e resolve por unanimidade e por proposta do Sr. Francisco Braga do São Salvador, interessado por estarem emprestados ao Santos Dumont vários jogadores do seu *club*, anular o jogo de 1º *teams* entre Vitória e Santos Dumont alegando ser o juiz do São Paulo Club parte interessada.⁷⁹

Nesta reunião os únicos clubes que votaram a favor da anulação foram o São Salvador e o Rio Vermelho. Vitória e Santos Dumont não poderiam votar, pois eram partes interessadas e o São Paulo convenientemente não compareceu à sessão. Porém, para que uma nova partida fosse realizada, alguns debates acalorados ocorreram. Naquela mesma reunião o Vitória declarava que “em absoluto não jogará novamente com o Santos Dumont alegando que a resolução da Liga foi absurda e ilegal e contra os seus estatutos que dizem: são autônomas as resoluções dos juízes.”⁸⁰ Por sua vez, um dia após a reunião, o São Paulo “envia a Liga um ofício dando-se por demitido em virtude de terem sido prejudicados os seus direitos com a resolução tomada na última reunião.”⁸¹ Apesar do Vitória ter dito que não jogaria novamente com o Santos Dumont, Juvenal Teixeira, antigo presidente do clube e um dos sócios fundadores, convence a diretoria do contrário. Assim, em dezembro, foi realizado o jogo derradeiro no qual saiu vencedor o Santos Dumont, sagrando-se o verdadeiro campeão daquela temporada.

Outras partidas anuladas surgiram também no campeonato de segundos times. Idealizada em 1907 por J. Uchoa de Campos, do Santos Dumont, supomos que esta

⁷⁸ Jornal *Gazeta do Povo*, Salvador, 24 de agosto de 1910.

⁷⁹ MAIA, Aroldo. *Almanaque Esportivo da Bahia...*, p. 17.

⁸⁰ Idem, *ibidem*, p. 17.

⁸¹ Idem, *ibidem*, p. 17 – 18.

competição servia para que outros sócios dos clubes participassem de um certame. Era impraticável que todos os associados que desejassem participar de uma competição jogassem no time principal, sendo necessária a formação de equipes secundárias. No certame dos times secundários de 1910, o São Salvador e o Vitória lideravam a disputa quando se enfrentaram na decisão do título. Os dois times empataram, segundos os contemporâneos, graças a atuação do juiz. Insatisfeito, o Vitória pede a anulação do jogo e caso não fosse atendido se desfiliaria da Liga. O pedido foi atendido e o São Salvador, apesar de inconformado, foi convencido a jogar uma nova partida. Ocorrida em 27 de novembro, a vitória e o título couberam ao São Salvador.⁸²

Enfim, naquela temporada, embora as crônicas, na íntegra, trouxessem informações sobre a beleza do jogo e a animação da torcida, com os problemas estruturais e tantos lances polêmicos e atitudes desrespeitosas quanto ao cumprimento dos estatutos, os ideais do que deveria ser o futebol entre as elites cada vez mais encontrava dificuldades para se consolidar.

Os elementos que ainda faziam a imprensa entender o futebol enquanto uma atividade civilizadora tinham que dividir espaço com outras sensibilidades gestadas pelas disputas entre clubes e dirigentes. No incidente do jogo Vitória/Santos Dumont é possível notar um típico choque de representações entre o sentido civilizador e competitivo do futebol. Nos jornais, especialmente no *Gazeta do Povo*, existe uma lamentação ao perceber que o juiz, sendo parcial para o benefício do seu time, feriu os princípios do cavalheirismo, deixando de ser um *sportman*.⁸³

Se entre os campeonatos de 1907 e 1910 verificamos algumas tensões a respeito dos sentidos do futebol, nos certames de 1911 e, principalmente, 1912 jogar bola em campos irregulares, sem arquibancadas, de difícil acesso e ainda enfrentar contratemplos nas reuniões da Liga por problemas de arbitragens se tornou um divertimento insustentável para a maioria das elites soteropolitanas.

Nos preparativos para o certame de 1912 já era possível notar que os problemas estruturais no campo não tinham sido sanados. Em 20 de abril, uma reunião extraordinária foi realizada para resolver algumas pendências para início do campeonato. Mais uma vez os jornais informaram que naquela sessão “foi designada uma comissão para tratar da construção de uma arquibancada no ground e de outros melhoramentos.”⁸⁴ O jornal ainda disse que

⁸² MAIA, Aroldo. *Almanaque Esportivo da Bahia*..., p 18.

⁸³ O termo *sportman* refere-se ao jogador cavalheiro, bem que vê no esporte o desenvolvimento do seu corpo de das suas virtudes morais. Sobre o termo *sportman*: PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania*..., p. 21 – 55.

⁸⁴ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 22 de abril de 1912.

“foram ouvidos os diretores da Linha Circular que asseguraram auxiliar a Liga na construção da arquibancada, cujas obras serão iniciadas na presente semana.”⁸⁵ Pelo que consta, novamente os planos para o melhoramento do campo, ao menos no que tange à construção de arquibancadas, não saíram do papel. Quase três meses após aquela reunião nenhuma obra tinha começado, pois em 08 de julho o *Diário de Notícias* informava que:

na quarta feira, a 8 horas da noite no salão do Montepio dos Artífices reúnem os representantes dos *clubs* coligados para tratarem dos negócios da Liga com a Linha Circular, sendo bem possível que depois dessa sessão seja iniciada a construção das arquibancadas no *ground* do Rio Vermelho.⁸⁶

Nove dias após aquela reunião, a situação do *ground* do Rio Vermelho permanecia inalterada. Segundo consta, o auxílio da Linha Circular à Liga para os melhoramentos do campo se daria através de um contrato firmando entre ambas as partes. O problema era que, em meados de julho, o contrato entre Liga e a Linha Circular firmado em abril ainda passava por revisões e modificações. Sobre o assunto, o mesmo *Diário de Notícias* esclarecia que:

Deve ser publicado por estes dias o contrato que tem a Linha Circular com a Liga Bahiana, no qual foram feitas algumas alterações. Podemos adiantar que este ano mesmo começarão a ser construídas as arquibancadas, ou a Liga abrirá mão do contrato e fará com outra pessoa.
Já foi feita oferta a um dos *clubs* da Liga para que os *matches* do campeonato fossem jogados em campo bem gramado e próprio para o *foot-ball*, tendo até arquibancadas que com um conserto serviriam.
O que não pode continuar é o que se tem visto no *ground* ao Rio Vermelho, onde nem uma tapagem ligeira há. (sic)⁸⁷

Não foram encontradas outras notícias sobre uma eventual evolução dos empreendimentos, tampouco nas fotografias da época foram encontrados registros da existência de arquibancadas.

Com promessas de construção de arquibancadas proteladas, a temporada começou no final de maio. Pelos problemas estruturais e as constantes brigas entre clubes, dirigentes e jogadores, o campeonato da LBST já se encontrava bastante desgastado. Inclusive, no início da temporada de 1912, uma reforma dos estatutos foi realizada numa vã tentativa de apaziguar as tensões que se acumulavam desde os torneios anteriores. Apesar disso, mal o campeonato começara, os diários estavam cheios de críticas sobre o estado do campo, a postura de alguns jogadores e torcedores e, a partir daquele momento muitas críticas sobre o desempenho dos

⁸⁵ Idem.

⁸⁶ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 08 de julho de 1912.

⁸⁷ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 18 de julho de 1912.

atletas. Logo na segunda partida do certame, entre Rio Vermelho e Atlético, em 03 de junho, o *Diário de Notícias* lamentava que o jogo foi:

sem importância, pois o *goalkeeper* do Rio Vermelho não fez o mínimo esforço em defender as bolas arremessadas ao *goal* e outro teria sido o resultado se o *captian* tivesse tomado o alvitre de, como no 2º *half-time* fez, substituí-lo. A tudo isso se junte a falta de exercício do Rio Vermelho e ao estado do campo.⁸⁸

Outra crítica sobre o desempenho dos jogadores pode ser observada na sexta partida do certame, entre Rio Vermelho e Sport Club Bahia, em 01 de julho. Segundo alguns órgãos da imprensa:

Terminou o *match* com o resultado de 2x1, sendo vitorioso o Bahia. Deve o resultado desta partida advertir os jogadores, da linha de frente do Rio Vermelho, que o jogo pessoal atrasa e não vale o sacrifício que outros fazem. Referimo-nos aos Srs. Lourival e Ângelo que muito fizeram é bem verdade, mas podiam ter feito melhor se dessem passes aos seus companheiros que precisavam correr em todas as posições para alcançar uma bola.⁸⁹

Em meio a tantas reclamações quanto ao desempenho dos jogadores, os jornais também lançavam dúvidas quanto ao caráter de alguns por atuações suspeitas, sugerindo que aqueles estavam, nos termos atuais, vendidos ou comprados. Sobre os desdobramentos de uma partida envolvendo o Bahia e o Vitória, o *Diário de Notícias* informava que:

Consta que vai ser anulada a partida de *foot-ball* que se realizou em 9 do corrente entre os *teams* Vitória e Bahia no *ground* do Rio Vermelho. Motivou esta resolução, que é muito acertada e mesmo a única que podia ser tomada, a distração do *goalkeeper* do Vitória que tantos comentários têm provocado.⁹⁰

De um modo geral, as atuações desastrosas expressas nos descuidos de goleiros e no individualismo de alguns jogadores fazem parte de um processo maior, muito criticado pela imprensa, que era a perda do interesse dos clubes e jogadores pelo certame. Para os jornais, o desinteresse se revelava na falta de treinamento dos *sportmen*. Os conhecidos *matches-training* e os ensaios geralmente realizados nas quintas-feiras, já não existiam com regularidade, causando consequentemente o fraco desempenho técnico e o baixo condicionamento físico de muitos atletas.

A negligência para com os treinos era algo muito preocupante. Para alguns jornais, a função civilizadora do futebol não era cumprida em sua plenitude. Não adiantava ir ao campo bem vestido e se sociabilizar para ver jogos de péssima qualidade, com jogadores técnica e taticamente desorientados e fisicamente debilitados. Muitas notas esportivas eram

⁸⁸ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 04 de junho de 1912.

⁸⁹ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 02 de julho de 1912.

acompanhadas de queixas pela falta de jogos-treinos entre os clubes. Quando alguma agremiação resolvia treinar, os jornais louvavam a sua atitude. Em um *match-training* a ser realizado no domingo, 30 de junho, entre São Salvador e Vitória, um jornal desejava que “oxalá os outros tomassem este alvitre, porque muitos se ressentem de falta de exercícios, e, sem estes, não terão os *clubs* jogadores perfeitos e sim cansadores (sic).”⁹¹

Se o desinteresse dos jogadores por um aprimoramento técnico e físico limitava a os benefícios do futebol, as confusões e brigas dos jogadores, dirigentes e torcedores debilitavam o que ainda existia de distinto e educado na prática esportiva. Diferente dos certames anteriores quando aqueles sujeitos protestavam contra resultados por meio dos jornais e das reuniões da Liga, a temporada de 1912 presenciou alguns incidentes a princípio inimagináveis. Para uma das partidas, de acordo com o *Diário de Notícias*, o chefe de polícia da cidade “certamente mandará aumentar as patrulhas de polícia que rondam as proximidades do *ground*, ao Rio Vermelho, bem assim que sejam postas à disposição da Liga algumas praças para o policiamento interno do *ground*, a fim de evitar conflitos ali.”⁹²

A preocupação da autoridade policial tinha motivo. Naquele ano, não raramente, ocorreram diversos conflitos por motivos bastante variados. Um torcedor insatisfeito com a arbitragem invadia o campo para tirar satisfações com o juiz ou uma briga entre jogadores por conta de um lance ríspido se tornaram situações comuns. Várias vezes a força policial era convocada para apaziguar alguma confusão. Um mês após o aumento do policiamento em torno do campo, a Liga, de novo, “oficiou ao Sr. Dr. chefe de polícia, pedindo reforço de patrulha que ronde o *ground* durante os *matches*, a fim de evitar alteração da ordem e vaia nos jogadores.”⁹³ Algumas vezes o pedido de reforço policial não surtia efeito. Em uma partida que o São Salvador foi goleado por 4 gols a 1 pelo Vitória, o *Diário de Notícias* lamentava uma série de confusões entre jogadores e torcedores:

Sem que passe desta feita, o nosso protesto aqui o trazemos, pois não haverá mais *sports* na Bahia se tal estado de coisas continuarem.
Foram retirados do campo dois jogadores por se engalfinharem enquanto espectadores exaltados quiseram invadir o campo para represálias.
Mais um pouco de calma e não exageremos as coisas.⁹⁴

⁹⁰ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 13 de junho de 1912.

⁹¹ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 28 de junho de 1912.

⁹² Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 14 de junho de 1912.

⁹³ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 20 de julho de 1912.

⁹⁴ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 12 de agosto de 1912.

Uma nota de um periódico transcrita por Aroldo Maia, que resume a situação do campeonato de 1912 do ponto de vista das brigas e confusões, revela que até mesmo alguns tiros ocorreram em um dos jogos:

Infelizmente depara-se-nos ainda oportunidade para lamentarmos os fatos que se passam no Rio Vermelho em quase todos os matches. Até já parece que isso faz parte do programa do campeonato deste ano. Outro dia numa partida entre os clubes Bahia e Atlético deu-se vergonhoso incidente de que já tratamos; penúltimo *match*, entre os clubes Vitória e São Salvador, houve novos incidentes não nos reservamos para tratar em outra ocasião que agora chega; e no último reproduziu-se o fato de caráter sério. E no pé que vai queria Deus, não tenhamos de lamentar resultado mais funesto e mais triste. Afirmamos tanto porque nesses incidentes em que jogadores e juizes agredidos e insultados ou se engalfinham, há sempre sacamento de revólveres até mesmo tiros.

O que não pode nem deve é continuar no curso em que vai a fiscalização do *Ground* do Rio Vermelho; se ali necessite o policiamento indispensável ele é feito; se no *field* há uma representante da Liga, um juiz, ele não se faz imponente, assim torna-se necessário que o Sr. (sic) mande um Delegado aos domingos assistir aos *matches* de futebol para a garantia dos que ali procuram um divertimento.⁹⁵

As notícias que relatavam algum tipo de briga parecem indicar que o ideal de cavalheirismo, que ao longo dos anos foi construído pelas elites, perdeu consideravelmente o sentido diante do saque de revólveres e tiros.

Finalmente, entre tiros, invasões de campo e jogadores a se engalfinhar, acrescentemos a desistência de um clube em pleno andamento do campeonato, episódio que foi considerado a gota d'água naquele certame. A agremiação em questão era o Sport Club Bahia. Fundado em 1906, se filiou à Liga em 1911, conquistando o campeonato daquela temporada. Para o certame seguinte, as previsões apontavam o Bahia como favorito ao título. Nas primeiras partidas, o clube até que confirmava o favoritismo vencendo os três primeiros jogos, mas era seguido de perto pelo Atlético Foot-ball Club do Tororó Grande, que havia se filiado à Liga naquele ano.

Em um dos jogos mais importantes da temporada entre os dois clubes, ocorreu um episódio inédito. Quando a peleja, realizada em 14 de julho, estava em empatada por um gol, faltando 15 minutos para fim, o juiz valida um gol do Atlético em que o seu autor, segundo o Bahia, estava em impedimento. Com isso, de acordo com Aroldo Maia, “não se conforma o Bahia alegando estar em *off-side* o autor do tento. Discussões em campo. Brigas nas arquibancadas e finalmente o Bahia retira-se do campo.”⁹⁶

⁹⁵ MAIA, Aroldo. *Almanaque Esportivo da Bahia...*, p. 20.

⁹⁶ MAIA, Aroldo. *Almanaque Esportivo da Bahia...*, p. 21.

Porém, o pior ainda estava por vir. Como a partida não foi anulada e o Bahia ainda foi censurado pela Liga, aquele “declara aos jornais que abandonará a Liga.” Houve até um apelo do *Diário de Notícias* que, informando as intenções do clube, pedia aos seus diretores que não abandonassem a entidade:

É de lastimar, porém, que o Bahia ao que dizem, não tome mais parte no campeonato deste ano, porquanto era um dos mais fortes concorrentes e que em melhores condições estava para a vitória.

Julgamos, porém, que a sua direção não privará a nossa Bahia destas partidas em que todo interesse havia por ser o *club* alvinegro o vencedor do campeonato o ano passado e quiçá deste também,
Enfim, esperamos.

Os interessados na não saída do Bahia chegaram a ter esperanças quando na partida contra o Rio Vermelho, em 4 de agosto, aquele confirmava a sua presença. Todavia, de acordo com o Aroldo Maia:

Vem o jogo de 4 de agosto entre o Bahia e o Rio Vermelho e na reunião da Liga, o Bahia, ao contrário do que havia anunciado nos jornais, envia um ofício assinado pelo seu secretário Alberto Costa Pinto declarando que tomará parte no encontro, estando de acordo com os juizes que fossem indicados pelo Sport Club Rio Vermelho. Com surpresa, no dia do jogo o Bahia não compareceu em campo.⁹⁷

Se abandonar um jogo em pleno andamento era um ato digno de censura, informar à Liga que iria ao próximo duelo e não comparecer era uma atitude extremamente desrespeitosa para com a entidade máxima do futebol baiano e para com o Rio Vermelho que se preparou e foi ao campo esperando uma partida. Por sua vez, a Liga não ia deixar esta atitude impune, os outros clubes filiados esperavam uma ação enérgica. Possivelmente uma punição ao Bahia ocorreria em uma reunião da Liga em 7 de agosto. Sobre esta sessão os jornais anteviam que:

Deve ser uma das mais concorridas das sessões, por se tratar de um fato inédito nos anais do *sport* – desrespeito à Liga por um dos *clubs* filiados – o S. C. Bahia, que mandou escolher juizes para as partidas de domingo e não mandou os seus *teams* ao campo.

Oxalá o *sport* entre nós tome outro caminho, que não o seguido até hoje, porque é de lastimar, sinceramente, estes fatos.⁹⁸

Provavelmente em uma tentativa de manter o Bahia na competição, a Liga novamente apenas censurou o clube e decretou a sua derrota na partida contra o Rio Vermelho por W.O. Porém,

⁹⁷ Idem, *ibidem*, p. 21.

⁹⁸ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 06 de agosto de 1912.

de nada adiantou uma eventual atitude branda da LBST. O Bahia não mais participou de jogos naquele certame e o título foi para o estreante Atlético Foot-ball Club. Após fazer vistas grossas em relação à atitude do Bahia, segundo Aroldo Maia, “só na reunião de 21 de dezembro é que a Liga deu o ar de sua graça e resolveu eliminar o Bahia por ter deixado de disputar os *matches* do campeonato sem lhe prestar qualquer satisfação.”⁹⁹

Com alguma segurança, podemos afirmar que 1912 significou um ponto crítico do distanciamento entre os ideais defendidos pela imprensa e a prática efetiva dos sujeitos que gravitavam em torno do esporte. Os chamados próceres do futebol, a “rapaziada alegre e educada” não mais se conformavam com as resoluções dos juízes, tampouco se contentavam em respeitar os códigos do futebol numa demonstração de civilidade. Nem mesmo as formas mais educadas de protestar um resultado eram utilizadas. Em 1912 o que parecia valer era tiro ou abandonar o campo. O respeito e cavalheirismo eram esquecidos em detrimento de uma competitividade demasiada em que a vontade de vencer era maior do que a vontade de ser refinado ou educado.

Vale ressaltar que, a partir de 1909, clubes mais heterogêneos ingressavam na Liga, como o Atlético do Tororó Grande. Segundo Ricardo Azevedo, “os novos participantes do campeonato eram equipes formadas por empregados da indústria e do comércio e outros grupos menos favorecidos na sociedade.”¹⁰⁰ Provavelmente, a entrada de novos sujeitos na LBST que não necessariamente compartilhavam dos seus ideais contribuiu para o surgimento de novos sentidos para futebol. Inclusive, algumas vezes é possível notar entre as elites um discurso em que a responsabilidade pela gradativa perda do nobre espírito do esporte era atribuída ao envolvimento popular no futebol. Um relato de um jogador baiano da época, o Dr. Wilobaldo Campos, dá pistas sobre este processo:

Todos os conjuntos eram formados por amadores. Havia na organização deles, a mais rigorosa e escrupulosa seleção, por isso mesmo que não eram admitidos em absoluto o “profissionalismo” (mesmo disfarçado) nem a inclusão nas equipes e mesmo nas sociedades de pessoas que não fossem qualificadas e de reconhecida situação social.

As comissões de sindicância trabalhavam de verdade! Eram rapazes empregados no Comércio, acadêmicos de humanidades e dos cursos superiores que faziam o esporte com amor ao esporte para a vitória das cores que defendiam valentemente e com galhardia, convencidos de que não eram eles somente um sinal, emblema ou distintivo, mas a própria honra da agremiação a que pertenciam.¹⁰¹

⁹⁹ MAIA, Aroldo. *Almanaque Esportivo da Bahia...*, p. 22.

¹⁰⁰ AZEVEDO, Ricardo. *op.cit.*, p. 91.

¹⁰¹ MAIA, Aroldo. *Almanaque Esportivo da Bahia...*, p. 23.

De fato, a expansão do futebol em Salvador alterou fundamentalmente o perfil social dos praticantes do jogo. Inevitavelmente, os acadêmicos e empregados no comércio e doutores tiveram que compartilhar o universo futebolístico com sujeitos modestos, como operários e artesãos, entre outros indivíduos oriundos das camadas médias e populares. A lamentação em tom nostálgico do Dr. Wilobaldo estava ligada ao fato dos populares não necessariamente compartilharem dos seus ideais civilizados e românticos. A denúncia, nas entrelinhas, do profissionalismo disfarçado é um exemplo da atribuição de novos sentidos que a princípio eram rejeitados pelas elites. No entanto, o doutor parece desconsiderar que muitos dos novos sentidos que ele rejeitava também foram criados pelas próprias elites.¹⁰²

Todavia, mesmo com a presença de populares no futebol e até mesmo a sua tímida e controlada inserção na LBST, ainda permaneciam os grandes clubes, a exemplo do Vitória e do São Salvador. Naquele momento, o convívio, tanto das grandes, quanto das pequenas organizações, em um mesmo campeonato era um forte indício de como o que se pensava e sentia sobre o futebol estava mudando. A popularização do futebol e sua expansão pela cidade alcançaram novos níveis, criando situações que as elites já não podiam evitar nem contornar, por vezes estas situações eram criadas por elas.

Diante desta situação, umas das poucas saídas que restavam aos clubes da alta sociedade de Salvador seria o abandono do campeonato ou a extinção da própria LBST, o que, de certa forma, aconteceu. Já em 1911, o Sport Club Santos Dumont, fundado em 1904 por estudantes do Ginásio Bahiano, de Escolas Superiores e comerciantes, presente na competição desde 1906, abandonou o torneio da LBST. O São Salvador não disputou o certame de 1910, voltando nos seguintes. Com o campeonato de 1912 chegando a situações insustentáveis, o final do torneio também decretou a extinção dos campeonatos. Não sabemos se a Liga não foi extinta ou apenas encerrou as atividades ligadas ao futebol. Aos grandes clubes, como o Vitória e São Salvador, restou o isolamento em suas sedes sociais e a dedicação a outros esportes, a exemplo do remo e tênis, práticas sem muita interferência popular, o que para estes clubes era o principal motivo pelo fato do futebol estar tão incivilizado.¹⁰³

¹⁰² Voltaremos ao assunto com mais detalhes no quarto capítulo.

¹⁰³ Esta situação parece ter ocorrido em outros lugares do Brasil. No Rio Janeiro o goleiro do Fluminense Football Club, Marcos Mendonça, ícone do futebol das elites, abandonou a prática justamente pela forte presença popular no futebol carioca e a deturpação dos sentidos civilizados. Sobre Marcos Mendonça: PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. Pelos campos da nação: um *goal-keeper* nos primeiros anos do futebol brasileiro. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 10, n. 19, 1996.

O fim do principal campeonato da cidade, idealizado e fundado pelas elites, evidencia como o futebol e as suas formas de vivência, principalmente a partir de 1906, destoavam e muito das representações iniciais difundidas pelos diários. Segundo Aroldo Maia, até 1908 “só jogava futebol o que a Bahia possuía de mais fino na sua sociedade”¹⁰⁴ Vimos, entretanto, que já em 1905 o futebol começava a ser praticado e apropriado por vários sujeitos sociais, tornando inevitável a expansão do futebol pela cidade e o conseqüente aparecimento de novas sensibilidades e sociabilidades que não eram bem quistas pelas elites, muito embora essas ajudassem a criá-las. Enfim, com tantas novas práticas, representações e apropriações no futebol soteropolitano, forjadas pelas elites e populares restaram aos homens e mulheres abastados que não estavam dispostos a conviver com este novo momento o refúgio nas sedes e nos esportes mais restritos, como o remo e o tênis.

Novos clubes, outras ligas...

A desistência da maioria dos clubes de elite, entretanto, não significou o fim do futebol em Salvador. Até mesmo alguns sujeitos das elites e classes médias não deixaram de praticar o futebol em absoluto, passaram a jogá-lo em outros clubes e mesmo em outros torneios. Até mesmos as principais agremiações da cidade continuaram a se envolver com o jogo, só que dentro das suas instalações ou em partidas restritas aos sócios e coligados. Muito provavelmente para a imprensa o fim do certame da LBST representava a morte do futebol uma vez que naquela altura uma das razões vitais para a existência daquele na cidade eram os campeonatos que movimentavam a cidade nos domingos. Uma das principais razões para a população sair de suas casas, tomar um ar fresco, se movimentar eram os jogos. Sem os campeonatos não existiriam as senhorinhas com seus belos vestidos, a possibilidade do flerte, a banda que animava nos intervalos, a ida aos bares para comentar os lances do jogo e uma série de outras práticas que vinham na esteira do esporte.

Porém, o jogo entre populares nas ruas rapidamente estava incorporado ao cotidiano da cidade, demonstrando que o futebol estava muito vivo em Salvador. Além disso, a partir de 1906 um processo que será discutido a agora definitivamente integrou a prática a sociedade soteropolitana. A fundação dos clubes populares.

¹⁰⁴ MAIA, Aroldo. *Almanaque Esportivo da Bahia...*, p. 22.

Vimos nos dois primeiros capítulos que os campeonatos da LBST proporcionaram um *boom* no surgimento de novos clubes de futebol. Dentre eles existiam uma quantidade significativa de agremiações mais modestas.

Em Salvador, a tarefa de identificar as associações menos abastadas ou caracterizá-las enquanto tal não foi fácil. Infelizmente não foi possível encontrar estatutos ou outros documentos que regiam os clubes, onde poderíamos precisar o perfil social. A dificuldade em encontrar estatutos de grêmios populares pode estar relacionada ao fato de que muitas vezes eles eram formados sem uma preocupação institucional. A dificuldade de encontrar clubes com uma organização burocrática expressa em códigos é um indício que possibilita a caracterização de clubes no mínimo despreocupados com um rigor institucional. Uma das formas de alcançar um status civilizado e distinto era a redação de estatutos e outros documentos oficiais bem definidos que restringiam uma série de pessoas.

Os estatutos, por exemplo, regiam a vida institucional dos clubes, a sua existência demonstrava uma seriedade daqueles quanto ao seguimento de determinados códigos. Nos estatutos estão presentes todos os deveres e direitos dos sócios bem como as condições e restrições que determinavam a entrada de novos membros. Imaginamos que a existência de clubes sem uma eventual parte burocrática bem organizada demonstra que muitos deles poderiam se estabelecer de outras formas, não necessariamente seguindo uma via institucional, um fator imprescindível entre as elites. Por outro lado, a possível inexistência de estatutos não significa dizer que estes clubes não tinham organização ou regras próprias. Estas poderiam ocorrer sobre outras bases, através da oralidade ou informalidade, por exemplo.

Outras formas de verificar, ao menos, o caráter heterogêneo de alguns clubes se deram pela identificação das áreas de fundação ou atuação daqueles. Esta foi outra tarefa difícil. A maioria dos grêmios menos elitizados da cidade surgia nos jornais apenas quando eram fundados. Imaginamos que o presidente ou secretário comprava um espaço em algum diário para publicar uma nota sobre o surgimento da sua associação. Era muito difícil que o seu endereço fosse publicado, uma informação preciosa para ver em quais bairros essas agremiações surgiam. Por outro lado, quando os jogos desses times eram noticiados nos jornais, os locais das partidas também eram divulgados.

Desta forma, esses endereços foram úteis para uma possível delimitação da área de atuação de alguns clubes, indicando que estes provavelmente fossem fundados nas imediações da região do campo. Encontramos a realização de alguns amistosos nos Largos dos Paranhos, em Brotas, e no Largo da Soledade, no distrito de Santo Antonio Além do Carmo. No

primeiro lugar sempre encontramos partidas dos clubes Sport Club Phebo, Sport Club União e Sport Club Brasil. Em 1908, nos meses de agosto e setembro, não raramente, localizamos jogos em que esses clubes se enfrentavam ou duelavam com outras equipes, como o Grupo Foot-ball Chile

A grande incidência de jogos do União, Brasil e Phebo no Largo dos Paranhos é um indício de que provavelmente aqueles clubes pertenciam àquela região, que ficava no distrito de Brotas. Por sua vez, o Grupo Foot-ball Chile, Sport Club Athenas e Riachuelo Foot-ball Club, pela regularidade das notas, costumavam mandar seus jogos no Largo da Soledade, o que sugere que aqueles clubes foram fundados naquela região. Ainda existiam outras regiões que estes e outros times costumavam jogar, destacando-se o Largo da Preguiça, o Largo do Barbalho e o Largo do Papagaio, o Campo do Engenho da Conceição e o Cabula.

Esses locais situavam-se em distritos onde prevalecia uma população mais heterogênea. Eram regiões que, embora fossem habitadas por alguns sujeitos da elite, predominavam as camadas médias e populares. O distrito de Brotas, onde o Phebo, União e Brasil costumavam jogar, em meados do século XIX, era uma região entre o rural e o urbano, com muitas roças e algumas aglomerações populacionais.¹⁰⁵ Por sua vez, o Largo da Soledade situava-se no distrito de Santo Antonio Além do Carmo, outro local onde em 1855 os seus habitantes tinham pronunciada inclinação para a lavoura, apesar de encontramos indivíduos que viviam de negócios dos mais variados tipos. Por fim, o distrito da Penha onde ficava o Largo do Papagaio era uma região ambígua. Apesar de ser em parte habitada por uma população de baixa renda, a Penha era um dos lugares de veraneio e descanso das elites soteropolitanas.

Apesar da heterogeneidade da composição social dos bairros soteropolitanos naquele período, é possível deduzir que a maioria dos clubes que eram fundados ou jogavam nas regiões descritas acima possuíam uma composição consideravelmente diversa em relação aos grêmios abastados. A alta elite soteropolitana, fundadora do Internacional, Vitória, São Salvador, Bahiano de Tênis e Associação Atlética, residia em distritos abastados como Vitória e a sede destes situava-se naquela localidade. Além disso, quando os clubes abastados não jogavam no Campo dos Mártires ou no *Ground* do Rio Vermelho, geralmente treinavam ou faziam amistosos na Quinta da Barra que também ficava na Vitória. Historicamente este

¹⁰⁵ NASCIMENTO, Anna Amélia. *op.cit.*

distrito sempre foi habitado por grandes negociantes, representantes nacionais e de outros países.¹⁰⁶

Independente das sociedades esportivas terem muitos ou poucos sujeitos modestos, o fato era que a existência delas na cidade de Salvador aponta para o rápido surgimento de novos sentidos em torno do que seria ou deveria uma associação. A intensidade e a rapidez com que surgiam era com frequência alvo de críticas por parte de determinados grupos em Salvador. Em uma dessas queixas, o senhor Alvaro Soares Bahia foi ao jornal reclamar que nunca havia participado de um clube que, através dos jornais, noticiou a sua fundação, incluindo-o na direção. Para o *Diário de Notícias*:

Parece-nos que algumas pessoas se estão utilizando de nossas colunas para dar largas a seu gênio pilhérico, nem sempre de bom gosto.

Assim é que raro é o dia que não recebemos duas e mais comunicações da fundação de novos *clubs* de *foot-ball*, alguns dos quais, segundo nos informam, não existem absolutamente.

Se em tudo neste mundo o exagero é sempre condenável, forçoso é confessar que, no caso dos *clubs* de *foot-ball*, pretensos ou reais, a desgraça será a fartura, como já dizem.

Vários moços nos têm vindo declarar que não fazem, nunca fizeram parte de *club* algum, dos muitos que têm sido anunciados ultimamente.

Entre eles o Sr. Alvaro Soares Bahia, distinto 3º annista de engenharia, o qual nos dirigiu a seguinte carta:

Ilmos. Srs. Redatores do Diário de Notícias, - havendo em lido o vosso conceituado órgão de publicidade a notícia da escolha do meu nome para o cargo de 1º secretário do Gaymbé *Foot-ball* Club, me cumpre vos cientificar de que não pertenço ao referido *club*, e muito menos dei ou dou a minha (sic) para tal escolha.

Outrossim, lamento sobremodo a facilidade usada em semelhante ato contra o qual protesto.

Agradecendo-vos a publicação desta e vos assegurando a minha subida consideração, sou admirador e amigo – Alvaro Soares Bahia.

25-07-1906.¹⁰⁷

Quando da afirmação que a desgraça do futebol seria o exagero no surgimento de novos clubes, o jornal buscou defender de certa forma a permanência do status elitizado do esporte em Salvador. A crítica à fundação de novos grêmios que não existiam absolutamente vai ao encontro da ideia de que o surgimento deles muitas vezes sem os princípios e rigores adotados pelas associações de elite, maculava justamente o ideal de distinção que os grupos abastados desejavam para o esporte.

Além disso, a prática futebolística, segundo os clubes elitizados, não deveria ser realizada por qualquer pessoa. Era exigido de acordo com os estatutos de algumas sociedades

¹⁰⁶ Idem.

¹⁰⁷ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 26 de julho de 1906.

esportivas das elites um nível moral e social considerável para a sua prática. Se já não bastasse o futebol praticado nas ruas, a presença de novas agremiações que não necessariamente seguiam um rigor quanto a sua organização ou seleção dos seus adeptos seria considerada um risco, uma vez que o ideal de distinção estaria ameaçado justamente pela presença de pessoas sem o nível necessário.

A própria afirmação indignada de que não fazia ou fez parte de clube algum do Sr. Alvaro Soares Bahia ratifica a nossa suposição de que muitas vezes alguns clubes não apresentavam configurações semelhantes aquelas dos grandes, como Vitória ou Bahiano de Tênis. Talvez fossem formados para jogos esporádicos, sem a pretensão de se tornar uma grande organização com muitos sócios e/ou atividade social intensa. A indignação do futuro engenheiro indica que muitas vezes estes clubes, no tocante à sua organização, eram caracterizados por uma informalidade despreocupada com estatutos e reuniões periódicas, dentre outras oficialidades e institucionalidades seguidas à risca pelas agremiações elitizadas. Nem sempre tinham sedes próprias ou fixas, podiam se reunir na casa dos sócios e talvez suas atividades se resumissem apenas à realização de partidas.

Deste modo, possivelmente não estavam tão preocupados em ter sedes que possibilitassem grandes eventos sociais, a exemplo dos carnavais e natais, que a partir da década de 1910 se tornaram frequentes entre os clubes elitizados. Estas organizações poderiam até ter eventos sociais, para além das partidas de futebol, mas que ocorriam na forma de sambas, batucadas e nas casas dos sócios ou outros espaços mais modestos.¹⁰⁸

Finalmente, alguns desses que clubes que, segundo os jornais, poderiam não existir em absoluto, eram marcados por uma efemeridade condicionada por algum acontecimento importante na cidade. Por vezes, um time estava de passagem pela cidade e disputava algumas partidas contra as equipes locais. Estas pugnas estimulavam a fundação de clubes pequenos que logo desapareciam, passado o momento de entusiasmo.

Esta hipótese ganha sentido quando alisamos a presença do time do navio-escola Benjamin Constant que permaneceu algum tempo ancorado no porto de Salvador. Segundo Aroldo Maia, alguns dirigentes do Ypiranga, um dos principais grêmios populares da cidade:

Cientes de que na tripulação do navio havia um excelente *team* de futebol formado por guardas marinhas e marinheiros, destacando-se entre esses players

¹⁰⁸ Leonardo Miranda em seus estudos identificou clubes que para além de uma função esportiva, também comportavam festas nem sempre bem vistas pelas elites cariocas. Sobre: PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. E o Rio dançou. Identidades e tensões nos clubes recreativos cariocas (1912 – 1922). In: CUNHA, Maria Clementina Pereira (Org.). *Carnavais e outras f(r)estas: ensaios história social da cultura*. Campinas: Ed da UNICAMP, 2002.

Mimi Sodré e o marinheiro Anacleto, o preto de outro, como ficou conhecido entre nós (sic) negociações para a realização de um jogo no Campo da Pólvora contra o seu primeiro *team*.¹⁰⁹

O convite ter partido do Ypiranga tinha um sentido específico. Veremos adiante que o clube fora fundado por estivadores uma condição que possivelmente motivou o aurinegro convidar os jogadores do navio-escola. Realizada no dia 23 de setembro o jogo, nas palavras do *Diário de Notícias*:

Assumiu as proporções de uma excelente festa *sportiva* a partida de *foot-ball* entre um *team* do navio-escola Benjamin Constant e o primeiro *team* do Sport Club Ypiranga, tal a concorrência do povo que a assistiu. Havia gente até sobre o telhado das casas e sobre as árvores, caindo uma dessas sob o peso dos espectadores.¹¹⁰

Em uma partida muito disputada, o Ypiranga venceu por 4 a 2. O jornal ainda lembrou que no intervalo da partida, “no meio do campo, reunida a diretoria do Ypiranga usou da palavra o Sr. Fidelis Velloso, saudando os bravos marujos e oferecendo em nome do seu *club*, uma taça de prata com expressiva dedicatória e o retrato do *team* à equipe do Benjamin”¹¹¹ O time do navio-escola ainda jogaria novamente contra o Ypiranga numa revanche, além de duelar com um selecionado soteropolitano, um time de estudantes e com o Vitória. Para Aroldo Maia:

Com a temporada do Benjamin Constant a animação pelo futebol voltou à baila. São fundados vários clubes os quais o Yankee Foot-ball Club em 3 de outubro, a Associação Atlética da Bahia em 4 de outubro. Caixeiral S. Club, o Botafogo Sport Club em 1º de novembro. Humaitá, Guarany, Tejo e muitos outros e reorganizados o Sport Club São Bento, o Neo-Grego, etc.¹¹²

Acreditamos que a presença do Benjamin Constant na Bahia e o fato do time do navio escola ter sido recepcionado pelo Ypiranga também influenciou a fundação de muitas agremiações populares. Ver um time formado por negros, estivadores e outros trabalhadores de baixa renda recepcionar um dos principais navios de guerra da marinha brasileira, que tinha como um dos seus melhores jogadores um negro, Anacleto, servia de inspiração para outros sujeitos negros e subalternizados da cidade que, eventualmente, através do futebol, desejavam algum tipo de protagonismo.

¹⁰⁹ MAIA, Aroldo. *Almanaque Esportivo da Bahia...*, p. 29.

¹¹⁰ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 24 de setembro de 1914.

¹¹¹ Idem.



Figura 35: *Team* do Ypiranga que derrotou o Benjamin Constant. (Acervo Aroldo Maia, s.d.).

Um mês após a estadia do navio-escola, os jornais informavam a fundação de vários grêmios, como o Sport Club Neptuno “na Lapinha, 2º distrito de Santo Antonio.”¹¹³ Outro fundado, possivelmente inspirado na experiência do Ypiranga, foi o Sport Club Docas, cujos sócios provavelmente trabalhavam no porto da cidade. Os jornais ainda noticiavam partidas de clubes recém-fundados como o jogo entre o Independência e o 28 de setembro no campo do Cabula. O nome deste último clube sugere uma homenagem ao dia em que foi promulgada a Lei do Ventre Livre, em 28 de setembro de 1871.

Em 1914, também, foi o ano em que foram fundados clubes de nomes muito curiosos. O *Diário de Notícias* noticiou a fundação alguns com os nomes de *Team de Morte*, *Onze Diabos Foot-ball Club*, *Viúva Alegre* e *Esporte Club dos Suicidas*. Sobre o primeiro, o jornal disse que “é este um novo *team sportivo* que vem enfileirar com os demais desta capital, nas justas do *matches* terrestres. O uniforme é calção preto e uma caveira simbólica adaptada sobre escudo negro à frente da camisa branca.”¹¹⁴ Já em relação ao time dos

¹¹² MAIA, Aroldo. *Almanaque Esportivo da Bahia...*, p. 29.

¹¹³ *Jornal Diário de Notícias*, Salvador, 22 de outubro de 1914.

¹¹⁴ *Idem*.

suicidas, que levava em seu uniforme negro uma cruz branca no lado esquerdo da camisa, o mesmo jornal, não resistiu e, ao noticiar a sua fundação, fez um comentário sobre o surgimento de times com aqueles tipos de nomes:

A mania de *sport*, por demasiada, levará até as aberrações o espírito de muitos de seus adeptos. Senão, o que significa semelhante esdrúxula denominação? Levantemos a moral social e não se venha desnaturando da sua virtual essência o espírito dessa ou daquela instituição, aviltando-a ou ridicularizando-a.¹¹⁵

Entre diabos e caveiras existia ainda espaço para a fundação de um clube de nome muito incomum. De acordo com o *Diário de Notícias* “no dia 15 do cadente foi fundado, à Rua da Independência, nº 41, um *Team de foot-ball* denominado Mephistófeles, tendo como distintivo camisa e calção branco e sobre o peito a esfinge, em negro, do grande ‘herói’ do Averno.¹¹⁶ Mefistófeles era nada mais, nada menos que uma personagem satânica que surgira na Idade Média. Segundo relatos, quando não era confundido com o próprio Diabo, costumava ser um dos aliados de Lúcifer no trabalho de capturar as almas.¹¹⁷

A existência de clubes de denominação incomum pode apontar para um processo de junção de atividades esportivas e carnavalescas, recorrente em outras regiões do país, como o Rio de Janeiro, por exemplo. De acordo como Leonardo Miranda, na então capital da República verificou-se a presença de muitos clubes populares que, além de praticarem o futebol, costumavam participar dos festejos de momo ou mesmo organizar bailes e outras festas dançantes que, diferente dos eventos sociais pomposos dos abastados clubes cariocas e soteropolitanos, eram marcadas por reco-recos, sambas e batucadas.¹¹⁸ No Rio de Janeiro, Leonardo Miranda ainda encontrou clubes como a Sociedade Carnavalesca Miséria e Fome Foot-ball Club, que promovia o desenvolvimento físico dos sócios e tomava parte nos folguedos carnavalescos e constatou partidas de futebol nas quais os jogadores fantasiavam-se.

Clubes com uniformes nos quais os escudos bordados nas camisas eram caveiras, cruzeiros e diabos, indicam que os seus fundadores, para além de pensarem suas entidades enquanto instituições responsáveis pelo “desenvolvimento físico” dos seus sócios, os entendiam enquanto espaços de efetivação de formas próprias de lazer e divertimento não necessariamente ligadas aos ideais das elites. Fantasiar-se para uma partida de futebol no Rio

¹¹⁵ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 11 de novembro de 1914.

¹¹⁶ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 28 de outubro de 1914.

¹¹⁷ Sobre os nomes e os papéis do Diabo conferir: LINK, Luther. *O Diabo: a máscara sem rosto*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

¹¹⁸ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania...*, p. 230 – 255.

de Janeiro ou ter uma esfinge de Mefistófeles como o distintivo do clube em Salvador também pode significar que muitas vezes as atividades esportivas não eram a razão principal do funcionamento dessas sociedades, contrariando os preceitos das elites, da imprensa e dos intelectuais, que defendiam como um dos motivos primordiais para o funcionamento dos clubes esportivos era contribuir para a regeneração física da sociedade.

Enfim, o Gaymbé Foot-ball Club, Viúva Alegre, Sport Club Docas ou o 28 de Setembro eram clubes com configurações próprias, que carregavam em seus nomes inspirações no carnaval, no trabalho ou em um passado escravista. Estes clubes demonstram a capacidade de determinados sujeitos conceber suas associações esportivas enquanto espaços de tradições e práticas próprias. Além disso, estes clubes oportunizavam um lugar institucionalmente legitimado onde as camadas populares, impossibilitadas de frequentar os grêmios abastados, poderiam vivenciar o futebol ou mesmo outras manifestações lúdicas.¹¹⁹ Assim como em outras cidades brasileiras, a presença dessas sociedades foi fundamental para a popularização do futebol em Salvador para além dos espaços mais informais como os becos, ruas estreitas e largos e para além de uma experiência estritamente elitizada.¹²⁰

Os clubes esportivos populares ainda poderiam funcionar enquanto um espaço legítimo de práticas que isoladamente seriam mais facilmente reprimidas. Em outubro de 1906, por exemplo, o *Diário de Notícias* informou que à Rua de São Raimundo, de acordo com Umbelino Duarte, foi fundado em Salvador o Foot-ball Club Transvaal. O nome daquele clube possivelmente tinha relação com a guerra dos boers, ocorrida na África do Sul entre 1899 e 1902. Segundo a historiadora Wlamyra Albuquerque “foi em Transvaal que se concentrou a população boer ou africâner e também onde se descobriram, em 1886, valiosas jazidas de ouro.”¹²¹ Provavelmente o nome do clube se deu enquanto homenagem à população que, embora tenha resistido às investidas inglesas, foi derrotada com a assinatura do tratado

¹¹⁹ Sirvo-me da discussão sobre a formação de clubes populares com configurações socioculturais próprias em: PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. E o Rio dançou. Identidades e tensões nos clubes recreativos cariocas (1912 – 1922). In: CUNHA, Maria Clementina Pereira (Org.). *Carnavais e outras f(r)estas: ensaios história social da cultura*. Campinas: Ed da UNICAMP, 2002.

¹²⁰ Plínio Negreiros observou este mesmo processo em São Paulo. Conferir em: NEGREIROS, Plínio José Labriola de Campos. *Resistência e Rendição: A gênese do Sport Club Corinthians Paulista e o Futebol Oficial em São Paulo, 1910-1916*. Dissertação (Mestrado em História) PUC: São Paulo, 1992. Existe uma série de estudos que analisam a formação de clubes de inspirações diversas como o trabalho e a etnicidade. Entre estes destaque: SILVA, Daniela Alves da. *Cultura operária: um estudo de caso do Villa Nova Atlético Clube*. Dissertação (Mestrado em História) FFCH, Universidade Federal de Minas Gerais, 2007; PINTO, Rodrigo. *Do passeio público à ferrovia: o futebol proletário em Fortaleza (1904 – 1945)*. CH, Universidade Federal do Ceará, 2007; Araújo, José Renato de Campos. *Imigração e futebol: o caso Palestra Itália*. São Paulo: Sumaré, 2000.

¹²¹ ALBUQUERQUE, Wlamyra Ribeiro de. *O jogo da dissimulação*. São Paulo: Companhia das Letras. 2009, p. 213.

de Vereening, que ratificou o poder inglês sobre a África do Sul. Wlamyra ainda identificou que a mesma guerra entre africanos/boers e ingleses foi tema de carnaval através do clube Expedição ao Transvaal, que em um manifesto de Sua Majestade, o poder, ironizava a investida inglesa.

As manifestações carnavalescas de inspirações africanas na transição do século XIX e XX passaram por um vertiginoso processo de repressão e perseguição. De acordo com Wlamyra, em 1906, o mesmo ano de fundação do Foot-ball Club Transvaal, “foram proibidos pelo chefe da segurança pública, João Santos, ‘as africanizações pelos grupos representando usos e costumes da Costa d’África.’”¹²² Mesmo que a historiadora tenha considerado o recurso enquanto mal sucedido por ter constatado a continuidade de temas africanos após a proibição, é provável que outra forma de superá-la seria através da fundação de clubes, esportivos que também marcavam presença no carnaval. Em um contexto de regeneração física da sociedade, a fundação deles tinha uma legalidade que eventualmente poderia ser útil para grupos que desejavam escamotear práticas consideradas pelas autoridades e jornais como suspeitas ou indesejáveis.

A legitimidade dos clubes também beneficiava outros sujeitos. Muitas agremiações modestas fundadas em regiões, bairros ou distritos mais populares da cidade jogavam nos mesmos largos e praças em que os considerados vagabundos e peraltas praticavam o *foot-ball de vadios*. Podemos imaginar que muitos garotos perseguidos pela polícia no futebol de rua encontraram nos times populares um espaço para a prática do futebol sem uma repressão tão ostensiva das autoridades. Veremos que Popó, o Apolinário Santana, um dos maiores jogadores do período, nasceu em 1902, iniciou-se no futebol nas ruas do Rio Vermelho. Quando adolescente, os dirigentes de clubes populares que viam as jogadas de Popó acabaram integrando o versátil jogador em seus quadros.¹²³

¹²² Idem, *ibidem*, p. 214.

¹²³ Sobre o início da carreira de Popó ver: PIRES, Aloildo Gomes. Popó, o craque do povo. A trajetória de Apolinário Santana. Salvador: [s.n.], 1999.



Figura 36: Largo da Soledade: um dos locais onde clubes modestos e os ditos meninos vadios jogavam o futebol.

Finalmente, sobre os clubes populares, vale ressaltar que alguns desses não representavam unicamente os grupos mais subalternizados. Alguns poderiam funcionar através de uma reciprocidade entre populares e alguns membros das elites. Por vezes, as sociedades esportivas populares tinham enquanto presidentes ou sócio benemérito algum intelectual, profissional liberal, funcionário público, industrial, grande negociador ou comerciante, que ao gerir o clube conferira a este um status e mesmo aceitação nos meios esportivos mais restritos. Por sua vez, membros das elites sem condições suficientes para avocar uma centralidade nos clubes abastados, assumiam uma liderança nos mais modestos numa tentativa de integração nas rodas esportivas da cidade. Geralmente o papel destes sujeitos enquanto padrinhos era financiar os grêmios pequenos e principalmente dotá-los de uma organização institucional típica das equipas elitizadas. A liderança de membros das elites também beneficiava os clubes populares quando, enquanto dirigentes, constantemente negociavam em alguma medida a participação e inserção de sujeitos populares nos meios esportivos mais restritos.

Talvez, o Ypiranga tenha sido um dos clubes em que a reciprocidade entre elites e populares se revelou de forma mais explícita. A princípio foi fundado com o nome Sport Club 7 de Setembro, em 17 de abril de 1904. Segundo Aroldo Maia:

Quando o futebol ainda engatinhava, rapazes, na sua maioria operários, dada a animação pelo futebol e o aparecimento de novos clubes, resolveram também fundar o seu clube. (..) e reunidos na Loja nº 3 ao Beco da Baleia, na rua da Faisca, distrito da Vitória, levaram avante a ideia e radiantes fundaram o Sport Club 7 de Setembro com as cores preta e branca e após tomarem outras resoluções dentre as quais a de “adquirir uma bola de couro usada, a venda na sede do São Paulo Club e a tratar com Sr. Claudemiro elegeram a primeira diretoria cabendo a presidência ao Sr. Alfredo Dias.¹²⁴

Este memorialista do futebol baiano ainda salientou que o então 7 de Setembro tinha os seus treinos “realizados num terreno baldio ao lado da casa da Baleia e com bola de pano (meia) ou papo de boi e de quando em vez nos terrenos da Companhia de Carruagens da Bahia.”¹²⁵ Em amistosos contra outros times modestos da cidade, o Ypiranga conquistou algumas vitórias, porém por motivos desconhecidos o clube dos estivadores da cidade desapareceu. Só seria reorganizado em 7 de setembro de 1906 no mesmo lugar e “por proposta do Sr. Salvador Chaves é aprovada a mudança do atual nome do clube para o de Sport Club Ypiranga.”¹²⁶

A mudança do nome surtiu algum efeito nos brios dos sócios, que voltaram, com relativa frequência, a realizar partidas nos campos da cidade. Em um desses jogos, enfrentando o Fluminense Foot-ball Club, nas palavras de Alfredo Dias, dirigente do clube, transcritas por Aroldo Maia, “o Ypiranga perdia por de 1x0 quando um pênalti foi marcado contra o Fluminense considerado ilegal pelo mesmo daí o tumulto ocorrido e final do jogo, devido à invasão de campo.”¹²⁷ Mais uma vez, a associação, após outros amistosos, desapareceu das lidas esportivas.

¹²⁴ MAIA, Aroldo. *História do Sport Club Ypiranga*. [s.d.] [s.p.].

¹²⁵ Idem.

¹²⁶ Idem.



Figura 37: Alfredo Dias, o idealizador do Ypiranga. (Acervo Aroldo Maia, s.d.).



Figura 38: Hermínio Rios, Teodoro Costa e Francisco Xavier, dirigentes do Ypiranga. (Acervo Aroldo Maia, s.d.).

O fato do Ypiranga ser reorganizado duas vezes aponta para a dificuldade dos sócios em mantê-lo. Mesmo que o futebol fosse uma atividade passível de adaptações - o próprio Ypiranga, quando respondia pelo nome de 7 de Setembro treinava com bolas de meia e papo de boi – manter a parte administrativa poderia ser custosa para sujeitos que, a princípio, mal tinham condições que comprar uma bola nova.

A sorte do Ypiranga mudaria definitivamente quando, em 10 de fevereiro de 1914, “a mesma panelinha que fundou o S. C. 7 de setembro e depois o transformou em Sport Club Ypiranga reúne-se ainda uma vez no mesmo local e resolve pela terceira vez reviver o Ypiranga.”¹²⁸ Daquela vez, segundo Aroldo Maia, “resolve-se convidar para presidente do clube, um elemento que tenha gabarito e serviços prestados ao esporte, a fim de que não venha o clube novamente a sofrer crises e desaparecimentos.”¹²⁹ O nome escolhido para a presidência do clube foi o Dr. Augusto Maia Bittencourt, ex-presidente da Liga Bahiana de Sports Terrestres e do Sport Club Vitória.

O nome do doutor seria ideal para as pretensões do Ypiranga. Conhecedor do esporte, Augusto Maia tinha condições de organizar a parte administrativa do clube, otimizar custos, entre outras benesses. Uma das primeiras ações do novo presidente, por exemplo, foi pedir a mudança das cores do clube de “verde e amarela para preta e amarela alegando que tem em seu poder lindas camisas de seda, linhas verticais naquelas cores que assim, como medida de economia poderiam ser aproveitadas.”¹³⁰

As previsões de que o clube cresceria com a presidência de Augusto Maia foram confirmadas quando no mesmo ano se filiou à Liga Brasileira de Sports Terrestres, que substituíra a Liga dos Brancos em 1913, vencendo a temporada de 1917 e 1918. Entre 1914 e 1922, período em que foi presidente, Augusto Maia levou o Ypiranga a um nível jamais imaginado entre os seus fundadores. Em um relatório da gestão, entre 1920-1, é possível encontrar alguns dados da sensível evolução do aurinegro. Em relação aos associados, Augusto Maia lembrou em seu relatório que “temos o prazer de registrar o grande número de sócios admitidos em nossa administração que formando ao nosso lado na defesa dos nossos ideais, veio constituir esse inexpugnável baluarte representamos.”¹³¹ Em números, a quantidade de sócios aumentou de 86 para 193.

¹²⁸ Idem.

¹²⁹ Idem.

¹³⁰ Idem.

¹³¹ *Relatório do Sport Club Ypiranga. Gestão 1920 – 21. Salvador, 1921, p. 01.*

No que tange à parte financeira do clube, o presidente relatou que “os dados fornecidos pela tesouraria são, por si só, animadores e bem revelam o critério que caracteriza a nossa administração, convindo notar-se que a receita elevou-se de 5:564\$400 e a despesa foi apenas de 2:353\$000.”¹³² Naquele ano, o Ypiranga “de sociedade com o *club* Yankee, (que foi fundado pelos sobrinho do Dr. Maia) alugamos ao Sr. Juvenal Oliveira um terreno à Rua do Prado – Rio Vermelho pela quantia de 80\$000 mensais, para a construção de um campo de *sport* com arquibancadas, garage, cerca de arame, etc. para os nossos treinos e torneios internos.”¹³³ Por fim, diante do seu prestígio, o Ypiranga recebeu diversos prêmios e mimos, entre eles 8 taças de admiradores, jornais e casas comerciais. Se o relatório daquele ano já mostrava os auspícios do clube, o último ano de gestão de Augusto Maia, em 1922, os avanços continuaram. Transcrevendo as palavras do presidente, Aroldo Maia, o sobrinho do Dr. Maia, informou que:

Deixo o clube em ótimas condições assim é que deixo na Caixa Econômica do Estado em caderneta N° 60688 a quantia de 2:974\$480, em depósito na Liga Bahiana 934\$450 e saldo em caixa 210\$700 - valor de prêmios conquistados 8:710\$000 e em patrimônio de 13:808\$450 que pode ser considerado excelente. O quadro social era de 253 sócios, um dos maiores dos clubes filiados.¹³⁴

Se entre as elites o sucesso meteórico do Bahiano de Tênis encontrava um motivo no fato do clube oportunizar para os seus 600 sócios em 1924 um espaço de luxo, glamour e distinção, o Ypiranga se tornava em uma das principais sociedades esportivas populares, justamente por oferecer um espaço mais aberto em que, guardadas as devidas proporções, os seus sócios poderiam vivenciar sociabilidades como festas sociais e as próprias práticas esportivas. O caráter menos restrito do Ypiranga pode ser observado nos estatutos do clube de 1921. No seu documento oficial consta que era uma “sociedade esportiva, cujo fim é promover, entre seus associados a prática de todos os jogos e exercícios atléticos bem como outras diversões.”¹³⁵ Enquanto uma das fontes financeiras do Bahiano do Tênis era o valor das joias e mensalidades, que custavam respectivamente 50\$000 e 10\$000, no Ypiranga, poderiam ser sócios efetivos “aqueles que, propostos e aceitos, paguem a joia de 5\$000 e a mensalidade de 2\$000 adiantadamente.”¹³⁶ O Ypiranga também tinha alguns rigores, como eliminar do clube “o sócio que, não possuindo idoneidade, foi admitido por falsas

¹³² Idem, *ibidem*, p. 04.

¹³³ Idem, *ibidem*, p. 04.

¹³⁴ MAIA, Aroldo. *História do Sport Club Ypiranga*. [s.d.] [s.p.]

¹³⁵ *Estatuto do Sport Club Ypiranga*. Salvador, 1921, p. 01.

¹³⁶ Idem, *ibidem*, p. 01.

informações”¹³⁷ No entanto, este rigor estava longe das limitações e imposições de sociedades que no valor de suas mensalidades e joias ou nas restrições quanto a associação de negros e trabalhadores subalternizados criavam em seus domínios um espaço de distinção sociorracial.

Além do Dr. Augusto Maia, existiam outros sujeitos que ou geriram ou incentivaram a fundação de clubes menores. Entre eles estavam Arthur Neves Mendes, Anísio Silva e o Sargento Antonio Valverde Velloso. Em novembro de 1914, empolgado com a passagem do navio-escola Benjamin Constant, o Sargento Velloso, em conjunto com outros homens, fundou o Botafogo Foot-ball Club, que teria seu nome mudado para Botafogo Sport Club em dezembro daquele ano. Na década de 1920 este se tornaria em um dos principais clubes da cidade, conquistando alguns títulos e muitos sócios. Em 1923 contava com 435 associados. O Sargento Velloso também esteve à frente de outras associações menores. Para muitos sujeitos que desejavam formar um grêmio e não tinham condições mínimas ou desconheciam os meios burocráticos para certas formalizações, o Sargento Velloso atuava como organizador da vida institucional, oferecendo o seu prestígio e *know hall* para determinadas pessoas.

Nove anos antes da fundação do Botafogo foi a vez de Arthur Mendes, em 13 de maio de 1905, reunir alguns amigos e fundar o Fluminense Foot-ball Club, que assim como o Ypiranga, enfrentou dificuldades para a sua consolidação no cenário esportivo soteropolitano. Segundo Aroldo Maia, em 1908 houve um “desentendimento nas hostes auri-rubras, daí o seu desaparecimento nas canchas da cidade. Meses após, mais uma vez, Arthur Mendes toma a frente e apoio de antigos associados reúne-se no dia 3 de abril, à Rua do Maciel e reorganiza o querido clube.”¹³⁸ Este ainda passaria por algumas dificuldades quanto à sua organização que só seriam definitivamente resolvidas quando Arthur Mendes convidou Anísio Silva, um antigo jogador do São Salvador, para ajudá-lo para organizar o clube. Para Aroldo Maia:

(...) com o seu ingresso no clube, passou o Fluminense por grandes reformas, inclusive passando a ser mais conhecido. Há muito precisava o Fluminense de um *leader*, chamado “dono do clube” acabando com a série de mandantes que tantos prejuízos deram ao clube.¹³⁹

Podemos deduzir que, além oferecer um espaço menos restrito e legítimo para homens mais modestos que desejavam jogar o futebol ou vivenciar as sociabilidades clubísticas, a trajetória do Ypiranga, Botafogo e Fluminense nos serve de exemplo para indagar que alguns sujeitos das elites e classes médias encontravam na presidência ou na benemerência algum protagonismo social através do esporte. Talvez para Augusto Maia e o

¹³⁷ Idem, *ibidem*, p. 08.

¹³⁸ MAIA, Aroldo. *História do Fluminense Foot-ball Club*. [s.d.] [s.p.]

Sargento Velloso, ser líder de um clube de apelo popular poderia ser mais interessante do que ser mais um sócio do Bahiano de Tênis, Associação Atlética ou do Vitória.

Além disso, estes sujeitos poderiam encontrar nos clubes modestos uma forma de vivenciar o futebol que os mais abastados não estavam dispostos. Na década de 1920, principalmente o Botafogo e o Ypiranga se tornariam os clubes de maior torcida de Salvador e sempre os favoritos ao título do principal certame da cidade. Entre 1917 e 1924, o Ypiranga venceu os campeonatos de 17, 18, 20 e 21 e o Botafogo conquistou os títulos de 19, 22 e 24. Vitórias expressivas e a possibilidade de participação negra e popular oportunizavam para os presidentes e pessoas de destaque desses clubes uma visibilidade talvez inalcançável nas agremiações mais abastadas, afinal estas ainda estavam mais preocupadas em distinções do que vitórias a qualquer preço. Por sua vez, o sucesso conquistado pelos dois clubes se dava principalmente por estes aceitarem em seus quadros jogadores de melhor qualidade técnica.

Estas sociedades esportivas também buscaram formar ligas alternativas. Inclusive, o Fluminense, na pessoa de Arthur Mendes, foi um dos primeiros clubes a idealizar, ainda na década de 1900, certames mais populares. Provavelmente em 1905, aquele homem, “divulgando a sua mania de fundar uma Liga para os chamados clubes de cor, foi indicado pela sua Diretoria para providenciar a sua efetivação tendo carta branca para convidar as sociedades que a seu ver estivesse à altura de pertencer a Liga.”¹⁴⁰ Para Arthur Mendes, a formação da uma Liga era necessária uma vez que Liga Bahiana de Sports Terrestre, a chamada Liga dos Brancos, proibia a associação de agremiações menores e que tinha negros em seus quadros. A princípio, o nome da entidade pensada por Arthur Mendes seria Liga Brasileira de Sports Terrestres. No entanto, por motivos desconhecidos, a tentativa de fundar uma nova entidade fracassou.

Em 1907, novamente o Fluminense em conjunto com um esportista de nome Isidoro Cardoso, inicia uma série de reuniões para fundar um certame para os grêmios modestos. Desta vez a iniciativa foi bem sucedida; e com os clubes Vera Cruz e Sul América o Fluminense fundou a Liga Nacional Sportiva. Infelizmente não foram encontradas muitas informações sobre aquela entidade. Pelos jornais foi possível deduzir que os jogos daquele campeonato ocorriam no Largo do Barbalho. De acordo com Aroldo Maia, o Fluminense conquistou aquele certame ao vencer quatro partidas e empatar duas.

¹³⁹ Idem.

¹⁴⁰ Idem.

Em 1907 também encontramos nos jornais a fundação da Liga Itapagipana de Sports Terrestres. Segundo o *Diário de Notícias*, “os clubs Tamandaré, Gragoatá, Vermelho e Olinda reuniram-se em sessão para realização de campeonatos de jogos *sportivos* terrestres.”¹⁴¹ O jogos seriam mandados no Largo do Papagaio.

Na imprensa, tanto a Liga Itapagipana, quanto a Liga Nacional não passavam de notas discretas, quase sempre informando unicamente os resultados dos jogos. Vez ou outra o aspecto da torcida ou do campo era ressaltado. É provável que a inexistência de uma cobertura mais detalhada por parte da imprensa se dava pelo caráter modesto das entidades. Ambas pareciam ter a mesma falta de estrutura que a Liga Bahiana de Sports Terrestres. O Largo do Barbalho, do Papagaio e o Campo dos Mártires não tinham gramado, arquibancadas ou outro tipo de estrutura que oferecesse algum conforto para a torcida e os jogadores. Diferente dos Largos, o Campo dos Mártires e depois o *Ground* do Rio Vermelho eram lugares ambientados pelo escol, pela melhor sociedade soteropolitana que segundo os jornais era o público que embelezava as festas esportivas.

As outras ligas não gozavam do mesmo público da Liga dos Brancos. As notícias sobre as Ligas Itapagipana e Nacional, que já eram poucas em 1907, deixaram de existir por motivos que desconhecemos.

Apesar do possível término das Ligas, a vontade de ter uma competição popular não se encerrou com aquelas experiências. Mais uma vez o Fluminense assumiria a liderança na construção de uma entidade popular, e desta vez o campeonato idealizado não se resumiria em apenas um ano de atividade. De acordo com Aroldo Maia, as primeiras tentativas para a definitiva formação de um certame menos restrito ocorreram em 1912. Em julho o *Diário de Notícias* informava que “no sentido de ser fundada uma nova Liga, foram convidados os *clubs* São Bento, Fluminense, White e Brazil, dependendo das respostas deste *clubs*, a designação do dia para a primeira sessão preparatória.”¹⁴² Ao que parece, seguindo as pistas de Aroldo Maia, a primeira sessão foi realizada em 8 de agosto, no salão nobre do Montepio dos Artífices, juntando-se àqueles clubes o Phebo, Germânia e Olímpico. Naquela sessão, foram determinadas as bases para a criação da Liga. Entre elas podemos destacar:

- a) escolha do Campo da Pólvora para a realização dos matches, devendo ser nomeada uma comissão para se entender com o Intendente Julio Brandão.

¹⁴¹ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 12 de julho de 1907.

¹⁴² Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 11 de julho de 1912.

- e) ter uma casa de preferência nos arredores do Campo da Pólvora para a Garage dos *clubs* coligados.
- f) dar começo ao campeonato logo que a Liga Bahiana termine o seu campeonato.
- h) concorrer cada *club* com a quantia de 100\$000 como joia e 15\$000 mensalmente.¹⁴³

Outras deliberações foram tomadas, porém por motivos desconhecidos a Liga não chegou a realizar o seu certame naquele ano. Seria em 1913 que suas atividades se iniciariam. O Campo da Pólvora, que no ano anterior já havia sido autorizado pelo Intendente para a Liga do Fluminense, estava disponível para a prática do futebol. Desta vez, as intenções para a criação da Liga que teria o nome de Liga Brasileira de Sports Terrestres, contavam com o White, Sul América, Belo Horizonte e Internacional.¹⁴⁴ Ao que parece o São Bento, Brazil, Phebo, Olímpico e Germânia desistiram da ideia.

Possivelmente nas reuniões do Fluminense com os novos clubes houve uma discussão quanto às bases da Liga. No primeiro artigo verifica-se a redução de 100\$00 para 50\$00 o valor da joia. Tal procedimento é um indício da dificuldade financeira destes clubes. Outra informação que aponta as condições econômicas dos clubes pode ser encontrada no quinto artigo que diz “se a Liga no final do campeonato estiver em condições, oferecerá ao *club* vencedor um bronze artístico.”¹⁴⁵ Por fim o oitavo artigo que diz que:

Cada *club* tendo que jogar no campeonato, quer no 1º ou no 2º *team*, forçosamente apresentará a sua equipe, porém nelas só podem figurar 5 jogadores que no presente Campeonato da Liga Brasileira sejam também da Liga Bahiana.¹⁴⁶

Essa determinação revela que alguns jogadores dos clubes menores também participavam da Liga Bahiana, um indicativo de que, a princípio, para certos jogadores, não existia uma distinção entre os clubes populares e os elitizados. Talvez mais do que fidelidade ao clube, interessava mais a estes jogadores a prática do futebol propriamente dita.

Após a definição das bases da Liga, de acordo com Aroldo Maia, ainda existiram algumas reuniões para os acertos finais. Numa das sessões, em de 8 de setembro de 1913, foi eleita a primeira diretoria do Liga Brasileira, e o sargento Antonio Velloso, que fundaria o Botafogo em 1914, foi escolhido o presidente. Pelo que consta, essa decisão contrariou o

¹⁴³ MAIA, Aroldo. *Almanaque Esportivo da Bahia...*, p. 25.

¹⁴⁴ Não confundir com o Internacional fundado pelos ingleses, clube discutido no primeiro capítulo.

¹⁴⁵ MAIA, Aroldo. *Almanaque Esportivo da Bahia...*, p. 25.

¹⁴⁶ Idem, *ibidem*, p. 25.

White que resolveu abandonar a entidade antes mesmo do começo do seu certame. Definitivamente a Liga foi fundada em 14 de setembro, tendo iniciado seus jogos em 28 de setembro, uma data sugestiva. A primeira temporada contou com o Fluminense, Sul América, Ideal e Internacional. O certame terminaria em 29 de dezembro, sendo o Fluminense o campeão.

Pela análise das fontes, ao longo dos anos, percebemos que Liga Brasileira enfrentou os mesmo problemas que a Liga Bahiana. Afinal, jogava nos mesmos lugares que a Liga dos Brancos. No Campo da Pólvora, ocorreram os certames de 1913 a 1916. Neste último ano, em julho, as partidas foram transferidas para o *Ground* do Rio Vermelho, uma vez que o Campo da Pólvora, após muitas reclamações e promessas, seria definitivamente ajardinado. Os problemas estruturais que a Liga enfrentava também eram acompanhados de eventuais irresoluções entre os clubes. Pequenas crises surgiam no seio da entidade, o que causava a desfiliação temporária de algumas sociedades.

Em 1913, por exemplo, por um resultado considerado injusto, o Internacional retirou-se da Liga retornando no certame posterior. Já em 1915 foi a vez do Ypiranga, que filiara-se um ano antes, abandonar a entidade no final do certame, retornando à entidade em 1917.

A princípio, as dificuldades estruturais e as tensões entre os dirigentes e jogadores dos clubes populares nos fazem pensar que no final a Liga Bahiana e a Liga Brasileira tinham muitos aspectos em comum. No entanto, embora convivessem com os mesmos problemas, existiam outras diferenças que distinguiram as Ligas.

Talvez uma diferença significativa fosse que, do ponto de vista da cobertura dos jornais, a Liga Brasileira aparecia muito pouco na imprensa. Em 1913, os jornais até que divulgavam o calendário dos jogos, a ficha técnica das equipes e até algumas crônicas sobre o desenrolar de algumas pugnas. Contudo, nas edições posteriores, paulatinamente, o *Diário de Notícias* e o *Diário da Bahia* já não falavam com uma regularidade razoável dos acontecimentos da Liga. A postura da imprensa revela a resistência em noticiar os jogos de equipes populares, que era corroborada também pelo afastamento das elites do cotidiano esportivo da cidade. Segundo Aroldo Maia:

Com a fundação da Liga Brasileira, idealizada, como já dissemos, por clubes de projeção menor no cenário esportivo da época e constituídos na sua maioria de gente modesta e de cor, os granfinos pertencentes aos ex-clubes da Liga Bahiana

afastaram-se das lides esportivas, sendo raro aquele que despido dessa vaidade, aparecia envergando a camisa dos clubes da Brasileira.¹⁴⁷

Nos certame de 1917, por exemplo, “correu normalmente apesar da má vontade ainda existente nos meios esportivos contra a Liga.”¹⁴⁸ Já em 1918, no *Diário de Notícias*, que se intitulava o órgão oficial dos esportes baianos, referências sobre a Liga Brasileira são praticamente inexistentes.

Vale destacar que, apesar do pouco prestígio, a Liga Brasileira conseguiu manter uma boa regularidade de equipes e partidas nos seus certames. Em algumas edições, tendo clubes desfilados e em outras com o acréscimo de novos, a entidade, entre 1914 e 1919, sempre teve uma quantidade mínima de cinco contendores. Em 1917, um dos anos de menor cobertura da imprensa, a competição contou com seis times e a inédita marca de trinta jogos entre abril e novembro. Naquele ano o campeonato teve a participação do Ypiranga, Botafogo, Fluminense, República, Sul América e Internacional. Tal frequência de partidas era significativamente superior a alguns certames da Liga Bahiana que, embora contasse com cinco clubes nas edições de 1910, 1911 e 1912, teve apenas três disputantes em 1908 e 1909.

Mesmo com o desprestígio entre a imprensa e as elites, a Liga Brasileira se constituía enquanto um espaço efetivo para os clubes médios e populares, com jogadores pobres e negros vivenciarem a dinâmica das competições esportivas assim como ocorria em outras cidades brasileiras.¹⁴⁹ Diferente dos clubes abastados que tinham em suas sedes mais um espaço de sociabilidades esportivas, muitas vezes as associações populares encontravam nos certames o espaço principal para a vivência do esporte. A maioria das sedes das agremiações modestas eram salas, mais utilizadas para reuniões e assembleias. Poucos, como Ypiranga e Botafogo contavam com um espaço privado para a prática dos esportes, que muitas vezes era alugado. A situação dos clubes modestos era bem diferente, por exemplo, das entidades como o Bahiano de Tênis, que tinha quatro quadras de tênis particulares, e o Vitória, que em 1923, tinha o seu campo particular na Quinta da Barra.

¹⁴⁷ MAIA, Aroldo. *Almanque Esportivo da Bahia...*, p. 30.

¹⁴⁸ Idem, *ibidem*, p. 33.

¹⁴⁹ Em Porto Alegre, por exemplo, Gilmar Jesus analisou uma Liga formada por clubes negros. A Liga Nacional de Foot-ball Portoalegrense era conhecida pelo nome de a Liga das Canelas Pretas. Foram encontrados indícios de sua existência na década de 1920. A entidade parece ter sido organizada em contraposição as outras ligas da



Figura 39: Um dos jogos da Liga Brasileira na década de 1910. (Revista *Renascença*, 1917).

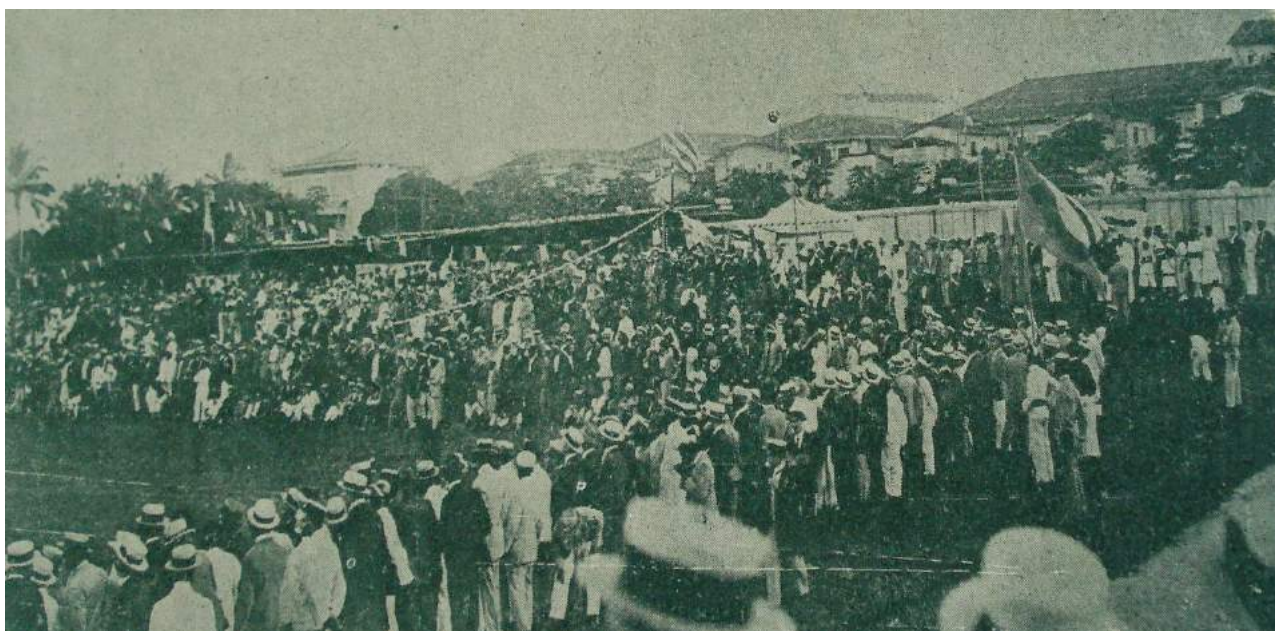


Figura 40: Aspecto de um jogo bem concorrido da Liga Brasileira em 1918. (Revista *Renascença*, 1918).

cidade que proibiam a participação de jogadores negros. Sobre: JESUS, Gilmar Mascarenhas de. O futebol da canela preta: o negro e a modernidade em Porto Alegre. In: *Anos 90*. Porto Alegre, n. 11, 1999.

Finalmente, podemos supor que, ao contrário da Liga Bahiana, as dificuldades estruturais e mesmo os contratemplos entre jogadores, juizes e dirigentes não pareciam se constituir em grandes problemas para a manutenção da Liga Brasileira, o que aponta que os clubes populares poderiam ter referenciais próprios do que seria um campeonato e pareciam conviver melhor com situações que eram inaceitáveis para as elites.

Os jornais só pareciam se preocupar efetivamente com o cotidiano futebolístico da cidade quando havia algum envolvimento dos clubes elitizados. Em três de dezembro de 1914, por exemplo, o Yankee, convidando os clubes Neo-Grego, Associação Atlética, Caixeiral, São Bento e Palmeiras, fundou a Liga Sportiva da Bahia. A princípio os estatutos desta competição eram mais rigorosos que as determinações da Liga Brasileira. A entidade idealizada pelo Yankee cobrava 100\$000 de joia, o dobro do valor da entidade popular. Além disso, o capítulo IX dos estatutos dispunha de uma série de penas que, a princípio, não foram encontrados nas bases da Liga Brasileira. No artigo 46 consta que:

Art. 46. As penas a que ficarão sujeitos os *clubs* coligados serão as seguintes:
 § 1º Multa de 5\$000 a 20\$000
 § 2º Suspensão de dois meses a um ano do campeonato, em que for perpetrado o delito.
 § 3º Suspensão de dois meses a um ano de todos os seus direitos.
 § 4º Eliminação¹⁵⁰

No artigo 47 são apresentadas as condições para que os clubes sofressem as penalidades:

§ 1º Dever dois meses e, sendo disso avisado, não resgatar o seu débito, no prazo máximo de trinta dias.
 § 2º Infringir estes estatutos e as resoluções tomadas pela Liga nos seus casos omissos.
 § 3º Procurar desmoralizar a Liga, não punindo os seus associados que faltas graves cometerem.
 § 4º Contribuir para a ruína da Liga, não concorrendo a dois campeonatos seguidos de um mesmo ramo terrestre.¹⁵¹

É possível que a existência dessas penas se constituísse enquanto uma medida de evitar as pequenas crises que existiam e existiram no seio das outras Ligas da cidade. Podemos supor que na primeira entidade desse gênero em Salvador ou não existiam punições, ou estas não era executadas.

¹⁵⁰ *Estatuto Liga Sportiva da Bahia*. Salvador, 1915, p. 13.

¹⁵¹ *Idem, ibidem*, p. 14.

O certame da Liga Sportiva teve início em 1915 e não foi surpresa a competição rapidamente ganhar a simpatia da imprensa soteropolitana. Diferente dos jogos da Liga Brasileira, as pelepas daquele campeonato eram noticiadas mais detalhadamente. O aspecto da torcida e dos jogadores era mais enfatizado, afinal eram aqueles sujeitos efetivamente os principais responsáveis pelo brilhantismo das festas esportivas e não um bando de trabalhadores de baixa renda, como os estivadores do Ypiranga. Sobre uma partida entre o Sport Club São Bento e Caixeiral Sport Club em um domingo, 27 de junho, o *Diário de Notícias*, informando os acontecimentos do jogo, esperava que “oxalá que os nossos *sportmen* continuem trabalhando para o levantamento do *sport*, para o que muito tem concorrido o Caixeiral Sport Club, como arrendatário do referido *Ground* e a Liga Sportiva da Bahia.”¹⁵² O jornal finalizou a sua crônica com um pedido aos organizadores daquela competição.

Seria uma bela nota conforme já ouvimos em conversa entre alguns *sportmen* que a Liga Sportiva da Bahia promovesse outro campeonato já esse em virtude da grande animação que reina entre os *clubs* coligados e outros que desejam entrar para a mesma liga.¹⁵³

Todavia, o desejo de uma nova edição só ficou na vontade. Em 1916 a Liga Sportiva não realizou outro campeonato, tampouco nos anos seguintes. Na imprensa não foram encontradas referências sobre o fim da Liga. De acordo com Aroldo Maia, “essa Liga realizou dois campeonatos sendo seus campeões a Associação Atlética e o Palmeiras. Não foi adiante. O Yankee, logo no seu 2º jogo deixou a entidade por questões de cor.”¹⁵⁴ Provavelmente o memorialista se referia a jogadores negros que existiam nos outros clubes.

Não foi possível constatar a veracidade da informação do memorialista baiano. Porém, esta adquire uma relevância uma vez que o próprio Aroldo Maia foi um dos fundadores do Yankee e possivelmente ajudou a organizar a Liga Sportiva. Enfim, o fato só reforça a ideia de que o processo de popularização do futebol em Salvador, assim como no Rio de Janeiro, por exemplo, era inevitável. Podemos concordar com a afirmação de Leonardo Miranda quando diz que:

Já no fim da década de 1910 o entusiasmo que ele causava na cidade não permitiria mais aos contemporâneos caracterizá-lo como uma prática restrita ao grupo dos esportistas filiados aos clubes elegantes da cidade. Tornando-se cada vez mais evidente a participação no jogo de negros e operários que se tentava excluir, esse processo teria como consequência mais visível o crescente

¹⁵² Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 30 de junho de 1915.

¹⁵³ Idem.

¹⁵⁴ MAIA, Aroldo. *Almanaque Esportivo da Bahia...*, p. 30.

entusiasmo gerado pelos jogos dos selecionados nacionais formados ainda somente por jogadores do Rio e de São Paulo.¹⁵⁵

Além da prática não ser mais restrita a um grupo ou a uma classe, definitivamente as sensibilidades e sociabilidades oportunizadas pelo futebol já não podiam ser resumidas pelos ideais defendidos pelas elites e os jornais. Nos incidentes ocorridos com Liga Bahiana podemos constatar, de maneira irreversível, que elegância e o brilhantismo das festas esportivas tinham que conviver com outras práticas gestadas por novas representações em torno do esporte. A competitividade no futebol, expressa na vontade de vencer, em passar por cima das decisões dos juízes visando um resultado favorável, era um processo que se tornava inevitável.

A expansão do futebol pela cidade só fez intensificar este processo e os clubes como Ypiranga, Botafogo tinham tanto interesse em vencer os campeonatos quanto oferecer aos seus sócios um espaço lúdico. Não foi a toa que entre 1917 e 1924 estes dois clubes só deixaram escapar o certame de 1923, vencido pela Associação Atlética, que naquela temporada reforçou seu time trazendo elementos de outros clubes. Enfim, principalmente na década de 1920, os clubes constantemente procuravam trazer para o seu quadro de sócios elementos que pudessem fortalecer o time, um fenômeno que seria chamado de cavação.¹⁵⁶

Atitudes como não participar do campeonato, ignorar a existência de uma Liga mais popular ou mesmo louvar a criação e incentivar a continuidade de uma entidade aparentemente mais restrita eram medidas tomadas pela imprensa e clubes elitizados que não conseguiam conter a expansão do esporte pela cidade e, sobretudo, a ampliação dos sentidos do que deveria ser um grêmio esportivo, uma Liga ou o próprio futebol.

Enfim, se em 1912 clubes como o Vitória e o São Salvador abandonaram o futebol nos espaços públicos por não se sujeitarem as novas sensibilidades do futebol, as elites, através dos clubes, jogadores, dirigentes e jornalistas que se aventuravam nos meios esportivos em uma tentativa de resgatar os ideais almejados ainda nos tempos de Zuza Ferreira, se deparavam com uma realidade irreversível. Se desejavam voltar a ter uma participação expressiva no cotidiano futebolístico da cidade, agora teriam que conviver com a expansão do futebol e dos seus sentidos.

¹⁵⁵ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania...*, p. 16.

¹⁵⁶ As cavações eram as tentativas de transferir um jogador de um clube para outro. Não só os clubes populares quanto os clubes elites passaram a praticar a cavações, sobretudo na partir de 1920. Sobre as cavações, conferir o quarto capítulo.

As elites resolveriam topar este desafio quando gradativamente retornaram ao futebol, em 1919, através da Liga Brasileira que a imprensa tanto ignorava. Mas isso é outra História que veremos no próximo capítulo.

CAPÍTULO 4 – NEGOCIAÇÃO E CONFLITO: DO RETORNO DAS ELITES A NOVA FASE DO FUTEBOL SOTEROPOLITANO.

Neste capítulo discutiremos o retorno das elites à prática do futebol em campeonatos e de como elas, em conjunto com as camadas populares, conflituosamente formaram uma nova Liga de futebol em Salvador. Vimos no capítulo anterior que os clubes abastados deixaram de participar de competições públicas de futebol em Salvador, o que contribuiu para uma consolidação do jogo de bola entre as camadas populares, que desde 1905 realizavam inconstante e irregularmente campeonatos de menor expressão. Porém, quando em 1920 o futebol já estava em um novo momento, as elites buscaram voltar a participar de torneios. Aqui investigaremos em que termos ocorreu este retorno, principalmente através da construção do Campo da Graça. Após a formação do campeonato em conjunto com os clubes populares da Liga Brasileira, as várias tentativas das elites de criarem uma hierarquia entre as agremiações maiores e menores através do surgimento de divisões na liga, de punições excessivas aos clubes pequenos e críticas gerais a jogadores e clubes populares.

Renascença?

No futebol soteropolitano, o ano 1918 parecia começar sem grandes novidades em relação aos anteriores. Mais uma vez a Liga Brasileira se preparava para organizar o seu certame, a sexta edição precisamente. Naquele ano marcaram presença o Internacional, Ypiranga, Sul América, Botafogo e Fluminense. Apesar de vinte partidas disputadas entre maio e novembro, novamente os principais jornais, outrora habituados a cobrir o cotidiano futebolístico, muito pouco informavam sobre a situação do campeonato, a disputa pelo título ou qualquer outra coisa. No *Diário de Notícias* e *Diário da Bahia*, por exemplo, foi muito difícil encontrar uma nota que relatasse ao menos o resultado de alguns jogos. Para Aroldo Maia, “o desenrolar dos jogos foi cheio de irregularidades, daí uma série de crises e injustiças que quase dão em resultado a dissolução da entidade.”¹ Talvez por isso os grandes jornais, que já não eram muito simpáticos à Liga Brasileira, resolveram, mais uma vez, fechar os olhos para aquela.

Porém, neste ambiente contrastante, de muitas partidas e pouca cobertura, existiu espaço para a publicação de uma notícia que em um pouco tempo iria alterar o cenário do futebol na cidade. Publicada nos jornais *Diário de Notícias* e *A Tarde*, em 11 de outubro, ela

¹ MAIA, Aroldo. *Almanaque Esportivo da Bahia...*, p. 36.

vinha acompanhada respectivamente dos títulos: “Um grupo de distintos moços pretende reviver o foot-ball e O Sport Renascerá na Bahia.” No primeiro periódico, constava a seguinte informação:

Anos passados, os *sports* na Bahia chegaram ao apogeu de grandeza. O *foot-ball*, as regatas, feitos por *clubs* formados com rapazes distintos, tinham toda a influência e atestavam o gosto quase fanatismo (sic) do povo baiano, por esses divertimentos.

Em outros lugares, na Europa, na América, no Sul do país, e há pouco, o Senado peruano votou uma lei neste sentido, os *sports* têm o auxílio oficial e, com a vontade popular, que se arrefece, vivem longamente, progridem, desenvolvendo os seus cultores que se tornam forte para o país.

Na Bahia, dá-se o contrário: falta-lhe o auxílio e daí o enfraquecimento bem como, talvez, de todos os *clubs*, mesmo daqueles que se julgam fortes para continuar o caminho e que tantos aplausos receberam, quer nas pugnas das diversões terrestres, quer nas lutas sobre as águas mansas da enseada de Itapagipe.

Pois bem.

Agora, um grupo de moços da nossa melhor sociedade quer fazer reviver o foot-ball, e iniciando já o seu trabalho, pretende comprar um terreno na Graça, que só presta admiravelmente para isto.

Falta o seu beneficiamento para os jogos e para o público, com os melhoramentos que lhe são indispensáveis.

E para isso que esses cavalheiros vão recorrer à capitalistas desta praça para aceitarem a hipoteca do referido terreno a fim de que eles lhe possam dar o beneficiamento imprescindível e as construções necessárias a fim de que a Bahia possua um local próprio para as referidas diversões.

Por certo que os capitalistas baianos, atenderão a esses moços bem intencionados e progressistas, e os poderes públicos não se demorarão também em auxiliá-los para a realização desse projeto.²

Por sua vez, o *A Tarde* já relatava a existência de uma comissão responsável pela construção de uma nova praça esportiva:

Felizmente surgem promissores indícios de uma reação salutar tendente ao renascimento do esporte baiano. Está a frente dessa campanha verdadeiramente patriótica - já é sedição (sic) que o *sport* é uma escola de cultura física e cultura moral - um grupo de moços prestigiosos na nossa sociedade entre os quais os Srs. Agenor Gordilho, Antonio Fernandes Dias, Dr. Mario Tarquínio e Manoel Cerqueira Conde.

Já anteontem a Comissão este no conselho Municipal solicitando dos srss. Edis a inclusão no futuro orçamento de um dispositivo isentando de impostos a Liga do Bahiano de Tênis.

Outra démarche com o mesmo objetivo e com inteiro êxito já assinala a sua ação. Assim é que estamos seguramente informados, a Comissão está negociando a aquisição de um vasto terreno que destina aos *sports* terrestres.³

Pela leitura das notícias, inevitavelmente, a primeira pergunta que fazemos é porque estes jornais trataram a iniciativa dos moços prestigiosos como o renascimento do futebol? Renascer os esportes ou reviver a prática são expressões que nos levam a entender que para os

² Jornal *A Tarde*, Salvador, 11 de outubro de 1918.

³ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador 11 de outubro de 1918.

jornais o jogo de bola em Salvador havia “morrido.” Todavia, na realidade, não era o que se via na cidade. Embora a Liga dos Brancos fosse extinta em 1912, até a publicação destas notícias, a capital baiana em nenhum momento deixou de ter campeonatos de futebol. Até então a Liga Brasileira já havia realizado cinco edições do seu certame e mesmo com altos e baixos, desfiliações e ingressos de novos clubes, matinha uma boa regularidade de jogos.⁴ De fato, do ponto de vista estrutural, a entidade enfrentava muitos problemas semelhantes, mas aos da chamada Liga dos Brancos. O curioso é que o colunista do *Diário de Notícias* chama a organização do futebol por esta Liga, que convivia com dificuldades estruturais e crises políticas muito parecidas com as da Liga Brasileira, enquanto o apogeu do jogo em Salvador.

A ideia de que o futebol teve dias de glória em um passado recente e por isso necessitava renascer pode ser compreendida dentro de um contexto de tentativa de retomada da liderança das elites no que tange à sua organização em Salvador. Se este teve grandes momentos, foi porque aquele grupo o liderava. Se havia morrido, foi por abandono destes mesmos sujeitos.

Se voltarmos ao segundo capítulo, veremos que o retorno dos clubes abastados aos campeonatos de futebol em paralelo à construção do Campo da Graça em parte ocorreu pelo fato de que no final da década de 1910 os esportes adquiriam uma centralidade na sociedade, por materializar os ideais eugênicos de uma raça forte e do desenvolvimento do corpo.⁵ Nas próprias notícias acima a ideia de reviver o futebol ou esporte se dava pela necessidade do seu cultivo na busca pelo aperfeiçoamento dos homens que serviriam ao país. Além disso, a construção de uma nova praça para um determinado setor da sociedade parecia ser uma tentativa da cultura esportiva acompanhar a reformas urbanas da cidade, que na construção de avenidas e praças oferecia novos espaços de sociabilidade para a população.

Contudo, o retorno das elites na participação de campeonatos não equivale dizer que no momento posterior ao seu abandono o futebol inexistiu na cidade. Se nos anos 1290 o jogo poderia ter um propósito eugênico e progressista, ele também já estava muito popularizado e imbuído de variadas representações. Basta observar na discussão do terceiro capítulo que o futebol foi rapidamente incorporado ao cotidiano da população pobre da cidade, que o praticava nas ruas, fundava clubes e ligas modestas, dando continuidade ao esporte na cidade com novos sentidos.

⁴ Sobre a Liga Brasileira ver o terceiro capítulo.

⁵ SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo: sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992; SEVCENKO, Nicolau. "Futebol, metrópoles e desatinos" in: *Revista USP: Dossiê Futebol*. Número 22, 1994.

Diante disto, nos parece que a ideia de renascença indica a tentativa de deslegitimar a prática do futebol pelos populares. Podemos interpretar também que reviver o jogo aponta para a tentativa de uma parcela das elites, sobretudo as intelectuais, de recuperar um sentido para o esporte que parecia perdido: o refinamento e a civilidade, e agora com o ideal eugênico. Finalmente o discurso da imprensa era uma estratégia visando retomar a liderança ou, no mínimo, uma centralidade quanto à organização de campeonatos por parte das elites.

Vale ressaltar que aos jornais já haviam iniciado este processo ao não cobrir cotidiano esportivo da Liga Brasileira nos anos anteriores. Ademais, no decorrer de algumas edições, costumavam criticar o estado do campo do Rio Vermelho. Em notícia transcrita por Aroldo Maia, um jornal chamava atenção das condições da garage, uma espécie de vestiário da época, na edição de 1918:

Chamamos a atenção dos Srs. Anísio e Bompert para o estado em que se encontra a Garage do *ground* da Liga. Se não tomarem já as devidas providências teremos o desprazer de ver os *players* em pleno campo trocando os uniformes. Não queiram, pois transformar o *ground* de futebol em CINEMA.⁶

Seguramente, a tentativa dos moços prestigiosos em reviver o futebol passava pela definitiva construção de uma praça esportiva adequada. Desde o início do século XX, os amistosos e torneios realizavam-se em condições estruturais mínimas. Diante desta realidade, para os clubes abastados um estádio representava um grande diferencial em relação aos certames realizados pela Liga Brasileira. Além disso, a construção de uma praça esportiva seria uma tentativa do futebol da cidade acompanhar as realidades de outros estados, sobretudo do Rio de Janeiro que gradativamente construíam praças esportivas maiores. Por conta da realização do III Campeonato Sul Americano, o Fluminense, com apoio do governo federal modernizou o seu estádio em uma grande reforma.⁷

A iniciativa para a construção do Campo da Graça coube principalmente ao Bahiano de Tênis, acompanhado do Vitória e da Associação Atlética. Não foi surpresa que Mario Tarquínio, então presidente do alvinegro, liderasse o processo. Afinal, o engenheiro, um ano antes, inaugurava a primeira sede do seu clube, iniciando um movimento do que deveria ser um clube esportivo entre as elites. Para sua materialização foi necessária a criação de uma Sociedade Capitalista denominada, de A Desportiva Bahiana S.A. Esta foi idealizada e

⁶ MAIA, Aroldo. *Almanaque Esportivo da Bahia...*, p. 37.

⁷ Para a realização do III Campeonato Sul Americano o Fluminense reformou o seu estádio que passou a ser de concreto com a capacidade 18000 pessoas. Há informações que foram gastos cerca de 840:717\$701 para sua construção. Para mais informações ver: SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. *Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e a inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915 – 1934)*. Tese (Doutorado em História) FFLCH, USP, 2010.

dirigida pelos Srs. Alberto Morais Catharino, Arthur Rodrigues de Morais e Agenor Gordilho. Inicialmente, os diretores trataram de comprar um terreno situado na Graça, precisamente na esquina da Avenida Euclides da Cunha com a Rua Catarina Paraguaçu. Segundo o relatório da direção, publicado na Revista *Semana Esportiva*, o valor deste terreno estava calculado em 150:000\$000.⁸ Além desta despesa, ainda foram gastos 8:500\$000 para a compra de outro terreno e 58:000\$000 para a construção do estádio propriamente dito, que seria de responsabilidade a Companhia Serraria e Construções. Não sabemos ao certo a capacidade do público, mas há registros de jogos com mais de 10000 pessoas divididos em gerais e arquibancadas. Pelas fotos da época, o estádio era construído em madeira e as arquibancadas não circundavam todo o campo, mas apenas uma lateral dele.



Figura 41: Inauguração do Campo da Graça. (Jornal Diário de Notícias, 1920).

Nos jornais é possível perceber que o grande trunfo dos clubes abastados não seria apenas a construção de uma praça esportiva adequada, mas, sobretudo, a formação de uma nova Liga. Provavelmente, as elites e a imprensa imaginavam que estes fatores contribuiriam para o decisivo desprestígio da modesta Liga Brasileira, que fatalmente cairia em esquecimento.

Contudo, a tarefa das elites não seria nada fácil. O jogo de bola já estava bem difundido na cidade, verificando-se uma existência considerável de clubes modestos, além da própria Liga Brasileira, principal responsável pela manutenção do futebol institucionalizado

⁸ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, nº 2, 17 de abril de 1921.

em Salvador. Se os jornais entendiam o movimento das agremiações elitizadas como o renascimento do futebol, é porque o Vitória, o São Salvador, o Itapagipe, entre outros não participavam das competições. Finalmente, o público espectador das pugnas da Liga Brasileira não se tratava daquele considerado a melhor sociedade soteropolitana, mas sim de uma população muito heterogênea. Se já não bastasse a definitiva popularização do futebol enquanto um empecilho para a retomada da liderança esportiva pelos clubes abastados, existiam outros entraves que dificultavam este movimento. Vejamos alguns deles.

A princípio, segundo Aroldo Maia:

Não sabemos por que o motivo sem ninguém esperar, na reunião de 11 de outubro, da Liga Brasileira, justamente no dia em que horas antes o A Tarde publicava o artigo bomba do renascimento dos esportes, seus dirigentes apresentavam a seguinte proposta “Propomos que seja doravante denominada Liga Bahiana de Desportes Terrestres, a atual Liga Brasileira de Sports Terrestres.” Dizem que foi um golpe na futura Liga do Bahiano de Tênis, que naturalmente tomaria o nome da ex Liga Bahiana...⁹

Podemos imaginar que usar aquele nome não significava apenas assumir uma denominação que supostamente seria usada pela futura entidade, organizada pelo Bahiano de Tênis. A atitude pode ser compreendida como revestir-se de uma identidade de afirmação dentro do campo esportivo soteropolitano. A mudança de Liga Brasileira para Liga Bahiana poderia significar um aviso para os meios esportivos da cidade de que a entidade estava ativa e continuaria a sua existência apesar de ser constantemente boicotada.

A mudança de nome pode ter representado um ato simbólico, mas existiu outro movimento mais concreto no sentido da Liga manter, no mínimo, uma importância no cenário esportivo de Salvador. Tratou-se do convite feito por Anísio Silva, em fevereiro de 1919, ao Botafogo Foot-ball Club do Rio de Janeiro para a disputa de jogos amistosos contra um combinado de jogadores da Liga Brasileira. O clube que voltava de Recife para o Rio de Janeiro parou em Salvador e assim o convite foi feito. De acordo com Aroldo Maia, “apesar de ser realizado esse jogo em dia de semana, uma segunda feira, a assistência foi calculada em mais de 4000 pessoas.”¹⁰ Em alguns jornais não houve uma ampla cobertura, a não ser no dia do jogo. O *Diário de Notícias*, por exemplo, destacava a presença de “famílias, cavalheiros, senhoras e senhorinhas da nossa sociedade.”¹¹ Porém, o jornal dedicou uma boa parte da notícia para comentar o resultado do jogo, 7 a 1 para os botafoguenses:

⁹ MAIA, Aroldo. *Almanaque Esportivo da Bahia...*, p. 40.

¹⁰ Idem.

¹¹ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 18 de fevereiro de 1919.

Não se deve censurar o mal jogo dos nossos *foot-ballers*. Não poderiam jogar mais do que os cariocas, pela simples razão de que a Bahia esportiva de há muito é um espectro, e não seria capaz de dar coisa melhor do que deu.

Pena é que tivéssemos feito tão triste figura, contra uma equipe magnífica, simétrica, harmônica, desenvolvendo contra ela um jogo individual de quarta categoria.

Enfim, uma partida que nos deixou abatidos no nosso amor próprio de baianos, porque nunca se deu aqui um resultado tão eloquente contra os nossos créditos esportivos.¹²

Ao pedir que o jogo dos baianos não fosse censurado, o jornal parece fazer uma crítica à qualidade dos jogadores. A goleada sofrida pela equipe baiana era consequência do estado em que se encontrava o futebol, baiano sem estrutura e sem qualidade alguma, enfim, mais um motivo para que as elites voltassem a liderar aquele esporte.

Entretanto, a derrota também trouxe resultados positivos, pois a visita do Botafogo acabou aproximando as Ligas da Bahia e do Rio de Janeiro. Segundo Aroldo Maia, transcrevendo uma nota de um vespertino da cidade:

A delegação do Botafogo que aqui passou há alguns dias tendo disputado um match amistoso com um combinado baiano, desvanecida do cordial acolhimento dos players, de volta ao Rio propôs à Liga Metropolitana a filiação da Liga Bahiana constituída pelos *clubs* esportivos desta capital. Se esta auspiciosa notícia se confirmar e a Liga Bahiana entrar para a grande confederação esportiva, teremos o ressurgimento do *sport* bretão na Bahia, sustentado ainda graças aos esforços de um grupo de aficionados.¹³

Esta possibilidade era um passo importante para que a agora Liga Bahiana representasse a Bahia esportiva no cenário nacional. A Liga Metropolitana de Desportos Terrestres que organizava o principal certame do Rio tinha estreitas relações com a recém-criada Confederação Brasileira de Desportos, incumbida de gerir o esporte nacional.¹⁴ Ao estabelecer uma relação com a entidade carioca, os esportistas baianos abriam um caminho para que a Liga da cidade se filiasse a CBD, o que representava um significativo avanço do esporte baiano, pois passaria a manter um diálogo com a Confederação que fora fundada com o objetivo de organizar o esporte nacional. A possibilidade de filiação da Liga Bahiana também indicava que, por mais que existissem ligas paralelas na cidade, a entidade responsável por representar o futebol baiano no país seria aquela Liga. Enfim, este fato contribuiria muito para que a modesta organização tivesse uma importância relevante no cenário futebolístico soteropolitano.

¹² Idem.

¹³ MAIA, Aroldo. *Almanaque Esportivo da Bahia...*, p. 41.

¹⁴ Sobre o surgimento da Confederação Brasileira de Desportos Terrestres ver: SARMENTO, Carlos Eduardo. *A regra do jogo: uma história institucional da CBF*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

Podemos imaginar que tal ocorrência, fez no mínimo com que os idealizadores do Campo da Graça repensassem a ideia de formar uma nova Liga na cidade. Não adiantaria ter uma entidade mais prestigiada, estrutural e financeiramente mais organizada, mas que oficialmente não representasse a Bahia. Talvez por isso que, em 27 de junho de 1919, no Clube Euterpe, tenha ocorrido uma reunião entre os organizadores do Campo da Graça, “ficando resolvido um entendimento com os dirigentes da Liga Bahiana no sentido de transferência para o novo campo a disputa, aceitando, porém, como seus filiados, novos clubes e criação de divisões se preciso fosse.”¹⁵ Esta proposta foi aceita pela Liga Bahiana e assim novas agremiações filiaram.

A agora Liga Bahiana que, em 1919, contava com o Botafogo, Internacional, Fluminense, Associação Atlética, Ypiranga e Sul América passou a ter a presença do Santa Cruz, Bahiano de Tênis, Nacional, Vitória, Yankee, Itapagipe e São Salvador. Como a temporada estava em andamento, os novos clubes filiados só participariam de um certame no ano seguinte, quando seria inaugurado o Campo da Graça.

Enfim, as agremiações das elites que desejavam retomar a liderança do futebol na cidade e para isso contavam com a simpatia da imprensa, que desprestigiava a ex Liga Brasileira, tiveram que lidar com um cenário que não imaginavam. Por mais que a Liga fosse organizada por clubes modestos e muitas vezes sem condições financeiras, era aquela que mantinha a regularidade da prática do futebol institucionalizada em Salvador através dos seus campeonatos.

A vontade das elites tinha que enfrentar uma realidade que parecia intransponível. Com isso buscaram novas estratégias de se firmarem na liderança do futebol baiano. Se não conseguiam organizar o futebol na cidade sem a presença dos clubes populares, ao menos tentaram monopolizá-lo.

1919: um ano decisivo

Com a questão aparentemente resolvida na reunião de 27 de junho, o certame de 1919 continuou. No que tange a sua divulgação nos jornais, o torneio foi bem noticiado. Não saberíamos dizer precisamente o que fez a imprensa voltar a cobrir sistematicamente a competição. Preferimos investir em um conjunto de fatores.

Não necessariamente em ordem de importância, o primeiro deles se refere ao já salientado contexto pós-guerra de valorização da estética corporal, do desenvolvimento físico. Significativo neste sentido foi um extenso editorial publicado no *Diário de Notícias* sobre a

¹⁵ MAIA, Aroldo. *Almanaque Esportivo da Bahia...*, p. 43.

importância da educação física e dos esportes. Em uma passagem se diz que a “prática do desporto, hoje, se impõe a todo jovem como uma necessidade de seu organismo, do hábito, da vida, enfim da razão de ser de sua própria existência.”¹⁶ Ao finalizar o texto lembra que “é, portanto, tempo que os poderes públicos se preocupem mais com as questões vinculadas à educação física para que possamos ser futuramente uma nação de homens válidos, fortes e aptos para raciocinar contra a degeneração e vício, pela Pátria.”¹⁷

Um segundo motivo é que as elites podem ter se empolgado com as notícias do “renascimento do futebol”, e assim voltaram a frequentar as partidas, o que possivelmente contribuiu para que a imprensa voltasse a noticiar o andamento dos jogos. Um exemplo disso foi a filiação da Associação Atlética, composta pelo chamado escol da sociedade. Em alguns jogos, os grandes jornais pareciam associar o ressurgimento do futebol na cidade pelo fato das senhorinhas e homens de posição social voltarem a compor o público espectador:

Ainda bem que o *foot-ball* na Bahia volta a ser o que era há anos atrás. O match do campeonato ontem realizado no *ground* da Liga, ao Rio Vermelho, nos deu a esperança de, em breve, veremos o *foot-ball*, entre nós desenvolvido como no Rio e em São Paulo, constituindo uma obrigação *chic* da nossa elite a sua assistência aos domingos. Os veteranos trabalham ativamente para, no princípio do próximo ano, inaugurar o Campo da Graça, e aqueles que consideram o desporto na verdadeira acepção da palavra devem cooperar com todas as suas forças para o progresso do mesmo.¹⁸

Finalmente, um último motivo, talvez um dos mais relevantes e que também pode ter sido a causa do retorno sistemático das elites aos campos de futebol foi a realização do III Campeonato Sul Americano de Futebol, em maio, no Rio de Janeiro. Reunindo as seleções do Brasil, Argentina, Uruguai e Chile, a vitória da competição coube à seleção brasileira que naquele momento ainda era composta apenas por jogadores de São Paulo e Rio de Janeiro. Apesar deste fato, ao menos em alguns órgãos da imprensa de Salvador, a vitória brasileira, em alguma medida, representava o progresso do país. Alguns diários soteropolitanos, por exemplo, publicavam sistematicamente o andamento do Campeonato, vibrando efusivamente a cada vitória dos brasileiros.¹⁹ Desta forma, é possível observar que através do campeonato, o futebol se constituía enquanto um elemento de constituição de identidade do país, ainda que multifacetada ambivalente e contraditória.²⁰ Um atenuante deste processo foi o fato de um

¹⁶ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador 08 de setembro de 1919.

¹⁷ *Idem*.

¹⁸ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 28 de julho de 1919.

¹⁹ Alguns jornais de Salvador como o *Diário da Bahia* e *Diário de Notícias* (edição de 27 de maio de 1919) informavam a presença de 50.000 pessoas na final do Campeonato entre Brasil e Uruguai.

²⁰ Sobre o III Campeonato Sul Americano sugiro: FRANZINI, Fábio, *As raízes do país do futebol: estudo sobre a relação entre futebol e a nacionalidade brasileira 1919-1950*. Dissertação (Mestrado em História Social) –

jornal argentino ter afirmado que o Brasil só vencera a Argentina na semifinal por ter contaminado a comida dos seus jogadores. Tal acusação casou grande revolta no Rio de Janeiro e também na imprensa de Salvador, o que pode ser um indício de como o futebol adquiriria um potencial na formação de uma identidade nacional.²¹

Consequentemente podemos dizer que a conquista brasileira dentro de um contexto de exaltação de uma nacionalidade tenha entusiasmado certos grupos da cidade no envolvimento com o futebol. Um episódio que corrobora a nossa hipótese foi a ocorrência de uma partida entre universitários da Faculdade de Medicina. O jogo seria entre os alunos do sexto ano contra os do quinto, a convite dos primeiros. Para conclamar os seus colegas para o amistoso, os alunos publicaram nos periódicos a seguinte mensagem:

Ilmos, exmos, Srs. Drs. Do 5º ano médico: Seus colegas da 6ª série médica, contaminados pela epidemia reinante do *foot-ball*, entusiasmados pelo último sucesso, desafiam os simpáticos colegas da 5ª série para um encontro *footballesco*.²²

Entre outras informações, como a escalação do time do sexto ano, que tinha nomes relacionados à medicina,²³ existia a recomendação de “dieta absoluta de *foot-ball* aos que fizerem parte do *team* até o dia do encontro.”

Independente do grau de importância dos fatores descritos acima, o fato é que a junção deles fez com que a imprensa em diferentes momentos da temporada voltasse a noticiar o futebol na cidade e até de um modo que nunca fizera antes. O *Diário Notícias*, por exemplo, inaugurou um secção esportiva nas sua páginas. Até então, as notas de futebol, remo entre outras atividades eram noticiadas nas colunas sociais. Quando da inauguração da coluna, o jornal disse:

O *Diário de Notícias*, de hora em diante, no intuito de levantar o nível dos nossos *sports* abre em suas colunas uma secção *sportiva*.
Rogamos a diversos *clubs* da cidade e à Liga dos Sports Terrestres o favor de nos enviar as decisões por eles tomadas e que digam respeito ao *foot-ball* e às suas organizações.
Mas, para que ressurja aqui o *foot-ball*, como ele deve ser praticado é mister um campo decente, que absolutamente nos falta.
A Liga tem obrigação, dever de concertar o *ground* do Rio Vermelho.
Precisam-se ali, urgentissimamente, de obras que tornem esse nosso campo capas de nele se jogar e de assistir, confortavelmente os *matches* disputados.
Aquilo anda à revelia.

Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000. PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania...*, p. 134 – 154.

²¹ Sobre a polêmica com o jornalista argentino o *Diário de Notícias*, na edição de 04 de agosto de 1919 dedicou um bom espaço na sua secção desportiva para comentar os insultos.

²² Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 20 de agosto de 1919.

²³ A escalação do time era a seguinte: Placenta Previa, Uremia, Meningite, Fibroma, Sarcoma, Abscesso frio, Concansa, Matrimônio, Perícia, Psychastenia, Delírio tremens.

Nem mais existe o arremedo grosseiro de arquibancada que lá havia.
 Tudo derruiu, acabou tudo.
 Quando chove, o campo torna-se um verdadeiro charco, desapareceu o nivelamento, há já falhas escandalosas na garage.
 Todas essas coisas reclamam um reforma urgente, que se poderá levar a efeito, com relativa facilidade, dede que haja boa vontade por parte da Liga e de seus associados.
 É não esmorecer. Daqui dirigimos um apelo à Liga para se começar já esse trabalho e com este o ressurgimento do *sport* bretão na Bahia.²⁴

Como se pode ver, o jornal não deixou de criticar a Liga popular por não oferecer aos jogadores e a torcida um espaço minimamente estruturado para a prática do futebol.

Outra ação, do diário que demonstra a sua preocupação em se envolver mais intensamente com o futebol foi a colocação de um placar no relógio de São Pedro que informaria o resultados dos jogos do certame:

O *Diário de Notícias* vai instalar em São Pedro, informando o movimento dos *matches* de *foot-ball* aos domingos, durante os mesmos.
 A exemplo do que se faz no Rio de Janeiro e em São Paulo, este Diário vai montar em São Pedro, no relógio da Avenida, um grande *placard* preto com um telefone direto do *ground* do Rio Vermelho a fim de ir informando ao público da cidade o movimento técnico do match do dia.
 O nosso repórter desportivo do *ground* telefonará para o nosso empregado, junto ao *placard*, em São Pedro e este escreverá no mesmo as informações que for recebendo.
 Quem por qualquer circunstância não puder ir ao Rio Vermelho da cidade saberá do movimento do *match* do dia, exatamente como se estivesse assistindo o jogo.
 Estamos em combinação com o ilmo Sr. Dr. João Noronha Santos, digno diretor da Companhia Linha Circular e influído *sportman* sobre a ligação telefônica.²⁵

O estreitamento dos laços dos jornais com o futebol também pode ser compreendida na própria dinâmica da imprensa da cidade, que a partir da década de 1910 se inseria em um processo de modernização. Neste momento os periódicos passaram a serem entendidos não apenas enquanto um veículo informativo, mas, sobretudo enquanto empresas comerciais preocupadas de alguma forma com a lucratividade, um processo que ocorria em outras capitais do país.²⁶ Em 1912, por exemplo, surgia em Salvador o jornal *A Tarde* com uma diagramação diferenciada e inovações como a publicação sistemática de fotografias.

²⁴ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 22 de maio de 1919.

²⁵ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 29 de setembro 1919.

²⁶ Sobre o processo de modernização da imprensa sugiro: SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. SUSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de letras. literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987; MARTINS, Ana Luiza e DE LUCA, Tânia Regina. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Contexto, 2008. Embora não se debruce sobre a modernização da imprensa em Salvador vale a pena conferir: SANTOS, José Wellington Aragão. *Formação da grande imprensa na Bahia*. Salvador, 1985. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) — FFCH, UFBA, 1985. Sobre a modernização da imprensa a sua relação com o futebol sugiro: BOTELHO, André Ricardo Maciel. *Da geral a tribuna, da redação ao espetáculo. A imprensa esportiva e a popularização do futebol no Rio de Janeiro (1894 – 1919)* Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, 2005.

É provável que a volta de um maior envolvimento da imprensa com futebol, de forma mais detalhada e especializada, talvez fosse uma estratégia visando uma maior rentabilidade nos negócios, uma vez que a demanda por informações sobre o futebol crescia consideravelmente.

Embora a grande maioria da população fosse analfabeta, as inovações tecnológicas e sensoriais promovidas pela imprensa permitiam uma maior aproximação dos iletrados com os jornais e revistas, uma vez que nestes eram presentes uma série de imagens, charges e caricaturas. Por fim, às estas inovações alia-se o fato de que no período se tornava comum a leituras dos jornais em voz alta, que aproximava ainda mais a população analfabeta e interessada por novas informações, sobretudo, ligadas ao futebol.²⁷

Expressivo neste sentido foi a criação, em 1921, da Associação Bahiana de Cronistas Desportivos que reunia os cronista do gênero dos principais diários e revistas de Salvador interessados em difundir e propagar uma cultura esportiva na cidade.

Neste mesmo contexto, vale lembrar o surgimento da Revista *Semana Esportiva*, em 1921, que consolidava definitivamente o interesse da imprensa pelo esporte na cidade.²⁸ Dirigida por Celestino Britto, custava \$300 e era um periódico especializado, ricamente ilustrado, que continha notícias, diversas entrevistas com *sportmen*, charges, crônicas entre outros elementos.

No contexto de emergência de uma imprensa esportiva relativamente especializada, a princípio, em 1919, o que mais chama a atenção na cobertura de determinados periódicos foi uma preocupação com a criação ou retomada de uma cultura esportiva de respeito e educação entre torcedores e jogadores.²⁹ Não raramente, há uma crítica sobre o estilo de jogo muito violento de um jogador ou comportamento hostil da torcida. Parece que os diários e semanários buscavam recuperar uma sensibilidade que eles acreditavam que outrora existiu no futebol soteropolitano. Afinal um dos princípios amadorísticos do *sportman* era a educação.

Talvez um dos sentidos do renascimento do futebol tenha relação com a necessidade de educar os torcedores e jogadores quanto à forma que deveriam jogar e se comportar. Esta

²⁷ O ato de ler em voz alta era uma prática de na década de 1910 contribuiu para a popularização da cultura letrada. Para uma análise profunda deste processo ao menos em São Paulo sugiro: CRUZ, Heloísa de Faria. *São Paulo em tinta e papel: periodismo e vida urbana, 1890-1915*. São Paulo, Educ / Fapesp, 2000.

²⁸ Para uma análise sobre o fenômeno das revistas ilustradas conferir: MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista. Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República, São Paulo (1890 – 1922)*. São Paulo: Edusp, 2001.

²⁹ A tentativa de inculcar boas maneiras nos jogadores também foi observada por Angela Brêtas em: BRÊTAS, Angela. Os rapazes esportivos e as boas maneiras: o *foot-ball* em 1944 na visão de Otto Prazeres e de Hélio Silva. In: *Esporte e Sociedade*, Rio de Janeiro, n. 3, 2006.

hipótese ganha força uma vez que naquele momento a Liga tinha em sua composição muitos indivíduos de origem pobre, o que para os jornais não raramente era sinônimo de falta de educação e refinamento. Neste sentido, se não era possível excluir estes jogadores, ao menos se tentavam inseri-los na lógica do amadorismo.

Para renascer o futebol, há, portanto, uma necessidade de educar torcedores e esportistas populares que praticavam o futebol sem o dito cavalheirismo supostamente existente nas primeiras partidas da cidade. Podemos imaginar também que a imprensa parecia querer preparar o futebol soteropolitano para a temporada de 1920, quando finalmente a Bahia teria o seu primeiro estádio e os clubes das elites retornariam. Neste sentido, o certame de 1919 serviria para alguns periódicos tentarem corrigir e educar jogadores e torcedores para que o “renascimento” do futebol não se restringisse apenas a existência do Campo da Graça.

Uma das primeiras críticas do *Diário de Notícias*, no ano de 1919, se referia ao chamado jogo bruto de alguns jogadores. Sobre o assunto o jornal disse:

Infelizmente, alguns não compreendem o *foot-ball* como uma cultura física e ao mesmo tempo uma diversão, mas interpretam-no como sendo uma batalha da qual necessitam sair vencedor, custe o que custar, empregando além da ciência do jogo, a força material e o que é mais: a brutalidade, a charge fora de tempo, o “pulo” inconsciente, o *foul*!

Os *clubs* coligados, com a ajuda da Liga, devem trabalhar energeticamente para fazer desaparecer o abuso do jogo bruto, de que nos referimos, se é que desejam o desporto na Bahia ressurgido de fato.

Os *captains* dos *teams* doravante devem ter em vista em primeiro lugar a preocupação única de recomendar aos seus companheiros o jogo limpo, na regra, sem brutalidade.

De outro modo, tudo voltará ao estado em que estávamos há pouco tempo: *matches* sem importância, o *ground* do Rio Vermelho sem concorrência, etc.

Precisamos sanar o *foot-ball* na Bahia, aos *clubs* coligados e especialmente à Liga Bahiana de Desportos Terrestres endereçamos estas linhas, escritas por solicitação de um grande número de *sportmen* do nosso meio.

Estamos certos de que no *match* do próximo domingo já não teremos ocasião de presenciar o jogo brutal que a nossa sociedade está condenando.

Não especializamos *clubs*. Falamos em tese: cada qual que tome a carapuça.³⁰

Em outra passagem, o mesmo diário dizia que:

Não pode continuar sem uma severa punição, seja por parte de quem for, mesmo por iniciativa daqueles que hoje são apontados como os “tours”, não pode, dizemos nós, ficar sem a punição o inqualificável jogo bruto que os nossos *players* estão adotando no *foot-ball* do Rio Vermelho.³¹

Quando não eram os jogadores a serem censurados, a imprensa, com uma boa frequência, condenava o comportamento da torcida. Acreditavam os colunistas que torcer era um elemento que constituía o futebol, porém a forma de manifestar o seu apreço ao clube ou

³⁰ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 30 de julho de 1919.

jogador deveria ser comediada. Além disso, o único modo aceitável de torcer era de maneira positiva, incentivando a sua agremiação. Jamais deveria existir hostilidade para com o adversário através de vaias ou insultos. Em uma das suas críticas, um diário lembrava que:

Dos muitos torcedores que vemos todos os domingos no *ground* do Rio Vermelho alguns se manifestam de maneira pouco gentil vaiando os jogadores, gritando os seus nomes seguidos de apelidos pouco decentes.

O torcer tem graça, é *chic*, ajuda até o jogo.... mas torcer dentro dos limites, com educação.

Quando o juiz não agrada, juram-no para depois do *match* e isso o fazem sem reservas, em alta voz.

Assim como o jogo tourada vai desaparecer, estamos certos de que tais torcedores nervosos modificarão o seu sistema de torcer com vaias, etc.³²

Algumas vezes as notas dos jornais passavam de sugestões sobre o comportamento ideal da torcida para críticas mais severas e até mesmo ameaças aos torcedores mal educados. Em uma das partidas em que o time do Fluminense foi vaiado, o *Diário de Notícias* chegou a elaborar uma lista dos vaiadores que seria publicada, além de sugerir a intervenção da polícia de maneira mais enérgica para com estes torcedores:

Alguns indivíduos portaram-se inconvenientemente, vaiando o *team* tricolor, dirigindo palavras insultuosas a Anísio, desviando deste modo o verdadeiro fim do *sport*.

Aquelas pessoas julgam que ali se vai medir as forças de descomposturas entre torcedores de modo que os demais assistentes e torcedores vêm-se incomodados e forçados a não mais levarem as suas famílias.

Já está carecendo da intervenção da polícia a maneira brutal de se externarem os tais indesejáveis.

Foi nos dirigida uma lista de nomes, aliás, de pessoas de responsabilidade em nosso meio, citando os mais exaltados, cuja lista deixamos de publicar na certeza de que as carapuças desta vez vão cair nas respectivas cabeças e do próximo encontro em diante não mais assistiremos o que ontem presenciamos.³³

A conduta dos torcedores mal educados não irritava apenas os jornais, mas os jogadores e, sobretudo, os juízes vaiados. Grande parte das vaias era dirigida aos árbitros por conta das suas atuações quase sempre consideradas parciais e injustas por conta dos torcedores exaltados. Benjamin Bompert, jogador do Internacional, presidente interino da Liga durante alguns momentos da temporada e um dos principais e mais respeitados juízes da Liga, era uma figura das mais insatisfeitas com o comportamento de uma parcela dos espectadores. Pelo que consta, a ideia de publicar o nome dos vaiadores nos jornais foi dele. No final do ano, Bompert publicou um inflamado artigo no *Diário de Notícias* de título *Civilizemos o Pebol* no qual tecia comentários sobre as vaias e as tentativas de saná-las:

³¹ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 28 de julho de 1919.

³² Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 02 de agosto de 1919.

³³ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 06 de outubro de 1919.

Não devem estar esquecidos os nossos *sportmen* das vaias, insultos, e ofensas iniciados há pouco tempo contra os nossos referees e um valoroso *sportman*, esteio forte e inabalável do *sport* baiano, no *ground* da Liga Bahiana ao Rio Vermelho.

Em junho do ano corrente, quando surgiram as primeiras ofensas aos nossos referees; eu, da bancada do meu *club*, apresentei à Liga uma proposta, baseado na Regra 13 dos tratados de *Foot-ball (Association)*, proposta que, a meu ver, como é, única para o caso.

Felizmente, foi a mesma aprovada unanimemente e se não foi posta, imediatamente, em prática, a culpa não tenho eu.

Eil-a: A Liga mandará colocar em seu *ground*, em lugares visíveis, cartazes impressos, ameaçando de expulsão, todo espectador que ofender e insultar os referees.

Apesar de não serem afixados estes cartazes, os representantes dos clubes fizeram conhecimento aos seus associados e o resultado foi pronto.

Quando, no mês passado, o Fluminense F. Club enviou à nossa Liga um officio, pedindo providências contra as vaias que se vinha manifestando contra seu Presidente, quando *player* eu, então, Presidente, achei única e decisiva medida, nomear uma comissão fiscalizadora, com poderes de trazer à Liga os nomes dos associados dos clubes, autores das vaias.

Assim fiz e procedi.

A imprensa, que nesta campanha, tanto auxiliou-nos, prestou-se a publicar os nomes dos vaiadores e felizmente, como por milagre, estes cenas que tanto desabonam os créditos esportivos locais, cessaram completamente, por enquanto, que espero não mais voltarem.³⁴

A quantidade substancial de críticas direcionadas ao comportamento dos espectadores pode ser compreendida pela emergência do fenômeno das torcidas, que em alguma medida mantinha um grau de autonomia em relação aos clubes e jogadores. Expliquemos. Desde a introdução do futebol é possível destacar a presença de espectadores. A princípio estes majoritariamente eram compostos por familiares e *sportmen* e expressavam suas preferências preservando, em alguma medida, os mesmos códigos de comportamento dos jogadores.

Todavia, com o desenvolvimento do futebol na cidade emerge um tipo de torcida que não necessariamente era ligada aos clubes e se envolvia com o futebol sem se submeter a uma forma de torcer educada ou contida. Embora tivessem bastantes sócios, clubes como o Botafogo ou Ypiranga, pelos seus perfis sociais, gozavam de muita popularidade, formando torcidas heterogêneas que podiam expressar suas simpatias pelos clubes de diversas maneiras. Enfim, nos parece que existia uma certa dificuldade da imprensa em compreender o surgimento destes tipos de torcedores, ainda mais que naquele momento entendia-se que estes eram compostos significativamente por gente modesta considerada mal educada.

Diante do jogo bruto e das vaias da torcida, o mesmo *Diário de Notícias*, com alguma regularidade, fez publicar em suas colunas alguns artigos intitulado “Aos torcedores e jogadores.” Escritos pelo pseudônimo Jota Kick, estes textos tratavam de uma série de

³⁴ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 28 de novembro de 1919.

recomendações às pessoas que jogavam ou torciam no campo do Rio Vermelho.³⁵ Em um dos primeiros artigos, Jota Kick dizia:

Desgosta os verdadeiros *sportmen* a forma de certos torcedores se manifestarem com assovios, palavrões, etc, etc, etc.
 Torçam com manifestações de agrado aos seus jogadores, porém, nunca ofendam os adversários, se querem o progresso do *foot-ball*.
 Para o progresso e justiça nas partidas de *foot-ball* são indispensáveis os auxiliares de *goal*.
 Quantos jogadores decaem no *foot-ball* porque se julgam melhores que são?
 O verdadeiro *foot-baller* se preocupa somente com a bola para adiantar o jogo, e não de seu corpo forte ou pesado, seus *trucs* e suas formas secretas de comentar faltas com habilidade, de forma a não serem vistas pelos juizes.
 Um *team* por mais forte que seja, nunca deve entrar em campo certo da vitória, visto que o *foot-ball* traz muitas surpresas.
 Torcedores, leiam as regras de *foot-ball*, porque os que não as conhecem são perigosos.³⁶

Em outro artigo bastante longo, Jota Kick chega a elencar algumas das penalidades existentes no futebol na esperança de que os jogadores e torcedores ao conhecerem os seus significados não interferissem nas decisões dos juizes. Para o colunista:

Ninguém se envolva em qualquer espécie de *sport* sem conhecer suas regras.
 O *foot-ball* tem regras, as quais são adotadas por todos os *clubs* nacionais ou estrangeiros, e modificações (quando necessário) pelo *Foot-ball Association* na Inglaterra, ou outra competente.
 Não reclame penalidade alguma contra o *club* adversário. O Juiz é o único competente para resolver as faltas.
 O juiz sendo amador, como os jogadores devem ser, é claro (sic) errar ou não poder ver todas as faltas.
 Todos devem proteger o juiz dos maus torcedores ou apaixonados.
 (...) O juiz deve apitar de diferentes formas para distinguir um *kick off* de um *penlaty kick*, etc.
 Os torcedores conhecendo as diferentes formas de apitar não intervirão nas decisões do juiz tão frequentemente.
 (...) O juiz deve fechar os ouvidos aos torcedores e abrir bem os olhos para punir com lealdade e justiça as faltas dos jogadores.
 O juiz deve decidir com firmeza e consciência.³⁷

Finalmente, Jota Kick não só recomendava os conhecimentos do futebol, mas também sugeria como a torcida deveria se portar. Um dos seus artigos dizia o seguinte:

A cor do jogador de *foot-ball* nada influi sobre seu comportamento, no campo, como *gentleman*, durante o jogo.
 A educação esportiva quer dos sócios jogadores ou não, quer dos torcedores, deve ser muito esmerada, em benefício e progresso do *foot-ball*.³⁸

³⁵ A presença de Jota Kick no futebol da cidade é muito semelhante a de Otto Prazeres e Hélio Silva que no *Jornal do Brazil* em 1944 no Rio de Janeiro escrevem artigos visando retomar uma cultura de *boas maneiras* no futebol carioca em decorrência do envolvimento de jogadores das camadas populares e consideradas em refinamento. Sobre: BRÊTAS, Angela. *op. cit.*

³⁶ *Jornal Diário de Notícias*, Salvador, 04 de novembro de 1919.

³⁷ *Jornal Diário de Notícias*, Salvador, 29 de setembro de 1919.

³⁸ *Jornal Diário de Notícias*, Salvador, 07 de novembro de 1919.

Analisando as três notas, percebemos que a iniciativa de Jota Kick em escrever estes artigos tinha razões variadas. Quando o autor argumenta que a cor do jogador não influi no comportamento do mesmo, podemos interpretar que alguns dos episódios envolvendo a hostilidade da torcida, como vaias e insultos, em alguma medida, seguiam um critério racial. Vale destacar que 1919 foi um ano que as elites gradativamente voltaram a compor o público espectador. Por outro lado, alguns dos jogadores pertencentes aos clubes que disputavam o certame eram negros. Entre eles estavam Neca, do Sul América, Dois Lados e Piedade, do Ypiranga, Joaquim, Popó e Satú, do Fluminense, Durval, do Botafogo e Furrundunga, do Internacional. Deste modo é possível que muito destes jogadores fossem hostilizados. A opinião de Jota Kick faz sentido, se pensarmos que uma das formas de expressão do racismo está nas acusações de que os negros eram mal educados, sem refinamento, enfim incivilizados.

Vale destacar que, se tivéssemos como identificar que as possíveis vaias e insultos dirigidos aos jogadores negros partissem dos moços prestigiosos que gradativamente voltavam a frequentar as partidas, teríamos uma contradição. Ora, os jornais desejavam retomar uma cultura de educação esportiva, mas poderiam ter o trabalho dificultado justamente pelos sujeitos que deveriam contribuir com o trabalho da imprensa. Neste caso, parece que expressar uma educação esportiva ficava em segundo plano diante da exposição do racismo. Enfim, esta situação aponta que, como veremos adiante, reviver a educação esportiva poderia se aplicar para as próprias elites.



Figura 42: *Team* do Internacional acompanhado do seu presidente Benjamin Bompert, (Revista *Renascença*, 1921)



Figura 43: *Team* do Sul América em pose para a Revista *Renascença* em 1921

Se a discriminação racial foi um dos motivos para o colunista escrever as suas recomendações aos torcedores, é porque ele presenciava este tipo de atitude. Talvez a situação do Fluminense naquela temporada tenha sido um dos motivos que fizeram Jota Kick agir. Nos diários é possível notar que ao longo de todo o campeonato, raro era o jogo que o time não era vaiado, inclusive o clube pensou até em se retirar do certame diante dos insultos. Comentando o resultado de uma partida, o *Diário de Notícias* lamentava a possibilidade de abandono do Fluminense:

A reunião ontem dos membros deste *club* teve em vista apresentar à Liga a sua demissão de *club* coligado em consequência das vaias e insultos de que tem sido vítima o seu 1º *team* de *foot-ball*.

Um grupo de sócios, porém, debateram-se pela não retirada do *club*, nada ficando resolvido, apesar de se ter prolongada a sessão altas horas.

Amanhã continuará a sessão para se resolver o caso.

Oxalá que o Fluminense atenda aos inúmeros pedidos que lhe têm sido feitos e compreendam os seus diretores que os verdadeiros *sportmen* e toda a imprensa local tem verberado contra o procedimento incorreto de alguns espectadores, declarando-se todos ao lado do *club* insultado.³⁹

Quanto os outros dois artigos de Jota Kick, transcritos anteriormente, a existência deles está relacionada com o fato de que nos meios esportivos era certa a ideia de que o comportamento hostil da torcida e a violência de alguns jogadores ocorriam também pelo desconhecimento das regras do futebol. Além disso, este carregava uma dimensão subjetiva que muitas vezes influenciava na aplicação das leis. Por mais que uma jogada fosse ilegal, a sua anulação dependia da interpretação do juiz. Esta situação até hoje gera muitas polêmicas no futebol. Jota Kick parecia ter noção desta particularidade do jogo e por isso não recomendava apenas o conhecimento das regras, mas sugeria um ideal de comportamento que passava pela compreensão e respeito às decisões dos juizes, mesmo quando equivocadas.



Figura 44: Formação do Fluminense em 1919. Nota-se Anísio Silva segundo em pé da esquerda para direita e Popó terceiro agachado da esquerda para direita. (Revista *Renascença*, 1921)

Se as vaias e insultos dirigidos ao Fluminense podem ter sido um dos motivos para Jota Kick opinar sobre o comportamento da torcida, encontramos algumas situações que seguramente o levaram a sugerir a leitura das regras do futebol. Um fato marcante da temporada foi a querela do *carring*.

Na época, o *carring* era o ato do goleiro dar dois passos com a bola nas mãos. Este movimento era proibido e punido com um tiro livre indireto. Isto é, apesar de ser marcada na grande área, a infração não configurava um pênalti e sim um tiro livre indireto que consistia em um lance em que o jogador não poderia chutar a bola diretamente para a meta adversária, pois que teria que tocá-la a um companheiro primeiro. Embora as regras do futebol fossem poucas e simples, é provável que a maioria das pessoas conhecesse apenas as mais elementares. Especialmente o *carring* era amplamente desconhecido pela maioria dos jogadores e torcedores, de modo que, quando foi marcado, gerou muita confusão nas rodas esportivas.

O jogo no qual esta infração foi cometida ocorreu entre Sul América e Fluminense. O primeiro venceu a partida pelo placar mínimo, quando, no segundo tempo, de acordo com um jornal, “pela primeira vez é marcado um *carring*: o *keeper* do Sul América anda com a bola

³⁹ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 7 de outubro de 1919.

nas mãos mais de dois passos e o *referee* marca falta. Da punição resulta um *corner* e deste o primeiro e único gol do Fluminense.”⁴⁰ A partida terminou empatada, para a insatisfação do Sul América, que sentiu-se lesado por tomar um gol em decorrência de uma infração que nunca tinha visto.

Obviamente que neste caso o maior culpado pela confusão, para a imprensa, torcedores e jogadores foi o juiz. A maioria preferiu acreditar que o então árbitro, Benjamin Bompert, queria beneficiar o Fluminense. Diante da grande repercussão do *carring*, dias depois Bompert emitiu a sua opinião sobre o assunto em um jornal:

Li no Diário de domingo um artigo de Jota Kick aconselhando os torcedores conhecerem as regras do *Association*.

Conhecesse eu este telepata que se oculta pelo pseudônimo, iria ao seu encontro dar-lhe um apertado abraço.

Telepata, digo bem, previu o que se passou no *match* Sul América e Fluminense, realizado horas após ser publicado o seu artigo.

O conselho de Jota Kick deveria ser aproveitável para quando fosse marcado um *carring* não causasse tanta admiração, tanta censura descabida como o que marquei no *match* de domingo.

(...) O *Keeper* do Sul América atacado pelos *forwards* tricolores deu notadamente mais de dois passos com a bola nas mãos, cometendo a infração a que chamamos *carring*.

Punida a penalidade, talvez pela primeira vez no *ground* da Liga, eis que de cada canto surgia uma interrogação: o que é isto? Como se chama? Que juiz injusto! Está protegendo o Fluminense!

E de alguém mesmo foi ouvida uma tremenda censura contra mim, perguntando onde já tinha visto semelhante regra.⁴¹

Assim como Jota Kick, Bompert era um dos *sportmen* mais preocupados com a educação esportiva, ainda mais sendo representante oficial da Liga como um dos seus juízes. Neste caso, claramente, constatamos que o motivo da confusão, até mesmo necessitando de uma intervenção de Bompert para se explicar, foi o desconhecimento da regra entre os torcedores e jogadores. É provável que esta situação em particular tenha gerado tamanha polêmica, pelo clube teoricamente favorecido pelo *carring* ter sido o Fluminense que constantemente era vaiado pela torcida.

Por estas e outras situações, Bompert acreditava que uma ação que muito beneficiaria o futebol seria a criação de uma escola de juízes. Embora as vaias e insultos aos árbitros fossem condenáveis, Bompert acreditava que de certa forma essas ofensas não só tinham relação com a má educação de alguns torcedores, mas pelo fato de que muitos juízes não estavam bem preparados para cumprir corretamente as leis do futebol. Em uma de suas idas

⁴⁰ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 06 de outubro de 1919.

⁴¹ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 07 de outubro de 1919.

ao *Diário de Notícias*, o presidente do Internacional insistia no desenvolvimento da escola de juízes:

Uma questão de máxima importância em nosso meio é, sem dúvida alguma, a dos *referees*. Não poucas vezes tenho-me com ela ocupado e infelizmente até hoje, nenhum efeito completo encontrei. Os *matches* do campeonato são atuados pelos *referees* da Liga, mas estes com franqueza na sua maioria são incompletos. Não muito longe vai que organizei um pequeno trabalho, uma escola de *referees* da Liga Bahiana que infelizmente de proposta unanimemente aprovada não passou.⁴²

Embora a escola tenha sido criada, ao que se indica foi muito pouco frequentada. Bompert acreditava que o descaso para com a escola se dava por boicote de alguns *sportmen*, que se achavam suficientemente bons para arbitrar sem a necessidade de uma escola. Pela arrogância da maioria dos juízes, as conclusões de Bompert não poderiam ser diferentes. No mesmo artigo acima, o *sportman* finalizava com as seguintes palavras:

E assim raro é o *match* do campeonato em que não se assistem falhas que provocam graves ocorrências como as que infelizmente se iam desenrolando no último domingo. No entanto, a minha proposta está de pé aprovada unanimemente pela Liga. Porque razão não pô-la já e já em prática? No domingo após o *match* muitos foram os *sportmen* que taxaram o *referee* de incompetente e dentre as queixas que presenciei um ativo representante de um dos nossos *clubs* junto à Liga ainda no auge da torcida, sentido com o empate de 2x2 resultado do *referee* disse-me: Este devia quanto antes frequentar a sua escola. De fato, não somente o último *referee*, mas também a maioria dos seus companheiros deveriam ser os primeiros a implorarem da Liga a execução da minha proposta a imediata criação da escola de *referees*. Na próxima sessão da Liga ainda mais uma vez me baterei e talvez com mais êxito pela moralização do nosso *sport*.⁴³

De certo modo, os conselhos e medidas adotadas pela imprensa e alguns esportistas surtiram efeito na tentativa de criar uma educação esportiva. Em determinados momentos, nas secções esportivas, já não se via com muita frequência as críticas aos torcedores desordeiros.

Outro episódio em que verificamos um esforço de seguir os códigos de comportamento idealizados e respeitar as regras da Liga foi no empate por dois gols entre Ypiranga e Fluminense. De acordo com um *sportman* do aurinegro, o juiz desta partida cometeu uma série de equívocos ao validar o segundo gol Fluminense, em que o jogador estava impedido, além de anular um gol legítimo do Ypiranga no início da partida. Por estes e outros erros, o *Diário da Bahia* publicou uma nota informando que se Liga não anulasse a

⁴² Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 26 de setembro de 1919.

⁴³ Idem.

referida partida, o Ypiranga abandonaria a entidade. Com isso, o *sportman* deste clube foi ao *Diário de Notícias* para desmentir o redator do outro jornal, lembrando que, apesar do Ypiranga ter o direito de pedir anulação da partida, não iria abandonar a entidade caso suas reivindicações não fossem contempladas.

Além disso, o *sportman* defendia que não eram todos os erros do juiz que permitiriam ao Ypiranga solicitar a anulação do jogo. A atitude do aurinegro levava em consideração duas condutas do juiz que, nos estatutos da Liga, possibilitavam um clube solicitar a anulação de um jogo: terminar a partida antes do tempo previsto (neste jogo o juiz o finalizou faltando seis minutos para término) e não considerar um gol do Ypiranga em que a bola acertou a parte interna da trave. Enfim, para o *sportman*:

O *club* Ypiranga, absolutamente, não tem o direito de retirar-se da Liga; tem responsabilidade perante o mundo *sportivo* desta capital, perante seus adeptos e perante a si mesmo.

Justa e muita justa é a reclamação noticiada, pois, foi público e insofismável o quanto de prejudicado este *club* com a atuação do *referee*, Sr. Álvaro Barros, que a bem da verdade diga, e em defesa de sua competência e hombridade *sportiva*, foi infeliz, infelicíssimo mesmo, porém, não foi partidário, não foi parcial.

(...) Em hipótese nenhuma, porém, mesmo a Liga não levando em consideração seu desejo, compete ao Ypiranga abandonar o campeonato; este *club*, já campeão há dois anos seguidos, tendo *players* como o simpático Nova que nos *grounds* só tem conhecidos os louros da vitória, tendo sua diretoria constituída de verdadeiros *sportmen*, não pode seguir esta trilha, sem manchar suas tradições, entristecer seus inúmeros adeptos.

A disciplina *sportiva* é a mais bela vitória da mocidade.⁴⁴

Todavia, a disciplina esportiva do Ypiranga e os raros momentos de educação dos torcedores exaltados foram exceções ao longo da temporada. Todos os esforços de Bompét e Jota Kick, entre outros, não foram suficientes para se criar uma cultura esportiva de respeito. Contribuiu para o fracasso dos *sportmen* que desejavam a harmonia da Liga dois fatos que quase causariam uma grande cisão na entidade.

O primeiro deles ocorreu em uma das últimas partidas do certame, entre Botafogo e Associação Atlética. Na qual, segundo seus dirigentes, este clube foi hostilizado e vaiado pelos torcedores do Botafogo, além de ter jogadores machucados “devido ao jogo bruto de alguns da equipe do Botafogo.”⁴⁵ De acordo com o *Diário de Notícias*, a *corbielle*, espécie de cesta de flores que é trocada entre os clubes antes do jogo como um ato de gentileza, “não foi

⁴⁴ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 03 de outubro de 1919.

⁴⁵ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 26 de outubro de 1919.

aceita porque a Associação considerou a oferta como acintosa, feita depois do *match*, depois da vitória do *club* ofertante.”⁴⁶

Como se não bastasse, a atitude de ignorar a *corbielle* foi considerada indelicada por parte do Sr. Raul Hostiano de Menezes, provavelmente um sócio do Botafogo, que foi ao *Diário da Bahia* declarar sua indignação para com o gesto da Associação. Em resposta, Waldemar Tarquínio, um dos principais dirigentes da Associação, foi ao *Diário de Notícias* explicar porque não aceitou a *corbielle* do Botafogo:

Tenho consciência de que não cometi nenhuma indelicadeza deixando a *corbielle* entregue pelo Botafogo na bilheteria do *ground* e agora v.s. e o público vão também ficar inteirados do caso, tal qual ele se deu, aliais bem diferente do que por aí espalham.

No primeiro encontro da Associação com o Botafogo fui eu quem teve a ideia de oferecer a *corbielle* em nome do 1º *team* da Associação ao seu adversário, oferta esta que se fez antes do *match* diante de toda a assistência, pronunciando-se algumas palavras no ato da entrega.

Na revanche, o Botafogo julgou que deveria retribuir outra vez a oferta da *corbielle*, mas o fez de um modo triste e desastroso. Não fez a oferta antes da partida (...) Fê-lo após o *match*, às escuras, quando mais ninguém da assistência lá estava, sem dirigir uma única palavra aos adversários.

(...) Indignado, como todos os assistentes estavam com exceção única dos vaiadores, adeptos, sócios e torcedores do *club* a que v.s. pertence, indignado, sim com as vaias, insultos, palavrões, ofensas até à honra dos jogadores da Associação, achei mais acertado não conduzirmos a *corbielle* para a nossa sede.

Não conheço nenhuma manifestação que se ofereçam as flores, o mimo, etc., na saída, senão quando se trata de um falecimento; tomei a *corbielle* do Botafogo como uma capela mortuária oferecida pela morte do *team* da Associação por isso que foi entregue depois da sua derrota.⁴⁷

O incidente entre os dois clubes é um indício que o problema da educação esportiva não se restringia apenas aos jogadores e torcedores. Por mais que a imprensa eventualmente direcionasse o seu discurso de disciplina às categorias citadas acima, os dirigentes esportivos, não raramente homens considerados de posição social, também contribuíam para aumentar os episódios desrespeitosos. Deste modo podemos considerar que a indisciplina esportiva não era uma questão de raça ou classe, e sim um fenômeno que só pode ser compreendido se levarmos em conta o desenvolvimento do próprio campo esportivo. Se na experiência da primeira Liga da cidade era possível enxergar um ambiente de competitividade que timidamente se configurava entre 1908 e 1912, em 1919 o futebol já se encontrava significativamente imbuído nesta mentalidade. Daí que o jogo bruto, as vaias da torcida ou as confusões entre dirigentes são expressões de um interesse pelo campeonato que muitas vezes superava a disciplina e cavalheirismo no esporte.

⁴⁶ Idem.

⁴⁷ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 03 de novembro de 1919.

O conflito Botafogo/Associação, porém, não seria o derradeiro da temporada de 1919. Naquele ano a competição se estendeu até janeiro de 1920, terminando com o Botafogo e o Fluminense com mesmo número de pontos. Foi marcada, então, uma partida entre os concorrentes para definir o campeão da temporada. Realizado em 24 de fevereiro, o jogo terminou empatado, motivando a realização de um novo prélio, uma vez que naquela época não existiam prorrogações e disputas de pênaltis. No entanto, até a realização daquele embate muita coisa aconteceu no seio da Liga.

O desenrolar do primeiro encontro, de acordo com Aroldo Maia, “foi cheio de irregularidades e violências, sendo suspenso várias vezes, precisando a intervenção de Arthur Moraes e outros.”⁴⁸ Em alguns jornais não foram encontradas evidências sobre os possíveis incidentes relatados pelo memorialista. Contudo é possível que estes tenham motivado uma série de desentendimentos ocorridos nas sessões da Liga.

Um dia após o jogo, ocorreu uma reunião em que alguns dirigentes do Fluminense, no calor do momento, declararam a desistência do título. Embora não expressasse o desejo do clube, a declaração foi registrada em ata por Isaias Gomes, então presidente da sessão. Segundo o *Diário de Notícias*, a ata em que constava a desistência o Fluminense só seria completada na próxima reunião, no dia 5 de março. Neste encontro, presidido por Zacharias da Nova Monteiro, o presidente da Liga que estava de licença, os representantes do Fluminense ao verem a informação de que tinham desistido do título, resolveram protestar. Segundo Aroldo Maia:

O Fluminense protesta contra a perversidade dos dirigentes da Liga, fazendo constar na ata uma declaração que fora feita no calor da discussão pelo seu representante, mas sem cunho oficial. Trava-se forte debate e discussões em torno da tal declaração de daí rompe maior crise que o futebol baiano já conheceu.⁴⁹

É possível que a reunião do dia 25 de fevereiro, imediatamente após a partida de desempate, tenha ocorrido de forma atabalhoada, como acredita Aroldo Maia. Seguramente, as tensões e conflitos resultantes da partida de desempate estenderam-se para aquela reunião, onde podem ter ocorrido declarações exaltadas. No *Diário de Notícias* encontramos evidências que confirmam esta versão. Noticiando os acontecimentos da reunião do dia 5 de março, o jornal disse:

De fato, realizou-se, ontem, a sessão ordinária desta semana, lendo-se e aprovando-se a ata organizada *a la diable* da qual consta muita coisa que não se

⁴⁸ MAIA, Aroldo. *Almanaque Esportivo da Bahia...*, p. 44.

⁴⁹ Idem, *ibidem*, p. 44

passou na sessão de 25, faltando também importantes declarações feitas pelos representantes, que, à última hora, escreveram na ata. Em consequência desta irregularidade, o Sr. presidente tomou conhecimento da declaração do Fluminense que desistiria do título de campeão de 1919 (...)⁵⁰

O principal problema, porém, estava por vir. Como o Fluminense protestou contra a ata, o presidente da Liga se sentiu contrariado por achar que o seu poder foi deslegitimado. Ainda nas palavras do jornal:

Consultando a casa, o Sr. Zacharias da Nova Monteiro verificou a maioria desfavorável com a sua opinião, por isso que a ata não estava a expressão da verdade e vem daí o julgar-se ele desautorizado e ter apresentado a sua demissão.⁵¹

O diário ainda lembrou que os “representantes dos *clubs* Botafogo, Vitória e Associação Atlética acompanharam o presidente demissionário.” Todavia, estes representantes apenas deixaram a sala de reuniões, o que não equivale dizer que se desfilaram da Liga. Com a demissão de Zacharias, assumiu a presidência o Sr. Oscar Erudilho, que rapidamente desistiu da função em decorrência da retirada dos representantes daqueles clubes. Por fim, a presidência foi assumida por Anísio Silva. De acordo com Aroldo Maia:

Tendo a bancada do Botafogo se retirado da sessão, a Liga resolve aclamar campeão de 1919 o Fluminense Foot-ball Club. Maior absurdo não poderia existir. O Botafogo não havia se desfilado e sim os seus representantes deixado o recinto da tal sessão por não se conformarem com a resolução absurda. Com a divulgação da resolução monstro, os clubes que deixaram o recinto da sessão resolvem fundar uma nova entidade.⁵²

Para o memorialista, esta foi uma das maiores crises do futebol baiano até então. Os clubes dissidentes não chegaram a organizar outra Liga. Porém, existiram tentativas e reuniões com outros clubes. Pelo que consta, cinco dias após a polêmica sessão, em 10 de março, os dissidentes, reuniram-se no Clube Caxeiral para a organização de uma nova Liga. Além do Botafogo, Vitória e Associação estavam o Yankee, Internacional, São Salvador, Bahiano de Tênis, Itapagipe e Santa Cruz. Em informação colhida de um jornal não localizado, Aroldo Maia lembrou que:

A essa reunião compareceram os esportista de escol tendo o Sr. Arthur Moraes declarado que a Desportiva Bahiana não tem compromisso com ninguém. É nomeada uma grande comissão para apresentar na primeira reunião as bases para a fundação da nova entidade baiana.⁵³

⁵⁰ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 06 de março de 1920.

⁵¹ *Idem*.

⁵² MAIA, Aroldo. *Almanaque Esportivo da Bahia...*, p. 46.

⁵³ *Idem, ibidem*, p. 46.

Como sabemos, Arthur Moares era o capitalista responsável pela Sociedade Anônima Desportiva Bahiana, encarregada do Campo da Graça. Contudo, no *Diário de Notícias*, encontramos uma notícia de dois dias antes deste, encontro afirmando que os clubes dissidentes com a sua nova Liga não poderiam explorar o Campo da Graça. Para o jornal:

Poderão nesta capital fundar uma nova Liga para a exploração do novo Campo da Graça?

Parece-nos que não. Pelo menos se a Sociedade Anônima Desportiva Bahiana quiser manter e cumprir o compromisso assumido por seus incorporadores em duas sessões realizadas no Club Euterpe, somente a Liga Bahiana de Desportos Terrestres poderá organizar os campeonatos oficiais da Bahia a serem disputados no Campo da Graça.

Assim sendo, não se deve cogitar absolutamente da formação de uma nova Liga, mas, sim, de um acordo entre os *clubs* demissionários com a Liga Bahiana e o imediato saneamento desta seja por que forma for.⁵⁴

O diário ainda recomendava que “será muito mais fácil e mais prático concertar a Liga atual, que já tem idade de ser filiada a Liga Metropolitana.”

É provável que a notícia deste Diário tenha mais sentido, uma vez que não foram encontradas outras referências sobre o andamento desta nova liga. Pelo contrário, nos jornais e no memorialista encontramos a existência de uma comissão organizada pelos clubes dissidentes na tentativa de resolver os empecilhos com a Liga Bahiana.

A princípio esta comissão, formada pelos Srs. Pedro Sá, Antonio Manso e J. Tanner, foi criada para resolver a questão do título de campeão de 1919, mas, pela leitura de algumas fontes, supomos que existia um impasse maior referente à reforma dos estatutos. Como já vimos, em 27 de junho de 1919 ocorreu uma reunião em que os clubes que lideravam a construção do Campo da Graça aceitariam que a Liga Bahiana mandasse os seus jogos no novo estádio, contanto que aceitassem os novos clubes. Possivelmente outra condição seria a reforma dos estatutos, que passariam a serem cópias dos da Liga Metropolitana Desportos Terrestres do Rio de Janeiro.

Para os estudiosos do futebol carioca, os estatutos desta Liga passaram por sistemáticas modificações, de modo que, em 1917, foram reformados visando “manter o domínio do futebol por parte dos clubes de elite, evitando que pessoas de baixo poder aquisitivo não tivessem acesso à prática do futebol.”⁵⁵ De acordo com Leonardo Miranda, para ser filiado à Liga, o clube deveria contribuir com uma joia no valor de 2:000\$00, uma mensalidade de 30\$00, 10% da renda dos jogos, além de ter sede social e um campo de foot-

⁵⁴ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 08 de março de 1920.

⁵⁵ NAPOLEÃO, Antônio Carlos. História das Ligas e Federações do Rio de Janeiro (1905-1941). In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira, SANTOS, Ricardo Pinto (Orgs.). *Memória Social dos Esportes. Futebol e Política: A Construção de uma Identidade Nacional*. Rio de Janeiro: Ed. Mauad. 2006, p. 91.

ball.⁵⁶ Acrescenta-se a estas exigências, as restrições “ao guardas civis e praças de pret, aos que não tivessem o nível moral exigido pelo amadorismo.” Além disso, existiam as seguintes determinações:

Serão aceitos os *sportmen* que preencherem as seguintes condições:
 a) ser amador; b) ser sócio do clube proponente; c) residir na região jurisdicionada da Liga; d) exercer profissão honesta; e) estar no gozo dos seus direitos civis e político; f) saber ler e escrever; g) ter moralidade comprovada. Será negado o registro aos *sportmen* que estiverem incursos nas seguintes disposições; a) aos profissionais; b) aos mendigos; c) aos analfabetos.⁵⁷

A estas determinações foi acrescentada uma em 1918, que visava uma restrição à transferência de jogadores, a chamada Lei do Estágio. Os atletas que mudassem de clube estavam obrigados a aguardar um período mínimo de trinta dias para que pudessem participar de um jogo pelo seu novo time. Seguramente, uma medida para evitar a troca de clubes exageradas por conta de vantagens financeiras.

O processo de reforma dos estatutos da Liga Metropolitana ocorreu entre 1915 e 1917, e foram marcadas por diversas tensões entre os clubes mais populares que gradativamente reivindicavam uma maior participação na principal entidade futebolística do Rio e as agremiações elitizadas, como Botafogo, Fluminense, América e Flamengo que visavam conter esta ascensão.⁵⁸

Em Salvador podemos imaginar que a ideia de copiar os estatutos do Rio era um dos principais motivos do impasse na crise esportiva. Ora, os clubes mais modestos poderiam ter jogadores que se encontravam em uma condição que oficialmente os impediriam de participar da Liga, caso copiassem literalmente os estatutos da entidade carioca. Dois Lados, o popular jogador do Ypiranga, fazia parte da milícia policial de Salvador, portanto, não se enquadraria no perfil da nova Liga. Por conta disso, houve debates calorosos que não chegavam a resolver o conflito. Ouvidos pelo *Diário de Notícias*, a comissão disse que:

(...) não poderá agir de acordo com o plano que tem traçado, enquanto a Liga Bahiana não terminar a aprovação dos Estatutos apresentados pela mencionada comissão, ponto principal para o funcionamento da Liga, isto é, de uma Liga capaz de guiar o *sport* na Bahia como este estado merece.⁵⁹

A crise esportiva só seria definitivamente resolvida em 23 de abril, quase dois meses depois do início da confusão. Reunidos no Clube Caxeiral, na presença da comissão e do Dr.

⁵⁶ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania...*, p. 121.

⁵⁷ NAPOLEÃO, Antônio Carlos. *op. cit.*, p. 91.

⁵⁸ Sobre as tensões nesta liga ver: PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania...*, p. 108 – 134.

⁵⁹ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 06 de abril de 1920.

Mario Newton, 1º secretário da Liga carioca, os clubes, nas palavras do *Diário de Notícias*, resolveram “adotar o Estatutos da Metropolitana, aceitar o acordo, e continuar a trabalhar com as demais sociedades com o único fito do engrandecimento do esporte baiano.”⁶⁰ De acordo com Aroldo Maia, nesta mesma reunião ainda houve desentendimentos, uma vez que o Sul América, Fluminense, Nacional e Ypiranga, justamente os mais populares, não estavam satisfeitos com a adoção dos estatutos da Liga carioca. Diante deste último impasse, o “Dr. Mario Newton pede então a palavra e em vibrante apelo ao Sr. Fidelis Veloso e aos quatro clubes pede para que estes de olhos fechados aceitem o estatuto da Metropolitana e que é o mais perfeito.”⁶¹

Ao que parece os estatutos foram aceitos e provavelmente adaptados para a realidade soteropolitana. Em 1920, até mesmos alguns clubes de elite não tinham campos esportivos próprios, o que inviabilizava a adoção integral dos estatutos cariocas. Apenas no estatuto da Liga em 1928 que encontramos a exigência do clube ter uma praça esportiva própria ou arrendada para poder participar da entidade.

Não foi possível encontrar o documento regulador da Liga Bahiana daquele ano, contudo localizamos o de 1924. Neste, por exemplo, não constam restrições quanto os clubes terem campos próprios ou jogadores analfabetos, guardas civis, praças de pret. Por outro lado, para ser filiado à Liga, as agremiações tinham que ter sede social, bem como contribuir com 2:000\$000 de joia e depositar todo dia 5 do mês a quantia de 50\$000 em período de campeonato e 20\$000 em época de férias referentes à mensalidade.⁶² Pela análise deste documento, podemos interpretar que os estatutos de 1920 não continham restrições severas quanto à presença de clubes e jogadores mais populares ou, no mínimo, foi modificado. De toda sorte, uma análise dos estatutos de 1924 indica uma força das associações populares em se manterem presentes na prática do futebol institucionalizado na cidade. Possivelmente aquela força mais uma vez se fez presente quando nos estatutos de 1928 a Liga reduziu o valor da joia para 1:000\$000, ao menos aliviando as finanças dos grêmios modestos.⁶³

Ainda que os estatutos de 1920 mantivessem restrições pontuais, ainda existia a possibilidade de burlá-las. No Rio de Janeiro, por exemplo, é sabido determinados mecanismos para burlar a questão do analfabetismo. Nos relatos de Mario Filho, os jogadores

⁶⁰ MAIA, Aroldo. *Almanaque Esportivo da Bahia...*, p. 47.

⁶¹ Idem, *ibidem*, p. 47.

⁶² *Estatutos da Liga Bahiana de Desportos Terrestres*. Salvador, 1924, *passim*.

⁶³ Idem, *ibidem*, p. 4.

iletrados ludibriavam os estatutos da Liga ao aprenderem a assinar somente o nome, passando-se por alfabetizados.⁶⁴

Quanto ao título de 1919, foi decidido, em 23 de maio de 1920, com a vitória do Botafogo sobre o Fluminense por 1 a 0.

No que tange a temporada de 1919, acreditamos que só é possível entendê-la se levarmos em consideração que os muitos desentendimentos e tensões entre clubes e torcedores e jogadores refletiam uma disputa pelo futebol soteropolitano. Os acontecimentos do campeonato não explicam apenas uma consolidação de um campo esportivo com relativa autonomia ou uma ampliação de sentidos do futebol, até porque, naquele momento, a prática já estava bem ambientada na cidade. Vimos no terceiro capítulo que o futebol foi incorporado na população pobre da cidade e as próprias elites já não o viam como uma atividade unicamente elegante de modo que muitas das tensões da antiga Liga dos Brancos refletiam a tímida existência de uma competitividade.

O que as vaias dos torcedores e as brigas entre os clubes em 1919 apresentam de novidade é a disputa por uma centralidade no futebol em Salvador. E mais, as tensões em alguma medida refletiam as divergências sobre o que deveria ser o futebol ou qual grupo social deveria liderá-lo. Mesmo entendendo o jogo pelo prisma da competitividade, as elites, em alguma medida, também continuavam a vê-lo enquanto um lugar de sociabilidade, distinção e também de expressão da cultura física. Por outro lado, os clubes populares viam no futebol uma maneira de efetivar suas próprias tradições, que não necessariamente coadunavam com os ideais elitizados.

Enfim, o ano de 1919 é sintomático para perceber como a experiência do futebol em Salvador revestia-se de particularidades em relação à dinâmica do campo esportivo em outras capitais, que muitas vezes, equivocadamente, são utilizadas enquanto parâmetros para análise do futebol em outros locais. O fato das elites, em sua maioria, terem deixado de praticar o futebol institucionalizado deixou um vazio na cidade, que rapidamente foi preenchido pela emergência dos clubes populares. Quando as elites tentaram retornar ao cenário futebolístico, tiveram necessariamente que lutar para retomar o seu espaço.

Esta situação é muito diferente de cidades como o Rio de Janeiro, onde as elites nunca deixaram de praticar o futebol institucionalizado, embora tivessem que lidar com a

⁶⁴ Segundo Mário Filho, para averiguar se o jogador era alfabetizado, este teria que saber assinar o nome nas súmulas dos jogos. Para isso os jogadores treinavam encobrendo o próprio nome que estava pré escrito em um papel. Conferir em: RODRIGUES FILHO, Mario *O Negro no Futebol Brasileiro*, Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1947.

emergência das camadas populares, constantemente inventando mecanismos que buscavam conter o avanço daqueles.

No Campo da Graça: novas tensões

Nesta altura do texto, sabemos que o Campo da Graça representou uma grande mudança no futebol da cidade.⁶⁵ Já explicamos o seu impacto em outras oportunidades. Porém, no mesmo campo onde era possível flertar, encontrar amigos e ver os nobres jogadores contribuir para a evolução da atividade física na Bahia também verificamos muitas tensões. Embora a Liga aparentemente tenha encontrado um ponto de equilíbrio com o conagraçamento dos clubes, não raramente foi possível verificar conflitos e negociações que revelam uma continuidade dos acontecimentos de 1919. Pela forma como a entidade foi reorganizada, acreditamos que existiam dois grupos distintos. Um formado pelos clubes mais populares como Ypiranga, Fluminense, Sul América, Nacional, Internacional, São Bento e o outro composto por Botafogo, Bahiano de Tênis, Associação Atlética, Vitória e São Salvador. Ainda existiam o Itapagipe, Santa Cruz e Yankee, que pareciam ter mais proximidade para com as agremiações do segundo grupo.

Apesar de identificarmos dois grupos, não podemos afirmar a existência de um antagonismo radical entre eles. Muitas vezes clubes de um mesmo grupo poderiam ter um atrito por alguma questão assim como associações de grupos diferentes poderiam se unir em torno de uma causa comum.

Apesar da inexistência de uma separação rígida entre os grupos, foi possível encontrar, em vários episódios, tentativas dos clubes elitizados monopolizarem a organização da Liga. Uma boa parte das fontes coletadas por nós se refere a atitudes que visavam prejudicar as pequenas agremiações através de restrições, punições e suspensões. O que mais chama atenção é que para alguns órgãos da imprensa muitas das penas aplicadas aos clubes modestos não ocorriam para com os grandes. Na temporada de 1921, por exemplo, causou muita indignação a tentativa dos dirigentes da Liga em suspender o Internacional por todo o campeonato pelo fato deste se apresentar fora do uniforme em uma das partidas. Para a revista *Semana Esportiva*:

Por ter o quadro do *club* acima indicado entrado em campo fora do uniforme, levantou-se na sessão passada da Liga uma gritaria extraordinária: alguns membros da Liga mostraram-se escandalizados, indignados, furibundos, enfim: são de lastimar estas fraquezas de memória e de ótica; não foi o Internacional o primeiro a infligir esta norma; não foi o primeiro a pisar no gramado fora do

⁶⁵ Ver segundo capítulo.

uniforme; mas só agora viram isso; só agora devem-se aplicar as penalidades estatuídas, isto porque se trata do Internacional; se fora outro, não; os zelosos delegados não teriam visto a anormalidade punida!

Temos notados que as decisões de penas da Liga só são severas para certos e determinados *clubs* e de uns visgos exagerado, para outros...

Já destas colunas temos profligado este modo de proceder; seria longa a Liga se quiséssemos enumerá-las.

Não seria mais plausível a multa à suspensão

A Liga tem para suas decisões dois pesos e duas medidas.

Pois Srs. nós achamos que deviam ser mais prudentes em suas decisões e mais indulgentes para as vítimas de suas... cóleras, porque precisamente, estes foram os organizadores da Liga Brasileira, convertida em Bahiana, os que com esforços cimentaram o alicerce deste sobrado, onde os Srs. se grimparam hoje, relembrando o Sancho... muito cheios do que não tem e muito vazios do que deveriam ter.⁶⁶

Pelo que sabemos a punição não ocorreu na forma de suspensão de todo o campeonato. Provavelmente o clube foi obrigado a pagar alguma multa. Porém, a intenção inicial dos dirigentes da Liga, indica o desejo de alguns esportistas em excluir os grêmios populares. O que reforça esta suposição é que não foi apenas o Internacional a infringir as regras. Finalmente, o editorial da revista não deixou de lembrar que o clube fora um dos que mantiveram a prática do futebol institucionalizada na cidade quando as elites deixaram de praticá-lo.

Não foram apenas as agremiações populares mais antigas que os dirigentes da Liga Bahiana tentavam prejudicar. Após a reorganização da entidade, novas equipes ingressaram, como o Auto Bahia dos choferes da cidade, o Palestra Bahia e o São Bento. Circunstancialmente encontramos críticas nos periódicos sobre o procedimento da Liga para com algumas destas associações. Em um episódio, o Palestra Bahia foi punido com uma multa considerada exagerada. Mais uma vez a *Semana Esportiva* se queixava das ações da Liga ao lembrar que:

Ora, não podemos silenciar a nossa estranheza ao ato da Liga, infringindo ao Palestra Bahia uma pena que não cumprirão os seus diretores, senão com imenso sacrifício. O pagamento de uma multa de 200\$000 para um clube que talvez só obtenha essa quantia em quatro jogos (!), é um absurdo cuja evidência salta aos olhos dos mais cegos.

Nós não queremos dizer que se devam analisar as condições do infrator antes de aplicar-se a pena. Não, esse critério seria idiota. Mas, nesse caso, a Liga, que sabe interpretar os estatutos com muita inteligência, bem que poderia ter sido mais compassiva com um pobre conjunto da mal amparada segunda divisão. Evitaria a reprovação que o seu ato mereceu e, ainda mais, que o Conselho Superior lhe reformasse a decisão.

Para este, o Palestra já apelou ou vai apelar. De que será atendido não deve restar a menor dúvida.⁶⁷

⁶⁶ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, N° 30, 30 de outubro de 1921.

⁶⁷ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, N° 70, 05 de agosto de 1922.

Imaginamos que as multas e suspensões também eram aplicadas aos outros clubes e jogadores abastados da Liga. Nos estatutos eram presentes alguns artigos que versavam sobre as penalidades que iam deste a advertência até a eliminação passando pelo pagamento de multas.

Porém, pela leitura dos periódicos é notável que no momento da aplicação das penas percebemos um maior rigor para com as equipes formadas por jogadores de origem social modesta. Algumas vezes é possível enxergar um relativismo quanto à aplicação das leis numa tentativa de amenizar ou atenuar as indisciplinas de determinados clubes e jogadores. Enfim, estas ações se não excluía os clubes populares da Liga pelo menos os subjugavam. Um exemplo disso pode ser observado em punições aplicadas a jogadores de determinadas agremiações.

Em uma das partidas entre São Bento e Botafogo, a direção da Liga resolveu suspender por toda a temporada, Luis, goleiro do primeiro clube, por ter cometido uma falta em um adversário. Para alguns jornais a punição ao jogador era uma tentativa de prejudicar o São Bento, para que este fosse rebaixado. Afinal, foi o único dos pobres que se manteve na primeira divisão, quando foram criadas em 1922. Sobre o comportamento do goleiro e a situação do seu time, um diário de cidade disse:

A atitude deste foi condenável; entretanto, para ela houve a punição máxima em campo, que foi o *penalty*, marcado pelo juiz J. Tarquínio, único motivo que deu ganho de causa ao Botafogo.

Mas o São Bento tem um valoroso *keeper*, um center-half – o Popó de quem não sabemos por que, aliás, todos se arreceiam, e uma formidável ala direita.

Por isso, não há dúvida, vêm daí as perseguições ao forte clube que, a custa de muito capricho e força de vontade foi daqueles pobres o único que conseguiu a 1ª divisão.

Não há nada que justifique, pois, a eliminação de Luis.⁶⁸

Acrescenta-se a esta situação a tentativa da Liga, em 1922, de tornar a suas sessões fechadas. Com a justificativa de evitar o prolongamento das reuniões ordinárias, devido a aglomeração de pessoas, o presidente da LBDT, Medeiros Netto, resolveu fazê-las a portas fechadas. O problema é que a proibição foi extensiva aos cronistas esportivos, que entenderam que a decisão do presidente tinha como propósito evitar que a imprensa criticasse suas decisões, nem sempre consideradas imparciais.

⁶⁸ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 6 de abril de 1922.



Figura 45: Luiz, o goleiro do São Bento.
(*Revista Semana Esportiva*, 1922).



Figura 46: Team do São Bento. O único dos pobres que permaneceu na primeira divisão em 1922.
(*Revista Semana Esportiva*, 1922).

A hostilidade para com estas agremiações quando do descumprimento das leis da Liga, ou punições consideradas excessivas e sem cabimento, entretanto, não foi a principal forma de monopolizar a organização da entidade máxima do futebol baiano. Seria a criação de divisões uma estratégia decisiva para restringir o espaço de atuação dos clubes populares na entidade esportiva.

Quando foi reorganizada em 1920, a Liga Bahiana passou a ter 12 clubes que disputariam o certame. Devido à quantidade de times, em 1920 e 1921 o campeonato teve apenas um turno. Isto é, as equipes disputariam jogos entre si e a que conquistasse o maior número e pontos seria a campeã. O problema desta fórmula é que tradicionalmente os certames eram disputados com turno e returno e com 12 disputantes não existia tempo suficiente para a realização de aproximadamente 134, jogos que naquela época eram disputados apenas no domingo, um por vez. Deste modo, foi decidido que os cinco piores colocados do torneio em 1921 seriam rebaixados e disputariam a segunda divisão no ano seguinte. A grande questão, contudo, não foi a criação das divisões, mas como elas seriam organizadas. O que gerou grande insatisfação foram os horários das partidas. A primeira divisão ocorreria no domingo pela tarde, já a segunda seria pela manhã, um horário considerado ruim por não atrair a assistência.⁶⁹ Os rebaixados foram Fluminense, Sul América, Internacional, Nacional e Yankee. A exceção deste último, todos os outros eram os mais pobres e os mais hostilizados pelos clubes elitizados. Além de colocar os jogos da segunda divisão pela manhã, outra atitude que visava prejudicar estes clubes foi a não globalização das rendas. Ou seja, o único dinheiro que teriam, seria proveniente das rendas dos seus jogos, que tinha uma assistência muito reduzida. Alguns órgãos da imprensa não se calaram e criticaram veementemente a atitude dos dirigentes da Liga:

Quando era de esperar que a L. B. subisse de valor no conceito esportista é, justamente, quando se dá ao contrário.

Há tempos, coitada, que está de “macaca” e agora vai de mal a pior.

Se fosse mais velha, diríamos que estava caducando, porém, como é muita nova, diremos somente que não tem juízo.

Tornaram-se incríveis os seus disparates...

Decide a nossa entidade máxima do esporte terrestre que a segunda divisão jogasse à tarde; depois de vencido o assunto, em meio à sessão, volta novamente a ser discutido, sendo resolvido ao contrário, isto é, que o jogo da segunda divisão seja pela manhã!

Não satisfeita, decide ainda, não ser global a renda das divisões.

Todos sabem que o jogo pela manhã tem pouca concorrência e, por consequência, o rendimento é quase nulo, equivalendo esta sentença à despedida dos *clubs* da 2ª divisão pela Liga.

⁶⁹ Segundo os jornais e revistas que debatiam a questão do horário das divisões, jogar pela manhã era competir de forma desigual com as missas.

Não é que a renda seja questão capital, mas a injustiça forçosamente trará o desânimo.

É de admirar ter em esporte quem defenda semelhante heresia esportiva.

Não diremos a segunda divisão, mas a Liga em peso deveria condenar, se algum de seus membros levantasse tão triste alvitre e opinar pela igualdade do dividendo, ficando certa de que, a nosso ver, nada mais faria do que ação justa de cavalheirismo.

É de notar que a maioria dos *clubs* que por todos os meios se tenta agora a exclusão, são os que sem se preocuparem com lucros, que não haviam, mantiveram sempre o esporte e levantaram-no da tumba, criaram a Liga Brasileira, donde resultou a Bahiana, e, justíssimo é que se procure conservá-lo e não asfixiarem-nos como estão fazendo.⁷⁰

Mais uma vez, na crítica do colunista, há uma revolta pelo fato dos dirigentes da Liga perseguirem os clubes que mantiveram a existência de campeonatos de futebol na cidade. Para a revista, o fato da renda não ser globalizada, - isto é, não ser repartida entre todos os clubes da Liga - é uma evidência de que o eventual discurso das elites em serem cavalheiros não encontrava correspondente na prática de monopolizar o dinheiro arrecadado pela Liga.

A não globalização de renda não diz respeito unicamente à falta de cavalheirismo, mas principalmente ao interesse dos clubes grandes pela renda dos jogos. Com a existência do Campo da Graça ocorreu uma transformação substancial na relação que o futebol soteropolitano tinha com o dinheiro. Apenas em 1907 os campeonatos passaram a cobrar ingressos e mesmo assim tinham arrecadamento pífio.⁷¹ Já a partir de 1920 a quantidade de jogos no Campo da Graça, que comportava um público considerável, permitia arrecadar rendas inimagináveis para a realidade de Salvador até então. Em seu relatório, a Desportiva Bahiana, S.A, encarregada do estádio, informava a receita líquida de 15:627\$000, angariada dos ingressos de apenas 12 jogos em menos de dois meses, entre 15 de novembro e 31 de dezembro de 1920.⁷²

Se levarmos em conta que, na temporada seguinte, mais de 60 jogos foram disputados no Campo da Graça, é possível presumir que mais de 100:000\$000 poderiam ser arrecadados de ingresso, isso sem levar em conta as partidas que, envolvendo clubes de maior popularidade, levavam um grande público ao estádio. Enfim, diante, do potencial financeiro que o futebol adquiria, as elites poderiam estar mais propensas a ter um lucro do que dar mostras da sua educação ou solidariedade esportiva.⁷³

⁷⁰ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 45, 11 de fevereiro de 1922.

⁷¹ Cobrando no máximo 1\$000 por entrada o *ground* do Rio Vermelho até 1909 tinha assistência pequena, composta em sua maioria por familiares dos jogadores e por isso não pagavam pelos ingressos,

⁷² Um breve relatório da Desportiva Bahiana foi publicado na: Revista *Semana Esportiva*, Salvador, nº 02, 17 de abril de 1921.

⁷³ Para uma análise da transformação do futebol em um vantajoso negócio sugiro: SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia, *op. cit.*

Por conta da situação das divisões, o Sul América, que ininterruptamente disputava os certames desde 1913, desistiu de participar da edição de 1922. Embora defendesse os clubes menores, a *Semana Esportiva* condenou a atitude daquele. A revista acreditava que, apesar das circunstâncias, os times da segunda divisão deveriam continuar na Liga e se esforçarem para ascender à primeira divisão. Sobre a atitude do Sul América, a revista disse:

(...) A hora em que esta crônica era escrita chegou-nos, com grande decepção aliaís, a nova de que o *club* Sul América não jogaria no Torneio Início, com probabilidades de o mesmo intuito ser o tomado pelos seus dirigentes quanto ao campeonato.

O quê principal que motivou tão estranha atitude do velho Sul América nos não interessa saber nem discutir, o que pensamos disto é que essa atitude deve ser, por todos nós que desejamos a boa união do esporte baiano, de condenação. O Sul América assim procedendo, como único, uma exceção indesculpável, perdeu a razão de que talvez lhe pudesse caber não concorrendo ao campeonato. Uma vez, pois que todos os demais se resignaram ao que ficou determinado, cremos que provisoriamente em jogarem pela manhã, não podemos aceitar que um desses clubs queria fazer exceção aos demais, desunindo-se de modo injustificável.

Queremos ver todos unidos trabalhando, acima de tudo, pelo desenvolvimento cada vez mais crescente do esporte, tão propalado pelo mundo, e não ver aqui tanta disensões.⁷⁴

No fundo, a revista, mesmo reconhecendo as intenções dos dirigentes da Liga, adotava um discurso que primava pela união dos clubes. Deste modo, há uma tentativa de criar um ambiente harmônico de congraçamento entre aqueles. No final, a revista preferira que as agremiações prejudicadas se submetessem aos caprichos dos dirigentes da Liga, em lugar de ver a fragmentação da entidade.

Entretanto, parece para os dirigentes dos clubes prejudicados com as divisões não adiantava ter um bom time e lutar pelo acesso à primeira divisão se a criação das divisões estava dentro de um contexto maior de menosprezo, boicote e mesmo exclusão das equipes modestas do campeonato. Em uma carta resposta ao redator da *Semana Esportiva*, que escreveu o editorial acima, um *sportman* acreditava que não era possível existir um discurso de união entre os clubes quando a prática de alguns dirigentes esportivos indicava o contrário:

A leitura do último número da vossa revista sugeriu-me o impulso de dirigir-vos estas linhas, mal alinhavadas, é certo, porém que são encaradas pelo mesmo prisma, por muitos que querem o *sport*, como dizeis no último período da vossa crônica.

Queremos ver todos unidos, etc.

Mas, na verdade, será este o desejo de todos?

Será possível haver união onde a todo transe se procura espezinhar o lado fraco?

Desde que começaram a encher a Liga de grandes, que era de esperar a absorção do pequeno; e é o que se está dando e há de se dar, porque a não ser um número resumido, talvez só um se salve, que vem trabalhando há anos, pelo crescente

⁷⁴ Revista *Semana Esportiva*, Salvador N° 49, 05 de março de 1922.

desenvolvimento do *sport* terrestre, apaixonado dos embates partidários, isto tem se manifestado em todos os *clubs* que tem tomado parte, quer *sportivo*, quer não; referimos ao Dr. Augusto Maia. Qual outro que tem bagagem de serviços que possa apresentar.

Por falta mesmo de requisitos que abonem é, que procuram meios indiretos de alijar certos *clubs*, para com isto, dizerem que têm serviços; a limpeza do *sport*; podem cantar como quiserem, porém, a verdade é esta.

Que tem a Liga feito pelo *sport*? Plantando unicamente a discensão em seu meio. É a prova está na decisão dos jogos para as manhãs e para as tardes.⁷⁵

É notável a descrença do *sportman* sobre o desejo de união dos clubes que formavam a Liga. Este acreditava que as tentativas de prejudicar os clubes pequenos não tinham como objetivo o desenvolvimento da entidade. Isto é, as penas aplicadas a determinadas agremiações faziam parte de um processo de limpeza do esporte, como diz o *sportman*. Neste sentido, os únicos clubes que tinham condições de se manterem Liga eram os formados pelo escol da sociedade ou então os que tinham um quadro heterogêneo, mas eram apadrinhados por homens de representação social, como o Botafogo, o Ypiranga ou o Yankee. Diante disto tudo, o *sportman* defendia a atitude do Sul América, ao afirmar que:

Se o caro Sr. redator condena o *club* Sul América por esse abandono, levado por simpatias e camaradagem, eu e os que não têm partido, que queremos o *sport* simplesmente por diletantismo, achamos cheio de razão. E se a Liga, de verdade, fosse o apanágio dos *sports*, evitaria isso; e, se houvesse solidariedade desinteressada, era o caso até dos *clubs* da série A se mostrarem solidários. Mas... não querem o *sport*, e sim, figurar só. Aí está o nefasto da questão; os vezeiros assim o querem, trouxeram os germes para o *sport*...

Que é a Liga? Que tem feito? Embalando os ingênuos com cantos melodiosos, usurpando todos os direitos, e, daí, a reforma dos Estatutos, que foi o último aperto. E ninguém ignora o que são as sessões e decisões da Liga. Aponto coisa nunca vista: depois de aprovado um projeto e este desagradar alguns, se catar número para se submeter a nova votação.⁷⁶

Ao defender o Sul América, o *sportman* revela algumas contradições da Liga. Esta teoricamente tinha um discurso que visava o progresso da cidade através do esporte, mas na prática suas atitudes demonstravam a tentativa de reivindicar as qualidades do futebol para determinados clubes filiados.

Finalmente, na carta do *sportman*, a própria referência da reforma dos estatutos baseada na experiência da Liga carioca é o exemplo cabal das intenções dos dirigentes da entidade baiana. A própria *Semana Esportiva*, em outra oportunidade, reclamou da perversidade dos estatutos para com os clubes pequenos. Para a revista:

Desde que se fizeram os Estatutos da Liga que está a nos cair da pena algumas considerações sobre os mesmos.

⁷⁵ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 49, 11 de março de 1922.

⁷⁶ Idem.

Não se deve tomar como surpresa alguma rebelião contra eles porque, como implicitamente já dissemos, a Liga legislou arbitrariamente sem prescaltar os interesses gerais dos seus filiados, legislou para os grandes.⁷⁷

Mesmo que os estatutos não fossem tão restritivos quanto à presença de jogadores de origem social modesta, só o fato de cobrar 2:000\$000 de joia onerava os clubes mais modestos, de modo que sacrificavam suas finanças, ficando impossibilitados de investir nas suas dependências ou montar um bom time, bem treinado.

Embora o Sul América tenha desistido do campeonato, a segunda divisão foi, de fato, instituída. Para piorar a situação, o vencedor daquele certame não teria a sua vaga na primeira divisão assegurada. Para isso, deveria disputar um jogo com o último colocado desta para ascender caso fosse vencedor, mais um procedimento copiado da Liga Metropolitana do Rio de Janeiro.



Figura 47: Team do Fluminense, um dos rebaixados para a segunda divisão em 1922. (Revista *Semana Esportiva*, 1921).

Se a instituição da segunda divisão foi muito criticada por algumas rodas esportivas, o seu andamento ao longo dos anos também foi alvo de muitas controvérsias. Logo na primeira edição a *Semana Esportiva*, com frequência, pedia providências aos dirigentes da

⁷⁷ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, nº 52, 01 de abril de 1922.

Liga visando melhorar a situação dos clubes da segunda divisão. Em um dos textos mais expressivos um redator da revista disse:

Na segunda divisão figuraram o Fluminense, o Internacional e o Yankee, o primeiro dos quais tem sido o maior alicerce do levantamento do esporte na Bahia.

Porque, pois, não dispensar o cuidado de maior atenção aos jogos da manhã? Porque não ter em melhor conta o valor dos *clubs* que neles tomam parte?

Não, daqui em diante, confiemos, não será assim.

Nós sabemos que à frente da Liga Bahiana a figura inconfundível de um nobre advogado.

Quantas vezes não o terá movido a brilhante peças oratórias a causa dos pequenos.

Mas, é que aqui faltou quem lhe dissesse do amparo de que carecem essas sociedades pobres, formadas por gente laboriosa e digna. Faltou quem lhe trouxesse ao conhecimento, largamente esclarecido pela experiência, a situação em que se debatem os clubes, sem renda ao menos para despesas inadiáveis.

Senhor presidente da Liga: nós não sabemos se aumentamos a mágoa dos desamparados, pedindo-vos para eles o auxílio a que se julgam com incontestado direito.

Sabendo, entretanto, que tem sido objeto das vossas cogitações a sorte que lhes coube na partilha das divisões, permita-nos dirigir-vos um apelo, que não é nosso somente, mas de todos os que se não conformam com essa desigualdade de condições. Olhai para os clubes da segunda divisão e não consentais que o desânimo os domine, acabando por fazê-los abandonar o esporte!

Olhai-os e prestareis um serviço a mais na escala dos que, inegavelmente, vindes prestando ao esporte nesta Terra! ⁷⁸

Ao que parece, os apelos da imprensa surtiram algum efeito quando, no final da temporada de 1922, o horário e a renda dos jogos da segunda divisão foi rediscutido. Os próprios jornais e revistas neste processo sugeriam possibilidades para a Liga. O *Diário de Notícias*, por exemplo, com as críticas de praxe à Liga, sugeriu que Arthur Morais um dos diretores da Desportiva Bahia reformasse o antigo do *Ground* do Rio Vermelho para que os clubes da segunda divisão jogassem naquele campo à tarde:

Diante das desconsiderações da LBDT e planos de extinção dos clubes pequenos da 2ª divisão, só há uma esperança para de melhores dias para estes, e este é o apelo que, em auxílio dos mesmos, fazemos, hoje daqui, ao distinto esportista Sr. Arthur R. de Morais. O Campo do Rio Vermelho está quase abandonado e não será difícil à Desportiva, sua proprietária, pelo Sr. Arthur Morais mandar reformá-lo para os clubes da 2ª divisão jogarem à tarde ali. ⁷⁹

A *Semana Esportiva*, por sua vez, recomendava que as partidas da segunda divisão fossem jogadas à tarde no lugar dos jogos dos segundos times da primeira divisão. Ambas as propostas não vingaram. Finalmente, acertou-se que os jogos fossem disputados ao meio dia. Obviamente, tal decisão casou certa revolta em alguns periódicos, que acreditavam que o horário era péssimo por ser o momento de refeição e pelas condições do tempo.

⁷⁸ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 62, 10 de junho de 1922.

⁷⁹ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 07 de abril de 1922.

Além disso, ficou decidido que os clubes da segunda divisão receberiam 100\$000 por jogo. Apesar da insatisfação da imprensa, na reunião onde foi decidido o horário e as rendas dos jogos constavam as assinaturas de dez presidentes dos clubes da Liga, dentre os quais os cinco da segunda divisão.

Enfim, de punições ditas arbitrárias à criação de divisões, é visível que a reorganização do futebol soteropolitano com o ingresso dos clubes das elites significou, em alguma medida, o surgimento de novas tensões sociais. Estas aparecem, principalmente, pela disputa dos destinos do esporte na cidade e a tentativa de controle e monopolização da Liga pelos clubes abastados.

No Campo da Graça: outras contradições

As situações descritas acima evidenciam a tentativa das elites reconfigurarem o futebol de modo que liderassem a sua organização. Ao que parece esta foi a saída encontrada, uma vez que não era possível excluir os clubes pequenos.

Por outro lado, existiriam muitos episódios que acabam por revelar velhas e novas contradições que existiam na prática dos torcedores, jogadores e clubes das elites e que contribuem ainda mais para explicar como o futebol havia mudado em Salvador. Os exemplos que apresentaremos a seguir indicam como decisivamente a organização do campo esportivo da cidade aumentou o fosso entre um certo discurso da imprensa e a prática dos jogadores, torcedores e dirigentes abastados.

Já vimos que ao longo de 1920 Benjamin Bompert frequentemente ia aos jornais queixar-se das vaias e agressões que sofria quando apitava uma partida. Em um desabafo inflamado no *Diário de Notícias*, o juiz disse:

Decorrem, já, alguns meses que não me ocupo, pela imprensa, sobre as verdadeiras Regras do *Association*, um estudo sério, necessário a todos que dedicam às causas esportivas e tão abandono pelos nossos homens d'esportes, quase na sua totalidade.

E, sem a menor dúvida, o assunto magno, que deve ser popularmente conhecido, mas que infelizmente, apesar de incessantes esforços de alguns, nunca deixou de ser eterna ignorância, desconhecido completamente, não somente pela maioria dos jogadores, mas também pela seleta massa de torcedores que, sem o menor escrúpulo, não medindo a mínima responsabilidade, criticam, insultam e ofendem até aos Cristos, a nós, pobres juizes, que nos prestamos, mirando o interesse da nossa causa, a atuar em encontros, em que cada qual quer sobrepujar, seja de que maneira for, o adversário.

Pobre de nós, juizes, reafirmamos. Deixamos, muitas e muitas vezes, interesses familiares, comerciais e particularidades, dirigimo-nos ao campo, no cumprimento de um dever, cômico de uma obrigação, para ouvirmos de insensatos palavras grosseiras, ofensas morais e às vezes, por cúmulo, físicas.

Mas, que fazer, se não procuram conhecer as leis do jogo, se não têm a força de vontade precisa para conter a impetuosidade de seu gênio.

Ah, se punisse a nossa Liga, no vigor excessivo das Regras, àqueles que desconhecendo as, por exemplo, blasfemam contra os juízes.

Quantos responsáveis pais de família, quanto cavalheiros de posição, quantos almofadinhas, seriam expulsos, vergonhosamente, daquele local, sofrendo tamanha desfeita, ante uma assistência onde 50% é de senhoras e senhorinhas.

E no dia imediato, quando os jornais relatassem os fatos, publicando os nomes dos responsáveis pelo ato de insubordinação, que atitude, que posição teriam perante a sociedade?

Creio ser isto desconhecido, porque não vou julgar que os que tenho visto nestes últimos encontros procederem de maneira importuna, exponham-se a tanto.

Ignoram, certamente, não só as imunidades dos juízes, mas os seus deveres e poderes.⁸⁰

Embora longa, na insatisfação de Bompert notamos que muitos torcedores que viajavam os juízes eram constituídos de homens de posição social. Podemos considerar que por mais que os jornais levantassem a bandeira do cavalheirismo no futebol o comportamento hostil permanecia, sendo praticado até mesmo por sujeitos que, para a imprensa, deveriam dar o exemplo de refinamento e educação esportiva. Possivelmente isto era o principal motivo de irritação. Para a *Semana Esportiva*:

A torcida do ódio

Nós sabemos que a vaia é um direito que se compra com a entrada. Mas, há vaias e... vaias...

As vaias, cujo direito se compra com a entrada, são essas ligeiras manifestações de desagrado que se compreendem e justificam em um momento de paixões acessas. Diferentes delas, e por isso, incompreensíveis em um meio esportivo de tanta cordialidade como o nosso, são as que se tecem de vozear de ápodos por demais ofensivos.

Nós deixaríamos passar sem comentários essa vergonha, se ao lado de alguns não vissemos moços distintos, de responsabilidade definida, e que, por isso mesmo, se não deviam entregar à prática de processos tão condenáveis.

Desgraçado modo de compreender o esporte!⁸¹

É nítida a insatisfação do periódico em relatar que as vaias partiam inesperadamente de alguns homens considerados refinados. Pela leitura da notícia temos a impressão de que se os insultos partissem de populares seria algo natural pelo seu baixo nível de instrução. As ofensas aos juízes que partiam de homens de família e almofadinhas é um exemplo interessante de que a tentativa de se criar uma cultura de educação esportiva não deveria ser direcionada exclusivamente às camadas populares. Em outra crítica ao comportamento dos homens de representação social das arquibancadas a *Semana Esportiva* lamentava:

É um fato real e reconhecido que nos nossos esportistas não há, efetivamente, aquela educação esportista que pelo progresso que em nosso meio se acentua dia adia, já deveria existir em grande escala.

⁸⁰ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 07 de julho de 1920.

⁸¹ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, nº 85, 18 de novembro de 1922.

Temos notados, todos nós assistentes dos *matches* da Graça, que justamente os que procedem da maneira condenada não são, entretanto, no geral, os que menos educação receberam em família, mas, os que estão passando por esmeradamente educados.⁸²

Não se contentando em ofender os juízes, alguns torcedores costumavam brigar nas arquibancadas. Segundo uma revista, “de certo tempo a esta parte, de quando em vez, os frequentadores da arquibancada da Graça são incomodados por inconvenientes que entendem de discutir a muque o prestígio, o valor dos seus *clubs*.”⁸³

Além destes episódios encontramos um comportamento muito repudiado por algumas pessoas relacionado à forma como alguns jogadores iam trajados para o Campo da Graça.

Pela moral e pelo esporte

As linhas que vamos traçar, sob o título acima, já têm sido evitadas, várias vezes, mas os apelos ao Diário de Notícias têm sido tantos que, hoje, cessa o nosso silêncio.

Há um fato, no modo de se fazer esporte, em nossa terra, quanto ao qual, se não fora sabermos que os esportes hoje são regidos por leis severas somente à polícia poderíamos pedir a atenção.

Entanto, a ação desta vez faz-se ainda necessária quando não se trate de clubs filiados às Ligas em vigor desta cidade.

Queremo-nos referir ao pouco escrúpulo da grande maioria de moços que praticam os esportes na Bahia, irem para os jogos, seja na Graça ou Itapagipe, Barbalho ou Pau Miúdo, indecentemente fardados, ou melhor, seminus.

Nos bondes, em dias de jogos, misturam-se players com famílias, de camisas abertas e calções imoralíssimos, que não condizem com a nossa civilização, parecendo estar-se num paraíso de Adões ou numa terra sem polícia nem leis.⁸⁴

A insatisfação do jornal indica como a forma dos jogadores se comportarem no que tange a forma de se vestir mudou sensivelmente em relação aos primeiros anos do esporte em Salvador, quando estar impecavelmente bem vestido seja no campo ou fora dele era uma marca de distinção.

Finalmente, em meio a palavras e gestos ofensivos e indecentes, existia outra prática muito condenada que também partia de almofadinhas, homens de posição e até mesmo dos dirigentes de alguns clubes. Trava-se das apostas. Segundo a *Semana Esportiva*:

Numa exibição ridícula vemos indivíduos com as cédulas na mão gritando a cotação que aceitam para as apostas.

Está de veras reclamando uma medida urgente, enérgica e coibitiva das apostas na Graça.

Além de muitos outros prejuízos muda a face do jogo tirando o interesse real da partida para servir aos interesses da usura do dinheiro jogado.

⁸² Revista *Semana Esportiva*, Salvador, nº 38, 24 de dezembro de 1921.

⁸³ Idem.

⁸⁴ Jornal Diário de Notícias, 1922

Como sempre e em condições idênticas apareceu o 1º Delegado na ocasião precisa, que deu cobro aos exaltados, que urravam como leões e tornaram-se com a presença do Delegado cordeiros...
Mas... esse incidente não partiu da arraia miúda!⁸⁵

Ao que parece, em Salvador, as apostas no esporte eram práticas consideradas antiesportivas por estimularem comportamentos que deturpavam o sentido nobre do jogo. A repulsa dos jornais pela aposta ganha contornos maiores quando esta era praticada pelas elites. Em nenhum momento do recorte temporal deste texto encontramos referências positivas em relação às apostas. O que é diferente do Rio de Janeiro, onde as apostas tiveram um momento de aceitação na cidade, sendo, em alguma medida, responsável pela popularização de esportes como o remo e o turfe.⁸⁶

Enfim, estes episódios protagonizados por uma parcela significativa das elites soteropolitanas apontam que por mais que a imprensa concebesse o futebol enquanto uma atividade responsável pelo progresso da cidade, e por isso a revestia de um refinamento e educação, nem sempre a prática de torcedores e jogadores abastados coadunava com aquele ideal. Ver os jornais criticar as vaias, insultos e as apostas do chamado escol da sociedade é um indício que contradiz o próprio discurso da imprensa e setores das elites que defendiam a suposta retomada de uma cultura da educação esportiva em decorrência do forte envolvimento de pessoas não instruídas e sem capacidade de compreender o espírito cavalheiresco do jogo bretão.

É necessário destacar que práticas que contradiziam algumas representações sobre o futebol sempre existiram em maior ou menor grau. A existência da primeira Liga, por exemplo, foi marcada, em alguma medida, por alguns incidentes que manchavam a civilidade desejada para o jogo. Embora alguns dos contratemplos fossem protagonizados pelas elites, existia uma necessidade, já naquele tempo, de justificá-los pela presença de populares assistindo aos jogos.

Apesar de recorrentes, as contradições entre o discurso da imprensa e a prática do futebol pelas elites se encontravam em um novo momento, em que o futebol, na década de 1920, já não era uma novidade na cidade e a sua existência já não estava mais tão associada ao ideal de civilidade defendido pelos jornais no momento da sua chegada a Salvador. Em outras palavras, mesmo que a imprensa entendesse o jogo pela lógica de educação e progresso, para uma parcela das elites envolvida com o futebol naquele período parecia não

⁸⁵ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, nº 19, 14 de agosto de 1921.

⁸⁶ Sobre a prática das apostas no Rio de Janeiro, conferir: MELO, Victor Andrade de. *Cidade Sportiva...*, p. 161-182.

haver um choque gritante entre vaiar, apostar e apreender a atividade pelo ângulo desejado pelos periódicos.

Neste sentido, mais uma vez podemos considerar que o campo esportivo de Salvador, ao menos no que diz respeito ao futebol, chegava a um estágio de desenvolvimento e maturação, paulatinamente consolidando uma relativa autonomia em relação a certos ideais socioculturais vigentes naquele período. Desse modo, mesmo as elites, teoricamente mais próximas às aspirações de cavalheirismo, amadorismo e civilidade ainda muito defendidos pela imprensa, já não se preocupavam tanto em corresponder a determinados princípios. Aliás, a própria imprensa em alguns momentos passava a ter esta consciência, quando admitia em determinadas circunstâncias o recurso da vaia pelos torcedores.

Enfim, o que queremos dizer é que, do mesmo modo que futebol era revestido pela imprensa e intelectuais de um caráter eugênico, pedagógico e progressista, ele engendrava sociabilidades e sensibilidades que nem sempre correspondiam ao ideal de respeito e educação esportiva. Acreditamos que quando o futebol ainda engatinhava em Salvador, as vaias e brigas que eventualmente existiam em alguns jogos causavam um grande impacto e constrangimento entre as elites, talvez pelo fato do campo esportivo se encontrar em formação, ainda consideravelmente atrelado à dinâmica cultural da cidade. Vimos no terceiro capítulo que as ofensas dirigidas aos jogadores do Internacional, o clube dos ingleses em 1906 e 1907, no jogo contra o Vitória geraram uma grande crise, o que resultou na desistência desta agremiação. Já nos anos 1920, as vaias, pequenas discussões e jogadas violentas, embora fossem condenadas, eram compreendidas e até aceitas em algum nível.

Talvez um dos exemplos que mais ilustram a mudança no futebol seja a questão das cavações e do “profissionalismo marrom”. Cavar era a tentativa de um clube trazer um jogador de outro time para o seu. Para jogar por uma agremiação era necessário que o indivíduo se associasse a ela. A cavação era fazer com que um jogador se transferisse de clube sendo sócio deste novo. Este tipo de transferência era permitida no futebol soteropolitano, mas existiam algumas restrições. A partir de 1922, por exemplo, a Lei do Estágio foi incrementada, ao determinar que o jogador que se transferisse para outro clube só poderia jogar neste após um ano. O grande problema das cavações era que muitas vezes eram acompanhadas de vantagens financeiras o que configurava o “profissionalismo marrom.” Por exemplo, um dirigente que desejasse cavar um jogador para o seu clube poderia oferecê-lo um emprego, um favor ou mesmo uma quantia em dinheiro.

Como já foi dito, o futebol era marcado por um pretendido amadorismo que consistia, entre outros aspectos, na prática do futebol sem o recebimento de qualquer quantia

financeira. O amador tinha uma profissão e não dependia do jogo para a sua sobrevivência. Era um grande sinal de distinção e que era considerado um dos principais elementos que tornava o futebol uma prática refinada e civilizada. Afinal, jogar sem receber qualquer quantia demonstra o espírito nobre e cavalhareisco. Enfim, para Bourdieu o amador pensava o esporte como:

(...) uma escola de coragem e de virilidade, capaz de "formar o caráter" e inculcar a vontade de vencer ("*will to win*"), que é a marca dos verdadeiros chefes, mas uma vontade de vencer que se conforma às regras - é o *fair play*, disposição cavalheiresca inteiramente oposta à busca vulgar da vitória a qualquer preço.⁸⁷

Oficialmente esta condição deixou de existir na década de 1930, com o advento do profissionalismo e o reconhecimento da profissão de jogador no país. Contudo antes disso, principalmente a partir do final da década de 1910, o “profissionalismo marrom” passou a vigorar.⁸⁸ Para alguns autores, sua emergência está ligada ao fato do futebol naquele período:

começava a sofrer um processo de desgaste das práticas amadoras impostas pelas elites. A popularização do esporte por variadas camadas sociais levou a formação de clube e das ligas e suas subdivisões. Em pouco espaço de tempo, os clubes “populares” começaram a ganhar destaque equivalente aos demais, visto que a qualidade técnica de seus jogadores começou a despertar um maior interesse do público de forma geral. Além disso, as disputas entre os próprios clubes elitizados começavam a acirrar-se mais, estimulados pelos campeonatos oficializados. Ou seja, era necessária uma qualificação técnica dos clubes de elites.⁸⁹

Em Salvador é possível observar este processo com o surgimento de times como o Botafogo e o Ypiranga. Presididos por indivíduos das elites, estas agremiações recrutavam jovens habilidosos de origem negra e popular. Muitas vezes os próprios presidentes apadrinhavam os jogadores, seduzindo-os, oferecendo algum dinheiro, favor ou emprego e assim formavam grandes times. Entre 1917 e 1930, apenas em duas oportunidades, 1924 e 1927, o certame não foi vencido por um destes dois clubes. As conquistas eram acompanhadas de um crescimento vertiginoso do prestígio destas associações. Passaram a ter

⁸⁷ BOURDIEU, Pierre. Como é Possível ser Esportivo? In: _____. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero, 1983, p. 140.

⁸⁸ Para uma análise sobre o profissionalismo no futebol sugiro: SALLES, José Geraldo do Carmo. *Entre a paixão e o interesse – O amadorismo e o profissionalismo no futebol brasileiro*. Tese (Doutorado em Educação Física). Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2004; *História Política do Futebol Brasileiro* – SALLES, José Geraldo do Carmo. A tensão inicial do processo de profissionalização. In: *Coletânea do XI Congresso Nacional de História do Esporte*, Educação Física, Lazer e Dança. Viçosa-MG, maio de 2009; MOURA, Rodrigo Caldeira Bagni. *O amadorismo, o profissionalismo, os sururus e outras tramas: o futebol em Belo Horizonte nas décadas de 1920 e 1930*. Dissertação (Mestrado em Lazer), Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.

⁸⁹ RIBEIRO, Luiz Carlos, MOSKO, José Carlos, MOLETTA JR. Celso. O semi-profissionalismo no futebol de Curitiba, o caso do Curitiba Foot-ball Club. In: *1º Encontro da Alesde – Esporte na América Latina: atualidade e perspectivas* – UFPR, Paraná, 2008.

um grande quadro de sócios e torcida o que significava o aumento da receita na forma de mensalidades, joias e parte da renda originada dos ingressos das arquibancadas. Em Salvador, quando as elites voltaram a praticar o futebol, encontrariam um cenário com esta configuração, o que os forçaram a seguir, em parte, os mesmo passos dos outros clubes.

Aqui mais uma vez é necessário fazer uma observação importante que objetiva marcar algumas diferenças sobre como o futebol se desenvolveu em Salvador e no Rio de Janeiro. Na historiografia se tornou comum creditar o Vasco da Gama, pela conquista do campeonato carioca de 1923, como o primeiro clube a incluir jogadores negros em seu time. A sua atitude foi considerada “revolucionária”, desencadeando uma mudança substancial não só no futebol carioca como no brasileiro.⁹⁰ Apesar das elites tentarem impedi-la, gradativamente tiveram que conviver com esta situação. O caráter revolucionário já foi bastante contestado, uma vez que antes do time da Cruz de Malta, já existiam outros que em algum momento contaram com jogadores negros, como o Bangu e o América. Além disso, o esporte já era bastante popular na cidade, sendo o Vasco da Gama um reflexo deste processo.⁹¹ Mesmo assim, se tornou um episódio marcante, pois de alguma forma representava um ponto alto no processo de consolidação e popularização do futebol, que no Rio de Janeiro ocorria desde o início da década de 1910.⁹²

Porém, o que aconteceu com o Vasco no Rio de Janeiro, foi antecedido em Salvador pela experiência do Botafogo e o Ypiranga. Do mesmo perfil do Vasco, estas também eram grandes associações na cidade e venceram 12 campeonatos em um espaço de 14 anos, sempre contando com jogadores negros e populares. Apesar dos clubes elitizados levarem mais tempo para integrarem jogadores de origem humilde em seus plantéis, não tinham como efetivamente controlar o ingresso desses jogadores na principal Liga da cidade.

No Rio, a resistência ao Vasco existiu quando os grêmios elitizados montaram uma série de mecanismos com o intuito de barrar a ascensão do clube. Um exemplo disso foi a criação de outra Liga, a Associação Metropolitana de Esportes Atléticos, formados pelos

⁹⁰ Algumas narrativas acabaram dando demasiada atenção a obra de Mario Filho reproduzindo a ideia que o time do Vasco em 1923 causou uma revolução no futebol brasileiro. Em SOARES, Antônio Jorge. *Futebol, raça e nacionalidade no Brasil – releitura da história oficial*. Rio de Janeiro: Tese de (Doutorado em Educação Física) Universidade Gama Filho, 1998 é possível ler uma crítica sobre o que o autor considera abusos do uso da obra de Mário Filho.

⁹¹ Para Leonardo Miranda, “embora seja entendida por grande parte dos estudiosos do tema como o grande marco da transformação do futebol amador em profissional, a conquista do campeonato pelo time cruz de malta representava apenas mais um passo no processo crescente de valorização, dentro dos clubes, dos jogadores que pudessem garantir sua força nos campos”: PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania...*, p. 309.

⁹² Embora ainda utilize a ideia de revolução evidenciada no título do seu trabalho, João Malaia complexifica o papel do Vasco na transformação do futebol no Rio de Janeiro: SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. *op. cit.*

clubes grandes da cidade e que além de conservar as restrições da LMDT ainda proibia o ingresso de jogadores que “habitualmente não tenham profissão ou empregos certos.”⁹³ A princípio o Vasco foi excluído desta entidade, sendo incorporado um ano depois, em 1925, e mesmo assim teve que cumprir algumas exigências.⁹⁴

Já em Salvador as elites não tinham como estabelecer um tipo de controle ou resistência parecida, pois se mantiveram afastadas do futebol por bom tempo, o suficiente para que equipes como Ypiranga e Botafogo emergissem, disputando a hegemonia do esporte na cidade e transformando-o, antes do Vasco da Gama ter “revolucionado o futebol brasileiro.” Ao contrário do Rio, onde as elites tentaram, sem sucesso, barrar esta transformação, em Salvador as aristocráticas associações tiveram mais que se adaptar aos novos tempos do que estabelecer um tipo de resistência mais radical como no Rio. Depois que a Liga foi reorganizada, em nenhum momento o Bahiano de Tênis, o Vitória ou a Associação Atlética pensaram em formar uma Liga mais restrita diante da supremacia do Ypiranga, por exemplo, que em 1921 foi campeão ganhando todos os seus jogos.

Aliás, no próprio Rio, as elites gradativamente tiveram que se enquadrar no novo momento, embora isto tenha ocorrido um tempo depois de Salvador e de uma forma que os clubes de elite se mantivessem no poder. Na capital baiana, se os clubes abastados não aceitavam de imediato jogadores negros e populares, não tinham como impedir a entrada destes nos outros clubes nem excluí-los da Liga. O Bahiano de Tênis ou a Associação Atlética tentaram até acompanhar ao seu modo as mudanças do futebol baiano quando buscaram jogadores mais próximos do seu perfil social. O alvinegro, por exemplo, por exemplo, preferiu contratar jogadores estrangeiros e brancos. Entre estes estavam o suíço Barbieri e os uruguaios Varela e Perez. Este último contratados de clubes do Rio Janeiro junto ao Bahiano e a Associação.

A trajetória de Antônio Muniz Duarte, o Manteiga, descrita por Mario Filho é um exemplo que pode nos ajudar a perceber algumas diferenças entre o futebol dos dois estados. Manteiga era marinho quando foi recrutado pelo América para jogar. Como a liga carioca proíba os praça de pret, os dirigentes do clube ofereceram um emprego para o jogador. Apesar de “legalizado”, Manteiga parece ter sofrido muita resistência dos jogadores do América, que não o aceitavam pela sua condição racial. Nove atletas até pediram demissão do grêmio.

⁹³ NAPOLEÃO, Antônio Carlos. *op. cit.*, p. 97. Os clubes que fundaram este Liga foram: América Bangu, Botafogo, Flamengo e Fluminense.

⁹⁴ Uma das exigências, por exemplo, era que o clube teria que ter um campo próprio.

Quando o América visitou Salvador para uma série de amistosos, Manteiga, que era baiano, foi assediado pelos dirigentes do Botafogo e acabou ficando em terras soteropolitanas. Diferente do Rio de Janeiro, a presença do jogador no futebol baiano não foi marcada por um tipo de rejeição relatada por Mário Filho, o que não quer dizer que Salvador era menos racista que a capital da república. Imaginamos, contudo, que, Manteiga teve mais aceitação entre os soteropolitanos e mesmo alguns setores das elites mais racialmente conservadores não tinham como impedir a sua presença no Botafogo ou de negros em outros clubes.

Finalmente, para as elites, formar times competitivos não era uma questão meramente de angariar títulos, mas também aumentar as rendas e receitas. Ser vencedor significava, conseqüentemente, ter mais sócios e torcida. O Ypiranga e o Botafogo chegaram a ter mais de 400 associados por conta do sucesso em campo, pois não possuíam sedes sociais que nas grandes e suntuosas festas, como as do Bahiano ou Associação Atlética, permitiam atrair futuros associados.

Todavia, se inserir na mesma lógica dos clubes vencedores equivalia para as elites ir de encontro a toda uma mentalidade amadora que de certa forma era uma das razões de ser daquelas sociedades. Sobretudo a imprensa, eram um das principais defensoras da manutenção do caráter amador do futebol. Por outro lado, seguir a risca este preceito significaria a derrocada dos clubes abastados, pois não teriam como rivalizar com os times mais qualificados. No máximo, continuariam a ter grande atividade social, mas não teriam muito prestígio no futebol, sendo apenas coadjuvantes.

A tentativa das elites acompanharem as mudanças do esporte, dando uma atenção especial à formação de times competitivos pode ser considerada umas das principais contradições entre o discurso de setores daquele grupo e a sua prática. Muitos esportistas conservadores ainda defendiam o esporte pelo esporte, preferiam ter seus clubes enquanto entidades social e racialmente distintas do que aceitar indivíduos considerados moralmente desqualificados para poder formar um time que tivesse chances de vencer o campeonato. Enfim, a tensão na qual as elites se encontravam emergidas era muito circunstanciada pelo momento que o futebol baiano passava. Talvez uma tentativa de síntese fosse ao menos formar grandes times, sem necessariamente praticar o profissionalismo marrom. Para isso as elites buscavam seduzir os jogadores mais qualificados para se associarem aos seus clubes e assim desfrutarem do luxo e distinção destes. Mesmo assim era uma prática altamente condenada pela imprensa que ainda parecia viver no tempo do amadorismo romântico.⁹⁵

⁹⁵ A contradição entre discurso e prática das elites no futebol pode ser observada em outras localidades. Ver, por exemplo: MORAES, Hugo da Silva. *Jogadas insólitas: amadorismo e o processo de profissionalização do*

A *Semana Esportiva*, por exemplo, em várias colunas e editoriais criticava a postura dos dirigentes em cavar jogadores, uma prática que não condiziria com as credenciais de muitos presidentes. Para a revista:

Os nossos dirigentes são altas personagens, são todos titulados, uniformemente doutores!... Possuem, de ordinário, recursos ou posições porque se façam valer, e, trocando gosto por prepotência, confundindo esporte por imperialismo, baralhando alevantamento social por conveniência material, transformam, eles, os novos dirigentes do esporte, as verdadeiras sensibilidades esportivas em um abismo de condenáveis cavações, todas horripilantes ao socialismo amadurecido.⁹⁶

Se o oferecimento de quantias, favores e até empregos era condenado, algo não melhor era a perseguição que alguns dirigentes faziam a determinados jogadores que não desejavam se transferir de clube. Em uma situação descrita pela *Semana Esportiva*, um mandatário de um clube afirmou a um jogador que se este não atuasse pela sua representação, teria sua vida prejudicada pelo mandatário, que tinha grande influência no comércio. Segundo o periódico:

O cavalheiro X desejava cavar o jogador Y do *club* tal para jogar no próximo campeonato no seu *club*, que não estima em vista de dar provas com fatos desta ordem. É que para convencer o jogador Y que devia deixar o *club* a que de princípio se dedicou, defendendo com denodo as suas cores objeta-lhe com a afirmativa de que uma vez não sendo satisfeito este seu desejo, ao cavalheiro X que é trunfo no comércio podem dali advir perseguições na sua vida íntima (do jogador Y).⁹⁷

A revista até achava justo que os jogadores procurassem formas de encontrar uma boa colocação na sociedade. Parecia concordar que aqueles se desenvolvessem no futebol procurando figurar em equipes mais qualificadas através das transferências realizadas de forma legítima, mas sem receber qualquer quantia por isso:

É justo que o jogador de *foot-ball*, como todo homem de bem, procure se valorizar, já pelo desenvolvimento no jogo, já pela maneira do trajar apresentando-se à sociedade.
É justo que o jogador aceite ou procure meios de conseguir uma colocação que lhe proporcione melhores dias, sustentando e concorrendo sempre para o progresso do seu *club* adotado. Porém, essas banais cavações, esses oferecimentos pecuniários transmissores da ociosidade?
Esse processo dos novos dirigentes está dia a dia despertando a curiosidade de todos que, como eu, também preveem o desmoronamento de muitos moços para o futuro e até a própria queda do esporte.⁹⁸

futebol carioca (1922 – 1924). Dissertação (Mestrado em História) Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2009.

⁹⁶ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, nº 99, 24 de fevereiro de 1923.

⁹⁷ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, nº 38, 24 de dezembro de 1921.

⁹⁸ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, nº 48, 05 de março de 1922.

Tal como as vaias em determinadas circunstâncias eram aceitáveis, a revista também concordava com a autovalorização do jogador. Na nota acima podemos enxergar um esforço da revista em compreender as lógicas próprias do campo esportivo. Outra atitude do semanário, em que é visível uma aproximação com os sentidos próprios do futebol, foi a criação de uma secção chamada *Na hora das cavações*. Esta coluna geralmente aparecia entre o final e início de uma temporada e informava aos leitores como os clubes estavam se preparando para o campeonato seguinte, quais jogadores pretendiam contratar, além de especular sobre o desejo de alguns atletas em mudar de time.

Finalmente, ainda existiam situações em que certos dirigentes por terem ajudado alguns jogadores, pediam que estes não se transferissem para clubes rivais. Um exemplo disso foi o que se passou entre Ypiranga e o Dr. Augusto Maia no início de 1923. Este homem, por muito tempo, foi presidente do aurinegro, sendo um dos principais responsáveis pela ascensão do clube. Por motivos de saúde e divergências com outros mandatários, o Dr. Maia saiu do Ypiranga passando a se dedicar ao Yankee, o clube dos seus sobrinhos, que ajudara a fundar em 1914. Com a sua saída, o aurinegro passou a ser presidido pelo engenheiro Luiz de Sá Adami. O problema era que este, em carta escrita à *Semana Esportiva*, dizia que encontrava muitas dificuldades na gerência do grêmio, pois o Dr. Maia procurava de todas as formas prejudicar o mesmo. Para Sá Adami, o doutor pedia que jogadores protegidos por ele abandonassem o aurinegro ou não jogassem pelo clube. Estas ações “era com o fito de desmantelar o Ypiranga, para que o novo *club* do Dr. Maia, o Yankee, subisse para a primeira divisão.”⁹⁹

Por sua vez, em entrevista concedida à *Semana Esportiva* com intuito de esclarecer a situação, o Dr. Maia disse que os jogadores que ele protege:

(...) acham que devem ser meus amigos, e por isso estão sempre ao meu lado. Todos zangam-se porque convidam a estes meus meninos para estes ou aquele *club*, e os mesmos respondem que somente depois de me ouvirem poderão responder. Não sou culpado de ser querido deles, cuja amizade para comigo mostra que eles não se esquecem dos favores que lhes tenho feito.¹⁰⁰

Pela sua incongruência com o amadorismo, o “profissionalismo marrom”, por si só, era rejeitado. Para além destes fatos, podemos entender que a forma como ocorria esta prática remete a um tipo de relação paternalista. Oferecer favores ou perseguir os jogadores para que jogassem no seu clube eram atitudes que lembram muito as relações estabelecidas no

⁹⁹ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, nº 101, 10 de março de 1923.

¹⁰⁰ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, nº 99, 24 de fevereiro de 1923.

paternalismo, na qual através de conchavos, favores e obrigações mútuas, as elites senhoriais mantinham uma dominação. As ações do Dr. Maia e até os próprios termos utilizados para caracterizar sua relação com os jogadores – os meus meninos os quais tenho feito favores – é um claro exemplo de como dos dirigentes esportivos ao ajudar ou apadrinhar os jogadores estabeleciam um vínculo de deveres e obrigações recíprocas.

Aliás, a relação que Dr. Augusto Maia Bittencourt desenvolveu com Dois Lados, um dos seus meninos, é um exemplo bem elucidativo. Em uma coluna da revista *Semana Esportiva*, intitulada Bichos da Boa Terra,¹⁰¹ encontramos alguns dados biográficos do jogador informando que:

Na roça que se alonga, mato em fora, da confortável vivenda do coronel Alexandre Maia, nasceu em abril de 1872, segundo uns, ou 1882, segundo outros, João da Silva, uma robusta criança, que se haveria de chamar depois Dois Lados. Filho de uma velha cria da casa, os cuidados que lhe foram dispensados são um brilhante atestado da fidalguia, da distinção, que é um dos traços característicos da ilustre família Maia.¹⁰²

Pesquisando a genealogia da família Maia, identificamos a existência de um Alexandre Freire Maia Bittencourt e um Alexandre Freire Maia Bittencourt Filho. Não sabemos ao certo quais destes dois era o coronel citado pela revista. Encontramos um relatório apresentado a Assembleia Legislativa Provincial da Bahia de 1866 que consta o nome de Alexandre Freire Maia Bittencourt enquanto tenente coronel que comandava o batalhão de São Pedro.¹⁰³ Caso o Alexandre Freire Maia Bittencourt Filho fosse o coronel ele teria, em 1866, vinte anos, pois na genealogia da sua família seu nascimento é datado em 1846. Independente de quais dos dois era o coronel lembrado pela revista, o fato é que Alexandre Freire Maia Bittencourt além de ter tido um filho com o mesmo nome seu ainda teve, entre outros filhos e filhas, o Dr. Augusto Freire Maia Bittencourt que foi diretor do Asilo São João de Deus e autor da Memória Histórica da Faculdade de Medicina. Ao que parece Alexandre Freire Maia Bittencourt Filho teve quatro filhos, entre eles Alexandre Maia Bittencourt e Augusto Maia Bittencourt. O primeiro foi um renomado engenheiro, responsável pela reforma do Palácio do Rio Branco em 1890 e um dos fundadores da Escola Politécnica em 1897. Vale lembrar que o engenheiro era o pai de Alexandre Maia Filho e Aroldo Maia, ambos fundadores do Yankee em 1914 e o último memorialista do futebol em Salvador algumas

¹⁰¹ Sobre esta coluna ver o quinto capítulo.

¹⁰² Revista *Semana Esportiva*, Salvador, nº 77, 23 de setembro de 1922.

¹⁰³ DANTAS, Manuel Pinto da Souza. *Relatório apresentado à Assembleia Legislativa Provincial da Bahia Bahia*: Tipografia de Tourino e Companhia, 1866, p. 17.

vezes citado neste trabalho. Já o irmão do engenheiro é o Dr. Maia, o sócio benemérito do Ypiranga.¹⁰⁴

Voltando aos dados biográficos de Dois Lados pelas duas datas do seu nascimento podemos supor que ele era filho de uma escrava ou de uma liberta. Pela forma que a revista chama a sua mãe, “velha cria”, ficamos inclinados a pensar que Dois Lados era filho de uma escrava. Enfim, independente da condição da sua mãe, o fato é que Dois Lados viveu sob o domínio da família Maia até a sua juventude. Inclusive a *Semana Esportiva* disse que:

Por causa dos seus olhos, que de vermelhos, parecem dois rubis, incubiam-no de “meter medo” ao Aroldo (Maia), todas as vezes que esse se tornava por demais traquinas. Dois Lados, com aquela fisionomia “simpática”, escondia-se em qualquer desvão da casa e, ao passar o hoje presidente e alma do Yankee, avançava para ele, fazendo-o correr, precipitado, para queixar-se ao velho de que fora perseguido por um lobisomem.¹⁰⁵

Por ter um vínculo com a família Maia, Dois Lados foi jogar no Ypiranga quando o Dr. Augusto Maia Bittencourt ajudou a reorganizar o clube e convidou o jogador. O curioso é que, para a revista:

Nas férias do campeonato é interessante ouvi-lo cantar ao Dr. Maia: F... me chamou para lá, prometendo muita coisa... X... me disse que não me faltará nada, se eu passar para o *club* dele.
Dr. Maia ouve as revelações todas, fita-o com insistência e pergunta:
Você vai?
- O Dr. não está vendo? Daqui ninguém me tira.¹⁰⁶

Enfim, o entrelaçamento dos dados biográficos de Dois Lados e da família Maia indica como o futebol naquele momento, diante de determinados interesses buscava ressignificar práticas paternalistas de um passado não muito distante.

¹⁰⁴ A árvore Genealógica da Família Maia se encontra no site: www.mundia.com.br/tree/family/1068294/-2004331208. acesso em 05 de setembro de 2011.

¹⁰⁵ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, nº 77, 23 de setembro de 1922.

¹⁰⁶ Idem.



Figura 48: Dois Lados, um dos “meninos” do Dr. Augusto Maia. (Revista *Semana Esportiva*, 1921).

Por outro lado, se as estratégias adotadas pelos dirigentes remetem a um tipo de dominação baseada na negociação, o posicionamento de alguns jogadores frente a este processo aponta para um comportamento que procurava levar alguma vantagem, seja financeira ou social. Provavelmente muitos jogadores aceitavam os mundos e fundos oferecidos pelos dirigentes. Não foi fácil encontrar na imprensa episódios explícitos do “profissionalismo marrom” no recorte temporal desta pesquisa. Talvez pelo fato da imprensa condenar a prática e tentar escondê-la. Uma das poucas notícias que localizamos foi publicada na *Semana Esportiva*. De título o “cúmulo do amadorismo” contava a história de um jogador que pediu um empréstimo de 130\$00 ao clube que jogava. Para pagar a dívida, ele pretendia se transferir para o seu ex-clube que lhe tinha apreço. Este, para ter o jogador de volta, pagaria suas dívidas com o outro clube. Para a revista, no seu plano o jogador “tinha posto como condição de regresso o pagamento das suas dívidas no seu *club* onde (sic). Foi negócio arrumado: o outro *club* pagará as suas dívidas.” Porém, por trás deste negócio existia outro maior. Nas palavras da revista:

Perguntaram-lhe, porém, quanto eram as dívidas. Resposta: 200 mil réis! Parece que até agora acharam pouco e a conta vai ser paga!
 Como veem o homem aumentou a dívida de 130 para 200 mil réis. Começou daí a cogitar no processo de os receber. Pressentiu que a liquidação seria feira entre os dois *clubs* e assim parece que sucederá.
 Ele, porém, não desanimou e procurou o presidente da direção do *club* a quem deve os 130 mil réis e disse-lhe;

Eu venho pedir-lhe um favor. O (nome do *club*) vai pagar o dinheiro que cá devo. Mas eu disse-lhe que eram 200 mil réis, de modo que eu vinha pedir o favor de receber os duzentos e de me entregar depois os 70 que restam! Qualquer comentário escangalharia tudo, tanto mais que o caso presta-se a muitas considerações...
Que o leitor as faça!¹⁰⁷

De acordo com a *Semana Esportiva*, essa história era real. Entretanto, independente da sua veracidade, o fato é que ela é um exemplo típico de como os jogadores se beneficiavam do “profissionalismo marrom”. Neste caso, o jogador em questão ludibriou o dirigente interessado na sua transferência, talvez por temer que este fosse um homem que condenava este tipo de prática. Mas, existiam muitos mandatários que não tinham o menor constrangimento em oferecer vantagens aos jogadores que desejavam para os seus times.

Aceitar as vantagens oferecidas pelos dirigentes, contudo, não era a única forma dos jogadores se beneficiarem financeiramente. Alguns deles conquistaram uma fama significativa por integrarem a seleção baiana que fora disputar, com sucesso, o Torneio do Centenário do Rio de Janeiro, em 1922. Enfrentando a seleções do Rio de Janeiro, Distrito Federal, São Paulo e Rio de Grande do Sul, a Bahia conquistou o segundo lugar na competição, que foi muito comemorada no estado.¹⁰⁸ Não nos surpreendeu saber que alguns jogadores buscaram tirar algum proveito com a fama conquistada. Não foram poucas as vezes que encontramos críticas dos jornais queixando-se da postura de alguns *sportmen* que iam ao interior da Bahia e até para outros estados a troco de dinheiro. Segundo o *Diário de Notícias*:

Com um apelo dos que se interessam pelos nossos negócios esportivos terrestres, pede-nos atenção o fato que deve ser, imediatamente, corrigido pela nossa entidade terrestre, a L.B.D.T, quanto aos jogos de combinado organizados pelos nossos jogadores de *clubs* filiados a Liga que fazem, a todo momento, excursões prejudiciais às cidades do interior trazendo como resultantes acidente lamentáveis aos nossos *players*.¹⁰⁹

Como estes jogadores eram filiados a Liga, não poderiam excursionar sem uma licença da entidade. Ao que parece, para o jornal as muitas viagens de certos rapazes às cidades como Alagoinhas, Amargosa e até em Penedo, interior de Alagoas, teriam validade se tivessem o aval da Liga e um propósito esportivo de difundir o futebol e os seus benefícios. Como muitas vezes serviam para ganhos financeiros a imprensa condenava veementemente a práticas destes jogadores e defendia que estes deveriam ser suspensos por seis jogos do que pagar uma multa de 20\$000 para cada partida jogada sem a autorização da Liga.

¹⁰⁷ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, nº 36, 10 de dezembro de 1921.

¹⁰⁸ Ver o quinto capítulo

¹⁰⁹ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 31 de janeiro de 1923.

Talvez dois episódios que nos ajudam bastante a pensar a relação clube/dirigente/jogador no “profissionalismo marrom” em Salvador foram as tentativas do Bahiano de Tênis e Ypiranga de contratar Apolinário Sant’Anna, respectivamente em 1921 e 1922. O popular Popó, como era conhecido, tornou-se um dos principais jogadores baianos da primeira metade do século XX. Nascido em 1902, residia no Rio Vermelho onde se iniciou enquanto jogador.¹¹⁰ De grande porte físico e apreciado pela sua capacidade em jogar em várias posições do campo, Popó, ainda criança atuava por um dos times mirins do Rio Vermelho, o Santana. Pelas suas atuações, despertou interesse de Elias que jogava no Atlético Bahiano do Tororó e pelo Sul América. A princípio jogou pelo primeiro time, transferindo-se rapidamente para o segundo com 12 anos, em 1914, que naquele período disputava o certame da então Liga Brasileira. No primeiro ano Popó jogou no terceiro time, ascendo para o principal um ano depois. Finalmente, jogou pelo Sul América até 1918, quando, a convite de Anísio Silva, transferiu-se para o Fluminense.¹¹¹ Em um curto espaço de tempo e ainda com pouca idade, Popó saiu dos babas do Rio Vermelho para disputar o principal torneio da cidade. A sua rápida ascensão pode ser compreendida enquanto um atestado das suas qualidades como atleta.

Por conta disso, com menos de dois anos jogando pelo time de Anísio Silva, o Bahiano de Tênis tentou contratá-lo. Como já foi discutido, o alvinegro foi fundado com a intenção de praticar apenas o tênis. Porém, a febre do futebol em 1919 fez com que os diretores criassem uma secção de futebol e quando a Liga foi reorganizada, o Bahiano se inscreveu, disputou o certame de 1920, conquistando o sexto lugar. Provavelmente a colocação que o time obteve não, condizente com os seus créditos esportivos, fez com que procurasse reforços para a temporada seguinte. Segundo o *Diário de Notícias*:

Terminado este, acharam alguns diretores de bom alvitre melhorar o seu quadro principal e para isto convidaram vários elementos de outras associações dentre eles Joaquim e Popó os dois irmãos de cor escura, dianteiros do Fluminense.

Concebido este novo ato, eis que há entre altos personagens do Bahiano enérgica medida.

UMA DISSIDENCIA, pois achavam uns que estes dois novos elementos não deveriam ser aceitos, muito embora fossem ótimos jogadores.

Discussões e mais discussões e os dois “escuros” puseram em seus novos jaquetões os belos distintivos da mais reputada associação esportiva da Bahia.

Iniciaram-se os ensaios e eles, esforçando-se porque não poderiam deixar mal aqueles que os apadrinhavam e que para o futuro lhes haviam de fornecer lindos autos para passeios, banquetes, bailes e diversões outras, encantaram, empolgaram e esperançaram uma vitória brilhante, um campeonato!

¹¹⁰ Alguns dados sobre a vida de Popó podem ser encontrados no livro de memórias sobre o jogador: PIRES, Aloildo Gomes. Popó, *o craque do povo. A trajetória de Apolinário Santana*. Salvador: [s.n.], 1999.

¹¹¹ Os dados o início da trajetória da Popó se encontram em um livro de autoria e data desconhecidas que encontrei no arquivo da SUDESB. Muito provavelmente Aloildo Pires retirou muitas informações daquele livro.

A fama do quadro alvinegro era notória, todos os tinham e os dois novos convidados recebiam nas horas vagas instruções de educação para não desacreditarem a associação.

Mas, tanto esforço, tanto sacrifício não era compensado.

E teve, afinal, este caso a sua revisão, aprovada mesmo pelos que haviam patrocinado a causa Popó-Joaquim

Em reunião resolveram não mais admitir os dois elementos “escuros” figurando no seu quadro social (...)

Estas resoluções ecoaram magnificamente no seio do Bahiano de Tênis, merecendo da maioria dos esportistas desta capital os mais francos aplausos.¹¹²

A notícia, publicada na primeira página do *Diário de Notícias*, nos permite fazer inúmeras reflexões. Na atitude de alguns dirigentes do Bahiano é nítido ver a tentativa do clube montar um bom time para rivalizar com outros de melhor qualidade. Deste modo, podemos interpretar que o alvinegro a princípio se preocupou mais em se adaptar a nova conjuntura do futebol baiano do que encontrar formas de resistir a este processo. Isto é, ao invés de tentar barrar a entrada de negros e populares na Liga, os clubes estavam contraditoriamente tentando integrá-los.

Isso não quer dizer que as elites não buscaram meios de resistir ou combater as mudanças ocorridas no esporte. A criação da segunda divisão seguida do boicote aos clubes que nela caíram pode ser entendida como uma forma de controlar a entrada de novos clubes e jogadores humildes, pobres e negros. Se lembrarmos bem, os clubes que figuraram na segunda divisão foram Fluminense, Nacional, Sul América e Internacional, os mais pobres e que eram significativamente compostos por gente modesta e negra. No entanto, a criação de divisões, entre outras ações, não eram suficientes para contar a emergência de negros no futebol, que ocorria há um bom tempo e que, em parte, era responsável pelo sucesso dos vitoriosos Ypiranga e Botafogo. Enfim, parecia não restar outra saída para as elites.

Nas palavras do *Diário de Notícias*, percebemos que existia uma corrente no Bahiano contrária à aceitação de Popó e Joaquim no clube. Isso aponta para o quanto as elites se encontravam em uma situação conflitante: reforçar o time com bons jogadores negros ou manter-se como uma associação social e racialmente distinta. Parece que não era possível ter as duas opções, embora houvesse tentativas de conciliá-las. A iniciativa de educar os jogadores com aulas de etiqueta para se comportarem nos grandes eventos do aristocrático é um exemplo de tentar trazer Popó e Joaquim para o universo do clube.¹¹³

¹¹² Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 22 de março de 1921.

¹¹³ O fato dos jogadores receberem aulas de etiqueta para freqüentarem os eventos sociais do Bahiano vai na contramão do que se costuma dizer sobre a presença dos jogadores negros nos clubes de elite. Muito baseado na obra de Mário Filho há uma assertiva que considera que os jogadores negros nos clubes abastados apenas jogavam, todavia, não compartilhando das festas e eventos dos clubes. Manteiga quando jogava no América é um exemplo do jogador que tinha um envolvimento com o clube apenas no campo.

Se no Bahiano existiam divergências quanto à aceitação dos jogadores, podemos imaginar que estes não tinham dúvidas sobre ficar ou não ficar no aristocrático. Jogar pela distinta associação significava desfrutar de algumas vantagens financeiras e materiais que o Fluminense não poderia dar, o que representava, portanto, uma ascensão econômica e até social.

Finalmente, pelo final da nota, parece que o *Diário de Notícias* não concordava com a permanência dos jogadores, o que aponta que o periódico estava em sintonia com o pensamento de alguns sócios do Bahiano que entendiam a presença de elementos negros nas dependências do clube como uma afronta às suas tradições brancas e aristocráticas. Mais uma vez é evidente, portanto, o posicionamento da imprensa baseada no seu ideal de futebol amador.



Figura 49: Apolinário Sant'Anna com a camisa do São Bento. (Revista *Semana Esportiva*, 1923).

Fracassada a empreitada, Popó e Joaquim, a princípio, ficariam sem rumo. No entanto, pelas qualidades futebolísticas não tinham como ficar sem clubes. Joaquim foi para o Ypiranga, enquanto que Popó foi parar no São Bento, clube fundado em 1909 e que estrearia no certame de 1921.

Contudo, não demorou muito para que outras propostas surgissem para Popó, que ainda jogaria pelo São Bento por dois anos. Em 1923 foi atuar, em uma espécie de empréstimo, no Santa Cruz, um clube de Penedo no interior de Alagoas.¹¹⁴ Antes disso, porém, o Dr. Augusto Maia, então presidente do Ypiranga, tentou trazê-lo para o seu time, no início de 1922. Embora a transferência não tenha sido efetivada, foi marcada por muitas polêmicas pela forma como ocorreram as negociações.

A história começou por uma declaração do Popó, alegando que, em 1922, não jogaria por outro clube a não ser o São Bento. Tal afirmação foi motivada pela não concretização da sua transferência para o Ypiranga. Buscando esclarecimentos sobre a situação, o *Diário de Notícias* obteve uma entrevista com o Dr. Maia que disse que “a diretoria do Ypiranga sempre foi contrária à entrada de Popó para o nosso quadro principal.”¹¹⁵ Mas, por conta de dois sócios importantes que desejavam a ida dele ao Ypiranga, o Dr. Maia consentiu em aceitá-lo. O motivo para que o mandatário, a princípio fosse contrário à transferência do jogador era que “além do mesmo não me inspirar confiança, é jogador profissional, o que não admito em meu *club*. Só me servem jogadores que não sejam, repito-lhe profissionais.”¹¹⁶ Pelas informações da entrevista, este problema foi resolvido quando, nas palavras do presidente, “alguém ‘cá de casa’ prontificou-se a dar-lhe um bom emprego, convencendo-me, afinal, de que consentisse na entrada dele para o *club*.”¹¹⁷

O *Diário de Notícias* então perguntou se a transferência parecia acertada porque Popó declarou que ficaria no São Bento. O Dr. Maia, então, mostrou uma carta redigida pelo jogador na qual pedia 600\$000 o que para o presidente comprovava que o jogador era profissional. Por não ter atendido às exigências de Popó, a transferência foi cancelada.

O jornal finalizava a entrevista afirmando que as suas páginas estavam abertas para que o jogador se defendesse das acusações, o que foi feito no dia seguinte. Na sua defesa, disse que foram os dirigentes do Ypiranga que desde o ano passado lhe procuravam oferecendo vantagens para jogar no aurinegro. Segundo Popó, “chegaram os muitos dignos representantes do Ypiranga a me dizer que se eu precisasse de alguma coisa, que dissesse. Sempre respondi que nada queria, nem de nada, felizmente, necessitava.”¹¹⁸ Mesmo declinando os convites, os dirigentes do clube insistiam na transferência de Popó. Enfim, para o jogador, “profissional queria que eu fosse o Dr. Maia e o *club* Ypiranga, pois o Dr. Pery

¹¹⁴ Sobre a ida de Popó para Penedo ver o quinto capítulo.

¹¹⁵ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 23 de janeiro de 1922.

¹¹⁶ Idem.

¹¹⁷ Idem.

¹¹⁸ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 24 de janeiro de 1922.

me ofereceu 50\$000, que eu recusei altivamente.” Popó se referia a outro dirigente, provavelmente um dos sócios que mais desejavam a sua ida para o clube.

Na empreitada de se defender, Popó ainda contou com a ajuda de outro *sportman*. João Santos Ataíde foi ao *Diário de Notícias* no intuito de publicar uma carta que buscava esclarecer para as rodas esportivas o que se passava no caso Popó/Ypiranga. Para Athayde, o que ocorria era um injusto ataque do presidente ao jogador. Não foi Popó que ofereceu os seus serviços para o Ypiranga, como afirmava o Dr. Maia. Pelo contrário, o presidente ofereceu vantagens para Popó e este em carta lida por Athayde pedia 600\$000 para ingressar na representação amarela e negra. De acordo com a carta publicada no *Diário de Notícias*:

Demonstremos. Quem escreve viu a carta escrita por Popó.
Na celebre carta pede o pebolista 600\$000 e “espera que fique certo o que ficou combinado”
Popó foi cantado e não se ofereceu.
Ofereceram-lhe vantagens.
Pobre e com família, aceitou. Manda buscar a importância prometida: remetem-lhe 50\$000 por intermédio do Dr. Pery Guimarães. Popó, vendo faltar-lhe o prometido, resolveu ficar onde está. O Dr. Maia zanga-se e sem pensar nas consequências (Quem tem teto de vidro...) resolve divulgar o fato.
É Popó um profissional? Não! Mil vezes não! De quem é a culpa? Dos cavadores inveterados: Dr. Maia e o Dr. Pery.¹¹⁹

Ataíde ainda finalizou lembrando que:

Se o Dr. Maia deseja sanear o esporte, comece a cortar jogadores seus como: Pércles , Dois Lados e outros. A melhor justiça começa por casa.
Se essa questão do profissionalismo for levada ao plenário da Liga, sofrerá muito mais o Sport Club Ypiranga do que o pequeno e cantado Popó.¹²⁰

O caso Popó/Ypiranga, como ficou conhecido na imprensa, é sintomático, pois ilustra muito bem a situação do futebol naquele momento. Oferecer a Popó favores e dinheiro é mais um indício inequívoco da ressignificação das práticas paternalistas no futebol. Nas palavras, em tom de denúncia, de João Ataíde temos a impressão que o presidente do Ypiranga desejava era tornar Popó um dos seus protegidos, como fez com outros jogadores do clube, a exemplo de Dois Lados. Com isso o presidente poderia reforçar o clube, além de estabelecer um vínculo com jogador para futuras necessidades. Não custa lembrar que o Dr. Maia possuía um importante cargo no Tesouro do Estado, o que seguramente lhe permita oferecer garantias ou serviços aos jogadores.

Por outro lado, mesmo Popó desmentindo as acusações do Dr. Maia, vimos que o jogador procurou de algum modo se beneficiar com o assédio do Ypiranga. Provavelmente, se

¹¹⁹ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 25 de janeiro de 1922.

¹²⁰ Idem.

o clube pagasse o que ele desejava, não existiria toda esta polêmica. Mesmo não conseguindo Popó naquele ano, o Ypiranga o teria em 1925, após insistência do então presidente do clube, o comendador Dr. Braz Moscoso.

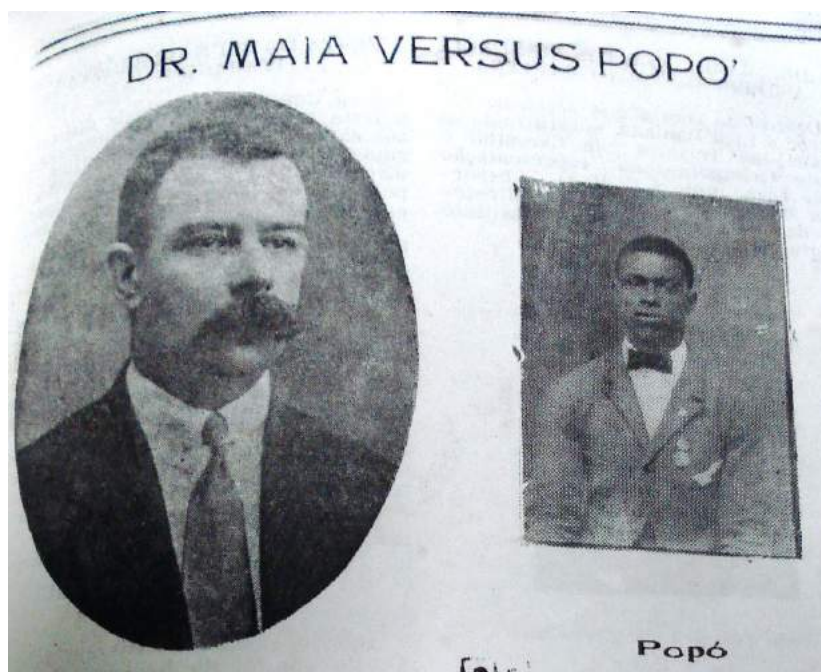


Figura 50: Uma manchete da *Semana Esportiva* sobre o caso Dr. Maia/Popó.

Diante destes fatos a nossa preocupação não é julgar ou identificar os vilões ou mocinhos da história. O Dr. Maia e Popó estavam imersos em uma conjuntura de mudanças substanciais no futebol baiano. Cada qual, ao seu modo, procurou obter alguma vantagem. Se o jogador visava ascender financeiramente, o presidente buscava obter um prestígio social montando um grande time.

O papel de desqualificar e julgar as mudanças do futebol, com certeza cabia à imprensa da época e a sua insistência em apreender o futebol enquanto uma prática civilizadora, distinta e fidalga. Sobre o caso Popó/Ypiranga, o *Diário de Notícias* encerrou o assunto ao dizer que:

O nosso intuito com o que temos até aqui feito não foi promover o escândalo que infelizmente se veio produzir no nosso meio esportivo, mas auxiliar, de algum modo, àqueles que estão com a responsabilidade da direção da Liga Bahiana mostrando, só com um fato, até aonde chegou o pouco critério da prática do esporte entre nós, culpa que, repetimos, cabe especialmente aos diretores dos clubes baianos (que deviam ter melhor comissão de sindicância) e também à Entidade Máxima dos esportes terrestres não consentindo no seio dos mesmos jogadores que são em grande parte desocupados, analfabetos e até mesmo de maus costumes.

É preciso, pois, e nós agora é que proclamamos, um saneamento geral, com uma criteriosa comissão de sindicância da Liga, proibindo o registro daqueles que não estiveram nas condições necessárias de fazer parte de *teams*, para que sejam evitados estes fatos públicos.¹²¹

Observamos que, por mais que alguns órgãos da imprensa criticassem as tentativas dos dirigentes da Liga em prejudicar os clubes populares, parecia existir um desejo de ao menos eliminar os jogadores considerados socialmente inaptos para a prática do futebol destas associações. De um modo geral, o que a imprensa desejava era limpar o esporte destes jogadores. Entretanto, o que acontecia era justamente o contrário. Homens de baixa renda, analfabetos e os considerados de maus costumes, se não ingressavam nas associações de elite, eram cada vez mais recrutados dos bairros, ruas e de equipes menores para times como Ypiranga e Botafogo, que pareciam não ter problemas em ter atletas sem refinamento, contanto que fossem habilidosos. O interessante é perceber que os dirigentes dos clubes que recrutavam estes homens eram os considerados o escol da sociedade, mas que tinham muitas práticas que, em alguma medida, os afastavam do idealismo esportivo da imprensa. Daí esta considerar que o problema no futebol não era unicamente a presença de jogadores sem condições morais e sociais, mas quem os traziam para a Liga, deturpando o espírito nobre do jogo.

O comportamento da imprensa diante da postura dos jogadores e, principalmente de alguns dirigentes, aponta a difícil tentativa de conceber o esporte ainda como uma atividade fundamentalmente associada a certos princípios mais ou menos presentes no momento da introdução do futebol na cidade entre as elites. Pelo fato do jogo se encontrar em uma atmosfera de progresso, a imprensa acreditava que as vaias aos juizes, as apostas, as cavações, entre outras práticas, eram incompatíveis com o que ela pensava do esporte: uma atividade capaz de fortalecer fisicamente e moralmente os homens, dotando-os de uma força que seria útil aos destinos da Nação, do estado ou da cidade. Obviamente que muitos jogadores, torcedores e dirigentes também pensavam o mesmo do futebol.¹²² No entanto, este tinha uma dinâmica própria que se reinventava e nem sempre se sujeitava ao que um grupo social ou um setor deste queria que ele fosse. Por mais que as elites se considerassem responsáveis pela introdução do futebol, o gradativo envolvimento de outros grupos sociais, com diferentes representações transformou o jogo, e já não era possível vivenciá-lo desconsiderando as novas dimensões.

¹²¹ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 26 de janeiro de 1922.

¹²² Ver o segundo capítulo.

O queremos dizer é que não adiantava ver o futebol enquanto uma prática regeneradora e não ter um time competitivo, usando das cavações se fosse preciso. Entre o que alguns grupos da sociedade pensavam do futebol e o que ele era na cidade poderia não existir um abismo, mas uma realidade que parecia ser incontornável.

CAPÍTULO 5 - IDENTIDADES EM JOGO(S): O FUTEBOL BAIANO NO CENÁRIO NACIONAL

Os anos 1920 não representaram apenas a reorganização da LBDT e o surgimento de novas tensões no tocante a forma como o jogo deveria ser pensado na cidade. Naquela década o futebol começava a se constituir enquanto um elemento de identidade baiana mais ampla. Ao jogar contra clubes e seleções de outros estados, novas e outras “pugnas renhidas” pareciam surgir no futebol da cidade. Estas não diziam respeito apenas à forma de encarar a prática, mas também qual era o seu papel na construção de uma identidade em relação às outras realidades nacionais e regionais. Em outras palavras, os baianos através do futebol passaram a disputar a centralidade do estado no desenvolvimento esportivo nacional, uma participação na formação de uma nacionalidade, assim como uma proeminência esportiva em relação aos estados do Norte do país, especialmente Pernambuco.

Sob a aparente ideia de união e conagração dos jogadores, dirigentes esportivos, e setores da imprensa da cidade em prol do futebol baiano, as tensões socioraciais que vimos ao longo deste texto continuavam. E mais, em um delicado jogo de acomodações, assimilações e confrontações as diferentes formas de conceber o jogo de bola na cidade informavam a própria construção de uma identidade baiana no futebol. Esta, portanto, emergia de uma forma ambivalente e múltipla, tentando conflituosamente acomodar ou dialogar com diferenças sociais e raciais que informavam a forma dos sujeitos viverem o futebol na cidade. Enfim, disputando a bola, os baianos disputavam entre e si e com outros formas de ser, estar e de se representar diante de outras realidades do país.

Para responder estas e outras questões, passamos a investigar a realização de partidas amistosas de times e seleções baianas contra equipes de outros estados. Nos chamados jogos interestaduais foi possível identificar algumas tentativas da imprensa, jogadores e dirigentes representar a Bahia e a si mesmos.

Outro problema a ser discutido tem relação com os primeiros campeonatos nacionais de seleções, nos quais o desempenho da Bahia, sobretudo, na primeira edição, quando conquistou o segundo lugar no certame, representou uma ideia de progresso para os baianos e a necessidade de se reconhecer o seu valor no cenário esportivo nacional.

Por fim, o capítulo busca compreender como através do envolvimento do estado no cenário futebolístico nacional os populares e negros agenciaram uma ambivalente participação na construção de uma identidade baiana. Diferente da seleção brasileira, que nos embates internacionais negava a participação de pobres e negros, os times baianos quando

enfrentaram as agremiações de outros estados tinham em seus quadros jogadores daqueles grupos. Por outro lado, embora estes sujeitos integrassem os times baianos e até, em alguma medida, fossem responsáveis pelas conquistas da Bahia no cenário externo, as tensões raciais e sociais presentes no contexto interno, se mantinham presentes. Portanto, uma das reflexões do capítulo é pensar como os negros e populares se viam e eram vistos neste intrincado jogo de identidades sociorraciais.

Os jogos Interestaduais

Em uma edição comemorativa da revista *Semana Esportiva*, encontramos um longo artigo que versava sobre os jogos interestaduais disputados pelos baianos.¹ Segundo a revista, ocorreram 42 partidas entre abril de 1917 e abril de 1923. Foram contabilizados tantos os jogos realizados entre clubes quanto os envolvendo as seleções estaduais e combinados. Nestes, os times baianos venceram e perderam 17 vezes, empatando em oito ocasiões. Não foram muitos os estados de onde advinham os times que enfrentaram as equipes da Bahia. Os desafiantes se concentravam no Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Sergipe, Pernambuco e Espírito Santo. Vale ressaltar que todas estas partidas ocorreram na Bahia e nos referidos estados. Os jogos interestaduais realizavam-se geralmente através de convites feito entre as agremiações. Em 1921, por exemplo, o América e o Villa Izabel do Rio de Janeiro foram convidados por clubes soteropolitanos para uma série de amistosos contra alguns times e combinados de Salvador. Em 1922, por sua vez o Sport Club do Recife convidou a Associação Atlética da Bahia para disputar amistosos com clubes da capital pernambucana.

Obviamente é desnecessário relatar ou descrever minuciosamente todos estes jogos e seus desdobramentos. Os primeiros embates, realizados ainda no final da década de 1910, não tiveram tanta repercussão. Algumas vezes não eram programados, um time estava de passagem pelo porto da cidade e a convite de um *sportman* local disputava duas ou três partidas.²

A princípio, o que nos interessa em algumas dessas pugnas é como os seus desdobramentos suscitavam a formação de uma de identidade mais ampla que, muito longe de ser harmônica ou monolítica, apresentava diversas tensões sociorraciais, próprias da sociedade soteropolitana. Outrossim, ao disputarem com cariocas, paulistas ou pernambucanos, os jogadores, dirigentes, torcedores e imprensas buscavam no futebol

¹ Revista *Semana Esportiva*, Salvador nº 116, 21 de julho de 1923.

elaborar uma identidade assentada na ideia de que o estado progredia acompanhando o desenvolvimento do país.

A construção de uma identidade assentada nestes critérios é uma hipótese que ganha força na medida em que nas primeiras décadas do século XX é possível perceber, sobretudo, entre as elites baianas a tentativa de se criar um discurso de valorização da Bahia, principalmente pelo fato desta se encontrar política e economicamente em uma posição desprestigiada em relação a outros estados da federação.³ Deste modo, o futebol em alguma medida foi incorporado ao discurso identitário das elites por proporcionar um tipo de protagonismo desejado por aquele, grupo considerado fundamental para a retomada da centralidade da Bahia no cenário nacional.

Por outro lado, esta mesma identidade que se desejava criar era cheia de ambivalências, fruto de uma multifacetada sociedade. Como vimos, o futebol em Salvador estava permeado por conflitos que não desapareciam diante da possibilidade do futebol fomentar uma identidade mais ampla. Por fim, há de se considerar que do mesmo modo que as elites se apropriavam do jogo para fortalecer seus projetos, as camadas populares e negros tinham no esporte uma possibilidade legítima de reivindicar uma participação na formação de uma identidade.

Ademais nestas partidas foi possível enxergar não só a tentativa de apresentar uma união do país pelo conagraçamento esportivo dos estados, mas também as tensões decorrentes da existência de uma disputa em torno da superioridade no futebol. Neste tópico nos restringiremos à visita a Salvador dos clubes cariocas América e Villa Izabel, em 1921, do Fluminense Foot-ball Club do Rio de Janeiro e Santa Cruz de Recife, em 1923, e da ida da Associação Atlética a Recife em 1922.

De modo mais sistemático, os jogos interestaduais na Bahia surgiram após a construção do Campo da Graça em 1920. Antes disso, os clubes de outros estados que jogaram em Salvador, não raramente estavam de passagem na cidade. Temos a impressão que os que comandavam o futebol baiano tinham certo receio em convidar agremiações de outros locais, especialmente Rio de Janeiro e São Paulo, estados temidos pelos baianos.

Esta situação parece mudar consideravelmente quando o estádio foi construído e a Liga Bahiana de Desportos Terrestres foi reorganizada. Em alguma medida, aqueles homens

² Em 1920 o clube Comercial de Ribeirão Preto de passagem para Recife disputou alguns jogos contra times de Salvador sem muita repercussão.

³ Sobre este processo conferir: LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento. *A Rainha Destronada: discursos das elites sobre as grandezas e os infortúnios da Bahia nas primeiras décadas republicanas*. São Paulo, 2005. Tese (Doutorado em História) - PUC-SP, 2005.

que jogavam e dirigiam o futebol da cidade, além da imprensa, acreditavam que o jogo de bola em Salvador, apesar das tensões e conflitos, alcançara um apogeu nunca visto antes. Este momento era evidenciado pela própria existência de uma praça esportiva moderna, e de uma Liga de futebol com muitos clubes distribuídos em duas divisões. Provavelmente esta sensação entusiasmou os *sportmen* a interagir com mais regularidade com outras agremiações de fora. Sem dúvida, estas atitudes eram entendidas como um demonstrativo de força do esporte baiano. No momento em que a prática adquiria uma centralidade por contribuir para o chamado fortalecimento da raça, enfrentar times de outros estados seria uma boa oportunidade para mostrar como os baianos se encontravam em desenvolvimento físico, contribuído decisivamente para a regeneração do país.

Geralmente os jogos interestaduais eram realizados no intervalo das temporadas, quando um clube convidava outro para a disputa de alguns jogos com times e combinados da cidade. Em 1921, por exemplo, a visita do América Foot-ball Club, da primeira divisão da Liga Metropolitana do Rio de Janeiro, foi considerada um grande acontecimento. Não que Salvador estivesse desacostumada com a presença de times da capital do país nos seus campos. Dois anos antes, o Botafogo passou pela cidade aplicando uma sonora goleada no selecionado da Liga Bahiana. Entretanto, podemos imaginar que a visita do América adquiriu grandes proporções por que era notável a ansiedade dos *sportmen* locais em apresentar aos cariocas o estado de adiantamento do futebol na cidade. Pela primeira vez um clube não baiano teria a oportunidade de verificar o nível em que o esporte se encontrava: com um estádio considerado moderno e com uma Liga que, contando com 12 clubes, demonstrava sua pujança.

Outra possibilidade de interpretação da ansiedade dos esportistas locais é que o clube convidado era carioca, considerado referência no que tange ao progresso esportivo. Com alguma frequência os jornais soteropolitanos, quando criticavam os *sportmen* baianos, comparavam o futebol da cidade com o do Rio de Janeiro, numa tentativa de algum dia alcançar o desenvolvimento esportivo daquela cidade.

Não foi surpresa descobrir que o convite ao América partiu da Associação Baiana de Cronistas Desportivos. Fundada naquele mesmo ano, a entidade buscava assumir o papel de uma das principais entidades responsáveis pela defesa do esporte baiano, combatendo o que considerava pernicioso, como o profissionalismo, ou promovendo o futebol no interior do estado. Nos seus estatutos, a A.B.C.D tinha como seu principal fim “tanto quanto possível, de

acordo com as entidades e sociedades esportivas, sem distinção, promover o desenvolvimento de prática do esporte como uma necessidade social.”⁴

Os jogos contra o América só seriam realizados no final de setembro, mas antes disso já existia muita expectativa quanto à chegada do clube. Não raramente os jornais ressaltavam os benefícios que a presença da embaixada carioca traria para o esporte da cidade. Porém, o que mais chama a atenção nas notícias que antecedem a vinda da agremiação é a tentativa de mostrar a ideia de uma Bahia hospitaleira que acolhe bem os seus visitantes. Em um efusivo e entusiasmado editorial, a *Semana Esportiva* dizia:

Vai ser o acontecimento mais atraente do *sport* baiano, a próxima vinda do América Foot-ball Club a esta capital.

O valoroso *club* de Belfort Duarte, o herói campeão de 1913 e 1916, o primeiro dos *clubs* cariocas, que virá à Bahia, será aqui recebido com as delicadezas que tanto sabemos impor em momentos que necessário se torna manter as tradições, sobejamente conhecidas.

Pisará ele ao solo da Bahia e do seu primeiro passo ao último, nós, o povo, que jamais desmerecemos das mais severas críticas à moral e educação, o apoiaremos neste lar sagrado, cheios de satisfações e sinceridades que lhes hão de facultar o tanto ou mais quanto a comodidade que lhe é habitual.

Os rapazes que nos visitarão, estamos certos, daqui, ao se ausentarem, levarão saudades e imorredouras recordações.

E nós que, vencidos ou vencedores, estaremos sempre satisfeitos, na execução prática e fiel do *sport* por *sport*, mais uma vez nos rejubilaremos por termos cumprido com o nosso dever.

Que venha a embaixada carioca receber do povo da Bahia as provas mais reais de que a Bahia é boa terra.⁵

É visível o esforço em mostrar que uma das melhores qualidades do estado era o acolhimento. Sob a máxima de que a Bahia era boa terra, temos a impressão que a *Semana Esportiva* via na visita do América uma oportunidade de propagandar as virtudes do “povo baiano”, tido como tradicionalmente receptivo. Nos arriscamos a dizer que os amistosos faziam parte de um processo maior de tentativa de recolocar a Bahia no cenário nacional, ressaltando as suas qualidades fundamentais para a retomada do seu prestígio no âmbito nacional.

Seguramente, as previsões da *Semana Esportiva* se confirmaram quando da chegada do América, desembarcado no porto da cidade. Naquele, dia o *Diário de Notícias* informava como seria a recepção a embaixada carioca:

Será um verdadeiro acontecimento a chegada e estadia aqui dos valorosos moços que constituem a embaixada carioca, a qual às 15 horas de hoje, aportará com o Itapura a esta cidade.

As festas organizadas desde hoje por ocasião do desembarque terão um cunho de verdadeira apoteose da Bahia aos seus dignos visitantes.

⁴ Estatutos da Associação Bahiana de Cronistas Desportivo, Salvador, 1921, p.03.

⁵ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 23, 11 de setembro de 1921.

Para hoje, após o desembarque, será formado o préstito constituído de um grande curso de automóveis com as representações esportivas da Bahia, de terra e mar em demanda à sede da A.B.C.D onde será feita a apresentação oficial pelo orador, sr. Hermes Lima.

Em seguida, irão ter os *players* cariocas ao Gand Hotel na Rua Chile, onde ficarão hospedados.

A noite no Politeama ser-lhes a oferecido um espetáculo de gala pela empresa Soares&Enéas, achando-se aquele teatro lindamente ornamentado, figurando em todo o interior os escudos e bandeiras dos nossos *clubs* e do América.⁶

De fato, a chegada da embaixada carioca foi revestida de uma magnificência desconhecida do mundo esportivo baiano até então. O mesmo jornal que informava o programa de recepção reservou a primeira página de sua edição para relatar o grande acontecimento, inclusive estampando fotos da população que parecia aguardar ansiosamente pelo desembarque dos jogadores do América. Com o título *Um grande dia para o esporte baiano*, o *Diário de Notícias* destacou que “mesmo com a chuva, impertinente, o povo está firme, gritando, batendo palmas, ovacionando entusiasticamente. São cinco mil pessoas.”⁷ O jornal, por fim lembrou, que a A.B.C.D recepcionou a embaixada em sua sede com champanhes, e à noite, no Politeama, “exmas famílias enchem os camarotes, estreitando-se, mais e mais, os laços de relações amistosas dos nossos com os jogadores hóspedes.”



Figura 51: População aguardando a chegada do América em 1921. (Jornal *Diário de Notícias*, 1921).

⁶ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 16 de setembro de 1921.

⁷ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 21 de setembro de 1921.

Diante de toda pompa, a revista *Semana Esportiva* publicou outro editorial que refletia sobre o significado daquela recepção:

Assistiram os visitantes, mais esta vibração da Bahia...
Essas impressões é que hão de dizer lá fora o que é a Bahia nas suas expansões, nos seus prazeres, no flagrante da sua vida íntima!...
Que estas visitas fraternais se repitam entre todos os estados da Confederação Brasileira, para que melhor nos conheçamos e mais solidifique-se a nossa amizade, principalmente na Bahia mater da nacionalidade brasileira, tradição da América, relíquia do Brasil, grande em tudo!
Senhores do América, as manifestações que receberdes, as homenagens que vos forem tributadas, os carinhos com que vos acolherem são as tradições que este povo guarda religiosamente desde os seus primeiros dias e legará aos seus pósteros, sempre de braços abertos, coração franco e prazenteiro para todos os que pisam estas plagas abençoadas.
Sejais bem vindos senhores do América!...⁸

Aqui novamente o discurso de um estado hospitaleiro e fraternal foi reforçado pela revista enquanto uma possibilidade que as virtudes da Bahia sejam lembradas em outras regiões do país. Dito de outro modo, ao realizar uma recepção apoteótica, existia um objetivo de difundir os valores baianos para que em outras oportunidades as suas qualidades não fossem desperdiçadas, pois seriam úteis para o progresso do país. Expressões do tipo *mater da nacionalidade brasileira, tradição da América, relíquia do Brasil e grande em tudo* são utilizadas enquanto uma construção de um discurso em que a referência ao passado é utilizada para legitimar a importância da Bahia na História do Brasil.⁹

Como não deveria deixar de ser, a magnificência produzida quando do desembarque da embaixada carioca foi repetida, em algum grau, durante os jogos no Campo da Graça. O estádio estava ricamente ornamentado com a presença de autoridades, homens de representação social, senhorinhas distintas e a população em geral. O América disputou cinco jogos vencendo o combinado Botafogo/Bahiano, a Associação Atlética, o Ypiranga, o Vitória e empatou com a seleção baiana. Em um desses jogos, um cronista do *Diário de Notícias* lembrou que “houve muita coisa digna de registro, no local do estádio mais apreciado pelo povo: gente dependurada nas árvores, empurrões para alcançar lugar propício, de melhor vista, serviço especial de gelados, revelações filosóficas, um rol de coisas...”¹⁰ A concorrência por estas partidas era tão grande que o mesmo diário publicou um aviso advertindo o público

⁸ Revista *Semana Esportiva*, Salvador Nº 25, 25 de setembro de 1921.

⁹ Rinaldo Leite localizou estes e inúmeros outros epítetos como Rainha, Terra abençoada do gênio numa tentativa de conferir a Bahia um valor e proeminência. LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento. *A Rainha Destronada: discursos das elites sobre as grandezas e os infortúnios da Bahia nas primeiras décadas republicanas*. São Paulo, 2005. Tese (Doutorado em História) - PUC-SP, 2005, p. 42 – 94.

¹⁰ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 23 de setembro de 1921.

para que não comprasse os ingressos em lugares desconhecidos, uma vez que estavam falsificando os bilhetes:

Avisamos a todas as pessoas que desejam comprar entradas para os jogos da Graça que não façam a não ser nos locais determinados – Casa New York, Alfaiataria Villaça e Confeitaria Carioca. É possível que já haja falsificação nos referidos bilhetes de entrada, devendo o público estar prevenido da esperteza, uma vez que há suspeitas fundadas sobre as infrações.¹¹



Figura 52: Aspecto das arquibancadas em um dos jogos do América. (Revista *Renascença*, 1921).

¹¹ Idem.



Figura 53: Registro das gerais em um dos jogos do América. (Jornal *Diário de Notícias*, 1921).

Seja pela recepção, ou pelo discurso da imprensa em torno dela, poderíamos prever que os jogos seriam marcados pela festividade e harmonia. O espetáculo futebolístico pretendia ser o ápice da cordialidade esportiva entre baianos e cariocas, confirmando o desejo da *Semana Esportiva* de união entre os estados. Porém, o que se viu foram algumas polêmicas de modo que a palavra “amistoso” seria incompatível para definir aqueles encontros. Todos os jogos foram exageradamente disputados, o que gerou determinadas críticas por parte da imprensa soteropolitana.

Logo na primeira partida, contra o combinado Botafogo/Bahaino, que foi derrotado por 4 a 2, um sujeito, João Bahia, publicou, no *Diário de Notícias*, uma carta aberta aos jogadores cariocas na qual tecia alguns comentários sobre a pugna:

O que ontem conseguistes foi o resultado de uma prestidigitação esportiva, que a Bahia não esperava da linha impecável dos campeões cariocas.

Nós, pobres mortais provincianos, com os ouvidos cheios do ruidoso êxito de vossos formidáveis pontapés e da vossa fantástica agilidade, tínhamos em mente, para constituir o bravo quadro do América, onze figuras de apolíneas maneiras, verdadeiros heróis alados, que se assenhoreassem docemente da pelota e deixassem os Jecas Tatus do esporte cá da terra com a boca aberta, sem saber o que tentar para a defesa ou para o ataque.

Ora, eu confesso, positivamente, que ou estou daltonizado com a visão invertida, vendo uma coisa por outra, ou o que se passou, em campo, foi quase o contrário, com o jogo violentíssimo que usastes, metendo oito cargas sem bola nos nossos jogadores (...).

O que verifiquei, repito, no *match* realizado, não foi o que esperava toda a Bahia.

Podeis continuar com o regime do vosso glorioso malabarismo, que para esperto, esperto e meio.¹²

Podemos notar um tom de surpresa no texto de João Bahia. A sua crença na superioridade dos cariocas é tão marcante que chega a ofuscar a qualidades possivelmente existentes nos jogadores baianos. Embora tenha saído derrotado, o combinado baiano, para João Bahia, seria capaz de derrotar o América. Mas como a própria imprensa colocava o futebol local em uma posição inferior ao carioca, aquela contraditoriamente se admirava com a possibilidade de uma vitória da Bahia.

O que mais chamou a atenção de João Bahia, contudo, não foi a possibilidade de sucesso dos baianos, mas a vitória dos cariocas conquistada pela violência expressa nas oito faltas sem bola cometidas pelos jogadores do América. Esta questão parece ser bem problemática, pois o jogo bruto não era esperado pelos baianos devido à forma hospitaleira com estes trataram os visitantes. Aqueles provavelmente ficaram surpreendidos com a forma que o alvirrubro retribuiu as suas gentilezas.

Por outro lado, o estilo de jogo do América aponta que os seus jogadores pareciam despreocupados com gentilezas, ao menos em campo. Estavam mais interessados em vencer os embates utilizando os recursos possíveis, mesmo que para isso tivessem que abandonar uma possível deferência que os baianos esperavam em retribuição.

Imaginamos que na imprensa local parecia existir uma necessidade de que o discurso de confraternização esportiva fosse materializado nos jogos, onde cariocas e baianos se enfrentariam cordialmente sem violências ou lances agressivos. Enfim, da mesma forma que os jornais da cidade se surpreendiam com as manobras dos dirigentes esportivos, incompatíveis com a posição social daqueles, houve um relativo espanto com o comportamento dos jogadores do América.

Esta maneira de apreender os jogos, considerando a harmonia e cordialidade, estava tão clara na cabeça de alguns *sportmen* da cidade que o segundo amistoso gerou outra polêmica. Contra a Associação Atlética, o América perdia por 3 a 1 quando, faltando dez minutos para o fim da partida, fez três gols vencendo a pugna. Segundo o *Diário de Notícias*, à inabilidade do grêmio baiano em segurar o resultado acrescenta-se a parcialidade do juiz, Anísio Silva, que em uma tentativa de mostra-se demasiadamente correto e gentil, arbitrou excessivamente favorável os time carioca. Mais uma vez João Bahia escreveu uma carta,

¹² Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 23 de setembro de 1921.

desta vez destinada ao juiz, que era considerado um dos mais sérios. No seu texto, João acreditava que o Anísio não fora imparcial propositadamente:

Acredito, porém, que você foi vítima de um mau vezo nacional dos juízes esportivos: o medo de parecer parcial. Este medo, este pavor, esse assombramento foi que o perdeu, e perdeu de um modo tremendo. Querendo mostrar-se justo aos de fora, aos rapazes cariocas, a sua justiça degenerou em iniquidade para com os seus patrícios, daí provindo a segunda derrota dos nossos jogadores, como consequência lógica, solene, inequívoca, do desastre de sua atuação.¹³

Possivelmente, a vontade em parecer hospitaleiro, fraterno, enfim de corresponder aos discursos sobre a Bahia, levou Anísio Silva a proceder com tamanha cordialidade, sendo alvo de severas críticas por parte da torcida local. Provavelmente, assim como outras pessoas que viam os amistosos apenas como um divertimento, Anísio tenha tido uma atuação despreocupada com algum rigor.

A eventual violência do América no primeiro jogo ou a parcialidade do juiz no segundo, entretanto, não foram as únicas situações que marcaram a visita da embaixada carioca a Salvador. Algo mais sério estava por vir. Após os dois primeiros embates, os visitantes ainda venceram o Ypiranga por 3 a 0 e o Vitória pela contagem de 2 a 1. Logrando a vitória em todas as pugnas que disputou, faltava ainda enfrentar a seleção baiana, que contava com o Popó e Dois Lados. Este foi o único confronto em que o América não saiu vencedor, empatando por 1 a 1. Neste jogo, um jornalista do *Estado de São Paulo*, que cobriu a excursão carioca, considerou que o vice-campeão da primeira divisão do Rio de Janeiro só não saiu vitorioso devido à violência dos jogadores baianos, especialmente de Popó. Nas palavras do jornalista, no segundo tempo da partida:

Recomeçado o jogo, após o descanso regulamentar, os baianos desenvolveram um jogo brutal dando formidáveis cargas em Oswaldo, Chico, Gilberto e Maracá, tendo o meia direita dos baianos, o negro Popó machucado propositadamente o zagueiro Perez do América.

O juiz muito indeciso não aplicava as penas precisas, continuando os baianos no mesmo violento jogo até finalizar a partida. O extremo do América machucado brutalmente saiu fora do campo carregado.

Nas arquibancadas e nas gerais, houve vários barulhos entre os torcedores devido à má atuação do juiz e ao péssimo e brutal jogo dos baianos.¹⁴

Desnecessário dizer que esta nota causou uma grande indignação na imprensa soteropolitana e na população em geral. De acordo com o *Diário de Notícias*:

Enche a cidade, produzindo viva e incontestável revolta, a notícia de que o órgão da imprensa paulista, o *Estado de São Paulo*, publicou telegramas, enviados pelo seu

¹³ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 26 de setembro de 1921.

¹⁴ Jornal *Estado de São Paulo*, São Paulo, 10 de outubro de 1921.

correspondente, nesta capital, nos quais vêm acres censuras aos jogadores de pébola baianos, por se terem dado eles à prática de selvagerias (jogo péssimo e brutal) contra os distintos rapazes do América Foot-ball Club no último encontro interestadual do Campo da Graça.
Preferimos não comentar essa grosseria adulteração da verdade.¹⁵

Embora o jornal não tenha se pronunciado quanto à defesa da seleção baiana ou de Popó, outros órgãos o fizeram, especialmente a Revista *Semana Esportiva* que publicou alguns textos sobre a situação. Um dos principais argumentos do periódico em favor do jogador baiano foi que o lance envolvendo o zagueiro do América foi normal, no qual ambos disputavam a bola com agressividade. Irritado com a notícia do jornal paulista que interpretou a jogada como “a selvageria nos negros baianos”, um colunista da revista escreveu:

Vejam só.

Um jovem melindroso a quem por certo causam chilikos as violências naturais do desporto bretão, sente que se lhe torcem e retorcem os nervos as “beijocas” mútuas a que se deram o prazer de trocar, em pleno campo, o “back” Perez e o dianteiro Popó. E só por isso sai arfando do estádio todo o corpo a se lhe sacudir sob violentos estremeções nevroticos e descarrega por via telegráfica a sua hidrofobia, transmitindo a jornais paulistas o que ele chama SELVAGERIA DOS NEGROS DA BAHIA.

Para a tua explosão de cólera, leitor, e raciocinemos com o moço correspondente. Ora, o incidente se dera entre dois jogadores de *clubs* adversos. Ambos foram acometedores, ambos foram acometidos. Mas, a imparcialidade nunca fica bem a um correspondente que se preza...¹⁶

Outro texto bastante enérgico encontrado na *Semana Esportiva* prefere argumentar afirmando que a ofensa não foi apenas a Popó, mas a Bahia de um modo geral:

Entristecidos ficaram todos que leram os telegramas da *A Tarde*, pelo modo insólito que procedeu o correspondente do *Estado de São Paulo* e pela falta de tino dos seus tradutores telegráficos, com as referências aos jogos.

Como se acreditar que indivíduo que vive sob este céu e pisa este solo, de bom senso, pudesse vibrar tal murro em sua própria face?

Dar um atestado público de tanta civilidade.

Insultando e caluniando vergonhosamente.

Com certeza despeitado por não se poder exhibir, pois não fez parte do programa, festas hípicas, o bom correspondente não pôde mostrar a sua qualidade de puro sangue.

A Bahia preza de entusiasmo, não procurou mesquinharia, aplaudiu a todos que se tornaram dignos de seus aplausos.

E principalmente aos que elevaram o seu nome.

Um dos que contribuíram para a vitória do seu quadro foi este que o *Estado de São Paulo* quis achincalhar, a Bahia aplaudiu delirantemente e satisfeita está, só não merecerá isto o pasquineiro rabiscador de insultos, que deverá ser conhecido para que todo o nosso Estado dê o desprezo merecido em retribuição ao seu valor.

Este desertor da Boa Vista queria que perdêssemos, mas como os jogadores se mostram valorosos, insulta-os.

Muito teríamos a dizer, porém não gastaremos a nossa cera, porque quem escreve semelhante coisa é incapaz da menor reflexão.

¹⁵ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 10 de outubro de 1921.

¹⁶ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 27, 09 de outubro de 1921.

Isto já esperávamos da peçonha dos despeitados, pois os malcriados não perdem a oportunidade para se fazer notados e se a redação não participa da grosseria atirada a Bahia, que nos dê uma prova pública, substituindo o correspondente pateta.

O negror da epiderme do Popó está muito aquém do pretume da moral do correspondente.

Este apurador de raça com certeza está tão distante do negro como o carvão está para o preto e tão próximo da boa moral como a água para o vinho.

Encurralemos este energúmeno nesta proporção e o deixemos chafurdado onde nos quis atirar o loirinho de Senegal.

O insulto não feito ao jogador caluniado, que trabalhou pelo nome dos esportes na Bahia, não; foi atirado à própria Bahia, foi vilipendiada a sociedade em geral.¹⁷

Ao escolher Popó enquanto símbolo da chamada selvageria dos negros baianos, o cronista paulista adotou um critério racial para o seu insulto. Sem dúvida, este foi o principal motivo da cólera dos jornalistas baianos. Em um contexto de ideologia racial assentada em determinados paradigmas científicos, exista uma crença na hierarquia entre as raças na qual os negros se encontravam em posições inferiores.¹⁸ De modo que caracterizar a seleção baiana com os termos “selvagem” e “negro” equivalia a colocar o estado em um patamar inferior em relação a outras realidades.

Aliás, não é raro encontrar neste período formas de estigmatizar e desqualificar a Bahia vinculando-a a uma cultura e tradição negra e africana, considerada, portanto, inferior. No início do século XX, o estado se encontrava em uma posição econômica decadente, não experimentava um fluxo migratório europeu e ainda concentrava uma população negra considerada por setores das elites um entrave ao processo de civilização dos seus costumes. Além disso, há de se considerar que a Bahia preservava práticas e tradições culturais ligadas a uma herança portuguesa/barroca repudiada e estigmatizada em tempos de valorização de uma modernidade assentada em padrões franceses ou britânicos.

Estes elementos que carectarizavam a Bahia, ao menos para as elites de outros estados, e que Antonio Sergio Guimarães resumiu nos termos barroco, decadência e mulatice, podem ser considerados uma das bases do processo de construção do preconceito contra os baianos que persiste ainda hoje, embora constantemente retroalimentada.¹⁹ Em suma, expressões que afirmavam que a Bahia era a Terra do Vatapá ou era uma Mulata Velha foram utilizadas com alguma frequência foram utilizadas para demarcar um lugar de subalternidade

¹⁷ Idem.

¹⁸ Sobre os paradigmas científicos conferir. SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo, Companhia das Letras, 1993. Para uma compreensão destas ideias no contexto de Salvador sugiro: COSTA, Iraneidson Santos, *op. cit.*

¹⁹ GUIMARÃES, Antonio Sergio Alfredo. Os avessos do mito: o preconceito contra os baianos. In: _____. *Classes, raças e democracia*. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo; Editora 34, 2002, p. 131.

do estado, o que irritava profundamente as elites baianas. Para o historiador Rinaldo Leite, tais termos quando pejorativamente utilizados:

mexia com a autoestima das elites, que se pretendiam etnicamente brancas; ou quando fosse impossível renegar completamente alguma evidência da cor africana, serem consideradas brancas no tocante aos valores de que eram portadoras, pois não se ignora que se pretendiam europeias e civilizadas. Logo, era muito melhor repetir e reafirmar os sentidos e reforçar o uso dos títulos verdadeiramente dignificantes, a exemplo de Atenas Brasileira e Rainha do Norte, do que lembrar o apelido depreciativo de “mulata velha.”²⁰

Enfim, qualificar ao menos o futebol baiano de negro e selvagem ia de encontro a todo um esforço das elites baianas em se aproximar de referências brancas europeias presentes nas reformas urbanas que visavam desfrancizar²¹ as ruas ou no pensamento de certos letrados, como Tranquilino Torres, que se queixava da inexistência de um fluxo imigratório europeu que seria, em parte, responsável pela regeneração racial da Bahia.²²

Finalmente, não podemos nos isentar de falar de uma grande peculiaridade presente na raiva da imprensa da cidade. Ora, Popó é o mesmo jogador que algumas vezes fora taxado de profissional e de vendido, um jogador que, como outros da sua cor, não era bem aceito no futebol pelo fato da sua condição racial ser sinônimo de má educação, falta de civilidade, enfim de incompatibilidade com o mundo esportivo amador. Quando lemos a ira dos jornalistas soteropolitanos temos a impressão de que só a imprensa e as elites locais é que podiam adotar um comportamento racista para qualificar os jogadores negros. Quando alguém de fora o fazia, existia o descontentamento.

Esta situação também revela o delicado equilíbrio entre defender e elogiar a Bahia diante dos cariocas e lidar com a presença dos jogadores negros como Popó na seleção baiana. Quando o correspondente paulista critica o jogador, qualificando o seu estilo de jogo como a

²⁰ LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento. *A Rainha Destronada: discursos das elites sobre as grandezas e os infortúnios da Bahia nas primeiras décadas republicanas*. São Paulo, 2005. Tese (Doutorado em História) - PUC-SP, 2005, p.169. Em seu estudo o autor identificou um episódio semelhante. Nas suas palavras: “Em junho de 1921, a *Bahia Ilustrada* estampou, nas suas páginas, um conjunto de três fotografias na qual figuravam negros, cada uma delas com o seguinte título: “Lavadeira”; “Ganhadores africanos”; “Caboclo Bahiano”. Consistiam-se, de fato, em cartões postais, elaborados por uma loja especializada em fotografia, como uma espécie de registro do povo da terra. As fotos, colocadas uma ao lado da outra, estavam (intercaladas) por uma das palavras que compôs a frase seguinte: “propaganda indigna”. Logo abaixo, havia uma legenda em que se lia: “os typos com que a photographia Lindermann representa a bahiana e os bahianos da TERRA DOS NEGROS” (as maiúsculas foram utilizadas no original da revista). Os personagens retratados eram figuras com aspecto simples, vestidos com roupas que lembravam a herança africana e a extinta escravidão; eram típicos representantes dos segmentos mais pobres da população.”

²¹ Sobre o processo de desfrancização ver: FERREIRA FILHO, Alberto Heráclito. *op. cit.*

²² Um dos méritos de Wlamyra Albuquerque foi analisar a angústia das elites letradas baianas em se inserir em uma dinâmica de progresso associada ao fluxo imigratório dos europeus visto que a Bahia não se tornava em um pólo de atração dos europeus. Ver: ALBUQUERQUE, Wlamyra Ribeiro de. *Algazarra nas ruas: comemorações da Independência na Bahia. (1889 – 1923) Campinas, Editora da Unicamp/Centro de Pesquisa em História Social da Cultura, 1999. p. 36 – 56.*

selvageria dos negros baianos, podemos observar que uma das defesas da *Semana Esportiva* era mostrar que as palavras do jornalista do *Estado de São Paulo* eram impropriedades, uma vez que ele, assim como Popó, era negro. Notem que ironicamente o colunista é chamado de Loirinho de Senegal, que estava “tão distante do negro como o carvão está para o preto e tão próximo da boa moral como a água para o vinho.” Em outras palavras, a revista parecia ter o seguinte pensamento: que credibilidade ou moral o correspondente paulista tinha para criticar Popó, tachando-o enquanto símbolo da “selvageria dos negros da Bahia”, uma vez que ele se encontrava na mesma condição racial do jogador? Embora existissem outros argumentos para defender Popó que poderiam ser utilizados, um dos vieses da defesa da *Semana Esportiva* foi colocar o jornalista paulista na mesma condição racial que Popó, em uma tentativa de descredibilizar as críticas.

Se não bastasse a polêmica envolvendo o correspondente do *Estado de São Paulo*, existiram outras tensões decorrentes do último encontro entre baianos e cariocas. Após retornar ao Rio de Janeiro, o goleiro do América, Dragutin Tomich, resolveu dar uma declaração aos jornais daquela cidade comentando a temporada do seu clube em Salvador. No *Diário de Notícias* consta o seguinte trecho:

O *goalkeeper* do América Foot-ball Club, Sr. Dragutin Tomich, ao chegar daí, acaba de declarar, em entrevista, que os *foot-ballers* baianos prometem torna-se notáveis jogadores, não os sendo, ainda, porque não conhecem absolutamente as regras do *Association*.

Usam, ainda, o jogo violento. Na última partida, a grosseria foi excessiva, a ponto de Gilberto ter de sair do jogo, por causa das brutalidades.

Nebulosa, também, foi machucado.

O juiz atuou, coagido, atemorizado, pois a assistência se mostrava exaltada, protestando, energicamente, contra tudo o que era marcado em favor dos cariocas.

Chico fez um *goal* lícito, que o juiz anulou, com medo do povo.

Por outro lado, o campo tem muito pouca ou quase nenhuma grama, de modo que se levantava muito pó. Em suma, é péssimo o local dos jogos.

Se não fosse a estupidez dos baianos no último encontro, a partida seria também do América, apesar do cansaço dos seus players.²³

Observem que as críticas do goleiro são conflitantes com relação ao que João Bahia afirmou em suas cartas abertas. Este lembrou que a violência era dos cariocas, enquanto em uma das partidas a parcialidade do juiz foi favorável ao América. Caso as críticas do goleiro tenham procedência, podemos entender que a postura dos jogadores e do juiz no último jogo indica que em alguns momentos os atletas baianos também passaram a ver os amistosos para além de uma troca de gentilezas.

²³ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 08 de outubro de 1921.

Independente de qual time foi mais violento ou se os juízes foram parciais, as críticas de Tomich, sem dúvidas, irritaram profundamente os *sportmen* baianos, sobretudo pelo fato de que houve um esforço, ao menos das elites locais, de tratamento hospitaleiro e cordial. Inclusive, o próprio João Bahia entendeu que as gentilezas eram excessivas a ponto de prejudicar um dos times locais. Finalmente, desqualificar o Campo da Graça pode ter sido a gota d'água, uma vez o estádio era o símbolo do progresso esportivo de Salvador. Diante das palavras de Tomich, o *Diário de Notícias* daquela vez se pronunciou ao dizer que:

O que está contido nesse telegrama é mais do que cinismo, é infâmia. Não fosse o dever de chibatear, de frente, os canalhas que primam por nos enxovalhar, de todos os modos e preferiríamos varrer com um pontapé a torpeza que do Rio nos atirou, logo ao saltar, o Sr. Dragutin Tomich.

Estamos habituados, porém, a ter opiniões, nos momentos das atitudes como esta, por não compreendermos o papel impessoal, desfibrado, anódino e acomodado da imprensa, ante desfaçatez de tal quilate.

Por isto foi que, logo ao termos conhecimento do telegrama supra, expedimos para o Rio, o seguinte despacho, que é um protesto em nome da Bahia, contra as estúpidas palavras do *Keeper* do América.²⁴

Obviamente que existiram pedidos de desculpas por parte do América e até da imprensa carioca. Alguns jornais do Rio de Janeiro, como o *Jornal do Brasil*, chegaram até achar estranho o fato de Tomich acusar os jogadores baianos de violentos se o próprio, em uma partida contra o Flamengo no campeonato da cidade, machucou propositadamente um jogador rubro-negro. Pelo que consta, Tomich chegou a ser dispensado do América. No entanto, estes gestos não apaziguaram os ânimos, ao menos de alguns jornalistas baianos. Um deles achou deplorável a resolução do Governo da Bahia de oferecer um bronze ao América. O mimo seria oferecido ao vencedor do último confronto. Como houve um empate, nenhum dos times deveria receber o prêmio, principalmente o América devido aos insultos que o seu goleiro fez ao selecionado baiano.

Se na temporada do América a recepção apoteótica dividiu espaço com os incidentes lamentáveis, durante a visita, em novembro, do Villa Izabel, campeão da segunda divisão do Rio, não verificamos acusações ou polêmicas. Pelo contrário, a presença daquele clube na cidade revestiu-se de certa harmonia. Quando chegaram a Salvador, o Villa Izabel fez publicar o poema com as seguintes estrofes:

Os nosso corações, no *sport*, alados,
Sonham vitórias, louros – nosso guia
Na estrada do valor, como soldados
Que se preparam para a Pátria um dia.

Brasileiros que somos, os Estados

²⁴ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 08 de outubro de 1921.

Devemos visitar com alegria,
E em lutas *sportivas*, irmanados,
Havemos de voltar desta Bahia.

Torrão natal de gênios brasileiros,
Povo gentil, *sportmen* cavalheiros,
- As nossas saudações, sinceras mil;

E o laço fraternal de patriotismo,
O Villa estreitar vem, no vosso heroísmo
Que no *sport* há de dar glória ao Brasil.²⁵

Pelos versos podemos notar que o clube encarou a sua ida a Salvador do mesmo modo como alguns periódicos locais viam os amistosos interestaduais: uma oportunidade de estreitar os laços entre os estados, de conagração visando o progresso físico do Brasil. Apesar do Villa Izabel, em comparação ao América, ter coadunado de modo mais enfático com o discurso da imprensa soteropolitana, a recepção àquele clube foi muito menos festiva em relação ao visitante antecessor. Alguns importantes clubes locais não chegaram a enfrentar aquele time. Os dirigentes da Associação Atlética e do Ypiranga disseram que os seus jogadores não poderiam jogar os amistosos, pois estavam, respectivamente em período de provas na Faculdade e doentes. Tal recusa não foi perdoada por parte da imprensa, a Revista *Semana Esportiva* encarou o gesto como um ato de covardia. Para Pedro Bispo, um colunista do semanário:

Meus caros leitores, garanto como ides ficar ao meu lado nesta questão: os dois, campeão e vice-campeão da Bahia, apanharam do América, ficando o tricampeão lavado com o célebre *score* de 3 a 0, que está ainda no domínio público. O que iria acontecer com o Villa Izabel, ficai certos, não seria outro resultado senão o de novas surras. Depois, que desculpas seriam dadas com um *club*, que dizem eles, ser canja?
Não, não nos bateremos com eles, seria macular a nossa grandeza.
Nós, porém, gritamos daqui “Grandíssimos Medrosos”²⁶

Talvez a suposição de Pedro Bispo tivesse razão, uma vez que o Villa Izabel nos cinco jogos que disputou, perdeu apenas um, vencendo os restantes. A única vitória dos baianos foi o principal fato da temporada do Villa em Salvador, revestindo-se de aspecto especial por nos ajudar a compreender as questões raciais no complicado e complexo jogo das identidades no futebol soteropolitano. Após as derrotas do Botafogo, Bahiano de Tênis e Fluminense, o fraco desempenho dos baianos diante dos cariocas estava se repetindo. Diante do desastre que se anunciava, Benjamim Bompert resolveu montar um time que considerava suficiente bem preparado para enfrentar em pé de igualdade o Villa Izabel. Na escalação do time, Bompert optou exclusivamente por jogadores negros. Neca do Sul América foi o goleiro;

²⁵ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 34, 26 de novembro de 1921.

Durval e Cândido respectivamente do Botafogo e São Bento formavam a dupla de zagueiros. Satu, do Fluminense, Furrudunga, do Internacional e Popó do São Bento formavam o trio de volantes com o último centralizando o jogo. Os meias ofensivos foram compostos por Costa e Lili, ambos do Nacional. Finalmente no ataque tinha Joaquim, Dois Lados e Piedade, todos do Ypiranga. Ao que parece, para montar este time Bompét contou com a ajuda e o incentivo da Liga Henrique Dias²⁷, uma entidade civil em prol dos negros.²⁸ Por conta disso, o nome da seleção recebeu o mesmo nome da entidade.

Para a surpresa de toda a Bahia, menos de Bompét, que há tempos conhecia alguns destes jogadores,²⁹ o time Henrique Dias aplicou uma convincente goleada de 4 a 1. Diante deste fato, considerado extraordinário, rapidamente muitas notícias surgiram, comentando o sucesso da equipe. Especialmente a *Semana Esportiva*, em um extenso editorial, tecia comentários sobre o que aquela vitória representava para os baianos e para os jogadores negros:

A glória do foot-ball na Bahia é dos nossos pretos e do organizador do Team Henrique Dias

Terminou, afinal, a série de jogos interestaduais do Villa Izabel F. C. campeão da primeira divisão série B da Liga Metropolitana, com a significativa derrota da nossa figura máxima na representação pebolista baiana, levando o Villa Izabel a grande vantagem ainda sobre o América, que teve empatada a partida com o nosso *scratch* em sair vitorioso com um gol a zero.

A estas horas os players cariocas comentam pelas suas iluminadas avenidas a triste figura que continuamos a fazer, retrocedendo ao em vez de melhorar com as lições que nos têm eles dado até aqui.

Uma coisa, porém, ressalta a tudo isto e que também não posso calar, deixando nestas linhas as minhas palmas e os meus louvores ao esforço empregado pelo distinto *sportman* Benjamin Bompét, organizando o invencível selecionado de jogadores, na maioria dos pequenos clubes, de elementos pretos dos nossos *footballers*, aos quais estendo também estas despretensiosas linhas, possuidores que ficaram agora de serem os melhores jogadores da Bahia, com o presságio de

²⁶ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 32, 13 de novembro de 1921.

²⁷ Henrique Dias foi um filho de africanos libertos nascido no século XVII. Destacou-se por lutar contra os holandeses nas Invasões Holandesas. Pelos seus esforços recebeu título de fidalgo. Conferir: MELLO, José Antonio Gonsalves de. *Henrique Dias: governador dos crioulos, negros e mulatos do Brasil*. Recife: Fundaj, Ed. Massangana, 1988; MATTOS, Hebe. "Black Troops" and hierarchies of color in the Portuguese Atlantic world: the case of Henrique Dias and his Black Regiment". In: *Luso-Brazilian Rev.* June 2008.

²⁸ Não encontramos muitos dados sobre esta entidade. Jeferson Barcelar encontrou referências dela no Jornal Democrata em 21 de março de 1917. Outra referência a Liga foi encontrada em Thales de Azevedo. Todavia este autor identificou a fundação de uma Liga Henrique Dias em 1937 o que sugere que a entidade organizada naquele ano poderia ter alguma relação com a anterior. Sobre esta entidade Thales lembrou que, de acordo com os seus estatutos tem como finalidade pugnar pelo conagraçamento e união entre pessoas de cores epidérmicas diferentes, desenvolver a educação, principalmente dos associados e suas famílias, dar-lhes assistência, realizar diversões praticar esportes e comemorar datas cívicas. Sobre: AZEVEDO, Thales de. *As elites de cor numa cidade brasileira: um estudo de ascensão social & classes sociais e grupos de prestígio*. Salvador, EGBA/EDUFBA, 1996, p. 158; BACELAR, Jeferson. *op. cit.* 144.

²⁹ Como já sabemos Bompét era presidente do Internacional e um dos fundadores da Liga Brasileira em 1913.

irem além na hipótese de persistirem nos treinos que lhes dariam uma vitória segura com qualquer *team* poderoso que nos visitasse, enfrentando-o.

Notemos mais ainda que a vitória conseguida pelo *team* cognominado Henrique Dias não foi uma vitória de quem faz um gol primeiro, nem dos que são bafejados pela sorte, mas uma vitória completa, por um grande *score*, o que poucas vezes poderá ser conseguido com quadros relativamente homogêneos como o do Villa Izabel que nos visitou.

Sirva, pois, de lição para outra vez, o grande exemplo dos nossos pretos, que tiveram a glória de serem os únicos que conseguiram infligir enormíssima derrota aos cariocas, vitória conseguida pela força de vontade de que se deixaram possuir.

Já se anuncia a visita à nossa terra do quadro de que faz parte o grande Kuntz.

Estou a ver a mesma falta de cuidado dos nossos principais organizadores de *scratches*.

Já estou a vê-los aguardar a hora do não há mais tempo para os treinos e sapecarmos uma linha de frente qualquer como muito boa representando o foot-ball baiano. Uma linha média figurada com um elemento de última hora substituindo outro de mais valor e assim por diante.

No que aposto, sempre, com a máxima confiança, até mesmo sem que seja feito um exercício preliminar, é na nossa representação negra, a que tanta guerra se faz imerecida. Esta sim vencerá sempre, porque é ela que máximos proveitos temos tirado. Nas pequenas como nas grandes coisas é sempre a raça negra quem da nota em nosso país. Esta é que é a verdade.

Senão vejamos as glórias do nosso exército e da nossa marinha a quem mais devemos.

Do que são eles formados. Infelizmente, unicamente da raça negra.

Por isto, agora também quando o foot-ball sob as raias da civilização, quando é ele motivo de glórias em toda a parte, na Bahia são os gloriosos toda a raça de Popó, Dois Lados, Chibata, Furrundunga e tantíssimos outros que se estão formando para suplantar toda a nossa branquidão.

Pois então já que assim é glória a eles, Hip! Hip! Hurrah! Aos pretos da Bahia, gloriosos pebolistas.

A.C.³⁰

Este efusivo editorial nos permite fazer algumas reflexões. A princípio é nítido o reconhecimento do valor dos negros enquanto atletas. Apesar das desconfianças quanto ao caráter de alguns jogadores e das críticas quanto à falta de refinamento dos mesmos, em nenhum momento encontramos nos jornais ou revistas dúvidas quanto a qualidade futebolística de Popó, Dois Lados, Durval, Joaquim e tantos outros. Pelo contrário, reconhecidamente eram considerados os melhores jogadores e frequentemente eram disputados pelos dirigentes dos clubes de Salvador. A grande questão é que o fato de serem negros maculava as qualidades daqueles *sportmen* enquanto homens. Afinal, na ideologia racista vigente, ser negro era sinônimo de uma série de atributos negativos que iam de encontro ao ideal amador do esporte naquele momento, defendido não tanto pelos dirigentes esportivos, mas, sobretudo, por parte da imprensa.³¹

³⁰ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 35, 03 de dezembro de 1921.

³¹ Estamos trabalhando com uma noção de racismo enquanto uma “forma bastante específica de “naturalizar” a vida social, isto é, de explicar diferenças pessoais, sociais e culturais a partir de diferenças tomadas como naturais.” Esta concepção é retirada de: GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. *Racismo e antirracismo no Brasil*. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo; Ed. 34, 1999. p. 11.

Principalmente alguns jornais e revista *Semana Esportiva*, pela defesa do amadorismo, do refinamento e civilidade no futebol, que mais afirmavam que o jogador popular, sobretudo negro, era o profissional, sem educação ou o que buscava algum tipo de vantagem no jogo. Basta lembrarmos as querelas envolvendo Popó e o Bahiano de Tênis e o Ypiranga.³² Não era difícil para a imprensa encontrar legitimidade nesta associação, pois a maioria dos jogadores negros é era pobre e via no futebol algum tipo de ascensão social e financeira.

Finalmente, certos diários não eram isentos do pensamento racial da época. Pelo contrário, muitas vezes eles eram um dos principais difusores das ideias formuladas pelo racismo científico, que na figura da Nina Rodrigues, no início do século XX, acreditava na existência de hierarquia das raças.³³ Expressivo neste sentido foi a publicação de uma nota pelo *Diário de Notícias* em 13 de julho de 1910. De título *O perigo negro*, tomava como um exemplo o estudo de um sociólogo alemão M. Burghard sobre o desenvolvimento econômico social dos negros nos Estados Unidos para afirmar que o avanço destes sujeitos representava um perigo para América. Segundo o jornal:

Um sociólogo alemão, M. Burghard, pretende que se a América não deve perder de vista o perigo amarelo, ela deve pensar muito seriamente no perigo negro. Este perigo se manifesta, segundo este sociólogo, pelo extraordinário desenvolvimento da raça negra de cor nos Estados Unidos e pela preponderância que ela vai tomando dia a dia.³⁴

Enfim, o grande dilema para a imprensa soteropolitana era que os mesmos jogadores criticados pelas suas ações antiamadoras, “naturais” da sua condição racial, eram os que estavam representando a Bahia e conquistando vitórias expressivas. A difícil equação para as elites, sobretudo as letradas, era como pensar o fortalecimento de uma identidade baiana pelo futebol tendo que lidar com a questão racial. Como o próprio colunista disse, no momento em que o esporte era parâmetro para o progresso e civilidade das cidades, os baianos também desejavam se inserir neste processo, mas de alguma forma dependiam de sujeitos que queriam excluir da sua própria identidade. A princípio, a contraditória fórmula encontrada pelas elites letras baianas era reconhecer a importância dos jogadores negros para a Bahia, mas demarcar um lugar de subalternidade deles na própria sociedade que representavam através do futebol.

³² Não custa lembrar que no episódio envolvendo Popó e o Ypiranga em 1922 o *Diário de Notícias* defendia o saneamento da Liga excluindo jogadores analfabetos e de maus costumes.

³³ Sobre o pensamento de Nina Rodrigues, sugiro: CORRÊA, Mariza. *As ilusões da liberdade: a escola Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil*. Bragança Paulista, EDUSF, 1998. Para uma análise da presença do racismo científico na imprensa de Salvador conferir: REIS, Meire Lucia Alves dos. *A cor da notícia: discursos sobre o negro na imprensa baiana (1888-1937)*. Salvador, 2000. Dissertação (Mestrado em História) — FFCH, UFBA, 2000.

O entusiasmado editorial da *Semana Esportiva* é um exemplo cabal deste processo. Ao mesmo tempo em que a qualidade futebolística de Popó ou Dois Lados é exaltada, o colunista chega a afirmar que o único problema destes jogadores era o fato de serem da raça negra. Portanto, o jogo de identidades realizado pelas elites pode ser entendido pelas palavras de Flávio Gomes e Marcelo Paixão quando, discutindo a relação entre identidade nacional e a questão racial, consideram que:

A engenharia da identidade nacional se fez entre marcadores raciais e seus diálogos com as hierarquias sociais ao longo do século XIX, alcançando a metade do século XX. “Branços” e “negros”, para além de escravos, livres e libertos não foram apenas invenções sociais. Foram categorias redefinidas entre as expectativas de cidadania e distinção social. (...) A abolição – e as teses higienistas, o darwinismo social e outras teorias raciais envolventes – inventaram o “negro.” A não existência de uma desigualdade jurídica com o fim da escravidão e os estigmas associados provocou novas narrativas sobre distinção e identidade: o negro. É cor, é raça e é também um lugar. Um lugar social. Da subordinação, da não-igualdade.³⁵

A fórmula encontrada pelas elites, entretanto, não era a única maneira de pensar a questão racial na elaboração de uma identidade. Se a *Semana Esportiva* reconhecia o valor dos negros, colocando-os, todavia, em um lugar de subalternidade, existiam outros grupos que viam no sucesso dos jogadores como Popó, Durval e Joaquim um exemplo de como os negros tinham uma importância para a sociedade. Um sintoma disso foi o interesse da Liga Henrique Dias em se envolver com o futebol, vendo nele uma possibilidade legítima de afirmação dos negros. Inclusive, a *Semana Esportiva* informou o “Centro Henrique Dias vai realizar uma grande festa para entrega de medalhas de ouro aos citados jogadores e ao *referee* Bompét que se conduziu com imparcialidade durante o desenrolar da pugna que foi por ele organizada”.³⁶

As medalhas que seriam entregues aos jogadores foram motivos de uma pequena controvérsia entre um secretário da Liga Henrique Dias e o *Diário de Notícias*. Em uma carta direcionada ao jornal, em 31 de janeiro de 1922, e publicada em 03 de fevereiro, o secretário da entidade, Theophilo Brandão, buscava desmentir um cronista esportivo do jornal que informou que as medalhas foram conquistadas pelos jogadores. Na verdade, o mimo foi dado pela Liga Henrique Dias enquanto uma homenagem aos homens de cor da Bahia. Para o secretário daquela entidade:

³⁴ Jornal *Diário de Notícias*, 13 de julho de 1910.

³⁵ PAIXÃO, Marcelo e GOMES, Flávio. Razões Afirmativas: pós-emancipação, pensamento social e a construção das assimetrias raciais no Brasil. In: MANDARINO, Ana Cristina de Souza e GOMBERG, Estélio.(orgs.) *Racismos: olhares plurais*. Salvador: Edufba, 2010, p. 58 – 59.

³⁶ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 36, 10 de dezembro de 1921.

Na qualidade de 1º secretário da Liga Henrique Dias, entidade patriótica criada e mantida com o fim exclusivo de defender os interesses dos homens de cor e, portanto, sem nenhuma interferência direta ou indireta no que tange ao meio *sportivo* baiano, vem solicitar de v. exa. uma nota que esclareça ou destrua uma local do vosso jornal, acerca da entrega das medalhas ao selecionado Henrique Dias, que, brilhantemente, venceu o quadro do Villa Izabel, há meses atrás.

Pela nota de v. exa., fica patente que as medalhas foram conquistadas pelos jogadores baianos naquela pugna interessante. Tal não se deu e nem os *clubs* que trouxeram o Villa Izabel têm interferência no caso.

Foi a Liga Henrique Dias que resolveu, por proposta do seu associado Sr. Octavio Salles Pontes, depois da vitória do selecionado, entregar aos jogadores que salvaram a honra desportiva da Bahia e ao *sportman* Benjamin Bompert, organizador, medalhas de ouro que estão sendo cunhadas e serão entregues logo que nos seja concedido o salão nobre da Protetora dos Desvalidos.

Não está bem informado v. exa., por isso, que as medalhas não foram conquistadas em campo.

A Liga Henrique Dias vai oferecer *sponte sua* as medalhas, como homenagem ao valor dos homens de cor da nossa terra. Esta é que é a verdade.³⁷

O interesse da Liga Henrique Dias em dizer que foi a entidade que ofereceria as medalhas aos jogadores indica que o jogo de bola também poderia se constituir enquanto uma prática com um potencial de promoção da população negra, de construção de uma identidade racial favorável aos homens de cor. Esta hipótese ganha mais força uma vez que é possível vê-la confirmada na experiência do esporte em outras cidades brasileiras. Na década de 1920, em São Paulo, por exemplo, o historiador Paulino de Jesus observou que com as vitórias expressivas de clubes esportivos negros, como o São Geraldo, para os movimentos negros formados pela comunidade letrada a “prática do futebol e os clubes esportivos passaram a encarar o orgulho da raça.”³⁸ O autor conclui afirmando que:

Para os letrados negros, a sociedade francamente discriminadora fora forçada a dobrar-se perante o talento e a criatividade dos jogadores negros. Cada vitória de um clube, ou selecionado negro, passou a ser festejada como uma conquista de toda a população negra.³⁹

³⁷ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 3 de fevereiro de 1922.

³⁸ CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco. *A luta contra a apatia: estudo sobre a instituição do movimento negro anti-racista na cidade de São Paulo (1915-1931)*. Dissertação de mestrado, História, PUC/SP, 1993. p. 117.

³⁹ Idem, *ibidem*, p. 117.



Figura 54: O *Team Henrique Dias* (*Jornal Diário de Notícias*, 1921).

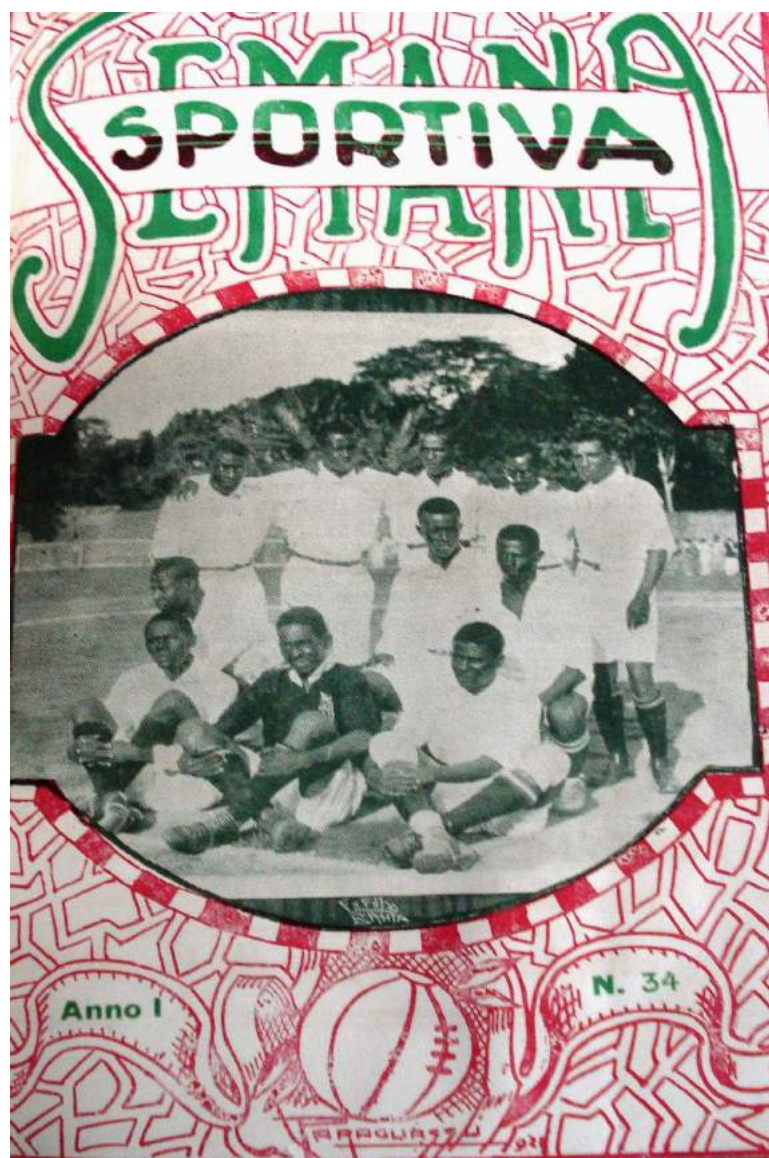


Figura 55: O Team Henrique Dias estampando uma das capas da *Semana Esportiva*.

As presenças do América e Villa Izabel em Salvador foram entendidas enquanto uma primeira experiência expressiva do futebol baiano no cenário nacional. Percebemos nestes amistosos uma tentativa de autoafirmação, principalmente através da estratégia de se apresentar enquanto hospitaleiro, cordial e gentil. É possível perceber em alguns jornalistas a inexistência de uma preocupação primordial em vencer aqueles jogos, talvez fossem encarados enquanto uma propaganda das qualidades da Bahia, da Boa Terra. Quando o Fluminense Foot-ball Club do Rio de Janeiro visitou Salvador, no início de 1923, o futebol local se encontrava em outro momento. Como veremos no próximo tópico, no final do ano anterior, o estado participou do primeiro torneio de seleções do país, conquistando o segundo lugar. Esta vitória foi considerada o símbolo do progresso esportivo baiano. Daí, a temporada

do Fluminense em Salvador passou a ser vista enquanto um atestado do desenvolvimento da Bahia.

Em se tratando de modernidade, luxo e distinção, o Fluminense, para os jornais baianos, era considerado o principal clube da América do Sul. Contar com a presença desta agremiação na cidade era uma evidência do progresso esportivo de Salvador. Comentando este acontecimento o *Diário de Notícias* disse:

Não há dúvida que constitui um grande prestígio da Bahia, que subiu, rapidamente, no conceito dos demais Estados da Federação, no que concerne à sua vida esportiva a próxima visita do notável grêmio carioca Fluminense F. Club. Sociedade esportiva que honra o nosso País.
O que a política tem conseguido em desprestígio para a nossa terra, o esporte, por outro lado, em terra ou no mar tem procurado desfazer.
Ao Bahiano de Tênis agora ficará a Bahia a dever este serviço. O querido grêmio da Barra Avenida é quem pelo seu grande prestígio, consegue que aqui venha uma honrosa embaixada esportiva, uma das mais distintas que da Capital da República têm se afastado.
Nós, agora, só devemos desejar que perdure o trabalho, tão difícil de construir, deste crédito, a que a Bahia esportiva chegou, e que não esmoreçam nunca os nossos baluartes do esporte baiano.⁴⁰

Pela nota percebemos que o clube responsável pela vinda do Fluminense a Salvador foi o Bahiano de Tênis. Tal constatação não nos surpreende uma vez que, se lembrarmos do primeiro capítulo, vimos que o alvinegro ascendia meteoricamente, buscando se firmar como o principal grêmio esportivo de Salvador. O convite ao tricolor carioca faz muito sentido, uma vez que as pretensões do Bahiano era igualar-se ao Fluminense no que tange à pompa e à distinção social. Um exemplo do que o grêmio da Barra Avenida foi capaz de fazer para ostentar sua condição pode ser observado no dinheiro gasto para trazer a embaixada tricolor, composta de 27 pessoas. De acordo com um jornal da cidade:

O Bahiano do Tênis já pôs à disposição da diretoria do Club Fluminense, por intermédio da companhia inglesa à qual pertence o paquete que conduzirá a embaixada carioca a Bahia, a importância relativa a passagem de 27 pessoas. Sabemos, por uma verdadeira cavação, que sobe a RS... 6:250\$00 o custo dessas passagens.⁴¹

Na revista *Semana Esportiva* o que ficou exaustivamente demarcado nos seus editoriais e colunas foi a consagração do universo esportivo de Salvador. Nos textos relativos à vinda do América e Villa Izabel percebemos uma autopropaganda das qualidades da Bahia. Desta vez as opiniões da revista a respeito da vinda do Fluminense eram de confirmação do progresso baiano, que também não deixava de ser uma propaganda. Em um dos seus editoriais:

⁴⁰ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 31 de janeiro de 1923.

⁴¹ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 09 de março de 1923.

Belíssima, incomparável vitória do *sport* baiano! Como não devemos exultar de júbilo e de orgulho irreprimíveis, todos os que vimos trabalhando, sem tremores por seu engrandecimento, pugnando sem desfalecimentos, por seus crescentes e novos triunfos.

Que alegria irresistível e feliz não deverá, a esta hora, dominar e empolgar os velhos campeões, os velhos baluartes do *foot-ball* baiano, aqueles que o iniciaram e o introduziram na Bahia, há tantos anos passados, e hoje contemplam irradiados em bendito contentamento, este instante sublime de apogeu, de vitória final completa definitiva do *sport* na Bahia.

Porque a embaixada que ora nos visita a gentil convite do Club Bahiano de Tênis padrão do progresso *sportivo* de nossa terra, reveste-se por circunstâncias especialíssimas do caráter de um alto acontecimento no *sport* nacional. Não é uma delegação comum de *sportmen* que vem disputar conosco *matches* amistosos. É uma embaixada do *club* merecidamente consagrado o maior do continente sul americano e, sem exagero algum, um dos maiores do mundo.⁴²

Em outra oportunidade a Revista disse:

A Bahia vive nos dias que correm em que a visitam os embaixadores da mais alta cultura do *sport* no país, os dias da sua maior glória, desde que nela se implantou o *foot-ball* e souberam compreendê-lo como uma necessidade e praticá-lo por ideal.

Há poucos exemplos do desenvolvimento *sportivo* de um estado, como se operou aqui, uma vitória magnífica da força de vontade na luta contra os maiores obstáculos.

A Bahia o acolhe, vibrando de entusiasmo sadio, que se sabem comunicar os moços-soldados de uma mesma batalha, os propugnadores de um mesmo ideal os legionários de uma mesma cruzada.⁴³

Em ambos os textos já não percebemos de maneira demasiada afirmações do tipo: “a Bahia é Boa Terra”, ou “a Bahia é fraternal.” Isso porque o futebol do estado já era reconhecido nacionalmente, sendo desnecessária uma propaganda daquele tipo. Explicitamente a temporada do Fluminense parecia representar o coroamento, o ápice de um processo de evolução esportiva da Bahia.

Para a imprensa da cidade, o feito do futebol baiano revestia-se de um significado excepcional, pois a comitiva do clube carioca contava com o literato Coelho Netto, um dos principais entusiastas da cultura esportiva no Brasil, como chefe da embaixada.⁴⁴ A vinda deste homem era aguardada com muita expectativa pelos jornais e pelos esportistas baianos. Acreditavam estes que a sua presença em Salvador seria fundamental, enquanto propaganda do desenvolvimento esportivo do estado. Para os baianos, ao chegar à Boa Terra, Coelho

⁴² Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 104, 31 de março de 1923.

⁴³ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 105, 07 de abril de 1923.

⁴⁴ Henrique Maximiliano Coelho Netto foi um consagrado literato da Academia Brasileira de Letras e um dos principais defensores de uma cultura esportiva. Sobre a sua crônica e a sua relação com o futebol conferir. PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda Pereira. Literatura em movimento: Coelho Netto e o público das ruas. In: CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Sousa Neves; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda Pereira (orgs.). *História em cousas miúdas: capítulos de História Social da crônica no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2005; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. O jogo dos sentidos: Os literatos e a popularização do futebol no Rio de Janeiro. In: CHALHOUB, Sidney & PEREIRA, Leonardo Affonso. de

Netto veria a pujança do esporte em Salvador através das grandes sedes sociais dos clubes e do Campo da Graça, e quando retornasse à capital do país difundiria pela imprensa carioca o quanto o esporte baiano se encontrava avançado.



Figura 56: À esquerda o presidente do Bahiano de Tênis, Joaquim Espinheira da Costa Pinto, recepcionando o ilustre Coelho Netto. (Revista *Semana Esportiva*, 1923).

Diferente da chegada do América, a recepção do Fluminense não teve muita concorrência da população da cidade, uma vez que o desembarque ocorrera na noite de sexta-feira santa. Ainda assim, foi marcada por muita distinção. No porto da cidade, estavam à espera da embaixada o Governador do estado, o Intendente Municipal e muitas outras personalidades políticas. Cerca de cinquenta automóveis foram utilizados para a realização de um cortejo que conduziria os visitantes e os anfitriões do porto até o Club Euterpe, onde os jogadores ficariam hospedados. Neste itinerário, o cortejo faria uma parada no Palácio da Aclamação, onde J. J. Seabra faria um discurso e hospedaria Coelho Netto. Nas palavras de um jornal, “o cortejo atravessou grande parte do seu itinerário, entre alas de povo, como no Largo do Teatro, onde havia verdadeira multidão que aplaudiu os jogadores do Sul, em São

Pedro.”⁴⁵ No Euterpe foi servido um jantar e os jogadores foram acomodados. Nos jornais está presente o programa de festas previsto para o Fluminense.

Durante quase um mês, a embaixada realizaria diversos passeios pela cidade e participaria de chás dançantes e saraus no Euterpe, no Bahiano de Tênis, no Club Francês e no Politeama Baiano. em tais ensejos, homens como Aloysio de Carvalho Filho e Clemente Mariani, entre outros, discursavam para Coelho Netto sobre a importância da sua presença para a Bahia. Em uma das homenagens ao Fluminense, Rogério Faria, então presidente da LBDT, falou o que representava para a embaixada do tricolor carioca ser presidida por Coelho Netto:

Foi a este homem superior, detentor da alma imperecível da cultura grega, que vós, Srs. da embaixada, fostes buscar para vosso embaixador. Com isto quisestes significar, patricios do mesmo céu brasileiro, que bem sabeis entender e defender o velho tema do *mens sana, corpore sano*. Quisestes demonstrar no gesto fidalgo e de imensa expressão cultural, que só pela aliança da cultura intelectual a cultura física é que se pode deduzir o expoente da cultura moral. E, de modo algum, melhormente podeis demonstrar a tese ousada, do que trazendo como trouxestes à frente do emblema do Fluminense Foot-ball Club, o nome glorioso de Coelho Netto.⁴⁶

Assim como os eventos sociais realizados em homenagem ao Fluminense, os jogos disputados também foram muito concorridos e contaram com a presença do chamado escol da sociedade soteropolitana e da população em geral. Em um dos jogos, por exemplo, o comércio foi fechado para que o público pudesse assistir e, conseqüentemente, aumentasse as rendas provenientes das vendas de ingresso, amortizando, portanto, as despesas do Bahiano de Tênis.

Atendendo a importância do fato e ao esforço do presidente do Bahiano de Tênis em fazer vi à Bahia um grande grêmio como é o Fluminense, sendo o jogo de hoje com o campeão da cidade e dedicado à Companhia Aliança da Bahia que parainfará o *match*, a maioria das casas comerciais desta praça fechará as suas portas às 15 horas a fim de poderem os seus chefes e auxiliares comparecerem à Graça, auxiliando ao mesmo tempo a concorrência que precisa ser grande pois são notáveis as despesas do alvinegro com o grande surto empreendido em benefício do nosso esporte.⁴⁷

O Fluminense disputou seis partidas contra os seguintes: Associação Atlética, Vitória, Bahiano de Tênis, Botafogo, este duas vezes, e a seleção baiana. Desta vez houve algum equilíbrio no confronto entre cariocas e baianos. Estes venceram dois jogos, empataram um e perderam os restantes.

⁴⁵ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 31 de março de 1923.

⁴⁶ Revista *Semana Esportiva*, Salvador Nº 106, 14 de abril de 1923.

⁴⁷ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 12 de abril de 1923.



Figura 57: Jogadores do Fluminense no gramado do Campo da Graça.



Figura 58: Acima e no centro J. E. Costa Pinto, J. J. Seabra e Coelho Netto acompanhando uma das partidas do Fluminense. (Revista *Renscença* 1923).

Mais do que perceber a torcida elegante que abrilhantava as arquibancadas do Campo da Graça, estes encontros nos chamou a atenção por outros motivos. Primeiramente, alguns deles foram definidos pelos jornais como muito violentos por parte dos cariocas. Obviamente, mais uma vez, a imprensa se surpreendeu com o estilo dos jogadores visitantes. Em um longo texto dirigido a Coelho Netto, o *Diário de Notícias* reclamava:

O nosso natural comedimento e os princípios mais comezinhos e rudimentares da cortesia e hospitalidade têm impedido, até aqui, que chamemos a atenção do brilhante homem das letras e impecável cavalheiro que é o Sr. Coelho Netto, para a incorreção, para a indisciplina, para a manifesta e evidente impolidez esportiva de alguns membros da luzida embaixada a que s. s. empresta as honras de presidente, e que aqui se encontra, a convite de um grêmio local.

Já no jogo com Vitória, o juiz Sr. Armando Cunha, moço distintíssimo, de nossa melhor sociedade, como *sportman* e como cavalheiro, se vira grosseiramente tratado, por alguns players do tricolor, que chegaram a insultá-lo, em campo, e, depois, a negar-lhe o cumprimento.

Com uma entrevista em nosso poder, concedida por aquele árbitro, na qual dizia ele ao povo as indelicadezas de que fora vítima por parte de vários jogadores do Fluminense, deixamos de publicar, em atenção a insistente pedido do digno presidente Club Bahiano de Tênis que alegava razões ponderosas em seu favor e no de seus jovens convidados.

Afigura-se nós, porém, já hoje, um ato de covardia profissional de pusilanimidade flagrante, continuar em silêncio a imprensa desta terra, ante a reprodução de cenas que precisam ter imediato paradeiro.

O jogo de ontem, com o Botafogo não nos deixou outra impressão.

O juiz, Sr. Nova, só faltou apanhar, porque vários jogadores visitantes não só se rebelaram contra as suas decisões, como, insolentemente, o ameaçaram com palavras e gestos enraivecidos.

Tal proceder, senhores, não é próprio, próprio não deve ser de um *club* importante como o é o Fluminense, que, na Bahia, está sendo principescamente acolhido com regalias excepcionais.

A Bahia, hospitaleira, exige que a tratem com mais respeito, com mais correção, com mais polidez, e é isto o que o *Diário de Notícias* reclama do eminente Sr. Coelho Netto.⁴⁸

Ao se queixar do comportamento dos jogadores para Coelho Netto, o defensor dos esportes brasileiros, o jornal deixou transparecer um certo constrangimento. Afinal, reclamar a um dos homens que mais propagandeava os benefícios morais e civilizatórios do esporte era, no mínimo, contraditório. Não encontramos nenhuma resposta do literato quanto às queixas dos jornais. Porém, a história deste homem no futebol indica que as suas práticas nem sempre coadunaram com o seu discurso. Em 1916, “inconformado com o juiz, que mandara repetir a cobrança de um pênalti a favor do Flamengo em um jogo no qual seu clube era derrotado por três gols contra dois,” Coelho Netto “patrocinou a primeira das invasões de campo do futebol carioca.”⁴⁹

O que mais no interessou na temporada do Fluminense foi o desempenho de Popó e como a imprensa via as suas atuações. Nestes jogos, o preto de ouro foi o centro das atenções, com grandes atuações, especialmente em duas partidas. Na primeira delas, representando o Vitória, ele foi o principal jogador no empate por um gol. Já pela seleção baiana, em uma das últimas partidas do Fluminense em Salvador, Popó teve um desempenho surpreendente quando marcou cinco vezes na vitória do seu time por 5 a 4. Estas duas atuações não

⁴⁸ Jornal *Diário de Notícias*, 13 de abril de 1923.

passaram despercebidas pelo *Diário de Notícias*. Para o jornal, considerado magistral, o desempenho contra o principal clube da América do Sul apontava para como na Bahia existiam jogadores à altura dos da capital da República. Ou seja, Popó era um atestado do progresso esportivo do estado. Após os dois jogos, o Diário escreveu algumas linhas sobre o *sportman*. No empate do Vitória disse:

Um registro especial somos obrigados a fazer aqui por justiça sobre o player Apolinário Sant'Anna (Popó). A sua atuação foi extraordinária em todo o jogo e, pode-se dizer, não fora ele, o Vitória seria derrotado por um grande *score*. Isto quer significar, claramente, que na Bahia, Popó não teme competições, avantajando-se mesmo a inúmeros elementos da capital do país. Queriam ou não queiram os aristocratas, ferrem-se ou não os almofadinhas, protestem ou não os diretores de clubes *chics*, o que não padece dúvida é que Popó é Popó, *footballer* de verdade, capaz de valer, por si só, um *team* inteiro, capaz de inutilizar o jogo de qualquer linha adestrada, homogênea e perigosa, capaz em suma de arrebatar uma assistência, aqui, ou no Rio, em São Paulo ou na Cochinchina. O seu papel ontem, na Graça, não deixou outra impressão dominando o campo de tal forma, que obrigou o grande Welfare a mudar de posição e os demais adversários a tratá-lo com pronunciado respeito. O povo já o consagrou. Popó é Popó, repetimos.⁵⁰

Quando Popó jogou representando a seleção baiana, o *Diário de Notícias* ratificou o elogio à ele:

Numa de nossas últimas edições, apreciando o jogo Vitória e Fluminense, demos a Popó o que ele merecia, dizendo-o o maior de nossos jogadores de *foot-ball*. Nunca as nossas palavras encerram maior justiça. Quem foi ao jogo de ontem e viu a inteligência previsora do preto baiano, tratando de elevar o *score*, antes que viesse a balburdia estragar o conjunto do quadro, não podia ter outra impressão. Popó é o maior *player* do Norte. Contentem-se os almofadinhas com a elegância das camisas ou do talhe esbelto. Jogo, jogo de verdade, jogo produtivo, jogo capaz de garantir uma vitória como a de ontem, só Popó o poderá fazer. O mais é conversa fiada, que não custa dinheiro.⁵¹

Finalmente, diante do sucesso de Popó na temporada do Fluminense na Bahia, o *Diário de Notícias*, resolveu realizar uma entrevista com o craque baiano. Além disso, é possível que a ida do diário ao jogador tenha sido pelo fato que no momento em que o clube carioca jogava na Bahia, Popó estava na cidade alagoana de Penedo jogando por um clube local.⁵² Talvez, além de elogiá-lo, o jornal também procurou saber porque um dos maiores jogadores baianos

⁴⁹ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. O jogo dos sentidos: Os literatos e a popularização do futebol no Rio de Janeiro. In: CHALHOUB, Sidney & PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. (org.) *A história contada - Capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, p. 200.

⁵⁰ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 06 de abril de 1923.

⁵¹ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 16 de abril de 1923.

⁵² Os motivos da ida de Popó para Penedo são explicados mais adiante.

estava fora dos gramados locais, quando o futebol no seu estado se encontrava no ápice. Eis alguns trechos da entrevista:

Repórter: - Acusaram-no de palhaço....

Popó: - Não faço palhaçadas em campo porque sentia prazer nisso. Dou reviravoltas, claro, porque tenho o corpo ágil e a intenção de, por qualquer modo, sem preocupações, ou poses de almofadinhas, não consentir que a bola passe, impunemente, por minha linha. Com tal intuito, farei toda a sorte de ginástica. Aliás, aproveito estar falando com o redator do Diário para afirmar que não vim de Penedo para assistir à derrota do *scratch* baiano. Daí o meu jogo de ontem. Nele fiz o que pude, desajudado, embora, pela ala direita, como lhe disse.

Repórter: - Popó tem saudades da Graça?

Popó: - Para jogar? Ainda não sei, porque não dei resposta certa a nenhum dos convites que me têm sido feitos, com insistência. Pode dizer, porém que não me sinto tão bem, tão a vontade em lugar nenhum como aqui na Graça, ouvindo milhares de bocas gritando das arquibancadas o meu nome, Popó, Popó! Isso anima! Dá a gente vontade mesmo de jogar.

Popó queixou-se de acusarem-no de profissionalismo. Esse, talvez, um dos motivos que o afastam de sua terra, dos aplausos das gentis torcedoras da Graça, exilando-o para outras arenas.

Popó, enquanto falava juntava curiosos em torno, que o olhavam. Quer isso dizer o seguinte: popularíssimo entre nós, Popó não deve ser esquecido, mas fazer parte de algum *club* coligado, porque sem ele, *foot-ball* na Graça não tem importância. O mais é história.⁵³

Nas opiniões do diário e na entrevista de Popó, mais uma vez a questão racial esta presente na construção de uma identidade baiana pelo futebol. Nos embates contra o Fluminense, quando Popó mais uma vez se destacou, algumas notas do *Diário de Notícias* surgem como uma resposta aos almofadinhas e dirigentes de clubes chiques que, mesmo com o sucesso do jogador que representava um avanço da Bahia no cenário esportivo nacional, se incomodavam com a sua condição sociorracial. Por mais que o dito preto de outro contribuísse decisivamente para afirmação do esporte baiano, existia uma recusa, principalmente pelas elites baianas, de reconhecer o seu valor e importância. Inclusive tachá-lo de palhaço por ter um estilo de jogo cheio de reviravoltas⁵⁴, parecia ser uma boa tentativa de socialmente demarcar o lugar de Popó, mesmo quando este era um dos principais responsáveis pelo sucesso da Bahia em um esporte que, na década de 1920, parecia se tornar um dos referenciais de desenvolvimento físico e social.

Por outro lado, a entrevista de Popó nos permite fazer reflexões sobre como o próprio jogador e outros sujeitos da sua condição viam as tensões raciais nos momentos de representar a Bahia e como agenciavam sua participação nos selecionados.

Por mais que os chamados almofadinhas e aristocratas quisessem negar a Popó uma participação de direito na construção de uma identidade baiana, o futebol naquele momento já

⁵³ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 17 de abril de 1923.

⁵⁴ Os memorialistas do futebol em Salvador costumam afirmar que Popó também era capoeirista.

não era exclusivamente constituído pelas elites. Existia um envolvimento considerável de negros e pobres no esporte. A maioria era enquanto torcedores, mas também existiam alguns jogadores na principal Liga da cidade, além de clubes menores que eram ambientados e até mesmo dirigidos por pessoas de cor e de menor condição social. Apesar de toda construção de identidade formulada pelas elites e matizadas por hierarquias raciais, a população subalternizada e negra da cidade de alguma forma se via representada por Popó, como a própria Liga Henrique Dias.

Enfim, o que estamos considerando é que na tentativa de se pensar uma identidade baiana no e pelo futebol não devemos levar em conta somente os sujeitos que produziam um discurso identitário, mas, sobretudo, quem agenciava este, resignificando-o e reivindicando uma participação legítima nele.⁵⁵ Neste sentido, se os ditos almofadinhas se incomodavam com o sucesso de Popó, também existia uma população que, a partir de critérios raciais, poderia se enxergar no jogador e no estado que ele representava. Para isso basta perceber a fama que o jogador adquiria, tendo seu nome gritado entusiasticamente nas arquibancadas e gerais do Campo da Graça. A relação de Popó com alguns dos seus admiradores é um indício que a construção de identidades raciais não foi fomentada apenas pelas elites, mas também pelos negros e a favor deles.⁵⁶ Enfim, literalmente na lógica de um jogo, o futebol se tornava um espaço de pugnas renhidas em torno das identidades raciais.⁵⁷

Esta mesma fama, fruto das qualidades futebolísticas, contraditoriamente, por vezes, fazia com que os próprios indivíduos das elites que o acusavam Popó de profissional e se incomodavam com sua condição racial ou com seu estilo de jogo o preterissem para os seus clubes em algum momento. No capítulo anterior, vimos que o Bahiano de Tênis e o Ypiranga tentaram trazê-lo para os seus plantéis. Pois bem, depois da temporada do Fluminense do Rio de Janeiro na cidade, mais uma vez os dirigentes do Bahiano de Tênis tentaram transferir Popó, que naquele momento estava em Penedo. Sobre o assunto um jornal disse:

Popó de novo...
Popó, sempre Popó.
E Popó de pedra e cal no Bahiano de Tênis

⁵⁵ Esta concepção é inspirada nos seguintes textos: HALL, Stuart. Que negro é esse na cultura negra? In: *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003; HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

⁵⁶ Sobre o caráter ambivalente da construção de identidades raciais nos inspiramos em: ALBUQUERQUE, Wlamyra. *O jogo da dissimulação: abolição e cidadania negra no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

⁵⁷ A disputa e a negociação das identidades e a sua relação com as questões raciais também ocorreram em outras esferas da cultura como no Teatro de Revista. Um exemplo da melhor cepa pode ser encontrado em: GOMES, Tiago de Melo. *Um espelho no palco. Identidades Culturais e Massificação da Cultura no Teatro de Revista dos anos 1920*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

Agora que dirão os que tinham o *Diário de Notícias* como desarrazoado protetor de Popó, defendendo-lhe sempre o valor esportivo e propagando a sua fama incontestemente como *foot-baller*?

E assim há de ser sempre, porque a cor absolutamente não irá manchar as glórias e o valor do alvinegro.⁵⁸

Apesar do jornal ter dado como certa a sua ida para o aristocrático clube da Barra Avenida, a transferência dependia do São Bento, que detinha o passe do jogador. Este clube não concedeu em liberar o passe e assim transação foi cancelada.

Embora a tarefa de encontrar outras evidências que indiquem como homens como Popó se viam nesta questão, localizamos alguns textos que nos forneceram indícios. Por exemplo, na *Semana Esportiva* existia uma coluna intitulada Bichos da Boa Terra em que era apresentado aos leitores o perfil de alguns dos principais jogadores de Salvador. Muitas vezes, trechos de entrevistas com os perfilados acompanhavam a coluna. Como não poderia ser diferente, Popó foi um dos perfilados. Destacamos alguns trechos da coluna em que o jogador dizia o motivo do seu sucesso:

O popular *center-half* do São Bento, cujo nome vive hoje em todas as bocas, pode gloriar-se de ser o mais disputado player baiano.

Quando um campeonato vai ao meio já está ele mais que sitiado de pedidos inúmeros para figurar “ao nosso lado”, como dizem os “cavadores”. Dessa preferência ele se tem envaidecido mais de uma vez. Mais de uma vez tem declarado que mais vale ter uns pés como os dele do que ter certos títulos... ou mesmo possuir alguma coisa. Numa roda onde se discutiam outro dia as vantagens dos exercícios físicos em geral, Popó, que era parte, discordou da maioria para embevecer-se no estudo da conservação dos pés, provocando admiração aos presentes, o modo como ele dissertou sobre o assunto.

- Em minha casa - é Popó que fala - onde nos educamos juntos todos nós irmãos, eu, o Joaquim, o Francisco e outros parentes, hoje figurões, Durval e Maladú, quem não se dedicasse aos treinos repetidos no quintal, no fundo de um quintal de ribanceira, com mamoeiros seria maldito em nome da geração. Foi assim que eu comecei a minha vida, com um profundo amor e uma dedicação maior ainda pelos meus pés, esses dois pés que são a minha “*mascotte*” e que ainda eu hei de ver cantados em verso... Trato-os com carinho, com verdadeiro carinho... Lavo-os, amimo-os e só falto encerrá-los numa caixa, com receito de uma constipação, de que um rato... uma cobra me leve uns dois dedos... e eu depois fique sem as virtudes que me fazem apontado em toda a parte.

Assim falou Popó...⁵⁹

Nitidamente podemos ver que Popó em alguma medida tinha uma consciência da sua fama e importância enquanto jogador. Logo procurava valer-se das suas qualidades futebolísticas para angariar algum prestígio financeiro e social.

Por outro lado, por mais que Popó e outros jogadores da sua condição sociorracial buscassem vantagens provenientes das suas virtudes, eles estavam inseridos em uma sociedade racista que não raramente estigmatizava a sua condição. Daí que algumas vezes foi

⁵⁸ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 29 de agosto de 1923.

possível encontrar nestes homens uma tentativa de desvinculação de atitudes e comportamentos considerados negativos e, sobretudo, naturalizadas à condição racial. Por mais que as “reviravoltas” de Popó fossem responsáveis pelo seu sucesso, o próprio chega a afirmar que praticaria ginástica num esforço de não ser mais tachado de palhaço. Ou seja, há uma preocupação em vincular-se com um comportamento considerado tipicamente branco e europeu.

Outro exemplo deste processo pode ser encontrado em Durval. Este homem, um dos irmãos de Popó, era considerado o melhor zagueiro da sua época; atuando pelo Botafogo conquistou títulos e uma fama invejável. Porém, para além das suas qualidades futebolísticas, existia nele outras virtudes valorizadas. Estas diziam respeito principalmente a sua serenidade, refinamento e educação. Para o cronista que escreveu o perfil de Durval na coluna Bichos da Boa Terra, “há uma qualidade que deve ser para Durval a sua riqueza maior. A pureza do caráter.”⁶⁰ Para o cronista, o zagueiro se envaidecia da sua maneira, pois mantinha sua lealdade ao Botafogo ao recusar inúmeras propostas para figurar em outras agremiações. O mais revelador disso tudo é que a expressão utilizada por Durval para qualificar o seu caráter era: “Só é preto na cor.” Com esta frase percebemos que no pensamento racista vigente ser preto naturalmente era sinônimo de mau-caráter e de tantos outros comportamentos malévolos. Enfim, com esta expressão Durval pretendia se definir enquanto um homem que, embora tivesse a pele negra, não compactuava com atitudes condenáveis, naturalmente ligadas aos negros.⁶¹

Se no envolvimento do futebol baiano com os clubes cariocas existiu a tentativa de construção de uma ambivalente identidade, com as agremiações pernambucanas não foi diferente. No recorte temporal deste texto, a Bahia, representada pela Associação Atlética, foi ao Recife, em 1922; e recebeu a visita do Santa Cruz no ano seguinte. Quando o time pernambucano veio a Salvador, mais uma vez o *Diário de Notícias* propagandeava a hospitalidade do estado.

⁵⁹ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 72, 19 de agosto de 1922.

⁶⁰ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 82, 28 de outubro, de 1922.

⁶¹ A expressão de Durval lembra muito outras do tipo “preto de alma branca” ou “só é preto por fora” que revelam tentativa de buscar um embranquecimento. Para Gordon Junior que estudou este fenômeno no futebol do Rio de Janeiro o que se quer dizer com estes termos: “não é que um negro deixa de ser negro ao ascender socialmente. É pior: a ideia é de que um negro só ascendeu socialmente porque deixou de ser negro. Com isso, a inferioridade da raça subsiste por trás de uma ilusória explicação em termos de classes sociais, pois só é capaz de alcançar uma posição mais elevada o negro que “deixa de agir e viver como o negro” – seja por ter adquirido metafisicamente característica do branco (alma), seja por procurar adotar um comportamento social considerado típico do branco.” GORDON JUNIOR, C.C. “Eu já fui preto e sei o que é isso”: história social dos negros no futebol brasileiro - segundo tempo. In: *Pesquisa de Campo/Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol*, n.3/4, 1996, p. 68.

A Bahia terá, dentro de dois dias, como seus hóspedes os *foot-ballers* pernambucanos que aqui vêm a convite da Desportiva Bahiana de acordo com a nossa entidade terrestre para a disputa de quatro interessantes matches com os nossos clubes (...)

Estamos certos de que, mais uma vez, nossa terra virá provar aos de fora, por todas as suas classes representativas, na torcida educada, que deve presidir acima de tudo, bem como na prática do *foot-ball* em campo pelos nossos jogadores o quanto somos hospitaleiros a fim de que possamos nos vangloriar disto.⁶²

Embora algumas questões discutidas na relação do futebol baiano com os cariocas se repitam com os pernambucanos, existiram algumas diferenças que mereceram algum destaque. Temos a impressão que contra os cariocas há uma preocupação na imprensa em demonstrar o progresso esportivo da Bahia, principalmente em comparação ao chamado Sul do país. Por vezes fica a sensação da necessidade de afirmar que os baianos não ficavam atrás de São Paulo ou do Rio de Janeiro, chegando a se criar em alguns momentos uma rivalidade, ao menos com os últimos. Já na relação com os pernambucanos, algumas fontes indicam que existia um discurso que buscava agregar as realidades dos dois estados numa demonstração de união e força do Norte do país. Um editorial de título “O abraço dos estados”, da *Semana Esportiva*, comentando a chegada do Santa Cruz a Salvador, é um exemplo sintomático:

No meio brasileiro, onde não é desconhecida a ideia condenável de pretensa superioridade de que existe entre muitos estados, assim, uma série de preconceitos, que não conhecem termo, nem diante do pensamento de união que deve abranger toda a região de um mesmo país; quando são ignorados os meios que empregamos, em outras esferas, para nos aproximarmos uns dos outros, não há dúvida de que o esporte está realizando uma grande obra de entrelaçamento, a vitória magnífica das energias, exibindo-se, coesas, à sombra da mesma bandeira. É belo este traço de união, este abraço com que agora mesmo se ligam os dois poderosos estados do Norte: Bahia e Pernambuco.

Aí chegou ela, entre festas, a embaixada simpática do valente Leão do Norte.

E nós juntamos o nosso voto de boa vinda ao alvoreço contente com que a Bahia a acolheu.⁶³

Todavia, nem sempre este discurso se materializava em práticas e atitudes de congraçamento. Apesar da Associação Atlética e o Santa Cruz serem recebidos respectivamente em Recife e Salvador com festejos e cordialidades, encontramos evidências de que, para além de uma tentativa de união de Pernambuco e Bahia em prol do Norte, existia também uma luta dos estados pela supremacia esportiva da região. Veremos mais a frente que no Torneio do Centenário, disputado por seleções estaduais em comemoração ao I Centenário da República, a Bahia foi a representante do Norte, pois os outros estados, Pará e Pernambuco precisamente, não montaram seleções para disputar com os baianos a vaga do Norte. O problema desta questão foi que para os pernambucanos, a Bahia, mesmo sem ter jogado com

⁶² Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 15 de janeiro de 1923.

⁶³ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 94º, 20 de janeiro de 1923.

nenhuma seleção do Norte, se proclamava campeã da região. Diante disto, um jornal de Recife se indignou com a possibilidade dos baianos mandarem uma seleção para amistosos no Rio com o título de campeã regional:

Os telegramas do sul anunciam que a Bahia vai mandar ao Rio um *scratch* que irá precedido do título de campeão do Norte. Nada teríamos a opor a tão pretensioso reclame se não víssemos no mesmo uma clamorosa e lamentável obsessão, uma irrisória suposição de força. Felizmente, nos meios em que o *foot-ball* é olhado pelo verdadeiro prisma, sem as paixões da superioridade, seja tomado quase como uma pilheria, o ideal que a Bahia sonhou. Os fatos são que se encarregam disto asseverar, pois quando a convite do valoroso tricampeão pernambucano, o Sport Club do Recife, esteve nesta capital a A. Atlética, o *team* que a mesma trouxe foi pelos críticos desportivos desta capital tachado de medíocre e de fato o resultado das pugnas travadas com os *clubs* locais isto confirmou. (...) Venham os baianos em setembro ao Recife, pois só assim poderão ter a confirmação das derrotas sofridas quando visitaram esta capital, ou então transformarem em realidade o ideal que sonharam.⁶⁴

O título de campeão do Norte, porém, não era o principal motivo das eventuais desavenças entre baianos e pernambucanos. O principal problema parecia ser a escolha de um distrito esportivo no Norte pela CBD. A princípio esta pensava em escolher Recife enquanto sede esportiva da região. Isto quer dizer que qualquer tipo de evento esportivo organizado pela Confederação, sobretudo as eliminatórias futebolísticas e olímpicas envolvendo o Norte do país, o local destes jogos seria na capital pernambucana. O jornal *A Tarde* achou esta ideia absurda o que bastou para que o diário recifense *A Província* tecesse comentários sobre a indignação dos baianos:

Tem até muita graça essa primazia que, em matéria desportiva, os baianos querem dar à sua gloriosa terra. Não é com o concurso de elementos como Varela e Perez, uruguaios, Barriere, suíço e outros *playeres* estrangeiros que a Bahia desportiva assume atitudes de superioridade sobre o nome desportivo pernambucano, isto é, sobre o nosso *foot-ball*.

Entre a Bahia e Pernambuco não foram ainda disputadas provas de tênis e de remo. E porque essa previsão de superioridade?

O *foot-ball* em Pernambuco, atualmente, vê-se agora progressista e livre do pernicioso mal do profissionalismo que, mais cedo ou mais tarde, atrofia todo meio desportivo.

Podíamos fazer ainda demoradas considerações sobre essa superioridade inventada pelos baianos. No entanto, fazemos, ligeiramente, resumidos comentários.

O querido Santa Cruz pernambucano foi a Bahia, onde jogou com quatro ou cinco *scratches*, sendo derrotado. A Associação Atlética da Bahia, em nosso estado, não enfrentou aqui *teams* profissionais e não logrou mais de uma vitória.

O que se deve fazer, para o fim das dúvidas é um encontro entre baianos e pernambucanos, no qual, os tais profissionais, não sejam nem espectadores.

Temos o direito de apresentar contrariedades a essa infantil pretensão de alguns baianos, mesmo porque, o desengano da vista é ver...⁶⁵

⁶⁴ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 97, 10 de fevereiro de 1923.

⁶⁵ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 112, 26 de maio de 1923.

Se, em 1921, nos jogos contra o América os jornais baianos se indignaram com as acusações de que alguns dos seus jogadores eram negros e selvagens, o jornal de Recife meche com os brios da Bahia quando insinua que o Santa Cruz só perdeu a maioria dos amistosos pois jogou contra times com jogadores profissionais. Como vimos, a questão do profissionalismo não era inexistente em Salvador. Entretanto, mais uma vez há uma necessidade dos baianos em ver no outro o que era considerado ruim ou antiesportivo. Quando nos amistosos contra o América, Popó foi o pivô da chamada selvageria dos negros da Bahia, a imprensa baiana rapidamente se mobilizou para defender o jogador. Embora o defendessem naquele momento, internamente alguns órgãos da imprensa o acusavam de profissionalismo, entre outros comportamentos condenáveis, considerados naturais por conta da sua condição racial.

Na relação com os pernambucanos encontramos uma situação parecida. Por mais que frequentemente os casos de profissionalismo surgissem nos diários baianos, era inaceitável um jornal de fora fazer tais insinuações. Não é surpreendente que a imprensa baiana tratou-se de defender o nome da Bahia, afirmando que era em Pernambuco que existia o profissionalismo. A *Semana Esportiva*, por exemplo, transcreveu um telegrama vindo de Recife no qual informava casos de profissionalismo naquela cidade:

Os meios esportivos pernambucanos estão agitados em consequência da atitude do *club* Torre, que protestou contra o jogo de domingo, no qual o Santa Cruz incluiu no seu *team* alguns jogadores profissionais.

O Santa Cruz contra protestou, fazendo idêntica acusação ao quadro do Torre, relativamente aos players Roxura, Aquino e Ipiaba, este, por exercer funções que lhe permitem o recebimento de gorjetas.

O caso está pendente de solução por parte da direção da Liga Pernambucana. Os jornais de Recife criticam severamente a atitude do Torre.⁶⁶

Além disso, em resposta a jornal *A Província*, a *Semana Esportiva* buscou defender o esporte baiano comparando o desempenho da Associação Atlética em Recife com o do Santa Cruz em Salvador:

Em principio de 1923, visitou-nos um selecionado pernambucano, que defendia as cores do Santa Cruz Sport Club.

Os nossos visitantes não lograram, uma vitória.

Esses jogadores, o orgulho dos pernambucanos, não disseram nada como reforço.

A representação da Liga Bahiana obteve um triunfo de... 6 a 0.

Felizmente a Associação Atlética da Bahia, apesar do bairrismo dos juizes, conseguiu uma brilhante figura.

Derrotou o antigo campeão, o Sport Club do Recife.

As derrotas do quadro baiano, não foram por *scores* elevados. Fez melhor figura, em paralelo com o selecionado que nos visitou.

⁶⁶ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 112, 26 de maio de 1923.

Mas se *A Província* está tão desejosa de sentir o peso do nosso valor desportivo, deve patrocinar a vinda de um selecionado pernambucano ao estádio da Graça. Organizem as melhores guarnições e venham à enseada dos Tainheiros. Mandem os melhores tenistas e iremos aos *courts* do Bahiano de Tênis e, então, diremos, aos quatros ventos que:
O desengano da vista é ver...⁶⁷

Estas desavenças apontam que o que estava em primeiro plano era a luta pela hegemonia esportiva do Norte. Embora baianos e pernambucanos discursassem em favor da unidade e entrelaçamento, eles não viam nenhum problema em brigar por uma liderança. Neste sentido, é possível compreender estes embates pelo prisma do regionalismo.⁶⁸ Há uma aceitação e defesa pela unidade da região entre Pernambuco e Bahia, ao mesmo tempo em que os estados buscavam proeminência um em relação ao outro. A disputa pelo distrito esportivo do Norte é claro exemplo deste processo.

Nos gramados do Sul: a Bahia e o Torneio de Seleções

O I Centenário da Independência oportunizou para o país refletir sobre sua identidade nacional e também repensar a sua inserção na modernidade.⁶⁹ Em comemoração à data, uma exposição internacional foi realizada com o objetivo de mostrar aos visitantes o progresso do país.⁷⁰ Na historiografia brasileira muito pouco se tem discutido sobre o I Centenário da Independência. Nesta produção predomina a análise sobre como os estados de São Paulo e Rio de Janeiro relacionaram-se com o festejo.⁷¹ Outra via bastante comum é uma discussão voltada para os aspectos simbólicos das comemorações, considerando o Centenário como um momento de fortalecimento da nação e dos seus mitos fundadores, ambos engendrados no processo da Independência.⁷²

Embora relevantes, estas perspectivas deixam escapar o engajamento dos estados distantes do centro político do país nos festejos do Centenário, ou mesmo as possíveis tensões

⁶⁷ Idem.

⁶⁸ Sobre o regionalismo nos inspiramos nas obras. LOVE, Joseph. *A República Brasileira: federalismo e regionalismo (1889-1937)*. In MOTA, Carlos Guilherme. *Viagem Incompleta: a experiência brasileira (1500-2000): a grande transação*. São Paulo, Editora SENAC São Paulo, 2000; OLIVEN, Ruben George. *O nacional e o regional na construção da identidade brasileira*. *Revista Brasileira de Ciência Sociais*, v. 1, n. 2, p. 68-74, out. 1986.

⁶⁹ TENORIO, Mauricio. *Um Cuauhtémoc carioca: comemorando o Centenário da Independência do Brasil e a raça cósmica*. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 7 n. 14, 1994.

⁷⁰ Sobre a exposição Internacional sugiro: SANT'ANA, Thais Rezende da Silva. *A exposição Internacional do Centenário da Independência: Modernidade e Política no Rio de Janeiro do início dos anos 1920*. Dissertação (Mestrado em História), Campinas: IFCH, Unicamp, 2008.

⁷¹ MOTTA, Marly Silva da. *A nação faz 100 anos: questão nacional no centenário da Independência*. Rio de Janeiro, Ed. da Fund. Getúlio Vargas-CPDOC, 1992.

entre as identidades regionais escamoteadas no momento de celebração da identidade nacional.

Diante de uma lacuna historiográfica, nossa preocupação agora é recuperar as comemorações do I Centenário pensando-a na tensão estabelecida entre a Bahia, que na sua participação do evento desejava adquirir uma centralidade no processo de consolidação de uma identidade nacional, e as tentativas da Confederação Brasileira de Desportos em restringir e prejudicar a participação do Norte no torneio revogando para si a elaboração de uma identidade nacional através do futebol. Se nos jogos interestaduais foi possível ensaiar a construção de uma ambivalente identidade baiana, o Torneio do Centenário serviria para que os baianos reivindicassem uma centralidade na construção de uma nacionalidade pelo jogo.

Este debate foi possível principalmente através das notícias veiculadas pela revista *Semana Esportiva*, sobre a presença do estado no Torneio do Centenário e como a Confederação Brasileira de Desportos o organizou. Tratou-se de um certame futebolístico realizado no Rio de Janeiro em agosto de 1922, em comemoração I Centenário da Independência do país. A competição envolveria partidas entre os estados que eram confederados à CBD. Após eliminatórias regionais, os seus respectivos vencedores se reuniram para a disputa dos jogos finais na capital. Além disso, passou a ser considerado, o torneio em um determinado momento, enquanto uma seletiva para formar uma seleção brasileira que disputaria o VI Campeonato Sul Americano, a ser disputado no Brasil. Um esforço de formar uma seleção efetivamente nacional, demonstrando desta forma uma preocupação em exaltar a nacionalidade.

Para alguns periódicos soteropolitanos, a participação da Bahia e a desistência de outros estados do Norte foram marcadas por tentativas da CBD em restringir ou prejudicar a participação do Norte na competição. Diante da postura da entidade máxima dos esportes brasileiros e a preocupação da Bahia em ter um espaço legítimo na ideia de nação que se fortalecia, foi possível perceber como no Torneio do Centenário e no I Centenário da Independência a tentativa de fortalecimento da identidade nacional através do futebol ainda era profundamente marcada por tensões regionais que historicamente constituíram a própria ideia de nação brasileira.

Nos meses que antecederam a competição, foram encontradas muitas referências nos periódicos de Salvador sobre a participação da Bahia no certame. Sobretudo em opiniões de

⁷² SANDES, Noé Freire. *A invenção da nação: entre a monarquia e a república*. Goiânia, UFG, 2000. Para uma análise aprofundada sobre os mitos fundadores da república sugiro: CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

cronistas, na forma de colunas e editoriais, a imprensa especializada constantemente tecia comentários sobre a importância da participação da Bahia no torneio.

Um ano antes, em 1921, os periódicos já se preocupavam como a LBDT organizaria uma seleção para a disputa do Torneio do Centenário. Um editorial da revista *Semana Esportiva*, por exemplo, queixava-se do fato da Liga ainda não ter organizado treinos, seleções e preparações. Segundo o editorial, o que deveria ser feito “para o renome da Bahia, se se pretende tomar parte nas festas do centenário, é, desde já, intensificar os treinamentos e submeter de quando em quando, os selecionados até a época de serem realizadas as aludidas festas.”⁷³ Sobre o descaso da LBDT, a revista finalizava com uma espécie de conclamação:

É tempo, senhores, de sairmos deste caos a que nos temos condenados.
 Não é possível, depois de sermos os primeiros em tudo neste grande país,
 retrogradarmos até a nulidade.
 E para chegarmos ao que fomos é preciso que nos unamos fraternalmente, que os
 baianos formem um só corpo, pulsando neste grande coração a grandeza da Bahia.
 E para chegarmos ao que já fomos é tão grande o contágio das suas contorções e
 delírios que nivela as multidões todos fundidos numa só alma. Unidos firmaremos
 num único pensamento elevar o nome da nossa querida Bahia com a presunção
 única de sermos os primeiros entre os primeiros e seremos.
 A postos!⁷⁴

A notícia do editorial ocorre em uma data em que faltava mais de um ano para a realização do Torneio o que revela a dimensão que o certame naquela altura adquiria para os jornalistas baianos. De certo modo, com o advento da República ocorreu um a perda de prestígio do estado, em decorrência dos rearranjos políticos onde novos grupos regionais ascenderam no plano nacional.⁷⁵ Neste sentido, através de uma operação de identidade onde se procurava proferir um discurso historicamente constituído na tradição, no pioneirismo dos baianos ou nas grandezas da terra, tal como nos embates cariocas e pernambucanos, há uma tentativa, sobretudo entre as elites baianas, de recuperação da centralidade da Bahia no país, de modo que a participação no Torneio do Centenário seria ideal para as pretensões daquele grupo social.

Devido aos contornos que o evento adquiria para a Bahia não só os jornalistas queixavam-se da relativa falta de iniciativa da LBDT em organizar treinamentos e seleções visando o Torneio do Centenário. Muitas vezes os jornais e, principalmente, a revista *Semana Esportiva* oferecia em suas páginas um espaço para cartas, sugestões e opiniões de leitores. Com alguma regularidade foi possível encontrar cartas que versavam sobre a participação da

⁷³ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 9, 8 de junho de 1921.

⁷⁴ Idem.

Bahia nas festas esportiva do centenário. Como de costume, uma opinião de um leitor que merece destaque, criticava desta vez a postura não só da entidade gestora do futebol baiano, mas, também dos clubes a ela filiados:

E a Bahia?

Onde nasceu esse colosso que se chama Brasil, sofrendo do mal que contamina este gigante, deixa-se estar nesta astenia, nesta morbidez atroz.

Se nos fosse pedido o diagnóstico apontávamos para a nata que, ao em vez de ser o elemento puro socialmente falando, é, no entanto, o resultado da fermentação os resíduos, a causa do atavismo da nossa evolução, pelos defeitos adquiridos da mania de supremacia, da diferença que quer ter dos da mesma família.

Falta unicamente dos que dirigem os esportes que, em vez de procurarem influir, animar, organizar, vivem unicamente a se preocuparem com questões sem importância, caprichos banais e nada mais.⁷⁶

Este tipo de crítica era recorrente uma, vez que, como já salientamos o futebol em Salvador vivia permeado por tensões entre os clubes e jogadores, de modo que a sugestão do leitor é que estes conflitos sejam postos de lado em prol de um bem maior. Finalmente, quando diz que o Brasil nasceu na Bahia, o leitor ratifica a ideia de pioneirismo dos baianos, talvez numa tentativa de persuadir os dirigentes esportivos sobre a necessidade eminente do estado participar do Torneio, confirmando a sua grandeza.

É possível inferir que tamanha insatisfação com a falta de organização da LBDT esteja ligada ao fato de que os outros estados já estavam se preparando para os festejos. No esporte, as comemorações envolveriam não só a disputa de um campeonato de futebol, mas também das Olimpíadas do Centenário, nas quais seria realizada uma série de atividades atléticas, náuticas, entre outras. Em dezembro de 1921, algumas competições atléticas seriam realizadas como ensaio para as Olimpíadas do Centenário. Para estas competições se inscreveram entidades esportivas do Rio de Janeiro, do exército, da marinha, São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo e Santos. Mais uma vez, a ausência da Bahia não passou despercebida pela imprensa local.

E a Bahia?

A nossa liga não recebeu da Confederação, prospectos e regulamentos das Olimpíadas?

Não ordenou que nos dias 14 de julho e 7 de setembro não fossem realizados *matches* de foot-ball afim de ser feita a eliminatória dos atletas baianos que desejam comparecer na Olimpíada?

E o que fez a Liga?

Nada. Não ligou importância a ordem da Confederação!⁷⁷

⁷⁵ Sobre este processo ver: LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento. *A Rainha Destronada: discursos das elites sobre as grandezas e os infortúnios da Bahia nas primeiras décadas republicanas*. São Paulo, 2005. Tese (Doutorado em História) - PUC-SP, 2005.

⁷⁶ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 50, 18 de março de 1922.

⁷⁷ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 37, 17 dezembro de 1921.

Ao contrário da opinião do leitor que atribuía a responsabilidade da desorganização ao descaso aos clubes, a crítica novamente recaía à entidade máxima do futebol baiano, uma vez que os clubes que “desejavam preparar os seus atletas para as Olimpíadas, viram-se forçados a desistir visto o pouco caso ou nenhum da Liga Bahiana, que criminosamente até a presente data nada fez nem fará. É o cúmulo! Pobre Bahia! Infeliz terra!”⁷⁸

Quando não eram os estados do Sul que se organizavam para as competições a serem realizadas no Rio de Janeiro, eram os estados do Norte, portanto, os regionalmente mais próximos da Bahia, que se preparavam com afinco para as festas do centenário. Nesta região do país, segundo a imprensa especializada, o Pará, Pernambuco, Bahia e Ceará, no que diz respeito ao esporte, eram os estados mais organizados, pois na década de 1920 contavam com praças esportivas, clubes e entidades, como Ligas de futebol e remo. Além disso, ao que parece, eram os únicos da região a serem confederados. De acordo com a imprensa esportiva local, destes quatro estados, a Bahia era a mais atrasada no quesito organização para as festas do centenário.

O que mais parecia irritar era o fato do Pará e Pernambuco e Ceará se encontrarem, no tocante ao desenvolvimento esportivo, em um nível similar à Bahia, ao contrário do Rio de Janeiro e São Paulo, que reconhecidamente já se encontravam bem avançados no desenvolvimento do esporte.

Enfim, ver os vizinhos preparando-se para o centenário parecia ser inaceitável para a Bahia com suas pretensões de serem os primeiros em tudo. Noticiando os preparativos do Pará, mais uma vez a revista *Semana Esportiva* não deixou de alfinetar a LBDT, ao afirmar que a “nossa entidade máxima, com sua luta de competições, de rivalidades estéreis, não dá o brado para o nosso despertar.”⁷⁹ Antes de finalizar a notícia com uma transcrição de um jornal maranhense que relatava o quanto os treinamentos dos paraenses para as Olimpíadas do Centenário estavam adiantados, ainda há tempo para a revista mais uma vez conclamar os baianos: “Mas será possível que fiquemos nessa filosofia vergonhosa de nossa falência física? Baianos: acompanhemos com ardor os nossos irmãos do Norte e vamos pelas Olimpíadas disputar com os sulistas a nossa superioridade nos jogos desportivos.”⁸⁰

Para além do desinteresse, ora da LBDT, ora dos clubes e ela filiados, em se preparar para as competições do centenário, as próprias fontes nos possibilitaram abrir outra linha interpretativa para a falta de planejamento e organização da Bahia esportiva para as festas: o

⁷⁸ Idem.

⁷⁹ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 54, 15 de abril de 1922.

⁸⁰ Idem.

descaso e desinteresse da própria CBD para com os estados do Norte. Uma entrevista encontrada na *Semana Esportiva* é bastante sintomática sobre como a CBD tratava os nortistas sobre os assuntos do centenário. Em nome de Amado Coutinho, jornalista do *Diário de Notícias* e membro da Associação de Cronistas Desportivos da Bahia, o cronista baiano D’Almeida Cavalcanti conseguiu uma entrevista com o *sportman* Professor Reymar, que no Rio de Janeiro travava um ferrenho debate com o diário carioca *O Esporte* sobre a presença do esporte e do Norte nas festas do centenário. Segue trechos da entrevista:

Reymar - É minha opinião que todo o Brasil esportivo comemore ao lado de todas as instituições o Centenário de nossa independência.

D’Almeida - Como: não é todo Brasil esportivo? Há exceções de estados?

Reymar - Sim: porque o Brasil não é só o Rio de Janeiro e São Paulo, os outros que me consta, vão concorrer a convite da CBD. O Brasil são vinte e um estados, um Distrito e um território, o do Acre.

D’Almeida – Perfeitamente, pensa muito acertadamente.

Reymar – Portanto, se assim é o Brasil, porque a Confederação Brasileira Desportos não leva aos seus alcances diretrizes de cultura física, reunindo nos jogos do Centenário o Brasil inteiro? ⁸¹

Continuando a entrevista, o *sportman* Reymar afirma que é de conhecimento de todos no Rio de Janeiro a existência na Bahia de um centro de cultura física dirigido por Jayme Ferreira. Diante disso, perguntado por D’Almeida porque não ocorreu uma adesão deste centro pela CBD para a disputa das Olimpíadas do Centenário, Reymar respondeu que “simplesmente a orientação da CBD não chegou ainda até aquele estado.”⁸² Diante da negligência da entidade máxima dos esportes brasileiros para com o esporte baiano, é possível inferir que muitas vezes a vontade dos dirigentes esportivos baianos esbarrava na “despropositada” inabilidade da CBD em pensar uma política esportiva efetivamente nacional. Reymar considera que se houvesse o convite da CBD não só à Bahia como ao Ceará “que, por sua vez possui bons clubes esportivos e um ótimo centro de Cultura física, tanto um como outro não se recusariam ao convite assim lhes fosse proporcionado os elementos e garantias necessárias.”⁸³ Ao final o professor e *sportman* defende que “o Brasil não é só o Rio de Janeiro e São Paulo, é também a Bahia, Ceará, Pernambuco, enfim são todos os territórios da Federação Brasileira.”⁸⁴

Caso a afirmação de Reymar de que não houve uma adesão de centro de cultura física baiano às Olimpíadas do Centenário seja procedente, talvez a crítica da *Semana Esportiva* em dezembro de 1921 não teria procedência, uma vez que as orientações para

⁸¹ Idem.

⁸² Idem.

⁸³ Idem.

⁸⁴ Idem.

enviarem atletas para os treinamentos das olimpíadas não teriam chegado. Enfim, entre o descaso da LBDT e a desorganização dos clubes e dirigentes baianos, existia a menosprezo da CBD para com o Norte que muitas vezes poderia esfriar os ânimos dos *sportmen* de Salvador.

Diante da relação da CBD para com o Norte, aquela altura já bastante explícita nos círculos esportivos, uma alternativa foi pensada para se comemorar o centenário: a criação de um programa esportivo, o Campeonato do Norte, exclusivamente organizado para os estados da região. A iniciativa caberia à Liga Pernambucana de Desportos Terrestres, na figura de um dos seus membros, Renato Silveira. Em entrevista concedida ao jornal *Diário da Bahia*, um *sportman* pernambucano, Cícero Mello, afirmou que a ideia do Campeonato do Norte surge por conta dos desacertos da CBD com as Ligas do Norte:

Parece-me coisa problemática, mesmo irrealizável, a ida dos elementos do Norte às provas Olímpicas do Centenário. Não é de hoje o pouco interesse que a Confederação manifesta pela nossa vida desportiva. Precisamos reagir contra esse descaso, mostrando a mentora dos desportos nacionais que o Norte tem atletas em condições de competir com os do Sul da República.⁸⁵

Perguntado sobre o teor do projeto, Cícero respondeu que “além das provas atléticas simples, haverá campeonatos parciais de *foot-ball*, *lawn-tenis*, *water-polo*, remo, natação, *ping-pong* e críquete.”⁸⁶ Por fim, salientou que “participarão desse campeonato todas as ligas confederadas desde o Amazonas à Bahia.”⁸⁷ A possibilidade de um torneio envolvendo somente os estados do Norte foi bem aceita pela imprensa soteropolitana. No entanto, não se pode dizer o mesmo em relação aos dirigentes baianos. Em 12 de agosto de 1922, uma notícia do *Jornal Pequeno* de Recife, transcrita pela *Semana Esportiva*, informava que “das Ligas dos estados do Norte, convidadas por meio de telegramas, a comissão central já recebeu adesões das do Pará, Maranhão e Rio Grande do Norte.”⁸⁸ Sobre os outros estados o jornal informava que as “Ligas Amazonense, Piauiense, Cearense e Alagoana, até a presente data não responderam os convites feitos pela nossa entidade máxima esportiva. A Liga Bahiana, em resposta ao convite feito pela LPDT, declarou não poder tomar parte nas referidas festas.”⁸⁹ A decisão da entidade baiana, embora conhecida por nós naquela data, revela um comportamento já esperado pela imprensa esportiva baiana. Alguns meses atrás, em 08 de abril de 1922, a *Semana Esportiva*, falando sobre a ideia do Campeonato do Norte, já

⁸⁵ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 47, 25 de fevereiro de 1922.

⁸⁶ Idem.

⁸⁷ Idem.

⁸⁸ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 71, 12 de agosto de 1922.

⁸⁹ Idem.

adiantava sobre qual seria a atitude dos dirigentes esportivos locais diante da iniciativa de Pernambuco:

A compreensão do esporte pela Liga Bahiana comparativamente com os núcleos de outros estados muito nos deixa a desejar. Todos trabalham pelo alevantamento de seu estado, procurando cada qual ter a supremacia no esporte.

Enquanto a Liga Bahiana estrangula o desenvolvimento esportivo, procurando a todo transe restringir, sem se incomodar com a sua representação nas festas do Centenário e tão pouco promover festas para o 2 de julho nem do ano corrente nem do vindouro, Pernambuco envida esforços, não só para festejar o Centenário, como sentido com o descaso da Confederação Brasileira, procura organizar o Campeonato do Norte.⁹⁰

O interesse da *Semana Esportiva* pela participação da Bahia no Campeonato do Norte vai ao encontro das intenções da Liga Pernambucana, uma vez que para a revista “é preciso que o Norte dê sinal de que vive, para isso é preciso que haja unidade, tino e força.”⁹¹ Neste sentido, a comemoração do Centenário passa necessariamente pela demonstração do progresso esportivo do Norte. Se para isso, diante do descaso da CBD, fosse necessária a criação de um Campeonato do Norte, este não seria um problema. Todavia, ao contrário da imprensa baiana, este pensamento parecia não estar tão claro na mente dos dirigentes. A própria despreocupação em fomentar um evento esportivo para a data máxima da Bahia, o 2 de julho, revela que nem sempre o desinteresse da CBD pelo Norte era o motivo do comodismo.

Podemos imaginar também que o fato dos baianos terem declinado o convite para participar do Campeonato do Norte seja mais uma questão do regionalismo. Talvez fosse inaceitável para dirigentes esportivos locais verem Pernambuco liderar o movimento esportivo do Norte em resposta ao bairrismo da CBD.

Além da não participação da Bahia no Campeonato do Norte, não sabemos ao certo se este torneio chegou a realmente existir. Pelo menos nos jornais e periódicos de Salvador não foram encontradas notícias ou evidências sobre a realização deste torneio. Na *Semana Esportiva*, uma notícia transcrita do *Jornal do Recife* informava que o projeto do Campeonato do Norte aprovado pela Liga Pernambucana “deverá ser submetido ao estudo da Confederação afim de que se pronuncie e dê a necessária autorização para que o desporto de Pernambuco fique com os poderes de organizar o programa.”⁹² É provável que o projeto tenha sido aprovado e as entidades esportivas do Norte não conseguiram organizar delegações para a disputa das competições. Entretanto, independente da sua existência, uma iniciativa desta

⁹⁰ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 53, 08 de abril de 1922.

⁹¹ Idem.

⁹² Idem.

proporção representava a possibilidade do Norte em contrapor a gradativa tentativa da CBD em assumir o controle do esporte nacional e não se preocupar com uma política esportiva que de fato contemplasse as demandas nacionais.

Embora não saibamos se o Campeonato do Norte existiu, é fato que nem Recife e nem o Pará participaram do Torneio do Centenário organizado pela CBD. A parte principal desta competição ocorreria no Rio de Janeiro. Antes disso seriam realizadas eliminatórias regionais entre as Ligas. A vaga do Norte seria decidida no dia 23 de julho de 1922. O vencedor de Recife e Pará enfrentaria a Bahia na decisão da vaga em Salvador. Segundo paraenses e pernambucanos, devido à negligência da CBD em planejar datas das eliminatórias que contemplassem os calendários dos dois estados, aqueles deixaram de participar das eliminatórias e assim coube à Bahia representar o Norte do país nas festas do Centenário.

Segundo o *Jornal Pequeno* de Recife, em notícia transcrita pela *Semana Esportiva*, o problema das datas é que os jogos eliminatórios na Bahia foram marcados com 15 dias de antecedência. Durante este tempo, Pernambuco e Pará deveriam jogar uma partida em Recife e o vencedor desse jogo ainda iria para a Salvador para a partida final contra os anfitriões na decisão da vaga do Norte. Logo, se vê o pouco tempo para a organização dos selecionados dos dois estados. Para o jornal:

A CBD o que praticava naquele momento nada mais era do que dar uma esperança aos nortistas de que ela se interessava pelos seus desportos.
 Marcava com 15 dias de antecedência, antes o primeiro encontro eliminatório para Pernambuco, devendo durante este lapso de tempo as nossas forças se prepararem para a referida prova e os paraenses organizarem seu quadro e embarcá-lo para Recife!!!
 Tudo isso vem provar a boa vontade da mão das Ligas nortistas!...⁹³

Diante do problema do calendário, houve a tentativa de adiar o primeiro encontro. Recife e Pará desejavam que a partida entre eles fosse realizada no dia 23 de julho, para então o vencedor desta jogasse com a Bahia em outra data. A questão é que no dia 23 todos os jogos eliminatórios seriam realizados. A Liga paraense “que se atrevera a fazer este pedido, incontinentemente, teve a desventura de receber o respeitável não com toda a solenidade.”⁹⁴ Aos pernambucanos também foi dito um não quanto ao adiamento dos jogos. Com isso restou às ligas abandonarem a competição. Quanto à Bahia, o *Jornal Pequeno* acreditou que “a boa terra tradicional, nada pôde fazer, pois isolada como está em absoluto não irá ao Rio bater-se

⁹³ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 68, 22 de julho de 1922.

⁹⁴ Idem.

com os sulistas, representando o Norte do país.”⁹⁵ Devido estas circunstâncias restou ao jornal de Recife a costumeira crítica a CBD:

E assim, mais uma vez ficou provado, que a Confederação Brasileira de Desportos não desmentindo a sua opulenta trajetória somente deseja do Norte nos níqueis anuais e que o resto os cultores dos desportos que vão plantar batatas. É que a CBD ainda continua com a mania de aproveitar as ocasiões oportunas para pilheriar com as Ligas desportivas do Norte.⁹⁶

Porém, ao contrário do que pensava o *Jornal Pequeno*, os baianos não deixariam de participar do torneio. Segundo a *Semana Esportiva*, enganado “andou o cronista pernambucano acreditando que a Bahia desportiva não tomasse parte no grande certame brasileiro. Não nos faltaria o brio necessário para transpor todos os obstáculos, todos os empecilhos postos no nosso caminho.”⁹⁷

Não é difícil imaginar porque a Bahia não deixou de participar do Torneio do Centenário. Aos baianos restava esperar o dia 23 para enfrentar Pernambuco ou Pará, jogando nos seus domínios. Para serem os representantes do Norte, o Pará, por exemplo, teria que, em 15 dias, ir ao Recife e caso vencesse os anfitriões, ainda se deslocaria para Salvador no duelo com os baianos. De fato, a situação da Bahia era mais cômoda e menos dispendiosa. Além disso, ao que parece, os baianos já estavam se preparando há mais tempo para o torneio. Inclusive, talvez o estado tenha desistido do futuro Campeonato do Norte em virtude de uma melhor preparação para o torneio do Centenário. Embora, assim como as delegações paraense e pernambucana, a LBDT tenha recebido ofício da CBD no dia 8 de julho, portanto com 15 dias de antecedência, desde 1921 já é possível encontrar na imprensa notícias sobre a necessidade do estado em se preparar para o Torneio do Centenário.

No intervalo entre o recebimento do ofício e a realização dos jogos, uma boa quantidade de notícias foi encontrada sobre como a Bahia deveria se organizar para o Torneio. Sobre quais jogadores deveriam compor a seleção, um editorial da *Semana Esportiva* acreditava que “não é mister que os clubes todos contribuíssem. Os que não estiverem à altura de fazê-lo, que se retraiam, embora se não recusem a prestar o concurso do seu apoio e estímulo dos seus aplausos à ideia que for vitoriosa.”⁹⁸ Finalmente a revista afirmava que “nada de política! Tudo de orientação e amor às tradições esportivas da Bahia! Tudo por evitar que as glórias dos nossos dias desapareçam no torvelinho das preterições (sic) ou

⁹⁵ Idem.

⁹⁶ Idem.

⁹⁷ Idem.

⁹⁸ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 66, 08 de julho de 1922.

preferências prejudiciais.”⁹⁹ Além disso, a Revista também palpitava sobre a possível escalação do time, além de oferecer espaço em suas páginas para leitores que desejassem sugerir a escalação ideal.

Com circunstâncias favoráveis à participação da Bahia no torneio e uma imprensa que, buscando resgatar as tradições heroicas baianas, constantemente insistia na presença do estado nos festejos do centenário, a LBDT enviou os seus jogadores ao Rio de Janeiro. Até uma festa de despedida foi organizada no Campo da Graça.

Embora a imprensa fosse favorável à ida de uma seleção ao Rio de Janeiro, nem ela nem e os próprios esportistas baianos acreditavam muito no sucesso do estado. Para a *Semana Esportiva*, os dirigentes esportivos “não confiarão no nosso triunfo sobre qualquer das equipes com que nos defrontaremos. Mas, a certeza lhe ficará de que não pouparão esforços para dizermos, no coração do Brasil, aos campões da bola, que aqui há organização.”¹⁰⁰ Para os baianos essa opinião encontrava respaldo nos adversários que o estado iria enfrentar: estado do Rio de Janeiro, Distrito Federal, Rio Grande do Sul e São Paulo. Acreditavam os baianos que os rivais, sobretudo os cariocas e paulistas, eram os mestres do futebol brasileiro. A própria *Semana Esportiva* duvidava da “nossa vitória, sabido que os nossos irmãos cariocas são senhores do esporte bretão.” Certamente a derrota era inevitável.

O que seguramente contribuiu para que os periódicos de Salvador anteviessem o fracasso da sua seleção foi uma manobra da CBD considerada muito suspeita. A princípio o primeiro jogo da Bahia estava marcado para o dia 3 de agosto. A seleção sairia de Salvador numa terça-feira, no dia 25 de julho, chegando à capital três dias depois, em uma sexta. A CBD então antecipou a partida para o dia 30, no domingo, o que inviabilizaria um descanso dos jogadores de uma viagem cansativa e que tinha causado enjoos em alguns deles. Além disso, a seleção baiana estaria desfalcada de dois jogadores, Popó e Santinho que só viajaram para o Rio de Janeiro na sexta feira e assim não chegariam a tempo para o primeiro jogo. Por conta disso, o *Diário de Notícias* disse:

Segundo os nosso telegramas, verifica-se uma probabilidade de termos que jogar, amanhã, a partida com os cariocas, precedendo, assim ao que deliberou a Confederação, marcando-a para o dia 3.

Uma vez resolvida a realização do nosso encontro amanhã, que esperanças poderíamos ter senão de uma formidável derrota, com a completa desorganização do nosso conjunto, que necessitará de significativa reforma, nas posições dos seus jogadores?

Estamos, entretanto, convencidos de que o chefe da nossa embaixada não concordará com semelhante desejo absurdo e prejudicial aos nossos interesses

⁹⁹ Idem.

¹⁰⁰ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 69, 29 de julho de 1922.

esportivos e muito menos a Liga que, neste caso, deverá preferir não concorrer a nenhum jogo a satisfazer a quem quer que seja, com o nosso absoluto prejuízo. Que abandonem o campo da luta, será mais honroso...¹⁰¹

Apesar desta situação, muitas surpresas ocorreram. A primeira partida dos baianos foi contra o Rio de Janeiro (Distrito Federal), que juntamente com São Paulo era o favorito ao título. O empate por dois gols acabou frustrando os cariocas que tinham como certa a vitória contra a Bahia. Para o *Diário de Notícias* “o jogo dos baianos assombrou o Rio, porque ninguém esperava que o Norte mandasse um conjunto tão harmonioso e treinado como esse.”¹⁰² Os periódicos de Salvador entenderam que o empate representou mais que uma vitória. Destinando várias páginas para o grande acontecimento, a *Semana Esportiva* estampava: “Salve gloriosos conterrâneos: o empate de domingo valeu para nós uma admirável vitória.”¹⁰³ Em seguida teceu uma análise sobre o significado daquele empate:

Mais do que a nós, baianos, infinitamente mais, o empate de domingo, no estádio do Flamengo, deve ter surpreendido aos cariocas.

Que ideia poderiam eles fazer de nós, então a de que éramos uns principiantes, apalpando agora o terreno que eles já pisavam firmes e conscientes?

(...) Mas os nossos guardavam em segredo, no escrinio da nossa abençoada modéstia de desprezados nortistas, as reservas do progresso e grandeza de que demos mostras às vistas, que se diriam duvidosas de que fosse verdade o que viam de 32.000 pessoas.

(...) Vivemos neste momento a grandeza desse feito e a lição inapreciável que ele representa para nós. Convençamo-nos de que na Bahia há valor, há heroísmo. A Bahia é desprezada porque nós nos encerramos aqui dentro, calados e obstinados a escurecer o que é nosso. Escapamos ao espírito ávido de aplaudir a grandeza do vizinho, a necessidade de levantar bem alto o nosso nome inconfundivelmente em todas as esferas.

A Bahia acompanha o progresso do Brasil e os seus filhos não a honram somente aqui. No coração do Brasil eles sabem dizer como agora disseram a que a nossa terra é grande entre as maiores.

Ave, irmão, que tão alto levantastes o nome da Bahia!¹⁰⁴

Esta notícia é sintomática sobre o sentimento dos baianos em relação ao empate com os cariocas. Mesmo preocupados em escurecer o que era deles, existia uma vontade insuperável de mostrar para o Brasil que a Bahia não estava adormecida ou vivendo de suas glórias do passado, embora estas sempre fossem ressaltadas. O estado acompanhava o progresso do país e, portanto, deveria ser reconhecida, como sempre foi: pujante e fundamental para o crescimento do Brasil. Em Salvador o resultado foi muito festejado. “Quando foi anunciado o *score* de 2x2 o povo delirou. Palmas e vivas estrepitosos ecoaram, vendo-se chapéus nos ares. Uns se abraçavam com os outros, numa demonstração de intensa

¹⁰¹ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 29 de julho de 1922.

¹⁰² Jornal *Diário de Notícias*, Salvador 31 de julho de 1922.

¹⁰³ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 70, 05 de agosto de 1922.

¹⁰⁴ Idem.

alegria.”¹⁰⁵ Outro texto revelador do sentimento pode ser encontrado no *Diário de Notícias*, quando diz que:

O momento é de infinito júbilo é de geral contentamento, e pensamos que não deve haver um baiano, um só filho desta terra privilegiada e estremecida, que, nesta hora, não se ufane do grande feito de seus patrícios, no Rio de Janeiro. O nosso *team* fatigado de uma viagem de três dias, quase sem descanso, em campo estranho e ainda desfalcado de um dos seus principais elementos de defesa, venceu, empatando com os bravos jogadores da Metrópole. Venceu, porque abriu o *score* da tarde. Venceu, porque jogou antes do dia marcado. Venceu, porque estava com todas as circunstâncias contra o seu jogo brilhante. Venceu, enfim, porque dominou os adversários com galhardia! Honra, portanto, a esta vitória! Ave, heróis baianos, que salvastes os nossos foros esportivos.¹⁰⁶

Por conta deste resultado, considerado surpreendente, gerou-se uma grande expectativa quanto aos outros jogos da seleção baiana. Houve uma grande mobilização em dois dos principais jornais da cidade no intuito de cobrir mais detalhadamente a participação da Bahia no torneio. Os jornais *Diário da Bahia* e *Diário de Notícias* chegaram a montar um placar luminoso que informaria o resultados dos próximos jogos dos baianos:

O *Diário de Notícias*, acorrendo à ânsia com que a população espera sempre os resultados dos jogos de nosso valente *scratch*, ora no Sul do país, manterá toda a tarde e noite até 20 horas, um enorme *placard* luminoso em São Pedro, em frente ao Ponto Central, que será o acontecimento do dia. Nesse *placard* serão fornecidas ao povo, de momento a momento, as notícias que nos forem chegando do desenrolar do jogo entre baianos e fluminenses, com as minúcias que o submarino nos puder trazer.¹⁰⁷

O *Diário de Notícias* foi ainda mais longe ao fazer publicar uma segunda edição do seu jornal à noite para antecipar as notícias sobre o segundo jogo dos baianos contra os fluminenses. Sobre o resultado da empreitada o jornal disse:

Raras vezes se tem registrado, nesta terra, um sucesso tão grande, tão pronunciado, tão eloquente, na vida de imprensa como o que coroou, ontem a nossa edição da noite. Rodando a nossa Koëning & Bauer às 21 horas precisas, era grande já o número de pessoas que estacionava em frente a esta redação. Em São Pedro, aliás, na Praça Castro Alves e Baixa dos Sapateiros, a multidão aguardava, ansiosa, a chegada dos *camelots*. Assim que o primeiro apareceu no ponto de secção, em São Pedro os Diários foram-lhe arrebatados em dois minutos, o mesmo se dando com os que iam surgindo. Fato semelhante passou-se na Baixinha. Antes de onze horas, estava esgotada a edição, que excedeu às nossas melhores previsões. Os nossos agradecimentos, pois, ao povo da Bahia.¹⁰⁸

¹⁰⁵ Idem.

¹⁰⁶ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 31 de julho de 1922.

¹⁰⁷ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 03 de agosto de 1922.

¹⁰⁸ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 04 de agosto de 1922.

Tanto o placar luminoso, quanto a publicação de uma segunda edição do jornal indicam como a população da cidade estava interessada na aventura baiana nos gramados do Sul. Também não deixa de ser um sintoma de que o discurso identitário sobre a Bahia construído pelas elites escapava a este próprio grupo social. Ao verem jogadores negros como Durval, Popó e Manteiga atuarem pela seleção baiana e conquistando bons resultados existia uma identificação da população que não necessariamente coadunava com os sentidos que as elites atribuíam ao futebol. As ações do *Diário de Notícias* também podem ser entendidas enquanto uma forma do jornal aumentar suas vendas, visto que a busca por informações sobre a campanha da Bahia no Rio de Janeiro era alta.



Figura 59: População aguardando o resultado do jogo contra os fluminenses no placar montado pelo *Diário de Notícias* no relógio de São Pedro. (Jornal *Diário de Notícias*, 1922).

Após o empate contra os cariocas, o selecionado enfrentou o América, em primeiro de agosto, em um jogo treino vencendo-o por 2 a 1 o que foi considerado uma pequena vingança diante dos fatos de 1921. Dias depois, em 13 de agosto, já pelo Torneio do Centenário, os baianos enfrentariam os fluminenses. Para um diário carioca que ficou admirado com a vitória da Bahia contra o América, considerado um dos times mais fortes do Rio, os “fluminenses, que têm que jogar com os baianos estão aterrorizados, tendo mandado vir de Campos seis novos jogadores, considerados os melhores do estado.”¹⁰⁹ Apesar de reforçar o time, o estado do Rio de Janeiro foi derrotado por 1 a 0. Mais uma vez, o sucesso

¹⁰⁹ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 02 de agosto de 1922.

da seleção baiana inspirou os jornais de Salvador a escreverem extensos editoriais comentando o significado daquela vitória.

Nem se diga, senhores, nem se articule, nem se discuta, nem se ouse afirmar que tal coisa pouco vale, porque o *foot-ball* é fútil e não deve ser levado a sério.

Nesta hora de progresso do mundo deve ser inacreditável que, numa terra que se diz civilizada, haja alguém que pretenda assim qualificar o admirável e necessaríssimo esporte bretão, praticado hoje em todo o orbe e pelo qual as multidões mantêm supremo interesse, reconhecendo-lhe a utilidade, na educação física do cidadão.

O *foot-ball*, longe de ser uma simples brincadeira, longe de ser um mero bate-bola, é uma escola de bravura, de destemor, de valentia, de audácia, e constitui, por assim dizer, aquilo a que um grande escritor brasileiro chamava de base física da coragem.

Sobre essa base é que se assentarão, amanhã, os talvez imortais defensores do nome do Brasil, quando este, nas suas horas amargas de provação, tiver de desafrontar os brios conculcados, num campo de guerra inevitável.

Heróis, portanto, não são os somente, os que derramam o sangue pela Pátria, nas lutas verazes, contra inimigos de ferro e fogo.

Não são somente os que sacrificam a vida, para feitos assombrosos.

São, modestamente, embora, os que, como os nossos jovens conterrâneos, saem de sua terra, sob a expectativa geral de um desastre para os nossos foros de esportistas, e, fazendo prodígios de força, num meio zombeteiro e achincalhante, conseguem eletrizá-lo com triunfos inauditos, cercando, pelo menos nisto, o nome da Bahia, de admiração e respeito.

Eis aí porque um pontapé de Popó ou de Durval tem, nesta hora, o valor de heroísmo.

Esses ponta-pés estão fazendo a legítima propaganda do progresso de nossa terra, pondo-a ante a embasbacada estupefação do Sul, muito acima do plano em que ela pairava, coberta de moteios.¹¹⁰

Este editorial apresenta de maneira evidente qual o sentido que a imprensa atribuía ao futebol. Enquanto uma atividade fundamental para o fortalecimento físico e moral da sociedade, os jornais consideravam imprescindível que a Bahia não ficasse fora deste processo. Neste sentido, as vitórias da seleção baiana são um demonstrativo incontestável de que o estado tinha condições de produzir homens fortes que poderiam ser úteis para o Brasil em um momento de necessidade. Enfim, a vitória contra os fluminenses servia para afirmar que na Bahia existia progresso que não deveria ser desperdiçado por conta de bairrismos que defendiam que a força do país estava exclusivamente no Sul. Enfim, no Torneio do Centenário, as elites baianas, mais do que buscarem fortalecer uma identidade assentada no heroísmo, na grandeza ou na tradição, também passaram a reivindicar uma participação mais ativa nos destinos da nação.

Pelo que consta, os esportes eram apenas mais um dos espaços encontrados pelas elites baianas para a retomada de uma centralidade do estado no cenário nacional. Existem estudos que demonstram como a Bahia em esferas como a literatura, ainda no século XIX,

¹¹⁰ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 04 de agosto de 1922.

buscava se inserir de maneira proeminente na ideia de nação que se formava.¹¹¹ Na política institucional também encontramos lutas por um espaço privilegiado. No mesmo ano do centenário, por exemplo, a Bahia era um dos pilares de um movimento político denominado de A Reação Republicana. Trava-se de uma articulação entre Bahia, Rio de Janeiro, Distrito Federal e Pernambuco que visava tomar o poder da coligação São Paulo e Minas Gerais, montando uma chapa com Nilo Peçanha e José Seabra.¹¹² Inclusive, após o empate da seleção baiana “a multidão em delírio percorreu as principais ruas, ovacionando os jogadores bahianos, tendo seguido até o palácio, para cumprimentar o governador Dr. J. J. Seabra”.¹¹³

A campanha da seleção baiana não só empolgou a imprensa e a população da cidade. Os dirigentes esportivos que estavam na cidade organizaram uma passeata em comemoração aos resultados no Torneio do Centenário. Idealizada pelo presidente da Liga Bahiana de Desportos Terrestres, Medeiros Netto, o cortejo que contava com torcedores de vários clubes e vários automóveis com senhorinhas e personalidades políticas saiu do Largo do Terreiro, passou pela Avenida Sete, encerrando o seu itinerário na sede do Botafogo que ficava no primeiro andar de um edifício nas Mercês. Na sacada do prédio alguns oradores se revezaram discursando sobre os feitos da Bahia na capital federal. Segundo o *Diário de Notícias*, o próprio Medeiros Netto disse algumas palavras que foram lembradas pelo jornal:

Pensando do mesmo modo pelo qual nos manifestamos, nas nossas edições de anteontem e ontem, que o foot-ball não é uma futilidade, como alguns entendem, o orador entrou de tecer considerações confirmadoras dessa assertiva, demonstrando o valor desse jogo como escola de educação moral, física e cívica, e, batendo-se pela necessidade dos governos protegerem-no, nas sociedades, como a nossa, em formação, uma vez que um bom *sportman* é sempre um excelente cidadão instruído, forte na sua compleição física, e capaz, de mais tarde, em campos mais vastos, onde move em holocausto, em defesa da Pátria, se bater pela sua bandeira, como nos dias da paz pugna valorosamente, em prol do pavilhão do seu *club* esportivo.¹¹⁴

Após os resultados contra os cariocas e fluminenses, a Bahia ainda venceu o Rio Grande do Sul pelo placar mínimo e, finalmente, enfrentou São Paulo, obtendo a única derrota na sua campanha pelo placar de 3x0. Diante da vitória contra os gaúchos, mais uma vez a imprensa não tardou em elogiar o selecionado baiano, exaltando as tradições heroicas baianas.

¹¹¹ ALVES, Lizir Arcanjo. *Os tensos laços da nação: conflitos político-literários no Segundo Reinado*. Salvador, 2000, 2 v. Tese (Doutorado em Letras) — Instituto de Letras, UFBA, 2000.

¹¹² Sobre a Reação Republicana: FERREIRA Marieta de Moraes, *A Reação Republicana e a Crise dos Anos 20*, In: *Estudos Históricos*, CPDOC/FGV-RJ, vol. 6, n. 11, 1993.

¹¹³ “Na Bahia, uma grande multidão felicitou o Sr. Presidente do Estado por motivo do empate bahianos x cariocas”. *O Imparcial*, 31 de julho de 1922, *apud* MALIA, João. “Jogos Olympicos do Rio de Janeiro” no Centenário de 1922: olhares sobre a política de um projeto de unificação e celebração da nação através do esporte. In: ANPUH. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*. São Paulo: USP, 2011.

¹¹⁴ *Jornal Diário de Notícias*, Salvador, 05 de agosto de 1922.

A *Semana Esportiva* declarou que “o entusiasmo transborda do íntimo para essa exclamação de triunfo: Viva a Bahia! Viva a Bahia, sim a terra heroica em todos os tempos! Viva a Bahia! Sim, a gloriosa de sempre!”¹¹⁵ Até mesmo a derrota contra os paulistas foi minimizada. Para os jornais de Salvador e de outras cidades, São Paulo contava como o melhor jogador do Brasil no momento, Artur Friedenreich que marcou o terceiro gol do jogo.¹¹⁶ A única surpresa do jogo foi placar. Os baianos esperavam uma derrota com mais de cinco gols de diferença.

São Paulo foi o campeão do certame vencendo todas as suas partidas. A Bahia e o Rio de Janeiro ficaram empatados em segundo lugar com o mesmo número de pontos. Terminada a missão vitoriosa no Sul, rapidamente a imprensa soteropolitana tratou de resumir o significado da campanha da sua seleção. Vale a pena ler trechos de um editorial da *Semana Esportiva* que dizia:

Aí vêm eles, os triunfadores! Já vêm eles, o que partiram sob as atmosferas de presságios, de maus presságios. Já vêm eles, os que, surpreendendo mesmo a nós que os conhecemos, souberam tirar da fonte inexaurível de reservas, que só possuem os heróis, os recursos assombrosos de energia e resistência que esta hora os sagram aos nossos olhos.

(...) Marcharam para a derrota, tanto os amedrontaram os pregoeiros da fama dos nossos irmãos do Sul e voltam laureados!

Não são uma legião de soldados que voltam de abater o inimigo, à sombra poderosa do pavilhão pátrio, esses que a Bahia estreitará dentro em pouco nos seus braços de mãe amantíssima.

Isso eles provaram que serão amanhã, no momento, que Deus afaste dos nossos horizontes, em que se lhes reclamarem os serviços de patriotas educados na escola sã da cultura física.

Eles voltam de um certame, onde se empenharam com irmãos, que falam a mesma língua e vivem sob o fulgor do mesmo céu.

Mas, há um ponto que obriga a por em relevo a significação das vitórias alcançadas. É injustamente a propalada supremacia do Sul sobre o Norte!

Nisso, no adiantamento da cultura física, no *foot-ball*, nós éramos tidos como afamados campeões de aldeia. Desmentiram-se os interessados nessa propaganda.

(...) Como os receberemos nós? O futuro não nos perdoaria pelas vozes das outras mocidades que se vão formando a nossa indiferença à passagem dos que nos souberam elevar e engrandecer!

Eles já vêm! Que todos convirjam para um só fim: o brilho da sagração!¹¹⁷

Assim como o *Diário de Notícias*, de modo inequívoco o editorial da *Semana Esportiva* defende que o bom desempenho dos baianos no esporte é um indicativo de que não só o Sul é capaz de conduzir o Brasil rumo ao progresso físico e social. Mesmo defendendo a unidade da pátria, os jornais da cidade queriam destacar a contribuição da Bahia. Enfim, as

¹¹⁵ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 71, 12 de agosto de 1922, p. 10.

¹¹⁶ Arthur Friedenreich foi um dos maiores jogadores do início do século XX. Sobre o jogador sugiro: JUNIOR, René Duarte Gonçalves. *Friedenreich e a reinvenção de São Paulo futebol e a vitória na fundação da metrópole*. Dissertação (Mestrado em História) FFLCH, USP, 2008.

¹¹⁷ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 71, 12 de agosto de 1922.

vitórias do estado traduzem a necessidade dos baianos em serem justamente reconhecidos e terem por meio do esporte um espaço legítimo nos destinos da nação, como, segundos os próprios, sempre tiveram em outros momentos da História do Brasil.¹¹⁸



Figura 60: Pôster da seleção baiana. (Jornal *Diário de Notícias*, 1922).

Como não poderia deixar de ser, a recepção aos jogadores foi bastante calorosa e muito bem planejada. Logo após o jogo contra os fluminenses, o *Diário de Notícias* já liderava a organização de uma comissão que seria responsável pela recepção aos jogadores. O diário pensava que:

¹¹⁸ Segundo Rinaldo Leite uma das formas das elites baianas avocarem uma importância do Estado para o país era proferir um discurso que buscava associar os principais acontecimentos da história do Brasil ao envolvimento da Bahia. Expressões do tipo “o Brasil nasceu na Bahia” ou a “Independência do Brasil se dera efetivamente na Bahia” com alguma frequência eram utilizadas neste processo. Para o autor existia entre as elites, “uma grande fixação em torno da importância que a Bahia tivera nos eventos mais marcantes da história brasileira. Importância de tal magnitude que, não bastando ser considerada relevante, parecia adquirir o status de crucialidade e imprescindibilidade.” LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento. *A Rainha Destronada: discursos das elites sobre as grandezas e os infortúnios da Bahia nas primeiras décadas republicanas*. São Paulo, 2005. Tese (Doutorado em História) - PUC-SP, 2005, p. 45.

(...) a Bahia que tanto há vibrado de entusiasmo até aqui, pelas vitórias magníficas de seus filhos, no Rio, não deve deixar passar despercebidas a volta desses bravos, do Sul da República.

Lembra, portanto, algumas homenagens a serem prestadas aos nossos valentes *foot-ballers*, uma das quais deve ser o oferecimento a cada um dos elementos componentes do nosso *scratch* em nome do povo baiano, de uma linda medalha de ouro, com brilhante, como lembrança das vitórias alcançadas contra os sulistas em nome deste estado.

Outra homenagem a ser prestada ao destemerosos patricios será a imponente recepção que se lhes deve fazer, organizando-se um cortejo-monstro que desfile pela Avenida Sete de Setembro.¹¹⁹

Para que a recepção fosse bem sucedida, o jornal iniciou uma campanha de doação para a compra de medalhas e flores e outros adereços ornamentares. Foram arrecadados 1:970\$000. Praticamente todos os dias desde a publicação da proposta de formação de uma comissão, o *Diário de Notícias* estampava nas suas páginas o andamento da campanha donativa. Diversos valores foram doados, tanto individual quanto coletivamente. Vale destacar que entre os 100\$000 doados por alguns doutores e personalidades públicas, existiam pequenas quantias como a de \$500 doados por um operário ou 5\$000 e 20\$00 respectivamente doados por operários marmoristas e empregados da empresa Fratelli Vita, o que indica a vontade destes sujeitos participarem nos festejos em homenagem aos jogadores.

Inclusive, o próprio *Diário de Notícias* estimulava a participação da população na recepção aos jogadores ao publicar em suas páginas avisos conclamando todos:

A Comissão Central, aclamada na grande assembleia esportiva de 11 do corrente, reunida na sede do Botafogo Sport Club, vem, por este meio, lançar um apelo ao povo baiano, sem distinção de classes no sentido de serem prestadas aos nossos dignos conterrâneos e valentes *foot-ballers* do *scratch*, que tão brilhantemente representaram a Bahia nos jogos de seleção, realizados no Sul do país, as merecidas homenagens a que eles fizeram jus, elevando a grandes alturas os créditos esportivos deste estado.¹²⁰

Em várias edições encontramos um aviso de grandes proporções, com o título “Ao Povo”, com os dizeres: “ide ao desembarque dos nossos valorosos players! Senhoras e senhorinhas ide ao *stadium*, franqueado a todos, aguardar a chegada do préstito esportivo.”¹²¹ Até um pedido para que o comércio fosse fechado foi feito pelo jornal numa tentativa de fazer da chegada dos jogadores uma apoteose. Em um dos apelos mais contundentes, recorre-se a ideia de uma identidade mais fortalecida caso o comércio encerrasse suas atividades para que os seus empregados acompanhassem a recepção aos jogadores:

Há em jogo, como bem diz a Comissão Central, no seu apelo ao comércio, além do lado de natural satisfação dos nossos *sportmen*, pelas vitórias de seus

¹¹⁹ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 04 de agosto de 1922.

¹²⁰ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 17 de agosto de 1922.

¹²¹ Idem.

companheiros, qualquer coisa do amor próprio de todos os baianos, que se ufanam de ter visto o nome e as cores de seu estado, valentemente defendidos e belamente triunfantes em contendas com as representações de vários outros Estados da Federação. Que é isto, senão a base lógica do civismo, do civismo que se desenvolve por intermédio do esporte e que se tornará acendrado em pugnas que implicarem na soberania da nossa terra ou da nossa Nação?

Nada mais natural, portanto, do que atender o comércio ao pedido da digna Comissão Central, que, diga-se a verdade, sintetiza e exprime, inquestionavelmente a vontade geral.¹²²

A ideia da comissão era a realização de um denominado cortejo-monstro, que sairia do cais do porto, passando pelas Ruas Conselheiro Dantas e Santa Barbara; Ladeira da Montanha; Praça Castro Alves; caminharia toda Avenida Sete até o largo da Vitória; seguiria pela Rua da Graça até a chegada no largo homônimo; e finalmente caminharia a Avenida Euclides da Cunha, quando chegaria ao Campo da Graça na esquina com a Rua Catarina Paraguaçu. No estádio os jogadores seriam recebidos e ouviriam o discurso de alguns oradores, além de receberam medalhas e outros mimos.



Figura 61: Outro pôster da seleção baiana envolta nos braços de uma provável Atenas. (Jornal *Diário de Notícias*, 1922).

¹²² Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 21 de agosto de 1922.

De fato, a chegada dos jogadores em 24 de agosto, um mês após deixarem Salvador, foi apoteótica. De acordo com o *Diário de Notícias*, “o cais já estava apinhado, podendo-se calcular a multidão em cerca de quatro mil pessoas. Descrever o que foi a acostagem da lancha ao cais é impossível, tal o delírio do povo, que arrebatou nos braços os seus queridos jogadores.”¹²³

Segundo alguns diários, foi possível contabilizar cerca de cento e cinquenta e nove carros que compuseram o cortejo. Durante o itinerário, o *Diário de Notícias* lembrou que “galgada a Montanha, continuou o entusiasmo no Largo do Teatro, tendo nas Mercês sido jogadas flores nos *scratchmen*.”¹²⁴ A surpresa do cortejo foi uma parada não programada realizada em frente à sede do Ypiranga, na Avenida Sete, nas Mercês. Neste momento, na sacada do edifício “a interessante menina Esther Helenita de Freitas pronunciou entusiástica alocução, dita com muita naturalidade que agradou geralmente.”¹²⁵ Eis alguns trechos do discurso:

Valorosos patrícios meus!

O meu peito juvenil ainda freme de entusiasmo aos feitos vossos, como igualmente, multidão daqui e d'além em incontidos ímpetos de verdadeira consagração comentaram a glória da vossa vitória.

Soubeste com acrisolada abnegação elevar bem alto o nome da Bahia esportiva no seio da Federação Brasileira onde os seus *sportmen* são verdadeiros campeões nacionais.

(...) Firmastes com segurança de convicção a grande parcela da Bahia, como potência máxima na formação do engrandecimento moral do nosso amado Brasil. Assim, se não sois verdadeiros heróis pela natureza dos feitos em apreço, sois com admiração de todos nós, abnegados e valorosos representantes genuínos da Bahia física.¹²⁶

Duas horas depois de ter desembarcado no cais, os jogadores chegaram, às 18 horas, no Campo da Graça. Lá foram recebidos por várias senhorinhas que já estavam aguardando no estádio, sendo responsáveis pela colocação das medalhas nos jogadores.

¹²³ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 25 de agosto de 1922.

¹²⁴ Idem.

¹²⁵ Idem.

¹²⁶ Idem.

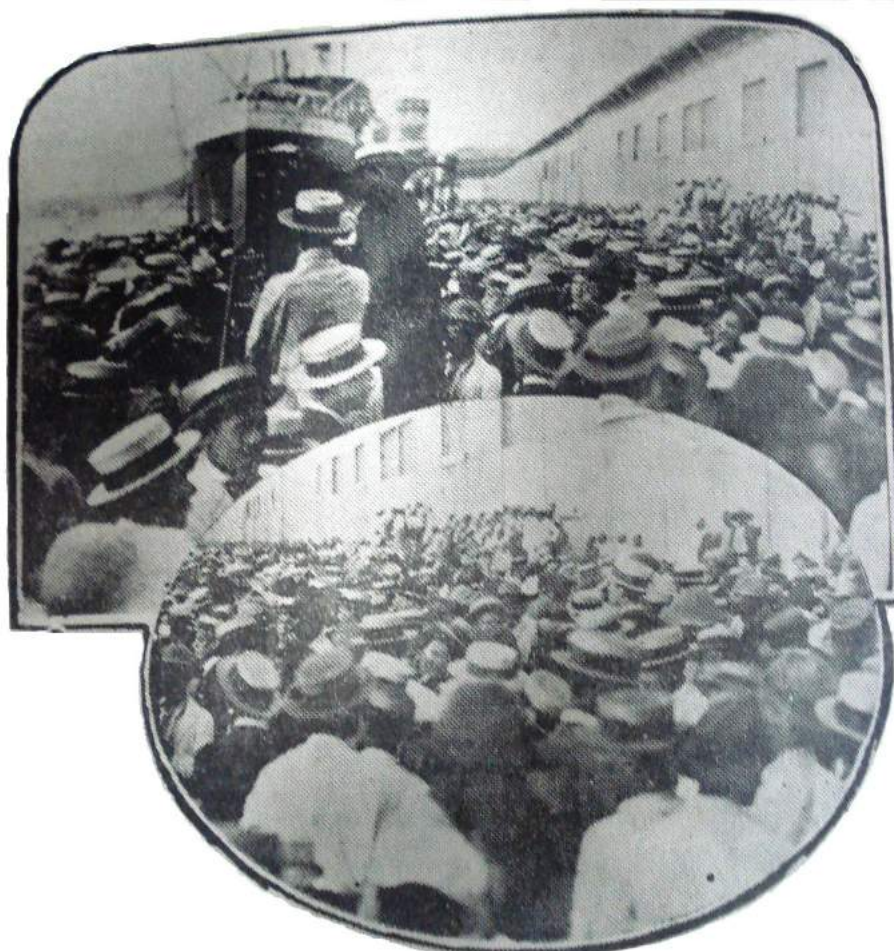


Figura 62: Aspecto da recepção à seleção baiana no porto da cidade. (Revista *Semana Esportiva*, 1922).

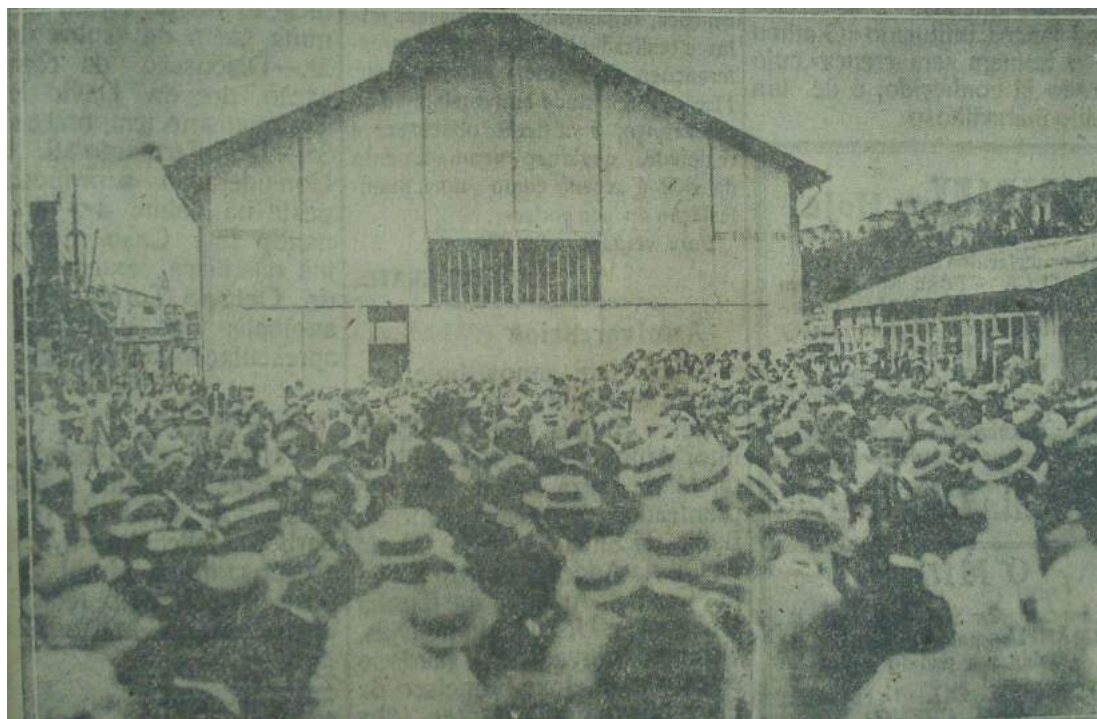


Figura 63: População aguardando o desembarque dos jogadores no cais. (Jornal *Diário de Notícias*, 1922).



Figura 64: Momento em que o Paquete Iris acostava no porto de Salvador trazendo a seleção baiana. (Revista *Renascença*, 1922).



Figura 65: Aspecto da saída do cortejo em direção ao Campo da Graça (Revista *Renascença*, 1922).

Apesar de toda a festa, não passou despercebida alguns constrangimentos e contratempos envolvendo um jogador em particular. Além da realização das homenagens coletivas, os clubes fizeram-na individualmente. Ao que parece, o único jogador não contemplado pela sua agremiação foi Popó. Não sabemos ao certo, mas possivelmente as relações do São Bento com o seu atleta já estavam estremecidas. Vimos que no início de 1922 Popó esteve próximo de se transferir para o Ypiranga, em uma suspeita de profissionalismo, o que provavelmente teria irritado os dirigentes do São Bento.¹²⁷

Mas o que definitivamente abalou o relacionamento do jogador com o clube foi uma partida contra o Botafogo pelo campeonato baiano, em 8 de setembro, duas semanas após a chegada da seleção. Se até aquele momento Popó ainda não tinha recebido homenagens do São Bento, após o jogo a situação ficou mais difícil. O Botafogo venceu o cotejo por 3 a 1. No entanto, quando a pugna estava empatada, Popó foi acusado pelo capitão do seu time, Nadinho, de ter entregado o jogo ao facilitar o segundo gol do Botafogo. Além disso, quando saía do estádio, seu companheiro de time, Piedade, o acusou de estar vendido. Procurado pela *Semana Esportiva* para explicações, Popó disse algumas palavras:

Repórter: E você, desrespeitou o Nadinho?

Popó: É conversa fiada do capitão do S. Bento. Na parte final do encontro Botafogo - São Bento a peleja estava empatada, quando Manteiga deu aquele passe que redundou no segundo ponto alvirrubro.

O Nadinho veio contra mim feito uma fera, acusando-me como culpado. Houve discussão, na qual pronunciei um nome feito.

Terminada a peleja, o Nadinho disse-me:

- Não o expulsei do campo, por ter pena de você.

Travou-se nova arrelia e, para não terminar em sururu, retirei-me.

Repórter: E o Piedade, porque se meteu na questão?

Popó: Ia saindo do estádio, quando ouvi estas palavras, ditas por Piedade:

... parece que estava comprado, eu não faço desses papéis!

Ali havia coisa, entrei no bloco e pedi explicações ao extrema esquerdo que, felizmente para ele, não teve a hombridade de sustentar o que disserta.¹²⁸

Por conta desta confusão, o “Preto de Ouro”, além de continuar sem receber homenagens do São Bento pelo seu desempenho no Sul, foi suspenso por 120 dias. Como não poderia mais jogar pelo resto do campeonato resolveu ir para Penedo, embora seu passe permanecesse vinculado ao clube.

A mesma *Semana Esportiva* que ofereceu as suas páginas para as palavras de Popó, o defendeu em um extenso editorial. Afinal, o jogador foi um dos principais responsáveis pelo sucesso da Bahia nos gramados do Sul:

¹²⁷ Ver o quarto capítulo

¹²⁸ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 78, 30 de setembro de 1922.

Quando pelo regresso dos *nostros players*, se anunciaram os prêmios que lhes caberiam por parte dos clubes a que pertencem, uma pergunta, deveras curiosa, ergueu-se em muitos espíritos. Como o São Bento distinguirá Popó? Decorreram os dias, os *scratchmen* foram contemplados e Popó... nada.

Seria que fosse ele o elemento único que destoasse do conjunto? Teria desmerecido ele das homenagens que os clubes deliberaram prestar aos seus representantes? Não, ninguém poderá cometer a injustiça de negar ao popular *ex-centar-half* do São Bento os elogios, o agradecimento que ele merece pelo muito que fez em defesa da nossa Terra. Nenhum outro dos seus companheiros se lhe terá avantajado no emprego de esforços, no desdobramento de energias para corresponder à expectativa que todos aqui mantinham a seu respeito.

Os jornais do Sul e daqui, por mais de uma vez, puseram em destaque o seu nome. E a Bahia, pelo gesto dos que a representaram, no dia da recepção soube incluí-lo, satisfeita, no primeiro plano dos homenageados. A multidão que formava o préstito vibrava a cada momento em ovações ao grande jogador baiano.

(...) Se trata-se de uma punição a um ato de venalidade, que provem-no, e saberemos ter palavras candentes para os corruptores. Isso, porém, de fonte limpa, afirmamos, não ocorreu.

Desrespeito ao seu capitão?

Talvez, fora de campo...

Mais grave que esse fato, se é que ele ocorreu, foi a ofensa por Piedade feita a Popó, num bonde, de volta do campo.

Nós a ouvimos e o São Bento deveria procurar colher informes sobre essa ocorrência.

Mas, agora, talvez seja tarde...

Quanto a ti, Popó, bem vêes que já agora não há de que te queixares. O teu prêmio aí os tens, nessa suspensão iníqua e injustificável dos teus direitos..!¹²⁹

Como não poderia ser diferente, a revista defende Popó ao lembrar da sua importância para a Bahia em momento decisivos. Apesar disso, o fato é que o jogador não foi homenageado pelo seu clube, foi tachado de vendido e impedido de atuar no seu próprio estado.¹³⁰ Pelos periódicos foi possível sentir uma mágoa de Popó em ter que ir para Penedo. No ano seguinte, em uma visita a Salvador, concedeu uma entrevista à *Semana Esportiva*. Quando lhe perguntaram quando voltaria, ele respondeu:

Estou aborrecido. Tenho lembrança da minha popularidade. Sou muito grato às atenções que me dispensaram alguns *sportmen* baianos. Nunca poderei esquecer o que eu era para os torcedores: um ídolo. Mas houve injustos para comigo. Fui perseguido pela inveja. Estou, por isso muito aborrecido, não pretendo mais jogar aqui, em campeonato. Em Penedo, sou alvo também de muitas simpatias. Os do meu *club*, principalmente o diretor de esportes, me distinguem bastante.¹³¹

Toda esta situação envolvendo o jogador é mais um indício inequívoco de que por mais que ele oferecesse provas do seu valor esportivo ou contribuísse para a elevação do nome da Bahia e tivesse uma popularidade significativa ao ponto de ser considerado um ídolo, a sua condição racial quase sempre colocava o seu caráter em xeque. Ou seja, na lógica racista

¹²⁹ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 77, 23 de setembro de 1922.

¹³⁰ Como naquele período vigorava a Lei do Estágio, Popó, mesmo se transferindo para outro clube, teria que esperar um ano para jogar.

¹³¹ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 99, 24 de fevereiro de 1923.

vigente, por ser negro Popó era sempre visto com desconfiança, de modo que os episódios em que esteve envolvido em alguma medida ofuscava outras ações consideradas fundamentais para o desenvolvimento do esporte de Salvador e da Bahia.

Jogadores brancos e de condições sociais mais favorecidas não raramente tinham comportamentos antiesportivos. Eram criticados, mas nunca sua condição racial era utilizada enquanto justificativa das suas atitudes. Até mesmo a imprensa quando defendia o jogador, matinha uma relação de distanciamento com ele. Quando suspeitas de antiesportividade recaiam sobre o jogador, os jornais e revistas preferiam ressaltar as qualidades de Popó do que desmentir certas acusações.

Em matéria de polêmicas e tensões, todavia, o caso de Popó dividiu as atenções com outra questão que foi a relação da imprensa local com a CBD e alguns jornais cariocas. Sobre a entidade que dirigia os esportes no país, a *Semana Esportiva* em um texto escrito antes do retorno dos baianos, ressaltava as qualidades da Bahia sem se esquecer dos descasos da CBD na organização do Torneio do Centenário:

Engalana-te, oh! Bahia, para receber em teus braços carinhosos os filhos estremecidos que tanto elevaram o teu nome, sabendo honrar as tuas tradições.

Com o coração a palpitar, a Bahia acompanhou os lances empolgantes deste *scratch* vencedor, com os olhos d'alma fitos em todos os movimentos desta embaixada que se glorificava.

Desprezando por completo a ação despeitada da Confederação, convertendo o campeonato em treinos quando ganhávamos, ora contando pontos, ora classificando de mero ensaio e prova de seleção, modificando datas, alterando o número de partidas, obrigando a jogarem com o quadro desfalcado e jogadores doentes, esta foi a primeira recepção à embaixada ao chegar ao Rio, e tudo isto para não levarmos a vitória que tão galhardamente obtivemos.

E agora que a embaixada regressa triunfadora, e a Bahia, que ainda sente os estremecimentos de suas emoções com os braços abertos recebe forasteiros, a seus filhos gloriosos engalanada, com toda efusão d'alma em delírio de contentamento, recebe-os vitoriosos – parodiando Roma, ao receber os seus generais – à nossa embaixada conquistadora e glórias a Bahia beija-lhes as frentes, cingindo-as de loiros. Estão glorificados.

E sejam bem vindos ao seio amorável da idolatrada Bahia.

Salve, campeões!¹³²

Além dessas críticas, a *Semana Esportiva*, em tom de denúncia, ainda lembrou que o descaso da CBD pela Bahia se revelou até no transporte oferecido aos seus jogadores para o retorno a Salvador. De acordo com a revista, “atiraram os nossos *players* para os camarotes ingratos de um dos piores pacotes do Lloyd, O Iris, que lá esteve entre o Rio e Vitória num

¹³² Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 71, 12 de agosto de 1922.

arrastar-se que as nossas carroças não invejariam.”¹³³ A revista encerra lembrando que “fique a lição, bem sincera e comprovadora do caso que se liga, na CBD, aos estados do Norte.”¹³⁴

Podemos considerar que as críticas da imprensa baiana a CBD estão dentro de um contexto de recrudescimento das tensões na relação entre a Bahia e o Rio de Janeiro. Isso fica muito explícito se investigarmos o comportamento da imprensa carioca em relação a campanha da Bahia no Sul. Não foram poucas as vezes que os jornais de Salvador publicaram notícias de como alguns diários do Rio de Janeiro subestimavam o desempenho dos baianos, minimizando suas vitórias. Quando a Bahia derrotou o Rio Grande do Sul, o *Diário de Notícias* publicou uma nota de título “A nossa vitória e o despeito dos jornais cariocas” que listava um resumo das matérias de alguns diários da capital comentando o feito dos baianos. Segundo o *Diário de Notícias*:

O *Jornal do Brazil*, torcedor ridículo dos cariocas, reconhece, todavia, que o *shoot* de Petiot, que conquistou o *goal*, foi prodigioso.
O *Jornal do Comércio* noticia a vitória baiana friamente, parecendo sofrer a humilhação dos jogadores locais, considerados iguais aos campeões do Norte.
Digam o que disserem, o povo é o verdadeiro e maior juiz que existe em *foot-ball* e consagrou os baianos. A colônia baiana festejou o triunfo.¹³⁵

Aliado a estes pequenos comentários, existiu um episódio mais significativo, que indica em que altura estava a relação entre a imprensa de Salvador e do Rio. Quando os jogadores baianos voltavam para Salvador, o Pacote Iris que os transportavam quebrou e por isso teve que atracar em Vitória para reparos. Aproveitando o ensejo, alguns jogadores que se encontravam naquela cidade convidaram a seleção baiana para a disputa de um amistoso. O resultado foi uma estrondosa goleada dos baianos de 8 a 0. Obviamente que o resultado para os diários de Salvador foi mais um atestado do heroísmo da Bahia. No entanto, para o jornal *O Paiz* do Rio de Janeiro, o jogo foi:

apenas um bate-bola, que serviu mais uma vez para a garganta baiana dar saída à sua incomensurável basofia, basofia de que se fizeram ecos os jornais da terra do vatapá, por ocasião dos encontros feridos aqui e em S. Paulo, sobre os quais os cronistas de São Salvador fantasiaram coisas retumbantes, piramidais.
Aqui no Rio, diz-se de um individuo potoqueiro e afeito a hespanholadas, que ele é vendedor do angu; ora, sendo a Bahia pátria por excelência do angu, com e sem caroço, não se deve estranhar a pretensão do chefe da embaixada daquele estado, quando quis impingir a sua mercadoria aos jornais, por via telegráfica.¹³⁶

Percebe-se que o colunista do *O Paiz* considera que não só o jogo contra os capixabas como também em toda a campanha dos baianos na capital do Brasil não houve nenhuma

¹³³ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, N° 73, 26 de agosto de 1922.

¹³⁴ Idem.

¹³⁵ *Jornal Diário de Notícias*, Salvador, 11 de agosto de 1922.

excepcionalidade. O que existia era sempre a pretensão de superioridade da Bahia. Mais uma vez, não passa despercebida o preconceito do colunista carioca ao se utilizar da expressão, terra do Vatapá e Pátria do Angu para caracterizar o estado.¹³⁷ Obviamente a ofensa do jornal carioca não ficou sem resposta:

Preferiríamos não comentar essa grossa estupidez, reveladora de não menos grossa inveja mal ferida, mas preciso é que ponhamos agora, os pontos nos i. Os baianos devem ser o que o suculento missivista supra-afirma (sic) porque não confundem com os capadócijs de lá. Instados a que jogassem em Vitória, para não parecerem o que alguns locais se afiguraram acenderam fidalgamente, ao convite, sem preocupações de triunfo ou de derrota. Jogaram e bateram os espírito-santenses pelo formidável *score* de 8x0. Isto era positivamente intolerável, principalmente pelos fatos anteriores que puseram os nossos acima de quantos cariocas, fluminenses e gaúchos mais pintados lhes apareceram pela frente. Toca, portanto, a insultar a Bahia. Agora somos vendedores de angu, cheios de basofia, pretensiosos, potoqueiros, o diabo a quatro. Que querem? Surramos vergonhosamente os gloriosos capixabas, surramos fluminenses e gaúchos, com vantagem surramos os *leaders* da pebolística metropolitana, impondo-lhe um empate, por favor, e, portanto, não valem nada... Será conveniente, entretanto, que a Liga Bahiana archive mais esta lição, sem caretas, para que, quando receber novo e delicado convite dos sabichões, a fim de tomar parte em Olimpíadas ou provas de seleção, posso mandá-los imediatamente plantar batatas... Será mais pratica e menos desagradável para todos nós...¹³⁸

Seja nas posturas da CBD ou nas desavenças entre imprensa soteropolitana e carioca, o que estava posto era que gradativamente a Bahia e o Norte passaram a reivindicar uma maior participação nos destinos do esporte nacional. De um lado, percebemos a emergência esportiva dos baianos buscando um espaço na construção de uma identidade nacional pelo futebol. e do outro, determinados grupos sociais do Rio de Janeiro, legitimados pela imprensa local, que tentavam conter este processo num claro esforço de manutenção de uma centralidade e protagonismo sulista.

Enfim, observando a presença do esporte baiano nas festas do centenário, aqui discutida desde os seus antecedentes até o certame propriamente dito, é possível entender que o Torneio do Centenário se apresentou como uma oportunidade para a Bahia repensar e reivindicar a sua inserção no processo de construção de uma identidade nacional, oportunizada pelo gradativo envolvimento do futebol na formação da identidade brasileira. Já na década de 1920, o futebol fomentava identidades mais amplas não necessária e

¹³⁶ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 31 de agosto de 1922.

¹³⁷ Gilberto Freyre identificou que nos jornais sulistas uma das formas de estigmatizar a Bahia associando-a a uma cultura negra e conseqüentemente “atrasada”, era representá-la caricaturalmente por uma baiana gorda, de turbante e fazedora de angu. FREYRE, Gilberto *op. cit.*, p. 162.

exclusivamente ligadas a uma classe ou a um grupo. O envolvimento dos esportes, sobretudo o futebol, nas festas do centenário é um indício de como a prática possibilitava para o país a reflexão sobre uma identidade nacional.

No andamento destes processos, a postura da imprensa baiana em exigir da Liga baiana a participação no torneio a qualquer custo, vibrar efusivamente com o sucesso e até considerar um empate com os cariocas como uma grande vitória revelam como a Bahia estava a par deste contexto buscando um espaço legítimo nele.

A tentativa de inserção da Bahia na construção de uma identidade nacional através do esporte encontrava um forte empecilho na política esportiva da CBD. Ao planejar o Torneio do Centenário de modo que prejudicasse a participação dos estados do Norte, a entidade máxima dos esportes brasileiros matinha uma política explicitamente bairrista, privilegiando os estados do Sul, especialmente Rio e São Paulo.

A política esportiva exclusivista voltada para o Sul também era sentida no que se refere à organização da seleção brasileira. Segundo a *Semana Esportiva*, em julho de 1922, a CBD ainda não havia organizado a seleção brasileira que disputaria o VI Campeonato Sul Americano. Diante da costumeira e despropositada desorganização da Confederação, a revista já previa que “na hora do aperto, os diretores da CBD irão ao grande celeiro da paulicéia buscar os componentes da nossa representação, para evitar um vergonhoso fracasso das nossas instituições de desportes.”¹³⁹ Com isso os outros estados ficavam impossibilitados de fornecerem jogadores para o selecionado brasileiro, o que era um direito deles. Afinal, para a *Semana Esportiva*, “o Paraná, o Pará, Pernambuco, o Rio Grande e a Bahia têm direito indiscutível de fazerem parte da delegação brasileira, porque o Brasil não significa São Paulo ou a capital da República!!...”¹⁴⁰ Neste episódio, a vontade, não só da Bahia como de outros estados, de participar e contribuir para o progresso do país fornecendo-lhe jogadores para o seu selecionado novamente esbarrava no bairrismo da CBD.

A política da CBD, muitas vezes legitimada pela imprensa carioca, foi sentida em outros momentos, principalmente em 1923. Naquele ano seria realizado novamente um torneio envolvendo seleções estaduais. O certame seria denominado de II Campeonato Brasileiro de Futebol. Para que fosse considerado enquanto uma segunda edição do torneio, contudo, pressupõe-se a existência de uma primeira edição. De fato, a princípio o nome do Torneio do Centenário realizado em 1922 era I Campeonato Brasileiro de Futebol. Todavia,

¹³⁸ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 31 de agosto de 1922.

¹³⁹ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 64, 24 de junho de 1922.

¹⁴⁰ Idem.

para o jornal *A Gazeta de São Paulo*, em notícia transcrita pelo *Diário de Notícias*, a CBD mudou o nome para Torneio do Centenário logo que os cariocas empataram com o selecionado baiano. Assim, atrás da mudança de nome havia uma tentativa de minimizar a importância do certame ao transformá-lo em uma simples seletiva para formar a seleção brasileira que disputaria o Sul Americano. O pior disso tudo é que embora a Bahia tenha figurado em segundo lugar na competição, nenhum dos seus jogadores foi convocado para o time brasileiro. Segundo o diário paulista:

Em 1922 a Confederação organizou o I Campeonato Brasileiro de Futebol. Nossos colegas da imprensa carioca, com abundância de detalhes – consultem os jornais da época - abordaram o grande cometimento. Houve discussões, houve entusiasmo em torno do anunciado certame. Acontece, porém, que contra as mais pessimistas expectativas dos Srs. da Guanabara, logo no seu primeiro jogo – foi com os baianos – os Srs. cariocas foram mal sucedidos. Empataram 2 a 2. No dia imediato, contra todas as mais estapafúrdias previsões, a entidade superior dos esportes pátrios, xipofoga Confederação, revogou as disposições contrário e o Campeonato Brasileiro passou a ser um modesto, um simples Torneio de Seleção, que – coisa que todos viram – nada selecionou. Os baianos, por exemplo, que se colocaram brilhantemente em segundo lugar, não forneceram ao menos um suplente de reserva para o selecionado Sul Americano.¹⁴¹

Além disso, o Campeonato de 1923 foi marcado por outras questões que não foram esquecidas pelos diários baianos. A primeira delas teve relação com as eliminatórias regionais. Na região Norte, a Bahia disputaria vaga com os paraenses em um jogo no Campo da Graça. Para irritação de alguns jornais, a CBD estipulou que os valores dos ingressos custariam entre 5\$000 e 7\$000, uma quantia suficientemente alta para afastar uma boa parte da assistência e encher os cofres da entidade. Se já não bastasse esta deliberação, a CBD novamente alterou datas de jogos e organizou o Torneio quando os certames paulista e baiano ainda estavam em andamento e o carioca já tinha se encerrado. Diante disso tudo, o *Diário de Notícias* defendia que “as Ligas esportivas da Bahia, São Paulo, Pará e outras deveriam lançar o seu protesto em regra contra a deslealdade e sabedoria da tal Confederação.”¹⁴² Para o jornal, na realidade o Campeonato servia como “melhor fonte de renda para meia dúzia de felizardos que vivem disto, com a exploração da rapaziada bem disposta e independente.”¹⁴³ Por fim, cogitou-se a possibilidade de que as Ligas de Norte fundassem uma Confederação exclusivamente para aquela região. Segundo o *Diário de Notícias*:

¹⁴¹ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 08 de outubro de 1923.

¹⁴² Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 03 de outubro de 1923.

¹⁴³ Idem.

Sabemos com fundamento que o Dr. Rogério de Faria, ilustre presidente da Liga Bahiana de Desportos Terrestres, recebeu um telegrama do presidente da Liga do Pará, Dr. Souza Filho, comunicando-lhe a disposição de abandonar a Confederação Brasileira, e, ao mesmo tempo, convidando-o para a fundação de uma Confederação do Norte do Brasil.

Estamos informados ainda de que à essa ideia aderirão outros estados do Norte.

E que não fique nisto, pois, o Norte está na altura de poder figurar no País com o melhor contingente de desportistas, podendo cada estado organizar sua Liga e filiar à Confederação Nortista.

Mãos à obra...¹⁴⁴

Embora não tenha se concretizado, a ameaça surtiu algum efeito quando, após o Campeonato Brasileiro, a CBD chegou a convocar um jogador baiano para a disputa do VII Campeonato Sul Americano disputado no Uruguai:

Não quisemos, até aqui, emitir opinião sobre a escolha do nosso grande half-back Alfredo Melo (Mica) para fazer parte da representação brasileira que disputará em Montevideú, o campeonato internacional de 1923.

Só cremos que tal fato é real porque todas as provas, especialmente o pedido de licença do escolhido ao seu digno genitor, já foram dadas da concedida.

Não é que consideremos Mica aquém de qualquer dos melhores jogadores brasileiros de defesa; o que nos põe ainda desconfiados é a sinceridade da escolha da tal Confederação, destacando um baiano na comitiva.

Resta saber se Mica vai como jogador efetivo, formando a linha média brasileira ou se a sua escolha em tal caso é um mero “cortejo” a Bahia, no momento em que se fala em Confederação do Norte.

Estes cariocas, ou cariocas emprestados, têm atitudes bem duvidosas.¹⁴⁵

No que tange à participação da Bahia no Campeonato Brasileiro de Futebol de 1923, o desempenho foi desastroso. Ao contrário do ano anterior quando o certame foi disputado por pontos corridos, aquela edição seria no sistema mata-mata. Embora tenha vencido os paraenses na eliminatória do Norte, os baianos foram derrotados pelos cariocas por 2 a 0, encerrando rapidamente a sua participação no torneio. Para as rodas esportivas de Salvador, o principal motivo do fraco desempenho da Bahia no certame foi a grave crise que se instaurou no futebol da cidade, em decorrência da composição do selecionado que viajaria ao Rio de Janeiro.

Naquele período o presidente da Liga Bahiana, era o Sr. Rogério Faria que também presidia o Botafogo. No momento de formação da seleção baiana, aquele homem optou apenas por jogadores do seu clube, com a exceção de Popó. Para justificar a ausência de outros elementos, jogadores do Bahiano e do Ypiranga especificamente, que deveriam figurar no selecionado, o presidente disse que aqueles jogadores desrespeitaram as recomendações da Liga ao participarem de um festival esportivo organizado pelo Yankee. Por conta disso, houve

¹⁴⁴ Idem.

¹⁴⁵ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 19 de outubro de 1923.

uma revolta geral de vários clubes da Liga liderada, pelos três envolvidos no festival, que resolveram abandonar o campeonato baiano até que a direção da Liga Bahiana se demitisse.

Para os dissidentes, Rogério Faria utilizou-se de um pretexto para montar uma seleção baiana que mais lhe interessasse. Assembleias extraordinárias foram convocadas, passeatas exigindo a demissão de Rogério Faria e seus correligionários foram feitas, mas a crise só foi definitivamente resolvida quando no ano seguinte uma nova direção da Liga foi eleita e os clubes dissidentes retornaram. Estes episódios apontam que embora os jornais e dirigentes esportivos defendessem a união da Bahia, interesses particulares por vezes surgiam contradizendo certos ideais.

Enfim, diante do comportamento da CBD podemos indagar o quanto nacional a Confederação pretendia ser no que tange a sua política esportiva. No final, os Campeonatos Brasileiros serviram como um pano de fundo da tensão estabelecida entre a Bahia e os estados do Norte e a CBD. De um lado, os estados em busca de uma legitimidade na construção de uma identidade nacional a partir de esporte e de outro a política bairrista da Confederação. Ao que parece, no momento em que o Brasil festejava e refletia sobre sua condição de nação, o esporte surgia como uma possibilidade de congraçamento. O problema é que as tensões regionais insistiam em permanecer e se ressignificar na formação da identidade brasileira.

CONSIDERAÇÕES POSSÍVEIS DE UM JOGO INACABADO

Como diz um colega de profissão e amigo, Wilson Mattos, o trabalho do historiador é sempre incompleto. Neste sentido, não encaro esta sessão enquanto um espaço de conclusão ou coisa parecida. Além disso, depois de tantas páginas escritas creio que neste espaço não tenho muito que falar, acredito que os capítulos dizem por si mesmos. Todavia aproveito este momento para fazer alguns apontamentos.

A primeira delas diz respeito à relação das elites com o futebol.

Geralmente quando se estuda um fenômeno no âmbito deste grupo social, quase que irresistivelmente somos levados a pensá-lo dentro de uma homogeneidade. Nos estudos sobre o futebol não raramente me deparo com perspectivas que na maioria das vezes defende uma ideia de que as elites, de modo indistinto, pensavam o futebol enquanto um elemento da modernidade ou civilidade. Em parte não deixam de ter razão. Mas assumir deliberadamente esta premissa é negar que as elites, no espaço e no tempo, quase sempre foram marcadas por uma heterogeneidade quanto a sua composição ou expectativas em relação aos fenômenos históricos.

Se foi possível perceber uma heterogeneidade quanto à composição social da elite, tratando-a, desta forma, no plural, múltiplas também foram as formas como elas se relacionaram com o futebol. Enquanto alguns jovens abastados viam no jogo um divertimento, determinados jornalistas, médicos e educadores acreditavam no esporte enquanto uma possibilidade concreta de materializar discursos civilizatórios, higiênicos ou eugênicos. Além disso, ainda existia aquela elite que passou a enxergar no futebol um poderoso elemento de enriquecimento ou prestígio social. Vale ressaltar que por vezes, encontramos estes sentidos misturados em um mesmo indivíduo ou setor da elite.

Em suma, o que queremos dizer é que entender as elites no plural é pensar que este grupo era composto não só por uma miríade de sujeitos, mas também de expectativas em relação ao futebol. Logo, a circularidade e ambivalência de sentidos no esporte se revelava não só entre os grupos sociais, mas, sobretudo, dentro deles.

Embora as elites fossem marcadas pela diversidade de forma explicada acima, era bem claro para elas a possibilidade de construir no futebol um espaço de distinção social e racial. Em uma conjuntura pós-abolicionista, em que os negros alcançavam ao menos uma condição de igualdade jurídica, coube às elites brancas forjarem e fomentarem novas formas

de assimetrias raciais. Buscando hierarquizar, cultural e socialmente, negros e brancos, estabelecendo parâmetros que determinavam a superioridade, até biológica da cultura branca europeia,¹ em detrimento dos costumes e valores negros, as elites acreditavam encontrar no britânico *foot-ball*, com seus rituais glamorosos, estatutos e ligas excludentes, uma forma de manter e criar algumas distinções. A dupla função dos estatutos, de excluir negros e populares dos clubes e ao mesmo tempo, conferir a determinados sócios uma distinção pela categoria de benemérito, era uma das qualidades mais vantajosas do futebol. No final, o jogo de bola para os abastados parecia ter um poder de unir advogados, médicos, estudantes, intelectuais e outras frações das camadas abastadas e paralelamente distanciá-las culturalmente das camadas populares.²

Um segundo aspecto que desejo ressaltar é como a trajetória do futebol em Salvador não pode ser pensada descontextualizada da dinâmica sociocultural da cidade.

Vimos que entre a fundação do Vitória, em 1899, e o fim da LBST, em 1912, encontramos elementos que nos permitiu afirmar a incipiente formação de um campo esportivo em Salvador pelo futebol, pois neste recorte encontramos o surgimento dos clubes, um calendário esportivo, uma imprensa que começava a se especializar e de um pequeno mercado que se estruturava ao seu redor, enfim elementos que de certa forma caracterizariam a constituição de um campo.³ Contudo, após 1912 este campo adquiriu novas configurações, revelando uma descontinuidade. Se pensarmos na possibilidade do seu desaparecimento, em decorrência do fim torneio da LBST, estamos concordando com a assertiva de que quem estruturava e mantinha este campo eram somente as elites. E há quem concorde com isso, pois veremos que com o abandono daquelas nos campeonatos de futebol por quase toda da década 1910, a imprensa não noticiava com tanta frequência as partidas e campeonatos populares, chegando até criticar a existência destes.⁴

Nestes termos, um campo esportivo só voltaria a ser reativado/estruturado com o Campo da Graça nos anos 1920, o retorno das elites ao futebol e a modernização dos clubes.

¹ Sobre a construção de um pensamento que estabelecia superioridades entre as raças conferir: SCHWARCZ, Lilia Moritz. *op. cit.*

² Para esta reflexão nos amparamos em: BOURDIEU, Pierre. *A Distinção: Crítica Social do Julgamento*. Porto Alegre: Zuk, São Paulo: Edusp, 2008.

³ Sobre a ideia de Campo esportivo conferir: BOURDIEU, Pierre. "Como é possível ser esportivo?". In: BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

⁴ Para pensar a ideia de Campo Esportivo é comum recorrer a Pierre Bourdieu. O problema é que como a sua noção baseou-se na experiência ocidental europeia, quando não se consegue enxergar um campo esportivo em suas pesquisas semelhante aquele do sociólogo francês a tendência é alegar a sua inexistência.

A imprensa costumava denominar o período pós Campo da Graça de o renascimento do futebol baiano.

Por outro lado, a própria existência de clubes e ligas populares pós 1912 atesta a continuidade de um campo esportivo, embora sob novas configurações. Acreditamos, empiricamente falando, ser mais importante compreender que o campo esportivo, através do futebol, em Salvador, mesmo com a desistência de boa parte das elites, durante sete anos (1913 – 1919) nunca deixou de existir, e a sua permanência sob novas formas corrobora para pensá-lo como flexível e não ligado a exclusivamente a experiências setorizadas.⁵ Dito de outro modo, vimos que, em Salvador, para existir, o campo esportivo oportunizado pelo futebol não dependeu só das elites, como a imprensa da época defendia.

Com uma cidade, economicamente instável, que não oferecia equipamentos e praças de lazer modernas para os clubes e atletas, parcialmente ineficaz no que se refere à exclusão das camadas populares nos usos das ruas e uma rápida popularização que favoreceu principalmente a entrada de negros no futebol, as elites se viram forçadas a abandonar o mesmo em espaços públicos em 1912. Isso foi um dos possíveis fatores que contribuíram para o vertiginoso crescimento social dos clubes abastados na década de 1910. O curioso foi que justamente no período de maior efervescência das reformas urbanas de Salvador, na gestão como governador do estado de J. J. Seabra, entre 1912 e 1916, que o futebol das elites desapareceu do cenário esportivo da cidade. Encarceradas em suas sedes, lugares onde ainda tinham o direito de escolher cuidadosamente os seus sócios, as agremiações esportivas, como o Bahiano de Tênis e a Associação Atlética, se desenvolveram socialmente, ao ponto de terem suas estruturas comparadas com os principais clubes do Rio de Janeiro, o referencial de modernidade esportiva naquele momento.

Com o desenvolvimento das estruturas clubísticas em pleno auge, as elites retornariam ao futebol em espaços públicos somente com a iniciativa delas mesmas em construir uma praça moderna para o futebol. Vimos que a construção do Campo da Graça foi uma obra encabeçada pelos clubes Bahiano de Tênis e Vitória. Porém, a volta das elites no cenário futebolístico público ocorreu em situações diferentes daquelas de 1904, quando elas institucionalizaram o futebol na cidade. Se naquele momento o esporte era consideravelmente

⁵ Vale a pena conferir as discussões de Victor Melo sobre as noções de esporte e campo esportivo do ponto de vista heurístico que leva em consideração as particularidades locais para definição do próprio conceito. MELO, Victor. Apontamentos para uma história comparada do esporte: um modelo heurístico. In: *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*. São Paulo: v. 24. n, p. 107 – 120, 2010; MELO, Victor. *Esporte e lazer: conceitos*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

desconhecido para a maioria da população, em 1920 o envolvimento de populares e negros no futebol já estava em níveis avançados, uma vez que, desde o surto de clubes em 1906, gradativamente encontraram espaço e condições para se desenvolver.

Outro apontamento que desejo ressaltar é sobre a questão da formação das identidades e a sua relação com o futebol. Hoje é senso comum afirmar que o jogo de bola é um elemento constituinte da identidade dos brasileiros. Porém, acredito que o que carece de mais reflexão é como se dá o processo de construção desta ideia. Chegando ao final deste empreendimento historiográfico, considero que, de fato, foi possível pensar a constituição de identidades mais amplas no futebol. Porém, aquela se deu por uma participação ativa dos sujeitos e não necessariamente de forma manipuladora. Muitos estudiosos ainda defendem a ideia de que o futebol, enquanto elemento de uma identidade nacional, se deu por uma operação de intelectuais ou do Estado que em determinados momentos da história selecionou alguns elementos para inventar uma nação.⁶ Seguindo o rastro de outros historiadores que já se debruçaram sobre o tema, acho que esta pesquisa me permitiu de modo mais enfático reforçar a ideia de que no futebol, as identidades sociais, culturais foram construídas pelos sujeitos.⁷ Como defendem alguns estudiosos, muitas vezes o Estado só pôde operacionalizar uma ideia de identidade ao taticamente incorporar práticas e tradições dos sujeitos em curso.⁸

Se já podemos defender que o futebol é um elemento construtor de identidades mais amplas, estas não necessariamente são homogêneas. Com frequência, os estudiosos, os meios de comunicação e a sociedade em geral acreditam que de fato o futebol faz parte da identidade dos brasileiros seja por invenção do Estado ou por envolvimento ativo dos sujeitos. Todavia, esquecem a heterogeneidade daquela.

Nesta pesquisa pudemos constatar como brancos, negros, ricos, pobres, intelectuais, trabalhadores subalternizados, entre tantos outros, se envolviam no futebol e às suas maneiras estabeleciam um vínculo identitário com ele.

Enfim, se o futebol faz parte da identidade brasileira, no nosso caso, baiana, é porque ele permitiu que os sujeitos ao seu próprio modo construíssem nele uma identidade mais ampla, mas nem por isso monolítica.

⁶ Geralmente estas perspectivas se apoiam demasiada e acriticamente em: HOBBSAWN, Eric & RANGER, Terence (org.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.

⁷ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania...*, p. 103 – 108, *passim*.

⁸ GOMES, Ângela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

Uma última consideração é o problema das identidades e a sua relação com a questão racial. Imagino que é possível considerar que a operacionalização das elites no que tange a uma identidade baiana no futebol e a questão racial é um embrião ao menos da ideia do paraíso racial.⁹ Se pensarmos bem, quando nos anos 1920 a imprensa defendia o valor dos negros para o futebol baiano, demarcando um lugar de subalternidade para estes sujeitos, enxergamos, ao menos, uma antecipação do pensamento de Gilberto Freyre. O próprio autor, anos depois, na década de 1930, levaria em conta o futebol para chegar as suas ideias das contribuições das raças para a formação da identidade nacional.¹⁰

Por exemplo, embora alguns setores das elites soteropolitanas condenassem o estilo de Popó por ser incompatível com uma forma de jogar “civilizada”, a sua fama, de algum modo, era proveniente daquele estilo. Inclusive, os jornais, quando não se queixavam do seu comportamento antiesportivo, considerado natural da sua condição racial, elogiavam o seu jogo. Ou seja, há uma valorização do jogador e uma demarcação do seu lugar. Acho que a própria ideia da democracia racial é ver o lado “positivo” da mistura racial brasileira, mantendo as desigualdades e assimetrias raciais.

Através deste exercício de pesquisa histórica, imagino que a década de 1920, em Salvador, ao menos no futebol, pode ser entendida enquanto uma transição do racismo científico para um racismo mais próximo do mito da democracia racial. É claro que ainda era presente algumas das concepções racistas do século XIX, enfim. Todavia, as fontes consultadas que tratam da questão da raça e identidade, diante da emergência dos negros no esporte, começaram a atribuir algum valor àqueles sujeitos, mesmo colocando-os em um lugar inferior na construção de uma identidade.

Finalmente, me arrisco a dizer que após a abolição as teorias raciais, entre outras ações, mantiveram as hierarquias. Acho que justamente na década de 1920 houve um desgaste

⁹ Sobre a ideia de paraíso racial que desencadearia em democracia racial: GUIMARÃES, Anotônio Sérgio Afredo. *Democracia Racial: o ideal, o pacto e o mito*. In: _____. *Classes, raças e democracia*. São Paulo: Editora 34, 2002.

¹⁰ Segundo Freyre, a maneira artística de jogar, os dribles geniais e a dança gingada confirmariam a brasilidade, sendo resultados da mistura das raças, tão positiva na constituição da identidade nacional. Em uma das suas mais conhecidas formulações sobre o esporte diz que: “O nosso estilo de jogar futebol me parece contrastar com o dos europeus por um conjunto de qualidades de surpresa, de manha, de astúcia, de ligeireza e ao mesmo tempo de brilho e de espontaneidade individual em que se exprime o mesmo mulatismo e que Nilo Peçanha foi até hoje a melhor afirmação na arte política. Os nossos passes, os nossos pitus, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, ou alguma coisa de dança e caopeiragem que marcam o estilo brasileiro de jogar futebol, que arredonda e às vezes adoça o jogo inventado pelos ingleses e por eles e por outros europeus jogado tão angulosamente, tudo isso parece exprimir de modo interessantíssimo para os psicólogos e os sociólogos o mulatismo *flamboyant* e, ao mesmo tempo, malandro que está hoje em tudo que é afirmação verdadeira do Brasil.” FREYRE, Gilberto. *Sociologia*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1957, p. 431 – 432.

dos mecanismos de manutenção das hierarquias através da ideologia do racismo científico. Se pensarmos bem, o futebol, ao menos do ponto de vista discursivo, era um símbolo de progresso e modernidade. Por outro lado, contraditoriamente, ao menos em Salvador, era Popó e outros jogadores negros os que tinham maior fama.

Enfim, se o futebol apontava um desgaste de determinados mecanismos de manutenção de desigualdades, em parte baseadas em teorias do século XIX, acredito que a ideia de paraíso ou democracia racial seria mais uma forma de atualizar as hierarquias, não abandonando totalmente o racismo científico, afinal, era uma transição.

Muito embora a operacionalização de uma ideia de democracia racial tenha sido construída por Gilberto Freyre - apesar do mesmo nunca ter se utilizado deste termo -, temos que atentar que ela, em certa medida, respondeu a anseios das elites soteropolitanas, na medida em que estas, a partir da imprensa, se esforçavam para equacionar o impasse do sucesso dos negros no futebol baiano. Hoje pode parecer lugar comum associar bom futebol aos homens de cor, com todos os preconceitos que possam estar embutidos. Todavia, isso não era uma associação muito possível no princípio da década de 1920, quando futebol revestia-se de um discurso eugênico.

Por outro lado, se na década de 1930, seja por Freyre ou pela utilização do Estado, se afirmava as contribuições das raças na constituição da sociedade brasileira, acredito que isso não foi discurso forjado, apenas foi uma conveniente incorporação das demandas dos negros que em diversos espaços e esferas da sociedade já haviam construído práticas e tradições que visavam o exercício de uma cidadania. Enfim, anterior à Freyre e ao discurso do Estado, a de convir que os próprios negros paulatinamente iam se afirmando na constituição da sociedade e identidade nacional e o futebol, ao menos em Salvador, foi um espaço legítimo deste processo. Basta lembrarmos, da Liga Henrique Dias e o seu interesse em se envolver com o jogo de bola.

Deste modo podemos afirmar que se o futebol possibilitou, em parte, fundamentar o mito da democracia racial ele também foi útil para a afirmação dos negros em tempos de racismo científico. O mais impressionante é que a própria ideia de democracia racial de algum modo esteve a serviço das elites para responder à emergência dos negros, estrategicamente reconhecendo alguma importância e, ao mesmo tempo, mantendo-os em lugar social de subalternidade.

FONTES

1. JORNAIS

A Bahia. Salvador, 1905. (Biblioteca Pública do Estado da Bahia).

Correio do Brasil. Salvador 1903. (Biblioteca Pública do Estado da Bahia).

Diário da Bahia. Salvador, 1905 a 1924. (Biblioteca Pública do Estado da Bahia).

Diário de Notícias. Salvador, 1901 a 1924. (Biblioteca Pública do Estado da Bahia).

Gazeta do Povo, 1901 a 1912. (Biblioteca Pública do Estado da Bahia).

Jornal de Notícias. Salvador, 1906. (Biblioteca Pública do Estado da Bahia).

Jornal A Tarde. Salvador, 1912 – 1924 (Instituto Geográfico e Histórico da Bahia).

2. REVISTAS

Revista *A Renascença*. Salvador, 1917 – 1924 (Centro de Documentação e Informação Cultural sobre a Bahia).

Revista *Artes & Artistas*. Salvador, 1920 – 1924 (Centro de Documentação e Informação Cultural sobre a Bahia).

Revista *Semana Esportiva*. Salvador, 1921 – 1924 (Biblioteca da Superintendência dos esportes da Bahia, acervo Aroldo Maia).

3. ESTATUTOS E RELATÓRIOS

Estatuto do Yankee Foot-ball Club. Salvador, 1914. (Biblioteca da Superintendência dos esportes da Bahia, acervo Aroldo Maia).

Estatuto do Sport Club Bahia. Salvador, 1911. (Biblioteca da Superintendência dos esportes da Bahia, acervo Aroldo Maia).

Estatuto da Associação Atlética da Bahia. Salvador, 1937. (Biblioteca da Superintendência dos esportes da Bahia, acervo Aroldo Maia).

Estatuto Liga Sportiva da Bahia. Salvador, 1915. (Biblioteca da Superintendência dos esportes da Bahia, acervo Aroldo Maia).

Estatutos da Associação Bahiana de Cronistas Desportivos. Salvador, 1921. (Biblioteca da Superintendência dos esportes da Bahia, acervo Aroldo Maia).

Estatuto do Clube de Regatas Itapagipe. Salvador, 1928. (Biblioteca da Superintendência dos esportes da Bahia, acervo Aroldo Maia).

Estatuto da Liga Bahiana de Desportos Terrestres. Salvador, 1924. (Biblioteca da Superintendência dos esportes da Bahia, acervo Aroldo Maia).

Estatuto da Liga Bahiana de Desportos Terrestres. Salvador, 1928. (Biblioteca da Superintendência dos esportes da Bahia, acervo Aroldo Maia).

Estatuto do Sport Club Ypiranga. Salvador, 1921. (Biblioteca da Superintendência dos esportes da Bahia, acervo Aroldo Maia).

Relatório de Atividades do Teatro do Yankee. Salvador, 1917. (Biblioteca da Superintendência dos esportes da Bahia, acervo Aroldo Maia).

Relatório da Diretoria da Associação Atlética da Bahia, Exercício de 1920 – 1921, Salvador, 1921. (Biblioteca da Superintendência dos esportes da Bahia, acervo Aroldo Maia).

Relatório de Atividades do Sport Club Ypiranga. Gestão 1920 – 21. Salvador, 1921. (Biblioteca da Superintendência dos esportes da Bahia, acervo Aroldo Maia).

4. MANUSCRITOS

MAIA, Aroldo. *Originais do Almanaque esportivo da Bahia*, [s.d], [s.p.]. (Biblioteca da Superintendência dos esportes da Bahia, acervo Aroldo Maia).

MAIA, Aroldo. *Historia do Club Internacional de Cricket*. [s.d.] [s.p.]. (Biblioteca da Superintendência dos esportes da Bahia, acervo Aroldo Maia).

MAIA, Aroldo. *História do Club de Natação e Regatas São Salvador*. [s.d.] [s.p.]. (Biblioteca da Superintendência dos esportes da Bahia, acervo Aroldo Maia).

MAIA, Aroldo. *História Clube de Natação e Regatas Itapagipe*, [s.d.] [s.p.]. (Biblioteca da Superintendência dos esportes da Bahia, acervo Aroldo Maia).

MAIA, Aroldo. *História do Sport Club Ypiranga*. [s.d.] [s.p.]. (Biblioteca da Superintendência dos esportes da Bahia, acervo Aroldo Maia).

MAIA, Aroldo. *História do Fluminense Foot-ball Club*. [s.d.] [s.p.] (Biblioteca da Superintendência dos esportes da Bahia, acervo Aroldo Maia).

MAIA, Aroldo. *O preconceito de raças*, [s.d. s.p.]. (Biblioteca da Superintendência dos esportes da Bahia, acervo Aroldo Maia).

BIBLIOGRAFIA

AGUIAR, M. P. de. Notas sobre o “enigma baiano”. *Revista Planejamento*, Salvador, v. 5, n. 4, p. 123-136, out/dez. 1977.

ALBUQUERQUE, Wlamyra Ribeiro de. *O jogo da dissimulação*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. *Algazarra nas ruas: comemorações da Independência na Bahia. (1889 – 1923)* Campinas, Editora da Unicamp/Centro de Pesquisa em História Social da Cultura, 1999.

ALFREDO, João Carlos. *Futebol futebóleres: uma representação do esporte na literatura brasileira nas décadas de 1910 e 1920*. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, 1996.

ALVES, Lizir Arcanjo. *Os tensos laços da nação: conflitos político-literários no Segundo Reinado*. Salvador, 2000, 2 v. Tese (Doutorado em Letras) — Instituto de Letras, UFBA, 2000.

AMADO, Jorge. *Capitães da Areia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANDRADE, Homero Gomes de. *Futebol e Identidades Culturais: Fluminense de Feira de Santana Futebol Clube e outros contextos*. Dissertação (Mestrado em Desenho, Cultura e Interatividade Cultural), UEFS, 2008.

ANTUNES, Fátima Martin R. Ferreira. “O futebol nas fábricas”. In: *Revista USP*, São Paulo, n. 22, jun./ago. 1994.

_____. *Futebol de fábrica em São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) FFLCH, USP, 1992.

ARAÚJO, Dilton Oliveira de. *Republicanismo e classe média em Salvador, 1870-1989*. Salvador, 1992. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) — FFCH, UFBA, 1992.

ARAÚJO, José Renato de Campos. *Imigração e futebol: o caso Palestra Itália*. São Paulo: Sumaré, 2000.

ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. *A vocação do prazer: a cidade e a família no Rio de Janeiro republicano*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

AZEVEDO, Ricardo. *Eu sou um nome na história: a história do Esporte Clube Vitória. Tradição – 1899 – 1939. Da fundação ao fim do amadorismo*. Salvador: ALPHA CO, 2008.

AZEVEDO, Thales de. *As elites de cor numa cidade brasileira: um estudo de ascensão social & classes sociais e grupos de prestígio*. Salvador, EGBA/EDUFBA, 1996.

_____. *As Regras do Namoro à Antiga: aproximações sócio-culturais*. São Paulo: Ática, 1986.

BACELAR, Jeferson. *A hierarquia das raças: negros e brancos em Salvador*. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

_____. *Gingas e nós: O jogo do lazer na Bahia*. Fundação casa de Jorge. Salvador, 1991.

BAKHTIN, Mikhail. *Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: O contexto de François Rabelais*. 3ª ed. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1993.

BARREIROS, Márcia da Silva. *Educação, Cultura e Lazer das Mulheres de Elite em Salvador, 1890-1930*, Salvador, 1997. Dissertação (Mestrado em História) — FFCH, UFBA, 1997.

BARRETO, Maria Renilda Nery e ARAS, Lina Maria Brandão de. Salvador, cidade do mundo: da Alemanha para a Bahia. In: *História, ciências, saúde-manguinhos*. Rio de Janeiro, vol. 10, n. 1, 2003.

BENCHIMOL, Jaime. *Pereira Passos: um Haussmann tropical: a renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX*. Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1992.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo, Companhia das Letras, 1986.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.

BONADIO, Maria Claudia. *Moda: costurando mulher e espaço público – estudo sobre a sociabilidade feminina na cidade de São Paulo, 1913 – 1929*. Dissertação (Mestrado em História) – IFCH, Unicamp, 2000.

BORGES, Dain. *The Family in Bahia, Brazil, 1870-1945*. Stanford: Stanford University Press, 1992.

BOTELHO, André Ricardo Maciel. *Da geral a tribuna, da redação ao espetáculo. A imprensa esportiva e a popularização do futebol no Rio de Janeiro (1894 – 1919)* Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, 2005.

BOURDIEU, Pierre. *A Distinção: Crítica Social do Julgamento*. Porto Alegre: Zuk, São Paulo: Edusp, 2008.

_____. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.

_____. "Como é possível ser esportivo?". In: BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BRAGA, Júlio Santana. *Na gamela do feitiço: repressão e resistência nos candomblés da Bahia*. Salvador, EDUFBA, 1996.

BRÊTAS, Angela. Os rapazes esportivos e as boas maneiras: o *foot-ball* em 1944 na visão de Otto Prazeres e de Hélio Silva. In: *Esporte e Sociedade*, Rio de Janeiro, n. 3, 2006.

BURKE, Peter. *Cultura popular na idade moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CALDAS, Waldenyr. Aspectos Sociopolíticos do Futebol Brasileiro. In: *Revista USP Dossiê Futebol*, n. 22, 1994.

_____. *O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro*. São Paulo, Ibrasa, 1990.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco. *A luta contra a apatia: estudo sobre a instituição do movimento negro anti-racista na cidade de São Paulo (1915-1931)*. Dissertação de mestrado, História, PUC/SP, 1993.

CARVALHO, Cláudio Amorim. *Terra, grama, paralelepípedos: os primeiros tempos do futebol em São Luís (1906 – 1930)*. São Luís: Café e Lápis Editora, 2009.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

CAULFIELD, Sueann. Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918 – 1940). Campinas: Editora da Unicamp, 1999. p. 138 – 145.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: I. artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CHARITER, Roger. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo: Unesp, 2004.

_____. O Mundo Como representação. In: *Estudos Avançados*, 11 (5), São Paulo, 1991.

_____. *A história cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

Clube Bahiano de Tênis – Memória – 1916 – 1994. Salvador, 1994.

CORRÊA, Mariza. *As ilusões da liberdade: a escola Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil*. Bragança Paulista, EDUSF, 1998.

COSTA, Iraneidson Santos. *A Bahia já deu régua e compasso: o saber médico e legal e a questão racial na Bahia, 1890 – 1940*. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal da Bahia, 1997.

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro, Graal, 1983.

CRUZ, Heloísa de Faria. *São Paulo em tinta e papel: periodismo e vida urbana, 1890-1915*. São Paulo, Educ / Fapesp, 2000.

CUNHA, Maria Clementina Pereira da. *Ecos da folia: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

DAMATTA, Roberto. (org) *O universo do futebol*. Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982.

DANTAS, Manuel Pinto da Souza. *Relatório apresentado à Assembleia Legislativa Provincial da Bahia* Bahia: Tipografia de Tourino e Companhia, 1866.

DECCA, Edgard.S. de. E.P. Thompson: tempo e lazer nas sociedades modernas. In: BRUHNS, Heloísa.T. (Org.). *Lazer e ciências sociais: diálogos pertinentes*. São Paulo: Chronos, 2002.

DEL PRIORE, Mary. “Jogos de cavalheiros”: as atividades físicas antes da chegada do esporte. In: _____ & MELO, Victor Andrade. (org.) *História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais*. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

DEVIDE, Fabiano Pries. A natação como elemento da cultura física feminina no início do século XX: construindo corpos saudáveis, belos e graciosos. In: *Movimento*. Porto Alegre, 10 (2), 2004.

DUMÊT. E. B. *Luis Tarquínio, o semeador de ideias*. SP: Editora Gente, 1999.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador* vols. 1 e 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

_____ & DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

FERNANDES, Ana & GOMES, Marco Aurélio de A. Filgueiras. "Idealizações Urbanas e a Construção da Salvador Moderna". In FERNANDES, Ana e GOMES, Marco Aurélio de A. Filgueiras. *Cidade & História*. Salvador, UFBA/Fac. de Arquitetura, Mestrado em Arquitetura e Urbanismo; ANPUR, 1992.

FERNANDES, Bob. *Bora, Bahêee!: a história do Bahia contada por quem a viveu*. São Paulo: DBA Artes Gráficas, 2003.

FERREIRA FILHO, Alberto Heráclito. “Desafricanizar as Ruas: Elites Letradas, Mulheres Pobres e Cultura Popular em Salvador, 1890-1937”. *Afro- Ásia*, nº - 21, pp. 239-256, 1998 - 1999.

_____. *Salvador das Mulheres: condição feminina e cotidiano popular na belle époque imperfeita*. Salvador, 1994. Dissertação (Mestrado em História) — FFCH, UFBA, 1994.

FERREIRA Marieta de Moraes, A Reação Republicana e a Crise dos Anos 20, In: *Estudos Históricos*, CPDOC/FGV-RJ, vol. 6, n. 11, 1993.

FONSECA, Raimundo Nonato da Silva. “Fazendo fita”: *cinematógrafo, cotidiano e imaginário em Salvador, 1897-1930*. Salvador: EDUFBA, 2002.

FRAGA FILHO, Walter. *Mendigos, moleques e vadios na Bahia do Século XIX*. São Paulo: HUCITEC; Salvador: EDUFBA, 1996.

FRANCO JÚNIOR, Hilário, *A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade*. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.

FRANZINI, Fábio. Esporte cidade e modernidade: São Paulo. In: MELO, Victor Andrade de. (org.) *Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

_____. *As raízes do país do futebol: estudo sobre a relação entre futebol e a nacionalidade brasileira 1919-1950*. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

FREYRE, Gilberto. *Ordem e progresso*. São Paulo: Global Editora, 2004.

_____. *Sociologia*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1957.

FRY, Peter et alli. Negros e brancos no Carnaval da República Velha. In REIS, João J. (org.). *Escravidão e invenção da liberdade: estudos sobre o negro no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

GAMA, Mario. Como os “sports” se iniciaram e progrediram na Bahia. In: *Diário oficial do Estado da Bahia, Edição Especial do Centenário*. Salvador: s.e, 1923.

GAY, Peter. *O século de Schnitzler: a formação da cultura da classe média, 1815 – 1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. *A Educação dos sentidos - a experiência burguesa da rainha Vitória a Freud*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GOELLNER, Silvana Vilodre. “As mulheres fortes são aquelas que fazem uma raça forte”: esporte, eugenia e nacionalismo no Brasil no início do século XX. In: *Recorde: Revista de História do Esporte*. Vol. 1, nº1, junho de 2008.

_____. Mulher e esporte no Brasil: fragmento de uma história generificada. In: SIMÕES, Antônio Carlos; KNIJNIK, Jorge. *O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento gênero e desempenho*. São Paulo: Aleph, 2004.

GOMES, Ângela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

GOMES, Tiago de Melo. *Um espelho no palco. Identidades Culturais e Massificação da Cultura no Teatro de Revista dos anos 1920*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

GORDON JUNIOR, C.C. “Eu já fui preto e sei o que é isso”: história social dos negros no futebol brasileiro - segundo tempo. In: *Pesquisa de Campo/Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol*, n.3/4, 1996.

GORDON JÚNIOR, César. História social dos negros no futebol brasileiro. *Pesquisa de Campo/Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol*, n.2, 1995.

GUIMARÃES, Anotônio Sérgio Afredo. Democracia Racial: o ideal, o pacto e o mito. In: _____ . *Classes, raças e democracia*. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo; Editora 34, 2002.

_____. *Racismo e antirracismo no Brasil*. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo; Editora 34, 1999.

HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

_____. Notas sobre a desconstrução do “popular”. In: *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

_____. Que negro é esse na cultura negra? In: *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2003

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HARDMAN, Francisco Foot, *Trem fantasma: a modernidade na selva*. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.

HERSCHMANN, Micael & LERNER, Kátia. *Lance de sorte: o futebol e o jogo do bicho na belle époque carioca*. Rio de Janeiro, Diadorim Ed., 1993.

_____. & PEREIRA, Carlos A. M.. "O imaginário moderno no Brasil". In _____ . *A invenção do Brasil moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20-30*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

HOBBSAWM, Eric. *Mundos do trabalho*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. & RANGER, Terence (org.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOLT, Richard (org.). *Sport in the working class in modern Britain*. Manchester: Manchester University Press, 1990.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. Várzeas, Operários e Futebol: Uma outra Geografia. In: *GEOgraphia*, América do Norte, 4,set. 2009. Disponível em: <http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/90/88>. Acesso em: 30 Mai. 2011.

_____. Construindo a Cidade Moderna: a Introdução dos Esportes na Vida Urbana do Rio de Janeiro. In: *Estudos Históricos*. Vol. 13, n. 23, 1999.

_____. O futebol da canela preta: o negro e a modernidade em Porto Alegre. In: *Anos 90*. Porto Alegre, n. 11, 1999.

_____. Futebol e Modernidade no Brasil: A geografia histórica de uma inovação. In: *Lecturas: Educación Física y Deportes* [online]. Mayo 1998, Año 3, n. 10. Disponível em Internet: <http://www.efdeportes.com/efd10/geoe.htm>.

JESUS, Gilson Souza de. *Ao som dos Atabaques: Costumes negros e as leis republicanas em Salvador (1890-1939)*. Dissertação (Mestrado em História Regional e Local) Uneb: Santo Antonio de Jesus, 2010.

JONES, Gareth Stedman. Expresion de clase o control social? Critica de las ultimas tendencias de la historia social del "ocio". In: *Lenguajes de clase. Estudios sobre la historia de la clase obrera inglesa (1832-1982)*. Madrid: Siglo Veintiuno, 1989.

JUNIOR, René Duarte Gonçalves. *Freidenreich e a reinvenção de São Paulo futebol e a vitória na fundação da metrópole*. Dissertação (Mestrado em História) FFLCH, USP, 2008.

LANNA, Ana Lúcia Duarte. *Uma cidade na transição, Santos: 1870-1913*. São Paulo: HUCITEC; Santos: Prefeitura Municipal de Santos, 1996.

LEAL, Geraldo. da Costa. *Perfis urbanos da Bahia: os bondes, a demolição da Sé, o futebol e os gallegos*. Salvador: Gráfica Santa Helena, 2002.

LEANDRO, Paulo Roberto. *O jornalista e o cartola: O jornalismo esportivo impresso na Bahia e sua resistência ao campo da política*. Salvador, 2003. Dissertação (Mestrado em Comunicação) UFBA, 2003.

LEITE LOPES, José Sérgio. Classe, etnicidade e cor na formação do futebol brasileiro. In: BATALHA, Cláudio H. M.; SILVA, Fernando Teixeira & FORTES, Alexandre. *Culturas de Classe: identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas: UNICAMP, 2004.

LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento. *A Rainha Destronada: discursos das elites sobre as grandezas e os infortúnios da Bahia nas primeiras décadas republicanas*. São Paulo, 2005. Tese (Doutorado em História) - PUC-SP, 2005.

_____. *E a Bahia Civiliza-se...: ideais de civilização e cenas de anti-civilidade em um contexto de modernização urbana: Salvador, 1912-1916*. Salvador, 1996. Dissertação (Mestrado em História) — FFCH, UFBA, 1996.

LINK, Luther. *O Diabo: a máscara sem rosto*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LOVE, Joseph. A República Brasileira: federalismo e regionalismo (1889-1937). In MOTA, Carlos Guilherme. *Viagem Incompleta: a experiência brasileira (1500-2000): a grande transação*. São Paulo, Editora SENAC São Paulo, 2000.

LUCENA, Ricardo de Figueiredo. *O esporte na cidade: Aspectos do esforço civilizador brasileiro*. Campinas, 2000. Tese (Doutorado em Educação Física) Unicamp, 2000.

LUZ, Adriana de Carvalho. *Mulheres e doutores. Discurso sobre o corpo feminino. Salvador, 1890 a 1930*. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal da Bahia, 1996.

MAIA, Aroldo. *Almanaque Esportivo da Bahia Helenicus*, 1944.

MALUF, Mariana & MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: SEVCENKO, Nicolau. (org.). *História da vida privada no Brasil – República: da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. vol 3.

MARQUES, Vera Beltrão. *A medicalização da raça: médicos, educadores e discurso eugênico*. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.

MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista. Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República, São Paulo (1890 – 1922)*. São Paulo: Edusp, 2001.

_____ e DE LUCA, Tânia Regina. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Contexto, 2008.

MATTOS, Hebe. “Black Troops” and hierarchies of color in the Portuguese Atlantic world: the case of Henrique Dias and his Black Regiment”. In: *Luso-Brazilian Rev.* June 2008.

MATTOS, Wilson Roberto de. *Negros contra a ordem: resistências e práticas negras de territorialização no espaço da exclusão social – Salvador/BA (1850 – 1888)*. Tese (Doutorado em História), PUC, 2000.

MATTOSO, Kátia. A riqueza dos baianos no século XIX. In: _____: *Da Revolução dos Alfaiates à riqueza dos baianos no século XIX: itinerário de uma historiadora*. Salvador: Corrupio, 2004.

_____. *Bahia, século XIX: uma província do Império*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1992.

_____. *Bahia, a cidade do Salvador e seu mercado no século XIX*. São Paulo: HUCITEC; Salvador: Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 1978.

MAZZONI, Thomaz. *História do futebol brasileiro*. São Paulo: Olympicus, 1950.

_____. *Almanach Esportivo 1939*. S/e. São Paulo, 1939.

MEIHY, José Carlos & WITTER, José Sebastião. (Orgs) *Futebol e cultura – coletânea de estudos*. São Paulo: Imesp/Daesp, 1982.

MELLO E SOUZA, Gilda de. *O Espírito das Roupas: a moda no século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

MELLO, José Antonio Gonsalves de. *Henrique Dias: governador dos crioulos, negros e mulatos do Brasil*. Recife: Fundaj, Ed. Massangana, 1988.

MELO, Victor Andrade de. (org.) *Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

_____. Apontamentos para uma história comparada do esporte: um modelo heurístico. In: *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*. São Paulo: v. 24. n, p. 107 – 120, 2010;

_____. *Esporte e lazer: conceitos*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

_____. Esporte propaganda e publicidade no Rio de Janeiro da transição dos séculos XIX e XX. In: *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, vol. 29, n. 3, p. 25 – 40, 2008.

_____. Das touradas Às corridas de cavalo e regatas: primeiros momentos da configuração do campo esportivo no Brasil. In: _____ & DEL PRIORE, Mary. (org.) *História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais*. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

_____. Andrade. Mulheres em movimento: a presença feminina nos primórdios do esporte na cidade do Rio de Janeiro (até 1910). In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, n. 54, vol. 27, 2007.

_____. *Cidade "Sportiva"*. Rio de Janeiro: Relume Dumará/Faperj, 2001.

_____. Lazer e camadas populares: reflexões a partir da obra de Edward Palmer Thompson. *Movimento*, Porto Alegre, ano VII, n.14, p.9-19, 2001/1.

MILLS, John Robert. *Charles Miller – O Pai do futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Panda Books, 2005.

MORAES, Cláudia Emília Aguiar. *Esporte proletário: uma leitura da imprensa operária brasileira*. Florianópolis: PPGEd, 2007.

MORAES, Hugo da Silva. *Jogadas insólitas: amadorismo e o processo de profissionalização do futebol carioca (1922 – 1924)*. Dissertação (Mestrado em História) Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2009.

MOTTA, Marly Silva da. *A nação faz 100 anos: questão nacional no centenário da Independência*. Rio de Janeiro, Ed. da Fund. Getúlio Vargas-CPDOC, 1992.

MOURA, Rodrigo Caldeira Bagni. *O amadorismo, o profissionalismo, os sururus e outras tramas: o futebol em Belo Horizonte nas décadas de 1920 e 1930*. Dissertação (Mestrado em Lazer), Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.

MURRAY, Bill. *Uma História do Futebol*. São Paulo: Hedra, 2000.

NAPOLEÃO, Antônio Carlos. História das Ligas e Federações do Rio de Janeiro (1905-1941). In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira, SANTOS, Ricardo Pinto (Orgs.). *Memória*

Social dos Esportes. Futebol e Política: A Construção de uma Identidade Nacional. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 2006.

NASCIMENTO, Ana Amélia Vieira. *Dez freguesias da cidade do Salvador.* Salvador: Edufba, 2007.

NEDELL, J. *Belle Époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século.* Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1993.

NEGREIROS, Plínio José Labriola de Campos. *Resistência e Rendição: A gênese do Sport Club Corinthians Paulista e o Futebol Oficial em São Paulo, 1910-1916.* Dissertação (Mestrado em História) PUC: São Paulo, 1992.

NEVES, Margarida de Souza. Os cenários da República. O Brasil na virada do século XIX para o século XX. In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucília de Almeida Neves (org.). *O Brasil Republicano, Vol. 1: o tempo do liberalismo excludente: da Proclamação a República à Revolução de 1930.* Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

OLIVEIRA, Josivaldo Pires de. *No tempo dos valentes: os capoeiras na cidade da Bahia.* Salvador: Quarteto, 2005.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A questão nacional na Primeira República.* São Paulo, Brasiliense, 1990.

OLIVEIRA, Neivalda Freitas de. *Rua Chile: caminho de sociabilidades, lugar de desejos, expressão de conflitos: 1900-1940.* Tese (Doutorado em História) – PUC-SP, 2008.

OLIVEN, Ruben George. O nacional e o regional na construção da identidade brasileira. *Revista Brasileira de Ciência Sociais*, v. 1, n. 2, p. 68-74, out. 1986.

PAIXÃO, Marcelo e GOMES, Flávio. Razões Afirmativas: pós-emancipação, pensamento social e a construção das assimetrias raciais no Brasil. In: MANDARINO, Ana Cristina de Souza e GOMBERG, Estélio.(orgs.) *Racismos: olhares plurais.* Salvador: Edufba, 2010.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. Literatura em movimento: Coelho Netto e o público das ruas. In: _____; CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Sousa Neves (orgs.). *História em cousas miúdas: capítulos de História Social da crônica no Brasil.* Campinas: Editora da Unicamp, 2005.

_____. E o Rio dançou. Identidades e tensões nos clubes recreativos cariocas (1912 – 1922). In: CUNHA, Maria Clementina Pereira (Org.). *Carnavais e outras f(r)estas: ensaios história social da cultura.* Campinas: Ed da UNICAMP, 2002.

_____. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

_____. O jogo dos sentidos: Os literatos e a popularização do futebol no Rio de Janeiro. In: _____ & CHALHOUB, Sidney. (orgs.). *A história contada - Capítulos de história social da literatura no Brasil.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

_____. Pelos campos da nação: um *goal-keeper* nos primeiros anos do futebol brasileiro. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 10, n. 19, 1996.

PERROT, Michelle. *Mulheres Públicas*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. In *Revista Brasileira de História*, Vol. 27, n. 53, 2007.

_____. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro. Vol. 8, n. 16, 1995.

PINHEIRO, Eloísa Petti. *Intervenções públicas na freguesia da Sé em Salvador de 1850 a 1920: um estudo de modernização urbana*. Dissertação de Mestrado, Salvador, Mestrado em Arquitetura e Urbanismo/UFBA, 1993.

PINTO, Rodrigo Márcio Souza. *Do passeio público à ferrovia: O futebol proletário em fortaleza (1904 – 1945)*. Fortaleza, 2007. Dissertação (Mestrado em História) UFC, 2007.

PIRES, Aloildo Gomes. *Popó, o craque do povo. A trajetória de Apolinário Santana*. Salvador: [s.n.], 1999.

POTER, Roy. Os ingleses e o lazer. In: CORBIN, Alain. (org.). *História dos Tempos Livres*. Lisboa: Teorema, 2001.

PROTAZIO, Fernando. *Um menino de 84 anos – Revista Comemorativa aos 84 anos de fundação do Esporte Clube Vitória*. Salvador, 1983.

RAMOS, Roberto. *Futebol. Ideologia do poder*. Rio de Janeiro: Vozes, 1984.

REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo, Cia das Letras, 1991.

_____. O levante dos malês: uma interpretação política. In: _____ e SILVA, Eduardo. *Negociação e conflito: a resistência negra no Brasil escravista*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

REIS, Meire Lucia Alves dos. *A cor da notícia: discursos sobre o negro na imprensa baiana (1888-1937)*. Salvador, 2000. Dissertação (Mestrado em História) — FFCH, UFBA, 2000.

RIBEIRO, Luiz Carlos, MOSKO, José Carlos, MOLETTA JR. Celso. O semi-profissionalismo no futebol de Curitiba, o caso do Coritiba Foot-ball Club. In: *1º Encontro da Alesde – Esporte na América Latina: atualidade e perspectivas* – UFPR, Paraná, 2008.

RIBEIRO. Raphael Rajão. *A bola em meio a rua alinhadas e a uma poeira infernal: os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921)*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Minas Gerais, 2007.

RODRIGUES FILHO, Mario *O Negro no Futebol Brasileiro*, Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1947.

RODRIGUES, Andréa da Rocha. *A infância esquecida: Salvador 1900 – 1940*. Salvador: EDUFBA, 2003.

RODRIGUES, Marilita Aparecida Arantes. *Constituição e enraizamento do esporte na cidade: uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894 – 1920)*. Teste (Doutorado em História). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2006.

RUSSELL, D. *Football and the English: A social history of association football in England, 1863-1995*. London: Carnegie Publishing Ltd, 1997.

SAES, Alexandre Macchione. Modernização e concentração do transporte urbano em Salvador (1849 – 1930). In: *Revista Brasileira de História*, Vol. 27 Nº 54, 2007.

SALLES, José Geraldo do Carmo. A tensão inicial do processo de profissionalização. In: *Coletânea do XI Congresso Nacional de História do Esporte, Educação Física, Lazer e Dança*. Viçosa-MG, maio de 2009.

_____. *Entre a paixão e o interesse – O amadorismo e o profissionalismo no futebol brasileiro*. Tese (Doutorado em Educação Física). Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2004.

SAMPAIO, Consuelo Novais. *50 anos de Urbanização: Salvador da Bahia no Século XIX*. Rio de Janeiro: Versal, 2005.

SAMPAIO, José Luís Pomponet. *Evolução de Uma Empresa no Contexto da Industrialização Brasileira: a Companhia Empório Industrial do Norte – 1891/1973*. Dissertação (Mestrado de Ciências Sociais) – Universidade Federal da Bahia, 1975.

SANDES, Noé Freire. *A invenção da nação: entre a monarquia e a república*. Goiânia, UFG, 2000.

SANT'ANA, Thais Rezende da Silva. *A exposição Internacional do Centenário da Independência: Modernidade e Política no Rio de Janeiro do início dos anos 1920*. Dissertação (Mestrado em História), Campinas: IFCH, Unicamp, 2008.

SANTANA, Lígia Conceição. *Itinerários negros, negros itinerantes: trabalho, lazer e sociabilidade em Salvador, 1870 – 1887*. Dissertação (Mestrado em História) FFCH, Universidade Federal da Bahia, 2008.

SANTOS, Edgar Souza: *Elegância e saúde: as representações da prática de fumar na propaganda -1910 – 1940*. Dissertação (Mestrado História) PUC São Paulo, 2000.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. “Jogos Olympicos do Rio de Janeiro” no Centenário de 1922: olhares sobre a política de um projeto de unificação e celebração da nação através do esporte. In: *ANPUH. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*. São Paulo: USP, 2011.

_____. *Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e a inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915 – 1934)*. Tese (Doutorado em História) FFLCH, USP, 2010.

SANTOS, Joel Rufino dos. *História política do futebol brasileiro*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

SANTOS, José Wellington Aragão. *Formação da grande imprensa na Bahia*. Salvador, 1985. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) — FFCH, UFBA, 1985.

SANTOS, Marilécia Oliveira. *Construção e desdobramentos das memórias das ações de Luiz Tarquínio*. In: IV Encontro Estadual de História. Vitória da Conquista: Anpuh- BA, 2008.

_____. *Empório da utopia – o projeto industrial de Luiz Tarquínio*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2000.

SANTOS, Mario Augusto da Silva. Crescimento urbano e habitação em Salvador (1890 – 1940). In: *Revista de Urbanismo e Arquitetura*. Salvador, v. 3, nº 4/5, 1990.

SARMENTO, Carlos Eduardo. *A regra do jogo: uma história institucional da CBF*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

SCHPUN, Mônica Raisa. *Beleza em jogo: cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20*. S. Paulo: SENAC, 1997.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870 – 1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. Futebol, metrópole e desatinos. In: *Revista USP*, n.22, jun/agos. 1994.

_____. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo: sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SILVA, Daniela Alves da. *Cultura operária: um estudo de caso do Villa Nova Atlético Clube*. Dissertação (Mestrado em História) FFCH, Universidade Federal de Minas Gerais, 2007.

SILVA, Elizete da. *Cidadãos de outra pátria: anglicanos e batistas na Bahia*. Tese (Doutorado em História). São Paulo. FFLCH-USP. 1998.

SILVA, Ribamar Nogueira da. A História Social da Cultura e a História Cultural do Social: aproximações e possibilidades na pesquisa histórica em educação. In: *Cadernos de História da Educação*, vol. 9, nº 2. Uberlândia, 2010.

SKIDMORE, T. *Preto no branco. Raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

SOARES, Antônio Jorge. *Futebol, raça e nacionalidade no Brasil – releitura da história oficial*. Rio de Janeiro: Tese de (Doutorado em Educação Física) Universidade Gama Filho, 1998.

SOARES, Cecília Conceição Moreira. *A mulher negra na Bahia no século XIX*. Dissertação (Mestrado em História) — FFCH, UFBA, 1994.

SODRÉ, Muniz. *O terreiro e a cidade: a formação social negro brasileira*. Rio de Janeiro: Vozes, 1988.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SUSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de letras. literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

TAVARES, Luís Henrique Dias. *O problema da involução industrial da Bahia*. Salvador, UFBA, 1966.

TENORIO, Mauricio. Um Cuauhtémoc carioca: comemorando o Centenário da Independência do Brasil e a raça cósmica. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 7 n. 14, 1994.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo. In: _____ *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TRINDADE, Etelvina. Cidade moderna e espaços femininos. In: *Projeto História*. São Paulo, n. 13, 1996.

UZEDA, Jorge Almeida. *A morte vigiada: a cidade do Salvador e a prática da medicina urbana, 1890-1930*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), FFCH, UFBA, 1992.

VAMPLEW, Wray. *Pay up and play the game: professional sport in Britain, 1875 – 1914*. London: Paperback, 2004.

VELLOSO, Mônica Pimenta. *A cultura das ruas no Rio de Janeiro, (1900 – 1930): mediações, linguagens e espaços*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2004.

_____. *Tradições populares na belle époque carioca*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1989.

VIGARELLO, Georges, HOLT, Richard. Ginastas e esportistas no século XIX. In: CORBIN, Alain (org.). *História do Corpo, volume 2*. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

_____. O tempo do desporto. In: CORBIN, Alain. (org.). *História dos Tempos Livres*. Lisboa: Teorema, 2001.

WEBER, Eugene. *França fin-de-siècle*. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.

WISNIK, José Miguel. *Veneno remédio. O futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

